

EDITORES **Edward Tonelli** E **José Guerra Lages**

HISTÓRIA DA **Pediatria** EM MINAS GERAIS



HISTÓRIA DA
Pediatria
EM MINAS GERAIS

EDITORES **Edward Tonelli** E **José Guerra Lages**

HISTÓRIA DA
Pediatria
EM MINAS GERAIS

Belo Horizonte, MG, Brasil

2017

Editores: Edward Tonelli (edtonelli01@gmail.com) José Guerra Lages (jglages@gmail.com)

Organização: Vilma Fazito

Revisão: Simone de Almeida Gomes e Vera Lúcia de Simoni

Edição gráfica: Cláudia Barcellos

Capa: Hospital de Creanças Elvira Nogueira Gomes (1949) e Hospital São Vicente de Paulo (1931)

História da Pediatria em Minas Gerais – 1ª edição – 1.500 exemplares - Belo Horizonte, MG

Copyright ©2017 Direitos cedidos à Sociedade Mineira de Pediatria.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor em 2009.

Editora: Água Branca / Fazito Comunicação

www.fazitocomunicacao.com.br – Telefone: (31)3463-4381

Todos os direitos desta edição reservados aos editores, autores e colaboradores. Proibida a reprodução total ou parcial, com os infratores processados na forma da lei.

H673 História da Pediatria em Minas Gerais /
Edward Tonelli e José Guerra Lages (editores). – Belo
Horizonte: Água Branca, 2017.
426 p.

Vários colaboradores.
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-64287-06-8

1. História da pediatria. 2. Pediatras – Minas Gerais.
I. Tonelli, Edward. II. Lages, José Guerra. III. Título.

CDD 618.92098151

Bibliotecária responsável: Maria Aparecida Lima – CRB 06/3175

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-64287-06-8



9 788564 287068

**Água
Branca**
EDITORA

FAZITO
COMUNICAÇÃO

PREFÁCIO

Edward Tonelli

José Guerra Lages

A medicina infantil ou pediatria despontou na Suíça em 1722 graças à perspicácia do médico suíço Theodor Zwinger III (1658-1724), professor da Faculdade de Medicina de Basileia, cidade localizada na fronteira do país entre a Alemanha e a França. Contudo, o desenvolvimento da pediatria ocorreu, nas primeiras décadas do século XIX, inicialmente na França e, posteriormente, na Alemanha, Inglaterra e outros países da Europa. A seguir, surgiu nos Estados Unidos por volta de 1870 e, no Brasil, a partir de 1882. Em Minas Gerais, a primeira faculdade de medicina e os primeiros centros de formação de pediatras surgiram, sobretudo, nas primeiras décadas do século XX.

É com satisfação que concluímos a obra *História da Pediatria em Minas Gerais*, que teve início no princípio de 2008, quando apresentamos o projeto do livro aprovado em assembleia da Academia Mineira de Pediatria e amplamente apoiado pela Sociedade Mineira de Pediatria.

Convém ressaltar que tudo começou naquele ano, quando convidamos os colaboradores da obra. Durante o período de 2008 a 2015, já havíamos recebido os capítulos referentes à história da pediatria das primeiras faculdades, hospitais, serviços de pediatria e de centros de formação de pediatras da capital e das grandes cidades do estado, bem como de algumas cidades tidas como polos regionais. Estávamos prevendo o lançamento do livro para meados de 2015, mas houve dificuldades de patrocínio, quando não concordamos com a sugestão de sua edição via digital/eletrônica. Continuamos trabalhando na expansão do livro e no aprimoramento da obra, que já se constituía em expressivo manancial com preciosas informações.

O lançamento da *História da Pediatria em Minas Gerais*, em 17 de novembro do ano de 2017, na data comemorativa dos 70 anos da Sociedade Mineira de Pediatria, é motivo de orgulho para todos nós e tem como objetivo informar aos pediatras mineiros como ocorreu o processo de evolução histórica da pediatria em nosso estado.

Somos muito gratos aos autores colaboradores, que aquiesceram aos nossos convites, permitindo a conclusão de uma obra de alto significado para a pediatria mineira. Como se trata de um livro de natureza histórica e como os capítulos nos foram encaminhados, sobretudo a partir de 2008, tivemos o cuidado de constar o ano de recebimento dos mesmos. Convém mencionar que vários colaboradores convidados não puderam participar desta edição, porque não conseguiram levantar os dados históricos sobre a evolução da pediatria de suas cidades.

Nossos agradecimentos à Academia Mineira de Pediatria e à Sociedade Mineira de Pediatria pelo apoio constante e pela confiança em nosso trabalho. Agradecemos, também, à empresa Fazito Comunicação pela dedicação, profissionalismo e pela bela edição.

Desejamos a todos uma boa leitura.

SOCIEDADE MINEIRA DE PEDIATRIA, 70 ANOS

*Maria do Carmo Barros de Melo**

Ler a *História da Pediatria em Minas Gerais* será um privilégio, sobretudo para os que de perto viveram a trajetória de nossa especialidade ao longo dos anos. Aos jovens, certamente, será um desafio conhecer o início da pediatria, suas dificuldades e, em especial, a coragem indômita de médicos desbravadores de nossos sertões na busca da cura de crianças em famílias desamparadas. Esta obra possibilita a todos os pediatras conhecer a nossa especialidade desde os seus primórdios, passando pelo desenvolvimento da sua produção científica e humanística, pela revolução da produção das vacinas, pela luta contra as endemias e pelo elevado estágio da pediatria hoje, não somente do ponto de vista científico, como da valorização do pediatra.

Portanto, ler esta obra é se inteirar do nosso passado, buscar a melhoria do presente e colaborar para o crescimento do futuro.

Para falar da SMP, precisamos voltar 70 anos no passado. Era a noite de 27 de novembro de 1947, em uma sala no prédio da reitoria da então Universidade de Minas Gerais, atual Universidade Federal de Minas Gerais. Médicos e catedráticos se reuniram ali para selar o nascimento da mais importante entidade pediátrica de Minas Gerais: a SMP.

A fundação de nossa instituição se deu com três importantes objetivos: a busca pelo aperfeiçoamento contínuo da assistência à criança e ao adolescente, o apoio aos profissionais e instituições que cuidam da proteção e do bem-estar de seus pacientes e a conscientização da sociedade.

A posse da primeira diretoria da SMP ocorreu em 28 de fevereiro de 1948, no auditório do Instituto de Educação. No mesmo ano, a entidade agregou-se à Associação Médica de Minas Gerais, representada pelo médico Paulo Roxo da Motta. Os primeiros diplomas de sócios da SMP foram entregues em outubro de 1949.

A primeira diretoria era formada pelos médicos Abrahão Salomão, Agostinho de Carvalho Fernandes, Alcindo Armando Henriques, Antônio

Malheiros Fiúza, Armando Achilles Tenuta, Augusto Severo da Costa, Benjamim Nicolau, Berardo Nunan, Célio Marques Scotti, Delorme de Carvalho, Elpídio Marinho de Almeida, Fausto Gomes Baptista, Fernando Magalhães Gomes, João Afonso Moreira, João de Freitas Filho, Maria Helena Jardim e Paulo Roxo da Motta.

Em 11 de outubro de 1950, a SMP passou a funcionar na sede da Associação Médica de Minas Gerais (AMMG), onde permanece até hoje. Dois anos depois, a entidade filiou-se à Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) e, em 1956, o ex-presidente da SMP, Berardo Nunan, assumiu a presidência da SBP, como tantos outros mineiros ilustres antes e posteriormente a ele, destacando-se os pediatras Martinho da Rocha, Navantino Alves Filho e Lincoln Marcelo da Silveira Freire.

Em fevereiro de 1971, foi realizado o primeiro concurso para a concessão de Título de Especialista em Pediatria (TEP). No mesmo ano, depois de 19 anos, Minas Gerais voltou a sediar o Congresso Brasileiro de Pediatria.

A partir daquela época, a SMP conquistou mais espaço, ampliando a atuação para além da capital mineira. Em 1985, foram aprovados os estatutos da SMP com vários itens e destaques para a oficialização, atualização e criação de algumas diretorias, além da sugestão da criação das regionais no interior. A primeira regional da SMP foi instalada em dezembro de 1985, denominada “Regional do Vale do Mucuri”, em Teófilo Otoni. As demais foram criadas nos anos seguintes. Com o passar do tempo foram gerados os comitês científicos das diversas subespecialidades da pediatria. Tudo isso vem intensificando o nosso trabalho e promovendo resultados positivos para toda a população.

Nas décadas seguintes e até os dias de hoje, a SMP continua exercendo um importante trabalho, tendo como norte três pilares: a atualização médica; a representação e a valorização do profissional; e a promoção de atividades sociais. Desde os anos 1960 já existia uma mobilização de pediatras mineiros, objetivando a sua valorização profissional com campanhas contra a baixa remuneração. Essa mobilização se intensificou nos anos 1980 a 2017, quando diversos movimentos de médicos passaram a reivindicar seus direitos, destacando-se aqui a luta frente às Operadoras de Saúde Suplementar por melhores pagamentos e a inclusão de diversos procedimentos médicos

pediátricos na Classificação Brasileira Hierarquizada de Procedimentos Médicos (CBHPM). As conquistas, até o final de 2012, na área de valorização do pediatra foram tímidas e diferenciadas, mas o diálogo com as Operadoras de Planos de Saúde foi e continua sendo prioridade da Sociedade Mineira de Pediatria. Não podemos deixar de citar a importância da Academia Mineira de Pediatria, que, idealizada e criada há doze anos, veio fortalecer as ações da SMP com a rica experiência dos acadêmicos.

Hoje, 70 anos após a sua fundação, a Sociedade Mineira de Pediatria se tornou uma importante entidade não apenas para os médicos, mas também para a sociedade. Eventos, palestras, simpósios e campanhas são realizados anualmente, sempre com um mesmo propósito: lutar em nome dos associados e do desenvolvimento físico, mental e social das crianças, dos adolescentes e também de suas famílias. Se a pediatria mineira tem crescido nos últimos anos, a SMP teve um papel fundamental, sendo hoje uma das mais respeitadas instituições do estado, com um trabalho de grande valor para a história médica brasileira. E sabemos que ainda temos muito para ser feito.

O resgate desta história não aconteceria se não fossem os editores Edward Tonelli e José Guerra Lages, aquele por se responsabilizar pela edição do conteúdo e este porque, além de cuidar também da edição, viabilizou financeiramente uma obra que preserva nossa trajetória. Motivo de agradável leitura e pesquisa fundamental sobre as raízes da pediatria mineira, este livro é resultado da dedicação e trabalho árduo destes dois acadêmicos. A eles o agradecimento sincero da Sociedade Mineira de Pediatria e dos pediatras mineiros.

* Presidente da Sociedade Mineira de Pediatria.

ACADEMIA MINEIRA DE PEDIATRIA, 12 ANOS DE PARCERIA COM A SMP

*Paulo César Pinho Ribeiro**

Pessoas iluminadas fazem a diferença! O professor Ennio Leão, em dezembro de 2004, quando tomava posse como presidente de honra da Sociedade Mineira de Pediatria, na gestão de José Orleans da Costa, idealizou e sugeriu a criação de uma entidade que, além de homenagear pediatras de referência na história da pediatria mineira, servisse de apoio à Sociedade Mineira de Pediatria. A ideia se fez luz! Durante o processo de organização, decidiu-se que haveria 20 cadeiras de titulares e que os membros fundadores participariam da academia.

A luz clareou e intensificou! A Academia Mineira de Pediatria foi fundada em 1º de agosto de 2005. A primeira gestão, de 2005 a 2007, era composta pelos saudosos pediatras Lincoln Marcelo da Silveira Freire na presidência e Cícero Plínio Bittencourt, como secretário. A segunda e terceira gestões, referentes aos triênios 2007/2009 e 2010/2012, tiveram como presidente Fausto Pacheco, como vice-presidente Sérgio Danilo Junho Pena e como secretário Navantino Alves Filho. José Sabino de Oliveira foi escolhido presidente para a gestão 2013/2015. Trabalhou com Navantino Alves Filho, como vice, e Francisco José Caldeira Reis, como secretário. Atualmente, ocupo a presidência da Academia Mineira de Pediatria, contando com os colegas José Maria Penido Silva (vice-presidente) e Navantino Alves Filho (secretário). Esta gestão permanece até o ano de 2018.

Entidade sem fins lucrativos, formada por pediatras do estado que, por muitos anos, contribuíram para a especialidade e com reconhecidos serviços à comunidade acadêmica e à sociedade, a AMP procura promover a pediatria, não se preocupando apenas com doenças e sua prevenção, mas também com os problemas sociais, comportamentais e familiares da criança e do adolescente.

A continuidade da luz? Assembleias com palestras de cunhos científico e cultural, realizações de fóruns, com temas da atualidade, abertos às comunidades, lançamentos de livros e outras obras, extensão de ações além das

fronteiras estaduais são algumas das ações de nossa instituição, que são fatores preponderantes para a continuidade dessa luz. Além disso, promovemos nossas presenças em eventos e em temas importantes na política estadual de atenção integral às crianças e aos adolescentes, e de confraternizações após as reuniões ordinárias e extraordinárias da academia, onde se tem a oportunidade de conhecer e estreitar relações com expoentes da pediatria e com amigos formados pelos anos de convívio.

Importante destacar o lançamento do livro *Patronos da Academia Mineira de Pediatria*, perfis biográficos, em setembro de 2007, editado pelos doutores Edward Tonelli e Lincoln Freire. Registramos também a história dos atuais acadêmicos, por meio da organização do documentário da Academia Mineira de Pediatria, lançado na solenidade de comemoração dos 70 anos da SMP, na ocasião do brilho máximo, época em que se comemoram, também, os 12 anos da AMP. Quantas lembranças recordadas, quantos trabalhos científicos organizados, quantas publicações científicas consolidadas! E ainda, quantos sonhos a serem realizados e quantas metas a serem alcançadas!

E a luz continua a brilhar! Conhecer a história da pediatria mineira e dos grandiosos colegas que dedicaram suas vidas às crianças e adolescentes desse nosso estado, através dos editores Edward Tonelli e José Guerra Lages, é um privilégio que o leitor terá ao ler este livro. Fomos testemunhas do incessante trabalho detalhado de pesquisas desses acadêmicos, retratando também a trajetória das duas entidades pediátricas de nosso estado, SMP e AMP. Parabéns ao Dr. Edward Tonelli, que durante dez anos resgatou grande parte desta história; ao Dr. José Guerra Lages, que, além de pesquisar informações e também editar, foi o responsável pela viabilização financeira desta obra. Parabênizo os colegas pelo lançamento deste livro com lembranças especiais, pessoas diletas e momentos prediletos registrados na *História da Pediatria em Minas Gerais*.

* Presidente da Academia Mineira de Pediatria.

VIABILIZAÇÃO DA EDIÇÃO DO LIVRO *HISTÓRIA DA PEDIATRIA EM MINAS GERAIS*

José Guerra Lages

Influenciado pela convivência com pacientes adultos no Hospital Raul Soares, onde residia desde o início do segundo ano do curso médico, eu desejava especializar-me em clínica médica. Orientado por amigos, procurei o professor João Galizzi, catedrático de clínica propedêutica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que me admitiu como estagiário residente no Hospital da Cruz Vermelha, quando estava no quarto ano. Foi um período áureo de meu aprendizado, sobretudo pela minha convivência todos os dias com os professores João Galizzi, João Afonso Moreira Filho, Arnaldo Elian, Waldemar Gatti e os jovens professores doutores Cid Veloso, Sérgio Assumpção Bicalho e João Amílcar Salgado.

Valendo-me da experiência administrativa vivenciada como comerciante e bancário, todos os meus prontuários eram datilografados e fichados à parte. Após quase 18 meses de atividades, fiz um levantamento de todos os pacientes que eu havia acompanhado, relacionando as idades, patologias e prognóstico, concluindo que a grande maioria era portadora de patologias graves, com poucas perspectivas de recuperação da saúde. O meu conceito era de que o médico precisava curar seus pacientes.

Diante desta dúvida procurei o professor Galizzi, expondo-lhe minha desilusão. Gostaria de trabalhar onde as perspectivas fossem mais promissoras e eu pudesse contribuir para melhorar a vida e o futuro das pessoas. O professor procurou dissuadir-me mostrando que a abrangência das ações do médico nem sempre tinham um resultado positivo para a recuperação da saúde do paciente, embora esse fosse o nosso papel fundamental. Mas, a pediatria talvez fosse um caminho onde eu pudesse me realizar mais profissionalmente.

Foi uma longa conversa, cujo resultado culminou, por interferência do professor Galizzi, com minha transferência para o serviço de pediatria no Hospital São Vicente, com anuência do professor Berardo Nunan. Foi um segundo período de excelente relacionamento e aprendizado, convivendo com este grande mestre e outros como Mário Afonso Moreira, Aquiles Tenuta e Elmo Peres dos Santos. Eu e os colegas Carlos Antônio Goulart Leite, José

Américo de Campos e Henrique Santillo morávamos em uma enfermaria, separada das crianças por biombos.

Tratava-se de uma nova realidade. As crianças, em sua quase totalidade, eram portadoras de patologias gastrointestinais, respiratórias e verminoses, agravadas pela desnutrição de segundo e terceiro graus, com recuperação plena da saúde, muitas vezes, apenas por uma alimentação adequada.

As instalações dos serviços de pediatria em Belo Horizonte eram muito precárias, e as crianças, internadas sem a companhia das mães, tinham seu estado de saúde agravado pelo sofrimento por se encontrarem doentes e sós.

Tivemos o privilégio de exercer a medicina em um período de grande transformação. Embora ainda haja muito o que fazer, saímos do quase nada para uma situação de avanços extraordinários. As instalações hospitalares tiveram melhoras consideráveis e a criança hoje é hospitalizada com sua mãe. Houve melhoras nos meios propedêuticos, nas terapêuticas e nos serviços de enfermagem. Graças ao estímulo e ações dos pioneiros, Minas viu florescer um grande número de pediatras ávidos pelo conhecimento científico, com excelente formação acadêmica aqui e no exterior. Todos eles dotados de elevado sentimento humanitário, dispostos a elevar a qualidade dos serviços assistenciais através da motivação, estímulo e transmissão dos conhecimentos.

O pediatra é um profissional que tem características peculiares, sobretudo pelo enorme conhecimento científico e pelo exercício humano da medicina. São abnegados, gregários, com grande preocupação social e com uma visão abrangente do exercício da especialidade. E foi com este sentimento que procurei o colega Edward Tonelli para dizer-lhe do meu desejo de viabilizar a execução do projeto de sua iniciativa, destinado a registrar o trabalho executado até aqui por um grande número de pediatras, enaltecendo o mérito dos professores e dos líderes. Esse importante projeto foi incorporado pela Academia Mineira de Medicina e apoiado pela Sociedade Mineira de Pediatria.

Muito foi feito e muito ainda está por fazer, mas nada aconteceu por acaso; em cada recanto há um líder idealista, congregando e multiplicando os conhecimentos e em busca da melhoria da saúde e de um futuro melhor para as crianças deste nosso grande estado.

Uma homenagem especial aos professores Berardo Nunan, Hugo Marques Gontijo, Ennio Leão e Lincoln Marcelo da Silveira Freire, colegas com os quais tive a oportunidade de conviver e usufruir de seus ensinamentos, aos quais cultivo eterna gratidão.

À classe pediátrica de Minas Gerais.

COLABORADORES

1. **Adauto Barros Amim** – Membro titular da Academia Mineira de Pediatria. Professor titular, doutor e livre docente de Pediatria da UFJF (aposentado) – Juiz de Fora
2. **Alexandre Rodrigues Ferreira** – Professor associado, doutor, vice-chefe do Departamento de Pediatria da FMUFMG – Belo Horizonte
3. **Aloísio da Silva** – Membro do Corpo Clínico do Hospital São Vicente. Pediatra da Secretaria Estadual e Municipal de Saúde de Conselheiro Lafaiete
4. **Aloysio Hamacek Horta** – Pediatria – João Monlevade
5. **Antônio Ferreira** – Professor de Pediatria da Imepac, Araguari. Residência Médica no Instituto de Pediatria e Puericultura da UFRJ
6. **Antônio Geraldo Beltrame** – Residência de Pediatria na Feamur. Pediatra – Itabira
7. **Carlos Alberto Braga** – Cirurgião pediátrico – Varginha
8. **Benigna Maria de Oliveira** – Professora associada, doutora e chefe do Departamento de Pediatria da FMUFMG – Belo Horizonte
9. **Carlos Antônio Goulart Leite** – Ex-coordenador da Residência de Pediatria do Hospital da Baleia. Pediatra/nefrologista – Belo Horizonte
10. **Carlos Eduardo Magalhães** – Supervisor do Centro de Formação de Residentes do Hospital Unimed – Betim
11. **Carlos Magno Guerra Lages** – Membro fundador e membro da diretoria do Hospital São Camilo. Fundador da Clínica Infantil O Pequeno Príncipe. Ex-sócio do Hospital Infantil São Domingos Sávio – Belo Horizonte
12. **Cláudio Araújo Faria** – Presidente da Sociedade Regional de Pediatria Vale do Rio Grande – Uberaba
13. **Clóvis Silva** – Residência de Pediatria no Hospital da Baleia – Belo Horizonte. Pediatra – Divinópolis
14. **Concêssio Batista da Costa** – Residência de Pediatria no Hospital da Baleia – Belo Horizonte. Pediatra – Formiga

15. **Christóvão de Castro Xavier** – Ex-coordenador do grupo fundador da Residência de Neuropediatria do CGP (Hospital João Paulo II) e da Residência de Neuropediatria do Hospital São Francisco de Assis – Belo Horizonte
16. **Cristiano Tulio Maciel Albuquerque** – Coordenador da Endocrinologia Pediátrica do CGP e do Hospital Infantil São Camilo. Diretor técnico/gerente assistencial do CGP – Hospital Infantil João Paulo II – Belo Horizonte
17. **Darlem Govas Pimenta Barreiro** – Pediatra do Hospital Monsenhor Horta e da Policlínica Drélis Salim Mansur – Mariana
18. **Denise Cristina Rodrigues** – Pediatra, mestre em ciência da nutrição. Preceptora do Departamento de Medicina e Enfermagem da Universidade Federal de Viçosa
19. **Diomar Tartaglia** – Neonatologista. Professora adjunta, aposentada, FMUFG – Belo Horizonte
20. **Edison José Corrêa** – Vice-diretor do Núcleo de Educação Coletiva (Nescon – medicina– UFG) e coordenador do Núcleo UNA-SUS. Supervisor de produção de cursos e publicações da FMUFG. Professor adjunto do Departamento de Pediatria da FMUFG (aposentado) – Belo Horizonte
21. **Eduardo de Magalhães** – Diretor clínico do Hospital Infantil Padre Anchieta – Belo Horizonte
22. **Edson Lopes Libânio** – Presidente da Regional Sul (Circuito das Águas) da Sociedade Mineira de Pediatria – Baependi
23. **Ely da Conceição Sousa** – Pediatra do Hospital Nossa Senhora de Lourdes – Nova Lima
24. **Ennio Leão** – Professor emérito da FMUFG. Membro emérito da Academia Brasileira de Pediatria. Membro honorário da Academia Mineira de Medicina. Idealizador e membro do grupo fundador da Academia Mineira de Pediatria – Belo Horizonte
25. **Euclides Garcia de Lima Filho** – Pediatra. Fundador da Clínica Sinhá Neves – São João del-Rei
26. **Euro de Andrade Lanza** – Residência de Pediatria no Hospital da Baleia – Belo Horizonte. Membro da diretoria da Prontoclínica Infantil – Sete Lagoas

27. **Fausto Gomes Baptista** – Membro titular da Academia Mineira de Pediatria. Membro do grupo fundador do Pronto Socorro Infantil Belo Horizonte. Fundador da Sociedade Mineira de Pediatria – Belo Horizonte
28. **Fausto Pacheco** – Ex-presidente e membro da Academia Mineira de Pediatria. Ex-coordenador da Clínica Pediátrica do Hospital Mater Dei – Belo Horizonte
29. **Fernando Dias Paes** – Membro titular da Academia Mineira de Medicina. Membro titular do Instituto Histórico de Medicina de Minas Gerais. Ex-presidente da Associação Médica de Minas Gerais – Belo Horizonte
30. **Flávio Lúcio Moreira Bicalho** – Pediatra – João Monlevade
31. **Francis Jardim Pfeilisticker** – Médica intensivista, professora do Curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas (Unipam)
32. **Francisco José Penna** – Professor emérito e ex-diretor da FMUFMG. Membro titular da Academia Mineira de Pediatria – Belo Horizonte
33. **Francisco José Caldeira Reis** – Membro titular da Academia Mineira de Pediatria. Professor adjunto do Departamento de Pediatria da FMUFMG (aposentado). Ex-chefe e ex-preceptor da Residência de Pediatria do Ipsemg – Belo Horizonte
34. **Geraldo Magela de Rezende** – Pediatra, membro fundador da Prontoclínica Infantil – Sete Lagoas
35. **Gilmar Ferraz de Oliveira** – Membro da diretoria do Hospital Infantil Padre Anchieta – Belo Horizonte
36. **Guy Freire Jannotti** – Membro do grupo fundador do Hospital Infantil São Tarcísio. Membro titular da Academia Mineira de Pediatria – Belo Horizonte
37. **Humberto Aguiar Andrade** – Pediatra. Hospital Casa de Caridade de Carangola
38. **Itagiba de Castro Filho** – Ex-presidente do CRMMG. Professor titular de Pediatra da Unimontes – Montes Claros
39. **Jazon de Lima Cruz** – Pediatra, ex-membro efetivo do corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia. Membro do Grupo Fundador da Unimed-Poços de Caldas. Aposentado da Secretaria Estadual de Saúde de MG – Poços de Caldas

40. **João Carlos da Cunha Melo** – Residência de Pediatria no Hospital das Clínicas da FMUFMG. Ex-vice-presidente da Regional do Vale do Mucuri (1ª Regional da SMP). Pediatra em Teófilo Otoni.
41. **Joaquim Antônio César Mota** – Professor associado, doutor, Departamento de Pediatria da FMUFMG – Belo Horizonte
42. **Joel Alves Lamounier** – Professor titular de Pediatria da UFSJD – São João del-Rei. Professor titular de Pediatria (aposentado) da FMUFMG – Belo Horizonte
43. **José Alves Viana** – Pediatra, Residência de Pediatria da Feamur. Criador do Pronto Atendimento Municipal de Curvelo. Deputado estadual
44. **José Carlos de Castro Barbosa** – Membro titular do Instituto Mineiro da História da Medicina e da Sociedade Brasileira de História da Medicina – Juiz de Fora
45. **José Carlos Loiola** – Residência de Pediatria do Hospital da Baleia, Belo Horizonte. Gerente das Unidades Básicas de Saúde da Prefeitura Municipal de Lavras
46. **José Francisco Dornela** – Membro da diretoria do Hospital Infantil Padre Anchieta – Belo Horizonte
47. **José Geraldo Leite Ribeiro** – Professor da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais – Belo Horizonte, e da Faculdade de Saúde e Ecologia Humana – Vespasiano
48. **José Sabino de Oliveira** – Ex-presidente e membro da Academia Mineira de Pediatria. Professor aposentado do Departamento de Pediatria da UFMG. Membro do grupo fundador do Hospital Vila da Serra e do Neocenter – Belo Horizonte
49. **José Sebastião Rezende Monti** – Professor titular de Pediatria da Faculdade de Medicina de Itajubá (aposentado) – Itajubá
50. **Juliana Rocha Cavalcanti Barros** – Pneumologista e alergologista infantil, mestre em pediatria pela FMUFMG. Professora do Centro Universitário de Patos de Minas (Unipam) – Patos de Minas
51. **Júlio Cesar Veloso** – Pediatra – Divinópolis
52. **Jurandir Fabel** – Coordenador da Clínica Pediátrica do Hospital Felício Rocho – Belo Horizonte
53. **Kleber de Vasconcelos Ordones** – Pediatra – Passos

54. **Luiz Antônio Neves** – Pediatra do Centro de Saúde. Ex-diretor, diretor técnico e provedor da Santa Casa de São João del-Rei
55. **Luiz Fernando Andrade de Carvalho** – Mestre em pediatria pela FMUFMG. Coordenador da Pediatria e UTIP do Hospital Mater Dei. Diretor do CGP-Hospital Infantil João Paulo II – Belo Horizonte
56. **Luiz Fernando Fonseca** – Fundador e ex-coordenador das Residências de Neuropediatria do Hospital Infantil João Paulo II (ex-CGP), Fhemig, e do Hospital São Francisco – Belo Horizonte
57. **Luiz Mauro Andrade da Fonseca** – Presidente do Centro de Memória Belisário Pena – Barbacena
58. **Marçal Paiva de Figueiredo** – Pediatra – Varginha
59. **Maria Aparecida Martins** – Professora associada, doutora do Departamento de Pediatria da FMUFMG. Belo Horizonte
60. **Mariana Nogueira Oliveira Campos** – Pediatra. Intensivista em Pediatria – Bom Despacho
61. **Marilene Silveira Duarte** – Pediatra-intensivista, preceptora da residência de pediatria – Governador Valadares
62. **Marcos Antônio de Araújo Serafini** – Pediatra, membro do corpo clínico do Hospital Arnaldo Gavaza – Ponte Nova
63. **Mário Lavorato da Rocha** – Coordenador da Clínica Pediátrica do Hospital São Francisco de Assis – Belo Horizonte
64. **Mauro Marzem de Moraes** – Pediatra. Hospital Siderúrgica de Coronel Fabriciano
65. **Melicégenes Ribeiro Ambrósio** – Pediatra, professor de medicina preventiva e ética médica e mestre em ciências da saúde da UFU (aposentado) – Uberlândia
66. **Múcio de Paula** – Pediatra neonatologista. Membro fundador da Academia Mineira de Pediatria, sócio-fundador e administrador da construção da Maternidade Otaviano Neves – Belo Horizonte
67. **Navantino Alves Filho** – Professor titular de pediatria da FCMMG. Membro do grupo fundador da Academia Mineira de Pediatria. Ex-presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria. Membro da Academia Brasileira de Pediatria – Belo Horizonte
68. **Orlando Antonio Pereira** – Professor de Pediatria da Unifenas – Alfenas
69. **Paulo Caixeta de Araujo** – Pediatra – Patrocínio

70. **Paulo Melgaço Valadares** – Membro do grupo fundador do Hospital Infantil Santa Terezinha. Professor assistente do Departamento de Pediatria da FMUFMG. Membro do Corpo Clínico do Hospital João Paulo II (CGP) – Belo Horizonte
71. **Paulo Sérgio Vieira de Araujo** – Pediatra – Varginha
72. **Raimundo Poincaré Deusdará** – Primeiro pediatra de Montes Claros
73. **Raquel Ferreira Pimenta** – Residência em Pediatria no Hospital da Baleia. Pediatra – Curvelo
74. **Rita de Cássia Aguilar Menezes** – Major pediatra, coordenadora do Serviço de Pediatria e da Comissão de Residência Médica do Hospital Militar – Belo Horizonte
75. **Roberto Assis Ferreira** – Professor emérito do Departamento de Pediatria da FMUFMG. Membro titular da Academia Mineira de Pediatria – Belo Horizonte
76. **Romualdo Gonçalves Ulhôa** – Sócio-fundador do Centro Hospitalar do Hospital São Lucas e do Tomocenter Ltda – Paracatu
77. **Ronald Amaury Braga** – Pediatra – Varginha
78. **Sebastião Rodrigues Furtado** – Pediatra, membro do Corpo Clínico da Casa de Caridade Leopoldinense – Leopoldina
79. **Tânia Elisabeth Dias de Castro** – Membro da diretoria do Hospital Infantil Padre Anchieta – Belo Horizonte
80. **Stanley Batista de Oliveira** – Clínico, cardiologista – João Monlevade
81. **Vera Lúcia Venâncio Gaspar** – Membro titular da Academia Mineira de Pediatria. Preceptora da Residência de Pediatria do Hospital Márcio Cunha e professora de pediatria da Faculdade de Medicina do Vale do Aço – Ipatinga
82. **Wagner Neder Issa** – Membro do grupo fundador do Neocenter e do Hospital Vila da Serra – Belo Horizonte
83. **Watson Holmes de Lima** – Residência de Pediatria no Hospital da Baleia e membro do grupo fundador da Prontoclínica Infantil – Sete Lagoas
84. **William Nagem** – Pediatra, diretor do Hospital Dalca Azevedo – Belo Horizonte
85. **Zélia Maria Alcântara Batista** – Pediatra, intensivista – Timóteo

SUMÁRIO

SEÇÃO A

Introdução à História da Pediatria em Minas Gerais

1. Primórdios da pediatria na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil
– Séculos XVIII e XIX 33
Edward Tonelli
2. Contribuição à história da pediatria em Minas Gerais (1894-1976)
– Primeiras décadas, centros de formação, de treinamento, residência
médica, hospitais e serviços de pediatria 40
Edward Tonelli

SEÇÃO B

Grandes Centros de Formação Pediátrica em Minas Gerais

Belo Horizonte

3. História do Departamento de Pediatria da Faculdade de
Medicina da UFMG 59
*Edison José Corrêa, Emílio Leão, Edward Tonelli, Maria Aparecida
Martins, Benigna Maria de Oliveira, Francisco José Penna, Joaquim
Antônio César Mota, Joel Alves Lamounier, Roberto Assis Ferreira,
Alexandre Rodrigues Ferreira*
4. História do Hospital de Crianças Elvira Gomes Nogueira
(Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte) 80
Navantino Alves Filho

Juiz de Fora

5. Contribuição à história da pediatria em Juiz de Fora (1894-1960) 93
José Carlos de Castro Barbosa, Aداuto Barros Amim

Uberaba

6. História da pediatria em Uberaba 106
Cláudio Araújo Faria

Uberlândia

7. História da pediatria em Uberlândia 110
Melicégenes Ribeiro Ambrósio

SEÇÃO C

História dos Hospitais, Clínicas, Serviços e outras Residências de Pediatria de Belo Horizonte

8. Hospital São Francisco de Assis 125
Mário Lavorato da Rocha
9. Hospital Dalca de Azevedo 127
Diomar Tartaglia, William Nagem
10. Pronto Socorro Infantil (PSI) 130
Fausto Gomes Baptista
11. Clínica Pediátrica do Hospital do Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais (Ipsemg) 134
Francisco José Caldeira Reis, Múcio de Paula
12. Hospital Infantil São Tarcísio 137
Guy Freire Jannotti
13. Pediatria do Hospital Militar de Minas Gerais 140
Rita de Cássia Aguilar Menezes
14. Hospital São Domingos Sávio e Hospital Infantil São Camilo 145
José Guerra Lages

15. Clínica Infantil O Pequeno Príncipe	168
<i>Carlos Magno Guerra Lages</i>	
16. PAM Saudade – Posto de Assistência Médica Pediátrica do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI)	172
<i>José Guerra Lages</i>	
17. Hospital da Baleia – Fundação Benjamim Guimarães	175
<i>José Guerra Lages, Carlos Antônio Goulart Leite</i>	
18. Centro Geral de Pediatria (CGP) – Hospital Infantil João Paulo II	185
<i>Luiz Fernando Andrade de Carvalho, Cristiano Túlio Maciel Albuquerque</i>	
19. Hospital Infantil Santa Terezinha	201
<i>Paulo Melgaço Valadares</i>	
20. Hospital Infantil São Paulo	206
<i>Edward Tonelli</i>	
21. Clínica Pediátrica do Hospital Felício Rocho	212
<i>Jurandir Fabel</i>	
22. Clínica Pediátrica do Hospital Santa Mônica (Hospital Belo Horizonte)	214
<i>Fausto Pacheco</i>	
23. Pediatria da Fundação Estadual de Assistência Médica de Urgência (Feamur)	217
<i>José Guerra Lages</i>	
24. Hospital Infantil Padre Anchieta	222
<i>Gilmar Ferraz de Oliveira</i>	
25. Clínica Pediátrica do Hospital Mater Dei	224
<i>Fausto Pacheco</i>	
26. Hospital Vila da Serra	230
<i>José Sabino de Oliveira, Navantino Alves Filho</i>	
27. Neocenter	234
<i>Wagner Neder Issa</i>	

SEÇÃO D

História da pediatria em 39 cidades de Minas Gerais, com pediatras exclusivos há várias décadas

Obs: Belo Horizonte, Juiz de Fora, Uberaba e Uberlândia – na Seção B (Caps 3-7)

28. Alfenas	243
<i>Orlando Antônio Pereira</i>	
29. Araguari	245
<i>Antônio Ferreira</i>	
30. Baependi (Circuito das Águas)	248
<i>Edson Lopes Libânio</i>	
31. Barbacena	252
<i>Luiz Mauro Andrade da Fonseca</i>	
32. Betim	254
<i>Carlos Eduardo Magalhães</i>	
33. Bom Despacho	255
<i>Mariana Nogueira Oliveira Campos</i>	
34. Carangola	258
<i>Humberto Aguiar Andrade</i>	
35. Caratinga	261
<i>José Guerra Lages</i>	
36. Conceição do Mato Dentro	262
<i>José Guerra Lages</i>	
37. Conselheiro Lafaiete	267
<i>Aloísio da Silva</i>	
38. Coronel Fabriciano	272
<i>Mauro Marzem de Moraes</i>	
39. Curvelo	275
<i>José Alves Viana, Raquel Ferreira Pimenta</i>	

40. Divinópolis	280
<i>Joel Alves Lamounier, Clóvis Silva, Júlio Cesar Veloso</i>	
41. Formiga	285
<i>Concésio Batista da Costa</i>	
42. Governador Valadares	286
<i>Marilene Silveira Duarte</i>	
43. Ipatinga	289
<i>Vera Lúcia Venâncio Gaspar</i>	
44. Itabira	295
<i>Antônio Geraldo Beltrame</i>	
45. Itajubá	297
<i>José Sebastião Rezende Monti</i>	
46. João Monlevade	302
<i>Flávio Lucio Moreira Bicalho, Aloysio Hamacek Horta Stanley Baptista de Oliveira</i>	
47. Lavras	306
<i>José Carlos Loiola</i>	
48. Leopoldina	309
<i>Sebastião Rodrigues Furtado</i>	
49. Mariana	312
<i>Darllem Govas Pimenta Barreira</i>	
50. Montes Claros	313
<i>Itagiba de Castro, Raimundo Poincaré Deusdará</i>	
51. Nepomuceno	317
<i>Edward Tonelli</i>	
52. Nova Lima	324
<i>Ely da Conceição Sousa</i>	
53. Ouro Preto	325
<i>Darllem Govas Pimenta Barreiro</i>	

54. Paracatu	327
<i>Romualdo Gonçalves Ulhôa</i>	
55. Passos	331
<i>Kleber de Vasconcelos Ordones</i>	
56. Patos de Minas	335
<i>Juliana Rocha Cavalcanti Barros, Francis Jardim Pfeilsticker</i>	
57. Patrocínio	343
<i>Paulo Caixeta de Araujo</i>	
58. Poços de Caldas	345
<i>Jazon de Lima Cruz</i>	
59. Ponte Nova	350
<i>Marcos Antônio de Araújo Serafini</i>	
60. São João del-Rei	352
<i>Euclides Garcia de Lima Filho, Luiz Antônio Neves</i>	
61. Sete Lagoas	357
<i>Euro da Andrade Lanza, Geraldo Magela de Rezende, Watson Holmes de Lima</i>	
62. Teófilo Otoni	359
<i>João Carlos da Cunha Mello</i>	
63. Timóteo	368
<i>Zélia Alcântara Batista</i>	
64. Ubá	372
<i>Fernando Dias Paes</i>	
65. Varginha	375
<i>Carlos Alberto Braga, Marçal Paiva de Figueiredo, Paulo Sérgio Vieira de Araújo, Ronald Amauri Braga</i>	
66. Viçosa	379
<i>Denise Cristina Rodrigues</i>	

SEÇÃO E

Narrativas de algumas ocorrências pediátricas observadas de 1950-1980

67. Osteopatias clínicas – escorbuto, sífilis congênita e raquitismo 387
José Guerra Lage, Ennio Leão
68. Nos tempos da gastroenterite 391
Ennio Leão
69. Tétano neonatal 395
José Guerra Lages
70. Narrativas sobre epidemias – meningite meningocócica, poliomelite, varíola e sarampo 396
Edward Tonelli
71. Esquistossomose mansoni – fase aguda toxêmica e enterobacteriose septicêmica prolongada 404
Edward Tonelli

SEÇÃO F

Outros temas

72. Imunizações em Minas Gerais 413
José Geraldo Leite Ribeiro
73. História da neuropediatria em Belo Horizonte 415
Christóvão de Castro Xavier
Luiz Fernando Fonseca

- POSFÁCIO** 421

SEÇÃO A

**Introdução à história da
pediatria em Minas Gerais**

1. Primórdios da pediatria na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil

Séculos XVIII e XIX

Edward Tonelli
2017

Europa

Suíça

Theodor Zwinger III

Há cerca de 250 anos surgiu na Europa a medicina infantil, ou pediatria, ainda muito ligada à clínica de adultos. Na segunda década do século XVIII a especialidade despontou na Suíça graças à perspicácia do médico Theodor Zwinger III (1658-1724), professor de filosofia e medicina e ex-reitor da Faculdade de Medicina de Basileia, que percebeu claramente as peculiaridades dos sintomas e sinais das doenças na infância. Esse iluminado mestre publicou o livro *Paedoiatreia Practica – Doenças da Infância**. Daí o termo “Pediatria”, criado por ele (do grego, *paidós*–criança, *iatreia*–medicina, e *iatrós*–médico).

* Título da primeira edição do livro, de 1722: *Theodor Zwinger III – Paedoiatreia Practica: Curationen morborum puerilium observationes...* Editora Basileae (latim). Apud E.&JR. Thurnisios, Fratres, Suíça – MDCCXXII – 1722.

França

Marfan, Grancher, Hutinel, Nobecourt, Parrot e outros

Contudo, foi na França, nas primeiras décadas do século XIX, que ocorreu o grande desenvolvimento da pediatria, graças às contribuições de Marfan, Parrot, Grancher, Hutinel e Nobecourt, dentre outros. Antoine Marfan descreveu a Síndrome de Marfan, em 1896. Participou, juntamente com Charcot, como editor do livro *Traité de Medicine*. Foram também editores Grancher, Comb e Marfan do livro *Traité des Maladies de l'Enfance*.

Os mestres franceses, inspirados pelas notáveis pesquisas de Pasteur, orientavam, em certos aspectos, seus conhecimentos de clínica pediátrica para a etiologia infecciosa.

Foi na França que surgiu o primeiro hospital infantil, *Hôpital des Enfants Malades*, em 1802, com 300 leitos. A seguir, destacam-se os hospitais infantis, na Áustria, em 1822; na Alemanha, em 1830, e, na Inglaterra, o *Children's Hospital*, em 1852. Convém lembrar que, em 1879, o governo francês nomeia o professor Parrot para criar o ensino oficial definitivo das moléstias das crianças, quando o ilustre mestre preferiu instalar a cadeira desse novo ramo clínico no “*Hôpital des Enfants Assistés*” – Rocha³.

Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo, “Moncorvo Pai”, fundador da pediatria brasileira, sempre manteve fortes relações com a pediatria francesa, na segunda metade do século XIX, tendo estagiado durante dois anos nos serviços de Bouchut e de Roger-Teles⁴.

Alemanha

Adalbert Czerny, Finkelstein e outros

Nas primeiras décadas do século XIX, a pediatria alemã já se destacava com as contribuições de Adalbert Czerny e Finkelstein, grandes renovadores dos conhecimentos pediátricos, que eram até então sobretudo de orientação francesa. Os mestres alemães enfatizaram as causas nutritivas, relegando a antissepsia intestinal, dando, portanto, relevo aos distúrbios nutrodigestivos, ao metabolismo intermediário e à terapêutica voltada para os regimes alimentares.

É importante lembrar que, na década de 1940, era marcante a influência da pediatria alemã, sendo frequente a tradução de livros alemães para o espanhol e para o português, como o tratado de Pfalkundler e Schlossmann, em seis volumes; o tratado de Finkelstein e o de Feer, dentre outros.

Alguns pediatras brasileiros se especializaram na Alemanha, nessa ocasião, como os irmãos Martinho da Rocha Júnior e José Martinho da Rocha, e Delorme de Carvalho, todos da cidade de Juiz de Fora, MG. Martinho da Rocha Júnior foi tradutor de livros da pediatria alemã.

Inglaterra

Thomas Barlow (1845-1945)

Thomas Barlow nasceu em Edgeworth, Inglaterra, tendo concluído o curso médico no Colégio Universitário de Londres. Foi o descobridor do escorbuto (doença de Barlow) e gozava de alta estima e simpatia de seus clientes. Mais tarde, foi presidente do Colégio Real de Medicina.

Estados Unidos

Na segunda metade do século XIX, surgiram grandes nomes da pediatria americana.

Abraham Jacobi (1830-1919)

Nasceu na Westfalia, Alemanha, tendo-se graduado em Bonn e, posteriormente, se radicado nos Estados Unidos. Nesse país, iniciou uma clínica de crianças e empreendeu uma luta pela emancipação da pediatria.

No magistério, sua carreira teve início no Colégio Médico de Nova York, em 1870, quando foi indicado como primeiro professor de pediatria da América, na Universidade de Columbia, em Nova York. Em 1880, criou a primeira Seção de Pediatria da Associação Médica Americana. É considerado o pai da pediatria americana, tendo sido agraciado com títulos honoríficos nas Universidades de Michigan, Columbia, Yale, Harvard, Jefferson e Washington.

Luther Emmet Holt (1855-1914)

Em 1891, Luther Holt torna-se professor de pediatria da Escola Médica do Hospital da Policlínica de Nova York. Participou da fundação do *Archives of Pediatrics* e foi fundador e presidente da Sociedade Americana de Pediatria.

Henry Koplick (1858-1927)

Formado na Universidade de Columbia (NY), descobre o sinal de Koplick, no sarampo, possibilitando o diagnóstico da virose, no período prodrômico. O mestre Koplick contribuiu também com estudos sobre poliomielite e meningite cerebrospinal.

Thomas Morgan Roeth (1845-1914)

Thomas Roeth nasceu na Filadélfia (EUA) e exerceu a pediatria, inicialmente, em pequena localidade, onde a especialidade era pouco conhecida. Foi professor na Escola de Medicina de Harvard, em Boston. Influenciado por Bildert, na Alemanha, lançou o método que alterava as porcentagens dos componentes do leite de vaca, com o intuito de torná-lo similar ao leite materno. Foi do grupo fundador da Sociedade Americana de Pediatria.

Waldo Emerson Nelson (1898-1997)

Finalizando esta breve abordagem sobre a pediatria americana, destacamos ainda a grande figura de Waldo Emerson Nelson, nascido em McClure, Ohio, em 1898, e falecido aos 98 anos. Concluiu o curso médico na *University of Cincinnati*, em 1926, e a residência médica, em 1929. Foi diretor do

St. Christopher's Hospital, chefe do Departamento de Pediatria da Temple University e editor do *Journal of Pediatrics* durante o período de 1959 a 1978.

Waldo Nelson conduziu durante 40 anos a edição de sua memorável obra *Nelson Textbook of Pediatrics*, sempre com a firme colaboração de sua esposa e dos filhos. Era considerado uma figura paternal entre os residentes, formou geração de pediatras, recebeu estagiários de diferentes países, e seu prestígio ultrapassou fronteiras por meio de seu notável Tratado de Pediatria.

Após esta sucinta abordagem sobre os Primórdios da Pediatria na Europa e nos Estados Unidos, convém ressaltar que a criança só se tornou mais bem conhecida no século XIX, e que, somente a partir de 1875, se adotou a palavra pediatra para caracterizar o médico que trata de crianças, e a denominação pediatria ou pedologia para designar a especialidade – Alves¹.

Brasil

Pediatria – Registros históricos

Serão abordados dois tópicos:

- Antecedentes
 - Primórdios da Pediatria Brasileira (*Rev. Med. Minas Gerais*, 2012)
-
- Antecedentes

Antes da abordagem sobre os Primórdios da Pediatria Brasileira, gostaria de mencionar três registros históricos importantes feitos por Martinho da Rocha³.

1. José Martinho da Rocha chama a atenção para a importância do livro *Tratado de Educação Física dos Meninos*, de 1790, de autoria de Francisco de Melo Franco, mineiro de Paracatu, que se formou em Coimbra, Portugal, clinicou em Lisboa, onde desfrutava de grande prestígio, tendo sido médico da família real portuguesa.

A pedido da Corte portuguesa, ele acompanhou a princesa Leopoldina à viagem de mudança para o Brasil. Martinho da Rocha considera Melo Franco como o primeiro puericultor brasileiro, em decorrência da importância de seu livro para a pediatria, com bela e consistente abordagem sobre temas de puericultura, em 12 capítulos.

Melo Franco era amigo de José Bonifácio de Andrada e Silva e grande entusiasta do Iluminismo francês e da Inconfidência Mineira. É patrono da

Cadeira número 1 da Academia Mineira de Pediatria². Para se ter uma ideia da relevância desse livro de Melo Franco, de 1790, basta contextualizar que ele surgiu quase um século antes das ações de Moncorvo Pai, quando esse brilhante pediatra fundou os pilares da pediatria brasileira, em 1882⁴.

2. O segundo registro de importância histórica para a pediatria foi também mencionado por Martinho da Rocha, sobre Joaquim da Rocha Mazarém, primeiro professor de Anatomia, Cirurgia e Partos (RJ), que publicou o trabalho “Quadro Sinóptico das Doenças das Mulheres, dos Partos e dos Recém-Nascidos”, em 1826.

3. O terceiro e último registro de Rocha³, de relevância histórica para a pediatria brasileira, refere-se ao concurso de Francisco Julio Xavier, para professor da cadeira de “Partos, Moléstias das Mulheres Pejadas e Paridas e de Meninos Recém-Nascidos”, quando defendeu a tese: “Considerações sobre os cuidados e os socorros que se devem prestar aos meninos na ocasião do seu nascimento e sobre as vantagens do aleitamento natural”, em 1833, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Francisco Xavier era cirurgião aprovado pela Academia Médico-Cirúrgica e doutor pela Faculdade de Medicina de Paris.

REFERÊNCIAS

1. Alves N. *Ligeira visão da história da pediatria*. Editora Littera Maciel Ltda. Contagem, MG. 1997. 135p.
2. Pena SD. Francisco de Mello Franco. In: Tonelli e Freire. *Patronos da Academia Mineira de Pediatria. AMP/SMP*. Belo Horizonte. Vilma Fazito. Comunicação e Consultoria. Set./2007. p. 11-14.
3. Rocha JM. *Introdução à história da pediatria e puericultura no Brasil*. In: Aguiar A, Martins RM. *História da Pediatria Brasileira*. Serviço de Informação Científica Nestlé. Rio de Janeiro. 1996. p. 85-122.
4. Teles W. *Um século de Pediatria*. In: Aguiar A, Martins RM. *História da Pediatria Brasileira*, Serviço de Informação Científica Nestlé. Rio de Janeiro. 1996. p. 147-152.

• Primórdios da pediatria brasileira*

Edward Tonelli**

A implantação da pediatria no Brasil ocorreu na década de 1880, na cidade do Rio de Janeiro, e resultou de ações concretas de Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo, membro da tradicional Academia de Medicina de Paris, de sociedades pediátricas europeias e americanas e autor de vários trabalhos científicos publicados em revistas pediátricas de reconhecimento internacional.

Esse ilustre pediatra fez várias viagens ao exterior e frequentou os principais centros médicos europeus, tendo mantido vínculo mais forte com a Escola Prática da Faculdade de Paris. No serviço do professor Gilbert, em Havre¹ na França, observou a existência de cuidados médicos especiais com relação à criança, até então desprovida de exames específicos e de terapêutica adequada. Regressando ao Brasil, Carlos Moncorvo empreendeu algumas ações fundamentais à implantação da pediatria no Brasil⁴.

Em 10 de dezembro de 1881, em sua casa, na Rua da Lapa, 93, foi assinada a ata de fundação da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, inaugurada em 28 de junho de 1882, com o primeiro serviço para moléstias de crianças no Brasil, no andar térreo do Arquivo Público, com a presença do imperador D. Pedro II. Nesse serviço, além do atendimento à população carente, havia preocupação com a investigação médica¹.

Posteriormente, Carlos Moncorvo criou o primeiro curso livre de pediatria, o Curso Livre, com a aula inaugural em 1º de agosto de 1882. Esse curso esteve em atividade durante 19 anos, até junho de 1901. Foram alunos do Curso Livre pediatras e puericultores de envergadura, como Fernandes Figueira, Carlos Arthur Moncorvo Filho, Clemente Ferreira, Luiz Barbosa, Olinto de Oliveira, Eduardo Meyrelles e Olympio Portugal, dentre outros.

Em 27 de fevereiro de 1882, Carlos Moncorvo encaminhou ao ministro do império, Rodolfo Dantas, Memorial propondo a criação de uma cadeira de clínica infantil na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, alegando os seguintes motivos: 1. O ensino das moléstias da infância já constava do programa de quase todas as escolas de medicina dos países evoluídos da Europa e da América; 2. A falta de uma cadeira de pediatria nas duas faculdades de medicina do país era uma lacuna a ser sanada; 3. O governo imperial encontrava na Policlínica Geral do Rio de Janeiro pronto e fácil meio para realizar, sem mais demora, esse *desideratum*. Era intenção de Rodolpho Dantas criar a cadeira, entregando a regência ao proponente, conforme lhe houvera comunicado. Nesse ínterim, cai o Ministério, e na lei em tramitação na Câmara foi acrescentada a exigência da obrigatoriedade de concurso.

Por razões não muito claras, Carlos Moncorvo não participou do concurso, candidatando-se ao cargo o ortopedista e senador Cândido Barata Ribeiro, ferrenho abolicionista, recém-chegado da Bahia e que posteriormente foi prefeito do Distrito Federal e ministro do Supremo Tribunal. Barata Ribeiro

foi aprovado como primeiro catedrático de pediatria – cadeira de “Clínica Médica e Cirurgia da Criança” – em 1882, com denominação modificada em 1884 para “Clínica e Policlínica e Cirurgia de Crianças”. Contudo, em decorrência de seus compromissos políticos, o desempenho de Barata Ribeiro à frente da cátedra, no período de 1883 a 1910, foi considerado discreto. Segundo Moncorvo Filho², “pode-se dizer que só um facto accidental deixou a Faculdade de Medicina de possuir por professor de Pediatria quem a havia fundado em nosso país”.

Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo, embora não tenha ocupado a cadeira de pediatria, foi o responsável, mediante o seu memorial às autoridades do império, pela implantação do ensino oficial de pediatria no país. Coube a ele também a formação dos primeiros pediatras, por intermédio do Curso Livre, lotado inicialmente na Policlínica Geral do Rio de Janeiro e, posteriormente, transferido para a sua residência. Por essa razão, Fernandes Figueira, um de seus destacados discípulos, designou-o “Pai da Pediatria Brasileira”. Ele nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 31 de agosto de 1846, e faleceu em 25 de julho de 1901.

Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo era intelectual de vasta cultura, empreendeu ações de grande relevância nos primórdios da pediatria brasileira e é patrono da cadeira número 1 da Academia Brasileira de Pediatria³.

REFERÊNCIAS

1. Dickstein J. Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo. Moncorvo Pai. *Vultos da pediatria brasileira*. Rio de Janeiro. Sociedade Brasileira de Pediatria, 2004.
2. Moncorvo Filho CA. *Criação da Cadeira de Moléstias das Crianças na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*. *Med Pharmácia*. 1925;1(3):105-10.
3. Pereira Neto A, Rego JD, Martins RM. Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo. In: Pereira Neto A, Rego JD, Martins RM, editores. *Os Patronos da Academia Brasileira de Pediatria*. Perfis Biográficos. Rio de Janeiro. Sociedade Brasileira de Pediatria/Academia Brasileira de Pediatria. 2007, p. 11-3.
4. Tonelli E. Carlos Arthur Moncorvo Filho. In: *Vultos da Pediatria*. Rio de Janeiro. Sociedade Brasileira de Pediatria: 2005, p. 1-34.

*Trabalho publicado na seção de História da Medicina da *Revista Médica de Minas Gerais*. Belo Horizonte. 2012. 22(1)-122-123).

** Professor emérito e titular de pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (FMUFMG). Membro titular das Academias Brasileira de Pediatria e Mineira de Medicina. Membro do grupo fundador da Academia Mineira de Pediatria. Ex-consultor do CNPq.

2. Contribuição à história da pediatria em Minas Gerais (1894-1976)

Primeiras décadas, centros de formação, de treinamento, residência médica, hospitais e serviços de pediatria

Edward Tonelli
2017

Conforme texto do capítulo anterior, lembramos que o pai da pediatria brasileira, Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo, criou no Rio de Janeiro, em 1882, os três pilares de fundação da pediatria em nosso país: 1. primeira enfermagem para moléstias da infância, na Policlínica Geral do Rio de Janeiro; 2. criação do Curso Livre para formação dos primeiros pediatras do país; e 3. encaminhamento de um memorial às autoridades do Império, para a criação do ensino oficial da pediatria em duas faculdades de medicina do país – Salvador e Rio de Janeiro, fundadas em 1808. Antônio Fernandes Figueira, um dos discípulos de Moncorvo de Figueiredo e fundador da Sociedade Brasileira de Pediatria (1910), havia clinicado em Lages do Muriaé (RJ) e em Juiz de Fora (MG), no distrito de Simão da Cunha, durante sete anos, no fim do século XIX.

Em Minas Gerais, como em outros estados, a pediatria foi exercida durante muitos anos por abnegados clínicos gerais, com certa aptidão para o cuidado de crianças, portanto, antes de pediatras exclusivos, que surgiram nas primeiras décadas do século XX. Isso ocorreu também em muitos países, previamente à emancipação da pediatria.

Vejamus como se deu o início da pediatria em nosso estado, nas primeiras décadas do século passado, com destaque para Belo Horizonte, Juiz de Fora, Uberaba e Uberlândia, grandes centros de formação médica (mais detalhes nos capítulos 3, 4, 5, 6 e 7).

Belo Horizonte

Em Belo Horizonte, capital do estado, desmembrada de Sabará em 1883 e inaugurada em 12 de dezembro de 1897, a pediatria foi despontando com a fundação da 4ª Escola de Medicina do país, a Escola de Medicina Livre de

Belo Horizonte, em 5 de março de 1911, ou seja, 14 anos após a fundação da capital. A Escola de Medicina passou a integrar a então Universidade de Minas Gerais (UMG), em setembro de 1927, e foi federalizada em 1949. Em 27 de setembro de 2011, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) comemorou o centenário daquela que é a segunda universidade criada no país. A primeira foi a Universidade do Brasil, fundada em 1920, com o nome de Universidade do Rio de Janeiro.

Durante o período da cátedra, 1916 a 1970, foram professores catedráticos de Pediatria da Faculdade de Medicina da UFMG: Otávio de Carvalho, Cândido Firmino de Mello Leitão, João de Mello Teixeira e Berardo Nunan Filho. A cadeira de pediatria teve, inicialmente, a denominação de Clínica Pediátrica e Cirurgia, Ortopedia e Higiene Infantil.

Vejamos dados sumários sobre os primeiros catedráticos^{1,3,4}.

Otávio de Carvalho

Primeiro catedrático da cadeira de Clínica Pediátrica e Cirurgia, Ortopedia e Higiene Infantil, foi um dos 12 fundadores da Escola de Medicina e chefiou a enfermagem de crianças na Santa Casa de Belo Horizonte. Faleceu em 1914, não tendo tido oportunidade de ministrar o curso de pediatria, que iniciou em 1916, no 6º ano do curso médico.

Cândido Firmino de Mello Leitão

Foi aprovado para catedrático da cadeira Clínica Pediátrica e Cirurgia, Ortopedia e Higiene Infantil, em dezembro de 1914, assumindo a cátedra em 21 de novembro de 1915; implementou o curso de pediatria, no 6º ano, em 1916. Em 1918, ocorreu o desdobramento da cadeira em Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil, assumida por Mello Leitão, e Clínica Pediátrica Cirúrgica e Ortopédica, a cargo do professor David Corrêa Rabelo, aprovado em concurso público. Melo Leitão transferiu-se para o Rio de Janeiro, em 1920.

João de Mello Teixeira

Aprovado, mediante concurso para professor substituto, no fim de 1919, com a tese: “A Esquistossomose Mansônica na Infância, em Belo Horizonte”. Em 1920, Martinho da Rocha Júnior foi aprovado em concurso de livre-docência. Sob a direção do catedrático Mello Leitão, Mello Teixeira e Martinho da Rocha começam a lecionar no curso de Pediatria Clínica e Higiene Infantil.

Em 31 de maio de 1920, Mello Teixeira foi empossado como catedrático de Clínica Pediátrica e Higiene Infantil, permanecendo no cargo durante 28 anos, até fevereiro de 1948, quando se aposentou. Foi vice-diretor da FMUMG e o primeiro professor da UMG a receber o título de emérito, pela sua significativa participação na vida universitária. Assumiu a direção do Instituto de Puericultura Fernandes Figueira, no Rio de Janeiro, após ser convidado em 1947. Mello Teixeira faleceu no Rio de Janeiro, em 1965. É patrono da cadeira número 11 da Academia Mineira de Pediatria, pela sua relevante contribuição à pediatria mineira.

Berardo Nunan Filho^{2,5}

Nasceu em Belo Horizonte, em 22 de outubro de 1908, tendo concluído o curso médico na Faculdade de Medicina da UMG, em 1933. Estagiou como estudante e trabalhou, logo após a conclusão do curso médico, na Clínica Infantil do Hospital da Criança Elvira Gomes Nogueira da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte, fundada e dirigida por Navantino Alves.

Em 1936, foi professor do curso de Higiene Infantil da Escola de Enfermagem Carlos Chagas e da cadeira de Legislação Farmacêutica, na Academia Livre de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte. Em 1937, trabalhou na Clínica Pediátrica Médica e no Lactário do Hospital São Francisco de Assis. Na década de 1940, Berardo Nunan concentrou suas atividades clínicas no Hospital São Vicente da Faculdade de Medicina da UMG. Em 1942, foi admitido como voluntário da Cadeira de Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil da Faculdade de Medicina da UMG, chefiada pelo catedrático Mello Teixeira. Em 1943, obteve livre-docência com a tese “Da otoantrite latente na primeira infância – sua relação com os distúrbios trofodigestivos”. Em 1944, foi indicado para substituir o catedrático Mello Teixeira, durante seus impedimentos.

Com a aposentadoria de Mello Teixeira, em 1947, Berardo Nunan assume a regência interina da cadeira e alterna essa regência, no início de 1949, com João da Costa Chiabi. Convém lembrar que Nunan, nessa ocasião, contou com a colaboração efetiva de João Afonso Moreira⁶, que participou nos anos 1930 a 1940, com entusiasmo, das atividades docentes e assistenciais. Afonso Moreira é patrono da Academia Mineira de Pediatria pela contribuição à pediatria mineira em seus primórdios. Em maio de 1949, Berardo Nunan torna-se professor catedrático, defendendo a tese “Aspectos

Clínicos da Drepanocitose na Infância”, permanecendo Costa Chiabi como livre-docente. Berardo Nunan foi catedrático da cadeira de Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil, durante o período de 1949 a 1970, e professor titular de pediatria e chefe do Departamento de Pediatria até 1976. Até os anos de 1967 e 1968, quando foi transferida para o Hospital das Clínicas, tal cadeira esteve lotada no Hospital São Vicente.

A residência médica teve início em 1966, sendo Roberto Assis Ferreira e Lindolfo de Barros os primeiros residentes. O São Vicente, em 1920, era um pequeno hospital e pertencia ao Instituto de Proteção à Infância, fundado com a participação de João de Freitas, clínico e tesoureiro da faculdade. Em 1931, o Hospital São Vicente foi transferido para a Faculdade de Medicina da UMG, quando esta assumiu o compromisso de construir um pavilhão para a assistência à infância, como parte integrante do hospital.

Nesse hospital também atuaram alguns médicos voluntários, responsáveis por leitos ou colaborando com o ensino na Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil, dentre eles: Paulo Roxo da Motta, Célio Marques Scotti, Olavo Gabriel Diniz, Fausto Gomes Baptista, Maria Helena Jardim, José Moreira de Carvalho (livre-docente), Anselmo Nicolai Pereira, Saul Faria, Alda Lopes, Helvécio Ferreira Borges, Múcio de Paula, Hugo Furtado, Navantino Alves Filho e José Guerra Lages.

Eis o corpo docente da pediatria, durante o período de 1948 a 1970: José da Costa Chiabi, Berardo Nunan, Mário Afonso Moreira, Celso Lobo de Rezende (doutor e livre-docente, que faleceu aos 36 anos em acidente ferroviário), Armando Achilles Tenuta, Augusto Severo da Costa, Ennio Leão, Marta Alice Venâncio, Sarah Milstein, Elmo Perez dos Santos, Oswino Alves Penna Sobrinho (médico), José Silvério Santos Diniz, José Américo Campos, Roberto Assis Ferreira, Antônio José das Chagas, Benigno Rocha da Silva e Francisco José Caldeira Reis. Em 25 de agosto de 1970, Edward Tonelli foi transferido do Hospital de Doenças Infecciosas e Tropicais (Hospital Carlos Chagas) para o Departamento de Pediatria da FMUFMG. Nesta instituição, Tonelli realizou biópsias hepáticas de pacientes do professor Nunan, que ali internava alguns pacientes, quando foi sondado por ele, nessa ocasião e posteriormente, a respeito de seu interesse na transferência para a pediatria, o que veio a ocorrer, após contatos com Ennio Leão e Roberto Assis Ferreira.

Berardo Nunan era também muito dedicado à clínica privada. Foi um grande mestre, com excepcional pendor didático e científico, sempre interessado na formação de seus alunos e docentes. Em 1970, com a reforma universitária, torna-se professor titular, tendo sido chefe do Departamento de Pediatria, até 1976. Apoiou a formação dos vários grupos de especialidades, com suas diferentes áreas de atuação, e a comissão para implantação do mestrado e do doutorado, dentre outras ações. Publicou artigos em várias revistas e capítulos em diversos livros: *Pediatria Básica* (Pedro de Alcântara, Eduardo Marcondes), *Manual de Pediatria* (Orestes de Carvalho), *Compêndio de Pediatria e Puericultura* (José Martinho da Rocha), *Diagnóstico e Tratamento das Doenças Infecciosas e Parasitárias* (Jayme Neves).

Berardo Nunan foi fundador e presidente da Sociedade Mineira de Pediatria e presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria (1956). Recebeu o título de professor emérito da FMUFMG, em 1980, pela relevante contribuição à pediatria mineira. É patrono da Academia Brasileira de Pediatria e da Academia Mineira de Pediatria. O autor deste texto teve a honra de relatar sobre a vida e obra do professor Berardo Nunan, na Congregação da FMUFMG, por ocasião da cerimônia de concessão do título de professor emérito, em 1980.

Este texto termina por aqui, abordando sobretudo o período da cátedra. A partir de 1970, inicia-se o período departamental, com implantação de novo currículo, formação de vários grupos de subespecialidades, aumento considerável do número de docentes, implantação do mestrado e do doutorado e muitas outras ações que vêm projetando a pediatria da UFMG.

Os primeiros chefes do Departamento de Pediatria, após Berardo Nunan, foram: Edward Tonelli, José Silvério Santos Diniz, Ennio Leão, Edison José Corrêa e Roberto Assis Ferreira. Os primeiros professores titulares, após concurso em 1981, foram Edward Tonelli e José Silvério Santos Diniz, ambos livre-docentes, desde setembro de 1978. Ennio Leão, desde os meados dos anos 1960, sempre se destacou pela sua dedicação, competência e forte ligação com o departamento, com expressiva ação na graduação, na residência médica, na pós-graduação e na formação docente. Foi professor adjunto doutor, chefe do departamento e coordenador de disciplina.

Posteriormente a Berardo Nunan, os primeiros docentes a receber o título de emérito foram: Ennio Leão, Edward Tonelli, e, logo após, José Silvério

Santos Diniz e Marta Alice V. Romanini. Em seguida, receberam também o título de emérito Roberto Assis Ferreira, Marcos Borato Viana e Francisco José Pena. Ennio Leão manteve ligação permanente com o Departamento de Pediatria, mesmo após a sua aposentadoria. É editor do livro *Pediatria Ambulatorial*, em sua 5ª edição. Vários docentes do Departamento de Pediatria vêm publicando, nas últimas décadas, livros-textos, nas várias áreas – subespecialidades pediátricas –, que têm contribuído com a formação médica em todo o país.

Mais detalhes e com rica informação sobre os períodos da cátedra e departamental encontram-se neste capítulo, na referência bibliográfica número 3, sobre o “Departamento de Pediatria” – livro “Centenário da FMUFMG, 1911-2011”, e ainda neste livro, capítulo 3, p. 59 – História do Departamento de Pediatria da FMUFMG.

REFERÊNCIAS

1. Campos MM. *Cinquentenário da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais*. Belo Horizonte. 1961, 383p.
2. Chagas AJ. Berardo Nunan – biografia. In: Tonelli e Freire. *Livro dos Patronos*. Academia Mineira de Pediatria/SMP. Belo Horizonte. Vilma Fazito. 2007. p. 21-3.
3. Ferreira AR, Oliveira BM, Corrêa EJ, Tonelli E, Leão E, Penna FJ, Mota JAC, Lamounier JA, Martins MA, Rodrigues MRS e Ferreira RA. Departamento de Pediatria. In: Pedrosa ERP. *Centenário da FMUFMG*, Belo Horizonte, 2012, p. 265-304.
4. Lages JG – *A Pediatria em Minas Gerais*. Congresso Mineiro de História da Medicina. Barbacena, MG. 2006, 33p.
5. Leão E – Berardo Nunan. In: Pereira Neto A, Dias Rego J. Martins R. *Os patronos da Academia Brasileira de Pediatria*. Perfis bibliográficos. Rio de Janeiro SBP/ABP. 2007. p. 80-82.
6. Viana MB. João Afonso Moreira. In: Tonelli e Freire. *Livro dos Patronos*. Academia Mineira de Pediatria/SMP. Belo Horizonte. Vilma Fazito. 2007. p. 45-47.

Hospital de Crianças Elvira Gomes Nogueira – Santa Casa – Faculdade de Ciências Médicas^{1,2,3}

Foi um grande centro de atenção à infância e da formação de pediatras, a partir de sua inauguração, em 1938, graças ao entusiasmo do pediatra Navantino Alves, nascido em Andrelândia (MG), em 1899. Formado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1924, Navantino foi interno de Calazans Luz, grande entusiasta da pediatria alemã.

Exerceu atividades na Clínica Pediátrica do Hospital São João Batista e no Hospital de Pediatria São Zacarias da Santa Casa do Rio de Janeiro, serviços

dirigidos por Calazanz Luz. Clinicou alguns meses em Nepomuceno (MG), onde se casou, em 1927, transferindo-se, a seguir, para Juiz de Fora. Nessa cidade, fundou, com um grupo de obstetras, a Maternidade Terezinha de Jesus, onde montou seu consultório. Nessa ocasião, José Martinho da Rocha e Navantino eram os únicos pediatras exclusivos em Juiz de Fora. Em 1929, transferiu-se para Belo Horizonte, sendo convidado para assumir a chefia da pediatria da Santa Casa.

Em 1930, Navantino assume o serviço de pediatria, na policlínica então existente, e teve como primeiro assistente o pediatra Clodoveu de Oliveira, e como internos os universitários Berardo Nunan, Francisco Souza Lima, Abrão Salomão, Maria Eulália Ramos e Ana Cerqueira Ferreira, dentre outros. Navantino foi o responsável pela iniciativa da construção do “Hospital de Creanças – Elvira Gomes Nogueira”, inaugurado em 1938, após solicitar colaboração do Sr. Agenor Gomes Nogueira, proprietário da rede de cinemas da cidade. O hospital recebeu o nome da esposa do referido benfeitor. Participou também da fundação do Instituto Médico-Cirúrgico São José, que passou, posteriormente, para o prédio do Hospital São José, na década de 1940, hoje vinculado à Faculdade de Ciências Médicas.

Dentre outras ações relevantes, participou ativamente da fundação da instituição filantrópica, Instituto Mineiro de Combate à Desnutrição Materno-Infantil. Nos anos de 1940, Navantino Alves foi aprovado na defesa de tese de livre-docência na FMUMG “Estudo clínico da pseudoparalisia sifilítica – doença de Parrot”. Foi do grupo fundador da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, em 1950, chefe das clínicas pediátricas da Santa Casa, professor de Puericultura e Clínica da 1ª Infância e professor catedrático de Pediatria até a aposentadoria.

Recebeu o título de professor emérito da FCMMG, pela relevante contribuição àquela instituição. Foi ainda fundador e presidente da Sociedade Mineira de Pediatria e membro titular da Academia Brasileira de Pediatria. Faleceu em Belo Horizonte, aos 103 anos. É patrono da cadeira número 5 da Academia Mineira de Pediatria, pela expressiva contribuição à pediatria mineira. Dentre suas publicações, mencionamos: Manual de Dietética na Patologia Infantil, Considerações sobre Efeitos da Desnutrição na Patologia Infantil, Desnutrição Protéico-Calórica, Ligeira Visão da História da Pediatria e Recordações de um Médico.

Nos anos 1930 e 1940, vários pediatras e cirurgiões pediátricos atuaram no serviço do professor Navantino, nos primórdios da pediatria em Minas Gerais: Abraão Salomão, José Malheiros Fiuza, Francisco Souza Lima, Berardo Nunan, Olavo Lustosa (Juiz de Fora), Humberto Ferreira (Uberaba), Maria M. Ramos, João Batista V. Sales, José de Oliveira Lima, Clodoveu de Oliveira, Maria Helena Jardim, Paulo Souza Lima, Paulo Roxo da Motta. Nos anos 1950: José Mariano Sales Alves, Clarindo Eslebão Cerqueira, Archimedes Teodoro, José Bueno Vilela, Cícero P. Bittencourt, Nívio Braz de Lima, dentre outros. Nas décadas de 1960 e 1970: Navantino Alves Filho, Fernando Boucinhas, João Carlos Ferreira, Marília F. Maakaroun, Manoel Firmato de Almeida (chefe da Clínica Pediátrica Cirúrgica), Moacir Tibúrcio, dentre outros.

Obs.: Mais detalhes sobre este breve relato dos primórdios até os anos 1960-1970, e ampla abordagem sobre o período de 1970 até os dias atuais, encontram-se neste livro, capítulo. 4, p. 80 – Hospital de Creanças – Elvira Gomes Nogueira, da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte, de autoria de Navantino Alves Filho, professor titular de pediatria da FCMMG.

REFERÊNCIAS

1. Alves N. *Alguns dados históricos sobre a pediatria no nosso meio*. In: Aguiar A, Martins RM. História da Pediatria Brasileira. Serviço de Informação Científica Nestlé, Rio de Janeiro, 1996. p. 253-254.
2. Alves N. *Ligeira Visão da História da Pediatria*. Ed. Littera Maciel Ltda. Contagem, MG. 1997. 135 p.
3. Alves N. *Lembranças e recordações*. Ed. Littera Maciel Ltda. Contagem, MG. 1999. 39 p.

Novas residências de pediatria em Belo Horizonte, em meados dos anos 1960 e início dos anos 1970

Destaque especial para o início da Residência de Pediatria do Hospital da Baleia – Fundação Benjamim Guimarães (Hugo Marques Gontijo), nos anos 1964-65, e para as residências de pediatria criadas no início dos anos 1970: Hospital Felício Rocho, 1970 (Wilson Rocha); Hospital Santa Mônica, 1971 (Fausto Pacheco); Feamur, 1972 (José Guerra Lages); Fhemig, 1977 (Florisvaldo C. Tolentino e Lincoln M. S. Freire); Hospital Militar, 1973 (Helvécio Ferreira Borges); Hospital do Ipsemg, 1973 (Múcio de Paula); e Hospital Mater Dei, 1981 (Fausto Pacheco). Em alguns hospitais, foi implantado também o curso de especialização em pediatria (Hospital das Clínicas, Hospital Militar, Santa Casa, Hospital Felício Rocho, dentre outros).

Hospitais, serviços de pediatria em Belo Horizonte – anos 1950-1970

Com a expansão da área metropolitana de Belo Horizonte e o crescimento acentuado da população infantil, resultou, nessa ocasião, maior demanda por mais serviços e hospitais infantis, na capital. Convém lembrar que, nas décadas de 1930-1940, já funcionavam as Clínicas Pediátricas do Hospital São Vicente, o Hospital Elvira Gomes Nogueira e o Hospital São Francisco de Assis.

Nas décadas de 1950-1970, foram criados muitos hospitais e serviços de pediatria, em instalações próprias, ou mesmo, em áreas de hospitais gerais.

A história em detalhes desses hospitais e serviços de pediatria encontra-se, neste livro, na Seção C, capítulos 8 a 27.

Eis, a relação:

– Década de 1950: Clínica Pediátrica do Hospital Felício Rocho, Hospital Municipal Dalca Azevedo e Pronto Socorro Infantil, ambos em 1956, e Clínica Pediátrica do Ipsemg.

– Década de 1960: Hospital São Tarcísio (1960); Pediatria/Hospital Militar (1961-62); Serviço de Emergência Estadual de Gastroenterite – Escola de Saúde Pública-MG (1961); Hospital da Baleia (1965), decorrente da transferência da pediatria do IAPI, lotada no Hospital São Francisco de Assis; Hospital Sálvio Nunes (1966), ex-CGP, atual João Paulo II – Fhemig; Hospital São Domingos Sávio (1968, ex-Pronto-Socorro da Criança); Hospital Infantil Santa Terezinha (1967); e Hospital Infantil São Paulo (1968).

– Década de 1970: Hospital Infantil Padre Anchieta (1976).

Embora a abordagem deste capítulo contemple a pediatria na capital, até os anos 1960-70, não poderia deixar de destacar dois grandes hospitais. São de extrema importância para o atendimento pediátrico na capital mineira o Hospital Infantil São Camilo (1980) e o Hospital Vila da Serra (1999), verdadeiros baluartes do atendimento infantil. São hospitais de referência, bem estruturados nas diferentes subespecialidades pediátricas, com excelente quadro de profissionais, nas várias áreas da pediatria. Também de extrema importância o serviço de atendimento neonatal – Neocenter –, com unidades em vários hospitais da capital.

Obs.:

1. O Hospital Dalca Azevedo contava com excelente corpo clínico (Ennio Leão, Diomar Tartaglia, Marta Alice, Clóvis Boechat, Fausto Pacheco, dentre

outros) e atendia sobretudo crianças com gastroenterite e desidratação, dentre outras patologias. Ennio Leão foi idealizador e é do grupo fundador da Academia Mineira de Pediatria, e Diomar Tartaglia (falecida) e Fausto Pacheco, membros titulares.

O Hospital Pronto Socorro Infantil foi o primeiro hospital infantil privado da capital, com corpo clínico diferenciado, tendo sido membros do grupo fundador, dentre outros, Fausto Gomes Batista e Elmo Perez dos Santos, respectivamente, membro titular e patrono da Academia Mineira de Pediatria.

2. O Serviço Estadual de Gastroenterite – Escola de Saúde Pública de MG – funcionou no período de 1961-1966, quando foi transferido totalmente, com toda a equipe de pediatras, para o prédio recém-construído do Hospital Sálvio Nunes. O autor deste texto pertencia à equipe de sábado daquele serviço e continuou, na mesma equipe, também aos sábados, no Hospital Sálvio Nunes. A referida equipe foi a primeira a orientar estagiário acadêmico e assumiu a assistência aos internos no Hospital Cícero Ferreira, aos sábados, nos anos 1970 e 1971, porque, nesse início, era limitada a equipe de pediatras e clínicos do referido hospital e importante a atuação dos internos (Vera, Ana, César, dentre outros).

Uma vez inaugurado o novo Hospital Cícero Ferreira, esse nosocômio recebia internação de crianças e adultos até 1982. A partir de então, os pacientes adultos foram transferidos para o Hospital Maria Amélia Lins e, posteriormente, para o Hospital Eduardo Menezes, que passou a receber pacientes adultos, com doenças transmissíveis. Portanto, recordando, os Hospitais Sálvio Nunes e Cícero Ferreira foram incorporados à Feamur, em 1971, sob a designação de Centro Hospitalar de Doenças Transmissíveis (CHDT). Posteriormente, em 1982, recebeu a designação de Centro Geral de Pediatria (CGP), que a partir de 16 de fevereiro de 2007 passou a se chamar Hospital João Paulo II. Hoje essa instituição faz parte da Fhemig.

A Residência de Pediatria da Feamur teve início em 1972 (José Guerra Lages) e a Residência de Pediatria da Fhemig, em 1977-78 (Florisvaldo C. Tolentino e Lincoln Freire), quando Edward Tonelli era o coordenador de Ensino e Pesquisa da instituição. Ele indicou Otaviano Veiga, como coordenador-geral das residências médicas da Fhemig. No CHDT, Tonelli foi preceptor das Residências de Pediatria da FMUFMG e da Fhemig, orientava alunos da graduação (internos), e mestrandos (clínicos e pediatras) do curso

de pós-graduação em Medicina Tropical da UFMG, logo após o encerramento das atividades do referido curso no Hospital Carlos Chagas, da FMUFMG.

Pediatras de destaque em Belo Horizonte

Ainda no contexto das primeiras décadas da pediatria em Belo Horizonte, além dos nomes já mencionados nos textos acima, vários pediatras se destacaram, nos anos 1960: Celso Lobo de Resende, Hugo Marques Gontijo, Helvécio Ferreira Borges, Wilson Rocha, Marílio Ladeira, Márcio Lara Resende, Ennio Leão, Mário Afonso Moreira, Fausto Gomes Batista, Waldir de Almeida Ribas, Fausto Pacheco, dentre outros. Hugo M. Gontijo, Wilson Rocha, Marílio Ladeira e Márcio Lara Resende se especializaram nos Estados Unidos.

Apesar do limite dos anos 1970, neste texto, não poderia deixar de mencionar o nome do colega, ex-orientando e grande amigo Lincoln Marcelo Silveira Freire, pela sua destacada ação, nos anos 1990 e primeiro decênio dos anos 2000, como médico, professor e dirigente da classe médica, tendo sido, em dois mandatos sucessivos, brilhante presidente da Sociedade Mineira de Pediatria, da Associação Médica de Minas Gerais e da Sociedade Brasileira de Pediatria. A ele nossa homenagem.

Juiz de Fora

Grande cidade da Mesorregião da Zona Mata Mineira, foi fundada em 1850, quando se desmembrou de Barbacena, 47 anos antes da inauguração da capital do estado, Belo Horizonte, em 12 de dezembro de 1897, após se desmembrar de Sabará.

É interessante frisar que Juiz de Fora foi a maior cidade do estado, nas primeiras décadas do século XX, tornando-se forte polo industrial, agrícola e cultural. Foi a primeira cidade do país a instalar usina hidrelétrica, daí seu grande desenvolvimento industrial (“Manchester Mineira”). É a 4ª cidade do estado em população (em torno de 560.000 habitantes), distante cerca de 260 quilômetros de Belo Horizonte.

Nessa cidade, no distrito de Simão da Cunha, Antônio Fernandes Figueiras trabalhou como clínico durante sete anos. Regressou ao Rio de

Janeiro, em 1900, quando foi discípulo de Moncorvo Pai, no Curso Livre, que formou os primeiros pediatras do Brasil. Em 1910, fundou a Sociedade Brasileira de Pediatria, da qual foi presidente durante o período de 1910 a 1927. Publicou em 1902 o precioso livro de Semiologia Infantil, traduzido para o francês e o italiano. Faleceu em 1928. É patrono da cadeira número 3 da Academia Brasileira de Pediatria, pelos relevantes serviços prestados à pediatria brasileira.

Em Juiz de Fora, os primeiros pediatras surgiram bem antes da fundação da Faculdade de Medicina, em 1953, federalizada em 1960. Conforme veremos, os primeiros pediatras exclusivos surgiram nas décadas de 1920 e 1930, muitos deles com estágios e aperfeiçoamento na Alemanha. Contudo, após anos de trabalho em Juiz de Fora, alguns se transferiram para o Rio de Janeiro (Martinho da Rocha Júnior e José Martinho da Rocha), e outros, para Belo Horizonte (Navantino Alves e Delorme de Carvalho², este com especialização na Alemanha).

Martinho da Rocha Júnior foi livre-docente na Faculdade de Medicina da UFMG. Transferiu-se para o Rio de Janeiro e foi tradutor de vários livros da pediatria alemã. José Martinho da Rocha foi livre-docente e, em 1939, tornou-se catedrático de Clínica Pediátrica Médica da Faculdade Nacional de Medicina. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria e membro da Academia Nacional de Medicina. Publicou vários livros, dentre os quais, a Introdução à História da Pediatria e Puericultura no Brasil. Recebeu o título de professor emérito da Faculdade Nacional de Medicina, pela destacada contribuição à pediatria.

Navantino Alves, discípulo de Calazans Luz, clinicou em Nepomuceno (MG), em 1927, onde se casou. A seguir, transferiu-se para Juiz de Fora, onde trabalhou durante dois anos, de 1927 a 1929. Nesta cidade, participou da fundação da Maternidade Santa Terezinha, onde trabalhou em seu consultório. Transferiu-se para Belo Horizonte, em 1929, para assumir, em 1930, o serviço de pediatria da Santa Casa de Belo Horizonte.

Eis alguns pediatras de grande expressão que trabalharam em Juiz de Fora: Olavo Lustosa³, um dos fundadores e professor de pediatria da Faculdade de Medicina; Renato de Carvalho Loures¹ (professor titular), que implantou o serviço de pediatria na Faculdade de Medicina, e Adauto Barros Amim, dentre

outros, todos professores de renome da FMUFJ. Barros Amim especializou-se em nefrologia pediátrica no México, na Espanha e nos Estados Unidos. Foi livre-docente de pediatria e puericultura e doutor pela UFRJ. Foi professor assistente, adjunto e professor regente da disciplina, substituindo o professor Renato de Carvalho Loures, que se aposentou em 1981. Em 1982, Carvalho Loures recebeu o título de professor emérito da FMUFJ, pela expressiva contribuição àquela instituição e à pediatria.

Deve-se ressaltar que os professores Olavo Lustosa, Delorme de Carvalho e Renato de Carvalho Loures são patronos da Academia Mineira de Pediatria, pela relevante contribuição à pediatria mineira.

Convém salientar que mais detalhes e com preciosas informações sobre os primórdios da pediatria em Juiz de Fora estão registrados, neste livro, capítulo 5, p. 93 – Contribuição à História da Pediatria em Juiz de Fora – 1894 a 1960, de autoria dos médicos José Carlos de Castro Barbosa e Aduino Barros Amim.

O professor Aduino Barros Amim é membro titular da cadeira número 17 da Academia Mineira de Pediatria, cujo patrono é o professor Renato Carvalho Loures.

REFERÊNCIAS

1. Amim AB. Renato Carvalho Loures. In: Tonelli e Freire. *O livro dos patronos da Academia Mineira de Pediatria (AMP)*. AMP/SBP. Belo Horizonte. Vilma Fazito. Comunicação e Consultoria. set./2007. p. 59-60.
2. Fernal WH. Delorme de Carvalho. In: Tonelli e Freire: *O livro dos patronos da Academia Mineira de Pediatria (AMP)*. AMP/SM. Belo Horizonte. Vilma Fazito. Comunicação e Consultoria. set./2007. p. 48-50.
3. Penna FJ. Olavo de Freitas Lustosa. In: Tonelli e Freire: *O livro dos patronos da Academia Mineira de Pediatria (AMP)*. AMP/SMP. Vilma Fazito. Comunicação e Consultoria. set./2007. p. 53-55.

Uberaba

Uberaba, importante cidade do Triângulo Mineiro, foi fundada em 22 de fevereiro de 1836, quando se desmembrou de Araxá. É grande polo econômico, agrícola, cultural e industrial. É o 6º município mais populoso do estado, com cerca de 330.000 habitantes. A Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro foi fundada em Uberaba, em 1953, e federalizada em 1960. Conta com excelentes grupos de pesquisa, em diferentes áreas. O Departamento de Pediatria da FMTM foi criado em 1985.

O corpo docente do Departamento de Pediatria da FMTM é de alto nível, com destacada atuação na graduação, na residência e nos diferentes grupos/setores de subespecialidades pediátricas. A Residência de Pediatria da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (FMTM) vem contribuindo, sobremaneira, com a formação de pediatras no estado. Em 1992, houve a solenidade de implantação da Sociedade Regional de Pediatria do Vale do Rio Grande (SRPVRG) – de grande significado para os pediatras da região e para a pediatria mineira.

Destaque especial para o professor Humberto de Oliveira Ferreira¹, catedrático de Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro e responsável pela formação de gerações de pediatras. Notabilizou-se pelas pioneiras pesquisas sobre o tratamento da fase aguda da doença de Chagas na infância, quando registrou o primeiro caso de cura da doença.

Posteriormente, com o emprego do benzonidazol, chegou ao pioneiro registro de alta porcentagem de cura dos casos de fase aguda. Foi membro titular da Academia Mineira de Medicina, tendo recebido a honraria “Palma Acadêmica”, maior distinção da Academia. Recebeu o título de professor emérito da FMTM e o título de “Professor Honoris Causa”, da Universidade de Uberaba. Faleceu em 2002. Prof. Humberto Ferreira é patrono da Academia Mineira de Pediatria, pela significativa contribuição à pediatria mineira. Mais detalhes sobre a História da Pediatria em Uberaba, ver neste livro, capítulo 6, p. 106, de autoria de Cláudio Araújo Faria.

REFERÊNCIA

1. Freire LMS. Humberto de Oliveira Ferreira. In: Tonelli e Freire: *Livro dos Patronos da Academia Mineira de Pediatria/Sociedade Mineira de Pediatria*. Belo Horizonte. Vilma Fazito. Comunicação e Consultoria. set./2007. p. 67-69.

Uberlândia

Grande polo econômico – comercial, industrial, agrícola e cultural –, com população de 680.000 habitantes, segunda cidade mais populosa do estado. Foi fundada em 31 de agosto de 1888, quando se desmembrou de Uberaba, estando a cerca de 600 quilômetros da capital.

Em Uberlândia, vários pediatras exclusivos surgiram, sobretudo, a partir dos anos 1940, portanto muitos anos antes da fundação da Faculdade de Medicina, em 1968, federalizada em 1978. Com a criação da residência de pediatria, em 1973, foi grande a contribuição da instituição para a formação de pediatras em Minas Gerais. Dentre os primeiros pediatras de Uberlândia, merecem destaque:

– Década de 1930: Custódio Duarte, Fausto Guimarães Savastano, Domingos Pimentel de Ulhôa.

– Década de 1940: Beatriz de Paiva Tavares, Fausto Gonzaga de Freitas.

– Década de 1950: Odelmo Leão Carneiro, José Alves Ribeiro e Salah Daud, que fundaram o Instituto de Pediatria, e Hélio Martins da Costa, fundador da Clínica Infantil Dom Bosco e participante da criação da Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia, em 1966.

– Década de 1960: Albene Prudente Naves, Elísio de Bastos, Luiz Antônio Degani e Cecílio Afonso Nunes.

– Década de 1970: Oscar Alvim Bruno, primeiro cirurgião pediátrico.

Em 1971, vieram os primeiros professores para instalar a pediatria na Escola de Medicina: Cláudia Lúcia Carneiro, que organizou e chefiou o Departamento, com a colaboração dos doutores Elísio de Castro, Lêda Maria Ferreira Silva e Maria José Junho Sologuren, que, posteriormente, foram aprovadas no concurso de livre-docência.

Melicégenes Ribeiro Ambrósio, formado na FMUSP, em Ribeirão Preto, onde concluiu a residência de pediatria. Professor de Medicina Preventiva e Ética Médica da Universidade Federal de Uberlândia. Sempre envolvido com entidades médicas – CRMMG, Unimed, AMMG, dentre outras.

Em 1973, foi criada a residência de pediatria, e vários residentes concluíram a sua formação em pediatria, tendo-se tornado docentes: José Alfredo Borges da Cunha, Sebastião de Oliveira, José de Souza Carneiro, Luiz Roberto de Almeida, Virgílio Madeira Sobrinho Neto, Divino Vieira Prudente, Helder Castro de Barros, Vânia Olivetti Stefen Abdallah e Jorge Hirano.

Nos anos seguintes, participaram também do atendimento pediátrico de Uberlândia, muitos pediatras formados pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia ou provenientes de vários pontos do estado e do país.

A partir de 1981, com a federalização da Escola de Medicina, vários docentes foram admitidos mediante concursos públicos, tendo-se tornado, posteriormente, mestres e doutores:

- Orlando C. Mantesi, professor titular, mestre e doutor – Unifesp;
- Valéria Bonetti, com mestrado e doutorado – Unifesp;
- Vânia Olivetti S. Abdallah, com mestrado e doutorado na USP, em Ribeirão Preto;

Desde a criação da residência de pediatria, em 1973, até 2016, já concluíram essa fase de especialização 302 médicos pediatras, que vêm contribuindo com a assistência pediátrica em Uberlândia e em várias cidades do país. O Departamento de Pediatria da Famed-UFU tem bom desempenho na graduação e conta com excelentes grupos/setores de subespecialidades pediátricas, com destacada atuação na assistência e na pesquisa.

Informações mais detalhadas sobre a História da Pediatria em Uberlândia, ver neste livro, capítulo 7, p. 110, de autoria de Melicégenes Ribeiro Ambrósio.

Finalizando este texto com registros sumários sobre “Contribuição à História da Pediatria de Minas Gerais – 1894 a 1976 – primeiras décadas centros de formação, de treinamento, residência médica, hospitais infantis e serviços de pediatria”, sabemos, perfeitamente, que deve haver falhas, uma vez que não é fácil vasculhar a História. Portanto, antecipamos nosso pedido de desculpas. Lembramos, outrossim, que muitos colaboradores convidados não conseguiram os registros históricos da pediatria em suas cidades, o que os impossibilitou de participar da edição deste livro.

SEÇÃO B

**Grandes Centros de Formação
Pediátrica em Minas Gerais**

BELO HORIZONTE

3. História do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da UFMG

Edison José Corrêa, Ennio Leão, Edward Tonelli, Maria Aparecida Martins, Benigna Maria de Oliveira, Francisco José Penna, Joaquim Antônio Cesar Mota, Joel Alves Lamounier, Roberto Assis Ferreira, Alexandre Rodrigues Ferreira
2012

Antecedentes, o período da cátedra

Em 5 de março de 1911, a Sociedade Médico-Cirúrgica de Minas Gerais declara criada a então Escola de Medicina de Belo Horizonte, hoje Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Entre os 12 médicos que assinaram a ata de fundação está Octávio Machado, que viria a ser designado catedrático de pediatria.

A estrutura acadêmica para o ensino de pediatria já aparece no primeiro plano acadêmico da escola, como Cadeira de Clínica Pediátrica Médica e Cirúrgica, Ortopedia e Higiene Infantil, na qual é empossado Octávio Machado.

Dessa fase, em relação à contribuição de médicos que se preocuparam com a questão médico-social da criança e com a organização da Escola, destacam-se Octávio Machado e João Batista Freitas.

Com o falecimento do professor Octávio Machado, em dezembro de 1914, foi realizado o concurso para catedrático de Clínica Pediátrica Médica e Cirúrgica, Ortopedia e Higiene Infantil, da então Faculdade Livre de Medicina de Belo Horizonte. Foi candidato o professor Cândido Firmino de Mello Leitão. Empossado em 21 de novembro de 1915, Mello Leitão implementou o Curso de Pediatria Clínica, Cirúrgica, Ortopedia e Higiene Infantil, no sexto ano do currículo médico.

Em 1918, chegou-se a 27, das 12 cadeiras iniciais da faculdade, sendo 11 de áreas hoje denominadas básicas e 15 de áreas clínico-profissionais. Nessa modificação, a cadeira original de pediatria foi desdobrada em Clínica

Pediátrica Médica e Higiene Infantil, para a qual o professor Mello Leitão fez opção, e Clínica Pediátrica Cirúrgica e Ortopédica, para a qual foi aprovado em concurso o professor David Corrêa Rabelo. Mello Leitão permaneceu na cadeira até 1920, quando renunciou, tendo se transferido para o Rio de Janeiro.

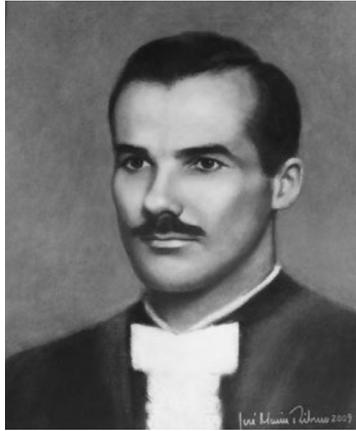
Ao final de 1919, a Congregação aprovou a inscrição do Dr. João de Mello Teixeira ao concurso de professor substituto, no qual foi aprovado. No início do ano seguinte é aprovado à docência livre o Dr. Martinho da Rocha Júnior. Mello Teixeira e Martinho da Rocha, sob a direção do catedrático Mello Leitão, passam a lecionar a 15ª seção, Curso de Pediatria Clínica e Higiene Infantil. Em 31 de maio de 1920, Mello Teixeira foi empossado como catedrático de Clínica Pediátrica e Higiene Infantil. Nela permaneceu durante 28 anos, até 16 de fevereiro de 1948, quando se aposentou. Não só pelo tempo que esteve à frente da cátedra, mas também por seu espírito de participação na vida acadêmica, deixou inúmeros registros na história da Faculdade de Medicina e da Universidade de Minas Gerais. Em 1947 é convidado e assume o cargo de diretor do Instituto de Puericultura Fernandes Figueira, no Rio de Janeiro, aposentando-se no ano seguinte como catedrático e recebendo o título de professor emérito, o primeiro concedido pelo Conselho Universitário da UMG. Faleceu no Rio de Janeiro em 3 de janeiro de 1965. Por sua importância na pediatria mineira, é patrono da cadeira 11 da Academia Mineira de Pediatria.

Com a aposentadoria do professor Mello Teixeira assume, em 1947, a regência interina da cadeira da Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil o professor Berardo Nunan. Alterna essa regência, no início de 1949, com João da Costa Chiabi. Em 18 de maio de 1949, aprovado em concurso, empossa-se como catedrático, permanecendo Chiabi como livre-docente.

O professor Berardo Nunan nasceu em Belo Horizonte, em 22 de outubro de 1908, e formou-se na Faculdade de Medicina da UMG em 1933. Passou a atuar como professor com a tese de livre-docência: “Da orto-antrite latente na primeira infância: sua relação com os distúrbios trofo-digestivos”, Belo Horizonte, 1943. Em 1949 assume a cátedra, onde permanece até 1970 (tese de concurso: “Aspectos clínicos da drepanocitose na infância”, Belo Horizonte, 1949). De 1970 a junho de 1976 foi o chefe de departamento na nova estrutura universitária. Exerceu permanentemente a clínica em Belo Horizonte e participou da Sociedade Mineira de Pediatria, onde foi sócio-fundador e benemérito,



Dr. João Mello Teixeira, professor catedrático da Clínica Pediatria Médica e Higiene Infantil da Faculdade de Medicina da UMG, 1920 a 1948
(Foto: Carol Morena – FMUFMG)



Dr. Berardo Nunan Filho, professor catedrático da Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil da Faculdade de Medicina da UFMG, de 1949 a 1970. Professor titular do Departamento de Pediatria da UFMG, de 1970 a 1976 (Foto cedida pelo Centro de Memória da UFMG – Cememor)



Hospital São Vicente de Paulo , 1931: ano de sua transferência do Instituto de Assistência e Proteção à Infância para a Faculdade de Medicina da UMG. Sede da Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil da Faculdade de Medicina da UMG (Foto: Cememor)

exercendo, ainda, todos os cargos da diretoria. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria, em 1956; em 1980, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), antiga UMG, lhe conferiu o título de professor emérito. Pelos relevantes serviços prestados à pediatria é patrono de cadeira da Academia Brasileira e da Mineira de Pediatria. Faleceu em Belo Horizonte, em 1992.

Em 1966 foi implantado o primeiro sistema de formação em pós-graduação, lato sensu, a residência médica. Até sua transferência para o Hospital das Clínicas, a cadeira de Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil tinha sua sede no próprio Hospital São Vicente, onde se localizavam as enfermarias. Ensino e assistência caminhavam pari passu. O atendimento médico nos ambulatórios e enfermarias, assim como as aulas, acontecia pela manhã e o então interno-residente (em geral um por ano), isto é, aluno da 6ª série interessado em pediatria e que residia no hospital, se encarregava do acompanhamento dos doentes. Quando necessário, eram convocados os responsáveis pelos leitos. Em 1966, com a ação pioneira dos recém-formados Roberto Assis Ferreira e Lindolfo de Barros, iniciou-se a residência médica, já como médicos e não alunos.

Com as enfermarias ainda no Hospital São Vicente (até 1967-68) era comum a participação de médicos voluntários, alguns sendo responsáveis por leitos, outros ajudando no ensino. São lembrados: Paulo Roxo da Motta, Célio Marques Scotti, Olavo Gabriel Diniz, Fausto Gomes Baptista, Maria Helena Jardim, José Moreira de Carvalho (tese de livre-docência: “Supurações pulmonares na infância”, 1949), Anselmo Nicolau Pereira, Saul Faria, Alda Lopes, Helvécio Henrique Ferreira Borges, Múcio de Paula, Hugo Furtado, Navantino Alves Filho e José Guerra Lages.

Durante esse período, ocorreu também a Reforma Universitária de 1968, com o desmembramento das disciplinas de área básica para o recém-criado Instituto de Ciências Biológicas. Houve ainda a instituição do currículo por disciplina e a extinção das cátedras e a instalação da pediatria no novo Hospital das Clínicas (1967-1968). Em 1970, ocorre a departamentalização da faculdade e a instituição da escolha dos chefes de departamento por eleição.

Foram os seguintes os docentes da cátedra de pediatria, durante o período de 1948 a 1970: José da Costa Chiabi, Berardo Nunan, Mário Afonso Moreira, Celso Lobo de Resende, Armando Achilles Tenuta, Augusto Severo da Costa, Ennio Leão, Marta Alice Venâncio, Sarah Milstein, Elmo Perez dos Santos,

Oswino Álvares Penna Sobrinho (médico), José Silvério Santos Diniz, José Américo de Campos, Roberto Assis Ferreira, Antônio José das Chagas, Benigno Rocha da Silva e Francisco José Caldeira Reis.

Especial destaque deve ser dado à implantação da área de neonatologia como autônoma. Teve como precursor o professor Celso Lobo de Resende. Devido ao seu precoce falecimento, seu trabalho na neonatologia foi continuado pela professora Diomar Tartaglia, pediatra, do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia, e pelo professor Mário Afonso Moreira, do Departamento de Pediatria.

O período departamental

1970 a 1975: a transição curricular

O Departamento de Pediatria foi constituído em 8 de janeiro de 1970 pela Congregação da Faculdade de Medicina da UFMG. Assinaram a ata da primeira assembleia departamental, em 24 de junho de 1970, os professores: Berardo Nunan, presidente da assembleia; Mário Afonso Moreira, eleito na reunião como subchefe do departamento; Roberto Assis Ferreira, Ennio Leão, José Silvério Santos Diniz, José Américo de Campos, eleitos nessa reunião como membros da Câmara Departamental; e Marta Alice Venâncio Romanini, Elmo Perez dos Santos, Antônio José das Chagas, Francisco José Caldeira Reis, Benigno Rocha da Silva e Oswino Álvares Penna Sobrinho (médico). Foi constituída lista tríplex para chefia do departamento com os professores Nunan, que seria o indicado, Mário Moreira e Roberto Assis.

O departamento, instalado no Hospital das Clínicas, tinha sob sua responsabilidade a enfermaria e o ambulatório de pediatria e as disciplinas Clínica Pediátrica Médica, Neonatologia e Puericultura. A Clínica Pediátrica Médica tem no professor Ennio Leão seu grande consolidador e formador de uma geração de pediatras. A puericultura foi estruturada e implementada pelos trabalhos de Marta Alice Venâncio Romanini e Elmo Perez dos Santos.

O período de 1970 a 1975 é de transição, de consolidação como departamento, como unidade assistencial, pois, nessa época, o departamento era responsável direto pela administração da unidade de internação e dos ambulatórios de pediatria do Hospital das Clínicas. Também é um período importante para a implementação das medidas básicas para a efetiva implantação do novo currículo médico.

Em 1970 é admitido por transferência o professor Edward Tonelli e, em 1971, são admitidos como professores do departamento Francisco José Penna, Edison José Corrêa e Luciano Soares Dias. No início do ano seguinte é realizado concurso para professor auxiliar, tendo sido aprovados e empossados os três acima citados e os professores César Marcondes Silva, Odilon Palma Lima e Eduardo Pinheiro Lago. O professor Nunan foi reeleito em 1972 e em 1974, tendo permanecido como chefe do departamento até 1º de junho de 1976, quando foi substituído pelo professor Edward Tonelli.

A relação das chefias, subchefias e secretarias do Departamento de Pediatria está registrada no Quadro 1.

QUADRO 1 – Chefias, subchefias e secretarias do Departamento de Pediatria – 1970-2010

PERÍODO	CHEFIA	SUBCHEFIA	SECRETARIA
1970 – 1972	Berardo Nunan	Mario Afonso Moreira	Maria das Graças Borges
1972 – 1974	Berardo Nunan	José Silvério Santos Diniz	(1970 – 1975)
1974 – 1976	Berardo Nunan	Edward Tonelli	Maria Helena de Sousa
1976 – 1978	Edward Tonelli	Roberto Assis Ferreira	(1975 – 1982)
1978 – 1980	Edward Tonelli	Roberto Assis Ferreira	
1980 – 1982	José Silvério Santos Diniz	José Maria Penido Silva	Tânia Mara Sant'Ana (1982 – 1989)
1982 – 1984	José Silvério Santos Diniz	José Maria Penido Silva	
1984 – 1986	Ennio Leão	Francisco José Penna	
1986 – 1988	Ennio Leão	Edison José Corrêa	
1988 – 1990	Edison José Corrêa	Marta Alice V. Romanini	Maria Helena de Sousa (1989 – 1995)
1990 – 1992	Edison José Corrêa	Maria Regina Viana	
1992 – 1994	Roberto Assis Ferreira	Luciano Soares Dias	
1994 – 1996	Roberto Assis Ferreira	Mariza V. Roquette (1995 – 1997)	Marilene Ribeiro Gori Sérgio Eduardo Rocha Corrêa (1997 – 2005)
1996 – 1998	Joaquim Antônio C. Mota	Ivani Novato Silva	
1998 – 2000	Ivani Novato Silva	Rocksane de Carvalho Norton	
2000 – 2002	Ivani Novato Silva	Rocksane de Carvalho Norton	
2002 – 2004	Rocksane de Carvalho Norton	Glúcia Manzan Queiróz de Andrade	
2004 – 2006	Cleonice de Carvalho Coelho Mota	Maria do Carmo Barros de Melo	Marília Regina Silva Rodrigues (2005 - dias atuais)
2006 – 2008	Cleonice de Carvalho Coelho Mota	Maria Aparecida Martins	
2008 – 2010	Maria Aparecida Martins	Benigna Maria de Oliveira	
2010 -	Benigna Maria de Oliveira	Alexandre Rodrigues Ferreira	

O processo de transição curricular no hospital, que passou a ser Hospital das Clínicas da UFMG, contou com a participação decisiva do professor José Silvério Santos Diniz, chefe do Setor de Cuidado Básico de Internação; de Elmo Perez dos Santos, coordenador do Ambulatório de Pediatria; de Ennio Leão, coordenador da Enfermaria; de Francisco José Penna, representante da pediatria na Comissão Técnica Especial do Hospital e Edward Tonelli, primeiro presidente do Conselho Técnico-científico do Hospital das Clínicas.

A fase de departamento significou a administração colegiada, a ampliação da participação de todos e o crescimento, em todos os sentidos, do departamento. Pode-se dizer que todos têm deixado sua contribuição na organização estrutural, na pesquisa, no ensino, na assistência e no trabalho extramural, geralmente interligados, cada um segundo seu maior dom.

A consolidação do Departamento de Pediatria

Nos períodos de 1976 a 1978 e de 1978 a 1980, Edward Tonelli e Roberto Assis Ferreira, chefe e subchefe do Departamento de Pediatria, juntamente com a câmara departamental, trabalharam com muito empenho no processo de seleção e de acolhimento dos novos docentes, no total de 48. Estes foram devidamente orientados em suas atividades didáticas, assistenciais e no sentido de se integrarem aos grupos de subespecialidades pediátricas, muitos deles ainda em formação. Em 1977, foi criada a primeira Comissão de Coordenação Didática do Departamento de Pediatria, que era constituída pelos coordenadores de disciplinas. Em 1972, foi criado o Fundo de Pesquisa do Departamento de Pediatria (Fundepe), com estatuto elaborado pelos professores José Silvério Santos Diniz e Edward Tonelli. Em outubro de 1978, foi realizado o 1º Encontro de Pesquisa do Departamento de Pediatria, com total apoio do Conselho de Pesquisa da UFMG. Os trabalhos foram registrados em anais, tendo sido esse o primeiro evento de pesquisa em nível departamental na Faculdade de Medicina. Em novembro do mesmo ano, houve a realização do 1º Seminário de Ensino do Departamento de Pediatria.

A implantação e o desenvolvimento curricular pós 1975

Após 1975, com a implantação do “Processo de desenvolvimento curricular em educação médica na Universidade Federal de Minas Gerais”, a pediatria vai ocupar importante espaço no currículo de graduação. O ensino

de pediatria torna-se uma área-tronco para a formação do médico geral, equiparando-se à clínica médica, cirurgia, ginecologia-obstetrícia e à medicina social. Passa a compor o currículo do curso médico, do 5º ao 9º período. Em 1994, torna-se obrigatório também o internato de pediatria, com duração de três meses no sexto ano.

Por outro lado, a Residência Médica de Pediatria do Hospital das Clínicas da UFMG, iniciada em 1966, foi o instrumento que permitiu a formação da massa de profissionais que veio constituir o corpo docente do departamento. Assim, quase todos os professores novos, com poucas exceções, foram provenientes da residência médica do Hospital das Clínicas. Este fato explica em parte o compromisso desse corpo docente com a implantação do novo sistema de ensino, tarefa assumida com entusiasmo.

O corpo docente da pediatria, sintonizado com o processo em curso, esteve entre as forças a dar impulso ao novo modelo de ensino, predominantemente ambulatorial. Consegue, inclusive, já em 1979, iniciar a implementação da disciplina de pediatria ministrada no 9º período do curso em centros de saúde da Prefeitura de Belo Horizonte – esse estágio em centros de saúde, após 1994, foi deslocado para o 8º período. Desde 1994, se realiza integralmente em centros de saúde.

O contexto histórico-social

Como visto, em poucos anos, o Departamento de Pediatria consegue ocupar grande espaço, em especial no ensino de graduação. A análise das causas desse crescimento tornam mais claras as questões relacionadas não só à pediatria, mas também a todo o processo de mudança.

O crescimento da pediatria não pode ser explicado pelo poder próprio de pressão, pois esse era pequeno até então no campo institucional. O primeiro passo da investigação deve ser dirigido ao projeto de reforma. As propostas sintetizadas pelo Núcleo de Assessoramento Pedagógico (NAP) e pela Comissão de Desenvolvimento Curricular, após diversos estudos, debates e, em especial, após o I Seminário de Ensino Médico, em junho de 1974, contou com assessoria da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), Organização Mundial de Saúde (OMS) e participação maciça de alunos e professores, representação de órgãos de planejamento da universidade e do governo do estado. As propostas previam a pediatria como área básica de

formação do médico geral e propunham a expansão desta no currículo. Em segundo lugar, devem-se investigar as condições que levaram o projeto a tornar-se vitorioso, pois, aparentemente, estava contra os interesses de setores que ocupavam o poder na faculdade.

A necessidade de expansão de cobertura na assistência à criança

No período de 1972 a 1975, no qual é gestado ativamente o processo de mudança curricular do Curso de Medicina da UFMG, estava na ordem do dia, no Brasil, a expansão da assistência médico-hospitalar a toda a população. A universalização da assistência médica tem como consequência direta e previsível o aumento assistencial à criança.

A população brasileira em 1970 ultrapassava os 90 milhões de habitantes, dos quais 52,02% eram crianças e adolescentes de zero a 19 anos. Essa população era constituída predominantemente por pobres e vivia em condições sanitárias precárias, agravadas com a brusca concentração urbana. Nessas circunstâncias, a ampliação da assistência médica à infância era previsível e ocorreu com a universalização da assistência.

O ensino de pediatria: necessidade e questão tática

No que se refere à criança, o “Plano Decenal de Saúde para as Américas” da Organização Mundial de Saúde (OMS) estabelecia, nos objetivos para o decênio 1971-1980, a assistência médica materno-infantil entre as questões prioritárias, exigindo ações imediatas dos governos da região. A população materno-infantil à época, incluindo mulheres em idade fértil e menores de 15 anos, constituía 63% da população da região.

As propostas veiculadas pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) propunham, além do mais, a expansão do ensino da pediatria como ponto importante para implantação da atenção primária e para a formação do médico geral. A importância do ensino da pediatria tem sua fundamentação calcada em dados demográficos e epidemiológicos, quando se considera que crianças e adolescentes constituem em torno de 50% da população, com altas taxas de mortalidade geral. Em publicação de 1969, o comitê de peritos da OMS/OPAS recomenda o mínimo de 600 horas no currículo médico para o ensino da pediatria. Naquela época, 89% dos cursos estavam abaixo desta recomendação.

A tendência em valorizar o ensino de pediatria também ocorre no Brasil, com diversos encontros, conferências e congressos sobre o tema, com a participação das entidades médicas e da Associação Brasileira de Educação Médica (Abem). Há recomendações para ampliar o ensino de pediatria no curso médico, tanto na carga horária como no conteúdo, em sintonia com as diretrizes internacionais.

A importância da pediatria, como área prioritária para a formação do médico, foi também reconhecida pelo Conselho Federal de Educação quando este estabeleceu, em 1983, o internato obrigatório de pediatria, junto com clínica médica, cirurgia e tocoginecologia (Resolução Nº 9 de 1983 do Conselho Federal de Educação).

A expansão da pediatria na UFMG

A expansão do ensino de pediatria da UFMG deve ser entendida no contexto analisado. O crescimento a partir de 1975 estava fundamentado nas necessidades assistenciais da população, o que explica tanto a expansão da pediatria como a redução de disciplinas especializadas, mantidas pela clínica médica e pela cirurgia, dando ao currículo o caráter de compromisso com a realidade médico-social.

O ensino de pediatria para João Amilcar Salgado caracteriza bem o caráter do currículo médico de 1975. Em uma faculdade como a de medicina da UFMG, a pediatria era até então ministrada como especialidade e não como tronco fundamental da formação do médico geral. O fato de a pediatria conquistar o mesmo espaço das outras grandes áreas da medicina indica como o currículo de 1975 foi planejado para responder às necessidades da população e não às demandas de mercado.

Outros fatos, entretanto, devem ser analisados, como a importância tática da pediatria para implantar o currículo. A ampliação da pediatria favorecia a consolidação das mudanças. Esta tinha prática do ensino em ambulatórios, adequando-se ao modelo a ser implantado. Além do mais, a pediatria ampliara recentemente seu quadro docente de seis para 18 professores em decorrência do aumento de vagas de alunos, contando então com docentes jovens e ativos no processo da reforma. Por outro lado, o ensino de pediatria vinha conquistando espaço dentro das áreas básicas da formação médica.

Na universidade e na faculdade – a pediatria e a formação médica

Nas circunstâncias médico-sociais da América Latina, da década de 1960-1970, o ensino de pediatria não poderia ser recomendado como especialidade médica, ao contrário, deveria ser área fundamental da formação do médico geral. A ênfase na formação do médico geral, incorporando a ampliação da pediatria no curso de graduação, colocam o ensino, a pesquisa e a extensão da UFMG em consonância com as recomendações internacionais e nacionais.

Graduação

A participação do Departamento de Pediatria no processo de desenvolvimento curricular, iniciado em 1971, ampliou a carga docente de pediatria na graduação de 210 horas para 570 horas, mais o Internato em Clínica Pediátrica, de três meses. Exigiu a ampliação do corpo docente de 19 para 88 professores, a organização do ambulatório para atender a demanda do ensino de Semiologia e Medicina Geral de Crianças, a implantação dos ambulatórios periféricos em centros de saúde, a ampliação da equipe de atenção neonatal e de unidades de internação e a supervisão da residência médica. Em 1994 passou-se ao modelo de internato rotatório, com obrigatoriedade do estágio de pediatria, como as outras áreas de Clínica Médica, Ginecologia-Obstetrícia, Cirurgia, Internato Rural e Traumatologia.

Em 26 de março de 2007, a Faculdade de Medicina criou o Curso de Fonoaudiologia, para o qual contribui o Departamento, que, da mesma forma, participa também do currículo dos Cursos de Fisioterapia, Terapia Ocupacional Fonoaudiologia e Nutrição.

Atualmente, o Departamento de Pediatria oferece disciplinas do ciclo profissional do curso médico e atua em outros Cursos da UFMG, como de Nutrição, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional. Os encargos didáticos no curso médico, do 5º ao 12º períodos, envolvem em torno de 1.365 alunos/semestre, com oferta de disciplinas obrigatórias e optativas (Quadro 2).

QUADRO 2 – Disciplinas oferecidas pelo Departamento de Pediatria nos cursos de graduação de Medicina, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia e Nutrição, no ano de 2011

DISCIPLINAS	PERÍODO DO CURSO DE MEDICINA
Curso de Medicina	
Disciplinas interdepartamentais	
Semiologia I / módulo pediatria	5 ^o
Semiologia II / módulo pediatria	6 ^o
Internato em medicina de urgência e traumatologia / módulo pediatria	10 ^o
Estágio em Toxicologia Clínica*	9 ^o
Disciplinas exclusivas do Departamento de Pediatria	
Medicina Geral de Crianças I	7 ^o
Medicina Geral de Crianças II	8 ^o
Internato de Clínica Pediátrica	11 ^o ou 12 ^o
Cardiologia*	9 ^o
Endocrinologia*	9 ^o
Gastroenterologia*	9 ^o
Hematologia*	9 ^o
Medicina do adolescente*	9 ^o
Nefrologia*	9 ^o
Neurologia*	9 ^o
Pneumologia*	9 ^o
Educação e Saúde em Creches*	
Cursos de Fonoaudiologia, Fisioterapia e Musicoterapia	
Fundamentos de pediatria	
Curso de Nutrição	
Ciclos da vida	
Terapia Nutricional II	
Curso de Terapia Ocupacional	
Saúde da criança e do adolescente para a terapia ocupacional	

* Disciplinas optativas.

Extensão e assistência

As atividades de extensão — entendidas como as formas, intrinsecamente, de interação social, cultural e científica — se destacam, consequência direta do investimento prioritário no Curso de Graduação e do modelo pedagógico instituído, sustentando o ensino nas atividades assistenciais. As atividades assistenciais crescem nos ambulatórios e unidades de internação do Hospital das Clínicas e nos centros de saúde. Nos últimos anos, a expansão do Centro de Tratamento Intensivo Pediátrico e a abertura da Unidade de Pronto-Socorro trouxeram novas oportunidades para as atividades assistenciais. As tarefas em educação continuada são intensas, com participação ativa em cursos,

jornadas, palestras. Estas ações são estimuladas pela grande proximidade com o meio pediátrico, são mediadas pelas sociedades médicas, resultam da relação direta com centros médicos e universitários do Estado de Minas Gerais e, recentemente, vêm crescendo as parcerias com o Sistema Único de Saúde (SUS). Também outras atividades de extensão, como trabalhos de assessoria e treinamento passaram a existir junto ao setor público.

Na Extensão, o departamento sempre se integrou ao ensino de graduação. Desenvolveu uma relação intensa com o sistema de saúde, quer para estágio hospitalar – como os Hospitais Monte Cristo e São João de Deus em Divinópolis, o Centro Geral de Pediatria, o “CGP” (desde 2007, Hospital Infantil João Paulo II) da Fundação Hospitalar de Minas Gerais (Fhemig), este ainda em atividade – quer para estágios ambulatoriais, em Centros de Saúde da região metropolitana de Belo Horizonte.

O departamento tem colaborado em projetos especiais, com capacitação de recursos humanos, desenvolvimento de projetos comunitários em atenção primária, nutrição, organização de modelos assistenciais à criança e ao adolescente e atuação em creches e escolas. Neste sentido, existem alguns programas especiais de parceria com o SUS, em acordos formalizados com os gestores locais de saúde e participação de organismos estaduais, nacionais e internacionais (Secretaria de Estado da Saúde, Ministério da Saúde, Organização Pan-Americana de Saúde). Destaca-se, pela abrangência e impacto na rede de saúde, a participação nos programas de desenvolvimento do Plano Diretor de Saúde do Estado de Minas Gerais: a Implementação das ações básicas de saúde da criança e do adolescente, o Programa Viva a Vida, o Programa de triagem neonatal, o Protocolo de diagnóstico e Cuidado para asma brônquica, o Grupo assistencial de anorexia e bulimia, o Programa HIV/AIDS (Vírus da Imunodeficiência Humana/ Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) materno-infantil, o Observatório da Saúde da Criança e do Adolescente, o Projeto Creche das Rosinhas e o Programa de humanização na assistência pediátrica. Vale ressaltar que em 2008, através de um projeto coordenado por docente do PED, o Hospital das Clínicas da UFMG recebeu da UNICEF o título Hospital Amigo da Criança. Também devem ser mencionados projetos e programas de extensão desenvolvidos em consórcio com outros departamentos e unidades acadêmicas da UFMG, como o Núcleo de Telessaúde da UFMG, o Projeto Manuelzão, o Programa Ágora, o Registro Hospitalar de Câncer: uma

estratégia na atenção oncológica, o Programa de Educação Permanente para Médicos de Família (PEP-SES/MG) e o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde, todos de grande impacto social.

Um grupo significativo de ações é a assistência e prestação de serviços de internação, unidade de pronto atendimento e atenção ambulatorial no Hospital das Clínicas e Anexos e nas unidades básicas de saúde do Sistema Único de Saúde (SUS), como as desenvolvidas em 19 áreas de atuação dos Grupos de Subespecialidades Pediátricas (Quadro 3). Vários desses serviços são núcleos de referência e contrarreferência em atenção secundária e terciária para crianças e adolescentes do SUS.

QUADRO 3 – Grupos de subespecialidades do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais: professores fundadores e coordenadores em 2010 e 2011

Alergia e Imunologia Pediátrica	Edward Tonelli Jorge Andrade Pinto
Alto Risco Neonatal (Ambulatório de Crianças de Alto Risco – ACRIAR)	Maria Albertina Santiago Rego Maria Cândida F. Bouzada Viana
Bioética	Joaquim Antônio César Mota
Cardiologia	Cleonice de Carvalho Coelho Mota
Endocrinologia	Antônio José das Chagas Ivani Novato Silva
Erros Inatos do Metabolismo	Luiz Roberto de Oliveira Eugênia Ribeiro Valadares
Gastroenterologia	Francisco José Penna
Genética	Marcos José Burle de Aguiar
Hematologia e Oncologia	Marcos Borato Viana Rachel A. Ferreira Fernandes
Infectologia	Edward Tonelli Gláucia Manzan Queiroz de Andrade Roberta M. C. Romanelli
Nefrologia	José Silvério Santos Diniz Eduardo Araújo Oliveira
Neonatologia	Diomar Tartágua Lêni Márcia Anchieta
Neurologia	Cesar Marcondes Silva Juliana Gurgel Giannetti
Nutrologia	Ennio Leão Paulo Pimenta de Figueiredo Filho
Pediatria Social (Atenção Primária em Pediatria – GEAPPED)	Marta Alice Venâncio Romanini Lúcia Maria Horta Figueiredo Goulart
Pneumologia	Francisco José Caldeira Reis Paulo Augusto Moreira Camargos Cássio C. Ibiapina

Ressuscitação Cardiopulmonar em Pediatria	Marcos Carvalho Vasconcelos Alexandre Rodrigues Ferreira
Saúde do Adolescente	Roberto Assis Ferreira Cristiane de Freitas Cunha Grillo
Terapia Intensiva	José Sabino de Oliveira Alexandre Rodrigues Ferreira
Toxicologia	José Américo de Campos José Sabino de Oliveira

Pós-graduação e pesquisa

Pós-graduação *lato sensu* – residência e especializações pediátricas

Tem seus antecedentes em época anterior à residência médica, quando era costume o sextanista ser admitido como interno-residente do Serviço de Pediatria (Cátedra de Pediatria), prestando assistência aos doentes internados e preparando-se para a especialidade: Helvécio Borges, José Pimenta, Ennio Leão, Peri Tupinambás, Múcio de Paula, Paulo Amorim, Hugo Furtado, Penha Furtado Campos, José Aloysio da Costa Val, Lena Moreira, Jeanne d’Arc, Henrique Santillo, Wilson Castello de Almeida, Jazon de Lima, Manoel Barbosa de Barros, José Guerra Lages, Carlos A. G. Leite, Aníbal Cunha Melo Filho, José Américo de Campos, Roberto Assis Carvalho, José Teotônio de Oliveira. A residência médica inicia-se no Departamento de Pediatria, em 1966, e especializou, em 34 anos, 495 pediatras.

O Programa de Residência Médica em Pediatria do Hospital das Clínicas oferece, atualmente, 43 vagas/ano, com uma carga horária anual de 2.880 horas de treinamento em serviço. As atividades de ensino e os encargos de supervisão médica nesse nível de formação, na sua maioria, são da responsabilidade dos professores do Departamento de Pediatria.

Até o início da década de 1960, o departamento se dedicava apenas à Clínica Pediátrica Geral, à Neonatologia e à Puericultura; isso era, praticamente, o que acontecia no mundo. A partir de 1968, começam a surgir interesses específicos de alguns docentes, ainda que de maneira incipiente, para algumas áreas subspecializadas da pediatria. Estão registrados no Quadro 3 os grupos de subspecialidades do Departamento de Pediatria, com seus professores fundadores e coordenadores nos anos de 2010 e 2011.

É importante enfatizar que o desenvolvimento dessas subspecialidades sempre manteve a ênfase da atuação em Pediatria Geral, com especialização em áreas específicas. O surgimento dessas especialidades no departamento foi

e tem sido muito importante, juntamente com a Pediatria Geral, no desenvolvimento da Pós-Graduação *stricto sensu*, mestrado e doutorado, e *lato sensu*, com os cursos de especialização.

Os grupos de subespecialidades contribuem no ensino de graduação com a oferta de disciplinas optativas do 9º período e, na residência médica em pediatria, com o terceiro ano em subespecialidades pediátricas. Na extensão, os grupos de subespecialidades atuam no sistema de referência secundária e terciária do setor público e na estruturação de serviços especializados no Hospital das Clínicas. Na pesquisa, linhas de pesquisa bem definidas e produção científica regular contribuiu, em muito, para a consolidação da pós-graduação do departamento.

A atuação dos grupos repercute na produção de livros, artigos científicos, participação e comunicações em eventos científicos nacionais e internacionais, atuação em grupos de trabalho para elaboração de protocolos e padrões de atenção à saúde (como, por exemplo, no SUS) e atuação em associações científicas. Contribuem, significativamente, para a distinção da pediatria da UFMG como das mais atuantes e reconhecidas no Brasil e no exterior, com formação de verdadeiras escolas.

A atuação dos grupos de subespecialidades é também institucionalizada na oferta de cursos de especialização, aprovados e reconhecidos como pós-graduação *lato sensu*, com a oferta de cinco cursos de subespecialidades pediátricas: endocrinologia, gastroenterologia, medicina do adolescente, pneumologia e cardiologia.

O departamento participa, sob várias formas, de cursos de especialização com outros departamentos, como produção de conteúdos didáticos, assessoria especializada e tutoria e orientação de trabalhos de conclusão de curso, como os Cursos de Especialização em Saúde da Família, com o Núcleo de Educação em Saúde Coletiva (Nescon) – Programa BH Vida e Programa Ágora – e o Curso de Especialização em Vigilância e Controle das Infecções e o Curso de Especialização em Gerenciamento de Resíduos de Serviço de Saúde, ambos do Hospital das Clínicas da UFMG.

Pós-graduação *stricto sensu*: mestrado e doutorado

Teve seu início em 1974, quando foi feito o primeiro trabalho, por Edward Tonelli, para a implantação do mestrado e do doutorado no Departamento

de Pediatria. Ampliando a massa crítica de professores titulados, limitada no início ao professor Berardo Nunan como livre-docente, em 1977 foram aprovados como livres-docentes os professores Edward Tonelli e José Silvério dos Santos Diniz, e a professora Maria Lúcia Soares Ferreira Moreira como mestre, no Curso de Medicina Tropical. Em 1979, o professor Ennio Leão foi aprovado como doutor, também no curso de Medicina Tropical, e o professor Francisco José Penna fez mestrado na Universidade Federal do Rio Janeiro e doutorado, em 1983, na Escola Paulista de Medicina.

A pós-graduação *stricto sensu* iniciou-se, efetivamente no departamento, com a implantação do mestrado em 1987 e do doutorado em 1996.

O projeto de mestrado e doutorado em Pediatria da UFMG foi aprovado em 13 de novembro de 1985 (processo número 00/38587/82, 12p.) após tentativa inicial do doutorado. A sugestão do doutorado (sem mestrado) foi feita pelo próprio Conselho de Pós-graduação da UFMG, pois havia, na ocasião, fortes rumores sobre a extinção do mestrado na área médica, o que não se concretizou. Os relatores do processo de mestrado e doutorado foram os professores Marcus Vinícius Gomes, José Marques Correia Neves e Sérgio Assunção Bicalho. Foram aprovadas quatro vagas para o mestrado e duas para o doutorado. O projeto do curso foi elaborado por uma comissão: Edward Tonelli (coordenador), José Silvério Santos Diniz, Marco Antonio Duarte e Marcos Carvalho de Vasconcellos. O primeiro Colegiado – Edward Tonelli (coordenador), José Silvério Santos Diniz (vice-coordenador), Ennio Leão, José Carlos Brandão Duarte Lanna e Enio Cardillo Vieira – trabalhou, no ano de 1986, na revisão da programação e na sua estrutura. O curso teve início em março de 1987, com quatro mestrados. O Colegiado preferiu postergar o início do doutorado, que já estava aprovado e fazia parte do catálogo da própria Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), em 1998. A primeira dissertação do curso foi do professor do Departamento de Pediatria, Marcos Borato Viana, em 10 de agosto de 1989. O credenciamento do curso pelo Conselho Federal de Educação (CFE) ocorreu em 1993. Em 1994, a comissão formada pelos professores Marcos Borato Viana, Paulo Augusto Moreira Camargos, Roberto Assis Ferreira, Joel Alves Lamounier e César Coelho Xavier procederam à reestruturação do projeto de doutorado, aprovado em 1985, e implantado posteriormente em 1994. O segundo e o terceiro coordenadores do curso foram, respectivamente, Joel Alves

Lamounier e Paulo Augusto Moreira Camargos, sempre atentos à estrutura, dinâmica e qualidade do curso.

Após alguns anos de funcionamento e consolidação do mestrado e do doutorado, foram propostas mudanças que permitissem acompanhar as tendências da pós-graduação, com a presença cada vez maior de profissionais de diversas áreas da saúde na medicina. No ano de 2003, Francisco José Penna, o quarto coordenador, juntamente com o colegiado, reestruturou novamente o curso que passou a ser denominado de “Curso de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – Área de Concentração em Saúde da Criança e do Adolescente”. Em 2004 foram feitas várias mudanças na estrutura curricular e no processo de seleção e o curso foi aberto às várias áreas. Com esta abertura, foi possível o ingresso de outros profissionais com diferentes formações, para desenvolvimento de teses e dissertações tendo como objeto de estudo a criança e o adolescente. O objetivo principal do programa é a formação de docentes e pesquisadores, especificamente para a área da saúde, por meio dos Cursos de Mestrado e Doutorado em Ciências da Saúde, área de concentração saúde da criança e do adolescente. Esta nova área de concentração, antes apenas para formação de profissionais da área médica, foi possível após longas discussões em reuniões de colegiado e de seminários com os membros do colegiado, professores e orientadores do programa.

Com as modificações e abertura do programa para outras áreas do conhecimento além da área médica, observou-se grande interesse de outros profissionais. Desse modo, o programa contribui para a formação de pessoal capacitado e qualificado, do ponto de vista técnico, e de pesquisa nas diversas áreas do conhecimento, configurando, na prática, o que já se observa pelo trabalho de equipe multiprofissional.

O curso, atualmente, denominado “Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – Saúde da Criança e do Adolescente” teve como coordenador, no período de 2006 a 2010, o professor Joel Alves Lamounier. A partir de agosto de 2010, a professora Ana Cristina Simões e Silva assumiu a coordenação do programa, que conta com a participação de diversos professores do PED em seu corpo docente e grade curricular.

Desde que foi criado, o “Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde – Saúde da Criança e do Adolescente” vem contribuindo de forma significativa para a titulação dos docentes do departamento com a formação de

mestres e doutores. A qualificação docente na pós-graduação e a participação desses professores em atividades de orientação têm proporcionado o aumento da produção científica do departamento levando a uma multiplicação de suas publicações. Atualmente, o programa de pós-graduação conta com 14 linhas de pesquisa envolvendo temas relacionados à criança e ao adolescente.

Participação departamental na gestão universitária

A participação de docentes do Departamento de Pediatria se faz em várias esferas: na gestão administrativa do próprio departamento, na gestão da Faculdade de Medicina, do Hospital das Clínicas e da Universidade Federal de Minas Gerais.

Os professores participam de bancas e de comissões, sendo que um número significativo assume, na atual gestão administrativa da UFMG, funções importantes, como o vice-reitorado, chefia do gabinete do reitor, diretoria da Faculdade de Medicina, diretoria e vice-diretoria do Hospital Universitário Risoleta Tolentino Neves, assessoria da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte, além de participações em sociedades, associações de classe, conselhos editoriais de periódicos, entre outros.

O Departamento de Pediatria em 2011 – atualidades e perspectivas

De acordo com a última avaliação do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) da UFMG, o Departamento de Pediatria necessita de aproximadamente 76 docentes para o seu funcionamento básico. Ao final de 2011, o departamento contava com 61 professores efetivos, sendo quatro (6%) professores titulares, 32 (52%) professores adjuntos, 19 (31%), professores associados e seis (10%) assistentes. Contava, ainda, com seis professores substitutos.

A política departamental de incentivo à qualificação do corpo docente resultou em crescimento contínuo do número de professores com doutorado e pós-doutorado. Atualmente, em 61 docentes, 56 (92%) são doutores (12 com pós-doutorado) e quatro (6%) são mestres. Em relação ao regime de trabalho, 44 (72%) estão em dedicação exclusiva.

Após o Dr. Berardo Nunan, tornaram-se professores eméritos do Departamento de Pediatria da FMUFMG, os colegas Ennio Leão, Edward Tonelli, José Silvério Santos Diniz, Marta Alice Venâncio Romanini, Roberto Assis Ferreira e Marcos Borato Viana.



Professores eméritos do Departamento de Pediatria da UFMG. Assentados: Ennio Leão, Marta Alice Venâncio Romanini. Em pé da direita para esquerda: Edward Tonelli, Roberto Assis Ferreira, Marcos Borato Viana e Francisco José Penna. No detalhe: José Silvério Santos Diniz (*in memoriam*)
(Fotos: Carol Morena – FMUFMG)

Dr. Francisco José Penna tornou-se professor emérito do Departamento de Pediatria da FMUFMG, em dezembro de 2012.

Convém lembrar que o currículo do Curso de Medicina da UFMG encontra-se em fase de reformulação, com revisão da carga horária de várias disciplinas e nova proposta pedagógica. Um dos principais objetivos do projeto de reforma curricular – o que já vem sendo praticado pelo departamento há tempos – é o fortalecimento da “integração de ensino e serviços, visando à reorientação da formação profissional de forma a assegurar uma abordagem integral do processo saúde-doença com ênfase na atenção básica”. O Departamento de Pediatria tem participado ativamente das discussões sobre a reforma e a análise inicial dessa proposta, que aponta para mudanças nos encargos didáticos, inserção em novas disciplinas e necessidade de professores com diferentes perfis para atender às modificações previstas.

Concluindo, o Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da UFMG mantém, ao longo desses anos, um grande desafio: formar profissionais éticos, competentes e voltados para as questões sociais; desenvolver

programas e projetos de extensão que dão retorno à sociedade e, na pesquisa, produzir conhecimento científico com respostas para as questões próprias da realidade brasileira.

FONTE

Texto atualizado, em dezembro de 2011, do capítulo “Departamento de Pediatria”, em “História da Faculdade de Medicina da UFMG – 85 anos” e “História do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina” elaborado para o centenário da Faculdade de Medicina – 20/10/2011.

REFERÊNCIAS

1. Alves, N. *Alguns dados históricos sobre a Pediatria no nosso meio*. in: Aguiar, A e Martins, RM (eds). História da Pediatria Brasileira. Serviço de Informação Científica Nestlé, Rio de Janeiro, 1996. 253-254.
2. Campos, MM. *Cinqüentenário da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária da Universidade Federal de Minas Gerais, 1961. 383p.
3. Corrêa EJ. *Alteração curricular do Curso de Medicina da UFMG*. Rev. Méd. Minas Gerais v.4, n.2, abr/jun. 1994.
4. Corrêa EJ, Mota JAC. *Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina*. In: Corrêa EJ, Gusmão SNS. 85 anos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: COOPMED, 1997. p.65-82.
5. Encontro de Pós-Graduação da Faculdade de Medicina da UFMG, II. Resumos das teses e dissertações apresentadas no período de 1991 a 1996. Rev. Méd. Minas Gerais - v.6, n.1, supl.1 - julho 1996.
6. Ferreira AR, Oliveira BM, Corrêa EJ, Tonelli E, Leão E, Penna FJ et al. *Departamento de Pediatria*. In: Pedroso ERP, editor. Centenário da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG 1911-2011. Belo Horizonte: Folium, 2012. p.265-290.
7. Lustosa, O. Contribuição para a história da Pediatria no Estado de Minas Gerais. In: Aguiar, A e Martins, RM (eds). *História da Pediatria Brasileira*. Serviço de Informação Científica Nestlé, Rio de Janeiro, 1996. 255-259.
8. Medeiros JL. *Esboço histórico da Faculdade de Ciências Médicas*. Revista Médica de Minas Gerais, 2008, 18(1): 67-72.
9. Moraes, ERA. *História da Universidade Federal de Minas Gerais*, 2 Volumes. Belo Horizonte: Imprensa Universitária da Universidade Federal de Minas Gerais, 1971. 460p.
10. Rocha, HR. *60 anos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1971. 117p.
11. Salgado, JA. *O Centro da Memória da Medicina de Minas Gerais*. Rev. Méd. Minas Gerais v.1, n.2, 1991. 106-11.
12. Tonelli E, Diniz JSS, Duarte MA, Vasconcelos MC. *Mestrado e Doutorado em Pediatria*. Gráfica FMUFG, Belo Horizonte, 1982. 202p.
13. Universidade Federal de Minas Gerais - Colegiado do Curso de Medicina. *Proposta de alteração curricular do Curso de Medicina*, Belo Horizonte, 1993. 100p.
14. Universidade Federal de Minas Gerais. *O processo de desenvolvimento curricular em Educação Médica*. Univ. Fed. Minas Gerais. Fac. Med. UFMG, Belo Horizonte, 1976. 145p.
15. Viana MB, Camargos PA, Ferreira RA (colaboração Lamounier JA, Xavier CC). *Projeto de implantação do doutorado em pediatria*. Belo Horizonte, março de 1994. 64 p.

4. História do Hospital de Crianças Elvira Gomes Nogueira (Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte)

Navantino Alves Filho
2017

Ao contar a história do Serviço de Pediatria da Santa Casa de Belo Horizonte, que ocupa todo o terceiro andar da instituição, muito nos baseamos em texto produzido pelo historiador e jornalista Manoel Hygino, hoje auditor da entidade, a quem agradecemos pela profunda pesquisa. Dedicou ele muito do seu texto ao pediatra Navantino Alves, criador de uma escola de formação de médicos de crianças em Belo Horizonte. Assim também iniciaremos esse documento histórico, com a ajuda do acadêmico Clarindo Elesbão de Cerqueira, que ocupa a cadeira patroneada por Navantino Alves. Os itálicos identificam as palavras do respeitado jornalista:

Como outras especialidades, a pediatria surgia vigorosamente no Brasil. A fundação e funcionamento da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, no alvorecer do segundo decênio do século XX, abriam seguramente as portas para a transmissão de novos conhecimentos médicos, para utilização do imenso cabedal de saber dos mais antigos e para transferência de sua experiência às gerações mais jovens. João de Melo Teixeira, assistente de Alfredo Balena, clínico geral interessado na medicina de crianças, já descrevera, então para seus alunos de medicina, os fundamentos da pediatria como especialidade.

Era necessário, porém, mais do que isso. Com ideias práticas e projetos factíveis, desembarcou em Belo Horizonte o médico Navantino Alves, mineiro de Turvo, hoje Andrelândia, disposto a servir à causa que abraçara, já que se especializara no Rio de Janeiro com os mestres da pediatria brasileira de então, muitos deles com estágios na França e Alemanha. Formado no Rio de Janeiro pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil (Praia Vermelha) em 1924, Navantino foi interno do Dr. Calazans Luz, cuja equipe da Santa Casa

do Rio de Janeiro, especializada em pediatria na Alemanha, era altamente conceituada e prestigiada nos círculos profissionais. Exerceu atividades na Clínica Pediátrica do Hospital São João Batista, na Lagoa Rodrigo de Freitas e no Hospital de Pediatria São Zacarias da Santa Casa do Rio de Janeiro, em Botafogo, serviços dirigidos por Calazans Luz.

Concursado e aprovado para pediatra do Pronto-Socorro do RJ, como médico de crianças, colecionou centenas de casos de sífilis congênita precoce e tardia, a cujo estudo se dedicou, publicando dezenas desses casos clínicos, sem tratamento específico, antes do advento da penicilina. Esses casos foram usados por ele anos depois para defender sua tese apresentada na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, para o cargo de livre-docente na cátedra de pediatria. Ainda no Rio, fundou e dirigiu a revista *A Escola Médica*, que continha artigos científicos de médicos e alunos, na qual também divulgou algumas importantes contribuições científicas. O periódico médico quadrimestral teve uma duração de três anos, de 1924 a 1927 e era patrocinado pela Santa Casa do Rio de Janeiro.

Clinicou durante alguns meses no Rio e casou-se em Nepomuceno (1927), transferindo-se para Juiz de Fora, onde lecionou botânica na Escola de Farmácia e Odontologia, enquanto começava a formação de sua clientela na clínica pediátrica, em seu consultório exclusivo de pediatria, coisa rara na época.

Com os obstetras José Dirceu de Andrade, Renato Andrade Santos e Analita de Campos Carvalho, construiu e fundou em Juiz de Fora a Maternidade Terezinha de Jesus, com 50 leitos de enfermaria para as gestantes indigentes, construída entre 1926 a 1929, onde cuidava dos recém-nascidos. Ali montou seu consultório. A iniciativa suscitou críticas, pois defendia ele, já então, a tese de maternidade e infância afins, modelo do professor Luis Barbosa, catedrático na Praia Vermelha e seu professor de graduação e ambulatórios no São Zacarias.

O convite para trabalhar na Santa Casa de Belo Horizonte partiria do então provedor, Jarbas Vidal Gomes, em 1929, durante visita a Juiz de Fora com o oftalmologista Joaquim Santa Cecília, chefe do serviço de olhos da Santa Casa. As enfermarias de crianças da SCBH eram chefiadas por Otávio Machado, clínico generalista, formado no Rio de Janeiro e falecido em 1914. As enfermarias infantis encontravam-se nas mãos das irmãs de caridade,

sem uma coordenação médica. O propósito era a instalação de uma nova unidade para tratamento de crianças, subordinada à clínica médica e ortopédica. Dr. Navantino, no entanto, não aceitou a proposta do provedor de Belo Horizonte, visto que, como jovem empreendedor, ele gostaria de ter um serviço de pediatria autônomo. Avaliando as circunstâncias, a mesa administrativa da Santa Casa disponibilizou ao pediatra uma sala na policlínica então existente, instalando-se ali o serviço (1930) que teve como primeiro assistente o pediatra Clodoveu de Oliveira e, posteriormente, como internos os universitários Bernardo Nunan, Francisco Souza Lima, Abrahão Salomão, Maria Eulálio Ramos, Ana Cerqueira Ferreira, entre outros. “Os primeiros pediatras com exclusividade criados em Belo Horizonte”, como escreveu o Dr. Navantino em um de seus livros.

Ao assumir o Serviço Pediátrico da Santa Casa, começou a se manifestar contra as condições sanitárias precárias na cidade, propondo um movimento de pais e autoridades contra o leite vendido à população da capital, considerando-o de má qualidade para consumo humano. Promoveu, com amplo apoio da imprensa, especialmente o Diário Católico, uma campanha esclarecedora. Apareciam, com destaque, notícias como: “O leite fornecido à população de Belo Horizonte vem estragado e é um dos causadores dos surtos de gastroenterite, e do elevado índice local de mortalidade infantil. Não adianta ferver um leite estragado.”

Colega de turma do médico Augusto Gomes de Matos (criador da Clínica Infantil do Ipiranga - SP) e amigo dileto de Álvaro de Aguiar (Policlínica do Botafogo – RJ) trabalhou em importantes parcerias com os dois amigos, tais como a criação, em Belo Horizonte, com damas da sociedade local, da “Gota de Leite”, campanha para a distribuição de mamadeiras a crianças carentes, depois também estendida a Juiz de Fora pelo amigo Delorme de Carvalho, e a Uberaba pelo contemporâneo Humberto Ferreira.

Detentor de inúmeros títulos, sempre tentava cuidar do social. Como chefe do “Serviço de Creanças da Santa Casa” (como era a ortografia de então) e continuando sua experiência de Juiz de Fora, foi o responsável pela iniciativa e a construção do “Hospital de Creanças Elvira Gomes Nogueira”, inaugurado em 1938. Para tanto, conseguiu do poder público a doação de um trecho não ocupado da Rua Padre Marinho, entre Rua Piauí e Avenida Francisco Sales, anteriormente Avenida Araguaia. Com isso, ganhou a área

resultante da eliminação do correspondente segmento viário de uma rua, depois incorporada ao patrimônio da Santa Casa, onde hoje se encontram o acesso principal ao Hospital Central e outras benfeitorias, como o Pavilhão Júlio Soares. Esse antigo prédio, hoje demolido, foi cedido pelo provedor da Santa Casa, José Maria de Alkimin, ao professor Lucas Machado, para ali funcionar a Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, em seus primórdios. O hospital foi transferido para o 3º andar do novo prédio da Santa Casa.



Inauguração do Hospital de Creanças Elvira Gomes Nogueira (1938). Da esquerda para direita: (em pé) Humberto Ferreira, Paulo Souza Lima, Abraão Salomão, Olavo Lustosa, Berardo Nunan e Francisco Souza Lima, (assentados) Navantino Alves e Clodoveu de Oliveira (Foto: Acervo da família Navantino)

Com o intuito de levantar recursos para a obra, Navantino pediu, em 1934, a colaboração do Sr. Agenor Gomes Nogueira, proprietário da rede de cinemas da cidade. Este aquiesceu em aumentar “um tostão” nos preços de ingressos para formar um fundo com aquele objetivo específico. Um ano após, com “360 contos de réis”, iniciou-se a construção de um prédio de dois andares. O projeto do arquiteto Luiz Signorelli, responsável por muitas

edificações *art-nouveau* na cidade, obedeceu ao modelo dos hospitais infantis europeus da época. Como de praxe na ocasião havia, anexo, um Serviço de Ortopedia Pediátrica chefiado por Antônio Mello Alvarenga.

Foi o primeiro hospital construído para atendimento pediátrico no estado. Algum tempo depois, Humberto Ferreira construiu outro em Uberaba.



Hospital de Crianças Elvira Gomes Nogueira (1949) (Foto: Acervo da família Navantino)

Espírito empreendedor e trabalhador incansável, Navantino Alves partiu para outra empreitada médica. Com José Maria Figueiró, ortopedista e amigo, fundou o Instituto Médico-Cirúrgico São José, que funcionou muitos anos em prédio de sua propriedade na esquina da Rua Curitiba com Rua Guaicurus. O Instituto passou, posteriormente, para o prédio do Hospital São José, em meados de 1940, hoje vinculado à Faculdade de Ciências Médicas como seu hospital universitário.

O professor Navantino foi um dos fundadores da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, em 1950, da qual foi professor catedrático e, depois, emérito de pediatria, além de professor de puericultura e clínica da 1ª infância. Elaborou o trabalho “Estudo clínico da pseudo-paralisia sifilítica, Doença de Parrot”. Com essa tese, na década de 1940, defendia a Livre-Docência na Cátedra de Pediatria da Faculdade de Medicina da UMG. Participaram de sua banca examinadora os professores Orestes de Carvalho (Rio de Janeiro), Martinho da Rocha (Rio de Janeiro) e Martagão Gesteira (Bahia).



Navantino Alves e Antônio Melo Alvarenga (assentados, segundo e terceiro da esquerda para direita) e seus assistentes



Despedida do prédio original em meados de 1950. Navantino Alves (primeira fila, no centro), Antônio Malheiros Fiuza, José Mariano S. Alves, Glauco Leão, Clarindo Elesbão de Cerqueira, Maria Helena Jardim, Maria Eulálio Ramos, entre outros (Fotos: acervo da família Navantino)

Nos anos pós-guerra, com o apoio do Hospital de Creanças, Navantino participou decisivamente da fundação do Instituto Mineiro de Combate à Desnutrição Materno-Infantil, agência filantrópica cujo objetivo principal era amparar a comunidade infantil com base em plano sóciopediátrico, visando à saúde nutricional e desenvolvimento físico, mental e emocional da criança. Criado em 1946, sucedendo à Sociedade Mineira de Assistência à Infância, teve sucesso e, em decorrência do crescimento dos serviços de fornecimento de mamadeiras a crianças carentes e ambulatórios de pericultura, estabeleceu-se em sede própria quando o professor Navantino conseguiu a doação de um terreno na então Avenida Mantiqueira, hoje Alfredo Balena, na esquina com Alameda Ezequiel Dias, junto ao Parque Municipal, para instalar a entidade.

O governador de Minas naquela época diminuía assim o Parque Municipal para usar essas terras no interesse público da saúde. Surge, conseqüentemente, o Hospital da Cruz Vermelha (Prof. Clóvis Salgado), o Hemominas, o Centro de Toxicologia, a Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais (Prof. Lucas Machado), a Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o Hospital do Instituto da Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais (Ipsemg), o Departamento de Estradas de Rodagem (DER), e o Instituto, em prédio de três andares, que recebeu mais tarde o nome de Sociedade Mineira de Amparo à Maternidade e a Infância (Smami), tendo anexo o Banco de Leite Humano Yolanda Guimarães, patrocinado pelo Rotary Clube de Belo Horizonte, que mais tarde e com edificações novas foi transformado em Fundação Navantino Alves, fechada por dificuldades financeiras na década de 1990. Hoje, esse complexo de edifícios foi adquirido pela Santa Casa de Belo Horizonte, que lá pretende criar uma unidade perinatal.

Dr. Navantino enfatizava que a desnutrição não era problema exclusivamente médico, tendo profundas raízes na comunidade. “Constitui um impasse sócioeconômico e cultural, sujeito às condições do meio e da conduta de cada povo”, segundo suas palavras na publicação periódica da Smami, 4o fascículo, editada por 16 vezes, com o título Cadernos de Desnutrição Infantil. Observava então:

“É uma face da Medicina Comunitária, Medicina da Família, Medicina Compreensível ou outro nome que se lhe queira dar. O importante é que se tenha sempre em mente que a desnutrição é fruto das condições econômicas,

demográficas, ecológicas e culturais e que tem como causa ponderável a falta de alimentos, sua distribuição e utilização indevida. Pois é sabido que não basta ter o alimento, é preciso utilizá-lo de maneira correta. Ninguém pode olvidar o papel importante da agricultura na produção de alimento, que devia ser adquirido por todos, indistintamente. Só dessa forma seria possível afugentar a fome num país, onde a saúde nutricional da infância ainda é problema secundário da Saúde Pública. Considerando-se a posição do Brasil com sua vasta área disponível à agricultura, não se justifica a presença, entre nós, do fantasma da fome.”

Em Belo Horizonte, havia uma cruzada de proteção à infância e, à mesma época, mais exatamente em 1932, o governo brasileiro consolidou as primeiras leis existentes sobre assistência e defesa da criança, criando o primeiro Código de Menores. Os problemas identificados na nova capital pelo jovem médico do Turvo eram, como se vê, nacionais. Na capital da República, uma das figuras exponenciais desse projeto foi o professor Arthur Moncorvo Filho, higienista de renome e que se pôs em campo para definir e instituir modelos de assistência à infância, tendo visitado Belo Horizonte para constatar o trabalho do Hospital da Santa Casa.

Ao Dr. Navantino se devem importantes publicações na área de sua especialidade. Entre elas: Manual de Dietética na Patologia Infantil, Considerações sobre Efeitos da Desnutrição na Patologia Infantil (pesquisa teórica e de campo sobre promiscuidade nos cortiços da capital); e Desnutrição Protéico-Calórica, em coautoria com o professor Orestes de Carvalho.

Fundou as revistas A Escola Médica (no Rio de Janeiro) e Análise de Nutrição (em Belo Horizonte), ambas especificamente para publicação de pesquisas e comentários sobre problemas de saúde da infância. Escreveu um livro sobre história da criação da pediatria no mundo e no Brasil, contando o perfil de cada um de 42 médicos da especialidade, escolhidos por ele, na Europa, Estados Unidos, Canadá, América do Sul e também Brasil, sob o título Ligeira Visão da História da Pediatria, com ilustrações dos mestres, feitas a bico de pena, pelo artista mineiro Augusto Marques de Oliveira. São de sua autoria, ainda, livros de literatura educativa distribuídos em escolas públicas, como o livro em prosa Diálogo das Águas, além de Reino Unido do Bem-estar e da Nutrição, este contando como os animais se alimentam bem e diversamente

na selva, com ilustrações do famoso caricaturista Mangabeira, criador das figuras caricatas do galo, raposa e coelho para os times de futebol. Terminou com Páginas de Recordações de um Médico, ao ensejo de seu centenário de nascimento (1999), de onde foram tirados alguns fatos aqui descritos.

Faleceu aos 103 anos de idade.

A unidade de recém-nascidos da Maternidade Hilda Brandão

Em 1965, Dr. Navantino Alves Filho foi indicado pelo obstetra Mário Dias Correia para criar o berçário da maternidade, anexo ao Hospital das Crianças. O professor Navantino era médico voluntário do berçário da Faculdade de Medicina da UFMG, onde, plantonista, aprendeu muito com a equipe da professora Diomar Tartágliã, discípula de Celso Lobo de Rezende. Entusiasmado com a especialidade, conseguiu bolsa de estudos no *The Hospital for Sick Children*, em Toronto, no Canadá, nos anos 1969 a 1971, e lá fez especialização em genética e neonatologia.

Retornando a Belo Horizonte, implementou a Unidade de Recém-Nascidos da Maternidade Hilda Brandão, criando lá o primeiro serviço de aconselhamento genético da cidade, em parceria laboratorial com os doutores Romeu Guimarães e Orion de Bastos. Também foram criadas as primeiras residências em neonatologia da cidade, o atendimento em sala de parto por residentes pediátricos, o tratamento de problemas respiratórios e metabólicos com infusões em catéteres umbilicais (soluções de Uscher), o primeiro Centro de Prematuros, com plantonistas, nos modelos de então.

Com o Dr. Adilson Savi, estabeleceu-se a rotina de investigação anátomo-patológica de fetos, natimortos e neomortos e com a equipe do cirurgião infantil professor Manoel Firmato foram lá realizadas as primeiras cirurgias de atresia de esôfago e atresia de vias biliares na cidade.

Também foi ele o organizador do berçário da Maternidade Lucas Machado, em 1972, a convite do diretor clínico, Dario Tavares, no Hospital São Lucas da SCBH, que chefiou até o fechamento dessa unidade obstétrica tradicional em 1997.

Em 1985, juntamente com os doutores José Mariano Salles Alves Júnior e Oswaldo Trindade Filho, criou, na Unidade Neonatal do Hospital São Lucas, o primeiro CTI Neonatal exclusivo da cidade, o Centro de Prematuros de Minas Gerais (Cepremge).

Sucederam-se na chefia da Unidade de Recém-Nascidos (URN) da Maternidade Hilda Brandão os neonatologistas Edmeia Araujo e João Pires; depois, Gláucia Rezende, Maria Natalia Andrade, Ana Beatriz, Neliana Temponi Silvana Winzenboeck, Maria Cristina Aranha Nascimento, Maria Amélia Novaes e atualmente José Mariano Alves Jr., também responsável pela UTI Neonatal. A maternidade se transferiu há uma década para o 11º andar do prédio central da SCBH.

A cirurgia pediátrica tinha maior ligação com a ortopedia e o tratamento mais comum era o de osteomielite. A Clínica Cirúrgica Pediátrica pertencia ao velho Hospital de Creanças “Elvira Gomes Nogueira”, e iniciou-se sob a chefia do cirurgião geral Brasília Ruy Prates, nascido em Montes Claros (MG), em 1911, e formado pela Faculdade de Medicina da UMG, em 1935. Dr. Prates foi diretor clínico da Santa Casa e criou duas técnicas para corrigir problemas nos lábios, particularmente os leporinos: uma com o nome de “Quiloplastia à Brasília Ruy Prates”, e a segunda com um tipo de incisão para cirurgia abdominal no sentido horizontal, visando disfarçar a cicatriz. Introduziu também métodos próprios para tratamento de queimaduras. Médico do Ipsemg e chefe do Serviço Médico do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (Ipase) foi um dos fundadores da Faculdade de Ciências Médicas e, ali, professor das cadeiras de ortopedia e clínica cirúrgica infantil.

Dr. Prates foi sucedido na chefia do Serviço de Cirurgia Pediátrica da Santa Casa por Manoel Bernardo dos Santos, em seguida assumiu o Paulo Pinto Coelho Vasconcelos e depois Antônio Gomes, todos com formação em urologia. Ainda teve grande atuação nesse serviço, o cirurgião Álvaro Guerra que, também empresário, era proprietário das antigas Lojas Rex; abandonou a medicina para dedicar-se só à atividade comercial.

O desmembramento da cirurgia pediátrica da ortopedia e a criação da clínica cirúrgica pediátrica deram-se em 1965, quando, de volta ao Brasil após muitos anos de especialização em Minneapolis, Estados Unidos, Manoel Firmato de Almeida, foi convidado pelo professor Navantino Alves a assumir o cargo de chefe do Serviço de Cirurgia Pediátrica. Ele era um dos primeiros cirurgiões pediátricos em Belo Horizonte com formação nessa especialidade, na década de 1960. Com esse propósito, Dr. Firmato viajara para os Estados Unidos e, no *St. Christopher's Hospital for Children* (Filadelfia), foi médico residente do serviço do professor Waldo Nelson, autor de famoso livro de

pediatria. Naquele país fez a especialização e atuou seis anos no Boston Floating Hospital (Boston), navio-hospital flutuante, que, nos primórdios, levava assistência à população ribeirinha do Charles River, que corta aquela cidade. Seus assistentes Drs. Moacyr Tibúrcio, Wagner Neder Issa, Marcos Lima Bastos e outros desenvolveram a cirurgia pediátrica em vários hospitais de Belo Horizonte.

O Centro de Tratamento Intensivo Pediátrico (CTI)

O CTI Infantil da Santa Casa começou a funcionar em 19 de março de 1981, por iniciativa da clínica cirúrgica pediátrica, chefiada por Manoel Firmato de Almeida, e da pediatria clínica, dirigida por mim. Foi o primeiro da capital e preencheu uma lacuna no tratamento intensivo pediátrico. Graças à sua criação, pôde a Instituição desenvolver um programa de cirurgias de alta complexidade, de que é referência em várias áreas.

Ao ser instalado, o CTI Infantil recebeu o nome de Irmã Benegarde, religiosa da Congregação Servas do Espírito Santo, peça essencial no trabalho que começava. É dirigido, até hoje, por Júlio Cesar Amorim Senra, e foi um celeiro para a formação dos primeiros intensivistas pediátricos e neonatais da cidade, hoje responsáveis pelas CTIs de crianças de Belo Horizonte.

Os muito egressos da pediatria da Santa Casa

Em mais de cem anos de existência, a Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte, hoje a maior do Brasil com mil leitos destinados exclusivamente ao Sistema único de Saúde (SUS), atendeu milhares de pacientes com diversas patologias. As duas mais importantes faculdades de medicina da capital, que ali nasceram, assim como outras importantes entidades do saber médico que agora para lá enviam seus doutorandos, têm hoje uma participação científica e de pesquisa, e muitos nela encontraram o lugar apropriado ao seu desenvolvimento e prática. Na pediatria, não foi diferente. Em seus primórdios, anos 1930 e 1940, passaram por lá como assistentes do serviço e aí se especializaram para a vida profissional nomes como os dos doutores: Abraão Salomão, José Malheiros Fiuza, Francisco Souza Lima, Berardo Nunan, Olavo Lustosa (Juiz de Fora), Humberto Ferreira (Uberaba), Maria Eulálio Ramos (primeira pediatra de BH), João Batista Veiga Sales (Miami, USA), José de Oliveira

Lima (Rio de Janeiro), Clodoveu de Oliveira, Maria Helena Jardim, Paulo Souza Lima, Paulo Roxo da Mota, Antonio Brasileiro (Paraíba), entre outros.

Nos anos 1950, mais profissionais fizeram parte do quadro de pediatras da Santa Casa: Jayme Neves, Glauco Leão, José Mariano Sales Alves (ex-chefe de clínica), Clarindo Elesbão de Cerqueira, José Estanislau de Carvalho, Elmo Perez dos Santos, Archimedes Teodoro (Caratinga), José Bueno Vilela (Poços de Caldas), Cícero Plínio Bittencourt, Nívio Braz de Lima, João Bernardo Alhais, Álvaro Guerra, Paulo Vasconcelos, José Eleutério de Carvalho, Marcílio Soares, Armando Ribeiro dos Santos, José Euclides Andrade (São João del-Rei).

Nos anos 1960 e 1970 foram ou ainda são assistentes Navantino Alves Filho (ex-chefe de clínica), Fernando Boucinhas, Wilson José dos Santos (*in memoriam*), João Carlos Ferreira, Danilo José Barbosa (*in memoriam*), Roberto Flores de Carvalho, Silas Leite Prado, Fernando Werneck, Conceição Werneck, Laís Valadares e Valadares, Laís Ferreira, Marília Freitas Maakaroun, Edmeia Castro, Ismênia Santos, Manoel Firmato de Almeida (chefe da Clínica Pediátrica Cirúrgica), Moacyr Astolfo Tibúrcio, Odilon Palma Lima, Wagner Neder Issa, Aloísio Prado Marra, Marcos Carvalho de Vasconcelos, Guilherme Masci, Fernando Filizola de Matos, Rosângela Figueiredo Basquez, José Sabino de Oliveira, Oswaldo Trindade Filho, José Mariano Alves Júnior, chefe da Unidade de Recém-Nascidos (URN) e CTI Neonatal, Júlio César Amorim Senra (chefe do CTI Pediátrico), Alessandra Santos, Ronaldo Arédio, Juarez Alkmin (*in memoriam*), Hélio Bittar, Fernando Oliveira, Cecília Belém, Márcio Belém, João P. Pires, Marcos Lima Bastos (*in memoriam*), Mário Hugo Ladeira Filho, Lila Otonni Durante, José Homário dos Reis, João Bosco Rosseti Tibúrcio, Nilson Mendes Botelho, Vânia Kalil, Horace Wells Bonson, Dea Ianni, Marisa Bicalho, Filomena Camilo do Vale, Silvana Winzenboeck, Maria Amélia Novaes, Maria Cristina Aranha Nascimento, Tereza Masci, Maria da Glória Cruvinel Horta, Edson Soares de Moraes (ex-chefe da clínica pediátrica), Maria Aparecida Martino Ferreira, Arthur Emílio Leonardi Tibúrcio, Ângela Maria Fagundes (*in memoriam*), Selma Maria Araújo, Silmara Miranda Avelar, Sidney Delailson Silva (atual chefe da clínica pediátrica médica), Luís Antônio, Maria Natália Andrade (Alfenas) Ana Beatriz Vargas (Alfenas), Mônica Versiani Queiroz, Ana Paula Pinheiro Chagas, Cathia de Souza, Cristiane Freitas, Dilermando Correa,

Fuad Dib, Paulo Birchal (Nova Lima), Maria Cristina Aranha Nascimento (Ouro Preto), Adolfo Bicalho, Yuri Freitas entre outros.

Em 2014, foi inaugurada a Unidade Pediátrica do Hospital São Lucas, com o nome de professor José Mariano Sales Alves, ex-chefe da Clínica Pediátrica Médica da Santa Casa de Belo Horizonte.

Concluindo, a Santa Casa de Belo Horizonte dispõe hoje do maior serviço de pediatria do estado, com leitos destinados a essa especialidade. Esta soma corresponde à pediatria clínica, à clínica cirúrgica pediátrica, à neonatologia, aos CTIs Neonatal Pediátrico, à oncologia pediátrica, à cardiologia pediátrica, à psicologia infantil, à hebiatria e ao Serviço de Voluntárias (Avosc), todos atendendo exclusivamente ao SUS, além do atendimento aos planos de medicina suplementar no Hospital São Lucas.



Atualmente, o Elvira Nogueira ocupa todo o terceiro andar do prédio central da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte (Foto: Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte)

JUIZ DE FORA

5. Contribuição à história da pediatria em Juiz de Fora (1894 a 1960)

José Carlos de Castro Barbosa

Adauto Barros Amim

2007

Juiz de Fora é o quarto município mais populoso do estado, com 559.636 habitantes. Localiza-se na Mesorregião da Zona da Mata, a 255 quilômetros da capital. Embora a economia da cidade seja voltada basicamente para o setor de serviços, o segundo setor mais relevante é o da indústria, com atividades importantes como a alimentação, bebidas e indústria automotiva (dados atualizados em 2017). A história da pediatria do município se confunde com a trajetória dos médicos que, muito antes de existir a pediatria, já se preocupava com a saúde das crianças. Posteriormente, surgiram os pediatras, com uma história rica e muita coisa para contar.

São mais de seis décadas de um processo histórico que situamos entre a chegada de Fernandes Figueira para clinicar em Juiz de Fora, em 1894, até o ano em que a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) foi criada, em dezembro de 1960, incorporando a Faculdade de Medicina.

Este recorte cronológico é arbitrário: é demarcado por um momento inicial em que a clínica de crianças ainda era praticada sem diferenciar-se da de adultos, mas exercida por um médico que já se interessava por ela e viria a ser depois, no Rio de Janeiro, um dos fundadores da pediatria brasileira, no início do século XX. O recorte é fechado no ano em que a Faculdade de Medicina de Juiz de Fora, hoje federalizada, inicia uma expansão do número de médicos por ela formados e, logo, de pediatras oferecidos à cidade e região, o que atualmente é expressivo.

Optamos por relatar esta história através da apresentação de traços biográficos de precursores, pioneiros e de outros que participaram da sua consolidação, assim como das instituições que foram sendo criadas durante este período, criações essas que vão embutidas nas biografias aqui apresentadas.

Pretendemos retratar esta época e contribuir para a compreensão da história da medicina em Juiz de Fora, uma das mais avançadas do país, graças ao poderio econômico da cidade e da região, com seus vastos cafezais e sua industrialização de vanguarda. É época em que os médicos locais formados majoritariamente no Rio de Janeiro, aperfeiçoavam-se em viagens de estudos na Europa e viriam a ser pioneiros em diversos campos da medicina, como por exemplo na cirurgia, na higiene e saúde pública, e na pediatria e puericultura, estas últimas objeto da nossa pesquisa, que é apenas uma abertura para que outros prossigam e ampliem.

Fernandes Figueira

Dr. Antônio Fernandes Figueira nasceu no Rio de Janeiro em 13 de junho de 1863, filho de Manoel Fernandes Figueira e Germina da Rocha Figueira; faleceu em 12 de março de 1928. Estudante pobre, cursou gratuitamente o Colégio Pedro II, ingressando a seguir na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, formando-se em 1887. Deu aulas em cursos preparatórios para se manter. Ao iniciar sua vida profissional, enfraquecido e doente, foi aconselhado por professores amigos a vir para Minas Gerais, para se recuperar no interior. Após breve passagem por Lages de Muriaé, no interior do Rio, fixou residência em Juiz de Fora, no distrito de Simão Pereira, onde iniciou sua vida profissional e atuou durante sete anos como clínico. Culto e atuante, colaborou assiduamente na imprensa local, escrevendo sob o pseudônimo de Alcides Flávio nos jornais *O Pharol* e *Correio de Minas*, tendo sido vereador na Câmara Municipal de Juiz de Fora, na legislatura 1898-1900. Em 1900, transferiu-se definitivamente para a capital federal, indo trabalhar com Moncorvo de Figueiredo e seu sucessor, Moncorvo Filho, com os quais implantaria, em nosso país, a pediatria como especialidade.

Seu interesse pelo atendimento a crianças já se manifestava quando clinicava em Juiz de Fora, período em que apresentou o trabalho “Diagnóstico das Cardiopatias Infantis” (1895), laureado pela Academia Nacional de Medicina, e publicado a seguir, na Inglaterra, no *The Lancet*. Concluiu também a *Semiologia Infantil*, publicado em 1900, com 623 páginas, livro que se tornaria clássico na literatura médica mundial, traduzido para o francês e publicado em 1903, e para o italiano, em 1906. Estagiou na Europa e seguiu uma trajetória marcante na história da medicina:

1902 – Membro da Academia Nacional de Medicina e depois seu presidente; docente livre em pediatria;

1909 – Implantou a Policlínica de Crianças da Santa Casa, onde eram ministrados os cursos para formação de nossos primeiros pediatras;

1910 – Fundou a Sociedade Brasileira de Pediatria, que presidiu até 1927.

1924 – Com o Dr. Carlos Chagas, então diretor do Departamento Nacional de Saúde, fundou o Abrigo-Hospital Arthur Bernardes (de quem era amigo), na Praia do Flamengo, transformado posteriormente no principal centro de formação e pesquisa da pediatria brasileira, e que, a partir de 1946, passou a se denominar Instituto Fernandes Figueira, em homenagem ao seu criador, e é hoje unidade da Fiocruz.

Escritor por vocação desde estudante, compôs, durante aula de anatomia, seu famoso soneto “A Virgem da Miséria” e, até seu falecimento, publicou cerca de dez livros de poemas, contos, romances, ensaios e memórias. Encerrando sua produção, foi publicado, um ano após seu falecimento, escrito por ele e por colaboradores seus, o livro *Elementos de Patologia Infantil*, considerado o primeiro tratado brasileiro de pediatria.

Martinho da Rocha Júnior

Dr. Martinho da Rocha Júnior nasceu em Juiz de Fora em 1888, filho de Euzébia e Martinho Daniel da Rocha Ferreira (clínico geral em JF, onde exerceu a medicina com destaque até falecer). Foi criado e cursou os preparatórios em sua cidade natal. Ingressando na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, trancou sua matrícula na 3ª série, em 1911, por achar o nosso ensino insatisfatório, transferindo-se para a Universidade de Berlim, onde se formou em 1915. Seu conterrâneo e amigo, o médico e escritor Silva Mello, com quem convivia, já estudava medicina na Alemanha desde 1908, e conta que Martinho tornou-se conhecido e admirado por seu malabarismo em saltar de bonde andando, de costas, e os alemães se agrupavam na calçada para vê-lo, nos horários que sabiam que chegaria em casa.

Em 1916, retornou e foi clinicar em Juiz de Fora, onde desenvolveu múltiplos trabalhos, que revelam sua inteligência inquieta. Importante citar a pesquisa experimental em cobaias infectadas pelo *T. cruzi*, com sangue que obtinha em Manguinhos para testar a optochina como possível tratamento da Moléstia de Chagas, comunicação que apresentou na Sociedade de Medicina e

Cirurgia de Juiz de Fora, em 1917; tese de doutorado, em 1918, sob parotidite, elaborada quando estava na Alemanha; ainda em 1918, criou o Serviço de Raio X da Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora, tendo como técnico o professor de física Padre Arthur Hoyer, do colégio Academia de Comércio. Neste mesmo ano, ainda criou, com um grupo de amigos, o Sport Club local, tendo sido eleito vice-presidente. Em 1920, concorreu à cátedra de pediatria da Faculdade de Medicina de Minas Gerais; perdeu o primeiro lugar para Mello Teixeira que obteve a livre docência. Recebeu, então, de Silva Mello convite para montar com ele um serviço de radiologia em março de 1918. Aceitou e foi para a Alemanha adquirir o aparelho e estagiar por algum tempo, aperfeiçoando seus conhecimentos na área.

A estadia em Berlim definiu sua vida: empolgou-se com os avanços da medicina e a efervescência que encontrou, em especial com o pensamento da escola alemã de pediatria, que considerava os distúrbios da nutrição e das trocas metabólicas como principal causa da mortalidade infantil, e não os processos infecciosos, como preconizava a escola francesa então predominante, na esteira das descobertas de Pasteur.

Voltou para o Rio, indo trabalhar com o Dr. Silva Mello em radiologia, mas por pouco tempo: decidiu montar consultório próprio, dedicando-se exclusivamente à pediatria, vindo a ser um dos pioneiros da especialidade. De 1920 a 1927, traduziu para o português vários tratados de mestres da pediatria alemã. Destacou-se como um dos seus principais introdutores no Brasil, influenciando, com isso, gerações de pediatras. Foi docente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro por algum tempo, deixando-a, porém, para seu irmão José Martinho da Rocha, passando a se dedicar integralmente ao seu consultório, onde constituiu uma das maiores clínicas do Rio, procurada por clientes de todo o Brasil e de todas as classes sociais. Foi membro da Academia Nacional de Medicina e várias vezes diretor da Sociedade Brasileira de Pediatria, tendo clinicado até idade avançada. Foi sócio honorário da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora e faleceu em 1979.

José Martinho da Rocha

Nasceu em Juiz de Fora, em 1899, e era irmão, 11 anos mais novo, de Martinho da Rocha Júnior, ambos futuros pediatras de destaque nacional. Realizou parte do seu curso de humanidades na sua terra natal, completando-o

na Alemanha, e voltando para cursar a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se formou em 1923.

Retornou para Juiz de Fora, onde instalou consultório e trabalhou com o Dr. Cármine Sampaio no Instituto de Proteção e Assistência à Infância (instituição criada em 1918 pelo Dr. Cícero Tristão). Lá elaborou sua tese de docência, que versava sobre transfusão intraperitoneal de sangue. Dedicou-se ao magistério como professor de biologia e de higiene da Escola Normal Oficial de Juiz de Fora. Em 1929, foi um dos fundadores do Rotary Clube local.

Em 1930, transferiu-se definitivamente para o Rio, nomeado para o Departamento Nacional de Saúde Pública, e, a seguir, chefe do Serviço de Pediatria do Hospital São Sebastião. Iniciou logo sua carreira docente, que iria marcar sua existência, e conquistou a cátedra de Clínica Pediátrica Médica da Faculdade Nacional de Medicina, em 1939, em brilhante e disputado concurso. Em 1954, assumiu a direção do Instituto de Puericultura da Universidade do Brasil.

Foi membro da Academia Nacional de Medicina e presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria. Escreveu e publicou vários livros da especialidade, inclusive a *Introdução à História da Pediatria e Puericultura no Brasil*. Foi também sócio honorário da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora.

Ao completar 70 anos, tornou-se professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), passando a dedicar-se ao ensino de pediatria na Faculdade de Medicina de Vassouras, da qual foi um dos fundadores. Faleceu em 1977.

Alberto Andrés

Nasceu em Juiz de Fora em 17 de agosto de 1890. Filho do alsaciano Luiz Andrés e Maria Custódia Las Casas, estudou humanidades no colégio fundado pelo pai e na Academia de Comércio de JF, de cuja associação de ex-alunos foi presidente. Terminado os preparatórios, ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, trabalhando como telegrafista para sustentar-se. Formou-se em 1914, defendendo tese sobre tema de cirurgia.

Dotado de sólida formação médica da escola francesa, atuou em vários campos da clínica de adultos e crianças e como anestesiológico. Assim, já em 1915, ingressou na Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora, assumindo, três anos depois, a chefia da enfermagem de Clínica de Mulheres. Em 1929,

concentrando-se prioritariamente na clínica pediátrica, criou e chefiou a Inspeção de Higiene Escolar, do Departamento Estadual de Saúde (futura Secretaria de Saúde), onde implantou o atendimento médico-odontológico, com vacinação e fornecimento de merenda, nas escolas locais.

Em 1933, reativou, na Santa Casa, o projeto Gota de Leite São José, para atender lactentes desnutridos, projeto que fora lançado em 1905 por Fernando de Moraes e teve curta duração. O Gota de Leite foi considerado o núcleo do Lactário São José, que viria a ser um marco da puericultura na cidade, criado por um grupo de pediatras do qual Andrés fez parte. Ainda em 1933, criou, como pavilhão da Santa Casa, o Hospital Infantil Presidente Antônio Carlos, com 60 leitos iniciais, onde implantou o sistema de internar a mãe ou responsável junto com a criança doente, e o dirigiu até 1941, sendo sucedido por Renato de Carvalho Loures. Esse hospital contou também com a colaboração de Jorge da Cunha, após 1935. Prosseguiu sua atividade médica, chefiando o Serviço de Anestesia até 1952.

Dedicou-se ao magistério como professor de botânica da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Juiz de Fora e, em 1935, foi professor fundador da Faculdade de Medicina local, ocupando a cátedra de pediatria, mas não chegou a exercer pelo fato da faculdade ter interrompido suas atividades após dois anos de funcionamento.

Em 1942, foi eleito provedor da Santa Casa de Misericórdia (primeira instituição médica da cidade, criada em 1854), cargo que ocupou durante 18 anos, até se aposentar, em 1960. Foi responsável pela sua modernização e, em parceria com o diretor-clínico João Villaça, pela construção do novo e atual prédio do hospital, iniciado em 1947, com recursos provenientes de vultosa doação feita pelo casal João Nogueira Penido Filho e depois financiado pelo Plano Econômico Salte, do presidente do Brasil à época, Eurico Gaspar Dutra, que objetivava estimular as áreas de saúde, alimentação, transporte e energia. Foi presidente e sócio benemérito da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora, título recebido em 1965, quando a sociedade, fundada em 1889, comemorou 76 anos. Faleceu em 1975.

Cícero Tristão

Nasceu em 1881 e faleceu em 1954, filho de Josefina e Custódio Tristão. Fundou e dirigiu, em 1918, o Instituto de Proteção e Assistência à Infância,

onde instalou o ambulatório de crianças, com administração de BCG oral, e no qual trabalharam os doutores Cármine Sampaio e José Martinho da Rocha. O Instituto teve suas atividades interrompidas em 1930. Foi reaberto em 1938 por Delorme de Carvalho, que o dirigiu até 1945; teve como sucessor o Dr. Renato Loures. Dirigiu também a Liga Mineira Contra a Tuberculose e o Instituto Pasteur e foi um dos fundadores do Lactário São José.

Jorge da Cunha

José Jorge da Cunha nasceu em 3 de julho de 1894, em Porto Real, MG, filho de Messias José da Cunha e Maria Madalena Silva Cunha. Iniciou seu curso na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte e se transferiu, durante o mesmo, para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se formou.

Embora clínico geral, especialidade que exerceu sempre, dedicou-se também à clínica de crianças em seu consultório, tendo atuado no Hospital Infantil da Santa Casa, sob a chefia do Dr. Alberto Andrés, a partir de 1935. Participou do grupo fundador do Lactário São José, em 1934, sendo pioneiro, com o Dr. Olavo Lustosa, na assistência prestada aos postos de puericultura que foram sendo criados. Foi médico do Centro de Saúde e professor catedrático da Faculdade de Farmácia e Odontologia, aposentando-se em ambos. Professor fundador da Faculdade de Medicina de Juiz de Fora, ocupou a cátedra de Farmacologia e a ministrou desde sua implantação, em 1953, até 1960, deixando-a quando da criação da Universidade Federal de Juiz de Fora, para desincompatibilização de cargo. Faleceu em 28 de setembro de 1970.

Navantino Alves

Nasceu em Andrelândia, MG, em 26 de abril de 1899, filho do advogado José Bernardino Alves e de Mariana Ilidia da Silva Alves. Formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1924. Em 1926, após concluir sua formação como pediatra no Rio, sob a orientação de Calazans Luz, um divulgador da escola alemã de pediatria, veio fixar residência e clinicar em Juiz de Fora. Ele e o Dr. José Martinho da Rocha eram os únicos a exercer a pediatria em dedicação exclusiva na cidade, nesse ano. Associou-se aos colegas Dr. José Dirceu de Andrade e Dr. Renato de Andrade e, com o apoio de beneméritos locais, fundou a Maternidade Terezinha de Jesus, inaugurada no dia 1º de janeiro de 1927 na Av. 15 de novembro (atual Av. Getúlio Vargas), 914. Integrou a diretoria como chefe da Clínica Pediátrica, sendo

responsável pelo Ambulatório de Crianças e pelo Serviço de Neonatologia, que criou e dirigiu.

Transferiu-se para Belo Horizonte, em 1929, sendo substituído na chefia da Pediatria da Maternidade por Olavo Lustosa. Na capital do estado, fundou, em 1938, o Hospital Infantil Elvira Nogueira, da Santa Casa, o primeiro de MG. Chefiou sua clínica pediátrica por mais de 60 anos. Considerado o primeiro pediatra *stricto sensu* de Belo Horizonte. Foi professor-catedrático de pediatria e puericultura da Faculdade de Ciências Médicas (Católica) de BH, desde a sua fundação, além de atuante na Sociedade Brasileira de Pediatria. Trabalhou até idade avançada, sendo considerado um dos maiores nomes da pediatria mineira e brasileira. Faleceu em 2003.

Delorme de Carvalho

Nasceu em 1902, em Aracitaba, MG, filho de Claudemira e Antônio Carvalho. Órfão aos sete anos, foi criado pela irmã, casada com o médico Joaquim Marciano Loures. Foi morar em uma cidade do interior de Minas, de nome Piau. Coursou o colegial na Academia de Comércio, ingressando a seguir na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, formando-se em 1926. Iniciou sua atividade médica na cidade de Piau, exercendo-a durante cinco anos. Com recursos da herança paterna, foi para a Alemanha, especializando-se em pediatria na Universidade de Berlim.

Com os ensinamentos e o pensamento da escola pediátrica alemã, que privilegiava as correções alimentares no tratamento dos distúrbios intestinais, veio para Juiz de Fora, em 1932, dedicando-se exclusivamente à clínica de crianças, com merecido sucesso. Compareceu à 1ª Conferência Nacional de Proteção à Infância (Rio de Janeiro, 1933), retornando com a firme decisão de divulgar a puericultura, “substituindo a farmácia pelo planejamento alimentar”. Em 1934, criou a Gazeta Médica, com o colega Dr. Carlos Sudá de Andrade, publicação através da qual lançou, com o Dr. Olavo Lustosa, e liderou, a bem sucedida campanha para a criação do Lactário São José, ainda no mesmo ano, e, logo a seguir, a Associação de Damas Protetoras da Infância (ADPI), instituição que implantou e administrou vários postos de puericultura em JF. Com esta instituição, que no primeiro ano de funcionamento já atendia diariamente 120 crianças, oferecendo leite, orientação e cursos para mães e professoras escolares, reduziram-se os altíssimos índices de mortalidade infantil

na cidade para níveis semelhantes aos das principais capitais da Europa. Pela sua importância na nossa história, merece que fiquem registrados os nomes dos médicos que, sob a liderança de Delorme de Carvalho, criaram o Lactário São José, em 31 de março de 1934: doutores Olavo Lustosa, Alberto Andrés, Jorge da Cunha, Cícero Tristão, João da Rocha Lagoa e Maurício Duarte, aos quais se juntariam, logo depois, J. Caciquinho de Carvalho, Infante Vieira e Antonino Lessa.

Em 1938, Dr. Delorme reativou o Instituto de Proteção e Assistência à Infância, instituição criada em 1918 por Cícero Tristão, cujo funcionamento foi suspenso em 1930, quando Dr. José Martinho da Rocha mudou-se para o Rio de Janeiro. Estimulou a aplicação da vacinação antituberculose pelo BCG na cidade, em crianças até 10 dias de idade, e empreendeu a campanha contra a tuberculose, angariando recursos para aquisição de um aparelho de abreugrafia (roentgenfotografia), realizando o cadastro torácico dos escolares. Em 1939, fundou, com um grupo de colegas, o Instituto Clínico de Juiz de Fora, sob sua presidência.

Em 1946, nomeado professor de higiene e puericultura do Instituto de Educação, transferiu-se para Belo Horizonte. Propôs e batalhou pela criação do Departamento Estadual da Criança. Em 1948, prestou concurso para catedrático de puericultura do Instituto de Educação, defendendo em sua tese que o principal era educar as mães, pois, seguindo o pensamento de Martagão Gesteira, “mortalidade infantil é fome e ignorância”. Faleceu em dezembro deste mesmo ano.

Olavo Lustosa

Olavo de Freitas Lustosa nasceu em 1905, em Leopoldina, MG, filho do professor e magistrado Custódio Lustosa e Maria das Dores de Freitas Lustosa. Ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, formando-se em 1928. Interessado em pediatria desde estudante, frequentava durante suas férias os serviços de clínica de crianças em Juiz de Fora, em 1926, quando cursava a 4ª série. Fez sua principal formação com o Dr. Calazans Luz, que ministrava cursos de pediatria no Hospital S. João Batista da Lagoa, onde divulgava o pensamento de escola alemã.

Iniciou suas atividades médicas em Juiz de Fora, dedicando-se exclusivamente à especialidade, sendo indicado, em 1929, para chefiar o ambulatório

de crianças e o berçário da Maternidade Therezinha de Jesus, chefia que exerceu por muitos anos, substituindo o Dr. Navantino Alves, que se transferira para Belo Horizonte.

Em 1933, criou, com um grupo de colegas de várias especialidades, a Policlínica de Juiz de Fora, implantando e dirigindo o Setor de Pediatria, totalmente equipado e do qual participaram os doutores Caciquinho de Carvalho e Antonino Lessa. Desempenhou papel destacado na fundação do Lactário São José em 1934, tendo sido um dos lançadores da ideia (v. biografia de Delorme de Carvalho), instituição que dirigiu e à qual se dedicou até a sua aposentadoria.

Professor-fundador da Faculdade de Medicina de Juiz de Fora, ocupou, na 2ª fase de sua existência, em 1953, a cátedra de puericultura até aposentar-se, sendo assim pioneiro de seu ensino entre nós. A cadeira funcionou no Lactário São José e tinha como assistentes os doutores José Raimundo Machado e Antonino Lessa.

Foi vereador nas legislaturas 1963-1966 e 1967-1970 e presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora. Faleceu em 1993.

Caciquinho de Carvalho

João Flaviano Caciquinho de Carvalho nasceu em 1887, filho de Onorina e Flaviano Carvalho. Foi um dos fundadores da Policlínica de Juiz de Fora, a qual dirigiu. Ingressou como pediatra no Lactário São José, tendo chefiado um dos postos de puericultura criados. Foi Inspetor federal de ensino.

Infante Vieira

Eudóxio Infante Vieira nasceu em 1900, em Mar de Espanha, MG, filho de Olívia e Afonso Infante Vieira. Formou-se em 1925, doutorando-se com a tese “Ansiedade e Angústia”, na Faculdade Nacional de Medicina no Rio de Janeiro, onde permaneceu por mais um ano especializando-se em pediatria, como assistente do Dr. Calazans Luz. Clinicou em São João Nepomuceno (MG), vindo, em 1935, para Juiz de Fora exercer a pediatria. Ingressou no Lactário São José em 1936, sendo um dos primeiros a chefiar um dos postos de puericultura da instituição. Foi diretor de Saúde Pública e do Pronto-Socorro Municipal de Juiz de Fora.

Orador eloquente e político, foi vice-prefeito de Juiz de Fora na gestão do Dr. Dilermando Cruz (1947-1951), também médico, tendo assumido o

cargo de prefeito quando o titular renunciou para candidatar-se a deputado federal. Em 1957, organizou o Departamento Social do Menor de MG, dirigindo-o até 1959. Foi um dos representantes do Brasil na ONU, designado pelo presidente Juscelino Kubitschek, do qual era correligionário e amigo.

Foi membro da Academia Nacional de Medicina e presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora. Faleceu em 1975.

Antonino Lessa

Filho do farmacêutico Manoel de Castro Lessa e de Rosalina Calaes Lessa, Antonino Calaes Lessa nasceu em 1912, em Matias Barbosa, MG. Formou-se no Rio de Janeiro, em 1937. Pediatra, ingressou em 1938 no quadro do Lactário São José, tendo chefiado um dos seus postos de puericultura. Durante muitos anos, foi pediatra do Educandário Carlos Chagas, prestando assistência aos filhos de portadores de hanseníase. Foi professor assistente da cadeira de puericultura da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Faleceu em 1975.

Renato de Carvalho Loures

Nasceu em 11 de maio de 1913, na cidade de Piau, MG, filho de Olívia de Carvalho Loures e do médico Joaquim Marciano Loures. Completou o curso secundário no Instituto Bicalho, em Juiz de Fora.

Formou-se em 1937, na Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro. Retornou a Juiz de Fora em 1938, como pediatra, ano em que ingressou no Hospital Infantil da Santa Casa de Misericórdia, a convite do Dr. Alberto Andrés, sucedendo-o na chefia em 1941, quando este foi eleito provedor. Dedicou-se por toda a vida a essa instituição, participando sempre dos seus órgãos colegiados. Chefiou o Serviço de Pediatria, depois Departamento de Pediatria, de 1959 a 1989, e foi diretor clínico de 1964 a 1969.

Também em 1938 ingressou como pediatra no Instituto de Proteção e Assistência à Infância, quando o Dr. Delorme de Carvalho reabriu-o após oito anos fechado, chefiando-o de 1945 até 1964. Nesse período, consolidou a aplicação do BCG oral e a realização do cadastro torácico dos escolares, recebendo por isso a medalha de honra da Liga Paulista contra a Tuberculose, em 1949.

Implantou o ensino de pediatria na cidade, na Faculdade de Medicina de Juiz de Fora (UFJF), em cuja cátedra substituiu o professor Alberto Andrés,

que se jubilou como catedrático fundador. Professor titular de pediatria, chefiou os Departamentos de Pediatria e Puericultura e Materno-Infantil da Faculdade, e o Serviço de Pediatria do Hospital-Universitário, recebendo o título de Professor Emérito em 1982.

Foi professor catedrático de Higiene, por concurso, da Faculdade de Farmácia e Odontologia, e Professor de Tisiologia da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo. Presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora, sendo ainda membro titular da Academia Mineira de Medicina e membro correspondente da Academia Nacional de Medicina. Faleceu em 7 de dezembro de 1991.

José Raimundo Machado

Nasceu em 1922, em Paraíba do Sul, RJ, filho de João Machado da Fonseca e de Maria Alves Machado. Formou-se na Faculdade de Ciências Médicas do Rio de Janeiro, em 1950, indo a seguir aperfeiçoar-se no Chile. Iniciou suas atividades em Juiz de Fora no Sanatório Vieira Marques. Pediatra, trabalhou no Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps) e integrou a equipe do Lactário São José por muitos anos. Foi professor assistente e adjunto da cadeira de puericultura da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) desde o início de suas atividades. Foi, ainda, durante oito anos, regente da disciplina, quando o titular, Olavo Lustosa, se aposentou. Faleceu em 2003.

Adauto Barros Amin

Nasceu em 12 de outubro de 1930, em Ponte Nova, MG, filho de José Amin e de Djanira Barros Amin. Na sua cidade natal iniciou seus estudos (Ginásio Dom Helvécio), prosseguindo em Leopoldina, MG (Colégio Leopoldinense), transferindo-se para Belo Horizonte (Colégio Anchieta). Ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, graduando-se em medicina em 1955. Especializou-se em pediatria no Serviço de Pediatria do Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais (Ipsemg), em Belo Horizonte, e no Serviço de Pediatria da Faculdade onde se formou, sob a chefia do professor titular, Berardo Nunan Filho.

Iniciou a vida profissional na cidade de João Monlevade, MG, como pediatra da Siderúrgica Belgo-Mineira. Transferiu-se para Juiz de Fora como

pediatra do Hospital Geral de Juiz de Fora (Hospital Militar), e iniciou suas atividades no Serviço de Pediatria da Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora, sob a chefia do professor Renato de Carvalho Loures, e no Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciantes (IAPC).

Em 1960, mediante concurso público, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), na cadeira de pediatria, sendo titular o professor Renato de Carvalho Loures. No mesmo regime de concurso público para o Departamento de Medicina da Criança foi aprovado como professor assistente (1966), professor adjunto (1972), e professor regente da disciplina, substituindo o professor Renato de Carvalho Loures, devido à sua aposentadoria em 1981. Obteve os títulos de especialista em pediatria, nefrologia pediátrica, livre docente de pediatria e puericultura e doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1976).

Especializou-se em nefrologia pediátrica no México (1971-1972), na Espanha (1986) e nos Estados Unidos (1997). Criou o Serviço de Nefrologia Pediátrica do Hospital Universitário e da disciplina de pediatria da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), do Inamps/SUS de Juiz de Fora (1987) e da Santa Casa de JF (2001). Exerceu os cargos de presidente do Departamento de Nefrologia Pediátrica da Sociedade Mineira de Pediatria (1990), da Sociedade Brasileira de Pediatria (1994) e de secretário-assistente da Associação Latino Americana de Nefrologia Pediátrica (1992).

Participou com apresentação de trabalhos em congressos nacionais e internacionais e de publicações de livros de texto sobre nefrologia pediátrica, como autor principal e como colaborador, tendo participado também de bancas examinadoras de concurso para títulos de mestrado, doutorado, docência-livre e professor titular em pediatria. Ocupa a cadeira número 17 da Academia Mineira de Pediatria, sendo o patrono da cadeira o professor Renato de Carvalho Loures.

Primeiros pediatras locais a se formarem pela UFJF (1958 a 1960):

José Carlos de Castro Barbosa, Eurico Nogueira Maciel, Odilon Rezende Pedrosa, Hélio Costa, Sérgio Weiss de Carvalho, José Gotardo Granato e Elfrida de Abreu Bezerra.

Médicos referenciados pela dedicação à pediatria na cidade:

Cármine Sampaio, Carlos Sudá de Andrade, Áureo Neves, General Barros do Carmo, Etienne de Rezende Loures, José Mário Santos, Francisco Banhato, Heglisson Ferreira Machado, Newton Vianello Martins, Vicente Perroni, Lair Gonzaga de Oliveira, José Roberto Ribeiro de Sá e Paulo Toledo Lourenço.

FONTES

- A Pediatria em Minas Gerais* – José Guerra Lages (2004).
Dois vultos da Medicina juizforana: Andrés e Villaça – J. Carneiro Gondim (1995).
História dos médicos que fizeram história em Juiz de Fora – J. Carneiro Gondim (1987).
História de Juiz de Fora – Paulino de Oliveira (1953).
História de um menino e as transformações do mundo – Antônio Silva Mello (2001).
História da Pediatria Brasileira – Álvaro Aguiar e Reinaldo Menezes Martins (1996).
História da Sociedade Brasileira de Pediatria – Glauco Carneiro/SBP (2005).
Homens na História – Almir de Oliveira (1996).
Ligeira visão da história da pediatria – Navantino Alves (1997).
Pequena enciclopédia da cidade de Juiz de Fora – Walter Fonseca (1987).
Poesia em Juiz de Fora – Dormevilly Nóbrega (1981).
Prosadores – Juiz de Fora, Vol. I – Dormevilly Nóbrega (1982).
Reverendo o passado (Memória juizforana) – Dormevilly Nóbrega (1997).
Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora, Ano 1, nº 1 - H. J. Hargreaves (1965).
Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora, Ano 4, nº 4 – José Procópio Teixeira Filho (1969).
Salvo Erro ou Omissão (Gente juizforana) – José Procópio Teixeira Filho (1979).
Tribuna de Minas (Juiz de Fora) – Danilo Lustosa (24-02-2005).

UBERABA

6. História da pediatria em Uberaba

Cláudio Araújo Faria
2017

Com 325.279 habitantes e localizada na Mesorregião do Triângulo Mineiro e do Alto Paranaíba, Uberaba está a cerca de 480 quilômetros de

Belo Horizonte. Sua economia é baseada na produção de gado de corte, em especial de grandes raças. É conhecida como a capital mundial do gado Zebu.

A pediatria em Uberaba teve início em 1936 de uma forma bastante peculiar, quando um grupo de pediatras em atendimento domiciliar iniciou um processo de distribuição de leite aos lactentes carentes. Essa ação gerou um número cada vez maior de atendimentos, necessitando dessa forma de um local de referência. Assim, foi criada a Casa da Criança. Destaca-se como sendo uma das primeiras iniciativas para a valorização dos pediatras e dos cuidados aos pacientes. A Casa passou a ter farmácia própria e atendia em seu ambulatório 30 crianças por dia. Transformou-se, então, em uma pequena enfermaria onde eram internadas crianças da cidade e dos distritos. Os exames para elucidação de alguns casos eram feitos pelo Laboratório de Análises de Uberaba e, já no seu primeiro relatório, foi imediatamente observada a grande queda de óbitos. A entidade, na época mantida por donativos de diversas pessoas da comunidade, naquele mesmo ano criou o concurso de robustez infantil na semana da criança.

Na década de 1940, o saudoso Dr. Humberto de Oliveira Ferreira iniciou os seus trabalhos na Casa da Criança, contribuindo de forma significativa para o crescimento da entidade. Hoje conhecida como Hospital da Criança, permanece construindo uma história importante na pediatria de Uberaba, oferecendo serviços com eficiência, confiabilidade e humanização.

Em 15 de maio de 1985 realizou-se na sede da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Uberaba uma reunião para fundar o Departamento de Pediatria da então Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (FMTM), quando foram amplamente debatidos temas pertinentes à classe pediátrica e ao ensino da especialidade. O departamento foi criado e o programa de residência médica em pediatria teve início no Hospital da Criança e posteriormente no Hospital Escola da FMTM.

Alguns anos depois, no dia 13 de maio de 1992, na sede da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Uberaba, discutiu-se a criação de uma Regional de Pediatria filiada à Sociedade Mineira de Pediatria (SMP) e à Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), sendo encaminhada proposta para o então presidente da SMP, Dr. Lincoln Freire, que prontamente aceitou. Em 27 de

maio do mesmo ano, foi realizada a primeira reunião da Sociedade Regional de Pediatria do Vale do Rio Grande (SRPVRG), quando foram debatidos temas relacionados à classe, ações a serem realizadas e busca de apoio financeiro para a regional. Da aclamada teoria aos projetos práticos, as ações dos pediatras edificaram fortalezas que fizeram da especialidade uma referência em Minas Gerais.

A 1ª Jornada de Pediatria da SRPVRG aconteceu em 20 de novembro de 1992, coincidindo com a posse da 1ª diretoria. Esse evento contou com a presença de vários representantes de classes, incluindo entidades governamentais, filantrópicas e cooperativas de trabalho médico. Desde então, a regional, através de seus eventos científicos como jornadas, cursos, simpósios entre outros, promove atualização e capacitação dos pediatras de Uberaba e região. Realizamos em 2017, nos dias 30 de junho a 1º de julho nossa 26ª jornada comemorando também os 25 anos de fundação da SRPVRG.

Avanços importantes foram conquistados com as gestões; das reuniões realizadas pelo grupo saíram várias propostas adotadas pelas administrações públicas e privadas das empresas de saúde. Eventos para a comunidade como o “Mamaço” contribuíram de forma significativa para a prática do aleitamento materno, posicionamento na formação cultural da população e a divulgação da aplicabilidade de leis de diretrizes de saúde.

A luta pelas salas de aleitamento e pelos bancos de leite, com o objetivo de oferecer assistência à comunidade e atividades educativas, se tornou diária. No ano de 2010, em parceria com uma cooperativa de trabalho médico (Unimed-Uberaba), representantes da Sociedade Regional estiveram na Câmara Municipal de Uberaba defendendo a extensão da licença maternidade, no município, para seis meses. Buscou-se em sessão solene a defesa do aleitamento materno exclusivo, e a aderência aos programas por parte da prefeitura e da câmara municipal, o que serviu de incentivo às demais empresas da cidade. Importante salientar que a Lei Federal nº 11.770/08, partiu de um trabalho desencadeado pelo uberabense Dioclécio Campos Júnior, na época presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria. Outros projetos foram desenvolvidos, como o apoio ao curso “Casal Gestante”, oferecido aos clientes do plano de saúde; em quase dez anos de existência, o curso atendeu mais de duas mil famílias.

A Sociedade Regional, em suas atuações, participa e sugere melhores práticas nos serviços de vacinação, urgências, salas de parto, enfermarias e terapia intensiva. Na luta para redução da mortalidade infantil em Uberaba duas conquistas merecem destaque. A primeira, em agosto de 1995, com a fundação da UTI Pediátrica e Neonatal do então Hospital Escola da FMTM, inicialmente com três leitos que, desde então, foi crescendo em número e complexidade. Atualmente com 20 leitos, promove assistência multidisciplinar a casos graves neonatais e pediátricos e, por estar em meio universitário federal, tem como missão, além da assistência e do ensino, a pesquisa e a extensão, sendo campo de pesquisas para mestrados e doutorados. A segunda, em sete de novembro de 1995, quando, após uma reunião da Regional, foi encaminhada carta aos hospitais da cidade, com lista de materiais e equipamentos necessários para o atendimento de recém-nascidos em sala de parto, a fim de promover uma assistência de qualidade aos RN, além de proporcionar cursos de treinamento para os pediatras, e que foi prontamente aceito pelos hospitais da cidade.

A crescente busca por atendimento aos Serviços de Terapia Intensiva Pediátrica e Neonatal, devido à maior incidência de prematuridade e doenças graves com maior complexidade, foi decisiva para a necessidade de se criar novos serviços. Em 31 de janeiro de 2002, inaugurou-se a UTI Pediátrica e Neonatal do Hospital e Maternidade São Domingos, projeto idealizado por um grupo de pediatras ex-alunos e residentes da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e membros da UTI Pediátrica e Neonatal do Hospital das Clínicas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Inicialmente com quatro leitos, hoje conta com nove leitos e contribui de forma significativa para o atendimento à população pediátrica de Uberaba e região. Mais recentemente, em 2014, foi fundado o serviço de Terapia Intensiva Neonatal do Hospital Universitário Mário Palmério, hoje com 20 leitos.

Atualmente em Uberaba, temos dois hospitais universitários, o Mário Palmério da Universidade de Uberaba (Uniube) e o Hospital de Clínicas da UFTM, além do Hospital e Maternidade São Domingos e o Hospital da Criança, prestando serviços de internação, pronto-socorro, ambulatório geral e de especialidades, UTI Pediátrica e Neonatal, berçário, alojamento conjunto, sala de vacinas e aplicação de palivizumabe. Assim, todos exercendo papel importante desde o atendimento primário até o de alta complexidade,

contribuem para uma pediatria de excelência, não apenas em Uberaba, mas também em toda a região do Triângulo Mineiro.

A Sociedade Regional de Pediatria Vale do Rio Grande, juntamente com a pediatria de Uberaba, tem oferecido contribuições importantes para a organização das composições que desenvolvem os meios acadêmicos, médico e social. A partir das interfaces com a especialidade, através de uma cultura de valorização da primeira infância, com orientação adequada ao estímulo neurolinguístico e psicomotor da criança, a fim de que se torne um adulto saudável e capaz.

Presidentes da Sociedade Regional de Pediatria Vale do Rio Grande: Carlos Antônio Dib (1992-1993, 1994-1995); Adiron Ribeiro Neto (1996-1997); Virgínia Resende Silva Weffort (1998-1999, 2000-2001, 2002-2003); Adiron Ribeiro Neto (2004-2005, 2006-2007); Luciano Borges Santiago (2008-2010, 2011-2013, 2014-2016); Cláudio Araújo Faria (2017-2019).

UBERLÂNDIA

7. História da pediatria em Uberlândia

Melicégenes Ribeiro Ambrósio
2017

Localizada no Triângulo Mineiro, a 537 quilômetros da capital Belo Horizonte, a cidade de Uberlândia foi fundada em 31 de agosto de 1888 e conta hoje com aproximadamente 680.000 habitantes. Segunda maior cidade do estado depois da capital, sua economia está baseada na indústria e na prestação de serviços. Até os anos 40 do século XX, a pediatria era exercida pelos clínicos gerais, os quais atendiam adultos e crianças.

Em 1918 foi inaugurada a Santa Casa de Misericórdia de Uberlândia, o primeiro hospital da cidade. Seus fundadores foram Custódio de Castro Pereira e Duarte Pimentel Ulhôa. Ao longo dos anos, vários pediatras deram assistência gratuita cuidando das crianças ali internadas.

Em 1975, a Sociedade São Vicente de Paulo, mantenedora da Santa Casa de Misericórdia resolveu vendê-la para aplicar o dinheiro em outras obras de caridade, tais como asilos para idosos. Um grupo de médicos locais adquiriu a Santa Casa, que hoje se transformou num dos principais hospitais da cidade com o nome de Hospital Santa Genoveva.

O grande impulso na medicina desta cidade ocorreu com a instalação da Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia (EMECIU), inicialmente de caráter particular, em 1968. Com a sua federalização, ocorrida em 1978, passou a se chamar Curso de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia. Em 1970, foi criado também o Hospital de Clínicas, subordinado à escola de medicina, com todas as especialidades médicas. Hoje, este hospital tem aproximadamente 500 leitos.

O Departamento de Pediatria da Escola de Medicina também evoluiu bastante, com a criação da Residência Médica de Pediatria Geral, bem como em algumas subespecialidades: neonatologia, UTI Pediátrica, gastroenterologia, nefrologia, alergia e imunologia, cardiologia e neurologia.

Na década de 1990, a prefeitura passou a investir na criação de Unidades de Atendimentos Integrados (UAIs), postos que contavam com pronto atendimento e ambulatórios, o que aumentou bastante a oferta de atendimentos pediátricos.

Com o passar dos anos, vários hospitais privados da cidade instalaram UTIs Neonatais: Hospital e Maternidade Santa Clara, Hospital Santa Catarina, Hospital Santa Genoveva, que atualmente tem também UTI Pediátrica, e o Hospital Madrecor.

No ano de 2011, a prefeitura instalou o Hospital Municipal Dr. Odelmo Leão Carneiro, com 250 leitos, dentre os quais 25 são destinados ao cuidado neonatal, que muito tem contribuído para o atendimento dos prematuros e a redução da mortalidade neonatal.

Pediatria da cidade entre os anos 1930 a 1980

Década de 1930

Nesta década chegaram os primeiros pediatras em Uberlândia. Não há registros sobre quem foi o primeiro pediatra da cidade, mas é importante ressaltar a presença de três médicos que exerciam a pediatria naquela época:

Custódio Duarte Guimarães

Nasceu em 1902. Formou-se em medicina na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1926, atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro. Exerceu a pediatria na clínica particular e também na Santa Casa, tendo participado de algumas diretorias da Sociedade Médica de Uberlândia (1953 a 1956). Faleceu em 1974.

Fausto Guimarães Savastano

Nasceu em 1908 na cidade do Prata e faleceu em 1963. Formou-se na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1932. Exerceu clínica particular e também trabalhou no serviço público estadual (centro de saúde). Atualmente, o Centro Regional de Saúde tem o seu nome. Participou ativamente da Sociedade Médica de Uberlândia, tendo feito parte da sua primeira diretoria e, posteriormente, de várias outras.

Domingos Pimentel de Ulhôa

Nasceu em 1908 e faleceu em 1992. Formou-se em Belo Horizonte, na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, em 1933, hoje Universidade Federal de Minas Gerais. Exerceu a clínica privada, lecionou em algumas escolas de Uberlândia, tendo inclusive sido professor do ex-ministro da Saúde, Dr. Adib Jatene. Muitos médicos mais velhos ainda se recordam que o Dr. Domingos foi o seu pediatra. Participou ativamente da criação da Sociedade Médica de Uberlândia e pertenceu à primeira diretoria em 1947, bem como de várias outras. Foi presidente da Sociedade Médica em 1949. No ano de 1966, foi pessoa de destaque na criação e instalação da Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia. Exerceu o cargo de primeiro diretor desta escola e passou a lecionar a disciplina ética médica. O diretório acadêmico da escola de medicina tem o seu nome: Diretório Acadêmico Dr. Domingos Pimentel de Ulhôa (Dadu). Recebeu ao longo de sua vida várias homenagens, inclusive no cinquentenário da escola, em 2017.

Década de 1940

Existiam três pediatras em atividade na cidade: Doutores Custódio Duarte Guimarães, Fausto Guimarães Savastano e Domingos Pimentel de Ulhôa. Um fato que merece destaque foi a fundação da Sociedade Médica de Uberlândia ocorrida no dia 16 de novembro de 1945.

Beatriz de Paiva Tavares

Primeira mulher a exercer a pediatria em Uberlândia. Ela se formou na Universidade Federal Fluminense, em 1945; chegou à cidade em 1948, quando passou a atender em seu consultório e também gratuitamente na Casa da Criança. Em 1967 deixou de exercer a pediatria, dedicando-se à ginecologia. Aposentou-se em 1990.

Fausto Gonzaga de Freitas

Formou-se na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais em 1944. Veio para Uberlândia em 1946, tendo exercido a pediatria até 1957, quando foi para São Paulo estagiar em ortopedia e mudou de especialidade. Participou ativamente da fundação da Escola de Medicina de Uberlândia, bem como do Hospital Santa Genoveva, além de várias gestões na diretoria da Sociedade Médica de Uberlândia.

Década de 1950

Nos anos de 1950 vieram para Uberlândia três pediatras:

Odelmo Leão Carneiro

Formou-se em 1949 na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, vindo para Uberlândia em 1951. Consta que teve a maior clínica pediátrica da época. Era um médico muito querido e caridoso. Quando uma criança adoecia e seu estado era grave, chegava a passar noites na residência da mesma, pois quase não ocorriam internações em hospitais naquela época. Fundou, em 1968, juntamente com José Alves Ribeiro Junior e Salah Daud, o Instituto de Pediatria, que funcionava numa casa com leitos para internações infantis. Posteriormente, o Instituto de Pediatria foi transferido para o Hospital Santo Agostinho e, depois, para o atual Hospital Santa Genoveva. O Dr. Odelmo nasceu em 1924 e faleceu em 1999. Hoje dá nome ao Hospital Municipal de Uberlândia.

José Alves Ribeiro Júnior

Formou-se na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, no ano de 1954. Começou a trabalhar em Uberlândia em junho de 1957. Participou ativamente da Sociedade Médica de Uberlândia, tendo inclusive sido seu presidente. Foi um dos fundadores da Unimed de Uberlândia (antiga Medminas) e seu presidente. Encerrou suas atividades profissionais

em 2005. Foi homenageado pelo Conselho Regional de Medicina em 2014, quando recebeu a comenda de Honra Ética. Tem um filho pediatra, José Maria Barreira Ribeiro.

Hélio Martins da Costa

Nasceu em 1929 e formou-se em medicina na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1957. Veio para Uberlândia em 1959, quando trabalhou em clínica particular e também no serviço público, Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps). Foi fundador do primeiro Hospital Pediátrico de Uberlândia, a Clínica Infantil Dom Bosco, em 1969. Participou da criação da Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia, em 1966, e atualmente está aposentado.

Década de 1960

Em 1960, começaram a chegar vários pediatras à cidade de Uberlândia:

Albene Prudente Naves

Formou-se na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba, em 1962. Foi a segunda mulher pediatra de Uberlândia e trabalhou, predominantemente, no serviço público: Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais (Ipsemg), Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps) e ambulatório da Comunidade Assistencial Sindical de Uberlândia (Casu). Atualmente encontra-se aposentada.

Elísio de Bastos

Formou-se no ano de 1962, na Faculdade de Medicina da UFTM. Trabalhou, predominantemente, na clínica privada e foi um dos fundadores da Clínica Infantil Dom Bosco, em 1969, juntamente com outros colegas.

Salah Daud

Formou-se na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás em 1965. Foi colega de turma da professora Cláudia Lúcia Carneiro, tendo-a indicado para organizar o Departamento de Pediatria da iniciante Escola de Medicina de Uberlândia. Em 1967, veio para Uberlândia onde sempre exerceu a clínica privada. Foi um dos fundadores do Hospital Santa Genoveva, onde trabalha até hoje. Está sempre atuante nas lutas da classe médica da cidade. Foi um dos fundadores da Unimed de Uberlândia (1971),

do Departamento de Pediatria da Sociedade Médica (1973). Pertenceu a várias diretorias da Sociedade Médica e da Unimed. Participou também da instalação da Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia, nos seus períodos iniciais, até 1971.

Luiz Antônio Degani

Formou-se na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP) em 1966, onde fez residência em pediatria. No ano de 1968 veio para Uberlândia e, em 1969, juntamente com os pediatras Elísio de Bastos e Hélio Martins de Castro, fundou a Clínica Infantil Dom Bosco.

Cacildo Afonso Nunes

Formou-se na Faculdade de Ciências Médicas, em Belo Horizonte, no ano de 1968, e veio para Uberlândia em 1969. Exerceu clínica em consultório particular e trabalhou também no Inamps, bem como na Comunidade Assistencial Sindical de Uberlândia (Casu).

Década de 1970

Esta foi uma década em que houve um aumento considerável no número de pediatras na cidade, principalmente após a formatura dos primeiros alunos da escola de medicina, ocorrida nos fins de 1973. Podemos dividi-la em dois períodos: até 1975 e após 1975, quando se formaram os residentes de pediatria.

Até 1975

Oscari Alvim Bruno

Primeiro cirurgião pediátrico da cidade. Formou-se na Faculdade Federal de Medicina do Rio de Janeiro no ano de 1967. Trabalhou na clínica privada e também no Inamps e no Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia.

Em 1971 vieram os primeiros professores para instalar a pediatria na escola de medicina: Cláudia Lúcia Carneiro, que organizou a chefia do Departamento de Pediatria, Elísio de Castro, Lêda Maria Ferreira Silva e Maria José Junho Sologurem.

Abdulkarim Milkem

Formou se em 1970 pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Veio para Uberlândia em 1972 e, em 1975, foi clinicar no interior do Mato Grosso, onde

ficou durante três anos. Em 1978, voltou para Uberlândia e passou a integrar a equipe do Hospital Santa Genoveva, onde trabalha até os dias de hoje.

Melicégenes Ribeiro Ambrósio

Formou-se na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP), em 1970, onde fez residência em pediatria. Veio para Uberlândia em julho de 1973 e foi professor de medicina preventiva e ética médica, durante trinta e oito anos, no Curso de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia. Trabalha como pediatra até os dias atuais. Tem uma filha que é neonatologista, Cristiane Ribeiro Ambrósio. É membro do Conselho Regional de Medicina de Minas Gerais (CRMMG) há 20 anos.

Manoel Eurípedes de Castro

Formou-se na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1972. Veio para Uberlândia em 1974. Foi fundador do Hospital Santa Genoveva, onde trabalhou até o seu falecimento em 1991.

Um fato que merece destaque nesta década foi a criação do Departamento de Pediatria da Sociedade Médica de Uberlândia, quando era seu presidente José Alves Ribeiro Júnior, em 1972. O departamento se consolidou efetivamente no ano de 1974, com a adesão de praticamente todos os pediatras locais. Em 1978, foi realizada uma grande jornada médica em conjunto com o Departamento de Pediatria da Escola de Medicina, que durou uma semana e contou com a participação de professores de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Após 1975 até 1983

Newton Marques

Formou-se na primeira turma da Escola de Medicina de Uberlândia em 1973. Fez residência em São Paulo e sempre exerceu a clínica privada, principalmente no Hospital Santa Catarina. Foi fundador e primeiro presidente do diretório acadêmico Dr. Domingos Pimentel de Ulhôa.

José Marcos de Couto Santos

Formou-se na Escola de Medicina de Uberlândia em 1975. A partir de junho de 1979 trabalhou na Clínica Infantil Dom Bosco.

Com a criação da Residência de Pediatria da Escola de Medicina em 1973, houve a formação de muitos pediatras que ficaram na cidade de Uberlândia.

Dentre os que seguiram a carreira docente, podemos citar os professores José Alfredo Borges da Cunha, Sebastião de Oliveira, José de Souza Carneiro, Luiz Roberto de Almeida, Virgílio Madeira Sobrinho Neto e Divino Vieira Prudente.

Vários ex- residentes de pediatria continuaram trabalhando na cidade, seja em clínica particular ou no serviço público; são eles os pediatras: Vânia Velasco Sócrates de Castro, Kátia Miguel Ganam, Lídia Maria Hubaide, Wany Carneiro de Oliveira, Edelweiss Teixeira Júnior (ex-presidente do Departamento de Pediatria da Sociedade Médica), Rosângela Guimarães Arantes Azevedo, Loe Iwace, Valéria de Castro Ferreira, Júlia Ione Vieira, Cleomedes Arnez Torrico, Georges Ishac de Rezende, Iza Maria Fernandes de Aquino Vidal, Azis Jorge Eloy, Francisco Carlos Santos Diniz, Irina Maria Azenha Alves de Rezende, Luiz Matos de Brito, Maria Inês Fernandes da Silva Almeida, Rosa Maria Pacheco Silveira, Lia Mara Lellis Ceccon (formou-se em Uberlândia e fez residência em São Paulo), Adilmar Gonzaga, Alcione Pereira Clemente Rocha, Ana de Fátima Botelho Abdalla, Gilson Martins Fayad, José Maria Barreira Ribeiro e Valéria Miranda Diogo.

Entre 1975 e 1983 vieram também vários pediatras formados em outras faculdades para trabalhar em Uberlândia, dentre os quais destacamos os médicos José Dias Rezende, Luciano Parreira Soares, Leila Pinheiro de Freitas, Edson Júlio Ferreira, Jomar Ruas de Oliveira, Josina Nogueira Tannus, Maria da Graça Bittar Amaral, Valéria Miranda Diogo e Luiz Alberto Ribeiro.

Naquela época, o número de pediatras na cidade aumentou ainda mais, não somente com a presença dos especialistas formados na Universidade Federal de Uberlândia como também dos formados em outras escolas que se instalaram na cidade.

O Departamento de Pediatria

Com a instalação da Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia, em 1968, a inauguração do Hospital de Clínicas em 1970 e sua posterior federalização, em 1978, fazendo parte da Universidade Federal de Uberlândia, ocorreu um grande impulso na pediatria no município. Criou-se o Departamento de Pediatria em 1971 e, logo em seguida, a residência de pediatria em 1973.

Cláudia Lúcia Carneiro

Para chefiar o Departamento de Pediatria foi contratada a professora Cláudia Lúcia Carneiro, formada na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás em 1965, com residência em pediatria no primeiro Hospital Distrital de Brasília, de 1966 a 1967. Com o passar dos anos, a professora Cláudia dedicou-se à neonatologia, tendo criado a residência nessa área em 1987. Hoje, mesmo aposentada, orienta os residentes na UTI Neonatal do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia e chefia a UTI Neonatal num hospital particular da cidade. Já recebeu inúmeras homenagens, dentre as quais, “Membro da Academia Mineira de Pediatria desde 2005 e a Comenda Honra Ética”, concedida pelo Conselho Regional de Medicina em 2014.

Para ajudá-la a conduzir o departamento na época, ela solicitou a contratação inicial de três professores:

Elísio de Castro

Formou-se na Universidade Federal de Goiás, em 1969, e fez residência em pediatria no primeiro Hospital Distrital de Brasília, em 1970 a 1971. Atuava em pediatria geral e em infectologia pediátrica.

Lêda Maria Ferreira da Silva

Formou-se na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) em Uberaba, no ano de 1969. Em 1970, fez residência pediátrica no primeiro Hospital Distrital de Brasília. Veio para o Departamento de Pediatria em 1971 e, posteriormente, passou a se dedicar mais à gastroenterologia pediátrica, tendo criado a residência nessa área. Em 1991, fez concurso para livre docente na Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo sido aprovada. Atualmente está aposentada.

Maria José Junho Sologurem

Formou-se na Faculdade de Ciências Médicas em Belo Horizonte, em 1969. Fez residência em pediatria na Santa Casa de Belo Horizonte nos anos de 1970 e 1971. Foi contratada pelo Departamento de Pediatria no fim de 1972, exercendo a pediatria geral. Com o passar dos anos, passou a se dedicar mais à pneumologia pediátrica e atualmente está aposentada. Ela defendeu livre docência na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1991.

O primeiro residente da pediatria foi Luiz Roberto de Almeida, no ano de 1973, sendo posteriormente contratado como docente, em 1974, atuando nas disciplinas de puericultura e berçário. No ano de 1976, o Departamento de Pediatria contratou mais três professores: José de Souza Carneiro, que atuou na puericultura, atenção primária e, posteriormente, alergia pediátrica; Sebastião de Oliveira, que trabalhou no berçário juntamente com a professora Cláudia (foi o primeiro professor de pediatria a fazer doutorado no Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto); e Nilson de Abreu, que foi contratado como cirurgião pediátrico, por indicação da professora Cláudia. Formou-se em Goiânia no ano de 1968, tendo feito residência em cirurgia pediátrica no primeiro Hospital Distrital de Brasília, nos anos de 1969 a 1971.

José Alfredo Borges da Cunha

Formou-se na primeira turma da Escola de Medicina de Uberlândia, onde fez residência. Foi contratado como professor em 1978. Com o passar dos anos, estagiou em São Paulo em cardiologia pediátrica e passou a ser referência nesta subespecialidade.

Virgílio Madeira Sobrinho Neto

No ano de 1978, o Departamento de Pediatria contratou o professor Virgílio Madeira Sobrinho Neto, que se formou em Uberlândia no ano de 1975, tendo feito residência em 1976 a 1977, passando a se dedicar à endocrinologia pediátrica. Fez mestrado nesta área na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.

Em 1979 o Departamento de Pediatria contratou mais dois docentes: Divino Vieira Prudente, que passou a se dedicar à gastroenterologia infantil, sendo preceptor da residência nessa área, atualmente aposentado; e José Martins, primeiro neuropediatra da cidade. Infelizmente, faleceu muito jovem, em 1993. Posteriormente foi contratado Helder Castro de Bastos, falecido em 2015.

Em 1981, com a Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia já federalizada e pertencente à Universidade Federal de Uberlândia, ocorreu o primeiro concurso público, em que foram aprovados dois novos docentes para o Departamento de Pediatria: Valéria Bonetti, com mestrado e doutorado na Escola Paulista de Medicina na Universidade Federal de São Paulo (atual

Unfesp), foi chefe do Departamento e também diretora da Faculdade de Medicina nos anos de 2000 a 2004; criou também a residência de nefrologia pediátrica; é professora titular de pediatria. Outros aprovados foram Vânia Olivetti Steffen Abdallah, neonatologista, com mestrado e doutorado na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP).

Um novo concurso público ocorreu em 1982 para o Departamento de Pediatria, quando foram contratados: Eduardo Antônio de Andrade, Orlando Mantesi (professor titular e hoje vice-reitor da Universidade Federal de Uberlândia), Hélio Lopes da Silveira, Jorge Hirano, Virgínia Paes Leme Ferriani, Carlos Henrique Martins da Silva, Maria Bernadette Jeha Araújo (atual chefe do Departamento de Pediatria).

Vários outros concursos ocorreram ao longo da história do Departamento, para preenchimento de vagas decorrentes de aposentadorias de diversos professores. Desde a criação da residência médica pelo Departamento de Pediatria, de 1973 até 2016, já se formaram 302 médicos pediatras, que passaram a trabalhar tanto em Uberlândia como nas mais variadas cidades deste país.

FONTES

Apontamentos para a História da Medicina e Farmácia de Uberlândia 1846-1968. Dr. Longino Teixeira. Trabalho apresentado na Sociedade Médica de Uberlândia, 1968.

Arquivos do Conselho Regional de Medicina de Minas Gerais.

Arquivos do Departamento de Pediatria do Curso de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia.

Entrevistas com vários médicos.

SEÇÃO C

**História dos Hospitais, Clínicas,
Serviços e outras Residências de
Pediatria de Belo Horizonte**

8. Hospital São Francisco de Assis

Mário Lavorato da Rocha
2017

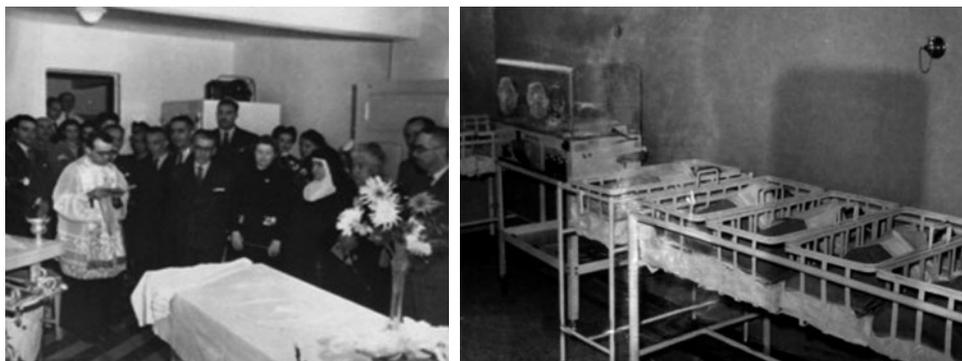
Após a Revolução de 1930, o presidente do Conselho Metropolitano da Sociedade São Vicente de Paulo de Belo Horizonte (SSVP), Joaquim Furtado de Menezes, ajudou a construir galpões no bairro Concórdia, na capital mineira, em terreno doado pelo desembargador Tito Fulgêncio para acolhimento de crianças e viúvas dos soldados mortos na Revolução de 1930.

Em 1931 um grupo de médicos, dentre eles Francisco de Souza Lima, Hilton Rocha, João Baptista Rezende Alves e Afonso Lustosa, iniciou a assistência médica naquele local. Com base nesse ato humanitário, aqueles médicos criaram a Corporação de Médicos Católicos, que deu início à construção do hoje conhecido Hospital São Francisco de Assis (HSFA). Inaugurado no dia 7 de outubro de 1936, com 11 leitos, o hospital atendia inicialmente apenas às clínicas médica e pediátrica.

Segundo fontes fidedignas, o nome São Francisco de Assis foi escolha e sugestão do médico João Rezende Alves, aceitas pelos membros do Conselho da Corporação. Dr. João havia sido residente em uma instituição hospitalar do mesmo nome no Rio de Janeiro, da qual trazia boas recordações, daí a homenagem.

Pioneiros do atendimento pediátrico no HSFA, os doutores Francisco de Sousa Lima, Pérsio Pereira Pinto e Berardo Nunam começaram o atendimento ambulatorial. Em 1945 foi criado o Lactário Modelo, onde passaram a ser utilizadas as melhores técnicas disponíveis na época para a confecção das dietas infantis. Naquela ocasião, o hospital já contava com sete leitos na pediatria para atendimento de crianças cadastradas pela Sociedade São Vicente de Paulo.

A demanda de pacientes crescia, fazendo com que o desenvolvimento viesse a reboque desse crescimento. Para equipar o berçário, o hospital adquiriu em 1960 uma moderníssima incubadora Isolete. Os atendimentos na pediatria eram então realizados pelos médicos Francisco de Sousa Lima, Francisco de Sousa Lima Filho e Saul Barbosa Arantes. Lauro Machado Alvim e Ronaldo Arédio Ferreira faziam estágio naquela época.



Inauguração do Lactário do Hospital São Francisco de Assis, em 1945 (dir.) e berçário do hospital

Em 1964, o Hospital São Francisco de Assis assinou convênio com o Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI), que havia credenciado os dez primeiros pediatras para o atendimento dos dependentes dos segurados: Drs. Lauro Machado Alvim, Florisvaldo Tolentino Caldeira, Saul Barbosa Arantes, Ronaldo Arédio Ferreira, Ilza Terezinha de Carvalho, Aldo Casilo, Nísio de Oliveira, Francisco de Souza Lima e Francisco de Souza Lima Filho. O serviço foi instalado em área pertencente ao Hospital São Francisco de Assis, na Rua Itapagipe, sob a coordenação do Dr. Mozart Tolentino.

Ainda em 1964, Mozart Tolentino deixou a coordenação, que passou a ser exercida pelo médico José Guerra Lages, na condição de funcionário administrativo do IAPI, designado pelo superintendente médico, Antônio José Sobrinho. Em 1965, esse serviço foi transferido para instalações do Hospital da Baleia.

É importante lembrar figuras ilustres que trabalharam no hospital, tais como os Drs. Noronha Perez, Eduardo Osório Cisalpino, José Ribeiro Filho e José Aloísio da Costa Val, que comandavam o laboratório de patologia clínica e davam suporte à pediatria com os exames complementares. Mais recentemente, passaram também pelo laboratório do hospital os médicos José Euclides Franco Ribeiro e Jorge Saliba.

Com o advento e a expansão da medicina suplementar, os planos de saúde ocuparam mais espaço no HSFA, ocasião em que aconteceu uma ampliação do atendimento no ambulatório e o aumento do número de leitos destinados aos pacientes internados.

Construída em área nobre e seguindo as normas técnicas exigidas pelo Ministério da Saúde, a pediatria passou a contar com 40 leitos e uma

residência médica de qualidade reconhecida. Coordenaram a clínica pediátrica nesse período mais recente Mário Lavorato da Rocha e Lidson Faria Potsch Magalhães. A neurologia pediátrica tinha como preceptores Luís Fernando Fonseca e Maurício Barbosa Horta, este ex-residente da clínica pediátrica do próprio hospital. Ricardo Paixão era o responsável pela cirurgia infantil.

Alguns de seus ex-residentes continuaram como pediatras da instituição. São destaques, em Belo Horizonte, os colegas Sílvia Sabino, Laila Corrêa Soares e Sérgio Guerra. No interior do estado, Carla Fiúza Malheiros, em Teófilo Otoni; João Bosco, em Viçosa; e Maria José, em Ubá.

Atualmente o HSFA continua como hospital geral, porém administrado pela Prefeitura de Belo Horizonte.

9. Hospital Dalca Azevedo

Diomar Tartaglia (in memoriam)

William Nagem

2009

A mortalidade infantil por gastroenterite era muito elevada em Belo Horizonte e sempre foi uma grande preocupação dos pediatras que trabalhavam, em meados do século passado, sob a égide de governos que não se davam conta da importância de políticas públicas voltadas para o sanitarismo e a saúde. Os recursos da medicina ainda eram escassos, e os médicos trabalhavam com o que havia disponível, inclusive do ponto de vista farmacológico.

Assim, a criação do Conselho Municipal de Profilaxia e Combate à Gastroenterite, em 1956, foi uma boa medida. Criado pela Lei Municipal nº 568, de 9 de outubro de 1956, o órgão era uma autarquia do município, com regulamento próprio e aprovado pelo Decreto-Lei nº 523, de 9 de outubro de 1956, e pela Lei nº 928, de 16 de junho de 1962.

O cargo de chefe da Seção de Gastroenterite do Conselho e o de chefe do primeiro posto de Reidratação passou a ser denominado “diretor de hospital”, com vencimentos e vantagens equivalentes aos do diretor do Hospital Municipal “Odilon Behrens” (Lei José Vasconcelos). Para a manutenção de suas atividades, a prefeitura entrava diretamente com uma quantia (como

autarquia), enquanto parte da arrecadação obtida nas bilheterias dos cinemas completava o orçamento. O pavilhão recebeu o nome de Dalca Azevedo, em homenagem à esposa do então prefeito Celso de Melo Azevedo. Foram diretores, de 1956 a 1964, os doutores José Vasconcelos e Antônio Torres e, de 1964 até sua extinção, o Dr. William Nagem.

Em 2 de abril de 1966, a administração do hospital recebeu uma homenagem feita pelo então presidente da Câmara de Vereadores de Belo Horizonte, Dr. Rui da Costa Val (anais da Câmara Municipal de Belo Horizonte), em função dos serviços prestados à sociedade pelo Pavilhão Dalca Azevedo. Em dezembro de 1966, o diretor do Departamento de Obras da Prefeitura visita o pavilhão para inaugurar a ampliação do hospital. O crescimento da instituição possibilitou a melhoria do conceito do serviço, que alcançava índices favoráveis, o que permitia mais crédito para que ela adquirisse a quantidade de medicamentos necessária à continuidade do atendimento.

Em junho de 1966, os médicos Ênio Pinto Corrêa e José Soares de Figueiredo, secretários do Conselho, visitam as instalações e recomendam ao prefeito constar na ficha funcional do então diretor do Dalca Azevedo, Dr. William Nagem, um elogio a ele pela conceituação e eficiência na administração.

O reconhecimento pelo serviço aumentou com a publicação do livro sobre Reidratação, escrito pelo Dr. Sérgio Furtado Borges, com a colaboração do Dr. José Luiz da Costa Val.

O sistema de trabalho, de plantões 24 horas para médicos e enfermeiros, funcionava a todo o vapor com uma diretoria formada por profissionais já renomados àquela época: diretor, William Nagem; assessor da diretoria, Ennio Leão; administrador, Francisco Pires de Miranda. Da equipe médica, constavam os seguintes Drs: Ataul de Barros Fernandes, Cícero Plínio Bittencourt, Clóvis Boechat de Menezes, Diomar Tartaglia, Carlos Epiphânio Queiroz, Edson Dias Pereira, João Zuquim Filho, José Figueiredo, José Luiz da Costa Val, José Nasário Gonçalves, José Vasconcelos, João Bernardes Ferreira Alhais, João Bosco Nassif da Silva, Márcio de Oliveira, Marta Alice Venâncio Romanini, Rafael Donatto, Sarah Milstein, Saul Barbosa Arantes, Sérgio Furtado Borges e Timóteo de Oliveira.

O Dalca Azevedo era o retrato da precariedade das condições de higiene e nutrição de crianças atendidas no hospital, moradoras, em sua grande maioria,



Palestra do Dr. Clóvis Boechat de Meneses no Centro de Estudos do Pavilhão Dalca Azevedo, com a presença dos pediatras Diomar Tartaglia, Stanislava e Márcio de Oliveira, assentados. Em pé: Sara Milstein e Marta Alice Venâncio (Foto: Acervo pessoal da Dra. Diomar Tartaglia)

em favelas. Uma média de 100 crianças por dia era atendida no hospital, sendo a mortalidade muito elevada. As crianças recebiam hidratação venosa e quase sempre as mães as acompanhavam, mas a reinternação era frequente, aumentando não só o retorno de lactentes, mas também o número de óbitos.

Centro de Estudos Dalca Azevedo

A atualização dos conhecimentos médicos era realizada nesse Centro de Estudos, tendo na presidência Rafael Donato, em conjunto com a Sociedade Mineira de Pediatria. Diomar Tartaglia, durante 1964 a 1968, foi bibliotecária, palestrista e membro da Comissão de Terapêutica do Conselho Municipal de Profilaxia e Combate à Gastroenterite. As palestras eram realizadas pelos médicos da casa e por convidados.

Em 29 de dezembro de 1967, o então prefeito Luiz de Souza Lima, por decreto, extinguiu o Conselho Municipal de Profilaxia e Combate à Gastroenterite (art. 5º do Decreto nº 1.598).

FONTE

Anais da Câmara Municipal de Belo Horizonte.

10. Pronto Socorro Infantil (PSI)

Fausto Gomes Baptista (in memoriam)

2008

O Pronto Socorro Infantil funcionou durante 33 anos, de 2 de dezembro de 1956, quando foi fundado, a 30 de novembro de 1989, ano em que encerrou suas atividades. Funcionava dia e noite, sem interrupção, inclusive aos domingos e feriados. Não existia em Belo Horizonte um hospital especializado em atendimento exclusivo à criança. Estas eram atendidas pelo corpo clínico de hospitais de emergência existentes, muitas vezes sem acompanhamento de pediatras.

Então, naquela data, no gabinete do Hospital São Vicente de Paula, em Belo Horizonte, reuniram-se alguns médicos, previamente escolhidos e convidados, para a organização de uma sociedade com o objetivo de prestar serviços especializados e de urgência com foco na criança. Compareceram Adalto Viana Nunes, Fausto Gomes Baptista, Saul de Faria Pereira, Luiz Garcia Pedrosa, Welerson Lourenço de Lima, Elmo Perez dos Santos e Anselmo Nicolau Pereira. Para presidir a primeira reunião, o Dr. Luiz Garcia Pedrosa indicou o Dr. Fausto Gomes Baptista, e para secretariar, o Dr. Anselmo Nicolau Pereira.

O presidente expôs aos presentes a finalidade da sociedade em organização, voltada à prestação de serviços médicos especializados, cuja sociedade, por quotas de responsabilidade limitada, seria denominada “Pronto Socorro Infantil Limitada”, com sede nesta cidade, e capital de 700 mil cruzeiros, divididos em quotas de mil cruzeiros cada uma. Transformada a exposição em proposta, esta foi unanimemente aceita, subscrevendo cada um dos presentes dez quotas. Propôs o Dr. Adalto Viana Nunes que se constituísse, desde aquela data, uma diretoria composta de: presidente, diretor-gerente, secretário e tesoureiro. A diretoria se incumbiria da organização e da constituição da sociedade. Na primeira diretoria, foi eleito para presidente o médico Fausto Gomes Baptista; para diretor-gerente, Luiz Garcia Pedrosa; o secretário seria Anselmo Nicolau Pereira, e Elmo Perez dos Santos, o tesoureiro. A diretoria foi empossada no mesmo dia.

O presidente, em seu nome e no dos demais membros, agradeceu a confiança, com que foram distinguidos, prometendo levar avante a sociedade e não medir esforços quanto ao seu êxito. Disse estar confiante que o novo empreendimento seria aceito no meio médico, com os benefícios que trariam à população e os novos conceitos da pediatria que levariam à opinião pública e a autoridades constituídas. A ata da reunião foi assinada por todos em 10 de dezembro daquele ano.

Para a sede da instituição, os sócios alugaram a parte superior do prédio da Av. Amazonas, 1660. Depois das adaptações necessárias, ali passou a funcionar o primeiro Pronto Socorro Infantil de Belo Horizonte. No dia 16 de fevereiro de 1957, às 16 horas, o padre Agnaldo Leal abençoou as instalações, e Pedro Américo Baptista Passos, funcionário do Laboratório Schering, filmou a cerimônia, a pedido do Sr. Hermes Pardini, na época diretor do laboratório. O evento culminou com um coquetel e a presença de pediatras de Belo Horizonte, autoridades médicas e governamentais, além de familiares. O Jornal “O Diário”, antecipando a inauguração, publicou em destaque, no dia 15 de fevereiro, a criação desse hospital, aberto a médicos particulares.

Consta em ata da 6ª reunião dos sócios em 1957, ainda na Av. Amazonas, 1660, a participação dos médicos pediatras contratados, os colegas Nívio Bráz de Lima e Guy Janotti, para substituir plantonistas sempre que fossem solicitados. Em março de 1958, chegou-se à conclusão de que havia necessidade de espaço maior. O Dr. Wellerson sugeriu a compra do palacete pertencente a Felício Neme, situado na Av. Assis Chateaubriand, no bairro Floresta. A sugestão foi aceita pelos sócios, mas seriam necessárias modificações na casa de dois pavimentos, visando às finalidades médicas a que seriam destinadas.

A empresa de engenharia Wenzel e Wenzel, contratada pelos sócios, realizou em tempo recorde os serviços para a construção das instalações, como salas de radiografia, de enfermagem, de farmácia, além do bloco cirúrgico e de espaços reservados à administração e à contabilidade. O acabamento, concluído no ano de 1959, contou, bem como toda a obra, com a participação do arquiteto Paulo Humberto Passos Baptista.

No dia 10 de maio de 1960, um dia das mães, o prédio próprio do Pronto Socorro Infantil teve sua solenidade de inauguração, com a presença maciça dos pediatras de Belo Horizonte e autoridades médicas e governamentais. Novamente, o padre Agnaldo Leal abençoou as instalações do PSI, dessa

vez em sua sede própria. A imagem do menino Jesus, colocada na sala de entrada do prédio, dava as boas-vindas aos convidados e posteriormente aos pacientes.

Corpo clínico: Para complementar o corpo clínico do Pronto Socorro Infantil, foram escolhidos pelos sócios-fundadores médicos de outras especialidades, tais como cirurgia do tórax: Paulo Pedro Lessa Baptista; otorrinolaringologia: Ismael Gomes; patologia clínica: Benedito Rodrigues; radiologia: Alonso Lamy de Miranda.

Médicos plantonistas diurnos e noturnos: Maria Elizabeth Gomes Baptista, Maria Carmem, Maria Luzia Magalhães, Navantino Alves Filho, Shirlene, Cícero Plínio Bittencourt, Nívio Braz de Lima, Roberto Flores, Jurandir Fabel, Lúcia Amorim, Dadiane, Diomar Tartaglia e vários outros durante a existência desse hospital.

Advogado: Vicente de Paula Ribeiro

Secretaria e recepção: Graça Melo, Inácia, Maria da Conceição Lana, Mirian Antônia, Dulcilene e Andrea Aparecida de Moraes.

Enfermeiras: Júlia Maria Silvia de Rezende, responsável pelo material de esterilização, e Ruth Rosa Camargos, responsável pelo serviço de banco de sangue.

Os médicos plantonistas e as enfermeiras trabalhavam em horários previamente estabelecidos pela diretoria, e, não podendo esses comparecer por algum motivo, o que raramente acontecia, eram convocados médicos e enfermeiras para a substituição dos faltosos.

As enfermeiras, todas formadas em escolas de enfermagem, assistiam aos doentes e familiares com total cordialidade. Prestavam também assistência colaborando com os médicos pediatras e de outras especialidades no tratamento aos pacientes. As causas principais da procura dos pacientes pelo Pronto Socorro Infantil estavam relacionadas a acidentes, infecções respiratórias e desidratação aguda.

O atendimento por acidentes era proporcionalmente maior que o por outros motivos. Os sócios sugeriram que fizéssemos uma estatística dos números desses atendimentos. Em dezembro de 1960, escrevi um trabalho com o título “Considerações sobre os casos de acidentes atendidos no Pronto Socorro Infantil, em Belo Horizonte, em três anos”. O trabalho teve excelente repercussão sobre os médicos de todo o Brasil, sendo citado por diversos



Primeira diretoria do Pronto Socorro Infantil da esquerda para a direita: Elmo Perez dos Santos, Luiz Garcia Pedrosa, Saul de Faria Pereira, Adalto Viana Nunes, Fausto Gomes Baptista, Welerson Lourenço de Lima e Anselmo Nicolau Pereira



Fachada do Pronto Socorro Infantil, ampla e moderna para os padrões da época
(Fotos: Acervo pessoal do Dr. Fausto Gomes Baptista)

colegas e professores em revistas e livros e publicado pelo *Jornal de Pediatria* da Sociedade Brasileira de Pediatria, em seu volume 25, no mesmo ano.

Em agosto de 1967, o sócio Dr. Welleson Lourenço de Lima apresentou proposta de venda de sua cota a seus colegas. Proposta aceita com pesar, sobretudo pelo fato de o colega ser um excelente médico. Em 1968, demos início à construção de um bloco anexo à casa principal, aproveitando a extensão do terreno, que fazia fundos com a Rua Aquiles Lobo. Foi ampliado o número de leitos e completadas as unidades de apoio formadas pela farmácia, lavanderia, sala de enfermagem, administração, contabilidade e sala de radiografia.

O Pronto Socorro Infantil, durante os seus anos finais de funcionamento, dispunha de dez apartamentos no terceiro pavimento, seis enfermarias no segundo pavimento e nove enfermarias no andar térreo. Nossa área de cirurgia, na época a única climatizada em Belo Horizonte, era utilizada pelos médicos do hospital e pelos cirurgiões de outras especialidades. O Pronto Socorro dispunha também de um pequeno auditório.

Criamos o Centro de Estudo do PSI (Pronto Socorro Infantil), onde promovíamos reuniões mensais, científicas entre os próprios pediatras, com a presença também de colegas da capital, desejosos de conhecer o tipo de pediatria de urgência praticada no hospital. Em outubro de 1976, os sócios foram surpreendidos pela morte repentina do Dr. Anselmo Nicolau Pereira.

Sócio, colega, amigo e excelente companheiro. Em novembro de 1980, a sua cota foi comprada dos herdeiros pelo Pronto Socorro Infantil.

Em fevereiro de 1982, comemorou-se, com satisfação, o jubileu de prata do PSI. A materialização do sonho antigo era motivo de orgulho para todos os que abraçaram o projeto desde o seu início. Na época, constituía-se um hospital pequeno, mas estabelecido em prédio próprio, reconhecido e respeitado pelo meio médico e pela população.

A partir de então, o país entrara em uma crise econômica, que afetava sobremaneira os hospitais. Mesmo assim, continuamos por mais sete anos enfrentando as turbulências da economia, até que os sócios decidiram fechar as portas do PSI definitivamente, com grande pesar. O encerramento ocorreu em novembro de 1989, época em que já não contávamos mais com a presença do médico Adalto Viana Nunes, falecido.

Assim foi a história do Pronto Socorro Infantil, referência de bom e rápido atendimento numa cidade que não contava com esse serviço de emergência exclusivamente infantil, a não ser nos grandes hospitais de clínicas gerais da capital. Trazia tranquilidade à população, que podia contar 24 horas por dia com um atendimento especializado e com a urgência que muitas vezes os casos exigiam.

11. Clínica Pediátrica do Hospital do Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais (Ipsemg)

Francisco Caldeira Reis

Múcio de Paula

2017

A Residência de Pediatria do Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais (Ipsemg) teve início no mês de janeiro de 1973, sob a coordenação e responsabilidade da Clínica Pediátrica do Ipsemg, no Hospital Governador Israel Pinheiro (HGIP), na gestão do Dr. Múcio de Paula.

O Hospital Israel Pinheiro foi inaugurado no dia 18 de fevereiro de 1971. Anteriormente, a clínica pediátrica esteve em atividade a partir da década de 1950, no antigo Hospital da Previdência, na Alameda Álvaro Celso, no bairro Santa Efigênia.

Coordenadores da clínica pediátrica Íris Valadares: José Maria dos Mares Guia; Múcio de Paula, 1970 a 1982; Lincoln Marcelo Silveira Freire, 1982 a 1985; Francisco José Caldeira Reis, 12/1985 a 11/1988; Mário Lavorato da Rocha, 1988 a 1992; José Sabino de Oliveira, 1992 a 2000; Fernando Antônio Santos Werneck Cortes, 2000 a 2004; Alexandre Rezende Fraga, 2004 a 2008; Laís Maria Santos Valadares e Valadares, 2008 a 2011; Alessandra Lucia Lima Andrade Machado; 2011 a 2017.

Preceptores da residência de pediatria: Lincoln Marcelo Silveira Freire – professor de pediatria da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Francisco José Caldeira Reis, professor de pediatria da UFMG; Kant José de Oliveira; José Estanislau de Carvalho; José Sabino de Oliveira, professor de pediatria da UFMG; Fernando Antônio Santos Werneck Cortes; Mário Lavorato da Rocha; Hélio Rachid Bittar; Laís Maria Santos Valadares e Valadares; Eugênio Marcos Andrade Goulart, professor de pediatria da UFMG; Rui Miranda Filho; Reynaldo Gomes de Oliveira, professor de Pediatria da UFMG; Sônia Matoso Calumby Hermont; Cláudia Caldas Becho; João Carlos Ferreira; Alexandre Resende Fraga; e Alessandra Lúcia Lima Andrade Machado.

Colaboradores da residência de pediatria: Antônio de Pádua Gandra Santiago, cirurgia pediátrica; Luciano Dantes de Paula, cirurgia pediátrica; Manoel Firmato de Almeida, cirurgia pediátrica; Max Carsalad Schlobach, cirurgia pediátrica; Wagner Neder Hissa, cirurgia pediátrica; Christóvão de Castro Xavier, neurologia pediátrica; Lucas Monteiro de Castro, neurologia pediátrica; Maurício Barbosa Horta, neurologia pediátrica; Bernardo Gontijo, dermatologia; Maria da Glória Cruvinel Horta, cardiologia pediátrica; Manoel Luiz da Silva Cataldo, otorrinolaringologia; Marcos Bastos, hematologia; e Paulo Cezar Magalhães, odontologia.

Centro de Tratamento Intensivo Pediátrico

O Centro de Tratamento Intensivo Pediátrico foi instalado em decorrência da necessidade de assistência terciária para os pacientes mais graves internados

nas enfermarias de pediatria. Foi iniciada a preparação das equipes de enfermagem e médicos pediatras intensivistas para o funcionamento do CTI, em junho de 1986. CTI Pediátrico foi inaugurado no dia 12 de março de 1987. Vários plantonistas colaboraram na formação dos pediatras da residência de pediatria.

Colaboradores do CTI Pediátrico: José Sabino de Oliveira – coordenador do CTI; Reynaldo Gomes de Oliveira, coordenador do CTI; Alexandre Resende Fraga, coordenador do CTI; Eduardo de Magalhães, coordenador do CTI; Ana Maria Meyge, coordenadora do CTI; Sônia Matoso Calumby Hermont; Márcia Gomes Penido Machado, professora de pediatria da UFMG; Carlos Milton de Coutinho Ottoni; Horace Wells Silveira Bronzon; e Oswaldo Trindade Filho.

Residentes de Pediatria do Ipeemg

Alguns pediatras, ex-residentes da clínica pediátrica do Ipeemg são destaques na vida profissional no Brasil e no exterior: Mirtes Maria do Vale Beirão, professora de pediatria na UFMG; Eugênio Marcos Andrade Goulart, professor de pediatria UFMG; Maria Albertina Santiago Rego – professora de pediatria da UFMG; Reynaldo Gomes de Oliveira, professor de pediatria da UFMG; Orlando Pereira da Silva, professor titular de pediatria da *University of Western Ontário*, Londres e Canadá; Nikolas André Mata Machado, neuropediatra em Chicago, USA; Porcina Neta Chaves; Sônia Maria Rocha; Sônia Suzete Campolina; Paulo Valentini Júnior; Marcius Nogueira Pinto de Carvalho; Nulma Souto Jentzsch; Bruno França; Custódio Aleixo Maia; Ângela Maria Navarro; Eugênio Gomez; José Lemos Sobrinho; Murilo Horta Ludolf de Melo Machado; José Geraldo de Faria; Ricardo Machado Costa; Jorcelino Olívio de Melo; Maria Carmen Guimarães Rosa; Cláudia Caldas Becho; Eduardo de Magalhães; Rui Miranda Filho; Valéria Menezes; Ana Maria Seguro Meyge; Marco Antônio Biaggioni; Maria Cristina Vasconcelos; Lenice Aparecida Oliveira; José Paulo Lupatini; Jane Mendonça; Sílvio Gomes; Márcio Dominato; Mário Emílio Goulart; Cláudia Janot Pacheco; Maria da Glória Cançado; Marcela Damásio Ribeiro de Castro; Tilza Tavares; Carla Lima Dias Duarte; Sílvia Frossard Urbano; Denise Mendes Dias Maia; Denise Maria Diniz Gonçalves; Marília de Azevedo Janotti Guerra; José Valério Ramos Martins; Gilce Moura Rodrigues Oliveira; Giovanna Prado Franco Araújo; Alexandre Resende Fraga; Beatriz Fagundes Pedrosa; Ana

Maria Hadad; Silene Higino Fiúza; Denise Augusta Ferreira; Marta Cristina Duarte; Fernando Homero Richard Ávila; Ana Lúcia Teixeira; Virgílio Aleixo de Oliveira; Marlice Hallack Martins da Costa; Roberto Piccinin; Patrícia Nardi; Ana Luiza Pimenta Brandão; Luciana Amaral; Rodrigo Augusto Sales Reis; Herika Glayce de Oliveira Bueno; Rosiléia Alves da Silva; Renata Rossi Gonçalves; Vânia Márcia Rezende Calil; Alexandra Marques do Nascimento; Lina Pinelli Magalhães Duarte; Juliana Santos; Flávia Gomes Faleiro; Flávia Fajardo; Oriana Viana Carneiro Brant; Luciana Seabra; Cristina Cruz Hegner; Juliana Ribeiro Diaz; Mysia Murta Souto; Érika Lima Dolabella Teixeira da Costa; Natalie Yamashabi; Juliana Azevedo; Daniela Silva; Camila Silva Peres Cancela; Lílian Dayrell de Moura; Tatiana Ferreira Souza Machado; José Andrade Franco Neto; Luciana Rocha; Mariana de Carvalho Machado Fernandino; Juliana Alves Hoehne; Mayra Faria Rezende; Isabella Correa Chaves Nunes; Alysso Souza Rezende; José Maria Barros Barcelos Júnior; Gustavo Vieira Rodrigues Maciel.

12. Hospital Infantil São Tarcísio

Guy Freire Jannotti
2010

Antes mesmo de relatarmos os dados históricos do Hospital Infantil São Tarcísio, devemos fazer um preâmbulo a respeito da fundação da “Assistência Pediátrica de Urgência (APU)”, a célula mater do hospital. Inaugurada no ano de 1960, em uma casa alugada na Rua Santa Catarina, 810, esquina de Rua Aimorés, a APU foi inicialmente destinada a internações pediátricas, pequenas cirurgias, ortopedia e consultas pediátricas ambulatoriais, com atendimento 24 horas. Seus sócios-fundadores foram os doutores Nívio Braz de Lima, Guy Freire Jannotti, Ney Diniz Xavier, Milton de Souza Barros, José de Castro Abreu, Ataul de Barros Fernandes, Ruy de Lima e João dos Santos Filho, além da enfermeira Carmem.

Inicialmente, o corpo clínico era composto pelos médicos Nívio Braz de Lima, Guy Freire Jannotti, Milton de Souza Barros, Fernando José Rodrigues

de Miranda, Ataul de Barros Fernandes, José de Castro Abreu, João dos Santos Filho, Ruy de Lima e Ney Diniz Xavier.

Naquela época (anos 1960), existia em funcionamento apenas um hospital pediátrico de urgência – o Pronto Socorro Infantil. Desde o início das atividades da APU, contamos com o prestígio dos mais renomados pediatras, não só nas internações de seus pacientes, mas também no atendimento domiciliar às suas clínicas particulares. Depois de certo tempo, o Dr Milton de Souza Barros desligou-se da sociedade, passando a substituí-lo o Dr. Jair Araújo.

Com o bom andamento dos atendimentos, o crescimento da demanda e o apoio dos colegas, a clínica não suportava mais tanto movimento. Decidimos, então, constituir o Hospital São Tarcísio – Assistência Pediátrica de Urgência. Este fato tornou-se concreto em 17 de maio de 1966, quando compramos o imóvel da Rua Gonçalves Dias, 1.608, da Sociedade Religiosa das Irmãs do Cenáculo.

As finalidades e condições do hospital

O hospital tinha como finalidade atuar no melhor padrão assistencial à criança e contribuir para o progresso da ciência médica. Para tanto, mantinha instalações adequadas e especialidades médicas necessárias para o seu bom funcionamento de forma integrada.

O HST dispunha de condições de estrutura física e funcional em observância da boa técnica administrativa, além de criteriosa seleção e treinamento de pessoal. A instituição sempre esteve aberta aos médicos devidamente habilitados e havia ainda uma cooperação importante com entidades de classe e o poder público.

Em 1979, retiram-se voluntariamente da sociedade os doutores Guy Freire Jannotti, Ataul de Barros Fernandes, Fernando José Rodrigues de Miranda, João dos Santos Filho e Ney Diniz Xavier.

Na tentativa de manter o hospital em funcionamento, os sócios remanescentes, doutores Nívio Braz de Lima, José de Castro Abreu, Ruy de Lima e Jair Araújo, venderam cotas aos pediatras Yehoshua Ziegler, Marcos Raimundo Taveira, Antônio Carlos Araújo, Suzana Bernardes Fróes, Carlos Alberto Takahassi, Pitágoras Carmo de Moraes, Guilherme de Melo Masci, Eliana Miriam Lara e George Antônio Soares Craviée.

Em 1985, os sócios passaram a conviver com problemas de manutenção do funcionamento do hospital em virtude das dificuldades de continuar atendendo com qualidade seus pacientes, situações essas do conhecimento público, tais como a baixa remuneração pelas instituições conveniadas, especialmente o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), o alto custo dos equipamentos e outras tantas, que a direção do hospital, não percebendo outra solução, viu-se na contingência de encerrar as atividades.

O imóvel foi vendido ao Instituto de Previdência do Estado de Minas Gerais (Ipsemg), onde hoje se encontra em fase de adaptação, a fim de funcionar no local um Centro Cultural, patrocinado pelas Centrais Elétricas de Minas Geraia, (Cemig).

Sem citar nomes, uma vez que poderíamos nos esquecer de alguns, aproveitamos este relato para agradecer a todos os colegas que, por meio do prestígio pessoal e da sincera amizade, nos deram total apoio em todo o período de nossas atividades.

Assino este relato em meu nome e também no dos sócios-fundadores que já se foram e no daqueles que ainda estão entre nós.



Da esquerda para a direita, os sócios-fundadores: Nívio Braz de Lima, enfermeira Carmem, Guy Freire Jannotti, Ney Diniz Xavier, Milton de Souza Barros, Fernando José Rodrigues de Miranda, José de Castro Abreu, Ataul de Barros Fernandes, Ruy de Lima e João dos Santos Filho (Foto: Acervo pessoal do Dr. Guy Freire Jannotti)

13. Pediatria do Hospital Militar de Minas Gerais

Rita de Cássia Aguilhar Menezes

2011

Em 1897, a capital do estado de Minas foi transferida da cidade de Ouro Preto para Belo Horizonte. O primeiro Batalhão da Polícia Militar acompanhou essa transferência, instalando-se neste município. Naquela época, os oficiais e os praças da corporação, denominada Brigada Policial, eram atendidos e hospitalizados na Santa Casa de Sabará e na Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte, em enfermaria denominada “Enfermaria Militar”.

Em 1913, através do Decreto-Lei nº 597, de 30 de agosto, foi criado o Hospital da Polícia Militar de Minas Gerais (HPM). O prédio, inicialmente localizado na Rua Manaus, foi inaugurado em 1º de junho de 1914 pelo então presidente do estado, Júlio Bueno Brandão. O Hospital Militar foi o terceiro hospital construído em Belo Horizonte e, em 1946, com o aumento do número de usuários, militares e seus familiares, foi transferido para a atual sede na Avenida do Contorno.

Inicialmente, o serviço de pediatria contava com um ambulatório de consultas e um lactário que recebia esse nome, já que fazia distribuição de leite para os filhos de militares. O serviço veio a crescer ao longo dos anos subsequentes com o ingresso de pediatras militares e civis, que trabalharam com dedicação e carinho.

O primeiro militar médico pediatra da corporação foi Helvécio Borges, que ingressou para a Polícia Militar em 7 de abril de 1954, no posto de 1º tenente. Desde o início de sua atividade como oficial pediatra, o tenente-médico Helvécio Borges demonstrou profundo interesse pela pediatria, e a expansão do serviço pediátrico se deu de forma progressiva e contínua. Foram, então, criados sucessivamente a enfermaria pediátrica, o alojamento conjunto, o berçário e o serviço de imunização.

O empenho profissional prestado pela equipe pediátrica do HPM levou ao reconhecimento do serviço por pediatras ilustres da época, dentre eles, o professor Eduardo Marcondes. Faziam parte da equipe, nesse período, o Dr. Murilo Latorre, nomeado, então, coordenador da puericultura e do lactário;

o Dr. Galba de Melo; o Dr. Saul de Faria Pereira; especial menção fazemos ao Dr. Milton de Souza Barros, de saudosa memória, pelo seu caráter, inteligência brilhante, cultura geral bem sedimentada, conduta ética ilibada e simplicidade ímpar.

Em 1962, o corpo de oficiais pediatras já se expandira, e médicos civis também atuavam no hospital. A partir de 1962, passaram a fazer parte do corpo clínico da pediatria os doutores Edson Dias Pereira, José Moreira de Figueiredo, João Francisco Correa Lima, Paulo Álvares da Silva, Eduardo Dilly, Hélio Rachid Bittar, Waldemar Savassi e Fernando Moratti, todos como oficiais médicos.

O estágio curricular para acadêmicos do 6º ano da Faculdade Católica, depois Ciências Médicas, foi implantado em 1967, marco importante na ampliação das atividades e no nascimento de outro foco de ação e outra vocação para o Hospital Militar: o ensino médico. Havia naquela época uma supervisão da faculdade, e o hospital recebia também alunos de outras faculdades de medicina, como de Barbacena e Montes Claros.

No início da década de 1970, ainda com a parceria e a supervisão da Faculdade de Ciências Médicas, foi implantado o Curso de Pós-Graduação em Pediatria. O curso consistia na especialização de pediatria supervisionado pela Faculdade de Ciências Médicas, e sua conclusão dava ao médico a condição de concorrer ao Título de Especialista em Pediatria (TEP) pela Sociedade Brasileira de Pediatria.

Em 1973, foi implantada a residência médica em pediatria, credenciada pelo então Ministério da Educação e Cultura e coordenada pela Comissão Nacional de Residência Médica.

O primeiro médico residente pediatra da instituição foi Raul da Costa Lages, que havia sido acadêmico do hospital e se tornaria, posteriormente, o preceptor da clínica. Na mesma época, outras especialidades foram credenciadas juntamente com a pediatria, como a clínica médica, a cirurgia geral e a urologia. Acadêmicos de clínica médica da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) também iniciaram seus estágios de internato de clínica no HPM, por meio de um convênio firmado entre a Faculdade de Medicina e o hospital. Não havia acadêmicos de pediatria.

Com a ampliação crescente das áreas de atuação da medicina e dos serviços médicos de imagem, laboratório e atividades de apoio como



Inauguração da Ala Pediátrica do Hospital Militar, em Belo Horizonte. Ao centro, Dr. Navantino Alves e à direita, Dr. Helvécio Ferreira Borges, primeiro militar médico pediatra da corporação (Foto: Acervo da Ala Pediátrica do Hospital Militar)

fisioterapia, psicologia, disponíveis ao usuário e sobretudo em razão do aumento do contingente da corporação, o hospital foi se ampliando, e seu corpo clínico, crescendo.

O Ambulatório de Pediatria, que atendia até 30 mil consultas/ano, passou a ser referência da pediatria do HPM e da residência em pediatria. O atendimento integral à criança era feito com eficiência e de modo planejado e fluente. Recebia residentes do Hospital da Baleia e, posteriormente, residentes do Hospital da Previdência no estágio de puericultura. O pediatra Edson Dias Pereira, por longo período, foi o coordenador do ambulatório e da residência, além de exercer as atividades de preceptoría.

Na enfermaria, os doutores Waldemar Savassi e Paulo Álvares coordenavam o atendimento às crianças internadas e orientavam os residentes. O Dr. Hélio Rachid Bittar deu continuidade ao serviço de puericultura e vacinação e orientava o residente nas consultas de crescimento e desenvolvimento, reforçando a importância da ação psicoprofilática do pediatra.

Nem todos os pediatras do HPM participavam do programa de residência médica, mas se mostravam conscientes e integrados a esse sistema

de trabalho. No final da década de 1980, houve interrupção temporária da residência por causa do fechamento da Enfermaria de Pediatria. Na época, o comando vigente priorizava os serviços do hospital para o público logístico e não aos dependentes, que usufruíam apenas do atendimento ambulatorial. Os casos de internação e cirurgias dos filhos de militares eram encaminhados para a ampla rede conveniada já existente. Mas, em janeiro de 1991, com a reabertura da enfermaria, a residência médica retoma seus trabalhos. Os médicos pediatras e os militares, usuários do sistema de saúde, desejosos de ver seus filhos novamente atendidos no hospital, conseguiram na corporação a reabertura da enfermaria.

O lema que até hoje é para nós uma realidade: o policial militar trabalha tranquilo quando sua família está segura e amparada por um sistema de saúde seguro e confiável. A campanha “No HPM, o militar está em casa” mobilizou os esforços e convenceu o alto comando da época para a reabertura da internação pediátrica.

Atualmente, o Programa de Residência Médica em Pediatria conta com oito vagas credenciadas pelo MEC, quatro vagas de R1 e quatro vagas de R2. Hoje, o hospital possui 19 pediatras especialistas em diversas áreas de atuação: cardiologia, neonatologia, pneumologia, terapia intensiva, endocrinologia, imunologia e hebiatria. Todos os oficiais médicos foram concursados ao longo dos anos que se seguiram. Conta também com dois especialistas civis nas áreas de gastroenterologia e nefrologia infantil.

Em 2003, foi inaugurado o novo Pronto Atendimento (PA) infantil, com ampla sala de observação. Para integrar o PA, sete tenentes-médicos foram admitidos através de concurso público. Um ano antes, o hospital havia lançado o seu primeiro planejamento estratégico, iniciando a reforma e a ampliação de sua área física, terceirizando alguns serviços como o Serviço de Nutrição Dietética (SND), a lavanderia e o serviço de imagem. Iniciou-se aí o processo rumo à acreditação hospitalar, presente até os dias de hoje. A pediatria também vem participando ativamente desse processo. Os pediatras, por seu perfil dinâmico e organizado, participam de várias comissões no hospital – ética, prontuário, humanização, código de conduta ética do HPM – e de equipes multidisciplinares que se formaram para a melhoria no atendimento ao paciente – equipe de diabetes, equipe da adolescência, equipe do respirador oral e equipe da asma.

A Comissão de Residência Médica (Coreme), órgão representativo do MEC/CNRM das residências credenciadas nos hospitais, funciona hoje no novo prédio administrativo do hospital, junto à diretoria, e é responsável pela coordenação e toda a documentação da residência médica, como concurso, inscrições, certificados, provas, currículos e cumprimento do Regimento Interno da residência. A presidência da comissão é exercida pela médica Rita de Cássia Aguiar Menezes, major-pediatra e também coordenadora atual do serviço de pediatria.

O hospital e a pediatria se orgulham de ter passado por sua diretoria clínica vários oficiais pediatras e, como primeira militar feminina na diretoria clínica, a tenente-coronel June Márcia Dabien, também pediatra, que anteriormente ocupava o posto de chefe do serviço de pediatria.

A diretoria do HPM, a diretoria de saúde da Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG) e o alto comando da Corporação ofereceram e continuam oferecendo o fundamental apoio na implantação, manutenção e ampliação do atendimento e ensino em pediatria como nas demais especialidades que participam da residência.

Atualmente, como parte das metas do planejamento estratégico do hospital, estão em fase de implantação os Núcleos de Ações Integradas à Saúde (Nais), que consistem em unidades de atendimento nos batalhões, que terão, dentre outros profissionais médicos, um pediatra. Esse ficará responsável pelo atendimento e acompanhamento das crianças, filhas de militares daquela região, fazendo os encaminhamentos dos pequenos pacientes ao HPM, quando isso se fizer necessário. O objetivo final, com o pleno funcionamento dos Nais, é concentrar no hospital os serviços e os atendimentos de média e alta complexidade, deixando a Atenção Primária concentrada nesses núcleos.

O Hospital da Polícia Militar conta com seus pediatras, especialistas, mestres e doutores, que trabalham com ética, competência e dedicação ao paciente pediátrico, contribuindo também com a atividade de ensino da residência médica em Minas Gerais, formando profissionais especialistas em pediatria. Recentemente, em uma palestra ao corpo clínico do hospital, o Dr. João Batista Gomes Soares, atual presidente do Conselho Regional de Medicina de Minas Gerais (CRMMG), ressaltou a importante função do hospital para a medicina e para a comunidade.

O mais gratificante no trabalho da pediatria é a confiança e a empatia com a família militar no atendimento ao pequeno usuário, pois sabemos que, por meio desse trabalho, realizamos o nosso negócio – logística em saúde – e contribuímos indiretamente para a paz social, nossa missão.

Agradecimentos aos médicos Edson Dias, Márcio Mendonça e Waldemar Savassi pelos depoimentos prestados.

14. Hospital São Domingos Sávio e Hospital Infantil São Camilo

José Guerra Lages
2017

Falar sobre o São Camilo é reviver uma história de 49 anos, vivenciar momentos bons e gratificantes, mas também momentos de ansiedade, dúvidas, insegurança. As dificuldades reforçam nosso sentimento de orgulho por termos, juntamente com os outros oito sócios, realizado o sonho de construir um hospital pediátrico, hoje referência de qualidade entre os melhores do Brasil.

Na década de 1960, a estrutura dos serviços médico-hospitalares de Belo Horizonte era muito precária. A pobreza, as más condições de habitação, de saneamento e a grande deficiência dos serviços assistenciais eram responsáveis pelos altos índices de mortalidade infantil, em torno de 120/1.000. As crianças, em sua quase totalidade, eram filhas de famílias com baixo poder aquisitivo, com grande frequência, portadoras de desnutrição de 2º e 3º graus.

Até 1964, existiam poucos serviços médicos municipais e estaduais, e os antigos Institutos de Aposentadorias e Pensão (IAPs) prestavam assistência médico-hospitalar apenas aos segurados, tendo como objetivo recuperá-los para a volta ao trabalho. Alguns institutos tinham iniciado o atendimento aos beneficiários e dependentes, porém a expansão ocorreu a partir de 1965. Como Belo Horizonte não dispunha de leitos suficientes, houve o surgimento indiscriminado de outros hospitais que, no entanto, não contavam com recursos adequados para o desempenho de boa assistência.

Dentre os hospitais que prestavam atendimento à criança, havia o Pronto-Socorro da Criança, situado na Rua dos Timbiras, 2.674. Tratava-se de um hospital com área inadequada resultante da fusão de oito pequenos apartamentos. Além disso, estava instalado em um prédio que possuía uma loja de artigos de borracha na parte inferior de uma das laterais e havia sempre o temor de ocorrência de incêndio.

Em função de dificuldades administrativas e operacionais, o hospital entrou em colapso financeiro nos primeiros meses de 1968, fato que contribuiu para a deterioração ainda maior da qualidade dos serviços, com falta habitual de medicamentos e material essencial. Apesar disso, os médicos e os funcionários continuaram trabalhando, não medindo esforços para a manutenção da assistência até que a situação se tornou insustentável, sendo as atividades interrompidas, e os pacientes transferidos para outros hospitais.

Poucos meses após, encontrei-me com o Dr. Silas Leite Prado, que trabalhava no hospital e me informou o ocorrido. Segundo ele, o Dr. Jacy Rodrigues Pereira, médico avalista dos sócios anteriores, estava à procura de alguém que pudesse liderar um grupo de médicos que se dispusessem a soerguer a instituição a fim de que ele pudesse obter o retorno de seu investimento.

Imediatamente, fui ao hospital e, após minuciosos esclarecimentos, acertamos que os representantes do Dr. Jacy ficariam como proprietários de 60% das cotas da nova sociedade, e os médicos participantes, com 40%, a serem pagos com os rendimentos auferidos pelo trabalho.

No mesmo dia, telefonei para o Dr. Lauro Machado Alvim, nosso amigo e colega de trabalho no Hospital Maria Amélia Lins, convidando-o a participar da nova equipe a ser criada, juntamente com os doutores Silas Leite Prado e Ari Alves de Assis, recém-formados e já atuando no hospital.

Foi elaborado novo contrato social, passando a instituição a se chamar Hospital São Domingos Sávio, por sugestão do Dr. Silas. Posteriormente, providenciamos a renovação do contrato de locação e o estabelecimento de documento de prestação de serviço com o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI), a maior instituição previdenciária naquela ocasião. As instalações foram revisadas sob a coordenação do médico Lauro Machado Alvim, resultando em 86 leitos por ocasião da inauguração.

Por dificuldades financeiras, os novos sócios (Maria de Lourdes Rodrigues Pereira, esposa do Dr. Jacy, José Guerra Lages, Dr. Lauro Machado Alvim,

Dr. Silas Leite Prado e Dr. Ari Alves de Assis) se incumbiam de todas as atividades – da manutenção à assistência aos pacientes internados, dos plantões e da assistência ambulatorial.

Era uma situação dramática, uma vez que Belo Horizonte não dispunha de água suficiente, obrigando o hospital a adquirir caminhões de água todos os dias. Com o aumento da clientela, houve a necessidade de ampliar o número de pediatras que foram criteriosamente selecionados: Drs. Amélia Vilan Xavier e Terezinha Izaíra Gonçalves, nossas acadêmicas no Hospital Maria Amélia Lins; Carlos Magno Guerra Lages, meu irmão, que concluíra a residência de pediatria no Hospital da Baleia; Roberto Otávio Flores de Carvalho, nosso amigo e colega de trabalho no Posto de Atendimento Médico (PAM) do bairro Saudade; Luciano Soares Dias, amigo de vários médicos do hospital e Olival Lacerda de Oliveira, que, ocasionalmente, veio participar de uma reunião clínica e referendado pelo Dr. Aldo Miranda Ribeiro, diretor do Pronto-Socorro, como um médico competente e dedicado.

Apesar das grandes dificuldades, o trabalho sério e dinâmico da nova equipe começou a apresentar bons resultados, com o aumento da credibilidade da nova instituição junto à sociedade e, de modo muito especial, da classe médica.

Visando demonstrar para a população que se tratava de novo hospital, procurei o publicitário Edmir Moraes, primo de minha esposa, que propôs a criação da figura do Dr. Corujão. O Edmir, profissional de destaque nos meios publicitários, providenciou a realização de um filme no qual era demonstrada a eficiência do atendimento – o acidente de uma criança que brincava com um carrinho de rolimã, sendo prontamente atendida pelo Dr. Corujão. Esse filme foi divulgado durante alguns meses na TV Alterosa, a maior de Belo Horizonte na época. Essa divulgação causou-nos apreensão, com receio de uma avaliação negativa do Conselho Regional de Minas Gerais e da classe médica.

Com o objetivo de propiciar maior integração entre os médicos e os acadêmicos, foi criado o Centro de Estudos, sob coordenação do Dr. Ari Alves de Assis, diretor clínico. O aumento dos atendimentos era crescente, e paralelamente surgiam muitos pacientes que necessitavam de atendimento cirúrgico. Havia grande dificuldade para transferi-los para outros hospitais,

fato que nos levou a procurar o jovem cirurgião Dr. Acácio Rocha Filho para se integrar ao grupo, adquirindo um número determinado de cotas.

Considerando que o número de enfermeiros de curso superior em Belo Horizonte era muito pequeno, o São Domingos teve dificuldade em contratar uma enfermeira. Se não existiam enfermeiros, o número de técnicos de enfermagem era ainda menor. Tomamos, então, a decisão de só admitir atendentes que haviam cursado no mínimo o 4º ano do primeiro grau, e o hospital passou a treiná-las para o atendimento das crianças.

Em 1972, fui procurado pelo Dr. Carlos Magno, que manifestava o desejo de montar uma clínica de consultório fora das instalações do São Domingos. Apesar das considerações de que o grupo ainda era insuficiente para atender à grande demanda de clientes, Carlos Magno convidou os médicos Amélia, Olival e Luciano para comporem um novo grupo. Após longa pesquisa, foi criada a “Clínica Infantil O Pequeno Príncipe”, na Av. Silviano Brandão, 1600.

Apesar da melhoria do conceito do São Domingos e da clientela crescente, o grupo estava consciente das sérias limitações da estrutura física e da qualidade dos serviços prestados. Cita-se, por exemplo, a situação, em tempos remotos, na qual crianças vinham a falecer em casa, por absoluta falta de assistência. Elas eram trazidas ao hospital em precárias condições nutricionais, agravadas por gastroenterites, infecções respiratórias e outras patologias, muitas em estado terminal.

Reunimos o grupo de sócios e fizemos a proposta de que toda margem operacional fosse aplicada, tendo como objetivo adquirir um terreno e construir um hospital projetado para assistir a criança em todas as suas necessidades.

Naquela época, houve grande furor no mercado financeiro com resultados extraordinários na aplicação em fundo de investimento com queda acentuada no valor dos imóveis, o que facilitou a aquisição de duas casas na Rua Timbiras. Posteriormente, o hospital adquiriu uma casa na Rua Rio Grande do Sul, perfazendo um total de 1.800 m², mas faltavam os recursos para a construção.

Por meio do jornal Estado de Minas, tomei conhecimento de que o Sr. Gil Gouveia Macieira, presidente da Caixa Econômica Federal, viria a Belo Horizonte a fim de lançar o Fundo de Apoio Social (FAS), destinado



Sócios do Hospital São Camilo. Em pé: Lauro Machado Alvim, Acácio Rocha Filho, José Guerra Lages, Otávio Pinto de Carvalho e Olival Lacerda de Oliveira. Sentados: Carlos Magno Guerra Lages, Amélia Vilan Xavier, Ari Alves de Assis e Silas Leite Prado (Foto: Acervo Comunicação do Hospital São Camilo)

a financiar construções ou reformas de hospitais e escolas. Fui o primeiro a chegar à Associação Comercial para me inteirar do assunto. No dia seguinte, encontrei-me com o Dr. Carlos Magno, ocasião em que fiz a ele ampla exposição sobre o FAS e sugeri que a Clínica Infantil O Pequeno Príncipe também solicitasse o financiamento.

Foram realizados dois projetos semelhantes, o do São Domingos e o do Pequeno Príncipe, e ambos contaram com a assessoria técnica do Dr. Lauro, sendo aprovados na Secretaria Estadual de Saúde, na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, no Ministério da Saúde e na Caixa Econômica Federal. No encaminhamento da tramitação burocrática dos projetos em Belo Horizonte, no Rio de Janeiro e em Brasília, o trabalho desenvolvido pelo Dr. Carlos Magno foi muito importante, tendo contado com o interesse e o apoio do ilustre concecionense, José Aparecido de Oliveira.

Apesar de já estarmos prestes a iniciar a construção do prédio do São Domingos, já tendo sido feita a sondagem dos terrenos e contratada a empresa construtora, refleti que se tratava de dois projetos semelhantes, de dois grupos amigos e que trabalhavam no mesmo local, razão pela qual procurei

o Dr. Carlos Magno sugerindo que fosse analisada com o grupo do Pequeno Príncipe a possibilidade de associação dos dois grupos, visando construir um único hospital.

Os sócios do Pequeno Príncipe concordaram, contanto que fossem feitas modificações na sociedade do São Domingos, a fim de que as cotas fossem em número igual para cada sócio. A grande dificuldade residia na separação dos terrenos. Conforme parecer de advogados tributaristas, a separação resultaria em tributação que corresponderia a 50% do valor dos terrenos. Após longas discussões, chegou-se a uma situação menos onerosa com a coexistência das seguintes sociedades:

1. Clínica Infantil O Pequeno Príncipe – (consultórios) não entraria na negociação e continuaria pertencendo aos seus cinco proprietários originais: Drs. Amélia Vilan Xavier, Carlos Magno Guerra Lages, Luciano Soares Dias, Olival Lacerda de Oliveira e Otávio Pinto de Carvalho.

2. Clínica São Domingos Sávio – a clínica, proprietária dos terrenos do São Domingos, não entraria no negócio e continuaria pertencendo aos médicos Ari Alves de Assis, Carlos Magno Guerra Lages, José Guerra Lages, Lauro Machado Alvim, Silas Leite Prado e também à senhora Maria de Lourdes Rodrigues Pereira.

3. Hospital Infantil São Domingos Sávio – (recém-criado que adquiriu o fundo de negócios do São Domingos) pertenceria aos dez sócios em partes iguais.

4. Hospital Infantil O Pequeno Príncipe – pertenceria aos dez sócios em partes iguais.

As sociedades acima descritas continuaram funcionando de forma independente e, ao longo do tempo, foram se ajustando às necessidades e ao objetivo do grupo, qual seja, viabilizar a construção do hospital onde todos os sócios passariam a trabalhar. Como o grupo não tinha interesse em manter dois hospitais, Dr. Otávio Carvalho, na época diretor do São Domingos, entrou em contato com os médicos abaixo relacionados que adquiriram as cotas do hospital: Drs. Amália de Fátima C. Silva Campos, Antônio Augusto Nunes Leão, Beatriz Fernandes, Elizabeth Dayrel, Francisco de Assis Chagas Barreto, Patrícia Passos Botelho, Roberto Otávio Flores de Carvalho, Rosângela Maria dos Reis, Sérgio Augusto Rocha de Carvalho e Valéria Maria Barbosa de Carvalho.

Hospital Infantil São Camilo

Início da construção

A construção do hospital teve início no dia 18 de outubro de 1977 e foi marcada por dificuldades desde a fase da fundação, quando se deparou com minas d'água e uma pedreira que não só atrasaram o cronograma, como também exigiram modificações no projeto da fundação. Além disso, ocorreu um fato inusitado. Apesar de o hospital estar sendo construído sobre rochas e nascentes, fomos surpreendidos por um súbito incêndio na caixa d'água.

Todos os sócios participaram das discussões sobre o projeto da nova instituição hospitalar, merecendo destaque o trabalho exercido pelo Dr. Lauro Alvim, na assessoria técnica; Dr. Carlos Magno, no controle financeiro e relacionamento com a Caixa Econômica Federal; e Sr. José Wilson Xavier, pai do Sr. Paulo Xavier, engenheiro e marido da Dra. Amélia, que auxiliaram na administração da edificação. As reuniões dos sócios eram realizadas no São Domingos, e, em 20 de março de 1980, ocorreu a primeira reunião nas dependências do novo hospital.

Garantia do financiamento

Por se tratar de projeto ambicioso e de alto custo, foi necessário que alguns familiares dos sócios se dispusessem a hipotecar bens pessoais como garantia do financiamento: José Soares Dias e Cecy Nunes Soares (pais do Dr. Luciano); Paulo Sérgio Rago e Amélia Xavier (pais da Dra. Amélia); Fábio Guerra Lages e Francisco de Assis Guerra Lages (irmãos de José Guerra e Carlos Magno); e o médico Orlando Magalhães de Carvalho (pai do Dr. Otávio).

Mudança do nome para Hospital Infantil São Camilo

A diretoria do hospital entrou em contato com várias empresas de publicidade prometendo um prêmio para quem sugerisse um nome que fosse aceito pelos sócios, mas o nome escolhido foi sugerido pelo Dr. Lucas Monteiro de Castro, neuropediatra do hospital. São Camilo, além de ser um nome simpático, refere-se ao santo que em vida foi enfermeiro, dedicando sua existência aos cuidados dos enfermos. Estamos ainda devendo ao colega Lucas o prêmio pela sugestão do nome.

Inauguração

Após 34 meses de construção, finalmente foi concretizado o sonho do grupo de sócios com a inauguração da primeira fase do projeto. Essa ocorreu no dia 12 de julho de 1980, com início das atividades em 1º de agosto de 1980. A solenidade contou com a presença de todos os sócios e seus familiares, várias autoridades e grande número de amigos. Foi uma reunião emocionante para todos, especialmente no momento em que a Dra. Terezinha, esposa do médico Dr. Lauro, leu uma linda poesia feita por Auxiliadora, minha esposa, e que hoje ainda nos emociona.

Ao São Camilo

Maria Auxiliadora da Silveira Lages

*Eu te conheci menino,
Acompanhei teus primeiros passos,
Ainda inseguros.
Tu foste alimentado com amor!*

*Às vezes, ficava admirada
De ver como crescias com vigor,
Lutando contra obstáculos mil.
Sempre destemido, sempre confiante.*

*Já não és mais criança.
Teu corpo rijo deixa transparecer
Toda tua plenitude. Sê fiel
Às esperanças em ti depositadas.*

*Segue teu caminho
À sombra de teu protetor,
Cumpra tua missão
De fé e de amor!*

Treinamento dos sócios

Embora todos os sócios fossem amigos, uma das nossas preocupações era a manutenção da unidade, da harmonia e dos objetivos, razão pela qual sugeri que deveríamos contratar empresa especializada visando ao nosso treinamento. Ideia aprovada pelo grupo, os primeiros treinamentos foram



Hospital Infantil São Camilo – Unidade de Internação, entrada pela Av. Silviano Brandão (Foto: Acervo Comunicação do Hospital São Camilo)

realizados por Maria Inez de Pietro, nossa amiga desde o tempo do IAPI, onde ela era chefe do Setor de Treinamento, e, posteriormente, por Edina de Paula Bom Sucesso, profissional de grande notoriedade, por dois períodos, durante vários anos.

É importante ressaltar que, durante quase 50 anos de convivência, nunca houve uma discussão séria entre os sócios, cada um mantendo seus valores e suas características próprias. A busca pelo aprimoramento foi uma constante, e durante quatro anos alguns sócios e funcionários participaram de cursos de aperfeiçoamento na Fundação Dom Cabral.

Administração

O hospital sempre foi administrado pelos sócios, em modalidades as mais diversas, com a participação de todos, cabendo a cada um gerenciar um setor e, em outros períodos, quatro ou dois diretores. Desta forma, todos os sócios tomaram parte da administração da instituição, em períodos maiores ou

menores, conforme o interesse pessoal e o consenso entre eles. Vale ressaltar o trabalho desenvolvido pela Dra. Amélia Vilan Xavier, que se descobriu também administradora.

Durante muitos anos, os sócios discutiram a conveniência de contratação de um administrador profissional em face dos grandes desafios para a manutenção de um serviço médico-hospitalar de qualidade, especialmente na área pediátrica. Algumas tentativas foram feitas, não se obtendo o resultado esperado.

Em 2003, assumi a Diretoria Administrativa Financeira, ocasião em que propus aos sócios a substituição da profissional que havia sido contratada por Eliane das Graças Pereira Guimarães. A proposta foi aprovada por todos os sócios, por considerar que se tratava de profissional que já tinha exercido atividade nos diversos setores do hospital, sempre demonstrando competência, envolvimento e total credibilidade de todos os sócios.

Foi um período de grandes desafios. Os valores de remuneração pagos pelas operadoras eram muito baixos, o que tinha resultado em grandes dificuldades para aquisição de equipamentos, mesmo essenciais, e manutenção das instalações. Realizamos um trabalho exaustivo junto às diretorias das operadoras, conscientizando-as sobre a necessidade de Belo Horizonte contar com hospital pediátrico capaz de prestar aos clientes assistência de elevado padrão. Nas discussões com tais instituições, mostrávamos a longa caminhada já percorrida pelo São Camilo, sua organização e as necessidades básicas para que fossem implantadas as melhorias. Aos poucos, fomos recuperando o equilíbrio financeiro, o que possibilitou a aquisição de todos os equipamentos essenciais, a substituição de todo o mobiliário, já em estado de conservação precário.

A construção do prédio na Rua Pouso Alegre foi aprovada após longa discussão entre os sócios. A fundação e os três primeiros pavimentos já haviam sido concluídos, sendo necessária para isso a obtenção de financiamento parcial no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Serviço de apuração dos custos

Com o objetivo de melhorar os processos administrativos, especialmente quanto à gestão financeira, contratamos a empresa paulista Planisa, uma



Hospital Infantil São Camilo – Unidade de Urgência, entrada pela Rua Pouso Alegre (Foto: Acervo Comunicação do Hospital São Camilo)

das mais experientes do país nessa área de atuação, para implantar no São Camilo o Serviço de Apuração de Custos. O São Camilo foi dos primeiros hospitais de Belo Horizonte a implantar o referido serviço com metodologia apropriada, que possibilitava a comparação de custos com outros serviços. Os dados evidenciavam os baixos valores pagos pela Previdência Social e o risco de insolvência, o que resultou no cancelamento do contrato em 1995. Diante dessa realidade, o hospital rompeu o convênio com a Previdência Social, passando a atender apenas os clientes particulares e os usuários de Planos de Saúde.

Com a redução do número de atendimentos e tendo como objetivo viabilizar o funcionamento no Bloco Cirúrgico, os sócios aprovaram a realização de procedimentos cirúrgicos em pacientes adultos saudáveis, sem comorbidades, nas especialidades de oftalmologia, angiologia e ortopedia. Em relação ao atendimento desses pacientes, mesmo sem comorbidades, os sócios decidiram ser necessária a presença constante no hospital de um cardiologista para eventuais intercorrências.

Qualificação profissional

Por se tratar de uma instituição destinada à prestação de serviços na área de saúde, o hospital sempre deu grande ênfase ao recrutamento, à seleção e ao treinamento dos colaboradores na área operacional e nas relações interpessoais, treinando profissionais com realização de cursos periódicos, visando à melhoria da qualificação. Durante muitos anos, o Serviço de Psicologia do Hospital esteve sob responsabilidade da psicóloga Marta Helena de Freitas Lages, esposa do médico e sócio Carlos Magno.

O Setor de Recursos Humanos foi um braço de grande importância na administração, com destaque ao aperfeiçoamento da seleção, ao treinamento e às avaliações continuadas, sempre em busca de competência, harmonia, humanismo e relação interpessoal. Além dos recursos próprios, o hospital se valeu de empresas e profissionais terceirizados, escolhidos tendo como base comprovada experiência, tornando-se excelente celeiro na formação de profissionais, muitos em exercício em postos de relevância em outras empresas.

Terapia intensiva

A decisão sobre a implantação deste serviço foi precedida de minuciosa análise. Recebíamos pacientes em estado cada vez mais grave, criando para a diretoria uma grande ansiedade por saber que necessitávamos de recursos ainda mais expressivos para dar assistência a esses pacientes. Dr. Acácio e eu visitamos todos os CTIs de Belo Horizonte, discutindo com os diretores dos hospitais as peculiaridades do funcionamento, procurando analisar o modelo que melhor se adequasse ao São Camilo. Para complementar os estudos, visitamos três CTIs no Rio de Janeiro e um em Goiânia, concluindo que a melhor opção, naquela oportunidade, seria a terceirização. Foi feito, então, contato com a equipe do CTI Pediátrico Neocenter, reconhecida em Belo Horizonte por ser formada por médicos estudiosos e capazes. O contrato foi celebrado, com início das atividades em 1997.

Posteriormente a área física foi ampliada, passando a ocupar todo um andar, tendo sido feita reforma das instalações, aquisição de novos equipamentos, ampliação do número de médicos, fisioterapeutas e de enfermagem, sendo hoje um dos melhores serviços dessa especialidade em Belo Horizonte.

Ampliação do projeto

O projeto inicial, assinado pelos arquitetos Paulo Henrique Rocha e Adriana Vilan Xavier, filha da Dra. Amélia e do engenheiro Paulo Sérgio, foi ampliado por duas vezes. Isso ocorreu visando ajustá-lo às necessidades do hospital com o aproveitamento máximo diante da legislação vigente.

Hospital-Dia e Central de Material Esterilizado

A ampliação do projeto possibilitou a construção de excelente área de Hospital-Dia com confortáveis instalações e moderna Central de Material Esterilizado, contíguas ao Bloco Cirúrgico, após longa discussão com os arquitetos, os cirurgiões, os anestesiólogistas e as enfermeiras.

Unidade de Urgência, nova logomarca e mascote

Em face da grande demanda de pacientes acometidos de patologias graves, foi construído, em área anexa ao ambulatório, espaço destinado ao atendimento de urgência composto de Posto de Enfermagem, sala para atendimento de emergência e leitos para observação. A diretoria estimulou os pediatras a realizar cursos para o atendimento de urgência, inclusive com patrocínio ou coparticipação nos custos.

A Unidade de Urgência, inaugurada em dezembro de 2006, foi um diferencial importante na história do hospital, que contribuiu sobremaneira para a melhoria da qualidade da assistência prestada aos pacientes pediátricos acometidos de doenças agudas em Belo Horizonte. Esse marco estimulou a criação de uma nova logomarca. Desejando atualizar a figura do Dr. Corujão, procuramos o renomado médico, também cartunista, Luiz Oswaldo Rodrigues, Dr. Lor, que criou a Camilinha. Por solicitação das clínicas especializadas, foram produzidos 40 mascotes para todas as clínicas e serviços, que atraem a atenção das crianças, dos pais e dos profissionais.

Certificação pela ONA

Visando à melhoria contínua de prestação dos serviços e à certificação pela Organização Nacional de Acreditação (ONA), em agosto de 2005, o hospital contratou o Instituto de Acreditação e Gestão em Saúde (IAG) para implantar no São Camilo um Sistema de Gestão da Qualidade. Tratava-se de metodologia nova e pouco conhecida pela maioria dos gestores e profissionais.

Nessa época, elaboramos uma apostila básica e passamos a nos reunir com pequenos grupos de médicos e funcionários, dando-lhes conhecimento das terminologias utilizadas, dos objetivos e do grande interesse da diretoria em sua implantação no São Camilo. Foi um processo longo, com a participação direta da administração e a conscientização dos coordenadores dos diversos serviços. O interesse era não apenas obter a certificação, mas a implantação dos processos, uma vez que estávamos convencidos dos bons resultados que seriam obtidos em função da qualidade dos serviços.

Em fevereiro de 2009, o hospital foi auditado pela empresa Det Norske Veritas Ltda (DNV), que recomendou à ONA a certificação do hospital em nível Pleno (segurança e organização dos processos). Em março de 2011, o São Camilo foi novamente auditado pela DNV, que recomendou à ONA a certificação do hospital em nível de Excelência, isto é, garantia de segurança, organização dos processos e comprovação de melhorias constantes, sendo o primeiro hospital pediátrico do Brasil a receber tal classificação. Nos anos seguintes, o hospital foi auditado com recomendação à ONA para a manutenção do nível 3, ou seja, de Excelência.

Farmácia clínica

Um dos pontos altos na qualidade dos serviços hospitalares do São Camilo é a excelente relação entre os farmacêuticos e os médicos, o que proporciona efetividade terapêutica com o mínimo de risco para os pacientes. Esse extraordinário feito foi obtido em função da persistência do Dr. Olival na implantação desse serviço e da competência das farmacêuticas Adriene Silveira Mendes, Suellen dos Santos Pegnolato e de Múcia Couto, atualmente coordenadora da Farmácia Clínica.

Serviço de Epidemiologia e Segurança Assistencial (Sesa)

Trata-se de outro ponto de referência na qualidade dos serviços alcançados em função da excelente formação científica, competência e plena disponibilidade da médica Simony Gonçalves da Silva, que trabalha no hospital, há 36 anos, tendo iniciado como estagiária acadêmica.

Unidade de Atendimento ao Pequeno e Médio Queimado

Graças ao empenho e à persistência da Dra. Deise Félix Quintão Correa, o São Camilo criou o Serviço de Atendimento ao Pequeno e ao Médio Queimado, sob sedoanalgesia, com relevantes serviços prestados à criança.

Ensino

Os sócios e todas as diretorias sempre tiveram grande interesse em utilizar os bons serviços do hospital para o treinamento de profissionais de todas as áreas. Após a inauguração, o hospital admitiu acadêmicos de medicina para serem estagiários, com um cuidadoso programa de ensino, mantido até 1995, ocasião em que foi suspenso o atendimento de usuários da Previdência Social.

Foram acadêmicos do hospital as Dras. Marisa Lages Ribeiro, Simony Gonçalves da Silva e o Dr. Rodrigo Romualdo Pereira. Durante os anos posteriores, o hospital sempre manteve estagiários nos serviços de enfermagem, segurança do trabalho, radiologia, informática e farmácia. Em 2014, foi assinado convênio entre o hospital e a Universidade José do Rosário Velanno (Unifenas) destinado a estagiários do curso de medicina, o que resultou no recebimento de acadêmicos do 9º e 10º períodos. No mesmo ano, o hospital assinou convênio com a Fundação Lucas Machado (Feluma), para o programa de especialização em pediatria e, em 2016, com o Ministério de Educação, para residência em pediatria. Atualmente, em 2017, o hospital mantém 16 médicos em formação na especialidade de pediatria.

Diretoria Clínica

Em diversas oportunidades, vários sócios exerceram o cargo de diretor clínico. De 2003 a 2014, essa função foi desempenhada por Olival, com grande desprendimento e interesse, em um período muito difícil para a manutenção do atendimento, em face da absoluta falta de pediatras. Há três anos, a direção clínica vem sendo exercida pela Dra. Marisa Lages Ribeiro, que se tem dedicado de forma extraordinária no desempenho dessa importante atividade. Graças à sua excelente formação científica, capacidade realizadora e de liderança, o São Camilo alcançou elevado patamar na qualidade assistencial, além de se transformar em um dos melhores centros formadores de pediatras em Belo Horizonte e de estágios na área de saúde.

Corpo clínico

Todas as diretorias do São Camilo tiveram cuidado especial para a admissão de profissionais ao corpo clínico, destacando-se formação científica, idoneidade e bom relacionamento. No total, são 350 profissionais e, em função do número, serão relacionados apenas os que atendem no ambulatório, por especialidade.

Pediatria

Por ser uma instituição pediátrica, o número de profissionais dessa especialidade foi sempre maior. Atualmente, são 110 pediatras e 16 residentes. O conjunto desses especialistas do São Camilo tem excelente qualificação, condição reconhecida pela classe médica e pela sociedade.

Em 2016, assumiu a coordenação médica da Unidade de Internação Dra. Léa Cristina Ferreira, profissional com grande competência e experiência, contribuindo de forma expressiva para a melhoria do ensino e da assistência aos pacientes.

Relacionaremos abaixo os nomes dos médicos e dos médicos pediatras que atuam no hospital, por área de atendimento:

– *Unidade de Internação:*

Coordenadora: Dra. Lea Cristina Ferreira.

Preceptores: Drs. Danielle Seixas Sebaini, Gustavo Victor Tavares, Lorena Ferreira da Glória Silva, Luiz Célio Lanna Marzano.

Pediatras: Drs. Júlia Flávia Von Rondon Cunha, Livia Cristina Heidenreich Reis, Maila Cristina da Cunha Guimarães, Marconi Augusto Aguiar dos Reis, Natasha Fidelis G. de A. Cardo, Raquel Neves Ruas, Renata Miranda Ribeiro, Tais Dias Murta, Valéria Gonçalves Santos Guedes.

Serviço de Epidemiologia e Segurança Assistencial (Sesa): Dra. Simony da Silva Gonçalves.

– *Unidade de Decisão Clínica:*

Coordenadora: Dra. Deise Félix Quintão Correia.

Pediatras: Drs. Alessandra Figueiredo Freitas, Amanda Henriques Pereira, Aurora Maria Fernandes de Souza, Camila Segall Couto, Cláudia Leão Soares, Fabiana Chamon de Moura, Frederico de Melo Nascimento, Frederico Mitre Pessoa, Heloisa Gonçalves Mendonça, Luiz Eduardo Parreiras Talamo, Mariana Novaes Carvalho, Patrícia Lucas de Freitas, Patrícia Simões Pessoa Guerra e Paulo Leone Barbosa Ribeiro.

– *Unidade de Urgência:*

Pediatras: Drs. Alessandra Higino G. Rocha, Ana Luiza Mórgula, Ana Letícia Pires Mesquita, Bárbara Lacerda Bolina, Cíntia Diniz Antonini, Cláudio Geraldo F. Pinto, Daniela Coelho de Andrade, Daniele Falci de Oliveira, Eduardo José Braga, Enilson Orione Ribeiro, Ester Ramos Ribeiro, Fernanda Caroline Barbosa Santos, Guilherme Gomes Duarte, Hildegardo Luna de Almeida, Isabel Luiza Gomes Quirino, Isabela Angeli de Freitas Soares, Jaderson Mateus Vilela Antunes, José Humberto Santos Soares, Kamila Teixeira Chaves, Leonardo Barbosa de A. Coelho, Lovana Alves Pacheco Lima, Marcela Borges de Oliveira, Maria Lúcia de Melo Coelho, Mariana Bragatto dos S. Costa, Marina Melo Moreira, Michele Lopes e Carvalho, Paloma Iemini de Pádua, Patrícia Cruz Guimarães Pinto, Rafael Alencar J. dos Santos, Rafael Correa dos Santos, Regina Tófani Barakat, Ruth M. Caldeira Vianna Paula, Sâmara Miranda Nacur Nagem, Thyara Jaqueline Leite, Vinícius Oliveira Ganem e Victor Tavares da Silva Júnior.

– *Ambulatórios:*

Preceptores: Drs. Gilson de Carvalho Silva, José Guerra Lages, José Laércio Fernandes Bastos, Luiz Fernando Letayf Teixeira, Priscila Fernanda P. Polisseni.

Pediatras: Drs. Alice Campos Veloso, Amélia Vilan Xavier, Ana Karla de Campos C. e Castro, Ana Luiza S. Morégula, Ana Luiza Oliveira Silva, Andrea Chaimowicz, Antônio Augusto Nunes Leão, Antônio Carlos Paulino Pereira, Ari Alves de Assis, Aroldo Penido de Andrade, Bruno Avelar Miranda, Camila Gonçalves M. S. Belém, Carlos Eduardo Reis Silva, Carlos Magno Guerra Lages, Cecília Shimoya Belém, Cláudia Raquel Vilasboas, Cláudio Geraldo Ferreira Pinto, Débora C. Silveira Guimarães, Débora Costa e Silva, Eliane de Fátima Soares, Erika Lima Carvalho, Gelci Girardi Mendonça de Oliveira, Glenda Lane Leal Hurtado, Hebe Pettersen de Lucena, Juliane Falci Oliveira Cazotti, Larissa Fernanda A. Freire, Lucilene Maria Lara, Luiz Carlos Fontes Lopes, Marcílio Carvalho Botelho, Márcio Shimoya Belém, Maria Carolina Luiza Goncalves, Maria Fernanda Rievers Correa, Maria Tereza Codo Carvalho, Michelle Rodrigues Oliveira, Neli Suzana Orth Vendrame, Norberto Passini, Oswaldo de Castro Guerra, Otávio Pinto de Carvalho, Paulo Stuart de Almeida, Peter Quaresma Botelho, Raquel Obolari Gonçalves, Rosângela Maria de Nazareth Valadares, Rosangela Turbino Ramos, Roselane

Lamas, Rosemary Oliveira Pedrosa, Sérgio Augusto Rocha de Carvalho, Silas Leite Prado, Soraia Maria Valle Guimarães, Thais Mota de Carvalho, Valdir Rocha Castro e Vânia Regina Calazans.

– *Alergologia e Pneumologia:*

Coordenadora: Dras. Marisa Lages Ribeiro. Doutoradas: Ananza Sônia Videiro B. Paula, Andreia Mara Araujo R. Cotta, Carolina Andrade Neves Silva, Jussara Aparecida Resende, Laís Meirelles N. Vieira, Lígia Maria Alves dos Santos e Marília Lucas B. Cardoso Tinoco.

Anestesiologia:

Coordenadora: Dra. Maria Kátia Saraiva Barbosa

Drs. Ana Luiza Almeida Resende, Betânia Maria P. Araujo, Carla Márcia Soares, Geraldo Félix Lima, Juarez Estêvão Oliveira, Liliane Navarro do Amaral, Lygia Pires de Andrade Braga, Maria das Graças Oliveira, Maria de Lourdes A. Silva, Marilene Caldeira Veloso e Rita de Cássia T. Baptista.

– *Cardiologia Pediátrica:*

Coordenadora: Patrícia Paes da Rocha Lopes.

Drs. Lílian Rocha Zardini e Mírian Coeli Andrade Lages.

– *Cardiologia Adulto:*

Dra. Patrícia da Silveira Lages.

– *Cirurgia Pediátrica:*

Coordenador: Dr. Rodrigo Romualdo.

Drs. Andrey Kaliff Fontes, Átila Magalhães Victória, Átila Reis Victória, Augusto José da S. A. Cavalcante, Bernardo Almeida Campos, Clécio Picarro, Eliane Mayumi Nonaka, Geraldo Magela Nascimento, Mirts Miyoshi Matsushita, Paulo Custódio F. Cruzeiro, Rodrigo Romualdo Pereira, Ronaldo Barbosa Braconi, Sandra Inez de Moraes Tibério e Thyeres Olympio M. de Souza.

– *Cirurgia Plástica:*

Drs. Augusto Catão Júnior, Ronaldo Tibúrcio P. Ribeiro e Valério do Nascimento.

– *Dermatologia:*

Coordenadora: Dra. Cláudia Heloisa Alves.

Drs. Daniel Guerra Lopes, Diná Oliveira Pereira e Roseley Cândida Vieira.

– *Endocrinologia Pediátrica:*

Coordenador: Dr. Cristiano Túlio M. Albuquerque.

Drs. Anaysa Lamara Silveira, André Gonçalves Marinho, Cristiano Túlio M. Albuquerque, Gabriela Furquim W. Campos, Juliana Souza Rajão Teixeira, Raquel Ferreira Araújo e Tatiana de Oliveira Rassi.

– *Gastroenterologia Pediátrica:*

Coordenador: Dr. Luciano Amedée Peret Filho.

Drs. Lílian Maria O. S. P. Coelho e Paulo Pimenta Filho.

– *Ginecologia Infantopuberal:*

Coordenadora: Dra. Cláudia Lúcia Barbosa Salomão.

Dra. Ana Cristina Correa Costa.

– *Hepiatria:*

Coordenadora: Dra. Isabel Cristina Miranda Souza.

Dra. Livia Rodrigues Dias de Paiva.

– *Hematologia:*

Dra. Cláudia de Souza.

– *Infectologia:*

Coordenadora: Dra. Simony da Silva Gonçalves.

– *Medicina do Esporte:*

Dr. Carlos Eduardo Reis da Silva.

– *Nefrologia Pediátrica:*

Coordenadora: Dra. Débora da Cruz Cerqueira.

Dras. Larissa Namie Yuami e Carolina Moura Diniz F. Leite.

– *Neurocirurgia*

Coordenador: Dr. Sandro Pedroso Lemos.

Drs. Alexandre Polazzi Guimarães, Andrea Silva de Pinho, Audrey Beatriz Santos Araújo, Denise Marques de Assis e Orlandil Donato Rocha.

– *Neuropediatria:*

Coordenador: Dr. Maurício Barbosa Horta.

Drs. Annyfrancielle Abalem T. C. Reis, Daniela Rodrigues de Oliveira, Karina Soares Loutfi, Luciana Maria Rocha, Luiza Lucena Barbosa de Medeira, Maurício Barbosa Horta, Renata Santos Horta e Sílvia Santiago Cordeiro.

– *Oftalmologia:*

Coordenador: Dr. Geraldo de Barros Ribeiro.

Drs. Clarissa Horta Vieira, Gisele Schelgshorn Campos e José Aloísio Dias Oliveira.

– *Oncologia Pediátrica:*

Dr. Eduardo Ribeiro Lima.

– *Ortopedia:*

Coordenador: Dr. Rodrigo Galinari Costa Faria.

– *Ortopediatria:*

Drs. Adriano Menezes Passos, Afonso Paulo A. Neto, Breno Henrique Pinheiro Lopes, Cláudio de Freitas Guerra Lages, Gustavo Araújo Nunes, Gustavus Lemos Ribeiro Melo, Henrique Carvalho de Resende, João Murilo Brandão Magalhães, Luiz Augusto Alves de Assis, Marcelo Lima Fraga, Marcelo Gonçalves Pereira Duarte, Mário Márcio da Matta Lopes, Octacílio M. Lopes Júnior e Rafael de Araújo Porto.

– *Ortopedistas Pediátricos:*

Drs. Cláudio Beling Soares, Lucas da Silveira Guerra Lages, Luiz Renato Drumond Américo e Rodrigo Galinari Costa Faria.

– *Otorrinolaringologia:*

Coordenadora: Dra. Letícia Paiva Franco.

Drs. Aurélia Silva e Albuquerque, Cristina Cardoso Musacho, Flávia Borges da Silveira Lima, Larissa Santos Perez Abreu, Liziane Mercedes Paes Goulart, Marcelo Guerra Lopes, Ricardo Neves Godinho, Simone Pedroso Lemos e Viviane Cristina da Cunha.

– *Psicologia:*

Dras. Valéria Tassara e Roberta C. Mendanha Stehling.

– *Psiquiatria Infantil:*

Dra. Marina de Souza Maciel.

– *Radiologia:*

Dr. Carlos Álvares da Silva Campos.

– *Reumatologia*

Dra. Ana Luiza Garcia Cunha.

– *Urologia*

Dr. Rafael Almeida Magalhães.

– *Fisioterapia:*

É um serviço terceirizado de alta qualidade prestado pela empresa Fisioterapia São Camilo, anexa ao hospital. O serviço é de propriedade de Sílvia Codo Carvalho e Raquel Codo Carvalho, filhas do Dr. Otávio Pinto de Carvalho e da Dra. Maria Tereza Codo de Carvalho.

– *Odontopediatria:*

É um serviço de excelente qualidade implantado no hospital pelas odontólogas Andréa Vilan Xavier e Maria Codo Carvalho, filhas, respectivamente, dos sócios Amélia Vilan Xavier e Otávio Pinto de Carvalho.

Serviços prestados no ano de 2016

Número de especialidades: 31

Número de profissionais: 320

Número de cirurgias realizadas: 4.200

Número de internações clínicas: 2.400

Número de atendimentos: 230 mil

Livro sobre a história do São Camilo

Em novembro de 2006, por ocasião da inauguração da Unidade de Urgência, foi lançado um livro com a trajetória do Hospital Infantil São Camilo e montado um painel fotográfico, exposto em mural estrategicamente instalado nas dependências da instituição com fotos das diversas fases da evolução do hospital. A iniciativa para a criação do livro e do mural foi do Dr. Carlos Magno.

Sucessão – negociação das ações

Por se tratar de uma sociedade familiar com nove sócios em partes iguais e 33 filhos, os sócios sempre tiveram preocupação em relação ao futuro, com realização de inúmeros treinamentos orientados por consultores especializados em busca de uma solução que resguardasse a perenidade do hospital. Durante três anos, foram realizadas reuniões com advogado especializado em Direito Comercial, culminando com a elaboração de um acordo de acionistas. Há cinco anos, o futuro da instituição foi novamente objeto de discussão, às vezes acaloradas, chegando-se à conclusão de que o hospital deveria analisar proposta de venda das ações.

Foi seguramente o período de maior divergência entre sócios. A minha família, a da Dra. Amélia e a do Dr. Otávio eram contra a venda, com receio de que poderíamos estar jogando por terra nosso sonho: manter um hospital pediátrico prestando à sociedade assistência de elevado padrão.

Em outubro de 2015, o hospital foi procurado por uma empresa que fez proposta financeira para a aquisição das ações. Diante da proposta, em março de 2016, procurei pessoalmente a direção da Unimed Belo Horizonte e, a partir de então, foram realizadas novas reuniões. Em junho de 2016, com a participação de todos os sócios, solicitamos à diretoria da Unimed BH que apresentasse uma proposta dentro das condições objeto das discussões.

É importante ressaltar que a empresa de auditoria KPMG, contratada pela diretoria da Unimed, após dois meses de profunda análise realizada por 15 auditores, não identificou na instituição nenhum fato que pudesse desestimular a compra das ações por parte da Unimed-BH. A KPMG ressaltou em seu relatório que raras vezes encontram uma empresa tão organizada e cumprindo de forma rigorosa todos os requisitos legais.

Após várias reuniões, foi acordado entre os sócios e a diretoria da compradora o valor para a aquisição de todas as ações, com o compromisso de que seriam mantidos todos os médicos do corpo clínico, bem como convênio com as diversas operadoras, além de manter como atividade de assistência pediátrica.

Em 31 de dezembro de 2016, a administração do Hospital Infantil São Camilo foi transferida para a Unimed-BH, atendendo os interesses dos sócios, do corpo clínico, dos funcionários, da Unimed-BH e de seu corpo de cooperados.

Considerações finais

A convivência com todos os sócios, todos os dias, por 49 anos, consolidou uma relação fraterna, de confiança, com trabalhos voltados para a obtenção dos mesmos objetivos. Todos nós, sócios, temos grande orgulho pelo trabalho que foi desenvolvido por quase 50 anos, com um objetivo definido, um sonho que foi realizado, e nos sentimos orgulhosos de termos feito parte desta história, com o apoio de um grupo muito especial de colegas médicos, profissionais de diversas categorias e funcionários.

Diante da impossibilidade de fazer uma referência a todos e um agradecimento pessoal, enumeramos um grupo de colegas que trabalham no São Camilo há mais de 15 anos. São funcionários e profissionais que participaram por tanto tempo, lado a lado com a diretoria, contribuindo com seus esforços para que as dificuldades fossem superadas e o São Camilo alcançasse o patamar

que hoje se encontra, reconhecido pela classe médica e pela sociedade como uma instituição modelar na qualidade de seus serviços.

Médicos: Andréa Silva de Pinho, Aroldo Penido de Andrade, Augusto Catão Júnior, Betânia Maria P. Araújo, Carla Márcia Soares, Carlos Álvares da Silva Campos, Cláudia Lúcia Barbosa Salomão, Cristiana Cardoso Musacho, Eliane Mayume Nonaka, Enilson Orione Ribeiro, Geraldo de Barros Ribeiro, Geraldo Félix de Lima, Geraldo Magela Nascimento Figueiredo, Glenda Lane Leal Hurtado, Guilherme P. Apocalypse, Isabel Cristina Miranda Souza, Juarez Estêvão Oliveira, Lílian Maria S. P. Coelho, Luciano Amedée P. Filho, Liliane Navarro do Amaral, Luiz Célio Lanna Marzano, Luiz Fernando Letayfe Teixeira, Maria das Graças Oliveira, Maria Kátia Saraiva Barbosa, Maria de Lourdes Silva, Marilene Caldeira Veloso, Maria Tereza Codo Carvalho, Marisa Lages Ribeiro, Maurício Barbosa Horta, Mirian Coeli Andrade Lages, Otacílio da Mata Lopes Júnior, Paulo Stuart Almeida, Patrícia Paes Rocha Lopes, Paulo Pimenta Figueiredo Filho, Rodrigo Galinari da Costa Faria, Rita de Cássia Batista, Roselane Lamas, Rodrigo Romualdo Pereira, Ronaldo Tibúrcio P. Figueiredo, Rosângela Nazareth, Rosemary de Oliveira Pedrosa, Simony da Silva Gonçalves, Valdir Rocha Castro e Vânia Calazans.

Funcionários: Adriana A. Teixeira, Ana Paula Nunes Amaro, Cláudia Márcia Cardoso, Donizete Alberto Pereira, Eduardo Mendes de Almeida, Eliana Crisley Vasconcelos, Eliane das Graças Pereira Guimarães, Fabiana Poles da Silva, Geovana Cristina de Almeida, Geralda Aparecida da Silva, Iranilda Andrade da Silva, Jaqueline Maria Batista Barbosa, José Luiz Rocha, Juliana Caldas da Rocha, Karla Andréa O. Maron, Marilene Aparecida Arantes, Kheitiiane Vivian L. Oliveira, Maria Cristina Gonzales Rocha, Marilze Neves de Barros Bento, Rosimeire Aparecida de Feitas, Thaís Aparecida Pinto Barreto da Silva, Valdirene da Conceição da Silva, Vânia Lúcia Carvalho e Vilma Alves Barroso.

Profissionais: engenheiro Paulo Sérgio Rago Xavier; arquitetos Paulo Henrique Rocha e Adriana Vilan Xavier; advogado Oswaldo Nunes de Oliveira.

Laboratório São Lázaro: médico Davi Lourenço e farmacêutica Vera Lúcia Vilan Lourenço.

Maria de Lourdes Rodrigues Pereira, sócia do hospital desde os primeiros momentos junto com o seu marido, Dr. Jacy Rodrigues Pereira.

Minha família

Desde os primeiros momentos, obtivemos apoio integral de nossa família, que reconhece a importância do sonho a ser realizado. A Auxiliadora não apenas estimulou e apoiou, mas vivenciou cada momento, dando-nos força para a superação das dificuldades, traduzindo esse sentimento em belíssimo poema. Meus filhos foram criados com o sentimento de que o São Camilo fazia parte de nossa família, e esta foi a razão pela qual lutaram tanto em defesa de sua preservação.

Temos grande orgulho pelo fato de nossos filhos médicos Marisa Lages Ribeiro, Patrícia da Silveira Lages e Lucas da Silveira Guerra Lages trabalharem no São Camilo. São profissionais diferenciados em sua formação científica, íntegros, idealistas, referência em suas áreas de atuação. Os que não são médicos, Lúcia da Silveira Lages, educadora física; Marcelo da Silveira Guerra Lages e Beatriz Lages Alvim, administradores de empresa, são dotados dos mesmos valores, competentes, íntegros, solidários e são referência nas áreas em que atuam.

Por ter sido o primeiro da família a escolher a medicina como profissão e estar consciente de que fiz uma boa escolha, sinto-me orgulhoso pelo número de familiares que resolveram seguir o mesmo caminho. E, agora, minhas netas vão pelo mesmo caminho: Sílvia Lages Ribeiro cursa o 9º período de medicina na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC), e Isabel Lages Ribeiro está no 7º período na Faculdade de Medicina na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

15. Clínica Infantil O Pequeno Príncipe

Carlos Magno Guerra Lages
2017

No início do ano de 1972, eu convidei os doutores Amélia Vilan Xavier e Olival Lacerda de Oliveira, colegas de trabalho no Hospital São Domingos Sávio, para fundarmos uma clínica de atendimento exclusivamente ambulatorial. Como dispúnhamos de poucos recursos, concluímos que a clínica

deveria ser localizada fora da região central, já que era grande a carência desses serviços nos bairros.

Em busca de um local adequado, percorremos a cidade desde o Barreiro, passando pela Zona Sul, Zona Leste e Pampulha, e chegamos à conclusão de que a Avenida Silviano Brandão, no Bairro Floresta, seria o local mais apropriado. Encontramos uma casa, de propriedade do pai do Dr. Paulo Kleber Avelar Araújo, meu colega e amigo, situada na Av. Silviano Brandão, 1600, no Bairro Horto. O ponto mostrava-se promissor, uma vez que se tratava de uma região populosa e que não dispunha de serviços médicos pediátricos em suas imediações. Além disso, essa avenida era a via de escoamento de aproximadamente 13 bairros e sete cidades vizinhas. Essas condições favoráveis e a disposição da equipe para o trabalho determinaram não só a escolha do local, como o posterior sucesso do empreendimento.

Enquanto tomávamos as providências para a sua constituição, nós, os sócios, convidamos outro colega, o Dr. Oscar Matos de Leão, que passou a integrar o grupo. Todos eram pediatras com poucos anos de formados, poucos recursos financeiros, mas com a determinação e o desejo de construir um serviço de qualidade.



Primeira sede da Clínica Infantil O Pequeno Príncipe e os sócios: Amélia Vilan Xavier, Carlos Magno Guerra Lages, Luciano Soares Dias, Olival Lacerda de Oliveira e Otávio Pinto de Carvalho (Foto: André Castro)

A casa, de tijolinhos aparentes, possuía um espaço adequado às necessidades da clínica: uma sala que seria a sala de espera; os dois quartos; os consultórios; a cozinha, que se transformaria, sem dificuldades, na sala de sutura, um banheiro; ao lado, havia uma pequena área externa que seria um local de lazer para as crianças.

A casa possuía ainda um barracão nos fundos que serviria para área de serviços gerais. Os equipamentos do consultório, assim como outras peças do mobiliário, foram adquiridos de segunda mão. O Dr. Olival sugeriu que a clínica se chamasse Clínica Infantil O Pequeno Príncipe, e sua noiva, a artista plástica Lúcia Brasileiro Lacerda, produziu várias telas alusivas ao Pequeno Príncipe, que compuseram os ambientes do novo empreendimento.

Feitas as devidas adaptações, em 22 de maio de 1972, foi inaugurada a Clínica Infantil O Pequeno Príncipe, aberta 24 horas por dia, o que era um importante diferencial para a população circunvizinha. Nos primeiros dias de funcionamento, uma consulta em 24 horas já era motivo de confiança no empreendimento, e atingir a marca de três consultas por dia se transformava em um fato digno de comemoração.

Os próprios sócios se revezavam na realização de consultas de rotina e de urgência, pequenas cirurgias e vacinação. Cinco médicos se revezavam na cobertura das 24 horas do dia, durante vários anos. No período diurno, a clínica contava com uma secretária e uma faxineira. À noite, o médico permanecia sozinho desempenhando todas as atividades como atender ao telefone, receber e atender o paciente, aplicar a medicação, passar sonda nasogástrica, pegar veia para administração de medicação em paciente em estado grave, fazer sutura com ajuda dos pais da criança, aplicar vacinas e também receber os honorários.

A pediatra Amélia, para não ficar sozinha à noite nos plantões, era acompanhada por seu pai ou por sua mãe. Apesar dessas várias funções, todos os médicos apresentavam grande disposição para o trabalho. O desejo de atender o paciente da melhor forma possível, mantendo uma tabela de preços diferenciada em função das condições socioeconômicas, era outro diferencial.

A propaganda na região se fazia por indicação dos próprios clientes, o conhecido boca a boca ou através de panfletos. Outra forma de angariar pacientes era por meio dos serviços médicos gratuitos que os sócios ofereciam às comunidades distantes e carentes.

Não possuíamos convênios, e, para proporcionar atendimento a vários segmentos econômicos e sociais, estabeleceu-se três valores distintos para os preços das consultas, sistema que se mostrou eficaz, não gerando dificuldades no relacionamento com os clientes.

Poucos meses depois do início das atividades, o médico Oscar se desligou do grupo, sendo convidado para o seu lugar, Otávio Pinto de Carvalho, residente do Serviço de Pediatria da Fundação Benjamim Guimarães, indicado pelos doutores José Guerra Lages e Lauro Machado Alvim, sócios do Hospital São Domingos Sávio. Otávio iniciou suas atividades em 28 de agosto de 1972. No dia 1º de maio de 1975, integrou-se também ao grupo Luciano Soares Dias, pediatra amigo meu.

Com a perspectiva de expansão dos serviços da clínica, os sócios adquiriram vários lotes contíguos, e, mais tarde, a sua casa-sede, situada na Av. Silviano Brandão, 1600. Essas aquisições, todas realizadas pelo sócio Carlos Magno, só se viabilizaram em função da poupança feita com os rendimentos integrais, já que os sócios não tinham retirada.

Os sócios haviam elaborado o projeto para construção de sua sede e solicitado empréstimo na Caixa Econômica Estadual, quando fui procurado pelo Dr. José Guerra, ponderando que eram dois projetos similares, de risco, de propriedade de dois grupos amigos, sugerindo que fosse proposto ao grupo do O Pequeno Príncipe a fusão e construção de apenas um projeto. Este seria financiado pela Caixa Econômica Federal. Houve a aprovação dos sócios e após os entendimentos usuais, ficou definida a construção do Hospital Infantil O Pequeno Príncipe que pertenceria aos novos sócios, em partes iguais.

A proposta era construir um hospital para 75 leitos. Naquela oportunidade, a clínica possuía os terrenos, uma clientela expressiva, atendendo em média 1.300 consultas e 700 vacinas por mês.

Nossa equipe foi pioneira no atendimento durante as 24 horas, passando a clínica a ser uma referência em atendimento pediátrico ambulatorial, com visitas de grande número de médicos. A meticulosa organização e a elaboração de gráficos pelos sócios possibilitavam a visualização de seu expressivo crescimento.

Com a aprovação do empréstimo pela Caixa Econômica Federal, os sócios debruçaram-se sobre os trabalhos de elaboração do projeto, com a assessoria do médico Lauro Machado Alvim, além das providências legais e burocráticas

necessárias para o empréstimo. O projeto do Hospital Infantil O Pequeno Príncipe foi aprovado pelo Ministério da Saúde, sendo o primeiro em Minas Gerais concebido dentro das normas recomendadas por aquele órgão.

Com a aprovação do Ministério da Saúde, da Secretaria de Estado da Saúde e da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, o Hospital Infantil O Pequeno Príncipe estava em condições de iniciar sua construção. Naquela oportunidade foi procurado pelo Dr. José Guerra ponderando que eram dois projetos similares, de risco, de propriedade de dois grupos amigos, sugerindo que fosse proposto ao grupo do O Pequeno Príncipe a fusão e construção de apenas um projeto. Houve aprovação dos sócios e, após os entendimentos usuais, ficou definida a construção do Hospital Infantil O Pequeno Príncipe, que pertenceria aos novos sócios, em partes iguais.

Nessa oportunidade, surgiu a conveniência de fusão desse projeto com o do Hospital Infantil São Domingos Sávio, surgindo daí o Hospital Infantil São Camilo.

A clínica continuou funcionando paralelamente ao Hospital Infantil São Camilo, em imóvel próprio, até abril de 1992, quando foi incorporada ao hospital, tendo seu nome preservado nos receituários.

Os sócios da Clínica Infantil O Pequeno Príncipe foram os doutores: Amélia Vilan Xavier, Carlos Magno Guerra Lages, Luciano Soares Dias, Olival Lacerda de Oliveira e Otávio Pinto de Carvalho.

16. PAM Saudade – Posto de Assistência Médica Pediátrica do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI)

José Guerra Lages
2017

Até o ano de 1963, os serviços de assistência médica da Previdência Social atendiam exclusivamente os segurados, visando recuperá-los para a volta ao trabalho. Os trabalhadores eram vinculados à Previdência por meio de suas categorias profissionais, a saber: comerciários, ao Instituto

de Aposentadorias e Pensões dos Comerciários (IAPC); industriários, ao Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI); ferroviários, ao Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Ferroviários e Empregados em Serviços Públicos (Iapfesp); bancários, ao Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Bancários (IAPB); e funcionários públicos federais, ao Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores.

Desses institutos, apenas o IAPB possuía serviço de assistência pediátrica regular, com ambulatório próprio, no Hospital São José, situado na Rua Aimorés. O IAPC possuía um número mínimo de pediatras, dentre eles, Drs. Berenice Peixoto Sofal e Luiz Pinto Coelho. A assistência à população era prestada pelos serviços públicos estaduais, federais e entidades de beneficência, todos de forma muito limitada.

No início de 1964, o superintendente médico do IAPI, Dr. Antônio José Sobrinho, credenciou os primeiros pediatras para atendimento médico: Drs. Aldo Casilo, Francisco de Souza Lima, Francisco de Souza Lima Filho, Florivaldo Tolentino Caldeira, Ilza Terezinha de Carvalho, Lauro Machado Alvim, Nísio de Oliveira, Ronaldo Arédio Ferreira e Saul Barbosa Arantes. O IAPI, o maior instituto de previdência em função do número de segurados, dos recursos disponíveis e possuidor de uma organização administrativa modelar, designou o Dr. Mozart Tolentino, médico efetivo do IAPI, para coordenar o novo serviço.

Poucos meses após o início das atividades, Dr. Mozart, profissional exigente e metucioso, incompatibilizou-se com a direção do Hospital São Francisco, demitindo-se em caráter irrevogável.

Na condição de funcionário do IAPI, como escriturário datilógrafo da Superintendência Médica, cargo que exerci durante parte do curso médico, mas já formado médico e estagiário de pediatria no Hospital São Vicente (Hospital das Clínicas), fui designado como coordenador do serviço.

Em decorrência da precariedade da assistência pública, houve grande afluxo de pacientes para aquela nova unidade de saúde com superlotação do pequeno espaço e dos leitos disponíveis. O atendimento aos pacientes internados era prestado por estagiários, não contando com orientação de profissionais qualificados, o que resultava em um trabalho muito deficiente.

Sempre que ocorriam, os fatos graves eram transmitidos à direção do hospital através de minuciosos relatórios, realçando os danos aos pacientes

e a necessidade premente da promoção de melhorias. A sucessão dos fatos resultou em extenso dossiê, com comprovação de entrega dos originais à direção do hospital.

Diante de tais fatos, obtive autorização para procurar outro local. Fomos ao Hospital Sarah Kubitschek, ao Serviço Social da Indústria (Sesi) e a outros locais, até que obtivemos a informação da existência do Hospital da Baleia, com poucas atividades. Chegando ao hospital, fiquei maravilhado e seguro de sua potencialidade. O fato de a Rua Juramento, de acesso ao hospital, não ser asfaltada, e as viagens serem em número reduzido, apenas três por dia, não me impediram de conversar com o Dr. Ernesto Ayer Filho, expondo nosso desejo de transferir para o Hospital da Baleia o Serviço de Pediatria do IAPI.

Em face da experiência da Fundação e do convênio com o estado, tivemos grande dificuldade nas negociações, o que demandou inúmeras reuniões até o estabelecimento do contrato e do modelo de remuneração. Temeroso de que pudessem surgir dificuldades na transferência do serviço, nenhuma informação foi prestada aos médicos e aos funcionários, porém foi estabelecida uma data estratégica para a transferência – sexta feira de carnaval. Foi uma operação de guerra: contato com a empresa de ônibus, cartazes em vários locais, ambulâncias disponíveis e outras ações foram necessárias. Restava uma criança internada no Hospital São Francisco. Tomei a iniciativa de dar-lhe alta médica, assumindo por isso total responsabilidade, levando-a em meu carro para o Hospital da Baleia.

Assim, na quarta-feira de cinzas, os atendimentos começaram a ser feitos no ambulatório daquele hospital. Além da compreensão e da colaboração dos médicos, é importante ressaltar a dedicação dos funcionários do IAPI, lotados no serviço: Moacir Dias de Freiras e Maria da Conceição Fernandes (funcionários administrativos) e também Alírio Correa Rabelo e Floriscena Ferreira (assistentes sociais).

As novas condições possibilitaram a explosão na demanda, obrigando-nos a aumentar de imediato o número de profissionais com o credenciamento progressivo dos doutores Márcio Marcelo Lara Rezende, Wilson Rocha, Marílio Ladeira, José Américo Campos, Roberto Otávio Flores de Carvalho; depois de um tempo, outros médicos foram sendo agregados ao trabalho.

O PAM Saudade chegou a atender no ambulatório mais de 20.000 crianças por mês, surgindo a necessidade da construção de novo prédio. Houve

a expansão das áreas destinadas aos pacientes internados e a reativação do Hospital Maria Ambrosina, chegando o Hospital da Baleia a ter 350 pacientes internados, incluindo os do Sanatório.

Os serviços ambulatoriais do PAM Saudade melhoraram de forma progressiva a partir da implantação do atendimento em várias áreas de atuação da pediatria, com profissionais altamente qualificados e um corpo gerencial muito eficiente.

Poucas vezes se conseguiu congregiar no mesmo local médicos, enfermeiros e funcionários administrativos tão competentes, abnegados e dotados de elevado sentimento humanitário, trabalhando de forma harmônica em prol dos pacientes e de seus familiares. É importante ressaltar a grandiosidade dos serviços prestados à sociedade pelo conjunto de funcionários e profissionais do PAM Saudade. Sentimo-nos orgulhosos por ter feito parte dessa história.

Durante muitos anos, a direção da Fundação Benjamim Guimarães propôs a rescisão do contrato, o que foi feito no primeiro semestre de 2017, com a transferência dos funcionários e profissionais para o bairro São Geraldo.

17. Hospital da Baleia – Fundação Benjamim Guimarães

José Guerra Lages

Carlos Antônio Goulart Leite

2017

O Coronel Benjamim Ferreira Guimarães, homem simples nascido próximo de Pará de Minas, foi para o Rio de Janeiro, aos 13 anos, em busca de trabalho. Com inteligência invulgar e extraordinário tirocínio administrativo e comercial, amealhou expressiva fortuna. Certamente por sua origem simples e de dificuldades, desenvolveu elevado espírito filantropo e, apesar de contribuir para um grande número de instituições de assistência social, procurou seu particular amigo professor José Baeta Vianna, então secretário da Saúde do Estado de Minas Gerais, expondo-lhe o desejo de instalar em Belo Horizonte um projeto de assistência à criança.



Hospital da Baleia com o preventório ao fundo, local para abrigar as crianças filhas e filhos de tuberculosos (Foto: Acervo Hospital da Baleia)

Embora as carências fossem múltiplas, o professor Baeta Viana aconselhou-o a construir uma fundação destinada ao atendimento de crianças já tuberculosas e aquelas “pré-tuberculosas”, isso em 1943.

Para a concretização do projeto, o então governador Benedito Valadares, seu amigo particular, autorizou que o estado doasse à fundação os terrenos pertencentes à Fazenda da Baleia, próximo ao Bairro Saudade, com cerca de 1.000 hectares. O coronel doou à instituição expressivo valor em dinheiro, e o Serviço Nacional de Tuberculose possibilitou a construção dos dois primeiros prédios. O primeiro a ser construído foi o prédio Antônio Mourão Guimarães, na parte mais alta, em local e clima apazível, destinado ao preventório com capacidade para acolher até 700 crianças. O segundo, na parte mais baixa, à direita, foi destinado ao hospital denominado Maria Ambrosina.

Mais tarde, foi construído um terceiro prédio, na parte inferior, à esquerda onde estavam localizados os consultórios; o serviço de ortopedia; a radiologia; o serviço de fisioterapia, com salas de exames e de tratamento, além da

administração. Nesse pavimento, ainda se encontravam muito bem instalados o serviço de nutrição e dietética e o refeitório. No andar superior, achavam-se instaladas amplas enfermarias, o bloco cirúrgico, além de espaçosa área onde moravam as irmãs. Na parte externa, funcionava a oficina ortopédica, muito bem equipada em condições de atender às necessidades dos pacientes, simples e complexas.

A Fundação iniciou suas atividades em 1944. Depois de constituída, a instituição contou com o incentivo e o apoio financeiro do Serviço Nacional de Tuberculose, que contribuiu para a edificação dos primeiros três prédios, ainda hoje imponentes e arrojados tanto em relação ao projeto, quanto à edificação. Para a direção do hospital, foi designado o Dr. Ernesto Ayer Filho.

Para prestar assistência às crianças, foi convidado o Dr. Antônio de Oliveira Lucena, profissional competente, íntegro, elegante, pertencente à elite científica e cultural de Belo Horizonte. Dr. Lucena era um médico extremamente cuidadoso e elaborava prontuários minuciosos, desenhando, em cada página da folha de evolução médica, as imagens das lesões pulmonares, obtidas através da visualização em radioscopia.

Ele foi o precursor em Belo Horizonte da pneumologia pediátrica e pôde contar com o trabalho de sua auxiliar, Dra. Maria Feliciano Torres, médica fisiologista, profissional competente, simpática, amena, sempre sorrindo e manifestando grande interesse em transmitir seus conhecimentos. Posteriormente, o serviço foi enriquecido com a presença de José Félix Azevedo, profissional, simples, muito competente e que contribuiu de maneira expressiva para a difusão dos conhecimentos em pneumologia pediátrica. Ainda em plena atividade, Lucena foi acometido de grave insuficiência respiratória, tendo falecido no Hospital Felício Rocho, onde tivemos a oportunidade de visitá-lo.

É importante ressaltar que no início das atividades dos serviços de pediatria do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI) no Hospital da Baleia, encontravam-se internadas no prédio Antônio Mourão Guimarães cerca de 140 crianças isoladas de seus pais; a grande maioria era portadora de tuberculose em suas diversas formas. Tivemos a oportunidade de tomar conhecimento de um número significativo de crianças acometidas de meningite tuberculosa, que, após longo período em coma, recuperaram integralmente a saúde, sem sequelas.

Em 1961, com dificuldades para a manutenção das atividades, a Fundação, estabeleceu convênio com a Secretaria Estadual da Saúde de Minas Gerais, o que transformou a instituição em uma entidade de assistência integral à criança. No entanto, o convênio com a secretaria não resultou em expansão dos serviços, sobretudo porque não havia o repasse das verbas acordadas, conforme informações do Dr. Ernesto Ayer Filho. Embora o hospital já contasse com um grupo de profissionais médicos que representavam a elite científica de Belo Horizonte, pelas razões acima expostas, o número de atendimentos era mínimo, excluída a tisiologia.

Em 1964, assumi a coordenação do Serviço de Pediatria do IAPI, recém-criado, funcionando em local que não apresentava condições adequadas para as suas atividades. Inconformado com a situação e consciente das necessidades e das possibilidades de crescimento, passei a procurar vários serviços em Belo Horizonte, na busca de solução. Fui à administração do Serviço Social da Indústria (Sesi), na Rua Campos Sales, e ao Hospital Sarah Kubitschek, mas não consegui o meu objetivo. Nessa ocasião, fui informado sobre o Hospital da Baleia.

Ao chegar, fiquei encantado e seguro de que seria o local adequado. No Sanatório encontravam-se internadas 140 crianças; o prédio Maria Ambrosina estava totalmente fechado, bem como as enfermarias do terceiro prédio. Procurei o Dr. Ernesto Ayer, que, em função da realidade do convênio com o estado, se negava a discutir um novo contrato com a Previdência Social. Persistentemente, passei a ir ao Hospital da Baleia todos os dias, às 14 horas, para tentar movê-lo de sua posição e estudar a possibilidade de uma negociação. Após diversos contatos, certo dia encontrei-o mais bem-humorado, quando ele quis saber quais eram as bases do contrato. Informei-lhe que tinha plenos poderes para discutir o projeto inicial de negociação e que, naquele momento, poderíamos fazer um esboço das necessidades do IAPI e o que a Fundação poderia oferecer, bem como o valor a ser pago pelo Instituto.

Após minuciosas discussões e analisando cada item, chegamos a um bom termo, definindo que a melhor solução seria o pagamento por atendimento. A Fundação entraria com a área física, consultórios equipados, limpeza e lanche para médicos e funcionários, e ao IAPI caberia o que se relacionasse aos funcionários, aos médicos e à administração dos serviços. Chegamos ao valor de 0,8 US (unidade de serviço, que correspondia a um centésimo

do salário mínimo) por atendimento; a remuneração dos exames e serviços hospitalares seria igual ao pago pelo IAPI aos hospitais de Belo Horizonte, do mesmo porte. Até à conclusão do acordo, apenas eu e a Superintendência Médica tínhamos conhecimento das negociações e da possível transferência dos serviços.

Para efetivar a transferência, foram necessárias vários entendimentos no sentido de estabelecer as estratégias da mudança, o que não foi fácil. Uma delas era a questão do transporte coletivo, de propriedade da Viação Vera Cruz, cuja linha mantinha apenas duas viagens por dia ao hospital. Fui à casa do proprietário, para convencê-lo da necessidade de um serviço de transporte que fosse bom para os pacientes e que lhe desse bons resultados, pois o movimento seria bem maior depois que o Hospital da Baleia implantasse o serviço, o que ocorreria em breve. Outros entendimentos e tarefas teriam que ser realizados rapidamente, tais como comunicar à direção do hospital a transferência do serviço para outro local, fazer reuniões com os médicos e funcionários, e definir a estratégia da mudança no dia seguinte.

Transferido o serviço, aconteceu o que se previa: aumento extraordinário da demanda e expansão de todas as atividades. O hospital chegou a ter 350 pacientes internados, incluindo a fisiologia, e 20.000 atendimentos ambulatoriais por mês.

Embora o objetivo inicial fosse descrever a história do serviço de pediatria, julgamos importante, por sua magnitude, fazer uma síntese dos diversos serviços existentes no Hospital da Baleia. Poderia ser escrito um livro sobre cada um, por sua importância, pela qualidade dos serviços prestados à sociedade e por ser um centro de elite na formação de profissionais

Ortopedia

Tratando-se de hospital inicialmente destinado à assistência à criança tuberculosa e considerando a frequência das lesões ósseas, o serviço alcançou projeção nacional graças inicialmente à presença do professor José Henrique da Matta Machado, que fez residência nos Estados Unidos, onde granjeou elevado conceito profissional, e da elite médica que passou a trabalhar no hospital a convite desse professor, a partir de 1948, quando os serviços tiveram início. Para compor a equipe, o professor convidou primeiro o ortopedista Luiz Garcia Pedrosa e, posteriormente os Drs. Renato Magalhães Freire, Ângelo

Siqueira Paolucci, Roberto Sakamoto Falcon, Gustavo Alves de Mendonça, Cesar Luiz Ferreira Andrade Lima, Ary Américo Araújo, Dalton Lopes Terra, Luiz Olímpio Garcia Pedrosa, Wagner Nogueira Silva e Francisco Carlos Sales Nogueira.

Com personalidade marcante, grande conhecimento científico e uma equipe de excelentes profissionais, o Dr. José Henrique consolidou o Serviço de Ortopedia do Hospital da Baleia como um dos maiores e melhores serviços de ortopedia do Brasil, formando uma plêiade de profissionais estabelecidos em Belo Horizonte, no interior e em diversos locais do país.

Reabilitação

Para complementar a assistência aos pacientes portadores de patologia ortopédica, foi constituído um excelente serviço de reabilitação dirigido pelos fisiatras Gilberto de Almeida Fonseca, Teobaldo Rodrigues e Márcio de Lima Castro, profissionais de renome e precursores de serviço de qualidade da especialidade em Belo Horizonte. A fundação criou também uma excelente oficina para a confecção de grande variedade de equipamentos ortopédicos, fundamentais para a assistência integral à criança com deficiência.

Pediatria

O Dr. Hugo Marques Gontijo, natural de Bom Despacho, foi eleito prefeito de sua cidade, em 1947, época em que realizou uma administração eficiente, principalmente por ter construído o primeiro ginásio da cidade, contando com a contribuição de seu primo, Dr. Cisalpino Gontijo, dono do Banco Gontijo.

Desejando complementar sua formação científica, Hugo foi para os Estados Unidos, onde fez a residência em pediatria e cardiologia no *Children's Hospital* da Filadélfia. Voltando para Belo Horizonte, em 1950, ele trabalhou no Hospital das Clínicas, ocasião em que foi convidado pelo professor José Henrique para se integrar ao corpo clínico do Hospital da Baleia.

Com o intuito de compor a equipe, Dr. Hugo convidou seus colegas de consultório os pediatras João Carlos Ferreira, Carlos Antônio Goulart Leite, José Eleutério de Azevedo, Guilherme Marques Gontijo e Ennio Leão, professor da Faculdade de Medicina. Em 1965, juntaram-se à equipe os médicos José Guerra Lages e Lauro Machado Alvim. Possuindo ótimas

instalações em um local privilegiado por sua extensão e grande beleza, e um corpo clínico constituído por pediatras experientes e com excelente formação, foi implantada a residência em pediatria, credenciada pela Sociedade Brasileira de Pediatria.

Após alguns anos, a residência em pediatria do Hospital da Baleia transformou-se em um dos melhores centros de formação de pediatras brasileiros. Mais de 400 pediatras exercem a especialidade em Belo Horizonte, no interior de Minas e em várias cidades do país. Depois de concluída a residência em pediatria, passaram a integrar o corpo docente do hospital os médicos José Maria Lombardi Filgueiras; Ronilson Starling Tavares; Marcelo Eustáquio Gomes; José Flávio de Araújo Gomes, este especializado em dermatologia, e Maria Amália Faria, que se especializou em nefrologia, sob a orientação dos Drs. Carlos Antônio Goulart Leite e Lucas Monteiro de Castro, este último especializado em neurologia pediátrica.

Foram residentes de pediatria do Hospital da Baleia e se destacaram por seu brilhantismo profissional os doutores José Sabino de Oliveira, Francisco José Caldeira Reis, João Luiz Monteiro, Fernando Filizzola de Matos, Otávio Pinto de Carvalho, Carlos Magno Guerra Lages, Luzimar Bruno e Filomena Camilo Vale. O CTI Pediátrico foi coordenado pelas Dras. Filomena Camilo Vale e Luzimar Bruno Ferreira, e o Serviço de Oncologia Pediátrica, pelo Dr. Eduardo Ribeiro Lima.

A manutenção do elevado conceito da pediatria do Hospital da Baleia se deve, em grande parte, aos médicos coordenadores do serviço de pediatria: Drs. Hugo Marques Gontijo, Carlos Antônio Goulart Leite, Marcelo Eustáquio Gomes, Maria Amália Faria e outros brilhantes pediatras, dentre os quais a Dra. Léa Cristina Ferreira, atual coordenadora da unidade de internação do Hospital Infantil São Camilo, que mantiveram o elevado nível de formação dos residentes.

Cirurgia Pediátrica

O coordenador da clínica de cirurgia pediátrica foi Dr. José Mariano Duarte Lanna Sobrinho, professor dessa especialidade na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), profissional com sólida formação científica, sendo um excelente didata. Para compor a

equipe, Mariano convidou seu primo, o também brilhante professor Dr. José Carlos Brandão Duarte Lanna, dotado dos mesmos valores.

O Serviço de Cirurgia Pediátrica do Hospital da Baleia tornou-se um dos mais importantes centros de formação em cirurgia pediátrica do país, com uma série de excelentes cirurgiões que exerceram e ainda exercem a especialidade em diversos centros, dentre os quais destacamos: Antônio Sérgio Alves, Maria de Lourdes Alvarenga Silva, Juliana Pasti (de Alagoas), Francisco de Assis Chagas Barreto (do Piauí), Sigrid Rocha Silva, Adriana Cunha Vasconcelos, Rodrigo Romualdo Pereira, Willon Garcia de Carvalho, Luciano Dantés de Paula, José Teixeira Guimarães, Cláudio de Almeida Oliveira, Maria Marta Zerbini Perocco Braga, Ricardo Matos Paixão, Edson Samesina Tatsuo, José Teixeira Guimarães e Acácio Rocha Filho, este último criador do Serviço de Cirurgia Pediátrica do Hospital Infantil São Camilo.

Radiologia

Dr. Davi Rezende, radiologista, foi o primeiro profissional de Belo Horizonte a ter interesse especial pela radiologia pediátrica, contribuindo para a difusão desse conhecimento entre os pediatras, os ortopedistas e os cirurgiões. Ele sempre esteve entusiasmado e disponível para a realização de todos os exames e a discussão dos resultados com os profissionais. Diante da grande demanda de serviços, o radiologista Dr. Francisco Carvalho foi convidado para se integrar à equipe.

Anestesiologia

De capital importância numa época de precários recursos tecnológicos, o conhecimento e a habilidade de um serviço de anestesiologia era imprescindível, sobretudo em um local onde pontificavam profissionais altamente qualificados como os doutores Raul Costa Filho, Sérgio de Almeida, Nísio de Oliveira Lima, João Evangelista Jacques Gonçalves, sempre disponíveis a qualquer tempo e hora.

Alergia e Pneumologia Pediátrica

Assumi a coordenação deste serviço o médico Dr. Wilson Rocha, natural de sua querida Bonfim do Paraopeba, profissional brilhante com extensa formação na especialidade nos Estados Unidos, na Universidade de

Winsconsin. Profissional brilhante, sempre bem-humorado, figura constante em todos os congressos da especialidade no país, onde ministrava excelentes aulas, com visão prática do exercício da medicina.

Neurologia Pediátrica

Os pediatras que participaram por muitos anos dos serviços do Hospital da Baleia tiveram o privilégio de ver nascer em Belo Horizonte a neuropediatria mineira, sob a liderança dos mestres, Dr. Márcio Marcelo Lara Rezende e Dra. Rosa Maria Leone. Tal a dimensão e a importância desta clínica em Belo Horizonte, gerada sob a inspiração da competência, dedicação aos pacientes e do compromisso ético dos doutores Márcio e Rosa, tomamos a iniciativa de solicitar aos doutores Luiz Fernando Fonseca e Christovão de Castro Xavier para que escrevessem a “História da neuropediatria em Belo Horizonte”, cujo texto está em outro capítulo deste livro.

Endocrinologia e Metabologia

Coordenou esta especialidade o médico o Dr. Marílio de Senna Ladeira, profissional com sólida formação científica nos Estados Unidos.

Cirurgia Torácica

O responsável pela cirurgia torácica era o cirurgião Dr. Pedro Paulo Lessa Baptista, que realizou sua formação científica por vários anos nos Estados Unidos, onde casou-se com uma americana. Era um profissional brilhante, rigoroso em relação às exigências pela qualidade dos serviços prestados aos clientes, um grande líder. Durante vários anos o hospital manteve suas enfermarias exclusivas para a internação de pacientes submetidos à drenagem de derrame pleural pós-pneumonia.

Otorrinolaringologia

Sob responsabilidade do Dr. Pedro Carneiro, experiente profissional na área de otorrinolaringologia.

Cirurgia Plástica

Coordenou esta especialidade Dr. Olendino Ferreira Prados, profissional com extensa e primorosa formação científica nos Estados Unidos. Graças à

sua excelente formação científica e relacionamento social, transformou-se em um grande líder da classe médica de Belo Horizonte, contribuindo para o elevado conceito da cirurgia plástica na capital mineira. Ele foi responsável pela formação de grande número de profissionais. Para integrar a equipe do Dr. Olendino, foi convidado o cirurgião plástico Dr. Lindolfo Chaves.

Infectologia

Hoje, é inimaginável pensar no grande número de crianças que acorriam ao hospital portadoras de doenças infectocontagiosas, dentre as mais habituais: sarampo, difteria e coqueluche, que ocupavam grande área das enfermarias. Em 1969, ocorreu em Belo Horizonte uma epidemia de meningite meningocócica e paralisia infantil.

Dado o alarmante número de pacientes acometidos, foi necessária a criação de uma clínica especializada, com área isolada e específica para esse fim. Dr. Ernesto Ayer Filho, diretor do hospital, convidou para ser o coordenador dessa clínica o brilhante professor da Faculdade de Medicina da UFMG, Dr. José Pinto Machado. A área destinada à internação de crianças portadoras de doenças infectocontagiosas localizava-se no prédio Maria Ambrosina, que foi aberto para o atendimento de crianças em áreas específicas para cada tipo de patologia.

Era dramático visualizar naquele local grande número de crianças, umas desnutridas e outras eutróficas, gozando de plena saúde, serem acometidas por paralisias de um ou vários segmentos musculares. Para auxiliá-lo na assistência, o professor Pinto Machado convidou inicialmente o especialista em doenças infecciosas, Dr. Rômulo Martins e, posteriormente, os doutores José Flávio Gomes, Marcelo Eustáquio Gomes e Ronilson Starling Tavares.

Em função da grande demanda e expansão dos serviços de ambulatórios, o Dr. Ernesto construiu um prédio anexo ao Baeta Viana destinado aos atendimentos ambulatoriais da Previdência Social e posteriormente ao Serviço Único de Saúde (SUS). Tratava-se de um prédio de menores dimensões, com corredores mais estreitos e consultórios menores. A beleza, a grandiosidade do local, a amplidão das instalações, o número elevado de atendimento nas diversas especialidades com alta qualidade dos serviços prestados fizeram com que o prestígio do Hospital da Baleia ultrapassasse as fronteiras de Minas, com demanda crescente de pacientes acometidos das

mais diversas patologias, vindos de vários estados, em especial da Bahia. No período áureo, o hospital chegou a ter 350 pacientes internados, incluindo os do sanatório.

O Hospital da Baleia é uma relíquia da sociedade de Belo Horizonte, responsável pela formação de centenas de profissionais que dão assistência à criança em todas as suas necessidades. Devemos agradecer o Coronel Benjamim Guimarães e os grandes líderes das diversas especialidades pela iniciativa meritória. Por ser pediatra e ter mantido com ele relação fraterna e de admiração, enalteço o Dr. Hugo Marques Gontijo, profissional simples, íntegro, com expressiva formação científica em pediatria e cardiologia pediátrica, grande didata que sabia conduzir os ensinamentos de maneira simples e objetiva.

Como cidadão e médico, porém, tenho a certeza de que devemos reverenciar a memória de todos os líderes dos diversos serviços e suas equipes, pelo exemplo de excelente formação científica, grandeza da sensibilidade humana, abnegação e integridade, exemplo para todas as gerações.

18. Centro Geral de Pediatria (CGP) – Hospital Infantil João Paulo II

*Luís Fernando Andrade de Carvalho
Cristiano Túlio Maciel Albuquerque
2017*

O Hospital Infantil João Paulo II foi oficialmente criado em 1 de abril de 1982, com o nome de Centro Geral de Pediatria (CGP), nome que continua conhecido pela população e pelos médicos, mesmo após a mudança para o nome atual, em 2007. Porém, os primórdios desta história são bem mais antigos, datados do início do século XX, mais precisamente no ano de 1911. É uma rica história, muito representativa da formação de todo o sistema de saúde do Brasil, escrita com muito suor, trabalho e idealismo, por parte dos pediatras que aqui dedicaram boa parte de suas vidas e exerceram a medicina,

motivados pela paixão à profissão. O sonho de cuidar da saúde das crianças carentes, por vocação, superou a burocracia, a falta de planejamento e a ausência de políticas públicas, culminando na construção do maior hospital público de pediatria de Minas Gerais, campo de ensino e formação de profissionais de saúde, que oferece uma das dez maiores residências em pediatria do Brasil e que, em 40 anos, já formou mais de 500 pediatras.

No final da década de 1950, o cenário da saúde pública era caótico: as doenças infecciosas acometiam intensamente a população carente, com índices de mortalidade infantil semelhantes aos existentes na África. A industrialização, iniciada na era Vargas e desenvolvida com Juscelino Kubitschek, levou a um movimento de urbanização desordenada, caracterizado pelo êxodo rural e formação dos bolsões de pobreza, vilas e favelas, com condições de habitação mais precárias que as de hoje. A classe média proletária não dispunha de saneamento básico adequado. Os índices de analfabetismo eram altíssimos. As famílias, vindas do interior, não tinham preparo educacional e o conhecimento sobre cuidados de saúde e segurança alimentar eram escassos. Toda esta precariedade fazia com que as doenças infecciosas intestinais, caracterizadas por diarreia e vômitos, resultassem em quadros graves de desidratação que, frequentemente, levavam as crianças à morte. Além disso, não dispúnhamos de um programa de imunização abrangente, como o que temos hoje. Embora a incidência da varíola estivesse em queda, como resultado do programa de vacinação vigente, outras doenças graves, como poliomielite, difteria e sarampo, que hoje podem ser consideradas parte da história, tinham elevada incidência.

Outras doenças, presentes até os dias atuais, tiveram sua incidência e gravidade reduzidas através da ampliação dos programas de vacinação e combate a endemias, tais como tétano, hanseníase, tuberculose, coqueluche e meningites. Esta época deixou uma ferida aberta na história do Brasil, pois o país perdeu uma geração de seus filhos por falta de condições de higiene, água tratada, comida e cuidados básicos de saúde. Temos muito orgulho de fazer parte da história do CGP, pois foi nesse cenário de extrema dificuldade e pouquíssimos recursos que o hospital foi criado, com o intuito de responder a essas demandas sociais. Uma luta e um sonho, que tentamos manter com a mesma disposição e dedicação de nossos mestres.

Naquela época, o sistema público de saúde era muito precário e não estava preparado para atender o aumento da demanda associado ao crescimento populacional. O Sistema Único de Saúde (SUS) ainda não havia sido criado e somente as pessoas com vínculo empregatício formal e seus dependentes, tinham acesso aos serviços públicos de saúde vinculados ao Instituto Nacional de Medicina e Previdência Social (Inamps). A população que não tinha emprego formal era considerada indigente e atendida em hospitais filantrópicos, como as Santas Casas, hospitais universitários ou em poucos serviços públicos de saúde, que passaram a ser criados por iniciativas independentes de alguns governantes. Já existia a discussão e luta pela criação de um sistema público e universal de saúde, levantada, principalmente, pelos médicos sanitaristas e estudiosos da saúde coletiva ligados à universidade. Entretanto, o golpe militar de 1964 prejudicou este movimento, uma vez que a maior parte destes pensadores tinha uma militância política que era considerada de esquerda e “subversiva” pelo governo repressor. A visão de saúde dos militares era puramente campanhista e assistencialista, embasada no modelo hospitalocêntrico.

Foi nesse contexto que nasceu a semente do CGP. No governo de Magalhães Pinto, em 1961, foi criado, na região do Barro Preto, o Serviço de Emergência da Gastroenterite em que poucos e corajosos médicos, auxiliados por acadêmicos de medicina, sedentos em ajudar e aprender tentavam salvar da morte por desidratação as crianças pobres e, em grande parte, gravemente desnutridas. Em 1964, eram acadêmicos bolsistas do Serviço: Edward Tonelli, Luiz Fernando Correia, Ângela Gabriela S. Lima, Elenice Ferraz, Maria Aparecida Piantino e Edair Gonçalves, dentre outros. Em 1966, o serviço foi transferido para a região hospitalar, sendo abrigado em um prédio recém-construído, o Hospital Sálvio Nunes. Paralelamente a esse movimento, em 1964, o Hospital de Isolamento, um dos serviços de saúde mais antigos do estado, que desde 1911 funcionava como um sanatório para tuberculosos no Bairro Santa Tereza, foi desativado. Sua equipe foi transferida para uma edificação transitória na Av. Churchill no bairro Santa Efigênia. Em 1971 sua equipe foi transferida para o novo Hospital Cícero Ferreira, construído ao lado do Hospital Sálvio Nunes pelo então governador, Rondon Pacheco, irmão do pediatra Fausto Pacheco.

O nome do hospital foi escolhido em homenagem ao médico Cícero Ferreira, que pode ser apontado como um dos criadores da medicina mineira e da Faculdade de medicina da UFMG. Os dois hospitais deram origem ao Centro Hospitalar de Doenças Transmissíveis (CHDT), instituído oficialmente pelo Decreto Executivo Estadual nº 14.021/1971.

O cenário era de guerra. O Hospital Cícero Ferreira tinha médicos durante o dia, mas não dispunha de plantonistas à noite e nos finais de semana. Era o plantonista do Sálvio Nunes quem dava assistência às urgências dos pacientes internados no Cícero, de forma que as equipes dos dois hospitais passaram a funcionar praticamente em conjunto. A mortalidade era alta, chegando a morrer até 30 pacientes em um único plantão, incluindo principalmente crianças, mas também alguns adultos. Apesar dos esforços praticamente heróicos dos médicos e enfermeiros, a estrutura era precária, seis a dez pacientes para cada 100 internados. No Hospital Sálvio Nunes, que tinha pronto atendimento 24 horas, um médico chegava a atender mais de 130 crianças em um plantão de 12 horas.

Em 1973, Edward Tonelli foi transferido do Hospital Sálvio Nunes para a Feamur, assumindo a comissão de ensino e treinamento. Nessa época, o cargo de coordenador de pediatria da Feamur era exercido pelo pediatra José Guerra Lages, que, seguro de que o conjunto de profissionais e serviços da Feamur se constituía em local adequado para a implantação da residência em pediatria, propôs à comissão de ensino e treinamento e à diretoria do Hospital João XXIII a implantação desse serviço nos hospitais da Feamur. Para a concepção desse objetivo, Dr. Guerra solicitou a aprovação da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), que designou, para vir a Belo Horizonte, o Dr. Eduardo Maracondes. Doutor Guerra o acompanhou na visita que fez aos diversos serviços, na análise da qualificação do corpo clínico e da programação da residência, cujo credenciamento foi aprovado sem restrições no período de 1973 a 1977. Estagiaram no CGP os seguintes médicos, na época, residentes de pediatria da Feamur: Jimmy Eduardo José Stubbert Flores (venezuelano), Afonso Alves de Souza, Carlos Alberto Takahashi, Geraldo Ezequiel de Oliveira, José Alves Viana, Antônio Geraldo Beltrame, Maria do Carmo Raush, Nilo Matias de Freitas, Orestes Braz Petrillo, Ronaldo Augusto Souza Costa, Elza Barros de Melo, Maria de Souza Costa, Saul Brasil Filho e Walda Maria Franqueira.

Em 3 de outubro de 1977, a Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig) foi instituída pela Lei Estadual de nº 7.088, com a fusão das três fundações de assistência médica do estado: Fundação Estadual de Assistência Médica de Urgência (Feamur) Fundação Estadual de Assistência Leprocomial (Feal) e Fundação Estadual de Assistência Psiquiátrica (Feap). O CHDT/Fhemig sofreu mudanças estruturais e o atendimento aos pacientes adultos foi transferido para o Hospital Maria Amélia Lins, também da Fhemig e, posteriormente, para o Hospital Eduardo de Menezes. Em 1982, o CHDT passou a se chamar Centro Geral de Pediatria (CGP), com assistência exclusivamente pediátrica. O nome foi sugerido pelo então superintendente da Fhemig, o pediatra e professor Elmo Perez dos Santos, na gestão do diretor Evandro Cunha Melo, que já exercia a direção desde o serviço de gastroenterite do Barro Preto.

Na história do CGP, a residência médica sempre teve um papel muito importante, pois o hospital conta, desde a sua fundação, com a participação de grandes mestres de enorme vocação para o ensino, o que era favorecido pela proximidade com a Faculdade de Medicina da UFMG. Desde 1966 havia sido organizada a residência médica em pediatria da UFMG, com participação de outros promissores jovens pediatras que viriam a trabalhar no CGP, tais como o professor emérito da Faculdade de Medicina da UFMG, Roberto Assis, dentre outros. Vários jovens professores da universidade eram, também, funcionários dos hospitais da Feamur, principalmente do CHDT, antes mesmo de se tornar CGP.

Em 1977, a residência de pediatria da Feamur passou para a Fhemig, sob a coordenação do médico Florisvaldo C. Tolentino, quando foi credenciada pelo Ministério da Educação (MEC) e, a seguir, foi coordenada por Lincoln Marcelo Silveira Freire, de saudosa memória, com grande atuação no ensino e na pesquisa. Nessa ocasião, a residência de pediatria da Fhemig contava com um núcleo de preceptores jovens, muitos ligados à Faculdade de Medicina da UFMG, aliando ensino e pesquisa ao riquíssimo campo de aprendizado presente no pronto atendimento do Sálvio Nunes, especializado em doenças agudas e urgências; e na enfermaria do Cícero Ferreira, especializado em doenças tropicais e infecto-parasitárias.

Além da relação próxima com a UFMG, o CGP se consolidou com o papel acolhedor e de suporte para outros serviços em momentos de dificuldades,

como se constata até os dias atuais. Na década de 1980, o governo do estado, ao detectar que os residentes estavam recebendo mais que os próprios médicos, tomou a infeliz decisão de reduzir o valor da bolsa de residência, solução mais barata que corrigir os salários dos médicos. Com isso, houve desestruturação da residência do Ipsemg e do Hospital da Baleia. Os residentes desses hospitais, com sua formação ameaçada, foram recebidos pelo CGP.

Além das residências de outros hospitais, a pós-graduação *stricto sensu* em Medicina Tropical da UFMG, referência científica internacional pelos estudos em doença de Chagas, esquistossomose, dentre outras, também apresentou dificuldades pelo fechamento do Hospital Carlos Chagas, sofrendo ameaça de intervenção pela UFMG e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Nesse momento, a rica clínica de doença infecciosa do CGP abrigou a disciplina de pós-graduação por vários meses, sob a coordenação do professor Amilcar Viana Martins, quando o Dr. Tonelli recebeu, a convite da direção do curso, os mestrandos docentes da clínica médica e da pediatria. Posteriormente, muitos deles haveriam de se tornar pesquisadores influentes, como o professor Luiz Gonzaga Vaz Coelho.

Nas primeiras turmas de preceptores e residentes do CGP, passaram jovens pediatras, hoje expoentes da pediatria brasileira. O preceptor Nelson Lobo Martins, infectologista, sempre calmo, receptivo aos acadêmicos e com uma memória invejável. Era um contador de histórias nato que, mediante seus casos clínicos e o famoso registro fotográfico de doenças exantemáticas, até hoje, mesmo aposentado, coordena aulas e sessões científicas no CGP. Nelson Lobo coleciona e reproduz “causos”, ensinando a medicina por meio de anedotas, como faziam os melhores professores das clássicas escolas francesas, inglesas e norte-americanas.

Outros preceptores da época: Aloísio Prado Marra, pediatra de raízes, mestre na arte de relativizar e explorar as possibilidades dos diagnósticos; Antônio José das Chagas, simples, brilhante e respeitado pediatra, sendo um dos criadores da endocrinologia pediátrica no Brasil; Fernando Boucinhas, infectologista; Luiz Fernando Fonseca, um dos primeiros neurologistas pediátricos mineiros, fundador da residência de neurologia infantil; Portela, conhecido pelos seus ensinamentos de semiologia pediátrica.

O médico Lincoln Freire, outro preceptor de destaque que logo se juntou ao grupo, foi o grande mestre da infectologia e liderança associativa pediátrica

nacional. Exerceu os cargos de diretor do CGP, presidente da Sociedade Mineira de Pediatria, presidente da Associação Médica de Minas Gerais, primeiro presidente da Academia Mineira de Pediatria, e será lembrado sempre como o presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) que tanto contribuiu para a reorganização e a profissionalização da sociedade.

Importantes coordenadores contribuíram para a consolidação da residência de pediatria como referência nacional e para a gestão do hospital: Dr. Florisvaldo, Dr. Lincoln, Dr. Luiz Fernando Fonseca, Dra. Amarilis Batista Teixeira, Dra. Heliane Brant Freire, Dra. Marisa Bicalho e Dra. Sandra Profeta. Dentre os primeiros residentes, que mais tarde se tornariam preceptores de liderança no hospital, temos: Ângela Frossard, organizada e metódica, oferecendo ao paciente o esforço máximo de um médico; Márcia Fortini, de perfil amigo e conciliador, que ajudou a coordenar e construir o maior pronto atendimento pediátrico que MG já teve; Helena Valadares Maciel, simples, elegante e culta, que teve sua vida intensamente ligada ao CGP, sendo a diretora que permaneceu mais tempo no cargo e contribuiu muito para estas memórias e para a profissionalização da gestão do hospital. Ainda na primeira turma, tivemos o infectologista, Inácio Roberto de Carvalho, um verdadeiro pai, que além dos ensinamentos, distribuía também conselhos para a vida.

Outras gerações de brilhantes pediatras, formados no CGP ou não, vieram em seguida compor a equipe do hospital: Marisa Bicalho Pinto Rodrigues, doce e maternal na arte de ensinar. Fernando Filizzola de Mattos, competente e elegante gastroenterologista que tornava simples a abordagem das doenças nutricionais e, além de preceptor de pediatria, organizou a residência de gastroenterologia pediátrica; Wilson Rocha Filho, pneumologista genial, cientista internacionalmente reconhecido, famoso por ser um dos mais exigentes com seus aprendizes, mas com um coração e capacidade de ensinar ainda maiores que suas exigências. Edmundo Clarindo, cardiologista, desses gênios difíceis de acompanhar, foi responsável pelo serviço e pela residência de cardiologia infantil. Heliane Freire, infectologista que fazia com que os olhos dos acadêmicos brilhassem, parceira do Dr. Lincoln na ciência, na arte de cuidar, de ensinar e de viver. Sandra Profeta, sempre bela e dinâmica. Guilherme Masci, simples, cheio de casos e exemplo de amigo. Luciano Amedée Peret, gastroenterologista, sempre objetivo na definição das condutas, referência científica

no hospital. Júlia Maluf, infectologista que estruturou o Serviço de Controle de Infecção Hospitalar (SCIH). Walter Camargos, psiquiatra infantil, com seus ensinamentos sobre a detecção precoce do autismo e Aparecida Grossi, nossa referência em dermatologia.

O CTI Infantil só foi inaugurado em 1996, contribuindo ainda mais para a redução da mortalidade hospitalar. Dr. Júlio Amorim Senna, pioneiro da terapia intensiva pediátrica em Minas Gerais, organizou e coordenou a equipe por mais de uma década, sendo responsável pela formação de gerações de intensivistas pediátricos. A hemodiálise no hospital realizada no CTI Infantil foi implantada a partir de 2009, organizada pela médica Cristiane Nahas, que atua como nefrologista e preceptora da residência de pediatria, integrando uma nova geração de preceptores.

Os chefes de equipe do pronto atendimento serão sempre lembrados pela sua extrema habilidade em organizar situações de verdadeiro caos, retirando o melhor de seus pediatras: doutores Paulo Melgaço, Agenor Fortuna, Marcius Carvalho, Maria Elizabeth Silva, Geraldo Ezequiel, Leonardo Falci Mourão (*in memoriam*), Helson de Oliveira, Soraia Cássia Dias, Fátima Pantuzzo. Além desses, cita-se Fausto Ferrer, que também contribuiu na gestão do hospital, sendo seu diretor em dois períodos, e foi presidente da Fhemig. Helena Garrido, ferrenha defensora da equipe da urgência e líder dos médicos em vários movimentos por melhores condições de trabalho.

A semi-internação foi organizada pelos doutores Jamil Nahass, José Semionato, Eglea Cunha Melo e Theld Madalena de Souza, com o desafio de reduzir a necessidade de internação. O hospital sempre primou por manter sua prole ao contratar os pediatras egressos de sua residência para reforçar suas trincheiras. Exemplos dessa prática, os doutores Afonso Mendonça, Maria das Graças Souza Costa, Valda Mendonça e Jimmy Flores, que foram residentes das primeiras turmas e trabalharam no CGP até se aposentar.

O hospital sempre contou com um verdadeiro exército de pediatras plantonistas que emprestaram sua experiência a acadêmicos estagiários, internos e a outros médicos, residentes ou pediatras jovens. Impossível relacionar todos os que participaram desta história. Esses grandes pediatras nos perdoem pela leviandade e ignorância de não citá-los nominalmente, mas não são menos importantes e, com certeza, não serão esquecidos pelos colegas, pelas mães, pelos familiares e pelas crianças salvas a várias mãos, por sólidas, empenhadas

e robustas equipes, ou mesmo na solidão da madrugada fria de um plantão noturno.

Esses médicos, dedicados, altruístas e humanos, cada qual com suas características peculiares, protagonizaram histórias mágicas, muitas vezes trágicas, outras cômicas, mas acima de tudo histórias de amor. Amor à pediatria que, ao cuidar das crianças, se torna a especialidade mais delicada e mais nobre, daquela que é a mais nobre das profissões: a medicina.

As inúmeras histórias do CGP renderiam, por si sós, um belo livro, trabalho sobre o passado e o presente que merece ser feito no futuro, após um resgate histórico cuidadoso e profissional. Apenas como um aperitivo, podemos relatar, de forma despretensiosa, alguns desses fatos que tivemos o privilégio de colher, em inesquecíveis e prazerosos momentos de convivência com seus personagens, nossos mestres, nesses anos em que honrosamente trabalhamos no CGP.

A entrada do Dr. Tonelli como pediatra do estado nos primórdios do CGP já é uma história que demonstra como as iniciativas pessoais podiam moldar o sistema, bem diferente do burocrático, hierárquico e inatingível sistema político e de gestão de hoje. Em dezembro de 1964, foi comunicado pelo então diretor, Dr. Evandro, que o contrato dos acadêmicos do Serviço de Gastroenterite se encerraria, o que poderia comprometer o funcionamento do recém-criado serviço. Preocupados, os acadêmicos Edward Tonelli e Edair Gonçalves conseguiram conversar com o próprio Secretário de Saúde, João Vaz que, por sua vez, manteve contato com o governador e retornou com a seguinte informação: os acadêmicos bolsistas de vários serviços do estado poderiam ser contratados, em dezembro de 1964, como funcionários públicos do estado, no cargo de auxiliares de limpeza, mas seriam autorizados a atuar como acadêmicos.

Uma saída encontrada para burlar a burocracia, até que esses acadêmicos terminassem a graduação e pudessem participar do concurso público para pediatras do estado em 1965. Foram aprovados no referido concurso, contratados e lotados no Serviço de Gastroenterite Estadual, e, meses após, esse serviço com toda a equipe médica foi transferido para o recém-construído Hospital Sálvio Nunes.

Outra história que seria cômica, não fosse trágica, ocorreu com o primeiro pico de mortalidade de crianças internadas no hospital em 1977. Embora fossem considerados prédios com boa estrutura física para a época, a gigantesca

demanda por atendimento de saúde rapidamente levou à superlotação da unidade. Espaços onde hoje temos enfermarias com quatro leitos, na época chegavam a abrigar mais de 20 crianças, simultaneamente, com até quatro crianças ocupando o mesmo berço e com doenças variadas, tais como diarreia, vômito e outras doenças infecciosas, como meningite, difteria e coqueluche. As crianças recebiam hidratação oral ou venosa e antibióticos, acomodadas no colo das mães, que ficavam sentadas em cadeiras pequenas e desconfortáveis, segurando os equipamentos de soro com os braços erguidos. O conhecimento sobre as infecções hospitalares era muito incipiente.

Nesse contexto, houve a primeira grande onda de mortalidade de crianças durante a internação, que, após o estudo dos médicos, descobriu-se tratar de uma infecção hospitalar causada por *Klebsiella*, cuja transmissão era favorecida pela superlotação e pela falta de cuidados de higiene. Entretanto, até tal descoberta, o então diretor do hospital, Dr. Evandro Cunha Melo, acusou o Dr. Jorn, membro do corpo clínico, de estar propagando a infecção através de sua longa barba. Assim, Dr. Evandro exigia que o Dr. Jorn fizesse a barba ou, caso contrário, afastaria o médico. A barba do Dr. Jorn foi salva pela primeira comissão de Infecção Hospitalar criada no hospital, que contava com o enfermeiro Maurício Nonato e o Dr. Rafael Donato. Juntos, eles propuseram algumas medidas de controle, tais como reorganização dos espaços físicos e instituição de procedimentos de lavagem de mãos, esterilização de material, dentre outros cuidados, que trouxeram grande aprendizado relacionado à prevenção de infecções hospitalares o que teria poupado muito sofrimento dos jovens médicos e, principalmente, dos pacientes e seus familiares.

Outras epidemias graves vieram em seguida, como a de meningite. O número de casos era tão grande que os médicos do hospital se inspiraram no modelo de linha de montagem da Ford para conseguir atender à demanda. A “linha de montagem” começava na portaria, na famosa rampa do Sálvio Nunes, repleta de mães com crianças no colo, que, desde a década de 1960, marca a paisagem da Alameda Ezequiel Dias e chama a atenção de quem passa na calçada do Parque Municipal: – “Olhe ali, o hospital que salva as crianças pobres e atende todo mundo, independentemente de onde vier.”

Na entrada da rampa, o porteiro só deixava continuar a subida aquelas mães cujas crianças estivessem com febre. Ele foi treinado a reconhecer e priorizar a entrada das crianças com manchas escuras na pele, sinais das

temidas complicações hemorrágicas das meningococemias, que podem ocasionar a morte do paciente em poucas horas. As crianças com febre faziam fila na rampa. No final da rampa, o pediatra mais novo da equipe pedia que as crianças dobrassem o pescoço, encostando o queixo no peito. Dentre os médicos nessa função, desde 1974, estava Paulo Melgaço Valadares, que ainda hoje trabalha no hospital e é atualmente o médico mais antigo da instituição.

Essa era uma simples manobra para detectar a rigidez de nuca, sinal da meningite. As crianças que não conseguiam dobrar o pescoço eram direcionadas para uma sala onde outro pediatra realizava punções lombares em série. A análise inicial do líquido era feita visualmente: se estava turvo, a criança ia para local específico, onde recebia as primeiras doses de antibiótico até aguardar um leito de internação. Nessa época, foi organizado o serviço de neurologia pediátrica, coordenado pelo Dr. Luiz Fernando Fonseca, fundamental para dar suporte à equipe. A grande experiência desse profissional, auxiliado pelo neurologista Christóvão Xavier, resultou na formação da primeira residência de neurologia pediátrica do estado.

Essa e outras epidemias fizeram com que o CGP se tornasse um serviço de referência no atendimento a doenças infectoparasitárias em Minas, formado por uma equipe que fez e faz escola no Brasil, composta dos infectologistas Edward Tonelli, Nelson Lobo, Lincoln Freire, Heliane Brant, Inácio Roberto, Fernando Boucinhas e pela atual coordenadora, Andréa Lucchesi, que mantém a mesma excelência dos antigos mestres.

Dentre as várias histórias pitorescas, o CGP se desenvolvia em meio ao difícil contexto político da ditadura militar, sendo um centro de resistência à ditadura. O pacato, calmo e sempre amigo Antônio José das Chagas, após o término da graduação na UFMG, foi fazer a residência de pediatria com o maior pediatra brasileiro de todos os tempos, o mestre Eduardo Marcondes, da USP. Na residência de pediatria, o Dr. Chagas se apaixonou pelo estudo dos quadros complexos, das doenças raras, das enigmáticas síndromes genéticas, metabólicas e endócrinas, como o diabetes tipo 1 e o cretinismo (hipotireoidismo congênito).

Como eram áreas muito incipientes no Brasil, Chagas foi buscar a formação de endocrinologia pediátrica em Paris e foi um dos primeiros endocrinologistas pediátricos do Brasil, implantando uma escola mineira como professor da UFMG e preceptor do CGP. O Dr. Chagas se notabilizou também como um dos criadores do Teste do Pezinho em MG para a triagem do hipotireoidismo

congenito, tema de sua tese na França, criando um programa coordenado pelo Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico da Faculdade de Medicina da UFMG (Nupad), que é, até hoje, referência mundial e já salvou quase 3 mil crianças de um desfecho trágico, pois, ao iniciar o tratamento precoce, evita o retardo mental.

Todavia, o que poucos sabem é que o Dr. Chaguinhas, esse pacífico ícone da pediatria mineira e da endocrinologia brasileira, participou da luta contra a ditadura e chegou a auxiliar uma operação revolucionária arrojada. O Dr. Chagas recebeu do Dr. Apolo Heringer, conhecido médico revolucionário, hoje ambientalista, professor de Medicina da UFMG e coordenador do Projeto Manuelzão, uma missão arriscada, visto que os outros membros do grupo já eram conhecidos dos militares.

A missão era buscar uma mala repleta de dinamite em Uberaba, que seria utilizada na luta armada. Chagas aceitou a missão e teria um agente revolucionário para auxiliá-lo. Ao encontrar o tal agente, descobriu que poderia ser um dos seus pacientes, um jovenzinho magro e inexperiente, que estava em pânico. A inusitada dupla de revolucionários saiu de Belo Horizonte, à noite, no famoso fusquinha do Dr. Chagas, dirigiu toda a madrugada até Uberaba e retornou no dia seguinte com a mala de explosivos. O alívio só veio ao passarem pela última barreira policial, na chegada a BH. Após a aventura, que por um instante poderia ter mudado parte desta história, o fusquinha fez uma passagem próxima ao CGP, local acima de qualquer suspeita, que fazia parte do trajeto diário do médico, e a mala foi finalmente escondida embaixo da própria cama do Dr. Chagas, até ser entregue à célula revolucionária, que demorou mais do que esperado para buscá-la, gerando preocupação em sua esposa, Célia, também pediatra.

Um ato que hoje, entre gargalhadas, ele reconhece como imprudente, mas que, no contexto da época, era justificado pela luta contra a falta de liberdade. O Dr. Chagas viu vários amigos serem presos, torturados, exilados, desaparecidos e mortos e quis fazer sua parte, entendendo que esse mesmo sistema político era o que mantinha a situação de desigualdade social, pobreza e adoecimento das crianças que ele tentava salvar. Portanto, sua imprudente ação revolucionária era um ato de cidadania.

A última história cômica que exemplifica como os médicos criam mecanismos de defesa para amenizar a densa prática diária refere-se à



Grupo de preceptores do CGP em 2017, da esquerda para a direita: Deise Quintão, Fernanda França, Carolina Affonseca, Regiane Ferreira, Luís Fernando Carvalho, Bárbara Marques, Flávia Izabel, Talitah Candiani, Maria Vitória Mourão, Suzana Melo, Éricka Carellos, Luciano Perè, Verônica Cury, Cristiane Dias, Wilson Rocha Filho, Silvana Teotônio, Andréia Lucchesi, Cristiano Maciel, Christiane Nahas, Gabriel Gouveia, Juliana Goulart, Leonardo Coelho (Foto: Acervo CGP)

famosa lista com mais de 2.000 nomes exóticos, de pacientes internados no CGP, colecionados por Rosângela Figueiredo, hematologista, irreverente e divertida, que alegrava as enfermarias, provocando gargalhadas e deixando ensinamentos sobre a abordagem das crianças falciformes. A lista possui pérolas como: Letisgo (Let's go), Madeinuzza (Made in USA), Quelique (homenagem a cantora Kelly Key), Errene (inspirado nas corridas de leito dos médicos: Rnde...), os irmãos Kung Fu José e Kung Fu João, os gêmeos Diei e Dioi e BrayanSchimichael e Robson Schinender (gêmeos afrodescendentes com nomes por meio dos quais a mãe quis homenagear a raça sueca), além da família Flamaryon, Flamaryellen, Flamaryustter, Flamaryudison e Flamaryelberth (homenagem ao cientista francês Camille Flammarion).

Com tantos grandes profissionais envolvidos, o CGP tornou-se um colosso na história da saúde no estado de Minas Gerais e a maior referência mineira em atendimento pediátrico no fim da década de 1970 e, principalmente, a partir de 1982, ano de sua fundação oficial. A Região Metropolitana de Belo Horizonte ainda não dispunha de uma rede de Atenção Básica, com centros de saúde e Unidades de Pronto Atendimento (UPA). As equipes de plantão

do CGP chegaram a contar com 14 médicos, entre pronto atendimento, enfermagem e Centro de Terapia Intensiva (CTI), e o hospital fazia quase 150 mil atendimentos por ano.

Hoje, após altos e baixos, crises políticas e financeiras que chegaram a ameaçar o fechamento de suas portas, o hospital está firme graças à relevância social, à cobrança da população e à dedicação dos pediatras e dos demais profissionais. Ainda é a principal porta de urgência e a maior enfermagem pediátrica do estado. Com números menores, mas melhores, divide a responsabilidade do atendimento de pediatria geral e urgências com uma rede de centros de saúde e UPAs, criada pelas prefeituras. O hospital segue sua vocação desde as origens como hospital-escola, formador de profissionais de saúde em pediatria, criando e aprimorando novos programas de subespecialidades pediátricas e atendimento a doenças raras e complexas, totalmente integrado à rede do SUS.

Atualmente, o Hospital Infantil João Paulo II atende cerca de 80 mil consultas/ano e encaminha para internação quase 8 mil pacientes anualmente, em seus 150 leitos. Assiste no domicílio mais de 50 crianças, algumas delas em um pioneiro programa de ventilação mecânica invasiva domiciliar. Dedicase às urgências e emergências clínicas de causas naturais, dentre elas as doenças infectocontagiosas e parasitárias, as pediátricas gerais e as doenças complexas, dentro das várias especialidades pediátricas.

Sua clientela, exclusivamente do SUS, varia de recém-nascidos à idade de 18 anos e é oriunda de todo o estado. Conta com as subespecialidades infantis: pediatria geral, neurologia, pneumologia, alergia, gastroenterologia, cardiologia, cirurgia, endoscopia, radiologia, ultrassonografia, dermatologia, hematologia, endocrinologia, psiquiatria, nefrologia, genética, reumatologia, hepatologia e medicina intensiva. Oferta estágios acadêmicos de pediatria para as Faculdades da UFMG, Unifenas, Faculdade de Minas (Faminas) do Centro Universitário de Belo Horizonte Uni-BH e da Fundação Lucas Machado (Feluma – Ciências Médicas). Possui residência multiprofissional e conta com 20 vagas de residência médica em pediatria por ano, além das residências nas áreas de atuação de especialidades pediátricas: gastroenterologia, infectologia, neonatologia, medicina intensiva, pneumologia e neurologia. Oferece estágio para as principais residências de pediatria, totalizando quase 100 residentes em atividade no hospital. Novos programas estão em processo de formação, como endocrinologia e nefrologia.

Enfim, após 106 anos (Hospital de Isolamento do Santa Tereza, 1911) ou 56 anos (Serviço de Gastroenterite do Barro Preto, 1961) ou 46 anos (CHDT, fusão dos Hospitais Sálvio Nunes e Cícero Ferreira, 1971) ou 35 anos (Centro Geral de Pediatria, 1982) ou ainda dez anos (Hospital Infantil João Paulo II, 2007) de história, hoje, o nosso querido CGP, mais do que um hospital, é uma instituição, um patrimônio do povo de Minas Gerais, vivo e pujante, que vive o dia a dia das dificuldades do povo mineiro, que acolhe, cuida, aprende, sofre, sorri, chora e sangra junto das crianças carentes, das mães e de suas famílias, nossa razão de continuar resistindo e evoluindo.

TABELA 1 – Serviços implantados no CGP desde a década de 1980

ANO	PROGRAMA	MÉDICOS RESPONSÁVEIS (2017)
1981/1982	Raiva Humana Ambulatório de Consultas Programadas / UCAS Terapia de Reidratação Oral – experiência piloto MG Comissão de Controle de Infecção Hospitalar – CCIH	Paula Valadares
1984	Centro de Atenção aos Desnutridos / CADS	
1987	Análise do Perfil de Sensibilidade Antimicrobiana	
1994	Programa de Inaloterapia Ambulatorial	
1996	CTI Infantil	Verônica Cury
1999	Hospital-Dia aos portadores de AIDS	Andrea Lucchesi
2000	Brinquedoteca e CGP Domiciliar	
2001	Serviço de Endoscopia	Paulo Bittencourt
2002/2003	Programa de Assistência aos portadores de Distrofia Muscular / Vent-lar CGP Programa de Assistência aos portadores de Fibrose Cística	Alberto Vergara, Mariana Scalco e Márcia Leonardo Alberto Vergara e Suzana Melo
2005/2006	Credenciamento como Hospital de Ensino pelos Ministérios da Saúde e da Educação Ouvidoria Hospital-Dia para atendimento a pacientes com Mucopolissacaridose e doença de Gaucher	José Semionato e Mariângela Gomes
2007/2008	Programa de Acolhimento e Classificação de Risco Conselho de Saúde Serviço de Pedagogia Hospitalar	
2009	Programa de Atenção Domiciliar ao paciente em ventilação mecânica invasiva	Daniela Vale e Isabela Picinin

2010/2011	Serviço Especializado de Apoio ao Gastrostomizado – SEAG	Denise Andrade e Raquel Malheiros
	Serviço de Atenção Integral ao Traqueostomizado – SAIT	Isabela Picinin
	Programa de Assistência ao Paciente com Doenças do Espectro do Autismo	Felipe Amorim
	Serviço de Alergia Alimentar	Wilson Rocha
		Suzana Melo
		e Raquel Malheiros
	Serviço de Terapia de Infusão de Palivizumabe	Wilson Rocha
2012	Implementação das Linhas de Cuidado: Asma, Doença Falciforme, Diabetes Mellitus tipo 1	Wilson Rocha Fernanda França e Cristiano Maciel
2016	Criação das Residências Multiprofissionais: Enfermagem, Fisioterapia, Farmácia e Nutrição Programa Cuidar – Cuidados Paliativos e Atenção Domiciliar	Carolina Affonseca e Regiane Carla

TABELA 2 – Preceptores da Residência Médica em 2017

RESIDÊNCIA MÉDICA	PRECEPTORES RESPONSÁVEIS
Coordenação	Silvana Teotônio Simão Maria Vitória Assumpção Mourão
Unidade de Internação Pediátrica	Luciano Amedée Peret Christiane Nahas Lara Camargos Éricka Viana Machado Carellos Cristiane dos Santos Dias Fernanda Paula da Costa Maria Vitória Assumpção Mourão Mariana Guerra Duarte Joziele de Souza Lima Bárbara Araújo Marques Juliana Goulart Dias da Costa Juliana Magalhães Reis dos Santos
Unidade Cuidar – Cuidado Paliativo	Carolina de Araújo Affonseca Regiane Carla Ferreira
Doenças Infectocontagiosas	Andrea Lucchesi de Carvalho Lílian Martins Oliveira Diniz
Pneumologia	Wilson Rocha Filho
Urgência e Emergência	Talitha Michel Sanches Patrícia Simões Pessoa Guerra
Medicina Intensiva	Verônica Ferreira Cury Renata de Pinho Barroso Quinet
Gastroenterologia	Fernando Filizzola de Mattos Suzana Fonseca de Oliveira Melo
Neurologia	Maurício Barbosa Horta André Vinícius Soares Barbosa
Neonatologia	Flávia Cirino

TABELA 3 – Gerentes e coordenadores médicos do Hospital Infantil João Paulo II/2017

NOME	CARGO EM EXERCÍCIO
Luis Fernando Andrade de Carvalho	Diretor Geral
Cristiano Túlio Maciel Albuquerque	Diretor Técnico / Gerente Assistencial
Patrícia Simões Pessoa Guerra	Coordenação da Unidade de Urgência
Deise Félix Quintão Correa	Coordenação da Unidade de Internação
Verônica Ferreira Cury	Coordenação da Unidade de Terapia Intensiva
Alberto Andrade Vergara	Coordenador da Unidade de Doenças Complexas
Flávia Izabel Fonseca	Núcleo Interno de Regulação
Flávia Alves Campos	Núcleo de Ensino e Pesquisa

TABELA 4 – Diretores do Centro Geral de Pediatria / Hospital Infantil João Paulo II

PERÍODO	NOME
1982 – 1986	Evandro Cunha Melo
1986 – 1988	Lincoln Marcelo Silveira Freire
1988 – 1991	Antônio Nestor de Oliveira Filho
1991 – 1994	Fausto Ferrer Froes
1994 – 1997	José Eustáquio Mateus
1997 – 1998	Marisa Bicalho Pinto Rodrigues
1998 – 2000	Fausto Ferrer Froes
2000 – 2014	Helena Francisca Valadares Maciel
2015 – Atual	Luis Fernando Andrade de Carvalho

19. Hospital Infantil Santa Terezinha

Paulo Melgaço Valadares
2008

A história do Hospital Infantil Santa Terezinha representa a trajetória de diversos hospitais brasileiros em seu esforço para oferecer serviços de qualidade à população e manter as condições administrativas e financeiras necessárias ao seu funcionamento. Do fim da década de 1960 ao início de janeiro de 2004, em pleno séc. XXI, quando suas atividades foram encerradas, o Hospital Infantil Santa Terezinha foi parceiro incontestado de Minas Gerais, ofertando serviços de pediatria ambulatorial e de internação. Seus sócios têm a grata

satisfação de afirmar que atuaram com eficiência, eficácia e efetividade em uma instituição séria de saúde.

Segundo Maria do Carmo, mãe de Luiza, cliente do hospital e moradora do bairro Barroca, era com alegria que olhava a placa do HIST. Morar próximo de um serviço de pediatria trazia confiança para as mães daquele bairro e de Belo Horizonte. Ela afirma: “Todos os médicos que ali trabalhavam eram pessoas dedicadas e competentes”.

Breve retrospectiva

O hospital nasceu da Clínica Infantil Santa Terezinha – sociedade por cotas de responsabilidades, com sede em Belo Horizonte, na Avenida Afonso Pena, 2.780, esquina com Rua Santa Rita Durão –, que fora criada por um grupo de jovens idealistas com o objetivo de prestar socorros médicos e de urgência, conforme contrato social registrado, no dia 1º de dezembro de 1967, no Cartório Jero Oliva. Os sócios eram os doutores Acácio Rocha Filho, Hélcio de Oliveira, Márcio de Oliveira, Juarez Fabiano Alckmin, Ronaldo Arédio Ferreira e Wilson José dos Santos.

Em solenidade que reuniu os círculos médicos e sociais de Belo Horizonte, em dezembro de 1967, a clínica foi inaugurada, trazendo esperanças à população de Belo Horizonte de que os serviços de pediatria estariam mais próximos e acessíveis. Em agosto de 1968, sete meses após a inauguração, foi celebrado o convênio com o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), que permitiu a internação dos pacientes previdenciários, com oferta de alojamento de qualidade; serviços de lavanderia e alimentação hospitalar – inclusive dietas especiais; serviços de enfermagem; medicação e material de consumo; salas de cirurgias e curativos equipadas; sangue e hemoderivados; exames complementares de diagnóstico e terapêuticos e assistência médica.

A qualidade dos serviços ofertados levou ao aumento expressivo da demanda e tornou o espaço insuficiente para responder aos planos da equipe da clínica em atender, com qualidade e responsabilidade social, a sua clientela previdenciária, particular e outros convênios. Assim, o grupo adquiriu um terreno na Barroca, na Rua Viamão, 510, onde construiu a sede própria. Em Janeiro de 1971, a equipe de médicos da Clínica Infantil Santa Terezinha inaugurou a nova sede, que, daquela data em diante, passava a se denominar Hospital Infantil Santa Terezinha.

Um marco político importante

A inauguração do hospital tornou-se um evento político para o Estado de Minas Gerais e sua capital. Naquela época, não havia leitos suficientes para as demandas de internação, principalmente na pediatria. Daí a inauguração de uma instituição hospitalar daquele porte ser motivo para comemoração. Nos arquivos documentais do hospital, foi anotada na solenidade de abertura a presença de diversas autoridades locais. Há o registro dos votos de congratulação do então governador do estado, Rondon Pacheco, do secretário de Estado da Educação, José Maria Alckmin, do secretário de Estado da Saúde, Fernando Megri Velloso, e de vários médicos, diretores de hospitais, laboratórios farmacêuticos, dentre outras autoridades e amigos dos sócios.

Já em 1975, quatro anos após a instalação na nova sede, foi inaugurada a unidade B do Hospital, na Avenida Amazonas, 4.041, com 18 apartamentos e cinco consultórios, ampliando em mais de 100% a capacidade de internação em apartamentos e de atendimentos ambulatoriais. A instituição passa a contar, então, com 28 apartamentos e 150 leitos em enfermaria e dez consultórios. O hospital gradativamente se tornou referência em pediatria na cidade de Belo Horizonte.

Ampliação e integração de novos sócios

O aumento da capacidade instalada do hospital levou os proprietários a integrar mais cinco sócios pediatras que adquiriram cotas da empresa com participação igualitária e passaram a atuar, ampliando sobremaneira a capacidade de atendimento ambulatorial e de internação em 1978. O total de sócios saltou de cinco para dez. Passaram a fazer parte da sociedade os pediatras Carlos Alfredo Fonseca, Luiz Carlos Fontes Lopes, Maria do Carmo Gonçalves Moura, Oscar Matos de Leão e Paulo Melgaço Valadares.

Em 1983, foi criado o Posto de Urgência (PU) para atendimento a pacientes da Previdência Social em regime ambulatorial de urgência, com o contrato de 5.000 consultas por mês; no entanto, esse número ultrapassava a quantidade de atendimentos contratada.

O convênio, embora representasse o compromisso do poder público com o atendimento da saúde da população e já apontasse a necessidade de a saúde ser um direito público universal, que só veio a ser garantido na Constituição Federal de 1988, trouxe uma série de prejuízos à administração do Hospital

Infantil Santa Terezinha, naquele período. Os valores repassados pelo poder público, além de serem menores que os custos do atendimento, eram pagos com mais de três meses de atraso.

Nesse período, a equipe hospitalar, juntamente com outras instituições de saúde, fez ampla mobilização nacional para a correção das tabelas dos serviços e para que o seu pagamento ocorresse na data combinada. Nessa década, iniciou-se, em todo o Brasil, significativa crise financeira dos hospitais conveniados com a Previdência Social. As entidades hospitalares que mantinham convênio com a previdência para o atendimento ambulatorial de urgência viviam dupla pressão: de um lado, a escassez de recursos; de outro, o compromisso ético e político do hospital de responder à demanda da população que o pressionava por respostas ágeis às suas necessidades.

Para enfrentar essa situação, o hospital se desdobrou significativamente, e em 1985 implantou o Posto de Atendimento na especialidade de pediatria, funcionando 24 horas por dia, com cirurgia infantil, neurologia infantil e ortopedia algumas vezes por semana, além dos consultórios médicos, que atendiam de segunda a sexta-feira, das 7h às 21h.

Em 1986, considerando o agravo dos atrasos convencionais e a baixa remuneração pelos atendimentos prestados, o Santa Terezinha se viu na obrigação de romper o convênio de prestação de serviços ambulatorial. Para se chegar a essa decisão, a equipe de sócios buscou ouvir diversos consultores, agentes públicos e as organizações hospitalares que viviam a mesma situação.

No fim da década de 1980 e na década de 1990, foram realizadas novas alterações estatutárias para a entrada de novos sócios e o desligamento de outros. Juarez Fabiano Alckmin foi substituído por Antônio Leonardo Lopes, havendo ainda a inclusão de outros sócios-pediatras, com percentual de aproximadamente 1% do capital social. Assim, passaram a ser sócios minoritários os pediatras: Andrea Dayrell de Andrade, Antônio Carlos Lacerda de Oliveira, Eliane Beatriz Costa, Mirna Peçanha Brito, Simone Pires de Mesquita, Irineu Milagres Teixeira e Yehoshua Ziegler, este último permanecendo pouco tempo na sociedade.

Outros serviços hospitalares

Havia serviços próprios de radiologia, de vacinação e laboratório (inicialmente terceirizado com o Hemape e, posteriormente, com a Hemobel). Em

ampla integração com outros serviços de saúde, em 1988, o hospital, procurando maior redução de custos com manutenção de efetividade, terceirizou o seu serviço de radiologia para a Clínica Radiológica Dr. Vieira e, mais tarde, para a Clínica Radiológica Eldorado, quando passou a realizar cerca de 1.300 exames por mês, com funcionamento diário até as 23 horas. Durante esse período, é importante salientar a atuação efetiva de Maria das Graças Barbosa, funcionária do hospital, que iniciou suas atividades como atendente de enfermagem e se dedicou em seu aperfeiçoamento profissional, chegando a assumir o serviço de radiologia, terceirizado na época pela Clínica Radiológica Eldorado. Esse trabalho ela assumiu juntamente com Carlos Roberto da Silva.

Continuando a prestar atendimentos de primeira categoria, ampliando e modernizando suas instalações, o hospital implantou um CTI Pediátrico e Neonatal, inaugurado em 16 de julho de 1994, com capacidade para dez pacientes atendidos simultaneamente.

Em 30 de outubro de 1998, foi implantado outro Centro Cirúrgico, com três salas de cirurgia. Nessa época, a instituição funcionava com o pronto atendimento de urgência e consultórios de várias especialidades como: alergologia, broncoscopia, cardiologia pediátrica, cirurgia pediátrica, cirurgia plástica, cirurgia torácica, endocrinologia pediátrica, gastroenterologia pediátrica, neurologia pediátrica, oftalmologia, ortopedia, otorrinolaringologia, pediatria, pneumologia, psicologia e acupuntura. Atendia-se até 6.000 consultas por mês entre consultórios e ambulatórios de urgência.

Encerramento das atividades

O alto custo dos atendimentos de saúde oferecidos pelo hospital e a defasagem entre receita e despesa foram gradativamente tornando o funcionamento do hospital inviável. Muitos dos serviços implantados como CTI e relacionados a cirurgias foram desativados progressivamente, bem como a internação. Foi mantido apenas o ambulatório, que teve redução de atendimento e de médicos disponíveis.

Os sócios passaram a exercer todas as atividades médicas, sem receber qualquer remuneração por elas, além de ter de enfrentar chamadas de capital constantes para despesas rotineiras, como folha de pagamento, impostos, despesas com manutenção, etc. Nem todos os sócios respondiam às necessidades de capital.

Diversas alternativas para a melhoria da gestão administrativa foram acionadas, como reestruturação administrativa, consultoria de gestão de saúde e reordenamento interno. Os sócios começaram a se desentender nas propostas de solução dos problemas. Em 14 de junho de 2004, o sócio Paulo Melgaço Valadares desligou-se do HIST por meio judicial. Para ele, a alternativa de pedir a sua saída foi um instrumento indispensável a fim de que a empresa tomasse uma posição mais adequada em relação aos problemas surgidos. “É uma grande decepção ver um hospital passar por crise financeira depois do trabalho árduo e dedicado enquanto sócio e trabalhador. Espero que a oferta de serviços de saúde à população não sofra prejuízo”

Em 2005, os sócios fazem uma doação de todos os ativos e passivos da pessoa jurídica Hospital Infantil Santa Terezinha a Alberto de Oliveira Losque, sócio da Lapet / Losque Assessoria Pública Empresarial e Tributos. Em meados de 2006 a empresa torna-se proprietária do HIST.

Atualmente a Associação Beneficente da Criança (ABC) está assumindo o hospital, contando com o apoio da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte, por meio de contrato assinado em 21 de dezembro de 2008, com o objetivo de ativar o bloco cirúrgico e receber apoio financeiro da Caixa Econômica Federal.

FONTE

Maria das Graças Barbosa.

20. Hospital Infantil São Paulo

Edward Tonelli
2017

O Hospital Infantil São Paulo foi fundado em maio de 1968, em caráter pioneiro, na região do Barreiro, para atender às cidades de Contagem, Betim, Ibirité e adjacências. Naquela ocasião, toda essa região era muito desassistida no campo da pediatria, o que motivou os médicos Agenor A. Fortuna, Antônio N. O. Filho, Dalmo J. Oliveira, Edward Tonelli, Hassib Dabien, Jamil Nahass,



Inauguração do Hospital Infantil São Paulo, dia das mães (9 de maio 1968). Em primeiro plano Sônia Tonelli, ao centro Edward Tonelli e o então vigário da Paróquia São Paulo da Cruz, Barreiro, Belo Horizonte (Foto: Acervo pessoal do Dr. Edward Tonelli)

José Maria L. Filgueiras e José T. Portela a se unirem em torno da necessidade de se fundar ali um hospital. O hospital iniciou suas atividades na região cerca de 13 anos antes da instalação da rede pública de postos de saúde, estadual e municipal. Durante o referido período, foi o único ancoradouro seguro para a assistência pediátrica na região. Daí a sua tradição.

Durante os seus 37 anos de atividades, o Hospital Infantil São Paulo nunca interrompeu o atendimento um minuto sequer, nem mesmo durante os inúmeros períodos de greve do Sistema de Saúde. Sempre se constituiu em um exemplar baluarte da assistência pediátrica na região. Foi a única instituição privada de saúde em todo o estado, dentre os 500 hospitais existentes na década de 1970, que atendeu em larga escala os pacientes com meningite meningocócica, por ocasião da terrível epidemia que grassou em todo o país, no período de 1971 a 1975, quando foram tratados cerca de 300 pacientes.

Da mesma forma, foi o único hospital privado de Minas a atender os pacientes das epidemias de poliomielite e das várias epidemias de sarampo,

difteria e coqueluche. O seu Centro de Doenças Transmissíveis (CDT-Carlos Chagas) prestou atendimento a aproximadamente 3.500 pacientes, no período de 1971 a 1983, quando foi desativado, em decorrência de uma nova realidade epidemiológica em nosso país. Esses fatos jamais podem ser esquecidos, já que fazem parte da história da medicina em Belo Horizonte e em nosso estado.

Corpo clínico

O Corpo Clínico do Hospital Infantil São Paulo, no período de 1968 a 2005, era constituído de 35 profissionais das diferentes áreas, todos com larga experiência em pediatria e/ou nas várias especialidades (alergia, angiologia, cardiologia, cirurgia pediátrica, gastroenterologia e endoscopia digestiva, infectologia, oftalmologia, otorrinolaringologia e pneumologia. Vários de seus profissionais eram ligados a centros de reconhecida competência, como a Faculdade de Medicina da UFMG, o Hospital das Clínicas da UFMG, o Centro Geral de Pediatria da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig), o Hospital da Baleia, o Instituto de Previdência do Estado de Minas Gerais (Ipsemg), o Hospital Vera Cruz e a Fundação Hemominas, dentre outros.

Convênios

Cerca de 90 convênios na área da pediatria e das diferentes especialidades já mencionadas no item anterior eram mantidos pelo hospital, na década de 1990. Além dos citados, mantinha convênio com o Sistema Único de Saúde (SUS), com aproximadamente 80% de atendimento ininterrupto desde 1968.

Formação de Recursos Humanos

A instituição foi um celeiro de grandes profissionais e por lá passaram também médicos que aprenderam, por meio do raro idealismo do hospital, a exercer a especialidade com profissionalismo e competência. Para tanto, o hospital oferecia excelente capacitação de pessoal no campo da saúde, colaborando com a formação de recursos humanos para os demais hospitais, bem como o sistema de saúde em geral. Colocou à disposição campo de estágio nas seguintes áreas: pediatria, enfermagem, serviço social e patologia clínica. A partir de 1969, o hospital recebeu estagiários / bolsitas da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por intermédio da Fundação

Mendes Pimentel (Fump), e da Faculdade de Ciência Médicas, via Fundação Lucas Machado (Feluma), sendo o estágio regular mais antigo de Minas em hospital infantil privado. Concluíram estágio em pediatria cerca de 450 acadêmicos bolsistas. Dentre esses, vários pediatras atuam na capital mineira: José Sabino de Oliveira, Paulo Augusto M. Camargos, César C. Xavier, João Luiz Monteiro, Divino M. Costa, Ivany Nonato, Guilherme Masci, Maria Aparecida Martins, Zilda M. Alves, Rosângela Nicoli, Rosângela Carrusca, Henrique de A. F. Tonelli, Ana Cristina Simões, Roberta Romanelli, Maria da Glória C. Horta, Fernando Filizola; como pediatra / plantonista, Eduardo C. Tavares.

Muitos desses acadêmicos, após residência médica, tornaram-se docentes da FMUFMG, membros do corpo clínico do Hospital das Clínicas e docentes da Faculdade de Ciências Médicas / Santa Casa. Na área da enfermagem, houve estágios do Curso Superior da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e do Curso de Auxiliar de Enfermagem de duas escolas. O serviço social contava com cinco estagiários, todos da PUC e realizava, diariamente, interessante atividade com busca ativa dos problemas juntos aos pacientes e familiares, mantendo forte sintonia com o Conselho Tutelar. Todos os estagiários tinham constante orientação de preceptores ou profissionais competentes e atuavam sobretudo na área do SUS. Todas as bolsas dos estagiários de medicina e parte das dos estagiários do Serviço Social sempre foram de responsabilidade do hospital.

Área física

O hospital que se localizava no bairro Barreiro, em Belo Horizonte, mantinha dois blocos de edificações com três andares cada um, vários anexos, quatro lotes alinhados (de propriedade própria) e garagem coberta. Tinha uma área física de 2.500 m², dividida em recepção de convênios e particulares (portaria principal), que ficava na Rua Flávio Marques Lisboa, número 80, e a recepção do SUS, o posto de urgência, na Avenida Visconde de Ibituruna, número 75.

Decoração especial

Todos os setores da instituição, desde recepções, salas de estar, consultórios, passando pelas enfermarias, corredores, áreas administrativa e de apoio,

centros de estudo, farmácia e laboratório, dentre outros, tinham uma decoração própria para um hospital infantil, com cerca de 70 quadros de Anne Geddes, australiana conhecida como a fotógrafa de bebês encantadores. Todas essas obras, além de quadros de outros artistas, propiciavam, sem dúvida, melhor acolhimento e atendimento diferenciado aos pequenos pacientes.

Pessoal

O Hospital Infantil São Paulo contava com 120 funcionários, sendo que todos (médicos, enfermeiras, pessoal da área administrativa, nutrição e dietética, serviços de diagnóstico e de apoio – laboratório, Raios-X e outros) estavam devidamente preparados para melhor atender os pacientes e seus familiares. No período de 1970 a 2000, era mantida uma caixa social dos funcionários, destinada exclusivamente ao atendimento de suas necessidades sociais, que teve forte repercussão na estabilidade de suas famílias.

Colaboração com novos programas

Alguns programas do sistema hospitalar tiveram seus projetos piloto desenvolvidos no Hospital Infantil São Paulo, como o projeto de Acreditação Hospitalar (área pediátrica), em parceria com a Associação dos Hospitais de Minas Gerais, e o projeto referente à portaria do lixo hospitalar, da Secretaria Municipal de Saúde.

Considerações finais

Como se pode observar, o Hospital Infantil São Paulo, embora hospital privado, teve fortes características de hospital público ou filantrópico, pela relevância de seu compromisso social (cerca de 80% de SUS, atendimento ininterrupto durante 37 anos), pelos seus programas de formação de recursos humanos, com várias áreas de estágios, e pelo fato de ter mantido, durante o período de 1980 a 2004, um posto de urgência do SUS, em respeito às necessidades da população da região.

Antes do seu fechamento, conforme nova orientação da Secretaria Municipal de Saúde, houve abaixo-assinado de 2.500 mães, protestando contra tal medida e audiência pública na Assembleia Legislativa do Estado. Tudo isso se desenvolveu em decorrência do alto espírito profissional e do compromisso social de todos os seus funcionários.

Tenho uma história especial com esse hospital. Fiz parte do seu grupo fundador, fui diretor clínico, com grande interesse na área dos estágios. Retirei-me da instituição em junho de 2005, em função da crise econômica que se avizinhava, prejudicando sobremaneira a sobrevivência do setor hospitalar, sobretudo na área do SUS. Alertei meus colegas da diretoria a respeito da gravidade da situação, mas eles preferiram prosseguir. A partir de 2006, procedeu-se à extinção da área de estágios, inclusive a da pediatria, que funcionava havia 34 anos, tendo sido o mais antigo e regular de Minas Gerais.

Algum tempo após minha saída, os sócios remanescentes venderam a área física, alteraram sua diretoria e a estrutura hospitalar, reduzindo serviços. Em agosto de 2006, transferiram definitivamente a razão social para outro grupo, sem compromisso com a saúde pública, que transformou o serviço restante em uma simples clínica de consultórios. Não bastasse tudo isso, o referido grupo (embusteiro) desapareceu. Quando tomei conhecimento do ocorrido, dois anos após minha saída, lamentei muito e verifiquei que os colegas que ficaram na diretoria se mostraram ingênuos ao negociar com um grupo totalmente desconhecido, e que já vinha praticando golpes em outros centros.

Meu agradecimento especial aos profissionais que, durante décadas, tanto colaboraram com o bom desempenho desse hospital.

Radiologia, Davi Resende; hematologia, Célio Brum Givisiez; patologia clínica, Halley Brandão Moura; cirurgia infantil: José Carlos Brandão Lanna, Maria Marta Z. Peroco Caixeta, Luciano Dantés de Paula e Mariângela da Silva Gomes Fernandes; clínica pediátrica, Márcio Teixeira, Marcelo Aguiar A. Costa e Marcelo Eustáquio Gomes; gastroenterologia/endoscopia, Suzana Fonseca de Oliveira Melo; otorrinolaringologia, Rodrigo de Andrade Pereira; angiologia, Marcelo Melo; enfermagem, Rosali Vidal; nutrição, Elzi Cardoso.

Meu agradecimento especial à Fundação Centro de Hematologia e Hemoterapia de Minas Gerais (Hemominas), pelo excelente e constante suporte na hemoterapia. Agradecemos também, e de maneira muito particular, a todos os colegas, enfermeiros, funcionários da administração e de diferentes setores que tanto lutaram para o excelente grau de atendimento do hospital.

Finalizando, ressalto que as grandes marcas dessa instituição, no período de maio de 1968 a junho de 2005, foram: pioneirismo, tradição, competência, responsabilidade social e compromisso com a vida.

21. Clínica Pediátrica do Hospital Felício Rocho

Jurandir Fabel

2017

O Hospital Felício Rocho, instituição de caráter filantrópico e sem fins lucrativos, pertencente à Fundação Felice Rosso, foi inaugurado em 1952. Instituição criada a partir da doação de todo o patrimônio de um imigrante italiano, Nicola Felice Rosso, falecido em 1937 e que não deixou herdeiros.

É um hospital que se tem destacado no tratamento de patologias de alta complexidade desde o início de suas atividades. Atualmente conta com quase quatrocentos leitos, com previsão de mais 150 nos próximos anos.

A clínica de pediatria do Felício Rocho foi planejada em janeiro de 1950, dezoito meses antes da inauguração do hospital, quando o médico Costa Chiabi foi convidado por Américo Gasparini a organizar o setor, que existe no HFR desde o primeiro dia de funcionamento, no segundo andar do Bloco A.

A partir de 1952, com o hospital em plena atividade, tornou-se um marco no atendimento de crianças de todo o estado de Minas Gerais. Em setembro de 1957, compunham a equipe da pediatria: Paulo Roxo da Motta (chefe), Marílio Ladeira Sena, Waldir de Almeida Ribas, Mozart Tolentino de Carvalho, Sérgio Furtado Borges, Wilton Soares e Cleusa Pontes. Além desses pediatras, o médico Paulo Roxo contava com outros pediatras renomados e com vasta especialização nesse segmento, como Athos de Carvalho, Atau de Barros Fernandes, Cícero Plínio Bittencourt e Sérgio Furtado. Ao longo dos anos, a equipe da pediatria do Felício Rocho foi deixando seu valor na medicina, mas os pediatras saíam, e a equipe se desfazia.

O médico Jurandir Fabel era o único residente do serviço, que, após o período de estudos, passou a compor a equipe da pediatria. Em 1968, a clínica pediátrica contava com Paulo Roxo da Mota, Jair Araújo, Jurandir Fabel, Archimedes Teodoro, Valdir Tomás Edson e Eduardo Lago (licenciado).

Em 1970, após o afastamento de Paulo Roxo, Dr. Wilson Rocha assumiu a chefia do serviço que contava, então, com apenas três assistentes: Jurandir Fabel, Marílio L. Sena e Waldir Almeida Ribas. Com sua grande capacidade de organização, Wilson Rocha recompôs a equipe com renomados profissionais

que atuavam em outros hospitais de Belo Horizonte. Nessa época, a pediatria foi reconhecida pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) como residência médica credenciada, contribuindo para a formação anual de oito residentes do serviço, quatro R1 e quatro R2.

O quadro de assistentes foi aumentando concomitantemente ao crescimento do serviço que, no período, contava com 110 leitos da clínica e da cirurgia pediátrica. Assim, eram residentes os doutores Waldemar Fernal, Rosângela Maria Figueiredo, Mônica Roscoe, Margarida Constança Sofal Delgado, Márcia Campera Parreiras, Zélia Vasconcelos Cardoso, Manoel da Cunha Peixoto, Edson Maraia Alves, Maria Cláudia Brito Moura, Wilson Rocha Filho e Simone Nabuco.

Wilson Rocha chefiou a pediatria até o ano de 2004, quando se afastou e deixou a coordenação a cargo de Jurandir Fabel. O serviço atende crianças em todas as especialidades existentes no hospital. A pneumologia infantil é coordenada pelo pediatra Wilson Rocha Filho, que tem como assistente a Dra. Simone Nabuco.

Em 2012, a equipe da pediatria contava com os doutores Jurandir Fabel, (coordenador), Lilian Rocha Zardini, Maria Cláudia Vitor B. Moura, Margarida Constança Sofal Delgado, Simone Nabuco de Senna, Waldemar Henrique Fernal e Wilson Rocha Filho.

Neste ano de 2017, a equipe da pediatria é composta dos seguintes médicos: Jurandir Fabel (coordenador desde 2004), Bernardo Vinícius Gontijo de Moraes (terapia intensiva), Eisler Cristiane Carvalho Viega (neuropediatria), Fabrícia Regina Queiroz Coelho (gastroenterologia), Janaína Fortes Lino (infectologia), José Augusto de Almeida Barbosa (cardiologia), Lúcia de Souza Moraes Morgado (emergencista), Simone Nabuco de Senna (pneumologia infantil), Vivian David Araújo (nefrologista), Waldemar Henrique Fernal (terapia intensiva, Neocenter) e Wilson Rocha Filho (pneumologia infantil / alergia).

22. Clínica Pediátrica do Hospital Santa Mônica (Hospital Belo Horizonte)

Fausto Pacheco
2007

O Departamento de Pediatria do Hospital Santa Mônica teve seu início no berçário em 1971. Sua coordenação era de responsabilidade do Dr. Hugo Marques Gontijo e era lá que os residentes do Hospital da Baleia (Fundação Benjamim Guimarães) realizavam o aprendizado de neonatologia, sendo acompanhados pelos professores da equipe da Baleia: Wilson Rocha, José Eleutério de Azevedo, Carlos Leite, João Carlos Ferreira, Guilherme Marques Gontijo, com a supervisão de Hugo Marques Gontijo.

Em 1972, na impossibilidade de o grupo do Dr. Hugo Marques Gontijo continuar assumindo os compromissos com o hospital, o próprio Dr. Hugo indicou-me para coordenar o Departamento de Pediatria, cargo referendado pelo diretor-presidente, Rorneu Pereira de Resende e pelo diretor clínico, Petrônio Boechat. Na época, formei minha equipe com nomes de médicos em sua maioria indicados por Hugo Gontijo, que ficou constituída pelos colegas: Job da Mata Neto, Cláudio Manoel Savoi de Sena, Christóvão de Castro Xavier, José Silvério dos Santos Diniz, Francisco José Pena e, posteriormente, Maria Madalena de Castro Clarck, Manoel Firmato de Almeida e Moacir Tibúrcio.

O Hospital Santa Mônica, recém-inaugurado, muito bem equipado e um dos maiores de Belo Horizonte, prestava serviços médicos aos associados do Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social (Inamps), planos de saúde e a particulares. Com a instalação do Serviço de Urgência Clínica e Cirúrgica (Succ) funcionando em horário integral, para onde eram encaminhados casos urgentes e não urgentes, de toda a região de Belo Horizonte e até de cidades distantes, foi necessária a formação de equipes de todas as especialidades médicas.

O Departamento de Pediatria ficava situado em grande parte do 6º andar do hospital. No andar havia uma área de 1.200 m², onde os apartamentos com sala de espera e banho completo foram adaptados para diversas

enfermarias, com o total de 120 leitos. Funcionava ainda no andar mais 30 leitos pediátricos para outras especialidades, como: ortopedia, oftalmologia, otorrinolaringologia, oncologia, neurologia e cardiologia, dentre outras. Nessa área estavam localizadas: sala de reuniões, conforto médico, biblioteca, postos de enfermagem, lactário, refeitório e recreação infantil.

Em outro local estavam os blocos cirúrgicos e a maternidade, com mais de 200 partos por mês. O berçário era contemplado com salas para normais, grande risco, infectados, suspeitos de infecção e também um lactário. O departamento contava com o apoio das diversas clínicas especializadas, RX, laboratórios clínicos e de anatomia patológica e banco de sangue, além de outras.

Em 1972, sob a minha coordenação, criamos o Departamento de Pediatria e Cirurgia Infantil do Hospital Santa Mônica, ficando assim constituído e suas respectivas subespecialidades: Cláudio Manoel Savoi de Sena – doenças infectocontagiosas; Christóvão de Castro Xavier – neuropediatria; Fausto Pacheco – neonatologia; Francisco José Pena – gastroenterologia infantil; José Silvério dos Santos Diniz – nefrologia infantil; Job da Mata Neto – pneumologia infantil; Maria Madalena de Castro Clarck – intensivista; Manoel Firmato de Almeida – cirurgia infantil e coordenação; Moacir Tibúrcio – cirurgia infantil.

Devo salientar que eu e meus colegas contávamos com uma equipe preparada para oferecer ótimo treinamento de pós-graduação em pediatria. Imediatamente organizamos o curso de especialização, coordenado pelo Prof. Dr. José Silvério dos Santos Diniz, e solicitamos da Sociedade Brasileira de Pediatria o credenciamento, de acordo com o art. 27 do Regulamento de Título de Especialista em Pediatria. Após inspeção feita pelo Prof. Eduardo Marcondes, foi autorizado, no dia 10 de dezembro de 1974, o treinamento de Pós-Graduação em Pediatria pelo prazo renovável de quatro anos.

Tivemos a satisfação de preparar dezenas de colegas que adquiriram o Título de Especialista em Pediatria (TEP). Hoje, esses médicos são destaque na profissão, como professores das escolas de medicina, e participam ativamente de instituições médicas como a Sociedade Mineira de Pediatria.

Em 1980, por motivo de força maior, passei a coordenação do Departamento de Pediatria ao Job da Mata Neto, que vem atuando com brilhantismo até a presente data.

Naquela época, houve uma mudança na direção do Hospital Santa Mônica, que passou a se chamar Hospital Belo Horizonte, passando por modificações em todos os seus setores. O Departamento de Pediatria passou a denominar-se Clínica de Neonatologia, Pediatria e do Adolescente do Hospital Belo Horizonte, continuando sob a coordenação de Job da Mata Neto e tendo como responsável pelo Programa de Residência e Internato a médica Maria Olímpia Dias Ferreira. Atualmente (2007) a situação da pediatria é a seguinte: cinco residentes, 20 leitos, realização de 40 partos por mês, atendimento ambulatorial e pronto-socorro com 2 mil consultas/mês, respectivamente.

Clínica de Neonatologia, Pediatria e do Adolescente do Hospital Belo Horizonte

Coordenador: Job da Mata Neto. Responsável pelo Programa de Residência e Internato: Maria Olímpia Dias Ferreira. Médicos: Carolinne Bahia Rodrigues, pediatria geral; Ciro Vasconcelos Dias, pediatria geral; Fabíola Maria Conceição Duarte, cardiologia infantil; Fernanda Brum da Mata, psicologia clínica e hospitalar; Humberto José Moreira, preceptor de pediatria geral e adolescência; Job da Mata Neto, preceptor de pediatria geral e adolescência; Karina S. W. Henriques, neurologia infantil; Márcia Cecília S. D. Lopes, pediatria geral; Maria Olímpia Dias Ferreira, preceptora de pediatria geral e neonatologia; Marlice Hallak M. da Costa, coordenadora do CTI Neonatal Infantil; Marly Ângela Nassau Pereira, pediatria geral e cardiologia infantil; Rossana Cristina Fontes Cotta, pneumologia infantil; Silvânia Ferreira, pediatria geral; Vanessa Alvim Lobato, pediatria e infectologia; Vânia Viveira Leite Bernardes, preceptora de pediatria geral; Eliane M. Nonaka, cirurgia pediátrica; Guilherme T. Apocalypse, cirurgia pediátrica; Leonardo A. Machado, cirurgia pediátrica; Mirts M. Matsushita, cirurgia pediátrica; Rodrigo R. Pereira, cirurgia pediátrica.

Obs.: Em 2007 o Dr. Job da Mata Neto era o coordenador da Clínica Pediátrica do Hospital Belo Horizonte, na qual permanece como coordenador até os dias atuais.

23. Pediatria da Fundação Estadual de Assistência de Urgência (Feamur)

José Guerra Lages
2017

O Hospital Maria Amélia Lins, situado na Rua dos Otoni, no Bairro Santa Efigênia, foi, durante muitos anos, o único hospital público para atendimento de urgência em Belo Horizonte. O hospital era localizado em prédio de apenas cinco pavimentos e, apesar das instalações à época serem simples, o atendimento era de grande eficiência e qualidade, graças ao excelente corpo clínico. Todos os profissionais tinham boa formação científica e trabalhavam de forma integrada, gerando ambiente harmônico e de grande amizade entre todos os médicos e funcionários.

Conhecido e reconhecido pela grande maioria da população belo-horizontina, que via na instituição uma segurança para o atendimento em situações de urgência, seu conceito criou um lema: “em situação de urgência mais séria, leve-me para o Pronto-Socorro”.

No dia 14 de setembro de 1972, o Amélia Lins completou 25 anos de atividades ininterruptas, fato comemorado com a inauguração de nova sala de urgência, exposição de retratos de ex-diretores e comemoração festiva que contou com a participação de diretores da Feamur, dos médicos e funcionários.

No ano de 1973, as atividades do pronto-socorro foram transferidas para o Hospital João XXIII com amplas e confortáveis instalações, constituindo-se na mais importante unidade da Feamur, cuja administração era composta pelos seguintes médicos: superintendente hospitalar, Dr. Elmo Perez dos Santos; diretor do Hospital João XXIII, Dr. José Márcio Gonçalves de Souza; coordenador de ensino e treinamento, Dr. Edward Tonelli; coordenador da clínica pediátrica, Dr. José Guerra Lages.

O diretor do hospital, José Márcio, eminente ortopedista com espírito inovador e grande entusiasmo, estimulou as especialidades a se organizarem como clínicas, o que já havia acontecido com a ortopedia e a cirurgia geral.

Em função das grandes possibilidades de utilização dos hospitais da Feamur para a formação profissional, foi designado como coordenador de ensino e treinamento o Dr. Edward Tonelli.

Contando a pediatria com grande número de profissionais de excelente formação e grande experiência, além da diversidade de áreas de atendimento, propus à Comissão de Ensino e Treinamento e à diretoria do hospital a implantação de residência de pediatria nos hospitais da Feamur, sendo, para isto, indispensável a aprovação da Sociedade Brasileira de Pediatria.

Após nossa solicitação, a SBP designou para vir a Belo Horizonte o professor Eduardo Marcondes, uma das maiores referências pediátricas do país, chefe do Serviço de Pediatria da Universidade de São Paulo, filho do professor Pedro de Alcântara, autor do livro *Pediatria Básica*. Após percorrer as instalações de todos os serviços, tomar conhecimento da formação do corpo clínico e analisar o programa elaborado, o professor Eduardo Marcondes aprovou o credenciamento da Feamur para a implantação da residência em pediatria, sem restrições.

Após intensas gestões do Dr. Rubens Guimarães, a Maternidade Odete Valadares, que se encontrava fechada há alguns anos, foi transferida para a Feamur. A Maternidade, anteriormente mantida pela Fundação das Pioneiras Sociais, órgão ligado à Previdência Social, tinha grande importância para a sociedade, pois realizava cerca de 1.000 partos por mês.

Por se encontrar fechada há algum tempo, foi necessária uma grande reforma das instalações para sua reabertura, além da aquisição de equipamentos e materiais.

A administração da maternidade pela Feamur teve início no dia 4 de setembro de 1972, com solenidade que contou com grande número de autoridades da área de saúde, entre elas, o presidente da Feamur, Dr. Rubens Guimarães e o secretário de estado da saúde, Dr. Fernando Megre Veloso.

Em função do grande número de partos, o berçário, um serviço de grande importância, era instalado em uma extensa área. A análise das necessidades e proposta de reforma foi feita pelo pediatra Lauro Machado Alvim, resultando em um berçário moderno, com áreas específicas para recém-nascidos normais, infectados e prematuros.

Além da reforma da área física foram adquiridas modernas incubadoras e providenciada a admissão de pessoal especializado, tornando-se, na época,



O Hospital Maria Amélia Lins, Fundação Estadual de Assistência de Urgência (Feamur) foi durante muitos anos o único hospital público para atendimento de urgência em Belo Horizonte



Após intensas gestões do Dr. Rubens Guimarães, a Maternidade Odete Valadares, que se encontrava fechada há alguns anos, foi transferida para a Feamur. Hospital João XXIII
(Fotos: Acervo Comunicação da Fhemig)



Hospital João XXIII (Foto: Acervo Comunicação da Fhemig)

um dos melhores serviços de neonatologia de Belo Horizonte.

O diretor da Maternidade Odete Valares, o Dr. Jaeder Teixeira de Siqueira, muito colaborou para a realização das reformas, estimulando e incentivando para que fossem atendidas as necessidades para a prestação de assistência adequada aos recém-nascidos.

Concluídos os trabalhos, o Serviço de Pediatria da Feamur consolidou-se, alcançando as condições adequadas para o treinamento profissional por contar com excelente grupo de pediatras que atuavam nas diversas áreas, tais como: serviço de urgência, assistência neonatal, enfermaria de pediatria instalada em área da maternidade e estágio nos hospitais Sálvio Nunes e Cícero Ferreira.

Os locais de atividade ficaram assim definidos:

Urgência

- Hospital João XXIII – Pediatras: Alda Lopes de Oliveira, Décio Fernandes Tolentino, Ely da Conceição Souza, Fernando Freire, José Américo de Campos, João Carlos Ferreira, Maria Nancy Reis Vasconcelos e Odilon Palma Lima. O hospital contava com um excelente grupo de médicos de diversas especialidades, que completavam o ensino em necessidades especiais.

Assistência Neonatal e Enfermaria de Pediatria

- Maternidade Odete Valadares – Pediatras preceptores: Elmo Perez dos Santos, José Guerra Lages e Lauro Machado Alvim

- Hospital Cícero Ferreira – Coordenador: Maurício Café de Oliveira; pediatras preceptores: Luiz Fernando Teixeira, Nelson Lobo Martins e Walter Guimarães.

- Hospital Sálvio Nunes, posteriormente Centro Geral de Pediatria (CGP) e hoje Hospital Infantil João Paulo II – coordenador: Aloísio Prado Marra. Pediatras preceptores: Antônio José das Chagas, Fernando Boucinhas, Florisvaldo Caldeira Tolentino, Helson Oliveira e Roberto Otávio Flores de Carvalho, além de outros excelentes pediatras plantonistas.

A primeira turma teve início em agosto de 1975.

Participaram das primeiras três turmas de residentes os seguintes médicos:

Primeira turma: Drs. Jimmy Eduardo Jose Stubbert Flores (venezuelano), Afonso Alves de Mendonça, Carlos Alberto Tkahashi, Geraldo Ezequiel de Oliveira e José Alves Vianna

Segunda turma: Drs. Antônio Geraldo Beltrame, Maria do Carmo Raush, Nilo Matias de Freitas, Orestes Braz Petrilo e Ronaldo Augusto Souza Costa

Terceira turma: Drs. Elza Barros de Melo, Maria da Souza Costa, Saul Brasil Filho e Walda Maria Franqueira

Em 1977, houve grande transformação no modelo de administração da assistência hospitalar do estado, com a criação da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig), que incorporou a Fundação Estadual de Assistência de Urgência (Feamur), a Fundação Estadual de Assistência Lecopromonial (Feal) e a Fundação Estadual de Assistência Psiquiátrica (Feap), além dos outros serviços assistenciais sob a administração do estado, com integração posterior ao Sistema Único de Saúde (SUS), em 1988.

A Dra. Walda Maria Franqueira conta que estava de plantão no dia da mudança da Feamur para a Fhemig, quando houve um alvoroço e um “zum-zum-zum” e entrada e saída de móveis. Com essa mudança, houve alteração geral da administração das unidades e dos serviços, tendo a Coordenação dos Serviços de Pediatria sido transferida para o Centro Geral de Pediatria (CGP).

Nota: É importante ressaltar que Dr. José Alves Vianna, pediatra que concluiu a residência na Feamur na primeira turma é, há longos anos, um dos deputados mais influentes na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, sempre atento às questões relacionadas à assistência médica. Ele é conhecido como Dr. Vianna.

24. Hospital Infantil Padre Anchieta

Gilmar Ferraz de Oliveira

2011

A história do Hospital infantil Padre Anchieta (HIPA) se confunde com o histórico do tratamento infantil em Belo Horizonte. Localizado no bairro São Francisco, o HIPA sempre foi referência para o atendimento pediátrico na Região Norte de Belo Horizonte.

Inaugurado em 1976 por um grupo de pediatras idealistas que acreditaram na criação de um hospital destinado ao tratamento exclusivo da criança, o hospital teve como sócios-fundadores os médicos Carlos Epifânio de Queiroz, Joseph Mandil, Carlos Victor de Mendonça, Gerson Patron Szklarz, Rafael de Filippo, Willy Hélio Pimentel, Afonso Celso Coimbra Tavares Pais e Olímpio de Oliveira.

Nessa época, o atendimento pediátrico em Belo Horizonte era centrado nos postos de urgência, os chamados PUs de Pediatria. O HIPA tinha um PU que atendia à demanda de 300 crianças do antigo Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps) durante as 24 horas do dia; o hospital contava ainda com cerca de 180 leitos para dar suporte ao grande número de pacientes. Viviam-se uma realidade na qual as dificuldades de saneamento básico, aliadas à ineficiência dos centros de saúde, favoreciam ao grande número de internações hospitalares. Foram longos anos sob uma administração que já não tinha o vigor e a expectativa da juventude. Os tempos haviam mudado...

Em 1991, um grupo de jovens pediatras, preocupados em manter um atendimento sempre de qualidade e visando à humanização do atendimento hospitalar, assumiu o compromisso de gestão voltado para a qualidade, a dignidade e a responsabilidade ao paciente que procurava o HIPA. Criavam-se novos paradigmas onde passava a imperar o espírito de atender bem, sem jamais perder a ternura, não só ao paciente pediátrico, mas também ao adulto, em diversas especialidades.

Assumiram a direção do hospital os pediatras: Airton Rogério Barbosa, Eduardo de Magalhães, Gilmar Ferraz de Oliveira, José Francisco Dornela e Tânia Elisabeth Dias de Castro. Alguns anos depois, Airton Barbosa optou por



Diretoria do Hospital Infantil Padre Anchieta, da esquerda para a direita: Eduardo Magalhães, Tânia Elisabeth Dias de Castro, José Francisco Dornela e Gilmar Ferraz de Oliveira (Foto: Acervo pessoal Dr. Gilmar Ferraz de Oliveira)

deixar a sociedade, permanecendo como membro atuante do corpo clínico. Então, a nova diretoria passou a investir na capacitação dos funcionários, na qualificação do corpo clínico, na parceria com colegas que agregaram valor ao hospital.

Em 1997, houve a inauguração do “Centro Cirúrgico Dr. Délio da Consolação Rocha”, justa homenagem a um dos maiores pediatras que por aquela casa havia passado e que infelizmente nos deixou prematuramente, vítima de uma meningococemia fulminante.

O HIPA, projetado pela arquiteta Maria Carmem G. Lopes, passou a ter amplas instalações e modernos equipamentos: duas grandes salas equipadas com mesas cirúrgicas Mercedes-Imec, carros de anestesia Takaoka, capnógrafos Ohmeda, oxímetros Novamatrix, desfibriladores Ecafix, monitores cardíacos Ecafix, cautérios Deltronix e Wave-tronic e microscópio DFV para cirurgias oftalmológicas e otorrinolaringológicas, além de outros equipamentos. O hospital passou a contar com sistemas no-break importados, que podem suprir falta de energia elétrica por até três horas ininterruptas.

Hoje temos as clínicas de anestesiologia, angiologia, alergologia, cardiologia infantil, cirurgia infantil, cirurgia plástica, dermatologia, fonoaudiologia, neurologia infantil, nutrição, ortopedia, otorrinolaringologia, pediatria, pneumologia, psicologia e urologia. Seus profissionais estão em constantes atualizações no Brasil e no exterior.

O hospital ainda mantém convênio com o Sistema Único de Saúde (SUS), recebendo as internações pediátricas vindas das atuais UPAs, principalmente da Região Norte de Belo Horizonte e de alguns municípios circunvizinhos. Atende também pacientes da Rede de Saúde Suplementar por meio de diversas operadoras e planos de saúde. Mantém uma unidade de Pronto Atendimento Pediátrico, que dá suporte à demanda da Região Norte da capital.

Atual diretoria: Diretoria Clínica, Eduardo de Magalhães; Diretoria Financeira, Gilmar Ferraz de Oliveira; Diretoria Administrativa, José Francisco Dornela; Diretoria de Convênios, Tânia Elisabeth Dias de Castro.

25. Clínica Pediátrica do Hospital Mater Dei

Fausto Pacheco
2008 e 2017

O Hospital Mater Dei é uma instituição de direito privado, constituída sob a forma de sociedade anônima de capital fechado, segundo normas de seu estatuto social. Presta atendimento a clientes particulares por meio de algumas dezenas de convênios com planos de saúde e, em parte, a fins filantrópicos. O hospital é aberto a todos os profissionais médicos e a especialidades afins. As equipes médicas não têm vínculo empregatício com o hospital.

Clínica pediátrica

A clínica pediátrica, hoje (2007), sob a minha coordenação, teve seu início em 1º de junho de 1980, dia em que o ginecologista e obstetra José Salvador Silva fazia seu primeiro parto no Hospital Mater Dei. Naquele momento, estávamos presentes para dar assistência integral ao recém-nascido na sala de parto e no berçário. Passamos aos pais as orientações necessárias, ensinando os procedimentos básicos, os primeiros cuidados em domicílio e estimulando a amamentação, proporcionando segurança e tranquilidade à família, o que vem sendo mantido até hoje em todos os partos.

Berçário

O berçário era localizado no 3º andar do bloco I, ocupando uma área de aproximadamente 150 m², dividida em duas salas para normais com 26 berços, uma sala bem instalada para pacientes de grande risco com seis incubadoras, uma sala para observação e suspeitos de infecção com duas incubadoras, uma sala para infectados com duas incubadoras, um lactário, secretaria e higienização. Todas as salas eram equipadas com O₂, vácuo, óxido nitroso, etc.

A equipe de pediatria e neonatologia era constituída por mim e pelos doutores Luiz Meggale e Paulo Tadeu Poggiali. Todos com determinação, disposição e disponibilidade para dar assistência pediátrica integral ao berçário e, quando solicitada, na sala de parto. No princípio eram 30 a 40 partos por mês, chegando hoje a 160 nascimentos mensais.

Com o passar do tempo, houve a necessidade de aumentar a equipe de pediatria e neonatologia, sendo incorporados ao quadro os colegas: Eliane Quintino Franco Sá, Teresa Mohallem Fonseca, o saudoso Leonardo Falci Mourão e também Pythágoras Carmo de Moraes.

A equipe voltou a crescer. Com o início do pronto-socorro para atender a casos urgentes e ambulatoriais, a equipe cresceu novamente. E continua em expansão em razão do aumento sucessivo da procura das clínicas do Hospital Mater Dei nesses 26 anos de funcionamento.

A admissão de um novo colega é feita dentro de critérios rigorosos de seleção: o candidato deve ter residência de pediatria reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC) ou pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP); deve ser apresentado e referendado por colegas conhecidos; ser submetido a uma investigação de comportamento médico, formação moral e adequação harmoniosa com o grupo; deve-se enquadrar na filosofia do hospital como centro de humanização, cultura e compromisso com a qualidade pela vida, e ser inscrito no CRMMG.

Desde a fundação do hospital, a equipe de pediatria participa do Curso do Casal Grávido, pioneiro na orientação às gestantes e aos pais, ministrado há mais de 45 anos pela equipe de obstetrícia. O curso visa à saúde do casal desde o pré-nupcial até a chegada em casa com o recém-nascido, passando pelo acompanhamento da gestação, pelo atendimento na sala de parto com assistência do pediatra, pelos cuidados iniciais, pela amamentação e pelas

orientações aos pais para os dias iniciais em domicílio, enfatizando o comportamento fisiológico do bebê nos primeiros meses de vida.

O Curso do Casal Grávido é administrado por ginecologistas, obstetra, anestesista, pediatra, enfermeira, psicóloga, fisioterapeuta, dentista e outros convidados especiais. É gratificante sentir que os casais absorvem as orientações e participam com segurança, carinho e delicadeza desse momento tão maravilhoso que é o nascimento do bebê.

Com o rápido crescimento do Hospital Mater Dei, a pediatria também se desenvolveu, oferecendo alto grau de qualidade, conhecimento médico e dedicação. Aquela equipe inicial de três está constituída hoje por mais de 70 pediatras e ainda conta com o apoio de todas as equipes de especialistas afins, num hospital muito bem instalado, com todos os serviços auxiliares, e tendo a melhor e mais atualizada aparelhagem.

Como coordenador da clínica pediátrica, vi a necessidade de se criar as subcoordenadorias para manter a eficiência, a segurança e a qualidade do atendimento nos diversos setores.

O número de partos mensais passou em pouco tempo de 40 a 50 partos para 150 a 170, tornando-se necessária a criação de uma Unidade de Tratamento Intensivo (UTIP). Indicamos o competente colega José Orleans da Costa, que a dirigiu com a maior eficiência por um bom tempo.

Em 1995 indiquei o pediatra Paulo Tadeu Poggiali para o cargo de coordenador do berçário, onde tem mostrado competência e dedicação.

Em 1º de dezembro de 1992, sob a coordenação do Dr. Luiz Megale, foi formada a equipe de plantonistas para o atendimento na sala de parto, pioneirismo em hospital privado. Posteriormente, tal coordenação passou para o médico Cláudio Drummond Pacheco, que dirige grande equipe de neonatologistas, muitos dos quais instrutores do Curso de Reanimação Neonatal da American Academy of Pediatrics e da American Heart Association, promovidos pela Sociedade Brasileira de Pediatria. Iniciamos essa assistência na sala de partos, mesmo antes da recomendação pelo Ministério da Saúde.

Em 1986, começamos a fazer o “Teste do Pezinho Básico” (PKU, T4, TSH, Hemoglobinas). Desde 1996 recomendamos e solicitamos o “Teste do Pezinho Plus”. Fazemos a pesquisa do reflexo vermelho ocular e, nos

prematuros e em casos indicados, solicitamos o acompanhamento precoce de um oftalmologista.

Em 6 de dezembro de 2001, o berçário foi transferido para o 5º andar do bloco II do Hospital Mater Dei, numa área de aproximadamente 200 m², ampliando muito a sua capacidade. São duas salas para 35 berços de normais; sala de admissão e observação; sala para suspeitos de infecção; duas bancadas grandes para exame dos recém-nascidos; sala para amamentação e extração do leite materno e orientação; sala para atendimento dos egressos; sala para expurgo, recepção; higienização e vestiário; secretaria e atendimento público; e sala de estudos e estar médico. Todos os recém-nascidos de alto e médio risco são transferidos para a UTIP.

O Hospital Mater Dei possui um sistema de informatização que proporciona atendimento mais rápido e seguro aos pacientes, interligado com todos os setores do hospital. O recém-nascido admitido no berçário é acompanhado pelos visitantes através de um visor ou através da TV do quarto da paciente. A mesma imagem de TV é transmitida via internet para os familiares distantes.

UTIP

A criação da UTIP ocorreu no dia 13 de dezembro de 1986, sob coordenação do médico José Orleans da Costa, e seu diferencial se deu por ser a 1ª UTI Pediátrica de Belo Horizonte em um hospital privado e também a 1ª UTI no país a iniciar suas atividades com uma equipe multiprofissional e interdisciplinar (fonoaudiólogos, psicólogos e profissionais de intervenção precoce), além de fisioterapeutas, enfermeiros e médicos intensivistas.

A UTIP iniciou suas atividades no 3º andar do bloco I do Hospital Mater Dei, em área física de 54 m², com dois leitos pediátricos e seis de cuidados intensivos neonatais. Em 1996, foi transferida para o 1º andar do hospital, onde passou a ocupar área de 64 m², com aumento de leitos (nove), sendo um isolado (pediátrico/neonatal), dois pediátricos e seis leitos neonatais.

Em 1998, a área foi acrescida de 24 m² para quatro leitos de unidade intermediária, marco na humanização do serviço. Em julho de 2002, foi transferida para uma área de 224 m², no segundo bloco do Hospital Mater Dei, com a seguinte distribuição de leitos: três pediátricos, um isolado, oito para cuidados intensivos neonatais e oito para cuidados intermediários neonatais.

Com o aumento do número de leitos e a ampliação do espaço físico, a UTIP incorporou mais equipamentos, nova tecnologia e diversificou exames propedêuticos, além de ter sua equipe acrescida de outros profissionais.

Atualmente a equipe multiprofissional é composta de 25 profissionais médicos intensivistas: coordenador: José Orleans da Costa; subcoordenadora: Wânia Calil Nicolielo; subcoordenador científico: Horace W. S. Bronzon; subcoordenador clínico: Cláudio Drummond Pacheco; subcoordenadora financeira: Cynthia Regina T. Coelho. Fazem parte também da equipe um gerente de enfermagem, seis supervisoras de enfermagem, 28 auxiliares/técnicos, dois auxiliares de limpeza/material, sete psicólogas, três fonoaudiólogas e duas fisioterapeutas motoras, duas fisioterapeutas respiratórias, quatro secretárias (duas para atendimento ao médico e duas para atendimento à enfermagem).

Pronto-Socorro

No início da década de 1980, foi criado o Pronto-Socorro no Hospital Mater Dei para atendimento a casos urgentes e ambulatoriais, em que a pediatria teve grande participação. A assistência era dada pelo grupo médico do berçário sob a coordenação da pediatra Tereza Mohallem Fonseca. Com o rápido aumento da demanda, foi necessário criar uma equipe exclusiva de pediatras para atendimento no Pronto-Socorro e nos casos de internação.

Em janeiro de 1988, a Dra. Tereza passou a coordenação da equipe para a Vânia Maria Corrêa Borba, pelo motivo de se dedicar ao mestrado em pneumologia infantil na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Vânia Borba assumiu tal função com presteza e bom desempenho até janeiro de 1992. Desde essa data, até hoje, a coordenação vem sendo brilhantemente desempenhada pela competente Raquel Pitchon dos Reis na orientação de 34 pediatras para um atendimento superior a 36 mil pacientes anualmente. Da equipe do Pronto-Socorro, foram indicados os pediatras responsáveis pelos casos de internação. O tratamento do paciente internado é acompanhado pelo pediatra escalado, aumentando o vínculo médico-paciente.

Dentro do grupo temos diversas subespecialidades: alergia, pneumologia, cardiologia, endocrinologia, endoscopia e ainda contamos com a cobertura de todas as outras especialidades (cirurgia infantil, ortopedia, otorrinolaringologia, oftalmologia, psicologia, físico-terapia, etc.). Além disso, há laboratório clínico completo e de anatomia patológica, radiologia, ressonância

magnética, medicina nuclear e um ótimo e atualizado serviço de medicina fetal, em que são oferecidos à gestante e ao bebê exames de precisão e confiabilidade.

Em 12 de agosto de 1982, a clínica pediátrica realizou o Seminário de Reflexão e Avaliação, com todos os participantes da equipe, inclusive com a equipe de psicologia, quando foram abordados os temas: “Que queremos?”, “Quem somos nós?” e “Por que trabalhamos neste Hospital?”. Esse evento foi de grande utilidade na condução da equipe. Outros seminários foram promovidos em 1999 e 2001.

Desde 1984, a equipe vem se reunindo semanalmente, às segundas-feiras, para apresentação de casos clínicos, aulas, reciclagem, atualização de protocolos, conferências com ilustres convidados ou membros da equipe, reuniões administrativas. Posteriormente, a UTIP passou a se reunir separadamente. Publicamos três números da Revista de Pediatria do Hospital Mater Dei, em 1992, 1993 e 1995. Durante esses 26 anos, foram efetivados diversos cursos, simpósios e jornadas, valendo destacar a 2ª Jornada de Perinatologia do Mater Dei, com participação do professor Cesar Martinez, catedrático de Buenos Aires e expressivo nome da perinatologia mundial.

Fizemos diversas reuniões com a diretoria do hospital e reuniões com outras clínicas. Em 2004, o Hospital Mater Dei foi acreditado com o nível III de excelência da Organização Nacional de Acreditação (ONA), com melhoria nos processos de trabalho, na criação e atualização de protocolos, médicos reciclados e na criação de indicadores assistenciais internos e externos, com taxas de indicadores de mortalidade e de infecção hospitalar semelhantes à da literatura mundial. É feita uma reavaliação anual, e os indicadores e a satisfação dos clientes têm permanecido com índices dos mais elevados. Uma grande porcentagem de colegas e ex-colegas da equipe têm se destacado como professores nas faculdades de medicina do estado e pela atuante participação na Sociedade Mineira de Pediatria.

Nota de atualização

Em junho de 2014, lançou-se a era Rede Mater Dei, com a inauguração da Unidade Contorno. Por determinação legislativa, o Pronto Atendimento Pediátrico foi transferido para essa unidade, sob coordenação do médico Luís Fernando Andrade Carvalho. Na unidade Contorno, cuja média de

atendimento está na ordem de 4.500 por mês, o Pronto Atendimento é subcoordenado pela médica Ana Carolina Goulart Rezende Baeta. A Internação Pediátrica, por sua vez, conta com 32 leitos e é subcoordenada pelo pediatra André Bicalho. As equipes do Pronto-Socorro e da Internação Pediátrica são formadas por 70 pediatras.

Para a Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica (UTIP), que atualmente mantém 20 leitos e é também coordenada por Luís Fernando de Carvalho, há uma previsão de ampliação para 32 leitos em um futuro próximo. A equipe da UTIP conta com 22 pediatras plantonistas.

O atendimento aos recém-nascidos permaneceu na Unidade Santo Agostinho, sendo a equipe de neonatologia responsável pelo atendimento pediátrico em sala de parto. Está a cargo dessa equipe também o acompanhamento em alojamento conjunto e ainda as consultas de egressos, trabalho coordenado pelo Dr. Paulo Tadeu de Mattos Pereira Poggiali e subcoordenado pelo Dr. Cláudio Drummond Pacheco. São 300 partos/mês, 250 consultas de egressos e cerca de 200 internações mensais no acompanhamento, desde o nascimento até alguns dias de vida. A equipe de neonatologia mantém 31 plantonistas.

A Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), sob coordenação da pediatra Wania Calil Nicolielo desde setembro de 2009, registra 30 leitos, sendo sete apropriados para recém-nascidos extremos, dez para neonatos e 13 para cuidados intermediários. A Equipe da UTIN é formada por 31 plantonistas e três subcoordenadores.

26. Hospital Vila da Serra

José Sabino de Oliveira
Navantino Alves Filho
2017

No final do século XX, muitas crianças gravemente enfermas ainda faleciam em Belo Horizonte por falta de Unidades de Terapia Intensiva, que fornecessem suportes vitais a esses pacientes. Belo Horizonte dispunha de

poucos leitos em apenas dois locais: no Hospital Santa Rita no Barreiro e na Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte.

Um grupo de pediatras da cidade, após organizar um congresso de Terapia Intensiva em Pediatria, concluiu que havia uma lacuna nessa assistência e que necessitava ser preenchida. Daí esse grupo se reuniu, encheu-se de ânimo e com esforços próprios decidiu dotar Belo Horizonte de outras Unidades de Terapia Intensiva Neonatal e Pediátrica.

Assim, foi criada uma Unidade Neonatal na Maternidade Octaviano Neves, outra no Hospital Infantil São Camilo, uma na Maternidade Santa Fé e outra no Hospital Felício Rocho, unidades elaboradas com muito esforço, mas com grande sucesso.

Participavam ativamente desse projeto os doutores Marcos Januzzi, Wagner Neder Issa, José Sabino de Oliveira, Oswaldo Trindade Filho, Waldemar Fernal, Helder Paupério (in memoriam), dentre outros.

Diante ainda do desafio de atender de forma integral à mulher e à criança, o grupo resolveu ampliar mais ainda sua capacidade de atendimento, planejando então oferecer à comunidade de Belo Horizonte e vizinhança um hospital de referência materno-infantil, com capacidade, porém, para atender toda uma família.

Dois desses intensivistas pediátricos, Wagner Issa e Marcos Januzzi, compraram, com recurso próprio, um amplo terreno em uma via larga do município de Nova Lima, onde já funcionava um hospital cardiológico e geral, o Biocor, e nenhuma outra edificação, a não ser os bares e as dance-terias que faziam da via conhecida como Seis Pistas (que nunca foram mais de quatro) um recanto para os jovens exercitarem suas potentes motos e os carros de então...

Sempre preocupados com a assistência de qualidade, esse grupo pioneiro do chamado Medicina Intensiva Neonatal e Pediátrica (Neocenter) se responsabilizou por fornecer metade do investimento financeiro necessário à execução do projeto, que necessitava ainda de mais capital para se tornar realidade.

Para tanto, o grupo convidou pediatras, obstetras, anestesiastas e médicos de especialidades diversas, além de outros profissionais de saúde necessários ao trabalho de uma instituição com perfil materno-infantil. Foram convites personalizados, que compuseram os outros 50% do capital social da nova

instituição então chamada de Instituto Maternoinfantil de Minas Gerais (Imimg).

Uma maternidade, com todas as especialidades cirúrgicas e clínicas, cuja missão era “atuar com excelência e segurança na prestação de serviços na saúde da mulher, da criança e da família, dedicado à competência e ao aprimoramento pessoal e profissional, ensino e pesquisa, alta tecnologia, humanização e valorização da vida”.

Desta forma, em 1999, foi inaugurado o chamado Hospital Vila da Serra, com mais de 25.000 metros² de construção em sete andares, com dois blocos cirúrgicos, UTI adulto, infantil e neonatal, 180 leitos, ar-condicionado central, hotelaria invejável, acreditação canadense e brasileira (ONA II), configurando a materialização do sonho do Imimg, hospital exemplar com as principais áreas de atendimento médico, inclusive a Clínica Pediátrica e Neonatal.

Na área da pediatria, foram convidados os doutores Navantino Alves Filho, Marcos Vasconcelos, Marina Trópia Granja, Eduardo Carlos Tavares, Sônia Matoso Hermont, Fernando Werneck, José Maria Penido e Marcela Damásio Ribeiro de Castro para participar como sócios proprietários.

A Clínica Pediátrica do Hospital Vila da Serra

Desde a abertura do hospital, a Clínica Pediátrica começou a funcionar com uma unidade de Pronto-Socorro Pediátrico, atendendo ininterruptamente 24 horas por dia, e uma Unidade Neonatal e uma Unidade de Terapia Intensiva Neonatal e Pediátrica com 30 leitos. Além disso, havia uma Unidade de Internação Pediátrica, com 12 apartamentos, oito leitos de enfermarias de alojamento conjunto pediátrico para garantir a presença da mãe junto ao seu filho internado, um andar de 35 apartamentos e enfermarias para a maternidade, com alojamento conjunto universal, tendo sido aberto, posteriormente, um Ambulatório Pediátrico, com consultórios de diversas especialidades.

As clínicas adjuntas como cirurgia pediátrica, neurologia, pneumologia, otorrinolaringologia, ortopedia, cardiologia, nefrologia, hebiatria e gastroenterologia também começaram a funcionar no hospital e a ter seus pacientes atendidos e internados na Unidade Pediátrica.

Com o passar do tempo e o aumento da demanda, houve necessidade de ampliação dos serviços. Atualmente são atendidas cerca de 3.500 consultas

por mês na Emergência Pediátrica, e aproximadamente 450 recém-nascidos são atendidos por mês na Unidade Neonatal. São realizadas também 26 cirurgias pediátricas mensais. Em média, são internadas 60 crianças em apartamentos e enfermarias. São 35 admissões na UTI Neonatal e 24 na UTI Pediátrica.

O hospital tem estreito relacionamento com a comunidade pela interação constante por causa do Curso do Casal Grávido. São feitas muitas palestras científicas para leigos. Em 2012, a Clínica Pediátrica do HVS, em convênio com a Faculdade de Ciências Médicas da Fundação Educacional Lucas Machado (Feluma), iniciou seu curso de especialização em pediatria tendo formado 20 médicos. Em 2014, foi credenciada a residência em pediatria de dois anos pelo Ministério da Educação (MEC) (Processo 2013-1328 sob o Parecer 315/2014), fornecendo cinco vagas para R1 e cinco vagas para R2, estando já na 3ª turma de residentes.

A clínica de pediatria do HVS fornece assistência de alta complexidade em cirurgia cardíaca (prematuros, recém-nascidos, lactentes), cirurgia geral (gastrosquise, atresia de esôfago, onfalocelos), neurologia (tumores, má-formação), terapia intensiva (prematuros externos, ventilação de alta frequência, uso de óxido nítrico, hipotermia para RN).

O corpo docente da clínica pediátrica é formado por professores universitários, mestres, doutores e todos titulados pela Sociedade Brasileira de Pediatria ou em suas áreas de atuação (neonatologia, pneumologia, cardiologia, terapia intensiva, urgências, ortopedia, nefrologia, gastroenterologia, otorrinolaringologia e neurologia).

Recentemente tornou-se o primeiro hospital da Região Metropolitana de Belo Horizonte a oferecer um robô para cirurgias de alta complexidade, em convênio com a Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais.

Além dos médicos pediatras, há equipes de enfermagem, fisioterapeutas, fonoaudiólogos e farmacêuticos treinados para assistir com competência as crianças internadas.

27. Neocenter

Wagner Neder Issa

2017

A primeira Unidade de Terapia Intensiva do Neocenter foi inaugurada no dia 23 de outubro de 1992. Tratava-se de uma unidade de terapia neonatal, nas dependências da Maternidade Octaviano Neves, com apenas seis leitos.

Nosso objetivo principal era conseguir reproduzir aqui em Belo Horizonte os resultados que sabíamos ser viáveis no campo da terapia intensiva neonatal e pediátrica, já que havíamos testemunhado isso no exterior, durante nossa formação.

Nessa época, havia muitos colegas pediatras comprometidos com a terapia intensiva neonatal e pediátrica, visto que inicialmente as crianças eram tratadas no CTI de Adultos do Hospital das Clínicas e no CTI adulto do Hospital Felício Rocho, onde havia alguns leitos reservados para a pediatria. Esses pacientes ficavam sob os cuidados dos médicos José Sabino de Oliveira e Waldemar Henrique Fernal, respectivamente. O primeiro CTI dedicado exclusivamente à criança foi aberto na Santa Casa de Misericórdia, em março de 1980. Após doze meses da inauguração, diversas outras unidades no âmbito de hospitais gerais, aos quais essas unidades pertenciam, passaram a funcionar na capital.

Duas circunstâncias, entretanto, geravam apreensão e certo grau de insatisfação: não tínhamos o gerenciamento das unidades como pessoal, corpo clínico e especialistas, aparelhagem, logística e outras necessidades. Além disso, a especialidade pediátrica, como também a obstetrícia, era mal remunerada no que diz respeito a médico e ao hospital, o que apontava para uma tendência de que os hospitais, em um futuro próximo, viessem a eliminar seus serviços de pediatria e obstetrícia. Isso de fato aconteceu em grande escala nos anos que se seguiram. Era necessário tomar uma atitude que melhorasse o padrão das unidades, os resultados e salvaguardar a classe e a especialidade.

De 28 de abril a 2 de maio de 1992, aconteceu o IV Congresso Brasileiro de Terapia Intensiva Pediátrica, no Minascentro, em Belo Horizonte. Os meses que precederam esse evento propiciaram o acontecimento de diversos reuniões e encontros entre os coordenadores das UTIs Neonatal e Pediátrica

da Grande Belo Horizonte, responsáveis naquele momento pela organização do congresso, patrocinado pela Sociedade Brasileira de Pediatria e pela Sociedade Mineira de Pediatria.

Nessas reuniões, além de focarmos o objetivo primordial, isto é, a organização do congresso propriamente dito, começamos a trocar ideias sobre as atividades de cada um de nós e das unidades que coordenávamos nos diversos hospitais. Naquela época, duas das UTIs Pediátricas da cidade já haviam fechado suas portas.

Percebemos claramente que os problemas acima citados eram comuns à maioria de nós, sobretudo no que dizia respeito aos resultados e à autonomia no gerenciamento das unidades.

Essas reuniões continuaram após o congresso; resolvemos então, que abriríamos uma unidade autônoma, terceirizada, na qual assumiríamos por completo seu gerenciamento e as responsabilidades perante os órgãos competentes. Teríamos de achar algum hospital ou maternidade que se dispusesse a nos abrigar. Essa instituição foi a Maternidade Octaviano Neves, com a qual dois de nós, dentre os líderes, tínhamos amplo relacionamento.

Todos os coordenadores de serviços que participaram da organização do congresso foram chamados à tarefa, sendo os pioneiros que a aceitaram os doutores José Sabino de Oliveira, Waldemar Henrique Fernal, Wagner Neder Issa, Marcus Jannuzzi de Oliveira, Oswaldo Trindade Filho e Helder Paupério, que passaram a trabalhar com uma equipe composta dos seguintes especialistas: Hernani Alvarenga Machado, Nívio Braz de Lima, João Silvério, Renata Adda Ditta, Adriana Carla Fonseca, Cristina Toffani, Tilza Tavares, Cláudia de Souza Ferreira, Carlos Milton Ottoni, Paulo Sérgio Farinha da Silva. Esses foram os fundadores do Neocenter.

Com o passar do tempo, a instituição foi incorporando como sócios os doutores Rogério Godinho, Caroline Máximo Batista, Cristina Sabbatini Alves, Fernando Paupério, Alessandra Cazetta Sinhoroto, Bernardo Vinícius Gontijo de Moraes, Fábio Paupério, Marcelo Paupério, Thiago Januzzi, Sheila Machado, Narco Aurélio Oliveira e Aline Neder Issa.

Anos de crescimento e consolidação

Com a primeira unidade em marcha, percebemos que muito mais do que organizar uma unidade de UTI Neonatal, mediante o estabelecimento

de protocolos e de métodos de aferição de resultados, bem como adquirir equipamentos apropriados, era necessário fazer um grande trabalho de relacionamento e disseminação dos princípios e das possibilidades do tratamento intensivo neonatal. Iniciamos, então, uma série de simpósios internacionais sobre tratamento intensivo neonatal e pediátrico, dos quais participaram nossos antigos mestres estrangeiros e colegas brasileiros, trazendo atualização e avanços em neonatologia e pediatria. Dentre eles, participaram os professores Jean Laugier, Michel Rober, Francis Goldt e Chantal Mourrage, da Universidade de Tours, França; os professores Charles Bauer e Ronald Goldberg, da Universidade de Miami; o professor Josef Tobin da Universidade Wake Forest; o professor Jay Wilson e a professora Ann Starck do *Children's Hospital*, Boston e muitos outros.

Temas importantes como avanços no tratamento da prematuridade, técnicas sofisticadas de assistência ventilatória e circulatória, sedação e anestesia, ventilação de alta frequência, RN de mãe drogada, assistência perinatal e diversos outros assuntos foram apresentados e discutidos com a comunidade de neonatologistas, pediatras e obstetras de Minas Gerais.

Constatamos que nossa iniciativa vinha ao encontro de uma necessidade da capital e de Minas Gerais, o que foi comprovado pelo fato de nossos serviços serem cada vez mais requisitados.

Essa linha de compartilhamento de conhecimento com a comunidade médica foi mantida ao longo dos anos e se materializou na organização de uma residência para pediatras que almejassem continuar sua formação em terapia intensiva neonatal. Nosso trabalho continuou se materializando com a publicação do livro de Terapia Intensiva Neonatal, como também com participação em inúmeras entidades e comunidades científicas. Hoje, o Neocenter, com seus coligados, talvez seja a instituição de maior importância na formação de pediatras e subespecialidades pediátricas em Minas Gerais.

Com o sucesso do empreendimento, seu resultado positivo e o reconhecimento por parte da comunidade científica e pediátrica, houve a necessidade de aumentar o número de leitos da primeira unidade. A partir daí, seguiram-se vários convites de outras instituições hospitalares, que visualizaram na terceirização de uma atividade tão específica, especializada e que carece de sustentabilidade em pequena escala, a solução para as necessidades de seus clientes.

Em 1999, inauguramos a Unidade Neocenter-São Camilo, tradicional e importante centro de pediatria de Belo Horizonte. Um ano depois, foi aberta uma UTI Neonatal na Maternidade Santa Fé, em associação com os colegas do berçário. Em 2000, o Hospital Felício Rocho, que já tivera uma UTI Neonatal-pediátrica, solicitou ao Neocenter que implantasse uma UTI nas dependências do hospital. O que foi realizado com a inauguração da Unidade Neocenter-Felício Rocho.

O Neocenter também liderou a implantação de um dos hospitais mais importantes da Região Metropolitana da capital do estado, o Hospital Vila da Serra, situado no município de Nova Lima, que se tornou operacional no fim de 1999. Trata-se atualmente do maior centro maternoinfantil de Minas Gerais no âmbito privado, não só pelo número de casos que atende anualmente, mas também em razão de um importante programa de residência médica em áreas correlatas à pediatria e à obstetrícia. Mantendo aproximadamente 25% a 30% de suas atividades em diversas especialidades, reuniu competências à instituição, o que possibilita recursos ampliados no tratamento da mulher e da criança.

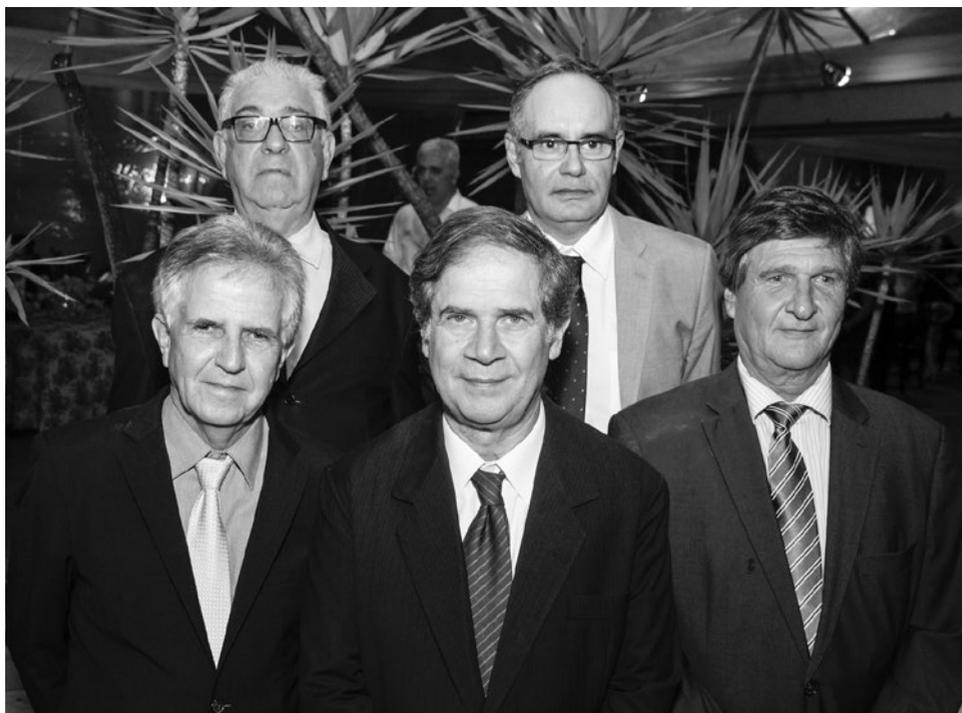
Posição atual e legado

O Neocenter não poderia ter sido bem-sucedido sem as inúmeras parcerias e o apoio que encontrou ao longo dessa caminhada: as instituições hospitalares que nos receberam, inicialmente a Maternidade Octaviano Neves, seguida pelo Hospital São Camilo, pela Maternidade Santa Fé e pelo Hospital Felício Rocho – o excelente corpo de enfermagem que, com dedicação, presteza e carinho, administram cuidados aos pacientes – os colaboradores e os colegas especialistas – as instituições no exterior que nos apoiaram recebendo membros de nossa equipe para complementação de sua formação – as entidades compradoras de serviços hospitalares e sobretudo os obstetras e os pediatras que depositaram e depositam confiança na nossa equipe até hoje.

Ao longo desses anos, grandes esforços foram feitos no sentido de melhorar nossos processos e aprimorar o tratamento de nossas crianças. Acreditações foram perseguidas e conquistadas em todas as unidades, equipamentos de ponta foram adquiridos, investimentos de recursos e tempo na formação de novas gerações de intensivistas neonatais e pediátricos foram disponibilizados.

Nossos resultados são equiparáveis aos serviços de Primeiro Mundo, e muito provavelmente fomos e somos elementos de transformação na qualidade do tratamento. Os hospitais que nos hospedam contam com a segurança que os permitem atender à gravidez de alto risco, aos pós-operatórios de cirurgias complexas, aos acidentados e aos casos de infecções graves.

Esse será o legado que o Neocenter deixará, além do serviço do dia a dia que acontece em cada uma de suas unidades: uma transformação no atendimento ao neonato e à criança que necessita de cuidados intensivos.



Sócios-fundadores do Neocenter – Atrás: José Sabino de Oliveira e Oswaldo Trindade Filho.
Na frente: Waldemar Henrique Fernal, Wagner Neder Issa e Marcus Jannuzzi de Oliveira
(Foto: Ana Paula Couto)

SEÇÃO D

**História da pediatria em 39
cidades de Minas Gerais, com
pediatras exclusivos há várias
décadas**

Obs: Belo Horizonte, Juiz de Fora, Uberaba e
Uberlândia – na Seção B. Caps 3-7.

28. Alfenas

Orlando Antônio Pereira

2017

Alfenas é uma cidade que fica na Mesorregião Sul e Sudoeste de Minas, a 378 quilômetros de Belo Horizonte. Com uma população de 79.222 habitantes, o município tem sua economia baseada na agropecuária, sendo um grande centro produtor de café.

A história da pediatria em Alfenas só começa mesmo mais de 60 anos depois do início da medicina na cidade, época da fundação da Santa Casa de Misericórdia, em 14 de julho de 1907, quando um grupo de médicos se uniu para atender a população carente da cidade. O primeiro terreno foi doado pelo Dr. Gaspar Lopes, que, junto a outros alfenenses, criou uma irmandade, cujo objetivo era angariar fundos para a construção do prédio. Novas terapêuticas e novas tecnologias foram surgindo ao longo do tempo, fazendo com que o governo passasse a liberar verbas para a aquisição de materiais e equipamentos, com o objetivo de melhor atender o paciente da Santa Casa.

Outro aspecto importante da evolução da pediatria e da medicina em Alfenas foram as inaugurações do curso de medicina da Universidade José do Rosário Vellano (Unifenas), em 1989, e do Hospital Universitário Alzira Vellano. Um ano após, várias residências médicas tiveram início, inclusive a de pediatria. No ano 2000, a Universidade aderiu à Política Nacional de Atenção Básica, quando terminou o internato rural e implantou as Unidades de Saúde da Família.

A pediatria, como especialidade, teve início na cidade de Alfenas no final da década de 1960 com os pediatras Otair Costa Swerts, em 1969, e Gilson de Carvalho, posteriormente, já na década de 1970. Permaneceram por pouco tempo na cidade.

Depois, chegou à cidade o Dr. Paulo Marques de Carvalho, que atendia em consultório crianças e também adultos. Foi um médico muito querido, entretanto, faleceu muito novo.

Dr. José Carlos Miranda, formado pela Unidade Estadual de Campinas (Unicamp), foi o primeiro pediatra a atuar somente em pediatria, em consultório e na área hospitalar na Santa Casa de Misericórdia de Alfenas. Foi um

dos fundadores do Hospital Imesa e do plano de Saúde Serpram. Exerceu o cargo de presidente da Regional Sul da Sociedade Mineira de Pediatria no período de 1992 a 1996.

Orlando Antônio Pereira chegou a Alfenas no final de 1978. Formado em Belo Horizonte, na Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais em 1974, onde fez também a residência médica. Com ele foi iniciado o atendimento da pediatria na Prefeitura Municipal e no Serviço Público Federal, antigo Inamps e, posteriormente, no Ministério da Saúde (SUS). Foi um dos primeiros professores de pediatria no Curso de Medicina da Unifenas, onde ainda faz parte do corpo clínico e docente da faculdade.

Fábio Resende veio no início dos anos 1980, clinicando no Hospital Imesa, onde tinha consultório, e na Santa Casa. Faleceu após duas décadas no atendimento em pediatria na cidade.

Em 1985, chegou a Alfenas o pediatra Paulo Afonso Duarte Dias, formado na Faculdade de Ciências Médicas de Pouso Alegre em 1982, onde também fez a residência médica. Atua na Santa Casa de Misericórdia de Alfenas e em consultório próprio.

Ainda na década de 1980 os pediatras, Olívia Denise Macek, Antônio Carlos e Marcelo Libânio passaram a atender no município.

Depois que foi criada a cadeira de pediatria e puericultura no Curso de Medicina da Unifenas, a cidade passou a gozar de um atendimento pediátrico ambulatorial e hospitalar bastante abrangente, com pediatras que chegaram como professores e residentes em pediatria. Dentre eles, se destaca Antônio Henrique de Paiva, que foi o primeiro residente em pediatria e que permaneceu na Faculdade de Medicina como professor e médico do corpo clínico. Fazem também parte do corpo clínico e docente do Hospital Universitário Alzira Velano (Huav), da Faculdade de Medicina de Alfenas, os pediatras Maria Natália Andrade, Annie Beatriz de Carvalho, Débora Mônica Vieira, Cassandro Moreira, João Francisco Gama Neto, José Reinaldo Oliveira Duarte, Marcelo França, Mateus Pagani de Paiva, Naiara Silva Cosmo de Araujo e Nayara Neves Mariano. Muitos outros pediatras atuam na cidade, entre eles as doutoras Rita de Cássia Reis, Dariane Rocha, Francine Moraes Alves, Luciani Pigatini, Flávia Porto, Elizabeth Gill Barbosa e Maria Cristina Quirino.

Atualmente, Alfenas conta com o Hospital Universitário Alzira Velano (Faculdade de Medicina da Unifenas), que mantém o único pronto-socorro

com plantão de pediatria 24 horas na região e atendimento médico não só da cidade, mas de toda a área de abrangência.

Paulo Marques de Carvalho (1938-1986)

Um dos pediatras que merece destaque na história da pediatria de Alfenas é Paulo Marques de Carvalho. Nasceu em Cruzeiro, São Paulo, no dia 21 de novembro de 1938 e graduou-se em medicina na Faculdade Nacional do Rio de Janeiro, em 1963. Por convite do então prefeito Adolfo Engel, foi para Alfenas, onde exerceu a clínica pediátrica, sempre muito atencioso no atendimento a seus pequenos clientes. Fundou o 1º Ambulatório e Posto de Puericultura da região e, por esforço pessoal, conseguiu várias doações que possibilitaram estruturar, no mesmo local, uma clínica de fisioterapia e uma creche. Faleceu em cinco de setembro de 1986 e hoje, em sua homenagem, uma das ruas da cidade tem o seu nome.

FONTES

Site da Santa Casa de Misericórdia de Alfenas. Site da Unifenas.

Breve História da Pediatria em Minas, Dr. José Guerra Lages.

29. Araguari

Antônio Ferreira

2017

Araguari está entre os 300 municípios com o maior Produto Interno Bruto (PIB) do estado. Sua economia é baseada na agropecuária, em especial o café, considerado um dos de melhor qualidade do Brasil e do mundo. Produz outros grãos como soja, feijão, arroz e, ainda, frutas para abastecer as indústrias de suco locais.

Em 1976, quando iniciei meu trabalho em Araguari, no Triângulo Mineiro, tínhamos informações sobre 80.000 habitantes na cidade, Uberlândia contava com 150.000, já com a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em expansão e, em Catalão, Goiás, havia 60.000. Hoje, temos uma população de 120.000 habitantes, Uberlândia está com 750.000 e Catalão 100.000.

Naquela época, a cidade contava com cinco hospitais particulares e uma Santa Casa de Misericórdia, onde eram atendidos os indigentes e os pacientes do Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (Funrural). Nos hospitais aportavam pacientes de convênios, tais como os da Caixa Econômica Federal e do Banco do Brasil (BB), além de clientes particulares e do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS).

Pronto-Socorro? Só nos hospitais particulares. A Santa Casa era mantida por doações de empresários, fazendeiros e abnegados médicos, que faziam o atendimento sem pensar em remuneração.

Existia um posto de saúde no centro da cidade onde havia apenas três vacinas para as crianças: Sabin, BCG e DPT. As imunizações contra sarampo, rubéola e caxumba só eram feitas em alguns consultórios particulares. Vários familiares se negavam a vacinar seus filhos, argumentando que deixavam por conta de Deus. Surgiram, então, diversos casos de paralisia infantil, sarampo, caxumba e rubéola. Quanto aos primeiros testes do pezinho realizados, eu mesmo colhia o sangue, encaminhava o material para ser examinado em São Paulo, através da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) de nossa cidade.

As consultas de crianças, muitas vezes, eram realizadas por clínicos gerais, cirurgiões e obstetras pelo vínculo que a família tinha com o médico. Neste assunto específico, tive dificuldade de fazer ver aos pais que o pediatra estava mais preparado para atender seus filhos. Alguns obstetras não viam com bons olhos a nossa presença na sala de parto. Não foi fácil fazê-los entender o contrário. A conscientização da nossa importância veio com o tempo.

Quando cheguei, existia o berçário. No entanto, aos poucos o aleitamento materno passou a ser estimulado já nas primeiras horas do nascimento, e o bebê começou a ficar direto com a mãe; o berçário ficou somente para o recém-nascido patológico. As incubadoras eram daquelas aquecidas com água em serpentinas, ou com garrafas de plástico cheias de água morna. Muitas vezes colocávamos os prematuros envoltos em algodão dentro de uma caixa de sapato para mantê-los aquecidos.

Na chegada, reconheci Antônio Nunes de Carvalho Filho, antigo pediatra, que me consultava quando vinha de Catalão pelas mãos de minha mãe. Como não se lembrasse do ex-cliente, confessei isso pra ele, e percebi sua fisionomia dizer: “Nossa, há quanto tempo!” Ele foi o primeiro pediatra de fato

na cidade, mas foi também vice-prefeito e chegou a trabalhar no II Batalhão Ferroviário de Engenharia do Exército, mas em pouco tempo se aposentou.

Outro pediatra que exerceu a especialidade por algum tempo em Araguari foi Nilo Marciano de Oliveira. Ele já estava morando em BH, quando tive a oportunidade de conhecê-lo e estar com ele uma única vez. Soube o quanto ele era querido na cidade. Em Belo Horizonte, Dr. Nilo tornou-se um pediatra muito atuante junto à Sociedade Mineira de Pediatria e ao Sistema Unimed. Graças aos relevantes serviços prestados ao cooperativismo médico, seu nome foi dado ao prêmio “Marketing Federação das Unimeds Dr. Nilo Marciano de Oliveira”, criado pela Federação das Unimeds.

O município mantinha ainda outros dois pediatras: Sebastião Campos, muito inteligente e articulador político de primeira, que logo se aposentou, e o meu estimado amigo Aparício Fernandes de Melo, um mestre em puericultura, que dava verdadeiras broncas nas mães, mandando-as dar banho nos filhos. Hoje aposentado, mas continua vivendo na cidade. Mantemos o nosso convívio.

Outros colegas vieram fortalecer a imagem do pediatra no município, passando os pais a nos procurar, tanto na puericultura quanto na doença de seus filhos. Pediatra na sala de parto passou a ser rotina em todos os hospitais.

Na época tínhamos muitas consultas em domicílio, sempre acompanhadas de cafezinho e pão de queijo. Muitas vezes as consultas eram pagas com queijo, peixe, maracujá, tomates, leitoa e até frango vivo.

Por mais de trinta e oito anos prestei atendimento na Santa Casa, trinta dos quais, praticamente sozinho. Era minha paixão esse serviço gratuito. Com o avançar das políticas sociais, vários postos de saúde foram criados nos diversos bairros da cidade e dos distritos, e praticamente atendi em todos.

Hoje, Araguari tem dois hospitais particulares em funcionamento e a Santa Casa para internações; uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA), várias Unidades Básicas de Saúde, uma Policlínica e uma Unidade de Atendimento Materno Infantil. A Faculdade de Medicina do Instituto Master de Ensino Presidente Antônio Carlos (Imepac), instalada há quinze anos, tem uma parceria com a Prefeitura Municipal para atendimentos nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) e na UPA, e ainda no Ambulatório de Especialidades. A Faculdade de Medicina mantém uma parceria com a Santa

Casa. Na Santa Casa, temos enfermarias de clínica médica, ginecologia e obstetrícia, pediatria, neonatal e adulto.

Por fim, quero terminar dizendo que sou muito feliz por ter vivido toda essa transformação da pediatria na cidade, fazendo parte dela e continuando o trabalho para melhores dias de nossas crianças.

30. Baependi (Circuito das Águas)

Edson Lopes Libânio
2017

Baependi fica na Mesorregião Sul/Sudoeste de Minas, a 380 quilômetros de Belo Horizonte e conta com uma população de 79.222 habitantes. Faz parte do Circuito das Águas, juntamente com as cidades de São Lourenço, Itamonte, Pouso Alto, Caxambu, Conceição do Rio Verde e outras. Uma das cidades mais antigas de Minas Gerais, Baependi é um dos maiores municípios de sua região e sua economia é baseada na agricultura, comércio, artesanato, na comercialização de pedras de quartzito e no turismo.

Como se nota nas minibiografias dos colegas mais antigos do Circuito das Águas, descritas neste capítulo, a história da pediatria como especialidade médica é relativamente recente, certamente não ultrapassando 60 ou, no máximo, 70 anos. Antes disso, quase todas as cidades da Micro-região tinham um ou dois abnegados colegas que prestavam assistência médica à população, incluindo as crianças.

Chama a atenção, na assistência hospitalar de antigamente, o profundo desinteresse pelo atendimento às crianças. A pediatria era sempre relegada a um segundo plano, pois nunca havia a preocupação de colocá-la em um local onde as crianças pudessem ser alojadas com dignidade. Esses departamentos ou serviços em nossa região eram, via de regra, o local mais isolado, escuro e sem ventilação dos hospitais. Até hoje me pergunto por quê.

Lembro-me muito bem que, até a década de 1990, no hospital de Baependi (hoje um ótimo hospital e uma referência de qualidade) a enfermaria de pediatria tinha aproximadamente 8m² e internávamos ali oito crianças em

bercinhos de metal, frequentemente menores que as crianças. E como internávamos! Fora os crônicos, os desnutridos, as paralisias cerebrais.

Certa época em Baependi, depois de muito pedir e esbravejar, o administrador do hospital arrumou um local maior para a pediatria. Seria perfeito se não fosse um detalhe cômico: o local era fora do hospital, numa construção ao lado, onde antes isolavam os tuberculosos!

Hoje, embora se interne muito menos como consequência dos cuidados de puericultura e imunização, a pediatria nesse mesmo hospital ocupa uma área de aproximadamente 100 m², com quatro salas, além do isolamento. Localizada em espaço nobre do hospital, com brinquedoteca, brinquedos eletrônicos e estrutura própria. Fatos semelhantes ocorreram em outros hospitais do Circuito das Águas.

Outra anomalia que era regra, e mais cruel ainda, a proibição de pais ou parentes acompanharem as crianças, que eram internadas sozinhas. Pensemos no terror das crianças, sobretudo os pré-escolares e escolares, que, enfermos, padecendo de dor, dispneias e desconfortos, eram alijados da companhia dos pais. Isso só mudou a pouco menos de 30 anos, quando foi implantado o programa da “mãe acompanhante”, abraçado de forma pioneira pela Regional Sul da SMP, fundada por esses primeiros pediatras no ano de 1986.

Então, na realidade, esses aspectos começaram a mudar com a chegada dos primeiros pediatras que, a duras penas, enfrentavam as dificuldades impostas pela situação. Não é de se espantar, tendo em vista o exposto acima, as altíssimas taxas de mortalidade infantil naquela época. Na década de 1950, esta taxa na região ultrapassava 150 recém-nascidos em um grupo de mil nascidos vivos (hoje, a taxa do Afeganistão) e, atualmente, em Baependi é menor que 7 (compatível com localidades de alto IDH). No plano individual as dificuldades eram imensas, não só na completa falta de estrutura para atendimento pediátrico, como procurei descrever, mas também na falta de conhecimento da especialidade pela população.

Como pediatra e pioneiro na pediatria nestas terras do interior, situações embaraçosas e hilárias fazem parte também do nosso cotidiano. À guisa de ilustrar as dificuldades, vou contar três “causos acontecidos”: Quando iniciei em Baependi, em 1982, frente a um caso grave de GND, solicitei ao administrador do hospital que providenciasse uma braçadeira de esfignomanômetro de 9 cm. E a resposta – por escrito – foi de que criança não tinha pressão!

Também lá pelos idos da década de 1980, fui assistir a um jogo do Atlético Mineiro, o meu Galo, em um bar da cidade. Um senhor grisalho me abordou, dizendo que estava decepcionado com minha atuação. A princípio até pensei tratar-se de minha opção clubística, mas que nada! O senhor da alta sociedade de Baependi tinha levado um neto com entorse no tornozelo e eu não tinha atendido. Optei por encaminhar o garoto ao hospital de São Lourenço, onde havia clínica ortopédica (onde tinha ortopedista). Aí o senhor Pedro (nome fictício) questionou: “Como pode um PÉdiatra não tratar um simples tornozelo inchado?” Custei a entender que ele achava que eu era especialista em pé, portanto, também em tornozelo inchado.

De certa feita, Dona Maria Anésia, pessoa muito humilde e grande amiga já septuagenária, procurou-me por causa de zumbido no ouvido. O argumento é de que eu tinha resolvido um problema crônico de efusão otológica de seu netinho. O sucesso no tratamento do neto motivou sua ida a meu consultório para que tratasse o seu zumbido, segundo ela, problema até mais simples. Com a explicação de que eu tratava só de crianças, de modo singelo e carinhoso, disse: “Entendi, mas não fique triste. Você é jovem, com o tempo aprende e trata de todo mundo como o Dr. Ítalo...”

Passados quase 40 anos, confesso que ainda não aprendi. Continuo somente com minhas crianças.

Algumas biografias de pediatras no Circuito das Águas

O primeiro médico a exercer quase exclusivamente a pediatria no Circuito das Águas foi o Dr. Bosquinho, em São Lourenço. Era conhecido como Médico das Crianças. Infelizmente são poucas as informações, mas trabalhou nas décadas dos anos 1950 e 1960.

José Orígenes Penha

Foi o segundo médico a chegar à região e o primeiro a exercer exclusivamente a pediatria. Ele escolheu a cidade de Cruzília para exercer sua profissão. Nasceu em 1923 e, formado pela Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais em 1949, hoje Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), foi para Cruzília em 1951. De vida franciscana, sua atuação profissional foi pautada pela total dedicação aos mais pobres, à prevenção das doenças da infância através de orientação e trabalhos visando o saneamento básico, o incentivo ao aleitamento materno e à imunização. Ele era chamado pelos

clientes e até pelos seus colegas como “tio Orígenes”. Profissional competente, afável, com temperamento conciliador e adorado pelos clientes e por todos os colegas, tio Orígenes militou por muitos anos em Cruzília, famoso polo de medicina da região do Circuito das Águas, onde exerceu cargos políticos como vereador e prefeito daquela cidade. Faleceu em 1990. Em frente ao Hospital de Cruzília consta uma placa em homenagem ao decano dos pediatras do Sul de Minas, cujo título lhe foi outorgado pela Regional Sul de Minas.

Luiz Constantin Godtfredsen

Outro antigo pediatra no Circuito das Águas é da cidade de Caxambu: Luiz Constantin Godtfredsen, da colônia dinamarquesa. Formado em 28 de dezembro de 1958 no Rio de Janeiro, fez residência pediátrica no Hospital Jesus. A partir de 1960, exerceu a especialidade em Minduri, cidade próxima de Caxambu, onde seus familiares fabricavam queijos finos. Em 1963 estabeleceu-se em definitivo em Caxambu, onde se encontra até hoje. Trata-se de um pediatra “jovem, embora octogenário”, dinâmico, ótimo médico e amigo, está em pleno exercício da pediatria. É carinhosamente chamado pelos clientes e colegas de “Dr. Luizinho”.

Décio Lopes Mota

Outro desbravador da pediatria na região é da cidade de Passa Quatro: Décio Lopes Mota. Nascido em Bom Jardim de Minas e formado pela Universidade da Guanabara, atual UERG, em 1964. Após fazer residência em pediatria por dois anos no Instituto Fernandes Figueira, no Rio de Janeiro, veio para a região, onde foi um dos pioneiros no exercício da pediatria. Por se tratar de profissional competente e dinâmico, seu prestígio se estendeu a toda a região sul mineira até o estado de São Paulo. Encontra-se em plena atividade profissional em Passa Quatro, atuando com exclusividade em seu consultório.

Gabriel Pereira Filho

Em São Lourenço, foi dos primeiros a exercer a nobre especialidade. O Gabriel é o típico *workaholic* e *worklover*. Viveu e vive para a medicina e para a pediatria. Ele fez o curso médico na Faculdade de Ciências Médicas de Belo Horizonte. Ao completar o curso em 1969, foi para São Lourenço em 1972. É o atual presidente da Unimed Circuito das Águas, tendo sido um dos desbravadores da pediatria regional. Sua marca é o espírito empreendedor e

dinâmico, admirado por sua atuação sempre com muita garra e persistência. Apesar de suas inúmeras atividades está sempre presente no Hospital, na UTI e no consultório. Dentre seus vários feitos está a fundação de uma das primeiras UTIPS do Sul de Minas, onde até hoje é o baluarte.

31. Barbacena

Luiz Mauro Andrade da Fonseca
2007

Barbacena fica na Mesorregião Central do estado e possui uma população de 125.829 habitantes. A 173 quilômetros da capital, o município tem uma economia baseada na agropecuária, com a produção de leite e derivados e de rosas.

Desde o início do século XVIII, Barbacena é uma referência importante na história de Minas Gerais. Com autonomia administrativa a partir de 1791, a vila de Barbacena possuía vasto território, que abrangia a região da Borda do Campo e parte da Zona da Mata, inclusive Juiz de Fora e Santos Dumont.

Terra de três governadores, de muitos políticos ilustres, de alguns incondidentes e da Revolução Liberal de 1842, a cidade tem exemplos que bem ilustram a sua grande história.

Oficialmente, os primeiros médicos barbacenenses tiveram cargo de físico-mor ou cirurgião-mor (por exemplo, o cirurgião-mor Luiz Faustino de Araújo, no século XVIII), com a finalidade de fiscalizar o desempenho da medicina por médicos e cirurgias práticas, barbeiros, sangradores, dentistas, veterinários, enfermeiras e parteiras.

O século XIX destacou médicos e políticos, como Camila Maria Ferreira (1815-1888), o conde de Prados, José Rodrigues de Lima Duarte (1826-1898), dito visconde de Lima Duarte, e Belisário Augusto de Oliveira Pena, famoso sanitarista, um dos seguidores de Oswaldo Cruz.

Todos eram clínicos e/ou cirurgias. O exercício da pediatria, como especialidade distinta, apareceu na primeira metade do século XX. Em 1943, foi

fundado o Instituto de Maternidade e Assistência à Infância Nossa Senhora da Piedade (“Policlínica”). A diretoria da instituição indicou para o Setor de Pediatria o Dr. José Teixeira e Silva, que passaria a ser o responsável e o encarregado pelo atendimento pediátrico. Aposentado nos dias atuais é considerado o mais antigo pediatra da comunidade.

Em 1947, uma relação de médicos locais indicou como pediatras os médicos Alberto Vieira Pereira, o já citado José Teixeira e Silva e Francisco de Figueiredo Abranches (1919-1969). Estes médicos passaram a fazer parte do Departamento de Pediatria da Associação Médica de Barbacena, criada em 16 de fevereiro de 1952.

Nos anos 1960, novos profissionais, como Moacir Salim (1929-2006) e Mauricio José da Silva (1930-1999), exercem a clínica pediátrica, pelo menos em parte. Nos anos 1970, surgem renomados pediatras puros, como Rubens Crespo (1933-1988), o primeiro a ter um título de especialista, Paulo Siloé de Carvalho, Honório Teixeira de Carvalho e Bartolomeu Gerônimo Ribeiro. O pediatra José Américo de Rezende (1924-1989) exerceu o cargo de diretor da Faculdade de Medicina de Barbacena durante muito tempo.

Pediatras em atividade até meados de 2007: Adriana Helena Bortolus, Andréa Ribeiro Brasil, Ângelo Dias Feres, Bartolomeu Gerônimo Ribeiro, Benedito de Oliveira Veiga, Carlos Frederico Cardoso Aires, Eurico Machado de Souza, Evandro César Fontes Ferreira, Heloísa Maria Quintão Lara, Honório Teixeira de Carvalho Neto, Janaína Bianca de Oliveira, João Ícaro Ferreira dos Reis, João Luiz Coutinho Crespo, Larissa Durço Damasceno, Luciana Moreira Couto Martin, Luiz Chartuni Teixeira, Márcia Aparecida de Paula Miranda, Márcia Maria Leal, Marco Antônio Martins de Carvalho, Margareth Ferreira de Moraes, Maria Aparecida Bragança Reis Neves, Maria Cristina Moreira Rocha, Maria de Fátima Souza Soares, Maria do Carmo Fortes Ananias, Maria Lucrecia Amaral Tafuri, Maria Madalena Matos Orepüller, Melissa Durço Damasceno, Solange de Castro Costa, Sônia Rita da Silva Pinto e Terezinha Springer.

FONTES

Associação Médica de Barbacena.

Catálogos da Associação Médica e Unimed-Barbacena.

Centro de Memória Belisário Pena.

32. Betim

Carlos Eduardo Magalhães
2017

A 26 quilômetros da capital e localizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte, Betim tem uma população de 422.354 habitantes e é a quinta maior cidade do estado. Sua economia é baseada no setor industrial, o que mais emprega no município.

Até o final de 1965, o atendimento às crianças em Betim era feito por médico generalista, nem sempre com presença diária na cidade. A falta de saneamento básico e infraestrutura, a precariedade de condições na área epidemiológica, educação, as deficiências nutricionais e o pouco enfoque na prevenção tornavam precário o atendimento ao pequeno paciente no município.

A partir daquele ano, no entanto, com a inauguração do hospital Nossa Senhora do Carmo, o cenário começou a mudar. Componentes do corpo clínico, os doutores Hécio Barbosa Cambraia e João Eliziário atendiam basicamente a pediatria, mas atuavam também em outras áreas. As crianças, dependentes de funcionários da Cerâmica Saffrann, eram cuidadas nos consultórios por credenciamento direto.

Em 1969, Datis Magalhães se tornou o primeiro pediatra a se dedicar exclusivamente às crianças. Em seguida, por ocasião da instalação da Fiat, foi inaugurada a Clínica da Criança, tendo como proprietários os doutores Afonso Alves Mendonça, Antônio Augusto N. Leão, Geraldo Ezequiel de Oliveira, Geraldo Paulino Filho, Carlos Alberto Takahashi e Valdir Franqueira. Atualmente, a clínica é dirigida por Shirley Abreu e Geraldo Ezequiel de Oliveira.

Outros se estabeleceram na cidade, como os doutores Hélio Krollmann, Maria Consuelo, Antônio Augusto de Figueiredo, Paládio Henriques Junior, Márcio Arantes, Patrícia Cypriano e Meire Del Carmo. Atualmente, há um número expressivo de pediatras, muitos deles residindo no município.

Há alguns anos, existia apenas uma Unidade Básica de Saúde, onde Antônio Carlos Ludgero dava atendimento. Em 1996, a infraestrutura

hospitalar da cidade foi ampliada: a rede básica passou a ter novas UBS e o Hospital Regional de Betim foi inaugurado, com atendimento de alto padrão e complexidade, contendo enfermaria, pronto atendimento, UTI Neonatal e Pediátrica.

O Hospital Nossa Senhora do Carmo foi arrendado pela Unimed Betim em 1990. Houve reforma e ampliação na pediatria, inauguração da Neonatal e Pediátrica, sob a coordenação de Jorge Veloso, permitindo a realização de procedimentos de alta complexidade, antes encaminhados para Belo Horizonte.

Em 2013, com a incorporação da Unimed Betim pela Unimed BH, o processo teve continuidade e, atualmente, o Hospital Unimed BH/Betim tem Maternidade de Alto Risco com atendimento ao RN, exclusivamente feito por neonatologistas, 20 leitos de UTI Neo-pediátrica, plantão em Pronto Atendimento com três pediatras, cirurgias pediátricas de grande porte e enfermaria de pediatria. Desde 2015, o hospital mantém residência na especialidade, reconhecida pelo MEC.

Hoje são dois grandes serviços: Hospital Regional de Betim sob a coordenação de Ana Paula Almeida Rezende e Hospital Unimed BH–Betim sob a coordenação de Cristiano Jose Bento. O Hospital da Unimed BH/Betim mantém ainda o Centro de Formação de Residentes em Pediatria, supervisionado por Carlos Eduardo Mariz Magalhães.

33. Bom Despacho

Mariana Nogueira Oliveira Campos
2017

Localizada na região Centro-Oeste de Minas Gerais, Bom Despacho fica a 156 quilômetros da capital mineira, com uma população estimada, segundo dados do IBGE de 2016, de 49.650 habitantes. É considerada polo para algumas cidades de pequeno porte próximas e, em 2015, recebeu o título de 4ª melhor cidade de pequeno porte de Minas Gerais em qualidade de vida.

A saúde em Bom Despacho sempre foi referência para os municípios da região e, desde 1903, conta com o suporte hospitalar da Santa Casa. Na década de 1940, Bom Despacho teve como prefeito Hugo Gontijo, pediatra, recém-formado, que fundou o primeiro posto de saúde na cidade e também o lactário para melhorar a alimentação das crianças e diminuir os índices de desnutrição. Posteriormente, ele se mudou para Belo Horizonte, fundou o Instituto de Pediatria e trabalhou por mais de 20 anos no Hospital da Baleia, sempre levando consigo o nome da sua cidade de origem. Ele e seu irmão Guilherme Gontijo foram pediatras bom-despachenses com relevância significativa na pediatria do estado.

Até o início da década de 1960, o atendimento em Bom Despacho era realizado por médicos generalistas, que prestavam assistência às crianças e aos recém-nascidos; os partos eram realizados na Santa Casa. O surgimento da pediatria como especialidade médica no município se deu através do trabalho de uma médica, Geralda B. de Mesquita, em 1964, que, vencendo preconceitos ainda muito arraigados na época, foi a primeira pediatra a atender na cidade. Seu trabalho promoveu melhorias importantes na assistência à saúde das crianças. Posteriormente, essa doutora tornou-se também anestesista.

A cidade crescia e com ela o desenvolvimento da pediatria, o que foi comprovado em 1969, com a fundação do Hospital Dr. Miguel Gontijo, onde havia uma maternidade que funcionou até 2014.

Algum tempo depois da criação do hospital, chega à cidade Roberto Valadares, pediatra, que na década de 1970 também trabalhou e dedicou muito tempo à assistência pediátrica. Celso Ribeiro, pediatra de Bom Despacho, retornou para a sua cidade de origem, após ter terminado sua residência de pediatria no antigo Centro Geral de Pediatria (CGP), hoje Hospital Infantil João Paulo II (HIJPII). No ano seguinte, foi a vez da chegada de sua esposa, Ana Maria Haddad, pediatra e neonatologista. Ambos muito dedicados prestaram assistência não só às crianças da cidade, mas também de toda a região. Fundaram a primeira clínica de vacinas, em atividade até a atualidade. Muito estudiosos e comprometidos com seu trabalho, complementaram sua formação com subespecialidades importantes: ele especializou-se em hebiatria e ela em cardiologia pediátrica e ecocardiografia pediátrica.

No final dos anos 1980 e início da década de 1990, chegaram à cidade as doutoras Mércia Maria Silva e Carmélia Ferreira, hoje em atividade na Maternidade da Santa Casa. Mais tarde, Sérgio Cabral, outro pediatra de Bom Despacho muito envolvido com as políticas sociais, foi trabalhar no programa “Médicos Sem Fronteiras”.

O município ganhou mais uma pediatra/intensivista/neonatólogista em 1995, que retornou à sua cidade de origem após sua formação: Alessandra Batistuta. Ela trabalhou por muitos anos no Hospital Dr. Miguel Gontijo e atualmente atende em sua clínica e na Maternidade da Santa Casa; trabalha com vacinas.

Fernando Becker veio para a cidade em 2008 para exercer sua especialidade de pediatria. Também muito envolvido com as políticas assistenciais. Atualmente, além de atender em seu consultório, está em seu segundo mandato como vereador.

Mais uma pediatra e também neuropediatra mudou-se para a cidade em 2015, Luiza Gruppioni, que agregou valor à qualidade da pediatria na cidade, principalmente em sua subespecialidade. No ano seguinte, outra neuropediatra chega para enriquecer o corpo clínico pediátrico do município: Juliana de Oliveira. Ambas trabalham na Santa Casa, além de atenderem em seus consultórios. Em 2016, chegou para enriquecer os quadros da pediatria da cidade a pediatra/intensivista Mariana Nogueira, que atende em seu consultório na Policlínica do Município e na Pastoral da Criança. Neste ano de 2017, mais duas pediatras, Sarah F. Gonçalves e Maísa Gontijo, vieram colaborar para o crescimento da especialidade na região.

Portanto hoje, há na cidade dez pediatras atuantes, compondo o corpo clínico pediátrico de Bom Despacho. Muitas melhorias ainda precisam ser implementadas, mas pode-se notar um progresso importante na assistência à saúde da criança no município, sempre com o objetivo de atender um número cada vez maior de crianças e adolescentes.

34. Carangola

Humberto Aguiar Andrade
2017

Localizada na Mesorregião da Zona da Mata no estado, o município tem 33.513 habitantes e dista 357 quilômetros da capital. Grande produtora de leite e derivados, a cidade está localizada estrategicamente entre os estados de Minas, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Fundada nos idos de 1907, a Casa de Caridade de Carangola presta serviços à população local há mais de um século, goza de reconhecimento público pela notoriedade e extensão de seus serviços e é voltada exclusivamente para o atendimento médico-hospitalar à população do Vale do Carangola e da vertente do Caparaó. É, ainda, referência no atendimento de urgência e emergência do estado de Minas Gerais e considerada hospital estratégico pelo Ministério da Saúde, atendendo a uma população de aproximadamente mais de 520.000 habitantes, abrangendo 36 municípios, com uma média de atendimento de 85% categoria SUS. Possui variadas opções de convênios e particulares, atendendo 24 horas por dia. Destaca-se por ser um importantíssimo polo de atendimento da Zona da Mata. Possui 163 leitos e um corpo clínico com 70 médicos, atuando em diversas especialidades. A instituição trabalha visando sempre a qualidade dos serviços e o bem-estar dos clientes e seus familiares.

Em tempos passados, a Casa de Caridade de Carangola, que é um hospital filantrópico, passava por grandes dificuldades. A população estava com a saúde precária e não havia vacinação efetiva por parte dos órgãos competentes de cuidados com a saúde pública, nem profissionais especialistas.

O início do serviço de pediatria se deu em 1942, com a chegada de João Hipólito Sobrinho, quando acumulava as funções de médico pediatra e anestesista. Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, prestou serviços no hospital até 1968.

Em 1964, iniciou suas atividades na entidade Fausto Hippert Verdini, formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, médico generalista e pediatra. Lá ficou até 1999.

De junho de 1974 até os dias atuais, o hospital conta com a atuação do pediatra Humberto Aguiar Andrade, formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e residência médica no Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em 1985, a Casa de Caridade recebeu e mantém até hoje Antônio Albuquerque Alvim Lima, também pediatra, formado pela Universidade Federal de Juiz de Fora; fez residência médica no Hospital Escola da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Maria Jacintha Hosken Lacerda foi admitida no corpo clínico do hospital em 1992. Formada pela Universidade Federal de Juiz de Fora, pós-graduada pelo Instituto de Pós-Graduação Médica Carlos Chagas, ela tem o Título de Especialista em Pediatria (TEP) conferido pela Associação Médica Brasileira e Sociedade Brasileira de Pediatria. Permaneceu na instituição até 2013.

Em diferentes períodos passaram pela instituição outros pediatras, entre eles as doutoras Kétlene Reikher Antunes, Fernanda Leandro Oliveira Rocha e Ana Carolina Soares Sá. Recém-admitida Juliana Otoni da Cunha, em março de 2017, é formada pela Universidade Iguazu, Campus V, Itaperuna, Rio de Janeiro; residência médica no Hospital César Leite em Manhuaçu, MG encontra-se em período de estágio probatório.

Ao longo dos anos, a pediatria do hospital passou por um processo de humanização no atendimento e um dos aspectos desse processo foi a permissão, no início dos anos 2000, da presença de acompanhantes ao menor internado, durante todo o seu tempo de permanência no hospital. Além disso, em todo o hospital tem havido melhorias constantes na parte física, logística, modernização de equipamentos e na assistência com integração de cuidados de equipe multidisciplinar.

A Caridade de Carangola possui uma UTI Neonatal com 11 leitos e foi a primeira UTI da região da Vertente da Zona da Mata, implantada pelo convênio assinado entre a Secretaria de Saúde do Estado de Minas Gerais, o / Sistema Único de Saúde (SUS) do estado e o Fundo Estadual de Saúde (SES/SUS-MG/FES). A UTI foi inaugurada em 8 de março de 2013, estando hoje em pleno funcionamento com toda a sua capacidade instalada, contando na assistência com profissionais de diversas áreas.

Atualmente, a pediatria possui 22 leitos, uma brinquedoteca bem equipada e área de laser com diversos brinquedos para recreação das crianças internadas.

Walker Tonello

Este grande médico merece destaque, pois foi um dos pioneiros na pediatria na cidade de Carangola, onde nasceu em 15 de maio de 1929, filho de João Tonello e Marieta Morando Tonello.

Iniciou sua vida estudantil fazendo o primário no Grupo Escolar Melo Viana e 1º e 2º graus no Colégio Carangolense. Estudou na Faculdade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, onde se formou em 6 de janeiro de 1956. cursou pós-graduação e três anos de residência médica no Hospital dos Servidores do Estado (de 2 de janeiro de 1956 a 31 de dezembro de 1958). Estagiou um ano como médico interno da Maternidade da Policlínica Botafogo. Obteve o Título de Especialista em Pediatria pela Associação Médica Brasileira em 5 de novembro de 1962.

Em 13 de setembro de 1959, inaugurou seu consultório no antigo sobrado do Paes Leme, em frente às palmeiras, na Praça da Matriz, com a presença de todos os colegas da Sociedade Médica de Carangola.

Casou-se com a cirurgiã-dentista Lygia de Carvalho Tonello, em 14 de julho de 1962, com quem teve três filhos: Letícia, César e Walker Júnior.

Com seu dinamismo, presidiu a Sociedade Médica de Carangola por duas vezes, em 1963 e de 1975 a 1977. Em 10 de abril de 1966, junto com outros companheiros, fundou o Lions Clube de Carangola, instituição que presidiu no biênio de 1975 a 1976.

Participou, como congressista e palestrante, de diversos encontros médicos de âmbito regional e nacional, tendo publicado trabalhos científicos de relevância.

Em agosto de 1999, tornou-se sócio jubilado da Associação Médica de Minas Gerais e, em setembro do mesmo ano, obteve o mesmo título da Associação Médica Brasileira. A Prefeitura Municipal de Carangola, em 27 de novembro de 1999 lhe conferiu o diploma de Homem de Ouro pelo voluntarismo de suas ações e atos que dignificam o homem carangolense. Em 24 de fevereiro de 2000, a Casa de Caridade de Carangola lhe outorga o diploma de Honra ao Mérito pelos relevantes serviços prestados àquela instituição.

Faleceu em 14 de outubro de 2002.

FONTE

Breve História da Pediatria em Minas Gerais, José Guerra Lages.

35. Caratinga

José Guerra Lages
2017

Mesorregião Vale do Rio Doce é onde se localiza o município de Caratinga, que fica a 295 quilômetros da capital e conta com 91.342 habitantes. Em sua economia destacam-se as áreas da indústria e de prestação de serviço.

A história da pediatria na cidade de Caratinga se confunde com a de seu pediatra mais ilustre, Archimedes Theodoro (1920-2007). Nasceu na cidade e desde cedo manifestou o desejo de ser médico pediatra, por influência do avô e de um antigo médico do município, mas também por querer sair do interior e ir para a cidade grande. A alta incidência de tuberculose na cidade de Belo Horizonte, onde morava, no final da década de 1930, deixou sua mãe temerosa com sua saúde, o que contribuiu para sua mudança para o Rio de Janeiro, onde estudou na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Ingressou no curso de Medicina em 1940 e, no final do quarto ano, foi aprovado como acadêmico-residente no Instituto Fernandes Figueira (IFF), ligado ao Departamento Nacional da Criança. Após a graduação, fez prova para médico-residente no mesmo instituto, reforçando sua ligação com a área de atenção e cuidado materno-infantil. Voltou para a cidade natal em 1948. Exerceu a pediatria em consultório particular, trabalhou em vários hospitais e foi chefe do Centro de Saúde de Caratinga, como médico concursado da Secretaria de Saúde de Minas Gerais.

Entre os anos de 1966 e 1986, já em Belo Horizonte, exerceu vários cargos de direção na Secretaria Estadual de Saúde, sobretudo no Departamento Estadual da Criança, no Instituto da Previdência dos Servidores do Estado e no Centro Metropolitano de Saúde. De 1975 a 1978, foi secretário adjunto na Secretaria Estadual de Saúde e, na década de 1980, diretor do Departamento de Assistência Médica e Social do Instituto de Previdência dos Servidores do Estado. Na mesma época, chegou a ser presidente da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig). Foi presidente do Conselho Regional de Medicina de Minas Gerais entre 1982 e 1984, além de *fellow* da Academia Americana de Pediatria e orador da Sociedade Mineira de Pediatria.

Sua ligação com o Rotary Club do Brasil tem início na década de 1950, quando volta a Caratinga, após a graduação no Rio de Janeiro. Foi presidente do Rotary Club de Belo Horizonte no biênio 1968-1969 e, em 1980, se torna membro do *Board of Directors* do *Rotary International*, onde permanece até 1982. Foi presidente da Comissão Nacional do Programa Pólio Plus do *Rotary International* e curador da Fundação Rotária do *Rotary International*, entre 1996 e 1999. Até hoje sua lembrança é respeitada no *Rotary* de Belo Horizonte.

FONTE

Breve História da Pediatria em Minas Gerais, José Guerra Lages.

36. Conceição do Mato Dentro

José Guerra Lages
2017

Com uma população de 18.160 habitantes, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2016, Conceição do Mato Dentro é uma cidade localizada na Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte. É considerada a capital mineira do ecoturismo, tendo como principal atração a Cachoeira do Tabuleiro. Atualmente a cidade recebe um dos maiores planos de mineração do mundo, o projeto Minas-Rio da empresa inglesa Anglo American.

Até 1701 a região de Conceição do Mato Dentro era habitada por ferozes índios Botocudos, ocasião em que o bandeirante Borba Gato fez as primeiras descobertas de ouro naquela localidade. Em 1704, Gabriel Ponce de Leon, Gaspar Soares e Manuel Corrêa chefiam a bandeira que confirmou a existência de ouro no rio Santo Antônio. Em 1706, o padre Manoel de Abreu coletou doações entre os poucos moradores para a construção de uma capela, vindo o altar mor a ser concluído em 1713, mas o município só foi constituído através de lei em 1740.

Conceição teve uma fase áurea proveniente da extração do ouro seguida de declínio por terem se exaurido as reservas que não eram tão grandes como

imaginado pelos bandeirantes, tornando-se, entretanto, um importante centro comercial por estar na rota da Estrada Real.

Graças ao espírito empreendedor e o interesse cultural dos primeiros habitantes, foram sendo construídas escolas com instalações adequadas e com excelentes professores. Em 1910 foi inaugurada a Escola São Joaquim, dirigida por irmãs italianas e, em 1915, o Ginásio São Francisco por iniciativa dos padres capuchinhos. As instalações de ambos os educandários eram imponentes e grandiosas para a época, com excelente corpo de professores, o que, aliado à carência de instituições de boa qualidade, tornou Conceição um centro educacional de referência, recebendo alunos de várias cidades do estado, tais como: Teófilo Otoni, Itambacuri, Curvelo, Sete Lagoas, Ferros, Lagoa Santa e de várias outras localidades.

Seguramente foram o prestígio histórico, a existência de bons colégios e a tradição de ser um povo hospitaleiro as motivações para que médicos formados nas melhores faculdades do país se dispusessem a exercer a medicina em Conceição. Em sua formação acadêmica os médicos eram treinados para assistirem os pacientes em todas as suas necessidades e, sós, munidos apenas de seus conhecimentos, se embrenharam por estradas de terra rudimentares até Conceição.

Sem equipamentos, com poucos materiais e sem profissionais auxiliares, eles fizeram de suas vidas um sacerdócio, na acepção correta da expressão. Na cidade, a qualquer hora, ou nos longínquos rincões, lá estavam os abnegados médicos, montados a cavalo, levando consigo a misteriosa maleta, como se ali contivessem equipamentos e materiais suficientes para o atendimento dos pacientes. Muitas vezes a cura se dava por sua presença ou por uma palavra de conforto e carinho. A remuneração, com grande frequência, era feita pela dádiva de frangos, queijos, laranjas ou um cacho de banana, pagamento recebido com manifestação de gratidão.

Os médicos de Conceição, pessoas ilustres e usualmente os mais letrados da cidade, acabavam participando da política, muitas vezes como ferrenhos adversários de dois partidos da época, a União Democrática Nacional (UDN) e o Partido Social Democrático (PSD). No entanto, eles sabiam que na saúde não havia política, prevalecendo a solidariedade e o apoio em prol dos clientes. É com esse sentimento que reverenciamos os profissionais abaixo relacionados, formados pediatras pelo exercício da prática diária, conscientes

da importância da infância na construção de um ser feliz e útil à sociedade. Eles deixaram uma história de homens de alma pura, cultuada por todos os habitantes e lembrada com carinho e orgulho por seus descendentes.

Neftaly Miranda Brandão

Nasceu em 1897 e iniciou o curso médico na Faculdade de Medicina de Minas Gerais, hoje Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), concluindo-o na Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, em 1923. No Rio de Janeiro casou-se com uma moça da alta sociedade local, convencendo-a a ir residir em Conceição. Por se tratar de cidade simples, desprovida de meios de diversão, ele lhe prometeu a construção de um cinema. E assim foi feito. As sessões só eram iniciadas após a chegada de D. Olga, bela primeira dama. Foi o primeiro médico a exercer medicina na cidade. Em 1935 foi nomeado pelo governador do estado prefeito do município. Faleceu em 1959.

Octaviano Lapertosa Brina

Dr. Brina, farmacêutico, concluiu o curso médico na Faculdade de Medicina da UMG em 1929, estabelecendo-se no município em 1930. Um dos marcos de sua atividade foi a construção do hospital. Teve intensa participação política inclusive quando foi prefeito. Permaneceu em Conceição por mais de 30 anos, retornando para Belo Horizonte, onde exerceu a medicina por muitos anos.

Jorge Vasconcelos Safe

Formado pela Faculdade de Medicina da UMG em 1936. Profissional competente, dinâmico e carismático foi um dos grandes líderes da região, elegendando-se prefeito e deputado estadual em dois mandatos. Ele era apaixonado pela cidade e trabalhava exaustivamente em busca de melhorias para a população. Faleceu em 1965, após o exercício da medicina por 53 anos.

Juvêncio da Silva Guimarães

Nasceu em Belo Horizonte em 19 de fevereiro de 1917 e concluiu o curso de medicina na Faculdade de Medicina de Minas Gerais, em 1943. Durante toda sua vida exerceu a medicina em Conceição. Onde estavam as pessoas, lá estava Dr. Juvêncio, simples, acolhedor, figura presente no consultório, no hospital, nos campos de futebol e nos salões. Ele era muito querido pelos clientes e habitantes, tendo sido prefeito em dois mandatos. Faleceu em 2004.

Sebastião Soares da Silva

Nasceu em 1929 e concluiu o curso de medicina na Faculdade de Ciências Médicas. Complementou sua formação trabalhando nos hospitais Felício Rocho, Santa Casa, Vera Cruz e São Sebastião. Com seu jeito simples de ser conquistava os clientes. Como os outros, também se tornou um líder político, tendo sido prefeito de Conceição do Mato Dentro por dois mandatos. Gozando de plena saúde e em atividade, faleceu tragicamente em acidente de carro em 2013.

Orlando Guerra e seu filho Silvério Costa Guerra

Não se pode falar em assistência à saúde nesta cidade sem reverenciar a figura de dois entes queridos, pessoas nobres, que deixaram gravado na memória de todos os habitantes um sentimento de gratidão pelo que fizeram em prol das pessoas. Uma história de abnegação, competência, desprendimento e carinho. Orlando Guerra concluiu o curso de farmácia em Outro Preto. Silvério Costa Guerra foi presidente da Câmara Municipal da cidade nos anos de 1977 a 1978.

João Costa Chiabi

Nasceu em Conceição no dia 3 de fevereiro de 1908, filho de João Miguel Árabe e Hermelinda Vieira Costa. Descendente de família nobre sírio-libanesa era neto do Emir Bechir Chiabi, conhecido como O Grande, que governou o Líbano por 50 anos.

Dr. Chiabi fez seus estudos iniciais em Conceição e o curso de medicina, até o 4º ano, na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, hoje UFMG. Transferiu-se a seguir para o Rio de Janeiro, formando-se na Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro. Foi interno residente no Serviço de Pediatria do Hospital São Sebastião, no Rio de Janeiro, chefiado pelo professor Martinho da Rocha, no período de 1928 a 1931.

Complementou sua formação científica em Heildelberg, na Alemanha, vindo para Belo Horizonte trazendo na bagagem brilhante atividade acadêmica, tendo sido professor da Faculdade de Ciências Médicas e professor assistente de pediatria da Faculdade de Medicina da UFMG, no período de 1933 a 1936, e aprovado em concurso de livre docência. Dr. Chiabi publicou vários trabalhos científicos importantes e é patrono da cadeira nº 51 da Academia Mineira de Medicina e da cadeira nº 6 da Academia Mineira de

Pediatria. Com grande afeição por sua terra natal, onde residiam seus familiares, lá comparecia com grande frequência, atendendo os pacientes que o procuravam, assim como em Belo Horizonte.

Raul Antônio Costa Lages

Nasceu em Conceição do Mato Dentro no dia 8 de janeiro de 1944, graduou-se em farmácia e bioquímica, em 1968, e em medicina na Faculdade de Ciências Médicas, em 1973. Fez residência em pediatria no Hospital Militar de Belo Horizonte. Complementou sua formação, cursando especialização em medicina do trabalho e, posteriormente, de Filosofia na PUC, concluindo este curso em 2007. Foi pediatra do Serviço Médico de Urgência do Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais (Ipsemg). Por ser muito competente e querido pelos alunos, Dr. Raul foi professor homenageado no curso de medicina da FMCM em 1979. Por seu jeito simples de ser, com grande carisma e disposição para fazer o bem, ele conquistou grande clínica em Belo Horizonte e em Conceição, adorado pelos clientes e seus familiares. Faleceu de maneira súbita e precocemente em 24 de março de 2012, aos 68 anos de idade.

José Guerra Lages

Conclui o curso médico na Faculdade de Medicina da UFMG, em 1963, tendo sido estagiário residente da Clínica Pediátrica do Hospital das Clínicas. Não exerceu a clínica pediátrica na sua cidade de origem, mas os clientes conceicionenses sempre fizeram e continuam fazendo parte de sua clientela atendida sempre com muita deferência. Mais informações sobre sua participação na pediatria mineira estão expostas ao longo desta obra.

Carlos Magno Guerra Lages

Concluiu medicina na Faculdade de Medicina da UFMG em 1968. Fez o curso de residência em pediatria no Hospital da Baleia. Foi sócio-fundador da Clínica Infantil O Pequeno Príncipe e do Hospital Infantil São Camilo e, ainda, sócio do Hospital Infantil São Domingos Sávio. Fez curso de ultrassonografia pediátrica na Argentina, sendo sócio-fundador da Clínica de Ultrassonografia Pediátrica São Camilo. É pioneiro em ultrassonografia pediátrica na capital de Minas. Carlos Magno não exerceu a pediatria no município, mas os clientes de Conceição são atendidos com muita deferência por ele em Belo Horizonte.

37. Conselheiro Lafaiete

Aloísio Silva

2017

Município da Mesorregião Central do estado, Conselheiro Lafaiete fica a 100 quilômetros da capital e conta com uma população estimada para o ano de 2016 de 127.369 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, (IBCE). Está próximo a grandes mineradoras e indústrias siderúrgicas, como a Cia. Siderúrgica Nacional (CNS) e a Gerdau Açominas, entre outras. A história da pediatria de Conselheiro Lafaiete se conta por meio de seus pediatras ilustres, a começar por Ennio Leão, lafaietense que muito orgulha os seus conterrâneos.

Professor Ennio Leão

Formou-se em 1955 pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). No 5º ano começou sua dedicação à pediatria, que ainda dava os seus primeiros passos. Em 1956, iniciou seu trabalho como primeiro pediatra em Lafaiete, dividindo o seu tempo entre a Faculdade de Medicina em Belo Horizonte e o atendimento em nossa cidade. Era uma época marcada por dificuldades extremas e com uma imensurável população carente de recursos. Até a iluminação era precária. As intermináveis jornadas de trabalho não esmoreciam o médico que não abria mão do rigor científico, da meticulosa anamnese e do cuidadoso exame físico. Disponha apenas de poucos exames e uma radiologia limitada, mas suficiente para desenvolver uma medicina de alto nível. Na sua curta passagem profissional em Lafaiete deixou bem clara a figura de um extraordinário ser humano que se escondia atrás de um grande médico. “Um especialista em casos complexos” que dedicou sua vida a desafios profissionais, auxiliando os colegas, orientando professores e doutores em medicina com a mesma humildade e simplicidade de um sapateiro ensinando a um aprendiz. Pesquisador e cientista de renome internacional recebeu inúmeras homenagens de instituições científicas, de entidades de classe e da sociedade através de suas instituições representativas.

Em 1958, retorna a Belo Horizonte onde assume o cargo de professor da Escola de Medicina da UFMG, em 1959, até se aposentar em 1988, mas sem

nunca abandonar o ensino e a pesquisa. Existem duas épocas na pediatria em nossa faculdade, antes e após Ennio Leão. Ele deu bases científicas e seriedade à prática da pediatria. Na verdade, é a sua postura que forma”. Ou, como diria um bom cultor da língua, um médico que por infelicidade se procura e que por felicidade se acha.

O Dr. Ennio Leão é professor emérito da UFMG e foi o primeiro condecorado com a medalha Cícero Ferreira. Com o nome de um dos fundadores da Faculdade de Medicina, a medalha é uma homenagem anual aos profissionais que se destacam pela dedicação e contribuição à unidade.

Tabajara de Carvalho

Faculdade Medicina do Triângulo Mineiro, 1964. Durante dois anos especializou-se em pediatria e anesthesiologia no Hospital Felício Rocho. Em 1966, a convite do saudoso José Alves de Paula, iniciou suas atividades no Hospital e Maternidade São José, estruturando um serviço de anestesia e pediatria, com a criação do berçário. Trabalhou em todos os hospitais e sempre manteve um relacionamento ético e profissional exemplar com a classe médica, conquistando o respeito e admiração de todos. Deu enorme contribuição à medicina de Lafaiete e região, sendo chefe do Serviço de Assistência Médica do extinto Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps). Incansável no atendimento às crianças carentes, ampliado com o apoio do Lyons, clube que presidiu por quatro anos e onde trabalhou por muitos anos. Seu trabalho social e profissional foi reconhecido com a outorga do título de cidadão honorário da cidade.

José Alonso da Silva

Médico pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais em 1967. Em 1970, iniciou suas atividades em Lafaiete, após dois anos de residência médica em pediatria no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de São Paulo. Atuou em todos os hospitais, realizando um grande trabalho com as crianças carentes, particularmente no Hospital São Vicente. Participou da fundação da Unimed-CL onde atuou como membro do Conselho Ético e Técnico. Pediatra aposentado pelo Inamps e pela Secretaria Estadual de Saúde, em 2017 completa 50 anos de dedicação exclusiva à pediatria, em plena atividade. Homenageado como médico destaque do interior em promoção conjunta da Associação Médica de Minas Gerais (AMMG), Conselho Regional de

Medicina de Minas Gerais (CRMMG) e Sindicatos dos Médicos de Minas Gerais. Recebeu do CRMMG o diploma de Honra à Ética pelos seus méritos no exercício da profissão. Foi vice-prefeito por oito anos em Lafaiete. Pelos relevantes serviços prestados à comunidade, como médico e cidadão, foi homenageado com o título de cidadão honorário.

Nelson Murilo Gomes Beato

Formado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em 1970. Fez dois anos de residência em pediatria no Hospital da Baleia, em Belo Horizonte. Em 1973, retornou a Lafaiete, realizando um notável trabalho na sua especialidade e contribuindo com a melhoria da pediatria na cidade. Fez um grande trabalho com crianças carentes nesse período. Aposentado como médico perito do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), também é cooperado e um dos fundadores da Unimed-CL, onde teve importante trabalho como membro de Conselho Administrativo. Secretário Municipal da Saúde por quatro anos realizou um grande trabalho na área da saúde pública, apesar das grandes dificuldades enfrentadas.

Roger Brant Machado

Formado pela Faculdade de Medicina da UFJF em 1973, fez dois anos de residência médica em pediatria no Instituto Fernandes Filgueiras e curso de pós-graduação em medicina da família. A partir de 1976, trabalhou em todos os hospitais de Lafaiete, com um reconhecido trabalho, principalmente com pacientes carentes. Cooperado e um dos fundadores da Unimed-CL, onde durante 24 anos foi presidente, desenvolvendo um grande trabalho para o crescimento e consolidação da cooperativa. É cidadão honorário lafaietense em reconhecimento pela sua competência profissional e elevado espírito humanitário. Além da pediatria é médico do Programa de Saúde da Família (PSF).

Almir Xavier dos Santos Júnior

Formou-se na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em 1977, fez dois anos de residência em pediatria no Hospital da Baleia e voltou para sua cidade natal em 1980, onde é reconhecido como um pediatra de elevada competência e dedicação profissional. Tem um grande trabalho com as crianças, notadamente com pacientes carentes. Um dos fundadores da Unimed-CL ocupou cargos de direção e teve destacada

contribuição, durante 25 anos. Foi secretário da Associação Médica de Lafaiete. Com justa razão, goza de grande prestígio e respeito pela sua conduta profissional e ética. Pela sua exemplar atuação foi homenageado como médico destaque do interior por nossas entidades de classe estaduais.

Aloísio da Silva

Formado pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais em 1977 e residência médica em pediatria durante dois anos no Hospital da Baleia, trabalha em Lafaiete desde 1980. É membro do corpo clínico do Hospital São Vicente e Maternidade São José, sendo ainda pediatra das Secretarias Estadual e Municipal da Saúde. Participou da fundação da Unimed-CL, onde ocupou vários cargos administrativos e de conselheiro. Durante 25 anos participou da Associação Médica de Lafaiete, ocupando o cargo de presidente e diretor científico. Realizou dezenas de reuniões científicas e culturais, campanhas de combate ao tabagismo, diabetes, acidentes de trânsito, etc. Presidiu o Comitê de Pediatria Ambulatorial da Sociedade Mineira de Pediatria e foi membro do mesmo Comitê da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP).

Durante oito anos como secretário municipal da saúde, criou o Programa de Saúde da Família (PSF), participou da criação do Consórcio Intermunicipal da Saúde e do Conselho Municipal da Saúde, órgão que presidiu por oito anos. Além disso, coordenou a construção de dois postos regionais de saúde, a fundação da Associação dos Diabéticos e outras instituições afins. Recebeu o diploma de Médico Destaque do Interior promovido pelo Conselho Regional de Medicina de Minas Gerais (CRMMG), Associação Médica de Minas Gerais (AMMG) e Sindicato dos Médicos de Minas Gerais. Homenageado por várias vezes pela Câmara Municipal, *Rotary* e *Lyons* por serviços prestados.

Sandra Mara Bernardes Espada Cancela

Formada em 1978 pela Faculdade de Medicina de Barbacena. Atua em Lafaiete desde 1980, trabalhando no serviço de urgência e no berçário do Hospital e Maternidade São José. Cooperada da Unimed, onde ocupou cargo de conselheira, atualmente é plantonista do Pronto Atendimento (PA) da Unimed-CL. É médica perita do INSS desde 2005. Presidiu a Associação Médica de Lafaiete com grande dinamismo e competência, dando uma inestimável contribuição à entidade.

Maria Aparecida Oliveira e Silva

Formada pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais em 1981. Residência em pediatria no Hospital da Baleia por dois anos. Especialização em alergia, reumatologia e imunologia em pediatria pela Universidade Federal do Estado de São Paulo. Titulada em pediatria e medicina intensiva, com atuação em pediatria, trabalha na Pediátrica do Hospital João XXIII em Belo Horizonte, por concurso, desde 1992. Pediatra da Secretaria Municipal da Saúde de Lafaiete. Trabalha na área de pediatria e alergia infantil em Lafaiete desde 1985.

Maria Alice Furtado

Formada pela Faculdade de Medicina de Valença em 1978, com pós-graduação em pediatria na Policlínica de Botafogo, serviço do professor Álvaro Aguiar, de 1980 a 1981, trabalha em Lafaiete desde 1982. Além do consultório particular, atua no ambulatório de pediatria das secretarias municipais de saúde de Ouro Branco e Lafaiete.

João Batista Machado Pinto

Formado pela Faculdade de Medicina da UFJF em 1985, residência em pediatria no Hospital Santa Rita de Belo Horizonte, de 1987 a 1989, trabalha em Lafaiete e cidades da região desde 1986.

Márcia Cristina Gomes Beato Machado Pinto

Faculdade de Medicina da UFJF em 1986, residência em pediatria no Hospital Santa Rita de Belo Horizonte durante dois anos. É pediatra da Secretaria Municipal da Saúde e plantonista do Pronto Atendimento da Unimed-CL.

Hildegardo Luna Almeida Júnior

Formou-se em 1994 pela Faculdade de Medicina de Pouso Alegre, onde também fez residência em pediatria. Iniciou suas atividades em Lafaiete em 1998, onde atua nos serviços de Pronto Atendimento da Unimed-CL e da Fundação Ouro Branco (FOB). Também trabalha no serviço de emergência do Hospital São Camilo em Belo Horizonte, desde 2011.

Romina Aparecida dos Santos Gomes

É formada pela Faculdade de Medicina da UFJF desde julho de 1994. Residência em pediatria pela UFMG de 1997 a 1999 e medicina intensiva pediátrica pela UFMG de 1999 a 2000. É pediatra, por concurso, na UTI

Pediátrica do Hospital das Clínicas da UFMG e da Secretaria Municipal de Saúde de Conselheiro Lafaiete, onde tem seu consultório. É uma pediatra que desfruta de grande prestígio pela competência e ética profissional.

A pediatria da cidade conta ainda com os trabalhos dos competentes especialistas: Flávia Thereza Rodrigues Barbosa, Renata Braga Moreira Coutinho, Samuel Dutra Antônio, José Zebral de Rezende, Denise Mendes Dias e Marcos Paulo Abrantes de Freitas.

38. Coronel Fabriciano

Mauro Marzem de Morais
2017

A cidade está situada na Mesorregião do Vale do Rio Doce a 211 quilômetros de Belo Horizonte. Com 109.857 habitantes, sua economia se baseia nos setores do comércio e serviços.

A história da pediatria em Coronel Fabriciano remonta à origem de uma cidade implantada em terras da Mata Atlântica, virgem, inóspita. O jovem engenheiro Joaquim Gomes da Silveira Neto, com apenas 26 anos, recebeu do presidente da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, hoje Arcelor Mittal Aços Longos, a missão de construir naquele local uma cidade de apoio às atividades da siderúrgica, isto em 1930. Dotado de sabedoria e sentimento humanitário, uma de suas primeiras preocupações foi criar condições para que a localidade pudesse receber os operários e alojá-los de forma adequada. Para tanto, foi construído o Hospital Siderúrgica, equipado com todos os recursos disponíveis na época, capazes de despertar o interesse de médicos jovens e competentes para ali se estabelecerem. Graças ao prestígio da companhia e às condições oferecidas e os recursos disponíveis, um grupo de excelentes médicos se aventurou a exercer a medicina naquele local. Um desafio, dado o isolamento da cidade com matas virgens de todos os lados e onde grassava a malária. Só bem mais tarde a cidade recebeu os trilhos da Estrada de Ferro Vitória-Minas.

Esses primeiros profissionais, competentes e audaciosos, como Moacyr Birro, Getúlio de Melo Silva, Rubem Siqueira Maia e José Riscal Albeny deixaram uma história terna e de gratidão, lembrada com carinho por seus descendentes. Dentre eles, destaca-se o Dr. Albeny como um grande líder, competente, afável, atendendo com o mesmo carinho e carisma, os anciãos e as crianças. Dr. Albeny, bem humorado, estava sempre rodeado de amigos e curiosos, atentos às histórias peculiares que contava, frutos de sua relação com clientes e pessoas.

O Hospital Siderúrgica entrou em pleno funcionamento a partir de 1936. Nos anos 1950, outro pioneiro e empreendedor, Dr. Pedro Sampaio Guerra, fundou a clínica que levava seu nome, transformando-a em 1964 no Hospital Nossa Senhora do Carmo, com a entrada na sociedade dos doutores Cantídio Sampaio e Carlos Alberto Cotta. Mais tarde, outros médicos passaram a ser sócios: Drs. Allbeny e Pedro Guerra, que simbolizaram o destemor e o desejo de empreender em prol da sociedade, dedicando suas existências à família e aos pacientes.

O Hospital Siderúrgica, inicialmente de propriedade da Belgo Mineira, foi vendido aos médicos que lá trabalhavam, incluindo três novos profissionais, Drs. Walter Maia, Maurício Anacleto e Hyde Anacleto.

Dr. Hyde Anacleto, pediatra, que dedicava sua competência e carinho no atendimento às crianças, foi o primeiro profissional dessa especialidade a exercer a medicina em Coronel Fabriciano.

A cidade se desenvolveu, fazendo com que as necessidades assistenciais também crescessem de forma extraordinária em função das demandas da sociedade, ávida por um atendimento eficiente. Apesar dos esforços de seus proprietários e administradores, que buscavam a melhoria da manutenção e da qualidade assistencial, os hospitais se tornaram inviáveis em consequência do caos econômico do país, que assolou profundamente a rede hospitalar brasileira. Assim como a maioria, o Hospital Siderúrgica se viu em dificuldades. Para sua manutenção e viabilização, nos moldes até então vigentes, houve necessidade de uma parceria com a Secretaria Estadual de Saúde. Com esta parceria, o hospital passou a se chamar Dr. José Maria Morais, homenagem a um grande médico que dedicou toda sua vida ao exercício ético e competente da medicina em Coronel Fabriciano.

Há dois anos o outro hospital da cidade, Nossa Senhora do Carmo, foi adquirido pela Unimed e hoje funciona como uma unidade de apoio ao Hospital Metropolitano Unimed. A chegada de médicos com formação adequada para o exercício da clínica pediátrica desta instituição ocorreu em 1964, quando o pediatra Edson dos Santos Bonfim foi trabalhar na Casa de Saúde Nossa Senhora do Carmo. No mesmo período chegou também no referido hospital o pediatra Manuel Barbosa de Barros (*in memoriam*). Dr. Manuel granjeou um grande prestígio junto à sociedade por sua competência e extrema simplicidade e, com isto, identificando-se com os clientes e seus familiares.

Em 1970, um casal de pediatras, Drs. Márcio de Oliveira Rebelo e Terezinha de Jesus Rebelo, iniciou suas atividades no Hospital Siderúrgica e no município. Em ambos os casos, substituíram profissionais que exerciam o atendimento a crianças, porém, sem a formação específica.

A partir daí, novos profissionais vieram engrandecer a pediatria do município. Alguns ainda continuam em atividade, outros não mais e poucos que já nos deixaram. Todos eles com uma contribuição significativa para a pediatria. Nas décadas de 1970 e 1980, os Drs. Davi Moraes, José Nalon de Queiróz, Antônio E. Resende Jr., Carlos Jamil Fontes Cal, Francisco Junior (*in memoriam*) e Ênio José de Souza deram sua contribuição no Hospital Siderúrgica.

Drs. Hilário Grossi, Amélia Maria da Penha e Tarcísio Braga Mercante (*in memoriam*) trabalharam na Casa de Saúde Nossa Senhora do Carmo. Nas décadas de 1980 e 1990, os pediatras Esonilson Siqueira, Marco Antônio C. Gama e Mauro Marzem de Moraes, iniciaram suas atividades no Hospital Siderúrgica, onde também deram sua contribuição. Já os colegas Drs. Agostinho Vitarelli, Ana Maria B. Costa Borges, Lea Rache Gaspar e Maria do Carmo P. Mayrink atendiam na Casa de Saúde Nossa Senhora do Carmo.

Em 2000, após um período sem novos especialistas, vieram se somar aos profissionais ainda em atividade nos hospitais os Drs. Milton Afonso, Adriana Quintela e Aretuza Reis Almeida, trazendo uma bagagem atualizada da especialidade.

Hoje, muitos dos citados profissionais continuam em plena atividade, agora somados aos novos colegas que aqui chegaram e àqueles oriundos do Serviço de Residência Médica em Pediatria, implantado pelo Hospital Márcio Cunha de Ipatinga. Mas aqui caberia uma nova história.

39. Curvelo

*José Alves Vianna
Raquel Ferreira Pimenta
2017*

Curvelo é um município situado na Mesorregião Central de Minas Gerais, a 164 quilômetros da capital, sendo o portal do sertão. Ele ocupa o 14º lugar no *ranking* das 50 cidades pequenas brasileiras que apresentam melhor índice de desenvolvimento econômico, segundo estudos recentes. A população de Curvelo foi estimada em 79.401 habitantes para 2016. A agropecuária e indústria são a base de sua economia.

Antes dos pediatras eram os médicos clínicos e obstetras que dedicavam todos os esforços para o atendimento às crianças, concluindo sua formação pelo exercício da medicina frente às necessidades assistenciais.

O doutores José Viana Espechit, Pedro Belizário de Menezes, Márcio de Carvalho Lopes e Aureliano Pimenta deixaram uma história de relevantes serviços à sociedade, lembrada com orgulho e gratidão por seus familiares e clientes.

A seguir, relacionaremos os nomes dos pediatras que são de Curvelo ou que aqui desempenham ou desempenharam essa nobre e difícil especialidade.

Olavo Gabriel Diniz

Nasceu em 18 de novembro de 1913. Filho de Antônio Gabriel Diniz e Albina Moreira Diniz realizou os primeiros estudos em Curvelo. Formou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais (UMG), onde concluiu o curso em 1937. Sua formação científica teve início como interno acadêmico da cadeira de pediatria do Professor Mello Teixeira, de 1934 a 1937. Após formar-se exerceu medicina em São Paulo, voltando para Belo Horizonte em 1940. Passou a exercer o cargo de professor assistente voluntário da cadeira do professor Melo Teixeira em 1940 e 1941.

Em 1941, retornou a Curvelo, onde permaneceu até 1944 na chefia da clínica pediátrica do Hospital Santo Antônio. Um fato pitoresco aconteceu logo após sua chegada em Curvelo. Ele foi convocado pelo ilustre médico cirurgião Dr. Benjamim Jacob para examinar uma criança em estado grave.

Concluído o exame, o Dr. Olavo informou tratar-se de “meningite tuberculosa” e o Dr. Benjamim perguntou: tem certeza? Ao que ele respondeu: “Para o senhor, só após os resultados dos exames, mas para mim, não tenho dúvida.” Em Curvelo, demonstrando ser homem de coragem conquistou a carta de piloto de Aeronave de Recreio, em 1943, o que lhe capacitava pilotar pequenas aeronaves.

Em 1944, foi para o Rio de Janeiro onde cursou puericultura e administração no Ministério da Saúde em dois anos. Em 1956 ocupou o cargo de professor assistente da cadeira de clínica pediátrica da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, chefiada por seu grande amigo, o professor Costa Chiabi.

Homem afável, sorriso largo, conciliador, competente e grande líder, participou de inúmeras atividades na Sociedade Mineira de Pediatria, na Associação Médica e na administração dos serviços de saúde em Belo Horizonte. Dr. Olavo Gabriel Diniz é o patrono da Cadeira número 18 da Academia Mineira de Pediatria.

Geraldo Evaristo Canabrava Pereira

Nasceu na cidade de Curvelo em 1934. Mudou-se para Belo Horizonte com o objetivo de se tornar médico na Faculdade de Medicina da UFMG, onde concluiu o curso em 1960. No terceiro ano iniciou seu primeiro estágio com responsabilidade clínica no Pavilhão de Medicina Tropical. Foi lá que iniciou seu interesse pela pediatria, cuidando especialmente das crianças na infectologia. Frequentou também o ambulatório e a enfermaria do Hospital São Vicente da Faculdade de Medicina da UFMG, aumentando seus conhecimentos na área.

Depois de formado, realizou estágio em anestesia atendendo a proposta do pediatra também ser anestesista para compor a equipe mínima de médicos para as cidades do interior. Em 1962 voltou para Curvelo onde trabalhou durante toda a sua vida como pediatra e anestesista. Era responsável pelo atendimento de crianças internadas no Hospital Santo Antônio, tinha dois empregos públicos nos quais era pediatra e também exercia esta função em seu consultório particular, ao lado de sua casa. A localização era adequada já que fazia o atendimento durante o dia e à noite em Curvelo e várias outras cidades da região que não possuíam pediatras. Os pacientes o procuravam em qualquer hora, em qualquer momento.

Hulda Campos

Formou-se em medicina no ano de 1963, na Universidade Federal do Paraná (UFP). Fez residência em pediatria em São Paulo, no Hospital Infantil Menino Jesus, concluída em 1965. Mudou-se para Curvelo no ano de 1966 e foi a primeira pediatra da cidade. Trabalhou nos hospitais Imaculada Conceição e Santo Antônio e também no Departamento de Estradas de Rodagem (DER), no Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais (Ipsemg), na Indústria Têxtil Otton Bezerra de Melo e na prefeitura Municipal de Curvelo. Foi fundadora da Associação Médica de Curvelo e da Unimed. Aposentou-se em 2005 e mudou-se para Belo Horizonte.

Antônio Camilo Chaves

Graduou-se em 1976 na UFMG e fez residência de pediatria no Hospital da Baleia de 1977 a 1978. Passou a residir em Curvelo a partir de 1979, quando foi inaugurado o plantão de pediatria com assistência 24 horas em regime de ambulatório e assistência hospitalar (Hospital Imaculada Conceição). Trabalhou no Pronto-Socorro da Criança, inaugurado em 1984. Atuou como pediatra na Prefeitura Municipal de Curvelo e plantonista do pronto atendimento desde 1991 até o momento presente.

Álvaro Roosevelt Gonçalves

Concluiu o curso médico na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em 1976 e fez residência de pediatria no Hospital de Baleia em Belo Horizonte/MG. Mudou-se para Curvelo em 1979, onde iniciou os atendimentos no Hospital Imaculada Conceição e no posto de saúde, onde ainda permanece atuante.

José Alves Viana

Concluiu o curso médico na Faculdade de Medicina do Norte de Minas em 1975. Fez residência em pediatria na Fundação Estadual de Assistência de Urgência (Feamur), hoje, Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig). Terminada a residência, iniciou as atividades profissionais em Nova Lima, estabelecendo-se em definitivo em Curvelo.

Graças à sua competência, carisma e seu modo simples de ser, Dr. Viana foi eleito vereador em Curvelo, no período de 1983 a 1988, e prefeito municipal de 1989 a 1992. Durante esse período, houve um grande investimento na área da educação e da saúde e, ainda, na infraestrutura, com resultados

positivos para o bem da saúde infantil. Na sua gestão, implementou a atuação do município nos programas assistenciais; reformou e ampliou a Policlínica Municipal, investiu no esporte, criou e instalou o Pronto Atendimento Municipal, que funcionava e atendia regionalmente, cujo serviço passou a contar com um pediatra durante as 24 horas do dia. Um grande feito foi a construção da rede de drenagem de esgoto com cerca de 25 quilômetros.

Graças à melhoria das condições sociais e de assistência houve redução acentuada das internações e da ocorrência de outras doenças, e, consequentemente da mortalidade infantil.

Lusitania Lima Soares de Meira

Formou-se na UFMG em 1978 e fez residência em pediatria no Hospital Evangélico na capital do estado. Veio trabalhar em Curvelo em 1981 e em 1983 começou a trabalhar no Serviço de Ambulatório da Prefeitura. Nesta ocasião atuava também no Hospital Imaculada Conceição e no consultório.

Carlos Henrique Amaral

Graduou-se na UFMG em 1980 e fez residência na Fhemig nos anos de 1981 a 1982. Começou a trabalhar em Curvelo em 1983. Prestava assistência a pacientes pediátricos que eram encaminhados ao Hospital Santo Antônio e atendia ainda em domicílio, o que era muito comum na época. Prestou assistência ao sindicato rural e cooperativa de produtores rurais da cidade. Segundo relata, nesta época não havia um pronto atendimento municipal e a maioria das crianças era encaminhada para postos de saúde ou atendida em consultórios particulares. Após a inauguração do pronto atendimento, houve melhoria na assistência da cidade para as crianças de um modo geral, o que aliviou os profissionais que se revezavam nos plantões de sobreaviso dos Hospitais Imaculada Conceição e Santo Antônio. Na assistência da sala de parto, havia um revezamento associado aos plantões dos hospitais, pois não era comum a presença do pediatra durante o nascimento dos bebês.

Rosamaria Pinto da Silva

Formou-se em 1986 na UFMG, com o título de especialista em pediatria. Em 1987 chegou a Curvelo. Trabalhou no Hospital Imaculada Conceição, Pronto Atendimento Municipal por 16 anos e no Pronto Atendimento da Unimed. Atuou como concursada em posto de saúde municipal e, atualmente, ainda exerce a profissão em seu consultório e no posto de saúde.

Alvina Rodrigues do Amaral

Graduou-se na Faculdade de Medicina do Norte de Minas, em Montes Claros, em 1979 e fez residência em pediatria nos anos 1980 a 1981, no Hospital Santa Rita, em Belo Horizonte. Veio para Curvelo em 1991 a pedido de colegas para a implantação do Pronto Atendimento de Curvelo. Trabalhou em postos de saúde da cidade, nos hospitais Imaculada Conceição e Santo Antônio, nos PAs Unimed e da prefeitura. Atuou também no consultório particular e fez atendimentos em cidades vizinhas.

Melhorias

É importante ressaltar as melhorias que aconteceram a partir da década de 1980, ocasião em que a clínica pediátrica se estruturou e ganhou muito na qualidade dos serviços nos hospitais Imaculada Conceição e Santo Antônio, nas Clínicas Santo Antônio e São Lucas e, mais tarde, na Clínica da Criança, fazendo com que Curvelo passasse a ter um serviço de pediatria especializado e de referência na região. Outro fato que foi muito enriquecedor para a saúde regional como um todo e, logo, para a pediatria também, foi a implantação do sistema Unimed, fundamental para melhorar ainda mais a qualidade da assistência em saúde da população de Curvelo e das cidades vizinhas e irmãs, até um raio de mais ou menos 200 quilômetros.

Programas que desenvolveram a pediatria na região

Ainda nas décadas de 1980 e 1990, surgiram programas nas áreas estaduais e federais, integrados aos municípios, com repercussão na melhoria da saúde das crianças. Vale destacar:

- Maior assistência ao importantíssimo programa de vacinação;
- O pré-natal – assistência materno-fetal durante a gravidez, com o intuito de se diagnosticar e tratar alterações ou doenças que pudessem afetar a mãe ou/e o filho;
- Maior conscientização para a grande importância do leite materno (criação do banco de leite materno);
- Aumento do número de creches;
- Merenda escolar e maior tempo de permanência das crianças na escola;
- Hortas comunitárias;
- Farmácia popular com os remédios sendo doados ou vendidos a baixo preço;

- Alojamento conjunto, ficando a mãe como acompanhante do filho, seja recém-nascido ou criança internada, até o momento de receber alta do berçário ou do hospital;
- Saneamento básico com água tratada e o esgoto.

E outras situações que, quando implantadas, traziam melhorias para as nossas crianças. É importante ressaltar que cada colega pediatra tem uma trajetória de vida dedicada à pediatria, própria e merecedora de destaque, pois a história só é completa e só se constrói com todos e a várias mãos. Ao finalizar, fazendo um sucinto relatório da assistência pediátrica em Curvelo, queremos parabenizar os Drs. José Guerra Lages e Edward Tonelli pela feliz e iluminada iniciativa de editar este livro, registrando a história da pediatria em Minas Gerais.

40. Divinópolis

Joel Alves Lamounier

Clóvis Silva

Júlio César Veloso

2017

Divinópolis localiza-se próximo à Mesorregião Oeste de Minas Gerais, distante cerca de 120 quilômetros da capital, e conta com 232.945 habitantes. Segundo informações, o ensino divinopolitano iniciou-se em 1892, com a criação da primeira escola feminina do distrito. É um município voltado para a indústria de confecção. Outro setor é o da educação, em que a cidade contava já há algum tempo com faculdades nas áreas de ciências exatas e humanas. No entanto, o ensino na região carecia de incentivos para a área de saúde, embora mantivesse, também, cursos profissionalizantes com formação técnica em enfermagem e radiologia, implantados como projeto da instalação do hospital São João de Deus. A partir de 20 de junho de 2008, o município iniciou nova fase de desenvolvimento educacional, com a implantação do campus Dona Lindu, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). A unidade hoje oferta quatro cursos nas áreas de saúde: bioquímica, enfermagem,

farmácia e medicina. O campus foi criado para sanar a demanda de profissionais da saúde na região.

A coordenação do curso de medicina ficou a cargo da pediatra Janete Ricas, ex-professora de pediatria da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e, com ingresso de outros ilustres membros da pediatria mineira como os professores doutores Joel Alves Lamounier e Roberto Gomes Chaves, o Departamento de Pediatria da Faculdade foi reforçado. A primeira turma teve sua formatura em janeiro de 2014 e muitos fizeram residência em pediatria. Atualmente, entre os professores do corpo docente efetivo estão os pediatras Helder Ângelo Tannus Lacerda, Shirley Milagres, Giovanna Gontijo, Jussara Fontes, Marcelo Evangelista Faria dos Santos, Viviane Evelyn e Júlio César Veloso. Com a instalação do curso de medicina, graças ao empenho e entusiasmo dos acadêmicos, como o hoje pediatra Rafael Pinheiro Lacerda, formado na segunda turma da universidade, foi criada, em 2011, a Liga Acadêmica de Pediatria (Liped) que, com membros atuantes e dedicados, realizam suas atividades de extensão no campus, na comunidade e também em nível hospitalar.

Saúde

Os governos federal e estadual sempre deram muita assistência a Divinópolis e região devido às endemias diversas que aqui existiam. Em 1888, chega à província o primeiro médico, Dr. José Xavier Coelho. Os médicos sanitaristas permaneciam na cidade por períodos de quatro anos, sendo transferidos para outras regiões no fim desse tempo. Foi um progresso muito lento que formou a base da medicina em Divinópolis. Com poucos recursos, o tratamento médico era realizado em domicílio, e por vários anos apenas um médico chegava à cidade. A partir de 1990, um progresso vertiginoso se iniciou, sem recuo. Clínicas especializadas e laboratórios se multiplicaram, com enfermagem de alto padrão e criação da Associação Médica de Divinópolis. Em 1995, Divinópolis possuía 120 médicos.

Fato histórico foi a fundação, em 1918, da Santa Casa de Misericórdia que, posteriormente, passou a ser chamada de Hospital Nossa senhora Aparecida. Em 1946, a Legião Brasileira de Assistência (LBA) instalou naquele hospital a Maternidade Odete Valadares, com assistência pré-natal e o Lactário Prof. Olinto Oliveira. O lactário passou a ser dirigido pela Associação de Proteção

à infância de Divinópolis e o hospital foi transformado em lar de idosos. Todo o mobiliário do hospital foi doado para o São João de Deus, que viria a ser construído posteriormente.

Em 1º de junho de 1968, ocorreu a inauguração do Hospital São João de Deus, obra concluída em parceria com a Ordem Hospitaleira de São João de Deus, de Portugal, e a Fundação Geraldo Corrêa. Houve grande melhoria no atendimento de pacientes na cidade, pois parte do atendimento seria destinada àqueles classificados como indigentes. A diversidade do corpo clínico e a complexidade de atendimentos, e graças à determinação de seus diretores, o hospital acolheu a educação na área da saúde. Criou a escola de enfermagem, que funciona até os dias de hoje, com cursos técnicos na área de enfermagem e radiologia. Firmou parcerias com importantes universidades para recebimentos de acadêmicos em campo de prática dos internatos, como Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Faculdades de Medicina de Barbacena e Vassouras e, mais recentemente, as Universidades de Itaúna e Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Hoje o hospital, de característica filantrópica, atende a mais de 60% da população oriunda do SUS. Aprimorou os atendimentos, com o aumento de sua complexidade através de serviços como transplantes e oncologia.

Em 22 de novembro de 1999, foi inaugurada a primeira UTI Pediátrica do Centro-Oeste de Minas Gerais, com a colaboração dos ilustres pediatras de Belo Horizonte, Drs. José Orleans da Costa e Horace Wells Silveira Bronzon de Carvalho, com coordenação da Dra. Olga Maria do Nascimento, fato que consolidou um papel de destaque na pediatria da cidade e região. Hoje a coordenação da pediátrica fica a cargo do Dr. Júlio César Veloso e conta com equipe completa, aguardando expansão neste ano de 2017.

O Hospital São João de Deus, através de sua diretoria clínica, na época a cargo do pediatra Júlio César Veloso, iniciou em 2013 o processo de credenciamento pelo Ministério da Educação (MEC) de várias residências médicas, inclusive de pediatria. A residência médica foi responsável por estabelecer uma nova visão sobre a saúde da região. Interessante citar a Dra. Mariele Rios como a primeira residente de pediatria a se formar pelo Hospital São João de Deus.

Em 2014 foi inaugurada a (Unidade de Pronto Atendimento) UPA Padre Roberto com equipe para atendimento de urgências e emergências em

24 horas, inclusive de pediatria. Em 2017, cumprindo as metas para expansão da rede de urgência e emergência, foram iniciadas as atividades do Serviço Médico de Atendimento de Urgência (Samu) e da sala vermelha, com o suporte do Hospital São João de Deus.

As unidades básicas de saúde sofreram sensível melhora após o início das atividades da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), através de implantação de ambulatorios, o que não seria possível sem o trabalho conjunto de professores e acadêmicos. Assim, foram iniciados ambulatorios de pediatria voltados para crianças especiais, na APAE, puericultura, alergia pediátrica, neurologia pediátrica, follow-up de RN de alto risco e de adolescentes. Sobre este tema, importante ressaltar que, desde 2013, foi iniciada a primeira residência multidisciplinar para saúde do adolescente, projeto do professor Alisson Araújo, modelo nacional, premiado pelo MEC.

Existem novas conquistas a serem implementadas para a pediatria em Divinópolis, como a inauguração de mais uma Clínica Pediátrica em caráter privado e, também, a inauguração do hospital público, que contará, juntamente com a Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), com mais um campo de atividades para todas as áreas, na Região Centro-Oeste. Com isso, esperamos, que a qualidade de atendimento e também da saúde venha se firmar como um marco de pujança e engrandecimento.

Pediatras ilustres

Importante citar alguns pediatras ilustres que nasceram na cidade ou que colaboraram e colaboram na história da pediatria do município ou, ainda, que dignificaram Divinópolis por onde passaram ou ainda passam. Trata-se dos doutores: Luiz Magno Correa Maia, Yara Ferreira Eto, João Lima Gontijo, Cícero Plínio Bitencourt, Ruy Gripp Bauer, Alacy Antônio do Amaral, Zeuler Vitor Ramires da Silva, Cândida Maria Duarte Mota, Lúcio Flávio Guimarães, João Henrique de Camargos, Otávio Roberto Albernaz, Jésus Antônio de Assis, Denise Henrique, Giovanna Ribeiro Gontijo da Rocha, Fabiana Maria da Silva, Greuer de Souza, Ione Gomes Mattar, Laene Pires Teixeira, Olga Maria do Nascimento, Ênio Silva Braz, Marcelo Evangelista Faria dos Santos, Pedro Paulo da Silva, Juarez Guimarães do Amaral, Tadeu Sebastião Mendes, José Aparecido Inocência Pereira, Patrícia de Andrade, Alexandre Bolotari Durão, Luciana Ferreira Pereira Monteiro e Júlio César Veloso.

Cícero Plínio Bittencourt

Dos médicos citados acima, importante destacar a participação do professor Cícero Plínio Bittencourt na história da pediatria da cidade e de Belo Horizonte. Natural de Carangola formou-se em 1958 na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Fez residência em pediatria no Hospital Felício Rocho, em Belo Horizonte. Estabeleceu-se em Divinópolis no ano de 1968, onde foi secretário de saúde e médico do Hospital São João de Deus. Portador de TEP, retornando a Belo Horizonte, dedicou-se à vida acadêmica, tendo sido preceptor de pediatria do Hospital das Clínicas da UFMG. Participou ativamente de atividades nas instituições médicas, tendo sido presidente da Sociedade Mineira de Pediatria, em 1977.

Pediatras que atendem hoje nos hospitais da cidade, em unidades da rede pública, especialistas e professores da UFSJ: Alacy Antônio do Amaral, Alessandra Soares Silva Rocha, Lucas de Castro Andrade Soares, Pedro Paulo da Silva, Marcelo Evangelista Faria dos Santos, Célio Rios, Clóvis Silva, Júlio César Veloso, Alexandre Bolotari Durão, Tacyana Frade d'Carlos, Cyntia Nayara de Jesus, Rafael Pinheiro Lacerda, Sandra Maria Maia, Sofia Andrade do Amaral, Luciana Ferreira Pereira Monteiro, Shirley Milagre Menezes, Márcia de Oliveira Franca Alves, Daniel Nogueira Bastos, Gervásio Miranda Fonseca, Marina Moreira Gontijo, Natália Viana Teixeira Flamme, Sandra Regina Souza, Nozor Galvão, Maryangela Daher, Thaís Rodrigues de Oliveira Silva, José Aparecido Inocêncio Pereira, Ênio Silva Braz, Rui Gripp, Otávio Roberto Albernaz, Greuer de Souza, Cláudia Liporatti Albuquerque, Paulo Nunes da Silva, Gervásio Pereira Miranda, Cláudia Gomes F. Oliveira, Edgar Luciano Gontijo, Helder Guimarães Gontijo, Ludmila Pizzigatte Monteiro Barbosa, Rubem Gomes da Silva, Viviane Evilyn dos Santos (neuropediatria), Alex Freire (neuropediatria), Renato Guimarães Moraes (neuropediatria), Natalia Priscila Lacerda (cardiologia pediátrica), Alessandra Trindade Cambraia (pneumologia pediátrica), Francisco Flávio Afonso Rios (alergologia pediátrica) e Jussara Soares Fontes de Souza (nefrologia pediátrica). Corpo docente da UFSJ: Helder Ângelo Tannus Lacerda, Giovanna Ribeiro Gontijo da Rocha, Jussara Fontes, Shirley Milagre Menezes, Marcelo Evangelista e Júlio César Veloso.

FONTE

Divinópolis e Hipócrates: História da Medicina em Divinópolis. Eliza Franca, Aleksandro de Oliveira Marius, Márcio Costa Nogueira. Divinópolis: Serfor, 2010. Pref. Mun. de Divinópolis.

41. Formiga

Concêssio Batista da Costa
2017

Formiga é uma cidade localizada na Mesorregião Oeste de Minas, a 194 quilômetros de Belo Horizonte. Sua população é de 68.236 habitantes. Suas atividades econômicas estão ligadas ao comércio em geral, atividades agropecuárias e às indústrias de cal e calcário, além de fábricas de móveis e biscoitos, entre outras.

Em 22 de dezembro de 1969 regressei para Formiga-MG, onde passei a exercer a minha profissão de pediatra. Formei-me pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1968 e fiz residência em pediatria no Hospital da Baleia em Belo Horizonte, Fundação Benjamin Guimarães.

Naquela época, havia dois grupos de médicos que exerciam a profissão com muita competência e eram conceituados e respeitados na Santa Casa de Caridade de Formiga, na Casa de Saúde Santa Marta (particular) e no Posto de Saúde Estadual.

Na Santa casa, a enfermaria de pediatria abrigava pacientes “indigentes”, com alto índice de ocupação, longa permanência e grande prevalência de desnutrição proteico-calórica. No início, orientei uma técnica de enfermagem a estagiar no Hospital da Baleia, com o objetivo de aprender a puncionar veias de crianças. O material usado na época era bem diferente dos dias atuais. Todo o trabalho era feito com aquele entusiasmo vibrante de jovem médico, encantado com a profissão.

Fui o primeiro pediatra a exercer exclusivamente a especialidade na cidade. A partir da década de 1970 é que foram chegando colegas de outras especialidades para ingressar no corpo clínico, como o Dr. Haroldo Eustáquio Teixeira. As crianças eram atendidas nos hospitais, no posto de saúde, consultórios e até nos domicílios, mas as condições de saúde eram precárias, com atendimento limitado à vacinação básica no posto de saúde e no meu consultório.

Hoje somos um grupo de 17 especialistas, incluindo os que atendem na UTI Neonatal.

42. Governador Valadares

Marilene Silveira Duarte

2017

Mesorregião do Vale do Rio Doce é onde fica localizada a cidade de Governador Valadares, a 311 quilômetros da capital do estado, com 279.665 habitantes. Seu Produto Interno Bruto destaca-se pela prestação de serviços.

A década de 1940 foi um marco no início das atividades da medicina em Governador Valadares. Naquele ano, a Região do Vale do Rio Doce estava repleta de endemias, e a falta de saneamento básico e de urbanização piorava ainda mais a situação. Em 17 de julho de 1942, foi criada a Fundação Serviços de Saúde Pública (Sesp), instituição mantida por um convênio assinado entre americanos e brasileiros, que teve uma unidade instalada na cidade no final dos anos 1940 e início de 1950. Lá eram realizados atendimentos ambulatoriais, aplicação de vacinas e acompanhamento de pacientes com tuberculose e hanseníase. O primeiro médico a atender como pediatra foi o Dr. Almiro Barreto de Almeida.

Na década de 1950, havia poucos hospitais no município: o Nossa Senhora das Graças, o São Vicente de Paulo (filantrópico) e o São Lucas (inicialmente, Casa de Saúde São Lucas em 1957, e depois, em 17 de agosto de 1992, Hospital São Lucas). Existia, ainda, o Hospital dos Rodoviários, aberto para assistência durante a construção da BR-Rio/Bahia, que depois teve o nome mudado para Hospital São Cristóvão (Hospital da Vale), depois, Hospital Infantil São Cristóvão.

Entre os primeiros pediatras da cidade, merecem destaque os doutores: Ariel Marques, médico pernambucano, que criou a primeira clínica de pediatria no município no final da década de 1960, seguido por José Salomé (formado em 1958); ele atendia como anestesista e pediatra no Hospital Nossa Senhora das Graças. José Maria Caldeira Mourão atendia no Hospital São Lucas; Nélio Ribeiro, Adauto Ferreira da Rocha e Othoniel da Cruz Cerqueira atendiam no Hospital Nossa Senhora das Graças. Na década de 1970, foi criado o Hospital Municipal com atendimento pediátrico, internações e pronto-socorro, clínica médica, cirúrgica e emergências cirúrgicas; e ainda, obstetrícia, com maternidade e berçário.

Na década de 1970, existia na cidade o Pronto-Socorro da Criança, sob a coordenação de Ariel Marques. Funcionava em uma casa, com cinco leitos, na Avenida Minas Gerais. Em 1971, criou-se o Instituto de Pediatria, na Rua Marechal Floriano, pelos médicos Adalto Ferreira da Rocha, Nélio Ribeiro e Fausto Fernandes Coutinho. Em 1972, os sócios do Instituto de Pediatria compraram do Dr. Ariel o Pronto-Socorro da Criança. O Dr. Adalto desfez a sociedade, ficando apenas os doutores Fausto e Nélio. O Instituto de Pediatria foi o primeiro estabelecimento a fazer vacinas contra enfermidades importantes, como paralisia infantil, tétano, difteria, coqueluche (tríplice), sarampo e rubéola. Posteriormente, em 1973, Dr. Ariel mudou-se para o Mato Grosso do Sul.

De 1973 a 1976, o Dr. Fausto ficou sozinho no Instituto de Pediatria, onde fazia atendimento noturno por 15 noites ao mês e domiciliar. No dia 7 de março de 1976 foi criado o Hospital Infantil São Cristóvão, com 50 leitos e atendimento exclusivamente pediátrico. O número de sócios aumentou, passando a fazer parte da sociedade os doutores: Adalto Ferreira da Rocha, Antônio Pinheiro de Carvalho, Dílson Hilel, Diomário Soares Teixeira, Fausto Fernandes Coutinho e Luis Carlos Cipriano, com atendimento a vários convênios, particulares e do INPS. O hospital funcionou até 2006, quando passou a ser Hospital Infantil Unimed Criança.

Em fevereiro de 1986, passei a residir e exercer a profissão em Governador Valadares.

A primeira Jornada de Pediatria do Vale do Rio Doce foi realizada no dia 24 de fevereiro de 1989. Promovida pelo Departamento de Pediatria do Vale do Rio Doce e coordenada pelos pediatras Fausto Fernandes Coutinho e Dílson Hilel, o evento contou com a presença do presidente da Sociedade Mineira de Pediatria, José Maria Silveira Netto, que fez a palestra de abertura. Presentes nessa jornada professores da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) José Silvério Santos Diniz (hoje falecido), Francisco Pena e Eduardo Tavares. O encerramento foi realizado com a Dra. Marília de Freitas Maakaroun. Os médicos idealizadores da jornada reivindicavam, na oportunidade, para a mãe, o direito de permanecer junto ao seu filho em situação de hospitalização. Através dessa campanha, as Sociedades Brasileira e Mineira de Pediatria pretendiam mudar a história triste da criança pobre que, simplesmente por não poder pagar sua hospitalização, perdia, também,

a mãe em momentos críticos de sua vida. E nossa cidade não podia deixar de discutir assunto tão importante.

Em 26 de junho de 2000 foi criada a UTI Neonatal, localizada no Hospital Municipal, inicialmente com oito leitos e, em 28 de dezembro de 2011, reinaugurada com expansão para 20 leitos que mantém até hoje, com maternidade e alojamento conjunto. Em outubro de 1999 foi criado o Posto de Atendimento Unimed (PA-Unimed), com atendimento ambulatorial pediátrico. Se fosse necessária a internação, a criança era direcionada para o Hospital Infantil São Cristóvão, fechado algum tempo depois, mas reaberto pela Unimed que criou o Hospital Unimed Criança, com atendimento de urgência e emergência, internações sem CTI Neo ou Pediátrico, dependendo da transferência para centros maiores de crianças graves.

Avanços

No ano de 2006 foi criada a Semana Científica do Hospital Unimed Criança, sempre realizada no mês de outubro. A residência de pediatria no Hospital Municipal existe desde o ano de 2012, sendo que até o mês de março de 2017 já concluíram a especialização 13 pediatras. Atualmente, são oito residentes, quatro R1 e quatro R2.

Houve ainda abertura do Hospital Unimed no dia 27 de março de 2017, com atendimento adulto. No dia 3 de abril do mesmo ano teve início o atendimento pediátrico ambulatorial e com internações. No dia 28 de maio de 2017 foi aberta a maternidade, com o primeiro parto ocorrendo na madrugada do dia seguinte (29 de maio). Aguardamos a abertura das UTIs Neonatal e Pediátrica do Hospital Unimed.

Retrocessos

O fato de não termos uma UTI Pediátrica e dependermos de transferência de pacientes extremamente graves para outras regiões é um problema. Tivemos ainda dificuldades com o fechamento de duas maternidades em 2015: a de Santa Teresinha e a do Hospital Samaritano.

Futuro

Aguardamos a abertura do Hospital Regional, que contará com UTI Neonatal e Pediátrica, além enfermarias para internação e pronto-socorro infantil.

43. Ipatinga

Vera Lúcia Venâncio Gaspar
2009

O século 20

A cidade de Ipatinga, localizada na Mesorregião do Vale do Aço, com mais de 230.000 habitantes, é relativamente nova. Sua emancipação política aconteceu em 1964, dois anos depois da inauguração das Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais (Usiminas).

A história da pediatria em Ipatinga é, portanto, uma história recente, caminhando lado a lado com o crescimento da cidade e da Usiminas. Para proporcionar atendimento médico às pessoas da região e àquelas que para aqui vieram em busca de trabalho e de realização de seus planos de vida, a cidade, juntamente com a Usiminas, foi estruturando seu sistema de saúde. A princípio, postos de saúde atendiam à população; logo a seguir, a Usiminas deu início à construção do Hospital Márcio Cunha, inaugurado em 1965. Nessa época, o hospital contava com pediatras que se desdobravam para atender à demanda de consultas e de pacientes internados. Importante citar alguns dos especialistas como os doutores Derli Mendes Gomide, Jonas de Magalhães Gomes e Edson dos Santos Bonfim.

Nos anos 1970, acontecia a expansão da Usiminas e Ipatinga apresentava um sistema mais bem estruturado de atenção à saúde. O Sindicato dos Metalúrgicos de Ipatinga já havia construído vários postos de saúde para atendimento a seus associados, geralmente trabalhadores da Usiminas e das empreiteiras e seus dependentes.

Ainda nessa década, chegam à cidade outros pediatras: Drs. Gabriel Morais Moisés, João Edson Barbosa, Fábio Antônio Resende (de saudosa memória), José Carvalhido Gaspar e Vera Lúcia Venâncio Gaspar. Foi com esses profissionais, juntamente com o Edson dos Santos Bonfim, que, a partir da primeira quinzena de janeiro de 1972, teve início, no Hospital Márcio Cunha, o plantão de pediatria, marco importante na história da pediatria da cidade. A população passou a contar com esses profissionais nas 24 horas do dia.

Recursos tecnológicos e humanos mais avançados, nessa época, encontravam-se apenas na capital e nas grandes cidades do estado, distantes e inacessíveis a muitos pacientes. Restava ao pediatra se desdobrar em seu trabalho, cuidando da criança enferma e procurando, com o maior desvelo e empenho, dar-lhe a melhor assistência possível. Naquela época, em Ipatinga, devido à carência de outros especialistas nas diversas áreas da medicina, o pediatra assumia integralmente os cuidados com as crianças doentes em todos os seus agravos. Nesse cenário do pediatra generalista, ressalta-se a grande contribuição do colega João Edson Barbosa, hoje residente em Belo Horizonte: ele nos guiou em vários atendimentos a recém-nascidos, nas primeiras exsanguineotransfusões e em diversos outros procedimentos.

Nas enfermarias, predominavam as doenças infecciosas. Poucas eram as vacinas disponíveis e, mesmo assim, um percentual significativo de crianças não as recebia. As enteroinfecções eram frequentes e graves entre os lactentes jovens; o aleitamento materno, escasso, e o lactente, privado desse benefício e exposto às más condições de saneamento básico, contraía essa infecção.

A epidemia de meningite de 1974 chegou com toda a força e gravidade a Ipatinga e a outras cidades da região. Pediatras e demais médicos em alerta; a população assustada; lidávamos com pais ansiosos, preocupados, muitos temiam até falar o nome da doença. A maioria dos leitos do Hospital Márcio Cunha, destinados à pediatria, eram ocupados por crianças com meningite. Como as salas de espera do pronto-socorro estavam sempre cheias, era necessário que se fizesse uma triagem para atender preferencialmente as que se apresentavam em estado mais grave. Era grande a tensão e o estresse: havia o receio de se liberar para casa uma criança que, naquele momento, não tinha indicação de punção lombar e/ou internação, e ela voltar em estado grave. Os pediatras não podiam se ausentar da cidade, tão grande era o volume do trabalho. Recebemos infectologistas de São Paulo que vieram avaliar a extensão da doença. Chegou, então, a vacina contra o meningococo do sorotipo C, e Ipatinga foi a primeira cidade em que foi usada. Filas enormes se formavam para a aplicação. Os pediatras dos ambulatórios do Sindicato dos metalúrgicos davam assistência à população durante a campanha. Afinal, tratava-se de uma vacina nova. Constatou-se, a seguir, uma queda significativa do número de novos casos. Pouco tempo depois, novamente aumento dos casos. Veio a suspeita da ineficácia da vacina e depois a explicação: dessa vez,

os casos eram pelo meningococo do sorotipo A. Foi um período difícil, mas de grande aprendizado para todos nós, sobretudo no que se refere à relação médico-paciente. Os pacientes que, no momento do atendimento, não apresentavam indicação para a realização da punção lombar, eram liberados para casa, com explicações minuciosas aos pais, a respeito da necessidade de acompanhamento da doença e das situações em que deveriam voltar ao hospital. Alguns pais assustados queriam que se fizesse punção logo após o início de dor de cabeça, febre e/ou vômitos. Outros pais, com crianças doentes, mas sem suspeita de meningite, evitavam levá-las ao hospital com receio de que elas adquirissem a infecção no ambiente hospitalar.

Nessa mesma década, aconteceu o surto de poliomielite. Era visível, nos pais, a tristeza, a desolação, o desconforto quando da realização do diagnóstico. Lidávamos com as formas ascendentes da doença e nos perguntávamos o que fazer. Quais as alternativas? Não tínhamos respiradores.

Em fevereiro de 1977, o Dr. José Dias Rego esteve, durante uma semana, em Ipatinga, apresentando temas de atualização em neonatologia. A população da cidade aumentava rapidamente, era necessário que os pediatras se atualizassem para atender aos recém-nascidos. Naquela época, a jovem Ipatinga contava com poucos locais onde se pudessem realizar palestras para a comunidade. A igreja do Colégio São Francisco Xavier, no bairro Cariru, foi o lugar escolhido para a palestra sobre a importância do aleitamento materno. A plateia, atenta, ouvia com grande interesse o entusiasmado conferencista, Dr. Dias Rego, que falava sobre os benefícios da amamentação. Foi a primeira palestra médica direcionada à comunidade que aconteceu em Ipatinga.

Em 1979, houve a inauguração das obras de ampliação do Hospital Márcio Cunha, uma nova instituição, agora vertical, com seis andares. Aumentaram-se os espaços destinados à pediatria, que passou a contar com o sexto andar, exclusivamente para crianças. Nova maternidade, ampla, no primeiro andar, inicialmente destinada somente às mães, ficando os recém-nascidos ainda nos berçários. Nosso sonho era o alojamento conjunto, e por ele lutávamos.

Com a inauguração do novo Hospital Márcio Cunha, além da equipe de plantonistas do pronto-socorro, iniciaram-se os atendimentos por pediatras em consultórios do hospital, especialmente construídos para atendimento ambulatorial. Houve necessidade da contratação de novos pediatras, para

ampliação do serviço devido à demanda crescente, determinada pelo rápido crescimento da cidade.

No início dos anos 1980, contávamos com vários especialistas de outras áreas, que muito nos ajudavam no melhor atendimento às crianças. Passamos a entender, com muita clareza, que o progresso ia acontecendo por etapas. Continuava o sonho e a luta pela implantação do alojamento conjunto, pois tínhamos certeza da importância para a mãe/filho/família. Sabíamos, também, que seria um passo decisivo para o sucesso do aleitamento materno. Finalmente, em 1982, ele foi implantado. Por fim, mães e recém-nascidos juntos, tinham a oportunidade ímpar para o “olho no olho” e o contato próximo nesse período decisivo para a criação dos vínculos afetivos.

Ainda nos anos 80, foi criada no sexto andar do Hospital Márcio Cunha a enfermaria de cuidados intermediários, para a acolhida e assistência às crianças em estado grave. Mais um grande avanço. Essas crianças tinham mais possibilidades de recuperação. Ampliavam-se os recursos a favor da vida, e vida com qualidade.

Nessa época, já estava em pleno funcionamento, no Hospital Márcio Cunha, a UTI de Adultos, idealizada pelo Dr. Aloísio Benvindo de Paula. Frequentemente, nós, pediatras, recorriamos a ele para que crianças em estado grave fossem recebidas na UTI de adultos. Após algumas considerações, por parte dele, sempre bem fundamentadas, conseguíamos a vaga. Também com a sua imprescindível ajuda, nessa mesma época, iniciamos a utilização do CPAP nasal, o que permitiu a recuperação de muitos e muitos recém-nascidos.

Em 1987, foi iniciada a implantação da equipe de internistas do Hospital Márcio Cunha, para atendimento exclusivo das intercorrências das crianças internadas, o que até então era de responsabilidade do pediatra de plantão no pronto-socorro. Representou um grande avanço na assistência às crianças, sobretudo aos casos mais graves. Nessa ocasião, as unidades pediátricas de terapia intensiva já eram realidade nos grandes centros, assim como o transporte aéreo de pacientes graves. Inúmeras vezes tivemos que lançar mão desses recursos, na luta pela vida dos pacientes. Em inúmeras ocasiões, quando as possibilidades de transferência se esgotavam ou eram impossíveis, vários pacientes foram colocados em ventilação mecânica no Newport Breeze,

emprestado pela UTI de Adulto. A aquisição desse aparelho, decisivo para a vida de muitas crianças, foi viabilizada já que era possível com ele ventilar tanto as crianças quanto os adultos.

A grande necessidade daquele período era a implantação da UTI Neonatal e Pediátrica no Hospital Márcio Cunha, bem como a presença do pediatra na sala de parto.

O século 21

O início do século 21 começou cheio de realizações. Em janeiro de 2001, foi implantado o programa de residência médica em pediatria. Esse empreendimento contribuiu para a formação de novos pediatras, que hoje fazem parte da equipe. Atualmente, o Hospital conta com programa de especialização em várias áreas, inclusive em pediatria, e mantém convênio com a Faculdade de Medicina do Vale do Aço para aulas de semiologia.

A presença do pediatra na sala de parto após muita insistência foi finalmente alcançada em outubro de 2001: a partir dessa data uma escala de pediatras de plantão, exclusivamente na sala de parto, era formada.

Mais uma grande conquista marcou o 30 de maio de 2003: a inauguração da UTI Neonatal e Pediátrica pelo Dr. José Carlos de Carvalho Gallinari, diretor técnico do hospital, que muito se empenhou nessa empreitada e em inúmeras outras a favor dos pacientes, dirigindo a entidade há 18 anos, sempre comprometido com a ética e com o progresso científico. A UTI, dirigida pelo Dr. Marcus Vinicius Alvim de Oliveira, primeiro intensivista pediátrico do hospital, trouxe, além de maior segurança para todos, pacientes, família, pediatras e instituição, maior esperança de vida para recém-nascidos e crianças.

Durante esses anos, quando conduzíamos pacientes mais graves para Belo Horizonte, éramos ajudados pelos professores da capital que nos orientavam muitas vezes por telefone ou recebiam os pacientes encaminhados por nós. A contribuição deles foi de extrema valia.

Paralelamente ao progresso na assistência pediátrica ocorrido no Hospital Márcio Cunha, surgiram novos e imprescindíveis recursos na rede municipal, principalmente com a instalação de novas unidades de saúde, policlínica e, principalmente, a inauguração do Pronto Socorro e do Hospital Municipal de Ipatinga.

Os dias atuais (2009)

Aconteceu a transição epidemiológica e surgiram novos desafios. Podemos citar a dengue, a infecção pelo HIV, os traumas, o aumento de gravidez na adolescência, os cuidados com os prematuros, o problema das drogas, a situação da criança nos novos modelos familiares, o crescente aumento da violência entre as crianças e os adolescentes. Em todos esses campos, a participação do pediatra, como defensor da criança e do adolescente, se faz necessária.

Em meio à época de tantas conquistas, surge um outro desafio, grande e preocupante: a falta de pediatras. É difícil manter, em um hospital do interior, escalas de plantão (pronto-socorro, sala de parto e UTI). A falta de pediatras nas unidades de saúde, a não inclusão desse profissional nas equipes de saúde da família tira das crianças e adolescentes o direito que já tinham adquirido de ter o seu pediatra. Como consequência, ocorre agora um aumento da procura por ele nas salas de emergência, o que representa um retrocesso.

Infelizmente, entre outros fatores, a pouca valorização e o não reconhecimento da importância de seu trabalho tem feito o jovem médico recém-formado optar por outras especialidades.

Atualmente, a equipe do Hospital Márcio Cunha conta com 29 pediatras, alguns se dedicando mais a determinadas áreas. Trata-se de um grupo que procura o crescimento e a atualização, empenhando-se para superar as dificuldades e contribuir decisivamente para a melhoria da saúde e qualidade de vida das crianças e adolescentes de Ipatinga. São eles, por tempo de atuação na pediatria do Hospital Márcio Cunha: os Drs. Edson dos Santos Bonfim, José Carvalhido Gaspar, Vera Lúcia Venâncio Gaspar, José Ribeiro Neto, Júlio César Ramos, Adir de Paula Lima, Edson Carvalhido Gaspar, Luiz Eduardo Chalab Calazans, Cezar de Oliveira, Lea Rache Gaspar, Sigrid Terezinha Campomizzi Calazans, Marco Túlio Martins de Mello e Silva, Marcus Vinicius Alvim de Oliveira, Letícia Guimarães Carvalho de Souza Lima, Marco Aurélio Martins de Mello e Souza, Aretuza Reis de Almeida Frois, Dênio Siqueira da Silva, Luiz Felipe de Mello Caminada Sabrá, Giuliana Alves Tartaglia Vilela, Marina Ricardo Lopes Soares, Milton Afonso Ferreira, Anderson de Almeida Rocha, Fabiano Tebas de Castro, André Luiz Brandão Toledo, Catarina Amorim Baccarini Pires, Adalberto Dias Campos, Luís Antônio Amorim Florindo, Renata Gomes Araújo e Emília Bicalho Costa.

44. Itabira

Antônio Geraldo Beltrame
2017

O município de Itabira localiza-se na Mesorregião Central do estado, a 111 quilômetros de Belo Horizonte, e conta com 118.481 habitantes. O ponto forte de sua economia é representado pela indústria, exploração minério de ferro desde o final do século XVIII, e o setor de prestação de serviços. Em 1942 foi criada a Cia. Vale do Rio Doce, atual Vale S.A., que mudou a história econômica e cultural da cidade.

A história da pediatria em Itabira teve início com um dedicado médico generalista e anestesista, mas que tinha preferência pelo atendimento às crianças: Dr. Francisco Jacinto Martins da Costa, graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1956. Dr. Francisco fez especialização em pediatria no Serviço de Pós-graduação Carlos Chagas, do Hospital dos Servidores Públicos do Rio de Janeiro, em 1965, mesmo ano do início da especialidade pediátrica na cidade.

Com o tempo, outros especialistas passaram a integrar a equipe de pediatria, entre eles, é importante citar os doutores: Antônio Carlos Claus Carvalhal, graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1966 (exercia as especialidades de pediatria e anestesia); Roberto de Freitas Drumond, graduado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1969, com residência em pediatria no Hospital das Clínicas da UFMG em Belo Horizonte, nos anos 1970 e 1971. O Dr. Roberto é o médico mais antigo hoje em atividade na pediatria de Itabira, juntamente com a Dra. Ermelinda Meroto Roncetti, graduada pela Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (Emescam).

Em Itabira, até 1975, o Hospital Nossa Senhora das Dores era o único da cidade a assistir os recém-nascidos e as crianças que necessitavam de tratamento clínico hospitalar. Naquele ano, a então Companhia Vale do Rio Doce inaugurou o hospital geral Carlos Chagas, com maternidade e berçário para assistência a seus funcionários e de seus dependentes. Atendendo às solicitações dos médicos Dr. Francisco e Dr. Carvalhal, a CVRD promoveu

a transferência dos dois pediatras para outras cidades, onde a companhia mantinha atendimento médico.

Sendo assim, novos especialistas foram admitidos para trabalhar no Hospital Carlos Chagas e também convidados para trabalhar no Hospital Nossa Senhora das Dores. São eles: Drs. José Luiz Scaglioni Filho, graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em dezembro 1974, residência em pediatria no Hospital da Baleia em Belo Horizonte, dezembro de 1976; Antônio Geraldo Beltrame, graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em julho de 1975, com residência em pediatria na Fundação Estadual de Assistência Médica de Urgência (Feamur), hoje Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig) de julho de 1975 a julho de 1977.

A pediatria em Itabira continuou se expandindo com novos profissionais que vieram integrar o atendimento pediátrico ao público nos hospitais, sindicatos e consultórios, incluindo adoção de novas medidas preventivas. Importante citar a presença do doutor Jacques Varela de Almeida, formado na Universidade Federal de Minas Gerais em 1973, com residência em pediatria no Hospital das Clínicas da UFMG, em Belo Horizonte, de 1974 a 1975. Inicialmente o Dr. Jacques lecionou no Hospital das Clínicas, transferindo-se para Itabira em 1980. Houve ainda as presenças das doutoras Cora Maria Furtado, formada pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Kátia Maria Guerra Machado.

Os pediatras da cidade, como do resto do país, foram vitoriosos na campanha encabeçada pela sociedade Brasileira de Pediatria e encampada pela Sociedade Mineira de Pediatria, que garantia a presença do pediatra nas salas de parto durante a operação cesariana. A portaria 306, do Ministério da Saúde, datada de 28 de março de 2016, que prova as diretrizes de atenção à gestante durante a operação cesariana está em vigor desde então. Tudo isso levou à conseqüente melhoria no atendimento ao recém-nascido no berçário e pediatria, também no Hospital Nossa Senhora das Dores.

Nesse mesmo hospital, foi instalado o Banco de Leite Humano, conquista importante para a recuperação dos recém-nascidos prematuros e de baixo peso. Para que esses serviços funcionassem a contento, Itabira passou a contar com a importante colaboração dos pediatras: Wenderson Clay, Maria Morgana,

Luciana Alvarenga, Marcus Vinicius, Sílvia Carneiro, Heuler Alves da Silva e Isabela Pena.

O serviço público apresentou ganhos relevantes no atendimento às crianças com doenças respiratórias com a instalação do “Projeto Respira”, coordenado pelo pediatra e pneumologista Dr. Wenderson, com a colaboração do Dr. Jacques.

Dando continuidade ao atendimento dos desnutridos e de baixo peso, aos portadores de hemoglobinopatias, aos pacientes com outras alterações relacionadas às doenças do “teste do pezinho”, o atendimento adequado e pertinente pôde ser realizado também no “Centro Viva Vida”.

Entretanto, na rede pública houve diminuição do número de pediatras, com a implementação dos Programas de Saúde da Família (PSFs), que exercem um papel muito importante no cuidado com as crianças.

Finalizando, pode-se dizer com absoluta certeza que o município de Itabira tem números gradativamente decrescentes tanto da mortalidade infantil, quanto de comorbidades, demonstrando a importante participação dos pediatras junto aos seus pequenos pacientes, apesar da diminuição dos especialistas na cidade.

45. Itajubá

José Sebastião Rezende Monti

2010

Cidade localizada na Mesorregião Sul e Sudoeste de Minas, com 96.523 habitantes e a 447 quilômetros de Belo Horizonte, Itajubá é um dos centros urbanos mais importantes e possui um dos maiores distritos industriais da região.

As considerações sobre a pediatria em Itajubá prendem-se às leis da evolução. Antigamente os conhecimentos, a cultura, os valores eram outros. Os pais eram censurados se internassem os filhos no hospital, pois as crianças deveriam ser tratadas em casa. Usava-se a hidratação subcutânea para o

tratamento da desidratação e a bombinha do aparelho de pressão para que o líquido entrasse com maior rapidez. Dava-se extrato de tireoide para os portadores da síndrome de Down pela semelhança com a “fácies” dos portadores de deficiência da tireóide. Os conhecimentos eram outros.

A Santa Casa era depósito de doentes, e a falta de recurso financeiro o maior problema. Faltava tudo, até comida e remédios; os exames complementares eram usados com parcimônia e o diretor da Santa Casa apelava para os coronéis, conhecidos chefes políticos na época, para tentar obter dinheiro.

Na Santa Casa, o serviço de pediatria funcionava em um porão úmido, mal ventilado e paredes cheias de mofo. Parte desse porão era usada como depósito que servia para tudo: sanitário, rouparia, sala de exame, de enfermagem, de distribuição de remédio, de curativo, de recreação e até de depósito de lixo, além de outras serventias. Alguns não acreditavam. E nós usávamos e abusávamos da permanência da criança, mais longa do que necessária. A transfusão de sangue, com conceito completamente diferente do atual, virou rotina.

A população de uma maneira inimaginável se perguntava como acontecia a recuperação do desnutrido em um lugar como aquele? Alguns não acreditavam. Um amigo pessoal, o saudoso fotógrafo Ivo Chiaradia (agradecimento pós-morte), fez graciosamente diversas fotos de crianças nos atos da internação e da alta, com grande repercussão, pois a criança entrava gravemente enferma e saía curada. Falava-se em milagres.

Mesmo assim, era necessário construir o serviço de pediatria no hospital e, para tanto, foi feita uma campanha com o objetivo de arrecadar fundos. A exposição de fotos do “Porão da Pediatria” (de Ivo Chiaradia) foi realizada na Santa Casa, na Escola de Enfermagem e em salões centrais da cidade. As alunas desta escola foram muito eficientes na propaganda da importância da alimentação e do banco de sangue. As fotografias foram distribuídas a todos que podiam dar retorno para construção do departamento pediátrico. Um presidente da República admirou-se com a realidade, no entanto, ficou só na admiração!

Outras que ajudaram bastante nessa campanha foram as Irmãs da Providência de GAP. Elas, juntamente com a administração da Santa Casa, foram as responsáveis pela fundação da Escola de Enfermagem, na década de

1950, e conseguiram de uma instituição católica alemã, a Misereor, o principal recurso financeiro a ser investido na construção do setor pediátrico da instituição. E isso só foi possível quando enviaram para a Misereor as fotos da exposição do “Porão da Pediatria”, provando a necessidade da verba.

Depois de pesquisas, a entidade acatou o pedido e enviou para a Santa Casa a primeira parcela com um valor muito além do que havia sido solicitado. A Provedoria da Santa Casa se entusiasmou e pensou alto. Resolveu construir um prédio com vários andares, sendo alguns destinados à pediatria. A longa história foi pouco comentada e com várias versões. O inusitado, no entanto, é que a entidade alemã não foi avisada e, preocupada com o destino do dinheiro, não deu resposta ao receber o pedido da liberação da segunda parcela. A Provedoria mudou os planos e a realidade passou a ser outra.

Infelizmente, a dedicação e eficiências das irmãs da Congregação Providência de GAP nunca foram reconhecidas.

A construção do Hospital Itajubá – Fundação da Faculdade de Medicina

Alguns médicos, por dificuldade de frequentar a Santa Casa, resolveram fundar um hospital através da venda de cotas. Conseguiram. O Hospital Itajubá estava praticamente pronto, em 1966, quando o então presidente da República, general Arthur da Costa e Silva, a pedido de sua esposa Yolanda da Costa e Silva, fez um apelo aos responsáveis pelas faculdades de medicina locais para que aproveitassem os alunos excedentes dos vestibulares.

Objetivando atender o presidente, o renomado Dr. Rosemburgo Romano resolveu construir uma faculdade, pois a cidade não tinha número suficiente de médicos que suprisse a necessidade de professores para se iniciar um curso de medicina e, muito menos, para trabalhar no hospital, praticamente pronto. Os idealizadores da faculdade foram buscar esses profissionais em outras cidades, principalmente na capital paulista, pois o relacionamento de Itajubá com Belo Horizonte não era muito significativo.

A construção da Rodovia Fernão Dias, no final da década de 1950, mudou o relacionamento de toda a região do sul de Minas com o estado de São Paulo, principalmente com a capital, onde os idealizadores da futura faculdade foram buscar os professores. Para assumir o curso de graduação vieram pediatras do Hospital das Clínicas de São Paulo que trabalhavam no serviço do Professor

Eduardo Marcondes. Destacaram-se os professores: Evandro Roberto Baldacci, Sérgio Bueno Pinto da Rocha, Antônio Hernandes Sobrinho, Novagi Kac Dalva, Bernardo Ejzenberg, Carlos Augusto de Oliveira Cardim, Virgílio Pommer, Ascédio José Rodrigues Neto. Da Santa Casa de São Paulo veio o cirurgião infantil Roberto Antônio Mastroti. A competência, a atualização, a liderança, o idealismo, a dedicação, a doação, a amizade desses professores impressionavam a todos da faculdade e despertaram nos envolvidos com a pediatria a responsabilidade pelo curso e pela faculdade. Como o hospital não tinha condição de dar internato, a faculdade assinou convênios com hospitais de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Os alunos de Itajubá sempre se destacaram nas residências de pediatria de outros hospitais.

A faculdade, por necessitar de professores para acompanhar os alunos na prática de ambulatório e de crianças internadas, resolveu dar um curso de capacitação para os médicos recém-formados. Por não ter os requisitos exigidos para a residência de pediatria, a Faculdade de Itajubá ofereceu um curso de aperfeiçoamento. Os médicos candidatos foram esclarecidos das deficiências da planta física do hospital (a Santa Casa praticamente proibia a frequência dos alunos) e da deficiência de orientação profissional. A doação dos orientadores, aliada à responsabilidade dos que queriam se dedicar à pediatria, foram fatores fundamentais para diminuir as deficiências, sobretudo pelo amor à causa por parte de todos os envolvidos. O atendimento dos pacientes gerava uma renda que ia para uma caixa única e dividida em partes iguais entre preceptores e os médicos em especialização. O ambiente de igualdade, de sinceridade, de amizade, de harmonia, de cooperação facilitava a solução dos problemas. Muitos fizeram o Curso de Docência do Ensino Superior e passaram a atuar como professores no curso de graduação. Todos assumiram a filosofia contida nas normas de pediatria: “A pessoa mais importante na faculdade é o aluno e no hospital o paciente.”

Em 1988 houve uma mudança na direção da escola. Os novos dirigentes resolveram dispensar os professores do curso teórico de graduação que residiam fora da cidade de Itajubá. O coordenador, professor José Sebastião Rezende Monti, pediu exoneração do cargo. Os professores do curso prático Benedita Maria Lopes Vianna, Ciléia Carneiro Almeida, Evaldo de Oliveira, Lubélia

Maria Cardoso Anacleto Nunes e Marcus Vinícius Chiaradia substituíram os dispensados. Com o passar do tempo, outros médicos tornaram-se professores.

Pediatras de Itajubá antes da Faculdade de Medicina:

Armando Ribeiro dos Santos

Nasceu em Barbacena em 23 de maio de 1909 e concluiu o curso de medicina em 1925, na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais (UMG). Especialista em Organização e Administração Sanitária do DNS em 1947. Especialista em Ciência da Alimentação na Universidade de Roma em 1955-56. Professor catedrático de Higiene e Odontologia Legal na Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1953. Professor da Escola de Saúde Pública de MG. Professor titular de Medicina Social da Faculdade de Medicina de Itajubá. Professor da Clínica de Doenças Infecciosas e Parasitárias da Faculdade de Medicina de Pouso Alegre. Professor da Clínica de Doenças Tropicais da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais. Médico sanitarista concursado da Secretaria de Saúde do Estado de Minas Gerais. Presidente da Sociedade Mineira de Pediatria em 1952.

José de Faria Azevedo

Concluiu o curso de medicina em 1937, no Rio de Janeiro. Exerceu a clínica pediátrica em Itajubá até a década de 1990, destacando-se pela dedicação, invulgar senso clínico, pela humanização e comportamento ético.

José Sebastião Rezende Monti

Formado na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1955, exerceu a clínica pediátrica em Itajubá a partir de 1958. Foi o responsável pela organização do Serviço de Pediatria da Santa Casa e do Hospital Itajubá. Trabalhou, ainda, na Escola de Enfermagem e na Faculdade de Medicina de Itajubá.

Vários médicos, clínicos gerais que se dedicavam aos atendimentos de crianças eram considerados pediatras: Drs. Orlando Sanches, Clésio Silva e José Vilela Viana. Alguns médicos militares que serviam no batalhão e na fábrica de armas tinham o título de pediatras.

46. João Monlevade

Flávio Lúcio Moreira Bicalho

Aloysio Hamacek Horta

Stanley Baptista de Oliveira

2017

Inicialmente, queremos parabenizar os editores José Guerra Lages e Edward Tonelli por esta iniciativa em descrever a evolução da histórica da pediatria em nosso estado. É um trabalho árduo, que exige muita persistência, devido às grandes atribuições que cada um de nós tem com família e profissão. Liderar a confecção de um livro, ainda necessitando da colaboração de vários colegas, é muito complexo.

A evolução da estrutura médica atual, passa pela história de nossa cidade, que tem como principal atividade comercial, a produção de aço, sendo aqui uma região de grande oferta de minério de ferro. A usina Belgo Mineira veio se instalar aqui, após adquirir a antiga forjaria criada pelo engenheiro de minas, o francês Jean Antoine Felix Dissandes Monlevade, em 1921, sendo a principal alavancagem do município. Com grande número de funcionários, a companhia precisou criar condições para atrair funcionários especializados na atividade industrial, daí a criação de vilas para operários e engenheiros, escola, clube recreativo, comércio e o nosso querido hospital Margarida, que recebeu esse nome em homenagem à mãe do então diretor geral da CSBM, Louis Ensch.

A história da pediatria em João Monlevade está intimamente ligada à Dra. Maria Déa Ramos de Almeida. Nascida em Diamantina em 8 de agosto de 1924 graduou-se em medicina pela Escola de Medicina da UMG, em 1951, com formação em pediatria. Em 1952, a médica veio para João Monlevade, então distrito de Rio Piracicaba, para trabalhar na Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, cuja usina havia sido inaugurada em 1927. Naquela época o atendimento médico aos empregados dessa empresa e aos seus familiares era feito no ambulatório chamado Assistência e as internações eram feitas no Hospital de Madeira, uma construção rústica enquanto estava sendo construído o Hospital Margarida.

A inauguração do moderno hospital regional, em 1952, recebeu a ilustre presença do então governador de Minas, o médico Juscelino Kubitscheck. Esse momento, marca o principal atrativo para vinda de médicos para a região e, como consequência, também de pediatras.

Inicialmente, o corpo clínico era composto por dois clínicos gerais, um deles, Dr. Darci Duarte de Figueiredo, dois cirurgiões obstetras, um deles Dr. José Nascimento Dias, um ortopedista, Dr. Mário Aurélio Pires, um radiologista e laboratorista, Dr. Geraldo Soares de Sá e dois pediatras, Drs. Déa e Ovídio Santoro. Assim que o Hospital Margarida foi inaugurado no dia 16 de novembro de 1954 com todos os recursos técnicos daquela época, com 156 leitos e competente equipe de enfermagem, a Dra. Déa foi nomeada diretora do hospital. A partir daí começou um grande trabalho para o cuidado da saúde das crianças, filhos dos quase 10 mil operários da usina siderúrgica.

A Dra. Déa criou o lactário que era mantido pela Belgo e que fornecia mamadeira adequada a cada fase das crianças até um ano de idade, complementando o aleitamento materno. Para ter direito ao que oferecia o lactário as crianças tinham que receber as vacinas preventivas. Mediante a apresentação do cartão de vacinação, os pais dessas crianças recebiam as mamadeiras, a princípio seis por dia até o 4º mês de vida, depois quatro para complementar a alimentação até o 8º mês e depois duas por dia até o 12º mês de vida. Com esse programa do Lactário e implantação de vacinas preventivas, tornaram-se praticamente controladas doenças como poliomielite, varíola, sarampo e outras. Esse Lactário funcionou até 1966, quando foi substituído pelo fornecimento de leite integral para que as próprias mães preparassem o alimento de acordo com orientação impressa, com a receita de mingau adequado à idade das crianças, além de outras orientações sobre prevenção de doenças da infância. A Dra. Déa criou, ainda, o Banco de Leite do Hospital Margarida para amamentação de recém-nascidos, que permanece até hoje, em modelo utilizado e mantido pela Associação Beneficente dos Empregados da Belgo, agora com novo nome: Associação Beneficente dos Empregados das Empresas Arcelor Mittal Brasil (Abeb), após a incorporação da Belgo ao Grupo AcelorMittal.

Após a inauguração do Hospital Margarida foi ampliado o número de pediatras do corpo clínico da Belgo, que passou a contar com os especialistas:

Drs. Rubens Sabino Campos, Hugo Martins, Hugo Marcondes Reis e Yara Eto. A Dra. Maria Déa Ramos de Almeida permaneceu na chefia da pediatria do Hospital Margarida até o ano de 1985 quando se mudou para Belo Horizonte.

Por contar com um corpo clínico excelente e condições para o adequado atendimento dos pacientes, a cidade começou a se desenvolver como polo regional em saúde, atraindo pacientes que necessitavam de tratamento especializado.

Na década de 1980, tivemos a chegada de colegas, com residência em pediatria, que atualizaram o serviço e tornaram a assistência, principalmente no berçário, mais eficiente, possibilitando o atendimento de crianças portadoras de doenças mais graves e acompanhamento das gestações de alto risco, evitando assim transferência de muitas gestantes para Belo Horizonte. Esses colegas foram: Drs. Antônio Mário Viana, o casal Rosenir José de Abreu Neves e Lélia Maria Alcântara Neves, Marco Aurélio Couto Moreira, Denise Vaz Barbosa de Almeida, Áurea da Conceição Loureiro e Nilson Geraldo de Barcelos, em Alvinópolis. Nesta década, a prefeitura municipal implantou vários postos de saúde na cidade, gerando mais emprego para pediatras, o que muito contribuiu para a melhoria da assistência à população em geral. A Abeb construiu um centro clínico para atendimento dos funcionários e seus dependentes, numa localização privilegiada, bem ao lado do hospital, que permitia a presença do pediatra em todos os eventos de urgência pediátrica.

Nesse mesmo período, tivemos no berçário uma evolução grandiosa, através da enfermeira Maria Mazarelo Pereira Natali, que cuida até hoje dos bebês de uma forma carinhosa e competente, não permitindo que ocorra nenhum deslize na condução das rotinas do berçário. Ela lutou e conseguiu a implantação efetiva do banco de leite e através da sua persistência, o hospital foi reconhecido com o título de amigo da criança.

No início dos anos 1990 foi constituída a Unimed João Monlevade, com 42 cooperados fundadores. A partir daí, os clientes passaram a ter acesso à medicina mais moderna e os médicos passaram a ter uma remuneração justa e ética, sendo considerada como uma das melhores cooperativas médicas do estado, recebendo da Associação Médica de Minas Gerais (AMMG) a publicação de empresa que melhor remunera a consulta e os procedimentos médicos no estado. Diante desse cenário favorável houve a motivação para a

vinda de novos pediatras, como os colegas Drs. Anna Beatriz Dutra Valente, com formação em pediatria e cardiologia pediátrica; o casal Wagner Hibner e Vanessa Hibner e Flávio Lúcio Moreira Bicalho, consolidando, dessa forma, a pediatria. Foi possível, ainda, a implantação do sistema de plantão pediátrico nos finais de semana para atendimento também aos pacientes internados.

Até essa época os plantões no hospital eram feitos por médicos generalistas, com o apoio de pediatras em sobreaviso. Convivíamos com enfermarias cheias de crianças devido às condições sociais e sanitárias dos municípios atendidos por médicos em João Monlevade. Com a implementação de atendimento pediátrico nos postos de saúde municipais, a prevenção foi se mostrando eficaz, trazendo, em longo prazo, a redução do número de internações pediátricas, o que proporcionou dedicação mais exclusiva do plantonista aos casos mais complexos, que exigiam formação cada vez mais especializada. No final da década de 1990 e início dos anos 2000, vieram exercer a pediatria em Monlevade: Drs. Vanilma Pena Bicalho, Amélia Rosário Barbosa, Suzana Oliveira Gomes Costa, Juliana Araújo. Em Nova Era: Viviane Oliveira Gualberto, Viviane Magalhães Silva Cunha, Wander Loureiro, Eduardo Fonseca Novy Júnior e Tereza Cristina Campos Lavall.

A conquista de manutenção do plantão do pediatra durante todos os dias da semana foi obtida a duras penas, nessa época. Em 1994, o hospital foi transferido para a Fundação São Camilo, e já apresentava dificuldades financeiras, pois não era mais mantido pela Belgo Mineira, que já havia sido adquirida pelo grupo Arcelor Mittal, com outro foco de negócio. Mas mesmo assim iniciamos o atendimento em sala de parto para todas as gestantes, inclusive com berçário de alto risco, mantendo bebês em ventilação mecânica até a transferência para UTI Neonatal, já que não dispúnhamos aqui.

Na questão educacional, a comunidade médica de João Monlevade sempre foi muito atuante, recebendo atenção especial da Associação Médica local que, em parceria com a Unimed, promove anualmente a jornada médica, durante 30 anos ininterruptos. A jornada de pediatria está na sua XIII edição.

O grupo de pediatras está bem consolidado. Atua de forma equilibrada e coesa, atendendo a uma grande região, com mais de 300 mil habitantes, com a promoção da saúde infantil e tendo como objetivo a formação de cidadãos saudáveis, felizes e úteis à sociedade.

47. Lavras

José Carlos Loiola

2012

Cidade da Mesorregião do Sul de Minas, Lavras é um município de 101.208 habitantes, a 237 quilômetros da capital. O setor agropecuário se destaca pela produção de café e leite, além de outras culturas agrícolas. A cidade tornou-se centro universitário de expressão no cenário nacional.

Fixei residência em Lavras em 24 de fevereiro de 1969, cidade para onde fui levado na Kombi do Laboratório Carlo Erba, cujo motorista era um boliviano de nome Alírio, que veio estudar medicina no Brasil, mas abandonou o curso.

Meu objetivo era trabalhar no Hospital Dona Lúcia Pinheiro Pimenta. Em Lavras, existiam mais dois hospitais, Santa Casa de Misericórdia e Hospital Vaz Monteiro. Naquela época, havia na cidade 19 médicos e um pediatra que exercia cargo burocrático. Se os hospitais já eram limitados, imaginem as enfermarias de pediatria, geralmente os locais mais inferiores nas dependências hospitalares. Naquela ocasião, quando se internava criança, não era permitida a presença da mãe. Não existiam enfermeiras formadas e os funcionários que trabalhavam na saúde eram treinados pelos médicos. Na Santa Casa de Lavras existia uma congregação religiosa responsável pelo serviço de enfermagem. Era comum a aplicação de soro na parede abdominal para hidratação e as dissecações venosas praticamente inexistiam. Havia na cidade três laboratórios comandados por técnicos.

Posteriormente, fundamos um laboratório que se encontra em funcionamento até hoje sob o comando de um bioquímico, indicado para o cargo por mim em 1970. O Laboratório Santa Cecília atualmente é de alto padrão. Na época, as crianças eram atendidas pelos médicos generalistas e pelos farmacêuticos, sendo que a maioria dos farmacêuticos não possuía título universitário e exercia a prática de receitar. Prescreviam Pulmocilin que, na sua fórmula, continha estreptomina e isoniazida, usados no tratamento da tuberculose. Receitava-se a tetraciclina, que provocava uma série de efeitos colaterais nas crianças. Um dos absurdos era a aplicação de cálcio por via endovenosa.

Acho que Deus é brasileiro, pois nunca ouvi falar aqui de parada cardíaca durante essas aplicações. Sofri muita pressão; as pessoas desencorajavam-me dizendo que a cidade era pequena e não comportava pediatria. Na região havia somente dois pediatras na cidade de Varginha.

Para sobreviver, passei a auxiliar cirurgias, fazer curetagem e traumatologia. Estávamos em plena ditadura militar e não conseguia credenciamento pelo Inamps. Restava-me, então, tratar os meus pequenos pacientes por meio de um estratagema: os honorários eram recebidos por outros colegas que emitiam as guias de internamento e, após recebimento das mesmas, transferiam o pagamento para mim, descontado o Imposto de Renda.

Naquela época tudo era mais difícil. Os hospitais não possuíam isolamento, de modo que, quando surgia algum caso de difteria, tratávamos na residência do paciente e, graças a Deus, não tivemos nenhuma complicação. Fazíamos o teste de dessensibilização de Besredka e aplicávamos o soro antidiftérico.

Objetivando melhorar o atendimento, passamos a preparar nossas atendedoras através de cursos, como higienização das mãos, cuidados com o coto umbilical, pois era comum os curativos serem tratados pelas mães com teia



Reabertura da Maternidade Orlando Haddad. Ao centro, de braços cruzados, José Carlos Loiola e Antônio Gonçalves de Faria, provedor da Santa Casa de Lavras. (Foto: acervo pessoal do autor)

de aranha, pó de fumo e de café. Neste período, passamos a administrar curso para noivos no salão da Paróquia de Santana (Igreja Matriz de Lavras).

Quanto ao serviço público de saúde, havia um posto de atendimento (conhecido como PA Chacrinha), situado na Vila Nilton Teixeira, que pertencia à Secretaria Estadual de Saúde, e o posto de atendimento do Inamps. A Secretaria oferecia à população somente as vacinas sabin, difteria, tétano, coqueluche e BCG. Vinham acondicionadas em um flaconete escuro, conservadas em geladeira, sem termômetro de controle de temperatura e, o pior, dividindo espaço com alimentos.

Em 1985, fui convidado pelo prefeito, Dr. Célio de Oliveira, médico, para criar o serviço médico da Prefeitura Municipal de Lavras. Comecei a minha atuação como secretário de saúde. Fui secretário por sete anos e seis meses nos mandatos do Doutor Célio de Oliveira e do professor universitário João Batista Soares da Silva. Nesse período, conseguimos aumentar o número de centros de saúde e contamos com a grande colaboração do agente do Inamps, João Evangelista Rezende Filho.

Passamos a atuar nas campanhas de vacinações e, para obtermos sucesso, idealizamos um serviço móvel de alto-falantes, objetivando sensibilizar a população. Conseguimos com todos os colaboradores atingir a meta preconizada pelo Ministério da Saúde. Com a vinda de novos colegas, introduzimos a exsanguíneo transfusão, pois não havia hematologista na cidade.

Atualmente, existem no município três hospitais, sendo que um é especializado em pacientes psiquiátricos. A prefeitura possui uma estruturada Unidade de Pronto Atendimento Regional, com quase 400 profissionais atuando na Rede Pública, entre eles, assistente social, dentistas, enfermeiros, farmacêuticos bioquímicos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, médicos, médicos veterinários, nutricionistas, psicólogos, PSF e terapeutas ocupacionais.

Os hospitais de Lavras têm serviços de hemodiálise, hemodinâmica, cirurgias cardíacas, UTI Pediátrica, pronto atendimento pediátrico, oncologia e hematologia. A cidade possui quatro universidades, sendo que a Unilavras mantém cursos de farmácia, bioquímica, nutrição, fisioterapia, enfermagem. No entanto, apesar desse “oásis”, necessitamos de pediatras, pois o atendimento é crescente e não encontramos esses profissionais para atuar em nossa comunidade. A Universidade Federal de Lavras (Ufla), de

grande tradição na área agrícola, conta com vários cursos nos últimos anos, inclusive de medicina.

São 20 pediatras atuantes em Lavras, e a taxa de mortalidade infantil é de 10.72% (2007). Creio que a falta de motivação pela especialidade se dá em função dos salários aviltantes, da falta de respeito profissional, da ingerência do poder público e da falta de interesse político para incluir o pediatra no Programa de Saúde da Família (PSF).

Com tudo isso, os pediatras lavrenses exercem uma assistência digna às crianças da cidade e região, sobretudo por estarem inseridos na história da pediatria de nossa cidade, há quatro décadas promovendo transformações.

48. Leopoldina

Sebastião Rodrigues Furtado
2007

Leopoldina fica a 322 quilômetros de Belo Horizonte, na Mesorregião da Zona da Mata. Com uma população de 53.252 habitantes, a cidade tem duas importantes atividades econômicas, ligadas aos setores de serviço e da indústria. Atualmente, tem sido muito valorizado o turismo ligado à natureza. Os fragmentos da história da pediatria em Leopoldina serão contados através dos currículos dos médicos, que se dedicaram à pediatria na cidade. São eles:

Hélio Alves Barbosa

Nascido em 14 de setembro de 1932 e formado pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil em 1956, especializou-se em pediatria com o Dr. Álvaro Aguiar, importante professor do Rio de Janeiro. Mudou-se para Leopoldina em abril de 1957, sendo o pioneiro nesta especialidade a atuar na cidade.

Nessa época, a cidade contava na medicina clínica com os Dr. Joaquim Furtado Pinto, Antônio Oliveira Guimarães, Jayro Salgado Gama, Oswaldo Vieira, Flávio Cascardo, Lélío Lara, Irineu Lisboa (radiologista), Álvaro Botelho Junqueira (cirurgia geral e clínico geral), Francisco Ubirajara de

Moraes Coutinho (cirurgia geral, clínico geral e anestesista), José Bastos Freire e Abdo Cristiano Salomão.

Um grupo de médicos assumiu a enfermaria e o ambulatório da pediatria da Casa de Caridade Leopoldinense, onde foi instalado o consultório de pediatria na Rua Barão de Cotegipe. Tendo em vista a aposentadoria do Dr. Álvaro Botelho Junqueira, a cirurgia e a clínica geral ficaram sob a responsabilidade do Dr. Francisco Ubirajara de Moraes. Esse grupo assumiu, então, o Departamento de Anestesia (já havia interesse da minha parte, naquela época, em me especializar em anestesiologia).

Orlando Codo Guimarães

Em 1963, Leopoldina acolheu o Dr. Orlando Codo Guimarães, médico com especialização em pediatria, que passou a ocupar o cargo de pediatra do Centro de Saúde Estadual. Ele nasceu em Leopoldina em 25 de fevereiro de 1936. Após estudos básicos na cidade, foi para o Rio de Janeiro onde se formou, na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, em dezembro de 1962. Durante o curso médico trabalhou na enfermaria e no ambulatório da pediatria da Policlínica de Botafogo, no Rio de Janeiro, coordenada pelo professor Álvaro Aguiar e por onde passaram importantes pediatras da época. Em seguida fez especialização no antigo Hospital dos Servidores do Estado (HSE) e no Serviço de Pediatria do professor Luiz Torres Barbosa. Frequentou o berçário do professor Antônio Márcio J. Lisboa, leopoldinense, seu particular amigo.

Não aceitando bolsa da Nestlé para continuar no Rio, retornou a Leopoldina onde, além do consultório, passou a trabalhar na enfermaria de pediatria da Casa de Caridade Leopoldinense. Contratado pelo governador do estado, e depois concursado, passou a dirigir o Lactário D. Rosa Pires Bastos, assumindo pouco tempo depois a Associação Leopoldinense de Proteção à Infância (ALPI), que presidiu até sua vinculação à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Leopoldina, na qual foi distinguido como primeiro sócio honorário. É responsável pela enfermaria de pediatria da Casa de Caridade Leopoldinense, da qual foi diretor clínico em eleição direta do corpo clínico por mais de dez vezes. Um dos fundadores da União das Regionais da Zona da Mata (Urezoma), onde apresentou trabalhos diversos.

Alguns títulos e homenagens: especialista em pediatria pela Associação Médica Brasileira e pelo Conselho Regional de Medicina de Minas Gerais, membro titular da Sociedade Brasileira de Pediatria, *fellow* da *American Academy of Pediatrics*, agraciado pelo governo de Minas Gerais com a medalha do Centenário de Carlos Chagas por serviços nos setores de pediatria, presidente da seção local da Legião Brasileira de Assistência (LBA), área de pediatria.

Paulo Rubens Montes Lupatini

Formou-se em medicina no ano de 1988 na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Fez pós-graduação em Trauma, Urgência e Terapia Intensiva Pediátrica na Fundação Lucas Machado/Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, em Belo Horizonte.

Obteve o Título de Especialista em Pediatria (TEP) pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) e Associação Médica Brasileira (AMB) em 1992; passou a exercer a especialidade a partir de 1993 na Casa de Caridade Leopoldinense. Tem também o Título de Especialista em Aleitamento Materno concedido pela *International Board Certified Lactation* e foi consultor até outubro de 2007 do *International Board Lactation Consultant Examiners*. É professor de Urgência e Prevenção de Acidente, Primeiros Socorros e Patologia Geral da Universidade Presidente Antônio Carlos (Unipac) de Leopoldina.

Sebastião Rodrigues Furtado

Formado em 1970 pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Sebastião Rodrigues Furtado fez estágio na área de pediatria em três hospitais do Rio de Janeiro: Instituto Fernandes Figueira, Hospital Getúlio Vargas e Hospital Jesus Menino. Em 1972 retornou a Leopoldina onde passou a exercer sua especialidade, inicialmente em uma instituição sindical. Em 1975 foi contratado para compor o corpo clínico da Casa de Caridade Leopoldinense, onde atua até hoje como pediatra no Setor de Pediatria e no Setor Maternidade/Unidade Neonatal. Além disso, atende como pediatra do estado, atuando em uma Unidade Básica de Saúde (SNS).

49. Mariana

Darllem Govas Pimenta Barreira
2017

Mariana foi a primeira vila, cidade e capital do estado. Atualmente, tem uma população de 59.343 habitantes e dista 110 quilômetros de Belo Horizonte. Localizada na região central do estado, sua economia depende principalmente da extração mineral e do turismo. Até 1977 não havia pediatras no município. Só existia um posto de saúde estadual e os atendimentos a adultos e crianças eram feitos pelos médicos clínicos, sendo a maioria em caráter de paciente particular. Dr. Inocêncio Amorim era um dos médicos generalistas com grande interesse pelo atendimento a crianças, tendo seus conhecimentos nesta área sido aperfeiçoados com a chegada do pediatra José Eustáquio Machado.

O primeiro pediatra a se instalar em definitivo em Mariana foi o Dr. José Eustáquio Machado, em 1977, após terminar a residência médica em pediatria no Hospital da Baleia. Antes de estabelecer-se em Mariana, José Eustáquio trabalhou em importantes centros pediátricos em Belo Horizonte, tais como os hospitais São Domingos Sávio, Santa Terezinha e Santos Anjos.

Como primeiro pediatra na cidade, o trabalho desse médico foi de início exaustivo, pois a quantidade enorme de trabalho o obrigava a residir no Hospital Monsenhor Horta, atendendo de forma contínua, dia e noite, e poucas horas para descanso. Em 1978 a Prefeitura de Mariana instalou o primeiro ambulatório para atendimento pediátrico, ocasião em que José Eustáquio foi contratado como pediatra, função que ainda ocupa atualmente.

Em 1988 a equipe de pediatras foi ampliada com a chegada em Mariana da Dra. Ludimila dos Santos, proveniente de Belo Horizonte; oito anos depois, Navarro Santos Gribel passou a compor também a pediatria no município. Em 1998, com a equipe mais completa, a Dra. Ludimila estruturou o alojamento conjunto do hospital, contando com a eficiente colaboração da enfermeira Adriana Guerra. Já no ano 2000 foi a vez da pediatra Ana Maria Barbosa Santos aumentar o número de especialistas, com o objetivo

de melhor atender os pequenos pacientes marianenses. Para tanto, em 2002 foi inaugurada a Policlínica Drelías Salim Mansur.

Atualmente, Mariana conta com vários pediatras que residem na cidade e outros que moram em outros locais, mas participam de plantões em vários centros de saúde, com amplo atendimento pelo SUS e plantões 24 horas por dia. A assistência pediátrica hoje é de excelente qualidade, com grandes benefícios para a sociedade, especialmente para as crianças.

50. Montes Claros

Itagiba de Castro Filho

Raimundo Poincaré Deusdará (in memoriam)

2017

O município está localizado na Mesorregião do Norte de Minas, distante 422 quilômetros de Belo Horizonte, e conta com 398.288 habitantes. Considerada um polo industrial regional, a cidade é formada por dez distritos, destacando-se as atividades do setor terciário, como os diversos segmentos de comércio, prestação de serviços de diversas áreas, entre elas, educação e saúde.

Os primeiros registros orais da história da pediatria em Montes Claros datam do início do século passado, com a presença de Raimundo Poincaré Deusdará, primeiro pediatra com formação específica a clinicar na cidade.

Outros chegaram a seguir, destacando-se pelo período em que aqui iniciaram as atividades os doutores Fernando Oliveira, com formação em pediatria nos Estados Unidos, e Clóvis Guimarães. Exerciam também a especialidade Antonio Augusto Veloso, otorrinolaringologista (ORL), e Levy Lafetá, na clínica médica. Antônio Moreira Cezar, ORL, teve grande clientela infantil, exercendo também a pediatria geral, bem como José Estevam Barbosa, pediatra e anestesista.

A década de 1960 trouxe para a cidade, junto com o progresso que se despontava naquela época, os Drs. Solange Ernestina Maestraci de Macedo e

Cezário Termando Rocha. No início dos anos 1970 foi inaugurada a primeira clínica especializada em pediatria de Montes Claros, a Clínica Infantil Branca de Neve, tendo à frente os pediatras Antônio Ribeiro Maia, com especialização no Instituto de Pediatria da USP, e José Hélio Guimarães de Carvalho, formado em Uberaba e discípulo do professor Humberto Ferreira. Nesta mesma época vieram os Dr. Humberto Plínio Ribeiro, Rômulo Sarmiento Brandão e Nelson Teixeira. Os dois primeiros, juntamente com a Dra. Solange Macedo, fundaram o Hospital Menino Jesus.

Em meados da década de 1970, deram entrada na clínica pediátrica os doutores Itagiba de Castro Filho e João Batista Silvério. Posteriormente, juntaram-se a Antônio Maia e Hélio G. de Carvalho com o objetivo de fundar o Centro Pediátrico do Norte de Minas, o primeiro Hospital Pediátrico construído e equipado, dentro das normas técnicas exigidas à época, e que sucedeu à Clínica Infantil Branca de Neve.

A partir de 1976, diversos pediatras, formados em Montes Claros, passaram a exercer a clínica na cidade e na região. Hoje, são cerca de 40 pediatras nas diversas subespecialidades.

A pediatria na Faculdade de Medicina

A partir de 1973 iniciaram-se os preparativos para o reconhecimento do curso de medicina da então Faculdade de Medicina do Norte de Minas (Famed), pertencente à Fundação Norte Mineira de Ensino Superior e que viria a ser transformada, em 1989, na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

Por ocasião do processo de reconhecimento foram apresentados os nomes de vários pediatras da cidade para que fosse escolhido o titular do curso pelo Conselho Federal de Educação do Ministério da Educação (MEC), como era a metodologia da época. Dentre os nomes apresentados, Dr. Itagiba de Castro Filho foi o nome indicado para professor titular. Na oportunidade, tiveram seus nomes aprovados para o ensino da disciplina os pediatras João Batista Silvério, Solange Ernestina Maestracci de Macedo, Rômulo Sarmiento Brandão e Humberto Plínio Ribeiro. Posteriormente, foram incorporados os professores Manoel Silvério Neto, Sílvio Fernando Guimarães de Carvalho e Geraldo Edson Souza Guerra, todos com curso de residência médica em

pediatria. Hoje a disciplina pertence ao Departamento de Saúde da Mulher e da Criança e conta com aproximadamente 20 pediatras, sendo três doutores, cinco mestres e os demais especialistas.

O curso era ministrado inicialmente em ambulatório próprio, situado em um prédio em plena região central, doado à Famed por Antônio Teixeira de Carvalho, conhecido como Dr. Santos. As aulas de enfermagem eram ministradas na Santa Casa. A partir de 1989, o Hospital Regional Clemente de Faria, da rede da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig), foi incorporado à Unimontes e, em janeiro de 1990, as aulas práticas começaram a ser ministradas na mesma instituição, que passou a ter o nome de Hospital Universitário Clemente de Faria, onde foram inaugurados o Programa Mãe Acompanhante e o Alojamento Conjunto, pioneiros em Montes Claros. Em 1993 foi criada a primeira residência médica no Norte de Minas, incluindo a pediatria.

Raimundo Poincaré Deusdará

Depoimento pessoal em 8 de julho de 2008

Falecido em 3 de setembro de 2015, aos 98 anos

“Sou natural de São Raimundo Nonato, cidade localizada no sudeste do estado do Piauí, onde nasci a 8 de junho de 1917. Como estávamos no fim da 1ª Guerra Mundial, tomei emprestado o nome de Raimundo Poincaré presidente da França na época, de quem meu pai era admirador. O Deusdará é nome de família, originária de Pernambuco, na época da luta contra os holandeses.

Estudei as primeiras letras com meu pai, que era professor, incluindo aí um pouco de francês. Fiz admissão no Ginásio Mineiro em 1930, quando o curso era de cinco anos de duração. Graduei-me em medicina em 1941 na Universidade de Minas Gerais (UMG), hoje Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Fiz clínica geral em minha terra natal por pouco tempo, tendo voltado a Belo Horizonte, onde passei a atender no ambulatório do Hospital S. Vicente, durante nove meses, por interferência do meu colega e amigo Armando Tenuta, então, assistente do professor de pediatria Dr. Bernardo Nunan.

Naquele tempo não havia residência médica; quem quisesse se especializar, tinha que se esforçar por conta própria.

Através de um amigo, que me deu boas informações da cidade de Montes Claros, achei que seria interessante ir para lá, pois já era uma cidade maior onde

poderia exercer a pediatria. Além disso, geograficamente me era conveniente, pois mais facilmente poderia atender minha família no Nordeste e em Belo Horizonte.

Com a cara e a coragem, como se costumava dizer, para lá me dirigi em 1944, cheio de esperança. Quando cheguei, havia mais ou menos 12 médicos, atendendo adultos e crianças na cidade. Montei meu consultório com minha placa já constando a especialidade Doenças da Criança. Fui, portanto, o primeiro médico a exercer a especialidade. No início, porém, também atendi adultos e fiz um pouco de obstetrícia.

Os hospitais não tinham enfermaria de crianças. Havia apenas a Fundação Dr. Antônio Teixeira de Carvalho, que fornecia leite às crianças carentes, sob a responsabilidade de Levi Lafetá. Os serviços médicos para atender as pessoas carentes inexistiam, ficando o atendimento por conta dos diversos médicos, uns com mais boa vontade que outros. Atendiam gratuitamente os indigentes, de dia e à noite, conforme as necessidades, nos consultórios e, às vezes, na própria casa dos doentes. Daí ser entendida a atividade médica como sacerdócio.

Em 1947, quando o estado resolveu fundar um Centro de Saúde em Montes Claros, Levi Lafetá indicou meu nome para o serviço de pediatria. Fui nomeado médico puericultor, depois especialista. Passei, assim, a atender as crianças carentes da cidade; e o fornecimento de leite continuou sendo oferecido pela fundação.

Difícil ao médico não se envolver em atividade política, daí ter sido filiado à União Democrática Nacional (UDN), partido político que fazia oposição a Getúlio Vargas. Exerci a vereança em Montes Claros concomitantemente com a atuação médica. Fui, ainda, professor do Colégio Imaculada Conceição e inspetor de Ensino Federal, por concurso público.

Na atividade de inspetor, inicialmente fiscalizei cursos secundários; posteriormente, já em Belo Horizonte, passei a fiscalizar cursos superiores – Faculdade de Ciências Médicas, escolas de Direito de Divinópolis e Sete Lagoas. De 1978 a 1980, assumi, juntamente com o professor Fernando Dias Costa, a direção da Fundação Norte Mineira de Ensino Superior (FUNM), hoje, Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

Com os filhos necessitando de um bom curso colegial, transferi-me para Belo Horizonte em 1964, passando a trabalhar na Secretaria da Saúde, em serviço médico burocrático. Mais tarde voltei à ativa pediátrica, passando a dar plantão no Hospital Sálvio Nunes, também Centro Geral de Pediatria (CGP), hoje, Hospital Infantil João Paulo II, encerrando dessa forma minhas atividades médicas em 1991, aos 74 anos de idade.”

51. Nepomuceno

Edward Tonelli

2017

O município de Nepomuceno, no Sul de Minas, foi criado em 30 de agosto de 1911, pela lei número 566 da assembleia estadual, quando se desmembrou da cidade de Lavras. Situa-se a 246 quilômetros de Belo Horizonte e, segundo estimativa mais recente do IBGE, conta com uma população de cerca de 27.000 habitantes. A cidade dispõe de bom sistema educacional, com várias escolas municipais, urbanas e rurais, escolas estaduais e do Cefet (ex-Ceprosul), Instituto Federal de Educação Tecnológica, que já conta com curso superior na área da engenharia. A economia do município tem como base o comércio e, fundamentalmente, a agropecuária, com boa produção de leite, de ovos (aviários), e de café arábica. Nepomuceno está entre os grandes produtores de café do estado, sendo que Minas Gerais é o maior produtor nacional e mundial. Em 30 de agosto de 2011, tive a honra e a satisfação de receber, com outros conterrâneos, homenagem da Câmara Municipal, durante a comemoração do centenário da cidade.

Área de Saúde

A Santa Casa de Misericórdia de Nepomuceno foi fundada em 1917 e, em abril deste ano, a direção da Instituição promoveu solenidade de comemoração do centenário daquele importante hospital, no qual sempre foram atendidos e internados adultos e crianças. Nessa solenidade, todos os médicos nascidos em Nepomuceno receberam homenagem da instituição. A Santa Casa, nos últimos anos, passou por ampla reforma na estrutura física, operacional, com modernização na área de exames complementares: análises clínicas, área de imagem, com ultrassom, tomografia e outros recursos tecnológicos. Destaque para a Dra. Iza Lima Menezes, minha estimada prima, atual prefeita e ex-presidente da Santa Casa, pela sua excelente gestão da instituição, com visível progresso e melhorias dos serviços e satisfação da clientela. Convém lembrar que a Santa Casa foi fundada em 1917 pela Associação Pão dos Pobres, entidade filantrópica, que teve como tesoureiro e membro ativo da comissão

da construção da Santa Casa, o meu tio-avô materno e dinâmico vereador coronel José Roberto da Silva, sempre muito ligado à instituição. Foi grande empreendedor no município e atuou ativamente, também, na comissão de construção do primeiro grupo escolar da cidade.

Primórdios da medicina/pediatria em Nepomuceno

Em Nepomuceno, como em todas as cidades, inclusive no exterior, a pediatria foi exercida durante décadas, por abnegados clínicos gerais, que eram dotados daquele pendor especial para o atendimento de crianças. Dentre esses, gostaríamos de ressaltar, em nossa cidade, aqueles clínicos que tanto colaboraram com a assistência à infância.

No período de 1915 a meados de 1925, atuaram em Nepomuceno, como clínicos, atendendo crianças e adultos, os médicos José Justiniano Reis, Getúlio Augusto Lima, José Augusto Lima (Dr. Juca), José Silveira e Navantino Alves, este em 1925. José Justiniano, José Silveira e Navantino Alves, que se casou em Nepomuceno, transferiram-se da cidade. Os irmãos Getúlio Lima e José Augusto Lima deixaram a profissão, tornando-se, respectivamente, produtor rural e gerente de banco. Navantino Alves transferiu-se para Juiz de Fora e foi um dos primeiros pediatras exclusivos de Minas Gerais, e o primeiro de Belo Horizonte. Em 1929, transferiu-se para a capital mineira (ver cap. 4, p. 80).

A partir da década de 1930, vários médicos atuaram com entusiasmo, durante décadas, em Nepomuceno. Eram, também, clínicos gerais, atendendo adultos e crianças. Gostaria de frisar que fui testemunha do desprendimento e do carinho com que crianças da minha e de outras gerações foram atendidas por esses excepcionais médicos: Rubem Ribeiro, Décio Augusto Lourenção, João Pereira Neto, Alberto Sarquis e Maurício Sarquis.

Rubem Ribeiro

Nasceu em Nepomuceno e formou-se em medicina na Faculdade de Medicina da UMG, em 1930, tendo sido colega de turma do grande médico e escritor, Guimarães Rosa. Rubem Ribeiro era notável clínico e cirurgião, tendo atuado durante décadas em seu consultório e na Santa Casa de Nepomuceno, atendendo adultos e crianças. Era comum, na ocasião, o atendimento em domicílio. Foi político (PSD) e prefeito durante 15 anos. Foi excelente professor de História do Brasil, no Ginásio São José, onde fui seu

aluno. Durante toda a sua vida profissional, cerca de 60 anos, nunca cobrou consulta e tratamento médico de nenhum cliente. Era fazendeiro (produtor rural). Deixou muitas saudades após seu falecimento.

Décio Augusto Lourenção

Nasceu em Nepomuceno e formou-se em medicina na Faculdade de Medicina da UMG, em 1940. Foi colega de turma dos professores José Feldman e Nereu de Almeida Junior, dos quais fui aluno. Dr. Décio atendia adultos e crianças, no consultório e na Santa Casa, e tinha interesse especial na prevenção (vacinas). Era político da UDN, tendo sido prefeito da cidade. Foi excelente professor de inglês e francês no Ginásio de Nepomuceno, onde tive privilégio de ter sido seu aluno. Como Dr. Rubem, Dr. Décio nunca cobrou consulta ou tratamento médico dos clientes. Era, também, fazendeiro (produtor rural). Faleceu há cerca de duas décadas. Boas recordações.

João Pereira Neto

Era natural de Itajubá. Formou-se em medicina em 1940 e foi colega de turma do Dr. Décio Augusto Lourenção. Radicou-se em Nepomuceno, onde se casou. Era clínico geral e atendia adultos e crianças, no consultório particular e na Santa Casa. Era empreendedor, tendo promovido, no final da década de 1940, grande reforma da área física da Santa Casa, com evidentes melhorias. Foi também coordenador da comissão (da qual meu irmão Heli Tonelli era secretário) que empreendeu a construção do novo Clube de Nepomuceno, no final dos anos 1950. Desportista e apaixonado pelo futebol, tendo sido presidente da liga de futebol amador de Nepomuceno; organizou dois campeonatos com participação de oito clubes, nos anos de 1948 e 1949 com grande sucesso. A liga de futebol de Nepomuceno reunia-se na sala de minha casa, pois meu pai, João Batista Tonelli, foi sempre membro da diretoria e ex-presidente da seleção local – América Futebol Clube. Dr. João Pereira Neto transferiu-se para sua terra natal, Itajubá, onde prosseguiu como médico. Boas lembranças.

Alberto Sarquis

Formou-se em medicina na Faculdade de Medicina da UMG, em 1946, quando três médicos de Nepomuceno concluíram o curso, todos com os nomes iniciados pela letra A, sendo dos primeiros da chamada: Adauto, Alberto e Aprígio. Alberto teve ainda como colega de turma, o mais famoso cirurgião

plástico do país, Dr. Ivo Pitanguy. Após a formatura, Dr. Alberto trabalhou em Nepomuceno por cerca de 60 anos, até a idade de 92 anos, tendo sido clínico geral, atendendo adultos e crianças em seu consultório e na Santa Casa. Sempre gozou de muita estima junto à sua clientela. Foi um dedicado professor de matemática do Ginásio São José, onde fui seu aluno. Continua bem de saúde, aos 96 anos.

Maurício Sarquis

Era irmão de Alberto Sarquis. Nasceu em Nepomuceno e formou-se em medicina, na Faculdade de Medicina da UFMG, em 1959. Nesse ano, vários nepomucenenses moraram na mesma pensão, na Rua Pernambuco, 513, em Belo Horizonte: Maurício Sarquis, João Amilcar Salgado, José Anibal Salgado, Enói Tonelli e Edward Tonelli. Ali, nós nos sentíamos “em casa”. Maurício veio para Nepomuceno, onde foi excelente clínico, com preparo, também, em alguns procedimentos cirúrgicos, atendendo adultos e crianças, no consultório, na Santa Casa. Foi prefeito de Nepomuceno, com boa gestão. Faleceu relativamente jovem, tendo deixado muitas saudades entre os conterrâneos.

A partir da década de 1960

Pediatras exclusivos, naturais de Nepomuceno: Nisio de Oliveira Lima, Edward Tonelli, José Waltemir Salgado, José Sebastião Filho, Eliane de Sousa, Maraisa Salgado Vilela, Andréia Rodrigues Lourençoni e Synthia Lourençoni Baruqui.

Nisio de Oliveira Lima

Nasceu em Nepomuceno onde cursou o primeiro grau – grupo escolar Cel. Joaquim Ribeiro e Ginásio São José. Cursou o 2º grau, no Instituto Gamon em Lavras. Formou-se em medicina na Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, em 1961.

A seguir, optou pelas áreas da pediatria e da anestesia. Foi pediatra do IAPI, no Hospital São Francisco e no Hospital da Baleia. Teve atuação, também na anestesia, no Hospital da Baleia e em outros hospitais de Belo Horizonte. Após atuar durante vários anos, aposentou-se. Sempre manteve muitos vínculos familiares em Nepomuceno, onde é produtor rural há muitos anos.

Edward Tonelli

Nasci em Nepomuceno, em 12/01/1940. Cursei o primeiro grau no Grupo Escolar Coronel Joaquim Ribeiro e Ginásio São José, em Nepomuceno. Segundo grau, curso científico, no Colégio Santo Antônio, Belo Horizonte. Conclui o curso médico na Faculdade de Medicina da UFMG, em 1964. Dediquei-me muito ao ensino, à pesquisa, ao consultório e ao Hospital Infantil São Paulo, do qual fui fundador e diretor clínico. Sou professor emérito, titular e livre docente de pediatria da UFMG, ex-presidente e membro emérito da Academia Brasileira de Pediatra e membro emérito da Academia Mineira de Medicina. Não exerci a pediatria em Nepomuceno, mas sempre tive enorme satisfação em atender as crianças conterrâneas em meu consultório. Eram momentos de longos papos com os pais e crianças, sobre a nossa querida terra. Mais detalhes na contracapa e em outros capítulos deste livro.

José Waltemir Salgado

Nasceu em Nepomuceno. Formou-se na Faculdade de Medicina da UFMG, em 1967. Fez residência em Pediatria no Hospital da Baleia, em 1968-69, e trabalhou durante muitos anos na cidade de Itabirito. Neste ano, sua turma completa 50 anos de formado. Tive a honra de ter sido homenageado desta turma, logo no início de minha atividade docente, e fui convidado para homenagem e solenidade do jubileu de ouro, na Faculdade de Medicina, em 17 de outubro de 2017. Waltemir foi colega de turma do conterrâneo Dr. José Maria Veiga Azi, cirurgião em Piumhi (MG), e do pediatra Dr. José Carlos Loiola, de Lavras.

José Sebastião Filho

Nasceu em Nepomuceno, onde cursou o primeiro e o segundo graus. Formou-se em medicina, na Faculdade de Medicina de Pouso Alegre, em 1974. Cursou residência de pediatria, em 1975, no Hospital do Instituto da Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais (Ipsemg), Belo Horizonte. A partir de 1976, vem se dedicando à pediatria em sua terra natal, atendendo, sobretudo, na Santa Casa de Nepomuceno. Foi o primeiro pediatra exclusivo, que exerceu a especialidade em sua terra natal. Exerceu, também, cargo de chefia no Inamps (setor de controle e avaliação) onde se aposentou, na cidade vizinha de Lavras.

Eliane de Sousa

Nasceu em Nepomuceno, onde cursou o primeiro grau e o primeiro ano do 2º grau e, a seguir, concluiu o 2º grau, no Colégio Estadual Central, em Belo Horizonte. Durante a graduação, foi estagiária bolsista nos hospitais de pediatria Sálvio Nunes e Infantil São Paulo, em Belo Horizonte. Formou-se em medicina na Faculdade de Medicina da UFMG, em 1979. Cursou a residência em pediatria na Fhemig (CGP/Hospital João Paulo II), de 1979 a 1981. Especializou-se, também, em clínica do adolescente, na UFMG. É pediatra do Hospital João XXIII e atende em consultório, particulares e convênios. Esteve sempre muito envolvida com as atividades associativas. Foi presidente da Sociedade Mineira de Pediatria (SMP) e do Sindicato dos Médicos de Minas Gerais (Sinmed-MG) e conselheira do Conselho Regional de Medicina de Minas Gerais (CRMMG) e do Conselho Federal de Medicina (CFM).

Maraisa Salgado Rafael

Formou-se em medicina na Faculdade de Medicina da UFMG. Fez residência de pediatria e foi pediatra do Hospital Infantil São Paulo. Há vários anos atende somente em clínica privada – Clínica Infantil Pampulha, em Belo Horizonte.

Silvana Hadad

Natural de Lavras exerceu a pediatria em Nepomuceno, na clínica privada, no final dos anos 1980 até meados da década de 1990. Sempre muito dedicada, deixou boas lembranças pelo seu eficaz desempenho na pediatria, em Nepomuceno.

Andréia Rodrigues Lourençoni

Nasceu em Nepomuceno. Formou-se em medicina na Faculdade de Medicina da UFMG, em 1994. Cursou residência em pediatria, nos anos de 1995-96, na Santa Casa de Belo Horizonte. É portadora do Título de Especialista em Pediatria (TEP) pela Sociedade Brasileira de Pediatria e Associação Médica Brasileira e do Título de Especialista em Adolescência pela UFMG. Exerce a pediatria na cidade, desde 1995, em consultório privado e na Santa Casa de Nepomuceno. É pediatra concursada da Prefeitura de Nepomuceno, onde atua, também, no PSF. Trabalha, ainda, na Unidade Neonatal do Hospital Vaz Monteiro, em Lavras.

Synthia Lourençoni Baruqui

Nasceu em Nepomuceno e formou-se na Faculdade de Medicina da UFMG, em 1994, no mesmo ano de sua prima, Andréia Rodrigues Lourençoni. Fez residência de pediatria na Fhemig (CGP/Hospital João Paulo II), nos anos de 1995-96. Exerce a pediatria em Nepomuceno, desde 1997, onde atua em clínica privada e na Santa Casa. É pediatra concursada na Prefeitura de Nepomuceno, onde atua no programa do PSF.

Registramos, ainda, a participação de duas outras pediatras que vêm trazendo, recentemente, sua colaboração à pediatria de Nepomuceno. Poliana Abreu, natural de Lavras, com residência em pediatria na Santa Casa de Belo Horizonte, e que vem atuando na Policlínica e no PSF da prefeitura de Nepomuceno; e Cristina Nagasaka, natural de Boa Esperança, que vem atuando, também, na Policlínica e no PSF da prefeitura de Nepomuceno.

Como se pode observar houve, nos últimos anos, um grande avanço na pediatria de Nepomuceno com participação de número crescente de pediatras e com tendência a evoluir em futuro próximo, com a participação de subespecialistas de várias áreas da pediatria.

Finalizando, nossos agradecimentos àqueles farmacêuticos de Nepomuceno, que tanto atenderam as crianças com seus diferentes quadros clínicos, nas primeiras décadas do século passado, quando ainda era pequeno o número de médicos. Farmacêuticos: João Barbosa de Oliveira, Antenor Barbosa de Oliveira, Hélio Barbosa de Oliveira, Clyde Alves Vilela, Clyde C. Vilela, João Salgado, Moacir Salgado e Milton Simas. Nessa ocasião, até à década de 1950, quase todos os medicamentos eram manipulados nas farmácias, sob prescrição médica. Lembro-me muito bem dos medicamentos manipulados quando eu era criança: pomada pasta amarela para infecções da pele (óxido amarelo de mercúrio), diversos xaropes e poção para vômitos, dentre outros.

FONTES

Joaquim Corrêa de Sousa Lima (Collector Municipal) – *Estatística da Villa Nepomuceno*. Câmara Municipal. Set/1918, 48 p.

Nepomuceno. *Revista Nação Brasileira*. Anno III - Número 19, março de 1925, 49 p.

Agradecimentos especiais, pelas valiosas informações: Dra. Iza Lima Menezes, prefeita de Nepomuceno e ex-presidente da Santa Casa de Nepomuceno; Heli Tonelli, presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de Nepomuceno; e os pediatras Andréia Rodrigues Lourençoni, Eliane de Sousa, José Sebastião Filho e José Carlos Loiola (Lavras).

52. Nova Lima

Ely da Conceição Souza
2017

Localizado na Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, Nova Lima tem uma população de 91.069 habitantes e está distante de Belo Horizonte 22 quilômetros. A principal atividade econômica da cidade é extração de minério de ferro.

No início da década de 1960, não havia pediatra em Nova Lima e os poucos médicos residentes na cidade acabavam atendendo às crianças. É bem verdade, que anteriormente, dois novalimenses dedicaram-se especificamente à pediatria, mas em Belo Horizonte. Tratava-se dos doutores Celso Clarck Lima e Elmo Peres dos Santos.

Quando me formei em 1960, cheguei em Nova Lima na mesma época em que o Hospital Nossa Senhora de Lourdes, praticamente abandonado e com um atendimento precário. Com a chegada das irmãs da congregação Pequenas Missionárias de Maria, reorganizou-se o atendimento e fui convidado para participar do corpo clínico.

Éramos seis médicos e tornei-me responsável pela pediatria, mas sendo o único residente na cidade, passei a morar no hospital, onde atendia em regime de plantão todos os casos ali chegados, inclusive ajudando nas cirurgias, fazendo partos e suturas. Com a evolução da estrutura hospitalar e do aumento do fluxo de pacientes, os setores foram se ampliando e novos colegas chegavam.

Na pediatria, sucessivamente, entraram os doutores Jamil Nahass, Clóvis Lourenço Passos e Paulo Birchal Wanderley, enquanto na cidade aportavam novos pediatras como os doutores José Estanislau de Moraes, Margareth June Gay, Marcos Antônio Wardi, Élcio de Souza (meu irmão) e José Alves Viana. Hoje, inúmeros pediatras no hospital e em consultórios, clínicas e postos de saúde contribuem para um atendimento abrangente na pediatria, tornando Nova Lima muito bem servida nessa área.

Tenho o prazer de ver minha filha e minha neta, doutoras Luciana Maria Custódio Souza e Liz Custódio Souza Seabra atuando no município. Durante

todos esses anos, é importante salientar os trabalhos realizados para o aprimoramento do atendimento às crianças na cidade, entre eles: a introdução da soroterapia venosa na pediatria e do índice de Apgar precocemente; a utilização de fototerapia com luz azul; o preparo de colegas com o Curso de Reanimação Neonatal em São Paulo; e a utilização de berço aquecido, no berçário.

53. Ouro Preto

Darllem Govas Pimenta Barreira
2017

Localizada na Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, Ouro Preto fica a 96 quilômetros da capital. Tem uma população de 74.356 habitantes e sua economia, além do turismo histórico, conta com um giro do seu comércio oriundo da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop) através de seus alunos e professores. A mineração e as indústrias de transformação são outras atividades importantes.

A assistência às crianças em Ouro Preto até 1975 era prestada por clínicos gerais. As famílias que possuíam melhor condição financeira levavam seus filhos a Belo Horizonte para serem assistidos por pediatras. A partir daquele ano, com a presença do Dr. José Marcos da Cunha Tavares, Ouro Preto passou a contar com um atendimento às crianças, que foi reforçado em 1978 com a chegada do Dr. José Martinho Fraga Rocha, também especialista. Entusiasmados com o exercício da especialidade na cidade, eles estruturaram o Serviço de Pediatria da Santa Casa de Misericórdia, com o atendimento aos recém-nascidos no berçário e aos pacientes internados em enfermaria.

Em 1985 veio trabalhar em Ouro Preto o Dr. Rotizem Lage Regianni, ocasião em que a cidade foi visitada pelo ilustre Dr. Albert Sabin e a prefeitura prestou-lhe uma merecida homenagem, conforme relata o Dr. José Martinho. Na época, Dr. Sabin agradeceu a receptividade sentindo-se muito honrado com a condecoração. Na realidade, era Ouro Preto que agradecia a honraria de tão ilustre visita.

A Unimed local foi fundada em 1986. A partir de então, em 1987 retornou a Ouro Preto a pediatra Mercês Pinto de Alcântara, que havia concluído o curso médico e especialização na cidade de Vitória. A pediatria da cidade foi enriquecida ainda mais com a chegada em 1988 dos doutores Geraldo Pacheco, Odilon Barros Júnior e Luiz Walter Furtado, todos pediatras.

Luiz Walter conta que atendeu ao filho de um advogado residente na cidade e a criança tinha necessidade de internação. O pai questionou o direito de a mãe acompanhar o filho durante a hospitalização. Diante desse impasse, ele mesmo, com a ajuda da enfermagem, colocou cadeiras na enfermaria, permitindo a presença de todas as mães. Direito de um, direito de todos, conforme diz.

Com essa iniciativa, foi criado o alojamento conjunto que contou com a colaboração de artistas plásticos locais. Graciosamente, os artistas criaram desenhos alegres e agradáveis como os de céu e mar, com cores amenas, tornando o ambiente mais suave para as crianças e seus familiares.

Ainda residente em pediatria da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte, nos idos de 1994, fui convidada pela Dra. Meiraci Cássia Malheiros Silva, neurologista em Ouro Preto, para montar a equipe de pediatria da Unidade de Pronto Atendimento (UPA) na cidade, onde passei a residir a partir de 1995. Graças à melhoria da assistência pediátrica em Ouro Preto, em 28 de outubro de 1998, a Santa Casa de Caridade de Ouro Preto recebeu o título de Hospital Amigo da Criança, concedido pelo Ministério da Saúde e concebido pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e pela Organização Mundial de Saúde (OMS), com o objetivo de estimular o aleitamento materno.

Em 2000 vieram agregar valor à pediatria no município os doutores José Geraldo Quirino e Ana Maria Barbosa. Embora não residam na cidade, trabalham em serviços de pediatria da prefeitura e no hospital, prestando às crianças inestimáveis serviços, com muita eficiência e carinho. Outra especialista importante é Kerlane Ferreira da Costa Gouveia, que passou a trabalhar em Ouro Preto em 2001, não só como pediatra, mas também como professora de pediatria na Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), a partir da criação do curso. Em 10 de dezembro de 2005, graças ao empenho da Dra. Mercês Pinto de Alcântara e da nutricionista Cléia Costa Barbosa foi fundado o Banco de Leite da Santa Casa de Ouro Preto.

Um dos grandes avanços na área de saúde para o município foi a inauguração do curso de medicina na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) em 2006, quando, além do desenvolvimento da assistência médica e do desenvolvimento tecnológico para a região, os novos médicos formados na cidade vieram acrescentar ainda mais ao crescimento do setor.

Parquinho e brinquedoteca eram dois sonhos dos pediatras da cidade que, transformados em realidade pela Fundação Gorceix (sede em Ouro Preto), reformaram a estrutura da pediatria no município.

Hoje, podemos dizer que contamos com amplo atendimento às crianças de nossa cidade seja na Santa Casa de Misericórdia, nos Postos de Saúde, na Ufop, na UPA, no Centro de atendimento da Unimed e em várias clínicas particulares. Tudo isso possibilita uma assistência pediátrica de excelente qualidade aos nossos pequenos pacientes.

54. Paracatu

Romualdo Gonçalves Ulhôa
2017

Paracatu é uma cidade histórica, cujo povoado surgiu, segundo o historiador Oliveira Melo, entre 1690 e 1710. Município localizado na região Noroeste do estado de Minas Gerais, na divisa com o estado de Goiás, possui mais de 85.000 habitantes, segundo o Censo do IBGE de 2010. Fica a 483 quilômetros de Belo Horizonte e 200 quilômetros de Brasília. Vários médicos naturais de Paracatu formados nas capitais e no exterior voltaram para sua terra natal e exerceram, com carinho e presteza, o ofício em favor dos seus conterrâneos. Muitos deles desenvolveram outras atividades, principalmente ligadas às artes e à política.

Francisco de Melo Franco

O primeiro médico paracatuense ligado à área pediátrica foi o Dr. Francisco de Melo Franco, nascido em 17 de setembro de 1757 e falecido no dia 22 de julho de 1823 em um acidente marítimo, numa viagem de Santos

para o Rio de Janeiro. Formado em medicina pela Universidade de Coimbra em 1786, tinha ideias liberais e iluministas. Era dotado de grande talento para as áreas médica e literária, tendo publicado expressiva obra, amplamente reconhecida. Membro da Academia de Ciências de Lisboa e médico da Câmara Real foi considerado pelo médico Martinho da Rocha o primeiro puericultor brasileiro. Publicou extensa obra científica, entre elas o *Tratado da Educação Física dos Meninos* para uso da nação portuguesa, em doze capítulos, sobre noções úteis para profissionais e pais. Vale destacar também o Ensaio sobre as febres, cujo tema tratava das febres ocorridas na cidade do Rio de Janeiro.

Em Paracatu, segundo informações não oficiais, o primeiro posto de puericultura foi construído na década de 1950, por padres da época e pela iniciativa privada, onde eram atendidas as crianças do município. O atendimento era feito, como sempre, pelos médicos generalistas, que na época clinicavam em Paracatu.

Diomário Teixeira

O primeiro pediatra que começou a atuar na cidade foi o Dr. Diomário Teixeira, proveniente de Belo Horizonte, no ano de 1973, e que permaneceu somente por um ano.

Romualdo Gonçalves Ulhôa

Em janeiro de 1980, Paracatu recebeu o pediatra, Romualdo Gonçalves Ulhôa, filho da terra, formado em medicina pela Universidade de Brasília (UNB), no ano de 1977. Especializou-se em pediatria no Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF), nos anos de 1978 e 1979, com título fornecido pela Associação Médica Brasileira e pela Sociedade Brasileira de Pediatria. Iniciou os atendimentos clínicos em sala de parto, ao adolescente e em puericultura. Trabalhou para a prefeitura de Paracatu por mais de 25 anos. Foi sócio-fundador do Centro Hospitalar de Paracatu S/A, do Hospital São Lucas de Paracatu e fundador da primeira clínica de imagens da cidade, em fevereiro de 1997, a Tomo Center S/C Ltda, iniciando a realização dos exames de tomografia computadorizada e mamografia. Fez curso de ultrassonografia, tendo começado a realização dos exames de ultrassom no ano de 1998. Foi pioneiro em Paracatu no atendimento de exames com *doppler* colorido e biópsia de próstata guiada pelo ultrassom. Tem especialização em medicina do trabalho e fez curso completo de terapia intensiva. Ainda se encontra em

atividade e com esperança de que ocorram grandes avanços na pediatria e na medicina em geral da cidade de Paracatu.

Wallace Braga Campos

Em março de 1985, veio para Paracatu o Dr. Wallace, quando foi contratado para trabalhar na área de pediatria e clínica médica do hospital do Serviço Especial de Saúde Pública (Sesp), passando a atender em ambulatório e postos de saúde da cidade. Posteriormente, foi trabalhar em consultório particular e hospitais com internações e plantões. Atualmente, faz atendimento pediátrico na clínica Ame e está terminando especialização em pediatria ortomolecular, que irá trazer benefícios ao público infantil.

Rossane Cristina Dalia de Mello

Em 1989, junto com o Hospital Santa Lucia de Paracatu, chegou a Dra. Rossane Cristina Dalia de Mello, natural de Uberlândia. Formada pela Universidade Federal de Uberlândia (UFB), em 1985, com residência em pediatria na Universidade de Uberlândia, é sócio-fundadora do Hospital Santa Lúcia de Paracatu. Trabalhou no posto do Paracatuzinho, no pronto-socorro, no ambulatório e no consultório do Hospital Santa Lúcia e, depois, no ambulatório do Hospital São Lucas de Paracatu. “Fui para Brasília em 2011, mas deixei meu coração nesta cidade, que abracei como minha por 20 anos” diz a Dra. Rossane.

Carlos Antônio Trindade Junqueira

Em 1990, chegou à cidade o Dr. Carlos Antônio Trindade Junqueira. Formado pela Universidade de Brasília (UNB), em 1980, especialista em pediatria pela Sociedade Brasileira de Pediatria, foi intensivista pediátrico da Secretaria de Saúde do Distrito Federal durante o período de 1985 a 2013. Sócio do Hospital Santa Lucia de Paracatu, trabalhou no pronto-socorro, no ambulatório, e no consultório desta instituição, prestando serviços posteriormente no Hospital São Lucas de Paracatu.

Marízia Soares da Silva

Natural de Paracatu, Dra. Marízia formou-se na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no ano de 1991. Voltou para sua cidade em 1991, fazendo posteriormente residência pediátrica no Hospital das Clínicas da UFMG. Desde 1994 trabalha no pronto-socorro do Hospital Municipal e trabalhou no posto de saúde até 2010. Foi voluntária

como pediatra responsável pelo teste do pezinho, em crianças com alterações, durante oito anos. Trabalha no Hospital São Lucas desde 1995 em plantões, internações e salas de parto. Trabalhou como preceptora e professora na faculdade Atenas, de 2014 a 2017. Entusiasta da sua especialidade espera melhora da pediatria em Paracatu, torcendo para que a cidade obtenha em breve uma UTI Pediátrica e Neonatal.

Maria do Carmo Peres de Sá

Dra. Maria do Carmo chegou à cidade em julho de 1995, quando começou a trabalhar na prefeitura, atendendo também em consultório e nos hospitais de Paracatu. Natural de Belo Horizonte, formou-se na Faculdade de Medicina da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), no ano de 1986. Fez estágio em neonatologia na Santa Casa de Belo Horizonte.

Neuza Helena de Paula Melo

Em março de 2007, foi a vez da chegada da Dra. Neuza Helena de Paula Melo em Paracatu. Natural de Petrópolis, no Rio de Janeiro e formada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), no ano de 1974, Neuza fez residência em pediatria pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, obtendo o Título de Especialista pela Associação Médica Brasileira e Sociedade Brasileira de Pediatria. Desde 2007 presta serviço para a Prefeitura de Paracatu e em consultório particular.

Marcelo Simões Coelho

Natural de São João del-Rei, o Dr. Marcelo Simões formou-se na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 1995. Fez residência em pediatria no Hospital Universitário São José e especialização em medicina intensiva pediátrica, na Santa Casa de Belo Horizonte. Desde julho de 2011, trabalha no Hospital Municipal de Paracatu, no Hospital São Lucas e em consultório particular.

Danielle Malard Neves Rocha

Residindo em Paracatu desde 1997, a Dra. Danielle nasceu em Belo Horizonte e formou-se na Universidade Federal de Minas Gerais, *campus* de Montes Claros, em julho de 2011. Fez sua residência médica na Faculdade Atenas de Paracatu e desde abril de 2012 trabalha no Hospital Municipal e no Hospital São Lucas.

Faculdade Atenas

A Faculdade Atenas é uma instituição de ensino superior integrada ao Sistema Federal de Ensino, com sede na cidade de Paracatu. Os cursos implantados na faculdade representam um crescimento considerável da região, uma vez que estão em áreas específicas de grande carência. O curso de medicina, teve início em 2006.

Conforme o site da instituição, a intenção do curso é “formar o médico generalista alicerçado no processo ético e humanístico, num currículo terminal em nível de graduação que seja capaz não só de diagnosticar e tratar doenças, mas principalmente promover saúde, integrando a programação do curso com a rede de serviços que constituem o Sistema Único de Saúde (SUS). Além disso, promover ainda outros serviços complementares no sentido de otimizar estratégias de ensino, participando no processo de desenvolvimento regional da sociedade brasileira e desenvolvendo atividades de iniciação científica”.

Embora o objetivo seja formar médicos generalistas, a formação de pediatras é uma realidade na Faculdade Atenas. Desde 2010 a instituição vem trazendo pediatras para o seu quadro acadêmico, que sofreu alterações com saídas e inclusões de professores nos anos seguintes.

FONTE

Site da Faculdade Atenas de Paracatu. Biografia de Francisco de Melo Franco, patrono da Cadeira nº 1 da Academia Mineira de Pediatria – Sérgio Danilo Junho Pena.

55. Passos

Kleber de Vasconcelos Ordones
2017

Passos está localizada na Mesorregião Sul-Sudoeste de Minas a 352 quilômetros de Belo Horizonte. Tem uma população de 113.807 habitantes. Destaca-se na agroindústria, além de um forte setor de serviços.

Como em outras cidades brasileiras e, principalmente, no interior do estado, o atendimento médico hospitalar em Passos teve início com a criação da Santa Casa de Misericórdia da cidade, fundada em 1864. Naquela época, a

pediatria era praticada por médicos generalistas. A partir de 1952, no entanto, a pediatria passou a ser exercida com plenitude pelo primeiro pediatra na cidade, Feliciano Ferreira Maia, que nasceu em Passos no dia 16 de setembro de 1923. Estudou medicina na Faculdade de Medicina de Niterói, tendo concluído o curso em 1952. Especializou-se em pediatria e quando retornou à cidade natal assumiu a Clínica Pediátrica na Santa Casa de Misericórdia. Exerceu a medicina com muito amor e dedicação até o ano de 1996, quando faleceu vítima de enfarto.

Posteriormente, chegaram à cidade os pediatras José Hernani da Silveira, seguido por Marçílio Antônio Danese. No início, a pediatria em Passos sofria com as dificuldades próprias da época, principalmente com a falta de exames complementares de laboratório e imagem. Hoje, a cidade conta com uma excelente estrutura hospitalar e 1.700 funcionários. No comando há mais de 20 anos, o provedor da Santa Casa, Vivaldo Soares Neto, dirige a instituição com competência, fazendo da entidade um exemplo para muitos hospitais do gênero.

Em 1980, iniciaram suas atividades na cidade os doutores Kleber de Vasconcelos Ordones e Sônia Sawaya Pimenta Borges. Nessa época, foram realizados os primeiros casos de alimentação parenteral em crianças e criado o Serviço de Cuidados Intermediários (semi-intensivos). Depois chegaram os pediatras Calixto Sawaya Pimenta, Emílio Piantino Júnior e Luiz Carlos Lima Reis. Em seguida, Joaquim Eustáquio Maia e Nilo Parreira Júnior montaram o Serviço de Cirurgia Pediátrica. A pediatria foi crescendo e ganhou força com as presenças de Marcelo Lemos Gomes (endocrinologista pediátrico), João Luiz Lima Sousa e Patrícia Silva Pinto (cardiologista pediátrica).

Para desenvolver um trabalho comprometido em alcançar um alto nível de qualidade em saúde no grupo materno e infantil, foi criado, em 1998, o Programa Materno Infantil (Mater-Proma) que muito contribuiu para o desenvolvimento dessa área da pediatria na cidade. No ano 2000, foi inaugurada a Brinquedoteca Hospitalar, visando estimular as crianças a brincarem livremente em um espaço transformado em um importante auxílio no tratamento de crianças hospitalizadas.

Outro setor importantíssimo no tratamento da criança hospitalizada, a UTI Infantil, foi inaugurado em 2003, com dez leitos, sendo seis neonatais,

três pediátricos e um de isolamento. A partir dessa época, novos pediatras neonatologistas foram admitidos: Rosana Porto Viana, André Luiz da Silva, Helder Augusto Martins Garcia, Cynthia Cabral Caetano, Simone Brito Reis, Elaine Felca Beirigo, Cristina Grintaci Pereira, Layara Maria Garcia Brasileiro, todos atuando na área de cuidados intensivos.

Em agosto de 2003, a Santa Casa recebeu a certificação de Hospital Amigo da Criança, concedido pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e pelo Ministério da Saúde (MS). Em 2005, foi inaugurada a Unidade Materno Infantil, num prédio de seis pavimentos com duas unidades de internação pediátrica, Neonatal e Pediátrica. A Santa Casa fechou esse ano como hospital de referência em serviço de alta complexidade.

Novos colegas alergistas pediátricos foram admitidos: Ricardo de Oliveira Lessa, Mirella Lopes Vicinelli e Audrey Lemos Faria. Inaugurado o Hospital Regional do Câncer em 2009, a área de oncologia pediátrica foi enriquecida com a presença do Dr. Audir Ribeiro de Abreu.

A Santa Casa inaugurou em 2010 a nova UTI Pediátrica e o Banco de Leite Humano no Centro de Tratamento Infantil. O complexo tem capacidade para 38 leitos de neonatal, 12 UTIs Pediátricas e 12 UTIs Intermediárias. No final daquele ano, a instituição foi a primeira Santa Casa, entre todas as existentes no Brasil, a receber o título de Hospital Acreditado Nível II - Hospital Pleno, da Organização Nacional de Acreditação (ONA).

Em 2012, a Santa Casa teve autorização do Ministério da Educação para oferecer curso de pós-graduação em residência médica em quatro especialidades, sendo uma delas a pediatria.

Em 8 de julho de 2013, o Instituto Cardiovascular da Santa Casa fez história ao realizar a primeira cirurgia cardíaca da região. A operação de alta complexidade foi realizada em uma criança de 1 ano e 8 meses para correção de comunicação interatrial. A equipe médica foi liderada pelo cirurgião Ricardo Sgarbieri, sendo a cardiologista pediátrica, Patrícia Silva Pinto.

A área de otorrinopediatria foi enriquecida, em 2014, com as atividades do pediatras Alexandre Beraldo Ordones e, posteriormente, Eugênio Antônio de Melo, que com sua formação em otorrinolaringologia, assumiu a mesma área. Em março de 2014, o hospital atingiu a meta de acreditação pela ONA, alcançando o nível 3, que corresponde ao título de certificado com excelência.

O Hospital São José é outro serviço de pediatria pioneiro em Passos, que teve como precursor o Dr. Ricardo Ribeiro do Valle, nascido em Guaranésia, MG, em 1933, e formado na Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (FMTM), em 1960. Em meados de 1963, o Dr. Ricardo passou a residir em Itaú de Minas e, em 1964, casou-se com D. Maria Christina, com quem teve quatro filhos. Em dezembro de 1968, instalou-se em Passos para integrar a sociedade que fundaria o Hospital São José, juntamente com José Francisco de Oliveira Filho. Logo após a inauguração do hospital, no dia 19 de março de 1969, dia de São José, ocorreu um fato interessante que merece ser contado: nasceu o terceiro filho do Ricardo Ribeiro do Valle, sendo a primeira criança nascida naquela maternidade. Em 1979, sua esposa deu à luz ao caçula do casal naquele mesmo local.

O hospital foi uma obra visionária bem estruturada, construída com o que havia de mais moderno na época. A idealização, juntamente com a implantação do serviço de pediatria, foi toda realizada por ele que, na época, era o único especialista do hospital. Trabalhou na pediatria até os 72 anos, quando se aposentou definitivamente em 2005. Após esta data, o Dr. José Bilharinho, que trabalhou também como anestesista, assumiu a pediatria da instituição, dando sequência aos trabalhos iniciados pelo Ricardo. Posteriormente chegaram novos pediatras, Lília Jane Marques, Rosângela Leal Cherchíglia, Geraldo Tadeu dos Reis e Elenice Maia Martins, que formaram uma excelente equipe no desenvolvimento de pediatria na cidade, inclusive dando suporte de urgência-emergência (24 horas).

A prefeitura de Passos mantém, ainda, há mais de 20 anos um Serviço de Pronto Atendimento (UPA) em prédio próprio.

E assim caminha a pediatria em Passos, oferecendo uma assistência médica adequada e de abrangência na resolução de alto nível dos problemas de saúde da população, contribuindo para o desenvolvimento social e humanístico da região.

56. Patos de Minas

Juliana Rocha Cavalcanti Barros

Francis Jardim Pfeilsticker

2017

Localizada a cerca de 400 quilômetros da capital, o município está localizado na Mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba e possui 149.856 habitantes. Sua economia é baseada no setor de serviços e na agricultura. Sua primeira cultura de destaque nacional foi o trigo e, atualmente, é grande produtor de milho. Sua tradicional festa nacional do milho, criada em 1958, é um grande sucesso até hoje. Relatar a história da pediatria em Patos de Minas nos transporta há mais de 100 anos, quando alguns médicos generalistas, padrões da época, demonstraram preocupação maior com as moléstias infantis.

João Borges Júnior

Assim, temos o registro do Dr. João Borges Júnior, nascido em Patos de Minas em 11 de setembro de 1886 e formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1914. Sua tese de doutoramento teve como título “Estudo clínico da moléstia de Oppenheim”, e descrevia o caso clínico de uma criança de três anos, com a referida moléstia, atendida no Instituto de Proteção e Assistência à Infância, no Rio de Janeiro, onde ele próprio foi auxiliar. Posteriormente, retornou a Patos de Minas, onde exerceu suas atividades como médico, tendo sido, ainda, vereador e secretário do comitê central constituído para a criação do primeiro hospital de Patos de Minas. Faleceu em Patos de Minas, a 4 de janeiro de 1980.

Durval Caixeta de Melo

Nessa linha, também merece destaque o médico generalista Durval Caixeta de Melo, nascido a 19 de maio de 1909, em Patos de Minas. Colou grau em medicina na antiga Universidade do Brasil (Praia Vermelha), no Rio de Janeiro, 1935. Voltou a Patos de Minas em 1945. Em 1948, fez especialização em puericultura no Rio de Janeiro, pelo período de um ano. Foi chefe do Centro de Saúde de Patos de Minas de 1958 a 1963 e de 1966 a 1968. Durante a sua gestão, foi feita a primeira campanha de vacinação BCG contra a paralisia infantil na cidade. Implementou, ainda, o serviço de controle de hanseníase do município. Faleceu a 25 de outubro de 1975.

Paulo José de Amorim

Provavelmente o primeiro “pediatra”, nos moldes que conhecemos hoje, a exercer sua profissão em Patos de Minas foi o Dr. Paulo José de Amorim. Nasceu em 10 de maio de 1933 na Fazenda das Pindaíbas, em Patos de Minas. Graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais em 1959, especializando-se em pediatria. Regressou a Patos e juntou-se ao corpo clínico do Hospital Nossa Senhora de Fátima e Hospital Regional Antônio Dias. Em 1964, tornou-se chefe do Posto de Saúde. Em sua administração, o posto foi instalado em sede própria. Criou a primeira Escola de Auxiliar de Enfermagem “Baeta Viana” em Patos, no ano de 1968. Mudou-se para Belo Horizonte em 1984 e pós graduou-se como médico sanitário pela Escola de Saúde Pública de Minas Gerais. Foi superintendente Geral da Secretaria de Estado de MG, diretor hospitalar da Cemig, diretor do Hospital Eduardo de Menezes, médico do antigo Inamps e do Programa de Saúde da Família. Em 1997 instalou-se no Vale do Jequitinhonha para trabalhar também no Programa de Saúde da Família. Importante ressaltar a sua forte atividade de pesquisa clínica, existente desde cedo. Em 1963, participou de um estudo com escolares na área rural de Patos para relacionar a Doença de Chagas às condições de moradia.

Escreveu interessantes artigos para revistas médicas, com destaque para “Milho Opaco 2 – na desnutrição proteica da criança e na alimentação complementar do lactente”, publicado no *Jornal de Pediatria*, vol 34/set/out de 1969. Nesse artigo, resalta a grande prevalência da desnutrição proteico-calórica na faixa etária pediátrica em Patos, a importância da alimentação com leite materno nos primeiros anos de vida, considerado alimento ideal. Faz ainda relatos de casos de crianças internadas com desnutrição, sob seus cuidados no Hospital Regional Antônio Dias, em Patos de Minas/MG, e os bons resultados alcançados na recuperação nutricional dessas crianças, após a utilização de milho opaco 2, transformado em farinha de fubá, em sua alimentação. O milho opaco 2 havia sido descoberto em 1962, na Universidade de Indiana, nos Estados Unidos, e consiste em grão de milho opaco, sem brilho, aparentemente defeituoso, porém com um alto valor proteico e nutritivo, diferentemente

do milho comum. Sendo Patos de Minas uma cidade com tradição agrícola muito grande, conhecida como “a capital do milho”, ele propõe a utilização desse alimento por crianças, especialmente de baixa renda. Faleceu em 20 de outubro de 2010.

Posteriormente, Patos de Minas foi agraciada pela vinda de vários outros pediatras. Vale destacar:

Erival Albino de Oliveira

Nasceu em 7 de junho de 1932, na cidade de Carmo do Paranaíba/MG. Graduado pela Universidade de Minas Gerais em dezembro de 1959, com título de especialista em pediatria conferido em 1972 pela Associação Médica Brasileira e Sociedade Brasileira de Pediatria. Veio para Patos de Minas em 1968 para trabalhar no hospital São Lucas. Juntamente com outros quatro médicos renomados, fundou o Hospital Vera Cruz, em 1975, onde passou a trabalhar. Faleceu em 30 de junho de 1983.

Carlos Roberto de Sousa Pereira

Nascido em 22 de outubro de 1943, em Uberlândia, MG. Colou grau em medicina na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1970. Fez residência em pediatria no Hospital da Baleia – Fundação Benjamim Guimarães, em Belo Horizonte, nos anos de 1971 e 1972. Veio para Patos de Minas em maio de 1972, onde trabalhou como pediatra no Hospital Regional Antônio Dias (até sua aposentadoria do serviço público em 2013), e no Hospital Vera Cruz até 2004, dentre outros. Reside atualmente em Uberlândia.

Francisco Barreiros Neto

Natural de Água Boa/MG nasceu em 24 de fevereiro de 1943. Graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1969, com residência em pediatria feita no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), de 1970 a 1971, e Título de Especialista em Pediatria (TEP) em 1971. Veio para Patos de Minas em abril de 1973, a convite do Dr. Paulo Amorim, que precisava de um “companheiro de trabalho”. Foi indicado por Ennio Leão, renomado pediatra e professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Aqui chegando, logo gostou da cidade, iniciando uma longa carreira de serviços prestados à pediatria, que perdura até hoje. É o mais antigo pediatra em atividade na cidade de Patos de Minas, fazendo parte atualmente do corpo clínico do Hospital Nossa Senhora de Fátima.

Antônio Hipólito Pereira

Nasceu em 7 de julho de 1947, em Campos Altos/MG. Graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em dezembro de 1971, com residência em pediatria feita na Santa Casa (1972 e 1973), em Belo Horizonte. Veio para Patos de Minas em fevereiro de 1974. Trabalhou no Hospital Regional Antônio Dias (HRAD) durante 35 anos, quando se aposentou do serviço público. Ainda trabalha ativamente como pediatra, fazendo parte do corpo clínico do Hospital Imaculada Conceição, em Patos de Minas.

Ismael Ferreira de Barros

Natural de Patos de Minas nasceu em 9 de fevereiro de 1950. Graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em dezembro de 1972, com residência em pediatria no Hospital das Clínicas da UFMG em 1973 e 1974, em Belo Horizonte. Começou a exercer a pediatria em Patos de Minas em abril de 1975. Trabalhou no Hospital Regional Antônio Dias (HRAD) e centro de saúde como funcionário da Funed por 21 anos. Ainda trabalha ativamente como pediatra, fazendo parte atualmente do corpo clínico do Hospital Vera Cruz, em Patos de Minas.

Esse grupo de pediatras citado acima, todos com excelente formação acadêmica, já tendo residência formal em pediatria e/ou título de especialista (titulação rara naquela época), foram os responsáveis pela consolidação da pediatria como especialidade em Patos de Minas. Trabalharam arduamente durante muitos anos e garantiram uma pediatria de excelente qualidade, que serviu de terreno fértil para a vinda de outros pediatras posteriormente, que engrandeceram ainda mais a especialidade:

Maria Luísa Mendes França

Nasceu em 01 de janeiro de 1955, em Araxá/MG. Graduada pela Universidade de Uberlândia (UFU-1978) e com residência na Santa Casa de Belo Horizonte (1979 e 1980), veio para Patos em 1981. Foi a primeira mulher a exercer a pediatria na cidade. Trabalhou no Hospital Imaculada Conceição por mais de 20 anos e como pediatra da prefeitura Municipal, dentre outros, onde se aposentou.

Vander José Guimarães

Nascido em 28 de maio de 1953, em Guimarânia/MG, próximo a Patos de Minas, é graduado pela Faculdade de Medicina de Barbacena (1980). Fez

residência no Hospital São Francisco em Belo Horizonte (1980 a 1982). Veio para Patos em 1982. Atualmente, faz parte do corpo clínico do Hospital Nossa Senhora de Fátima, Hospital São Lucas e Unidade de Pronto Atendimento.

Sérgio Augusto de Carvalho

Natural de Santa Rita de Caldas/MG nasceu no dia 19 de abril de 1954. Graduado pela Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, em Uberaba (1979), com residência em pediatria no Hospital do Servidor Público Municipal, em São Paulo (1980 e 1981). Embora morasse a maior parte do tempo em Patrocínio, cidade vizinha, trabalhou em Patos desde 1982, principalmente no Hospital Regional Antônio Dias aonde veio a se aposentar em 2015.

Lenia Mara de Sousa Silveira Borges

Nasceu em 17 de julho de 1955, em Patos de Minas/MG. Graduada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1981. Veio para Patos em 1983. Atualmente faz parte do corpo clínico no hospital Nossa Senhora de Fátima.

Júnia César Almeida Martins

Nasceu na capital e graduou-se pela Faculdade de Ciências Médicas, em Belo Horizonte em 1983, com residência em pediatria no Hospital Militar, na mesma cidade (1984 e 1985). Veio para Patos em 1986, onde trabalhou no Hospital Regional Antônio Dias e na atenção primária. Posteriormente fez pós-graduação em nutrologia (2008) e homeopatia (2012 e 2013).

José Tavares Iracema Filho

Nasceu em 23 de agosto de 1951, em Manaus, AM. Graduado pela Universidade Federal de Santa Catarina (1978), com residência em pediatria nos hospitais Santa Casa e Santa Lúcia de Ribeirão Preto, SP (1979 e 1980). Veio para Patos em 1987. Atualmente, faz parte do corpo clínico no hospital São Lucas, Hospital Regional Antônio Dias e atende pediatria na Atenção Primária à Saúde.

Antônio Carlos Silva Rezende

Natural da cidade de Rio Paranaíba, MG, nasceu em 9 de outubro de 1957. Graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1980, fez residência pediátrica no Hospital das Clínicas de 1981 a 1982. Veio para Patos em 1988. Atualmente, faz parte do corpo clínico do Hospital Imaculada Conceição.

Aod Duarte Júnior

Nasceu em 8 de dezembro de 1955, em Juiz de Fora/MG. Graduado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em 1984, com residência em pediatria no Hospital Andaraí, no Rio de Janeiro, de 1987 a 1989, veio para Patos tão logo terminou a residência. Atualmente, faz parte do corpo clínico do Hospital Vera Cruz e Hospital Regional Antônio Dias.

Maria Raquel de Oliveira Freire

Nasceu em Bocaiúva/MG em 25 de abril de 1957. Formou-se pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no ano de 1983. Fez residência em pediatria no Centro Geral de Pediatria (hoje João Paulo II), em Belo Horizonte, nos anos de 1984 e 1985. Mudou-se para uma cidade próxima a Patos em 1991, e neste mesmo ano ingressou no Hospital Regional Antônio Dias, onde trabalhou até a sua aposentadoria do serviço público em 2017.

Domingos Sávio Gomes

Nascido em 31 de dezembro de 1964, em Patos de Minas/MG, graduou-se pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1989, com residência em pediatria no Hospital Sara Kubitschek, na capital do estado (1990 e 1991). Veio para Patos em 1992. Atualmente, faz parte do corpo clínico do Hospital Imaculada Conceição e atende a pediatria na Atenção Primária à Saúde.

Lúcia Elisa Bacagini Guedes

Nasceu em São Joaquim da Barra, SP, em 7 de novembro de 1958. Formou-se pela Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro em Uberaba, hoje Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), no ano de 1984. Fez residência em pediatria no mesmo local nos anos de 1985 e 1986. Mudou-se para Patos em 1992. Atualmente, faz parte do corpo clínico dos hospitais Imaculada Conceição e Antonio Dias.

José Moisés de Carvalho

Natural de Centralina, Minas Gerais, nasceu no dia 19 de outubro de 1951. Graduado pela Universidade de Brasília (UNB) em 1976 e com residência no mesmo local (1976 e 1977). Morou em Carmo do Paranaíba (cidade próxima), mas trabalha em Patos desde 1994. Atualmente, atende pediatria na Atenção Primária à Saúde, e é professor do curso de medicina do Centro Universitário de Patos de Minas (Unipam).

Nas últimas décadas, chegaram muitos outros pediatras a Patos de Minas. Alguns moram nas cidades vizinhas e aqui vêm prestar seus serviços, contribuindo com a boa qualidade da pediatria em nossa cidade. É interessante observar o surgimento de alguns pediatras já com área de atuação específica, dentro da pediatria (subespecialidades). Citamos os doutores: Carmem Lúcia de Deus Borges (medicina da adolescência e psicologia e psiquiatria na infância e adolescência), Maria Cecília Ramos Marques (alergia, imunologia clínica e dermatologia), Juliana Rocha Cavalcanti Barros (pneumologia infantil e alergia-imunologia), Francis Jardim Pfeilsticker (terapia intensiva neonatal e infantil), Caio César Borges de Franco (terapia intensiva neonatal e infantil), Vinícius Santana Pereira (neonatologia), Maria Angélica de Araújo Ferreira Reis (alergia) e Alessandra Karolina Borges Pereira (neonatologia).

Estabelecimentos

Quanto aos estabelecimentos, o primeiro hospital de Patos de Minas foi inaugurado em 18 de julho de 1930, quando a cidade contava com uma população de apenas 3 mil habitantes. O hospital Regional Antônio Dias, na sua fundação, possuía 153 leitos, distribuídos em 12 quartos particulares e quatro grandes enfermarias e internava inclusive crianças. Como tinha um caráter fortemente assistencial, servia de clausura para as irmãs que atendiam crianças órfãs, carentes, e excluídos sociais. Na década de 1960, o hospital passa a ser administrado pela Secretaria de Estado da Saúde. Posteriormente, pela Fundação Ezequiel Dias (1975) e, finalmente, pela Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig), em 1978, o que continua até os dias atuais.

Os hospitais privados vieram em seguida: Casa de Saúde Imaculada Conceição (1945), Hospital Nossa Senhora de Fátima (1958), Hospital São Lucas (1967) e Hospital Vera Cruz (1975). Os quatro hospitais privados, juntamente com o Hospital Regional Antônio Dias, encontram-se em plena atividade, com grande volume de atendimentos pediátricos, tanto ambulatoriais, quanto de internamentos.

No final da década de 1990, Patos de Minas ganhou seus primeiros leitos de CTI Neonatal. Quatro leitos foram abertos no Hospital São Lucas. Os pediatras que participaram desde o início foram Lúcia Elisa, José Tavares (já citados acima) e Rildo Eustáquio da Costa.

Dr. Rildo formou-se pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1995, tendo feito sua residência em pediatria no Centro Geral de Pediatria (CGP) em Belo Horizonte, hoje Hospital João Paulo II, nos anos de 1996 e 1997. Mudou-se para Patos de Minas em 1998. Em meados de 2005, houve a abertura do CTI Neonatal e Pediátrico no Hospital Vera Cruz, com Rildo Eustáquio da Costa participando ativamente do processo.

Dia 3 de novembro de 2005 abriram-se mais nove leitos de CTI Neonatal no hospital público da cidade, o Hospital Regional Antônio Dias. Nessa ocasião, os pediatras Caio César e Francis Jardim vieram para a cidade, objetivando integrar a equipe, junto com Lúcia Guedes, Rildo Eustáquio e outros colegas.

Em dados levantados entre 1995 e 2016 foi constatado que o município apresentou significativa redução da mortalidade infantil. Os pediatras, com certeza, contribuíram muito para essa redução, através da puericultura, vacinação, melhorias no atendimento de urgência e educação para a saúde, como um todo. Também podemos apontar queda significativa na mortalidade neonatal neste mesmo período. Hoje a pediatria da cidade se solidifica como referência para toda a região e continua em ascensão. A cada ano novos pediatras são incorporados na atenção primária, secundária e terciária, promovendo melhoria na assistência da criança desde o nascimento até o final da adolescência.

FONTES

Giovanni Roncalli Caixeta Ribeiro. *Contribuição à História da Medicina em Patos de Minas: das origens até 1950*. Publicado na Revista Alpha (Revista da Faculdade de filosofia, Ciências e Letras de Patos de Minas), ano 9, número 9, novembro de 2008.

João Borges Júnior. *Estudo Clínico da Moléstia de Oppenheim - These de Doutorado*.

Apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 9 de novembro de 1914.

Oliveira Mello. *Um patense inesquecível*. Folha Patense, Patos de Minas, a.018, n.915, p.18, 2010.

Paulo José de Amorim. *Milho Opaco 2 – na desnutrição proteica da criança e na alimentação complementar do lactente*. Publicado no Jornal de Pediatria, vol. 34/ set./out. de 1969.

Entrevista: Dr. Francisco Barreiros Neto.

Ary Guimarães. *Dr. Ary, a família Guimarães e o Hospital Nossa Senhora de Fátima – Nossa História*. 1ª edição, Editora Biografia. Patos de Minas, 2015.

Plano Municipal de Saúde de Patos de Minas. Banco de dados do Sim, Erivaldo Rodrigues Soares, setembro de 2014.

SINASC/SMS Patos de Minas – Gerência de Epidemiologia, referentes ao período de 2014 a 2016.

67. Patrocínio

Paulo Caixeta de Araújo
2017

Patrocínio está situada na Mesorregião do Alto Paranaíba do estado e tem 89.333 habitantes. Distante 402 quilômetros de Belo Horizonte, sua economia é baseada na cultura do café e na produção de gado leiteiro. É o terceiro maior produtor de café do país.

Ao longo de toda a sua história, o município contou com vários médicos, que vieram de outros centros, onde estudaram em escolas de excelência e são até hoje considerados referência na profissão. Generalistas atendiam as crianças quando não havia pediatras na região, e o atendimento se dava em seus consultórios e gratuitamente na Santa Casa de Misericórdia Nossa Senhora do Patrocínio, inaugurada em 15 de abril de 1938. Seu primeiro diretor clínico foi um reconhecido pediatra, Gustavo Machado, que pautou sua carreira no atendimento às crianças com carinho e atenção.

A cidade foi crescendo, juntamente com o desenvolvimento dos diversos setores da economia, inclusive o da saúde. Prova disso foi a visita do governador Juscelino Kubitschek, juntamente com sua comitiva, no dia 12 de novembro de 1952, quando foi inaugurado o Posto de Puericultura Sara Kubitschek (futura Policlínica, local para atendimento exclusivo em saúde pública). Na época, o Dr. Gustavo Machado, então diretor do posto, fez um discurso grandioso.

Em 1973, foi contratado pela direção da Santa Casa o primeiro médico para trabalhar exclusivamente com pediatria. Tratava-se de José Rodrigues de Souza, naquele momento em que a especialidade ganhava força e dinamismo na comunidade. A ele se seguiram, nesta ordem, os pediatras: Paulo Roberto de Oliveira, Vander Guimarães e Francisco José Ferreira da Silveira. Em seguida, passei a trabalhar como pediatra no município, tendo sido aprovado em concurso público do estado, em 1984, para exercer essa atividade. Naquele momento, o atendimento público gratuito era feito na Policlínica. Desses colegas, apenas eu e Paulo Roberto de Oliveira continuamos até hoje a exercer a pediatria na cidade.

Nossas consultas eram particulares, de convênios de grandes empresas como Caixa e Banco do Brasil, ou em convênios locais como Acip/CDL. Desde então, a medicina de um modo geral e a pediatria também passaram por várias mudanças.

Os atendimentos pediátricos públicos eram feitos na Policlínica, com internação na Santa Casa. Em 1987, com a municipalização da saúde, a prefeitura passou a administrar esses atendimentos, descentralizando os mesmos, criando então vários postos de saúde, em alguns bairros. Os concursos públicos do estado foram extintos, o último foi em 1984, e os médicos passaram a ser contratados pela prefeitura.

Ao longo do tempo, diversos pediatras passaram pela cidade em momentos diferentes e atividades variadas. Cada qual seguiu seu destino, por motivos diversos. Mas cada um dando sua contribuição para o aprimoramento de nossa especialidade. Foram eles: Drs. Agnes Silva Mello, Daniela Lima Gomes, Diane Ferreira, Elidimar Bento, Gilma Borges Lima, Helier Langendorf, Helson José Ferreira, Marcelo Meirelles, Marcus Vinícius Guimarães Franco, Mércia Minas Novas, Sérgio Justino, Silvana Abranches e Vani Costa.

Em 1991, a partir do momento da criação da Unimed como alternativa maior de plano de saúde privado para a comunidade, passa a ser registrada uma mudança no setor de saúde na nossa cidade, especialmente da pediatria. Antes focada em curar doenças, muda-se, então, para a prevenção de doenças. E essa prevenção se dá com a melhoria do atendimento à saúde da população como as internações no Serviço Único de Saúde (SUS), a implantação de vários Postos de Saúde, do Programa de Saúde da Família (PSF) e do Pronto-Socorro. É importante ressaltar, ainda, a implementação dos programas de vacinação do governo e a boa aceitação da comunidade com esta prática, o que tem evitado muitas doenças graves, que demandavam vários dias de internação e ocasionavam muitas mortes. Hoje, por exemplo, raramente vemos diarreias e meningites.

Dentro do hospital, no atendimento pelo SUS, também houve mudanças importantes. Nos meus primeiros anos como pediatra, as crianças internadas não podiam ter acompanhante, os responsáveis só as viam nos horários de visita, o que era desumano. No final dos anos 1980, a criança internada passa a ter direito a um acompanhante e os recém-nascidos ficam com suas mães em alojamento conjunto.

Uma mudança a destacar são as internações pelo SUS, antes remunerando os médicos pelo número de atendimentos, seguindo a tabela do SUS. Hoje são esquemas de plantões, remunerados pela Santa Casa, com um quadro de pediatras para atendimentos destas internações e de partos. Recentemente, a prefeitura passou a fazer concurso público para compor o quadro de médicos, inclusive pediatras. Antes eram apenas contratados.

Observo que, na pediatria atual, muitos médicos têm direcionado seus atendimentos para plantões e outros serviços remunerados - inclusive com médicos que se deslocam entre cidades com esta finalidade - em detrimento do atendimento em consultório.

Patrocínio conta atualmente com atendimento pediátrico em dois hospitais (particulares, convênios e SUS), clínicas particulares, postos de saúde e Centro Viva Vida, contando com a colaboração dos seguintes pediatras: Cassiana Duarte Queiroz, Darlan Martins, Haroldo Teixeira, Ismênia Diniz Mendes, Lúcio Flávio Naves Dias, Maria Salete Carneiro, Paulo Caixeta de Araujo, Paulo Roberto de Oliveira, Rafael Vieira Dias e Sérgio Carvalho.

FONTES

<http://www.santacasadepatrocínio.com.br/index.php/historia>

<http://www.patrocínio.mg.gov.br/pm/index.php/municipio/historia>

Informações pessoais, adquiridas no exercício da profissão e de contatos com colegas

58. Poços de Caldas

Jazon de Lima Cruz
2017

Poços de Caldas é uma cidade do Sul de Minas que fica a 460 quilômetros de Belo Horizonte e possui 164.912 habitantes. Parte de sua economia se baseia no turismo de suas fontes e nascentes de águas sulfurosas e termais localizadas em terrenos de origem vulcânica e que ainda chamam a atenção por seus poderes de cura. O primeiro visitante ilustre da cidade foi o imperador Dom Pedro II, em outubro de 1886, que esteve na freguesia acompanhado

da imperatriz Dona Teresa Cristina, quando inaugurou o Ramal da Estrada de Ferro Mogiana. A partir dos anos 1970, a cidade passou a diversificar sua economia através da exploração de jazidas de bauxita, quando começaram a surgir as primeiras indústrias de porte localizadas na região, entre elas, as de produção de alumínio e o Laticínio Poços de Caldas.

A história da pediatria na cidade se confunde com as dos médicos generalistas, que tratavam também de crianças, e a dos especialistas que foram surgindo com o tempo. Seguem relatados os nomes dos primeiros pediatras que exerceram a profissão em Poços de Caldas.

Martinho de Freitas Moura

Dr. Martinho nasceu em 1909 e faleceu em 1996. Fez o curso médico na Faculdade Nacional de Medicina na Praia Vermelha, Rio de Janeiro, tendo concluído o curso em 1931. Notabilizou-se por seu grande empenho em prol da assistência às crianças, exercendo a medicina por 64 anos. Foi vereador em Poços de Caldas.

Maurício Vieira Romão

Dr. Maurício nasceu em 1907 e faleceu em 1997. Concluiu o curso médico em 1930, tendo exercido a pediatria em Campestre. Em 1953 transferiu-se para Poços de Caldas, onde exerceu a medicina até seu falecimento.

José Bueno Vilela

Nasceu em 1920 e graduou-se pela Faculdade de Ciências Médicas do Rio de Janeiro. Em 1949 radicou-se em Poços de Caldas, onde exerceu a clínica pediátrica, tendo sido chefe do Departamento de Pediatria da Santa Casa de Misericórdia no período de 1952 a 1981. Foi fundador e coordenador do Programa Materno Infantil de Poços de Caldas, que atendia cerca de 1.500 gestantes por ano. De todos os nascidos em Poços de Caldas, 70% passavam pelo Programa Materno Infantil. Aos 84 anos, gozando de saúde perfeita, Dr. José Bueno ministrava cursos para as gestantes. Por sua importância, ocupou a cadeira número 18 da Academia Mineira de Pediatria, cujo patrono é Olavo Gabriel Diniz.

Jazon de Lima Cruz

Nasceu em 11 de fevereiro de 1938, em Jardim do Seridó, pequena cidade no interior do Rio Grande do Norte. Terminou o Ginásio em 1952, no Colégio Marista de Natal, RN. Transferiu-se para Belo Horizonte em 1953, com seus

pais que eram de origem simples e que tinham como objetivo principal oferecer aos filhos uma melhor instrução acadêmica. Concluiu o curso científico em uma das últimas turmas do antigo Colégio Estadual da Av. Augusto de Lima, no Bairro Barro Preto, onde hoje é o Fórum da Capital. Em 1957, foi aprovado nos vestibulares da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Faculdade de Ciências Médicas. Diplomou-se como médico, em 1962, pela Faculdade de Medicina da UFMG.

Durante o período acadêmico, foi professor de zoologia do Curso Pré-Médico Alfredo Balena, do Diretório Acadêmico da Faculdade, de 1958 a 1962; monitor de fisiologia, cadeira do professor Otávio de Magalhães, e de tisiologia, cadeira do professor José Feldman. Frequentou por vários meses, como estagiário, o berçário da Maternidade Odete Valadares sob a chefia do Dr. Múcio de Paula e, na mesma época, plantonista voluntário no Pronto Socorro Municipal de Belo Horizonte. De dezembro de 1962 a dezembro de 1963 foi interno residente da Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil, serviço do professor Berardo Nunan; a seguir, médico bolsista da mesma instituição até agosto de 1964. Ali, teve como mentores os excelentes pediatras doutores Ennio Leão, Celso Lobo, Elmo Peres e Sarah Milstein.

Em janeiro de 1964, casou-se com a doutora Vera Flora de Araújo, também com formação em pediatria pela Faculdade de Medicina da UFMG. Em outubro do mesmo ano, transferiram-se para Poços de Caldas.

Antes da sua ida para Poços de Caldas, foi contratado como pediatra da Secretaria de Segurança Pública do Estado de Minas Gerais. Em 1966, quando ele e sua esposa foram aprovados em concurso público passaram a atender como pediatras da Secretaria do Estado da Saúde de Minas Gerais. É sócio efetivo da Sociedade Mineira de Pediatria desde 20 de novembro de 1969.

Desde sua chegada a Poços de Caldas, tornou-se membro efetivo do corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia local. Nesta instituição recebeu o apoio de vários colegas médicos, notadamente dos doutores Victor Augusto Cardillo e Benedicto Cauby Ferreira e Silva que, além de atuarem como clínicos e cirurgiões gerais, eram excelentes obstetras. A eles sempre recorria em casos de patologias exclusivamente cirúrgicas. Naquela época, eram bastante comuns doenças infecciosas como sarampo, tétano, difteria, coqueluche e pólio. Contraídas principalmente por falta de vacinação adequada, essas doenças acarretavam complicações que muitas vezes necessitavam de procedimentos

cirúrgicos de urgência. Por falta de um saneamento básico, essas doenças também se associavam às gastroenterites, responsáveis pelo alto índice de mortalidade infantil.

Preocupado com essa situação, procurou, em Belo Horizonte, os colegas Clovis Boechat, Benedito Philadelpho Siqueira e José Paiva, fundadores da primeira instituição particular de clínica de medicina preventiva. Orientado por eles, passou a adotar a conduta da medicina preventiva, tanto em seu consultório como na unidade de saúde. O resultado favorável logo se fez notar.

No período de 8 a 28 de janeiro de 1973, participou do 31º Curso Intensivo de Cardiologia Clínica, no serviço do professor Adib D. Jatene, de São Paulo e, em outra ocasião, do curso intensivo anual de Alergia para Clínicos e Pediatras no serviço do professor Brum Negreiros, na Policlínica do Botafogo, no Rio de Janeiro.

A chegada de novos pediatras, a colaboração da Secretaria Municipal de Educação, e a criação do Departamento Municipal de Água e Esgoto (1965), responsável atualmente pelo fornecimento de água tratada e a coleta de esgoto em mais de 90% das residências foram fatores significativos para a redução dos níveis de mortalidade infantil da cidade.

Exerceu por alguns anos a chefia do Departamento de Pediatria e do Berçário da Santa Casa de Misericórdia. Na Secretaria de Saúde do Município chefiou o Serviço de Tratamento Fora do Domicílio e foi membro efetivo do Conselho Municipal de Saúde, de 2002 a 2005. Coordenou na esfera municipal as primeiras campanhas vitoriosas de vacinação antipólio realizadas no estado, contando sempre com a inestimável ajuda dos funcionários dos postos de saúde e de dedicados voluntários.

Em 5 de dezembro de 1991, teve a oportunidade de participar do núcleo fundador da Unimed de Poços de Caldas, atuando como seu primeiro diretor financeiro. Em 26 de fevereiro de 2008 recebeu o título de Sócio Jubilado da Associação Médica de Minas Gerais. Tem três filhos: Alberto de Araújo Cruz (médico anestesista), Jazon de Lima Cruz Júnior (arquiteto) e Sérgio de Araújo Cruz (formado em Administração).

Poços de Caldas conta, hoje, com hospitais que atendem os pacientes não só da cidade como do seu entorno: Hospital da Santa Casa de Misericórdia, Hospital Pedro Sanches, Hospital Unimed, Hospital Margarita Moralles, Hospital Santa Lúcia e Hospital Poços de Caldas.

Hoje, já aposentado do serviço público e depois de ter deixado a direção da Unimed, continua exercendo a pediatria ambulatorial, em seu consultório, apenas no período da tarde.

Maria Helena de Souza

Natural de Maringá, no Paraná, Maria Helena concluiu o curso médico na Universidade Federal do Paraná em 1989. Fez residência em pediatria no Departamento de Pediatria do Hospital de Clínicas de Curitiba, no período de 1990 a 1992. Possui o Título de Especialista em Pediatria (TEP) concedido pela Sociedade Brasileira de Pediatria em 1992. Exerce a pediatria em Poços de Caldas desde agosto de 1992 e atua na prefeitura, onde entrou por meio de concurso público. Trabalha nas unidades de puericultura, PSF Santa Augusta, e de especialidades, Ambulatório de Pneumologia, desde 2008. Exerce a pediatria, fazendo parte do corpo clínico dos hospitais Santa Casa de Misericórdia e Unimed, onde atende pacientes do consultório e participa das escalas de plantão. Em complementação à sua formação científica, doutora Maria Helena frequentou o Serviço de Pneumologia Pediátrica da Unicamp, no período de 2012 e 2013.

Laura Ávila Carvalho

Nasceu em Carmo do Rio Claro, fazendo o curso primário na escola da fazenda onde foi criada. Com a chegada das águas de Furnas, sua família teve que abandonar a casa, pois a família perdeu todas as suas terras para a represa. Transferiu então sua residência para Poços de Caldas, lugar em que seu pai havia vivido quando criança, onde fez seus estudos secundários.

Curso medicina na Universidade Federal de Uberlândia, onde fez internato e três anos de residência em pediatria, em São Paulo. Complementando sua formação científica, fez o terceiro ano de residência em neonatologia, tendo sido da segunda safra de neonatologistas do Brasil, com Título de Especialista.

Fez estágio como médico visitante em UTI Neonatal nos Estados Unidos.

Pelos destinos da vida, teve que retornar a Poços de Caldas, onde exerceu a profissão como médica pediatra por mais de 35 anos, atendendo no serviço público/convênios e particular, com garra e determinação. Atualmente é diarista e preceptora de residentes na pediatria da Santa Casa de Poços de Caldas, orgulhando-se em poder passar sua experiência profissional e de vida aos jovens pediatras, com ênfase no respeito ao paciente.

59. Ponte Nova

Marcos Antônio de Araújo Serafini
2017

Ponte Nova tem hoje 60.188 habitantes e está localizada na Mesorregião da Zona da Mata do estado, a 180 quilômetros de Belo Horizonte. O desenvolvimento local se deve à produção da lavoura da cana-de-açúcar. Atualmente, a cidade busca novos caminhos de desenvolvimento e a suinocultura é uma dessas atividades.

Cheguei a Ponte Nova no fim dos anos 1960, depois de formado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Havia aqui apenas um profissional na área da pediatria: Nino Gariglio. Comecei trabalhando em consultório e no Hospital Nossa Senhora das Dores (HNSD), de propriedade da Diocese de Mariana e único da cidade, na ocasião.

Dr. Nino trabalhava nas mesmas condições e, lamentavelmente, nunca conseguimos ter uma relação conjunta nos nossos serviços, apesar de tê-lo procurado, aconselhado pelo meu sogro que também era médico, Ignácio Vasconcelos. No entanto, o colega preferiu atuar na pediatria do hospital separadamente. Como foi difícil este início! Eu me empenhava todos os dias, fazendo pequenas cirurgias, punções lombares, pleurais e venosas, e dissecando veias, pois não tinha o respaldo de colegas de outras áreas. Os funcionários eram inexperientes e as freiras, comumente no interior do estado naquela época, faziam trabalhos paramédicos, chegando a interferir no serviço médico.

Depois de certo tempo, achei por bem organizar a minha própria clínica e fundei a Clínica Jesus Menino, onde trabalhava sozinho, dia e noite, com o auxílio de técnicas de enfermagem, e isto durou vários anos. O natural desgaste, provocado pelo trabalho diuturno, conduziu-me, na época, ao recém-inaugurado Hospital Arnaldo Gavazza (HAG) pela Associação dos Plantadores de Cana de Minas Gerais (Minascana) no dia 14 de maio de 1976.

Marcos Antônio de Araújo Serafini

Nasci em Colatina, no Espírito Santo e fui para Belo Horizonte bem jovem terminar o curso médio (antigo científico) no Colégio Arnaldo. Passei no vestibular da Escola de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais

(UFMG), onde me formei aos 23 anos, em 1967. Estagiei por um ano no berçário do Hospital das Clínicas, sob a supervisão da Dra. Diomar Tartaglia, grande mestra de diletta lembrança. Obtive título de especialista em pediatria pela Sociedade Brasileira de Pediatria e Associação Médica de Minas Gerais. Trabalhei por um pequeno tempo no Espírito Santo, indo para Ponte Nova em 1969, onde estou até hoje, aos 72 anos de idade. Atuo no consultório diariamente, no posto de saúde duas vezes por semana e sou auditor do plano de saúde do HAG, fazendo parte da mesa diretora do hospital, como representante do corpo clínico.

Jorge Costa de Oliveira

Nessa mesma ocasião, chegou a Ponte Nova outro pediatra, que era também anesthesiologista. Tratava-se de Jorge Costa de Oliveira, que atuou um tempo no HNSD, para depois migrar para o HAG, onde laboramos juntos. Nesta ocasião, eu continuava trabalhando em consultório e no novo hospital. Conseguimos importantes conquistas no campo profissional e, agora, ajudados por outros novos colegas, de outras especialidades, o serviço pediátrico avançou nitidamente.

José Silvério Felício da Cunha e outros

Com a saída do Dr. Jorge do HNSD, outro colega ocupou o seu lugar, o Dr. José Silvério Felício da Cunha. Posteriormente, mais colegas foram chegando e, hoje em dia, contamos com os pediatras: Juliano de Paiva Boscolo, Célio Luiz Fernandes, Henrique Amaral Binato, Agilberto de Lucca Marcilio, Etyenne Pereira Silvestre Mansur, Ludmila Naves Magalhães, Francele Costa Magalhães, Frederico Milagres de Oliveira, Antônio Carlos Pires Maciel e José Abdala, todos do HNSD. Esse hospital conta com CTI Neonatal, cuja coordenação é de Guilherme Lobo da Silveira. O hospital faz internações em enfermaria e apartamentos, e partos pelo SUS, convênios e particulares.

Os colegas Joaquim Donizetti Ferreira de Paula, José Luiz Ferreira Mayrink e Anelise Piuzana C. M. Chaves prestam serviços no HAG, onde continuo até hoje, tornando cada vez mais moderno e atualizado o atendimento pediátrico na cidade, que abrange uma área de influência muito grande, com várias cidades próximas, cujos pacientes buscam nossa pediatria.

Atualmente, o HAG mantém plantões de 24 horas (12 horas de presença física e 12 horas de sobreaviso) na área pediátrica, em urgência e emergência,

com internações em enfermaria e apartamentos. Conta, ainda, com um serviço de obstetrícia, com partos, e consequente atendimento para recém-nascidos, mas só para convênios e particulares.

Nos postos de saúde temos serviço pediátrico em alguns bairros e no centro da cidade. No Pronto Atendimento Municipal (PAM), o atendimento é feito pelos pediatras Célio Luiz Fernandes, Francelle Costa Guimarães e Juliano de Paiva Boscolo; no Posto de Saúde do bairro Santo Antônio, a pediatra que atende é Eliane de B. Ribeiro Barbosa; nos postos do Raza e do Pacheco, o atendimento é realizado pela Dra. Fernanda B. de Serpa P. Lessa. No Centro, Triângulo e nos postos dos bairros de Fátima e Novo Horizonte, o Dr. Joaquim Ferreira de Paula faz o atendimento.

60. São João del-Rei

Euclides Garcia de Lima Filho

Luiz Antônio Neves

2007

Localizada na Mesorregião do Campo das Vertentes/Sudeste de Minas Gerais, a cidade dista 180 quilômetros da capital e possui hoje 89.832 habitantes. O turismo, o comércio e a agricultura são as suas maiores atividades econômicas, no entanto, a cidade se destaca ainda por ser um importante centro universitário, onde se localiza a Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

No início do século passado, o atendimento à criança em nossa cidade não era ainda realizado por profissionais especializados em pediatria, cabendo aos médicos clínicos gerais esta árdua tarefa, que consistia praticamente no exame clínico, onde a semiologia era exercida em sua plenitude.

Existem relatos de tratamento de pneumonias através de emplastos, com compressas quentes e até mesmo aplicação de ventosas sarjadas. A sulfa era um dos quimioterápicos disponíveis e a penicilina se apresentava como a grande promessa no combate às infecções.

Roosevelt de Andrade

Na década de 1930, retorna à sua cidade natal, o Dr. Roosevelt de Andrade, formado pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, que veio a se tornar o pioneiro da pediatria em São João del-Rei, exercendo suas atividades na Santa Casa da Misericórdia. Com ele, alguns avanços chegaram até à população, principalmente a hidratação subcutânea, técnica esta que ajudou a salvar muitas vidas.

General Barros do Carmo

Um dos primeiros clínicos de São João del-Rei nos idos da década de 1940 a se dedicar com amor e afincado à pediatria foi General Barros do Carmo, que exerceu atividades no Hospital de Nossa Senhora das Mercês e, após alguns anos, transferiu-se para Juiz de Fora, exercendo naquela cidade a especialidade até se aposentar. Nessa mesma época foi criado o primeiro Centro de Saúde do município e iniciadas as primeiras campanhas de vacinação.

Euclides Garcia de Lima Filho

Nos anos de 1960, formava-se pela Faculdade Nacional de Medicina, o jovem médico Euclides Garcia de Lima Filho que, como outros grandes pediatras da época, fez especialização em pediatria na Policlínica Geral do Rio de Janeiro, sob a tutela de mestres famosos, entre os quais o saudoso Dr. Walter Teles, de quem recebeu o convite para ingressar na carreira universitária. Nessa ocasião o Brasil vivia sob o regime parlamentarista e o nosso conterrâneo, Tancredo de Almeida Neves, ocupava o cargo de primeiro ministro.

Devido aos estreitos laços de amizade com a família Garcia de Lima, o Dr. Tancredo, preocupado com os altos índices de mortalidade infantil em nossa região, convidou o Dr. Euclides para retornar à nossa cidade e implantar a Clínica Infantil Sinhá Neves.

O jovem pediatra, repleto de ideais, de amor por sua terra natal e à causa dos menos favorecidos, não vacilou e trocou a sua futura e com certeza brilhante carreira de professor universitário no Rio de Janeiro pelo desafio de implantar em nossa cidade um trabalho que se iniciaria nos anos sessenta e que continua até os dias de hoje.

Dr. Euclides foi sem dúvida alguma o pioneiro da moderna pediatria em nossa região. Trouxe do Rio de Janeiro novas técnicas de hidratação venosa, de cuidados com os recém-nascidos, ações estas que reduziram em muito as taxas de mortalidade infantil.

Exerceram também a especialidade de pediatria em nossa cidade os médicos militares Washington Mondaine e o Belotti. Em 1950, era inaugurado o Hospital de Nossa Senhora das Mercês que teve como primeiros pediatras Walter Ferreira de Sá, que logo se transferiu para Conselheiro Lafaiete; e Antônio Gilberto de Carvalho Reis, formado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), especializando-se em pediatria no Hospital da Baleia, serviço coordenado pelo Dr. Hugo Marques Gontijo. Na ocasião, teve como contemporâneos entre outros, Francisco Pena e Francisco Caldeira Reis, até hoje expoentes da pediatria em Minas Gerais.

Antônio Gilberto

Outro pediatra ilustre de nossa cidade, Antônio Gilberto foi, durante muitos anos, médico do Centro de Saúde do município exercendo várias tarefas na área de medicina preventiva.

Antônio Carlos Vaz de Mello

Na década de 1970, ingressou no Hospital Nossa Senhora das Mercês o Dr. Antônio Carlos Vaz de Mello, formado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), tendo se especializado em pediatria no Instituto Fernandes Figueiras, no Rio de Janeiro. Ele exerceu o cargo de presidente da Associação Médica de São João del-Rei, sendo um dos responsáveis pela construção da atual sede da entidade. Foi quem implantou um moderno e sempre atualizado serviço de imunização, com vacinas especiais não encontradas no serviço público, de grande importância na prevenção de várias doenças infecciosas.

Fazem parte também do grupo de pediatras do Hospital de Nossa Senhora das Mercês os seguintes doutores: Roberto Resende Fernandes, Rômulo Guilherme Gaede, Ana Karla de C. C. Castro, Cristiane Maria Dilácio Detomi, Cláudia Aparecida Santos e Fernanda S. Pereira de Andrade.

Roberto Veloso

O trabalho desenvolvido por Euclides Garcia de Lima Filho na Santa Casa, sempre coroado de êxito, contou com a colaboração de diversos colegas pediatras. Em 1966, chegou à cidade Roberto Veloso, com especialização em pediatria no Hospital da Baleia em BH, tendo como um dos seus mestres, Ennio Leão, hoje professor emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em Belo Horizonte, frequentou o Serviço

de Hematologia e Hemoterapia do Hospital Felício Rocho, tendo como mestre Romeu Ibrahim. Foi o responsável pelo primeiro Serviço de Hemoterapia em nossa cidade, precursor da Fundação Centro de Hematologia e Hemoterapia de Minas Gerais (Hemominas). Dois marcos importantes na carreira de Roberto Veloso foram a realização da primeira exangüineo-tranfusão em recém-nascidos e a introdução da técnica de toracotomia a vácuo em crianças com piopneumotórax.

Maria José Andrade Reis Botelho

Formada na Faculdade de Ciências Médicas em Belo Horizonte, no ano de 1969, Maria José Andrade Reis Botelho, exerceu suas atividades como pediatra inicialmente na vizinha cidade de São Vicente de Minas. Posteriormente, transferiu-se para São João del-Rei, sendo responsável pelo berçário da Santa Casa, onde trabalhou diuturnamente, salvando inúmeras vidas daqueles pequeninos pacientes. Foi também durante muitos anos pediatra do Inamps.

Nos anos 1980, a Santa Casa contou com os relevantes trabalhos da pediatra Dilza Peixoto Paitter, que se mudou para Brasília.

Luiz Antônio Neves de Resende

Luiz Antônio Neves de Resende formou-se na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora (FMUFJF) e encantou-se pela pediatria, tendo como exemplo os seus mestres Renato Loures e Aduino Barros Amim, além, é claro, da convivência familiar com seu quase irmão, Euclides Garcia de Lima Filho. Após sua formatura em 1974, optou em fazer a sua residência médica na Unidade de Saúde de Sobradinho, em Brasília, sob a tutela do Dr. Antônio Márcio Junqueira Lisboa, que iniciava no Brasil os mais modernos estudos na área de neonatologia. Trabalhou por alguns anos na UTI Pediátrica do Hospital de Base do Distrito Federal, de 1975 a 1980. Ao retornar a São João del-Rei, Luiz Neves encontrou o clima propício para, juntamente com os outros colegas pediatras da Santa Casa, inaugurar a nova Clínica Infantil Sinhá Neves, que hoje conta com 25 leitos de pediatria.

Nessa ocasião, mais uma vez tem destacada presença o Dr. Tancredo Neves, então senador da República, que conseguiu através de sua amizade com Milton Soldani Afonso, presidente da Golden Cross, todos os equipamentos necessários para o funcionamento daquele pequeno hospital infantil.

Em 1983, convidado por seu tio, o governador Tancredo, o Dr. Luiz Neves assumiu o cargo de diretor do Centro Regional de Saúde, onde, com seu espírito de homem público, foi o responsável pela implantação dos Centros de Saúde em bairros periféricos, zona rural, bem como nos municípios vizinhos. Exerceu também o cargo de secretário municipal de saúde, na época da implantação do Sistema Único de Saúde e na Santa Casa teve a oportunidade de ter sido diretor clínico, provedor e diretor técnico.

Completam o quadro de pediatras da Santa Casa os seguintes colegas: Luiz Antônio de Resende Coelho, Maria Auxiliadora Baptista Esteves, Márcia Reimol de Andrade, Maria Luiza Peixoto Viegas, Wanda Bueno Nogueira e Ana Carolina Simões Fonseca Valadares.

Na década de 1990, passamos a contar com a presença de um profissional dos mais competentes na área de cirurgia pediátrica, Carlos André Dilásio Detomi, que exerce as suas atividades nas duas casas de saúde da cidade.

Nos últimos anos, a pediatria sanjoanense vem se modernizando e se adequando dentro de novas técnicas. Em 1998, a Santa Casa recebeu um aparelho de ventilação Inter Ill, doação esta feita pelo então Deputado Aécio Neves, e este fato marcante pode ser considerado como o lançamento da pedra fundamental de nossa UTI Neonatal.

Na parte científica, sempre pudemos contar com a presença e apoio de nosso colega e sanjoanense de coração, o saudoso pediatra Dr. Leonardo Falci Mourão, participando sempre da organização de nossas jornadas pediátricas até pouco tempo antes de seu falecimento, em 20 de janeiro de 2016.

Cada vez mais a pediatria envolve aqueles que dedicam a ela com amor e afinco. Paralelamente ao avanço da tecnologia, nós pediatras, jamais esquecemos nossa formação social, atendendo a todos com dedicação, independente de qualquer situação que hoje nos é imposta. Ultrapassamos e vencemos todas as dificuldades do dia a dia e temos a plena certeza de que nossa maior recompensa é aquele sorriso inocente, estampado na face de uma criança.

61. Sete Lagoas

Euro de Andrade Lanza
Geraldo Magela de Rezende
Watson Holmes de Lima
 2017

Sete Lagoas, situada na Mesorregião do Centro Leste mineiro, é uma cidade polo de 240.000 habitantes. Abrange um raio de influência de 35 cidades da Microrregião do Alto Rio das Velhas (Amav), com uma população de 600.000 habitantes. Sua economia era baseada, por muitos anos, nas atividades da bacia leiteira, da Rede Ferroviária Federal, da tecelagem por meio da Fábrica de Tecidos Cedro Cachoeira, e da siderurgia, chegando a ser o maior polo de ferro gusa do Brasil.

Hoje, a economia do município ainda se baseia na tecelagem. Com a grave crise na siderurgia, Sete Lagoas passou a atrair outras atividades econômicas, tais como as fábricas de cervejas da Ambev e de cimento Brennand. Instalou-se ainda no município a planta da linha de montagem da Iveco Fiat.

Como ocorria em várias cidades do interior, nos anos anteriores à década de 1960, Sete Lagoas não possuía especialistas em pediatria, sendo as crianças atendidas por clínicos e obstetras, como os doutores Fernando Lanza Filho, Pedro Lanza, Afonso Viana, Márcio Paulino, Juvenal Abreu Paiva, entre outros. No início daquela década, a Dra. Zorma Sette Torres Forrer passou a ser a primeira pediatra a atender as crianças na cidade, sem outro especialista para dividir a clientela, por aproximadamente cinco anos.

Posteriormente, em 1967, vieram para Sete Lagoas, os mineiros Jeová Lopes, de Capelinha, e Mário de Figueiredo Soares, de Araçuaí. Formaram-se na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1965, com residência na Fundação Benjamim Guimarães (Hospital da Baleia), em Belo Horizonte. Em 16 de setembro de 1967, fundaram a Prontoclínica Infantil, um dos primeiros hospitais infantis do interior de Minas, situado à Rua Teófilo Otoni 841, no centro da cidade.

Em 1974, entraram para a sociedade os médicos Geraldo Magela de Rezende, natural de Esmeraldas, MG, formado na Escola de Medicina da

UFMG em 1972, com residência em pediatria no então Hospital Santa Mônica, hoje Hospital Belo Horizonte, na capital, e Euro de Andrade Lanza, de família tradicional de médicos em Sete Lagoas (proprietária do Hospital Geral e Maternidade Santa Mônica), formado pela UFMG em 1972, com residência no Hospital da Baleia – Fundação Benjamim Guimarães, em Belo Horizonte.

Com a chegada dos novos sócios, os doutores Geraldo Magela de Rezende e Euro de Andrade Lanza, a Prontoclínica Infantil expandiu seus atendimentos ambulatoriais e de internações. Foi construído um novo hospital, bastante moderno, com 12 apartamentos, dois isolamentos com antessala e enfermaria para 40 leitos e base para mais dois pavimentos. A Prontoclínica Infantil tornou-se um dos melhores hospitais pediátricos do interior de Minas Gerais. Com o passar do tempo, novos pediatras passaram a compor o seu corpo clínico, entre eles: Pedro Camilo Filho, Dilcio José da Silva, Wander Flávio Nunes, Itamar Wagner Araújo, Gileno Teixeira de Menezes, Watson Holmes de Lima (formado pela UFMG em 1979, com residência no Hospital da Baleia), Rodolpho Tostes, Sérgio Pôncio (cirurgião infantil), Marcos Afonso Maia e sua esposa Livia Pereira David Maia e Alexandre Venuto.

Inicialmente, todas as consultas eram particulares e as internações realizadas pelos serviços públicos de saúde e, posteriormente, pelo Sistema Único de Saúde (SUS), após sua criação em 1988. Com o início da atuação dos planos de saúde (Unimed), as consultas particulares caíram assustadoramente, porém, os sócios da Prontoclínica achavam que o faturamento aumentaria com as internações.

O tempo passava e os sócios passaram a observar que o nível dos clientes foi melhorando e, para o bem da população, o início das campanhas de vacinação em massa reduziu as internações. Apesar de uma internação pela Unimed corresponder a sete do SUS, o faturamento continuou caindo, sobretudo pelas medidas tomadas pela Secretaria de Saúde do município, que refletiam a política de saúde pública nacional. Essa política indicava que os pacientes deveriam ocupar todos os leitos dos hospitais públicos e filantrópicos e só posteriormente os dos hospitais privados, apesar da Prontoclínica Infantil ser o único hospital pediátrico da região.

Com todos esses percalços, restaram aos sócios apenas duas opções: o fechamento do hospital ou sua venda para algum plano de saúde. Felizmente,

para o bem de Sete Lagoas, a Prontoclínica Infantil foi vendida para a Unimed em 1996. Foram mantidas as mesmas instalações, o atendimento ambulatorial passou a ser feito para adultos e crianças e foi construído um bloco cirúrgico, evitando o fechamento. No entanto, Sete Lagoas ficou sem um hospital pediátrico especializado até os dias de hoje.

62. Teófilo Otoni

João Carlos da Cunha Mello
2017

A cidade de Teófilo Otoni está com 141.502 habitantes e fica localizada na Mesorregião do Vale do Mucuri. Cerca de 450 quilômetros distante de Belo Horizonte, o município tem atividades econômicas ligadas à exploração de pedras preciosas. É conhecida como a capital mundial das pedras preciosas.

A História da medicina em Teófilo Otoni teve início com os primeiros passos de seu fundador, Teófilo Benedito Ottoni, em busca de sua sonhada Filadélfia. O grande filho da Vila do Príncipe integrou sua bandeira com um médico, Ernesto Benedito Ottoni, seu irmão. Dele não se tem registros seguros das atividades, exceto que lutou com dificuldades contra as epidemias de malária (sezão) e tifo nas margens do Rio Mucuri, nas cercanias da cidade.

Na época, médicos que vieram para a região eram verdadeiros polivalentes e, durante a formação acadêmica, frequentavam, como internos ou voluntários, as diversas cadeiras de clínicas médicas (pediátrica, obstétrica, psiquiátrica, de olhos etc.) das faculdades de medicina, sempre sob o comando de algum professor de grande destaque. Também era notória a diversificação de atividades a que os médicos da época se dedicavam. Quase todos eram professores das escolas locais e lecionavam matérias que iam da matemática ao francês, passando pela biologia ao latim, geografia, física, história natural e assim por diante. Grande parte desses médicos trabalhava na antiga Estrada de Ferro Bahia-Minas (EFBM), em construção. Os médicos ali trabalhavam por necessidade de melhorar os ganhos, já que a caridade era a moeda corrente mais utilizada.

Alzira Nogueira Reis (1886-1970)

Nascida em Minas Novas, em Minas Gerais, em 8 de novembro de 1886, filha de Augusta Pinheiro Nogueira e José da Costa Reis, Alzira teve uma vida marcada pelo pioneirismo e pela luta em prol das causas femininas. Primeira médica formada do estado e primeira eleitora a votar no Brasil, a médica Alzira Nogueira Reis formou-se professora aos 16 anos e exerceu o magistério em Santa Cruz da Chapada, Minas Novas, Ouro Preto e Juiz de Fora, onde descobriu a vocação para a medicina. Enfrentou o preconceito da sociedade, dos colegas na faculdade e até da própria mãe. Mesmo assim, devido à sua natureza independente e indomável, Alzira se envolveu em diversas polêmicas, entre elas o seu relacionamento com um homem dezoito anos mais jovem, com quem veio a construir uma família, ou ainda quando participou da luta pelo direito ao voto feminino.

Curiosamente, foi a primeira profissional com formação pediátrica a trabalhar como especialista em Teófilo Otoni. Foi a primeira médica diplomada pela Escola de Medicina de Belo Horizonte, em 1920. A escola foi integrada posteriormente à Universidade de Minas Gerais, hoje Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). De sua turma constam nomes conhecidos e ilustres como os dos professores José Baeta Vianna, José Aroeira, Ramiro Berbert de Castro e Ernani Agrícola. Sua formação pediátrica teve início no quarto ano da faculdade, quando frequentou como interna a clínica pediátrica comandada pelo professor Samuel Libânio. A médica chegou a Teófilo Otoni em 1926, onde permaneceu até 1931. Foi dela a iniciativa e criação do primeiro centro de puericultura da região que recebeu o nome de Ambulatório Infantil Moncorvo Filho, em homenagem ao pediatra que naquela época foi a grande referência nacional na proteção da criança pobre do Brasil.



Dra. Alzira Nogueira Reis foi uma das pioneiras na pediatria e a primeira mulher a votar no país. Teve importante participação na luta pelo feminismo no início do século XX. (Foto: Acervo do Centro de Memória da Faculdade de Medicina da UFMG - Cememor)

Olegário Paiva

Outro precursor da pediatria no município graduou-se em 1915 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e veio para Teófilo Otoni em 1925. Era excelente clínico e “parteiro”, como se dizia na época, e foi grande colaborador da Dra. Alzira na criação do 1º serviço infantil. Esse centro de atendimento à criança veio de certa forma melhorar a qualidade da assistência à infância que contava, até então, apenas com lactários cujo principal objetivo era o de fornecer leite (mingaus) para as crianças.

Otávio Horta

Diplomou-se em 1928 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e se transferiu para Teófilo Otoni em 1929. Exerceu inicialmente as clínicas de cirurgia, laboratório e pediatria. Dotado de grande cultura e muito estudioso, teve passagem pela clínica de neurologia do professor Antônio Austregésilo Rodrigues de Lima, um dos precursores da psicanálise no Brasil. Frequentou diversos cursos de especialização, inclusive de psiquiatria infantil. No fim da carreira dedicou-se à homeopatia.

Ary de Oliveira Graça

Antes de se formar médico pela Faculdade Nacional do Rio de Janeiro já era farmacêutico. Quando estudante de medicina foi interno do professor Martinho da Rocha, renomado pediatra e sanitarista de renome nacional. Chegou a Teófilo Otoni em 1930, tendo falecido prematuramente em 1951. Como a maioria dos médicos da cidade, também prestava serviço à Companhia de Estrada de Ferro Bahia-Minas, mas tinha como *hobby* o radioamadorismo, onde ocupava lugar de destaque. A estação PY4-EU ficou nacionalmente conhecida em virtude de sua persuasão, tendo prestado relevantes serviços em uma época onde a comunicação a distância era demasiadamente lenta.

Darcy de Almeida

Formado pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1936, aqui chegou no início do ano de 1937. Igualmente serviu à EFBM. Lecionava matemática, história do Brasil e francês no conhecido Ginásio Mineiro. Quando estudante de medicina trabalhou no serviço de pediatria do professor Martagão Gesteira, em Salvador, passando mais tarde para a clínica de oftalmologia do professor Cesário de Andrade. Fez curso intensivo de otorrino com o professor Eduardo de Moraes. Como se percebe, era eclético e muito competente. Aliás, é o autor

do Livro 100 Anos de Medicina escrito por ocasião do centenário da Cidade de Teófilo Otoni, de onde extraímos a maior parte dos dados aqui apresentados.

Jaques F. Laender

Graduado pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil (RJ) em 1935, chegou à região no ano seguinte. Sua formação pediátrica se deu na Policlínica de Botafogo, por onde passaram renomados médicos e cientistas brasileiros, inclusive o Dr. Oswaldo Cruz. Em colaboração com o professor Cid Ferreira Lopes publicou um trabalho intitulado “Reação de Montenegro na Leishmaniose”. Foi ainda interno do professor Miguel Couto e interno efetivo da 2ª cadeira de clínica médica no Serviço do professor Clementino Fraga.

Adalto Vianna Nunes

Diplomou-se pela Faculdade da Bahia em 1941, estabelecendo-se em Teófilo Otoni no mesmo ano. Chegou em plena campanha contra o sarampo que assolava o país. Rapidamente se integrou à sociedade, tendo assumido papel de destaque em vários setores da saúde. Foi diretor do Departamento de Puericultura do Instituto Paroquial, que mantinha o lactário. Segundo informações da época, conseguiu reduzir o índice de mortalidade infantil na região. Não fugiu à regra e também lecionava matemática, inglês e português no Ginásio Mineiro e Colégio São José. Exercia ainda a atividade de anestesista, prática aprendida em cursos ministrados pelos doutores Tadeu Figueiredo, José Lima e Ubaldo Pena. Em 1962 foi presidente da Sociedade Mineira de Pediatria. Foi sua a sugestão, adotada em 1966, de se utilizar a logomarca baseada na “menina de tranças” como símbolo da SMP.

Wilson Champoudry de Matos

Exercia a difícil arte de desdobrar os minutos, tamanha eram suas atividades. Além de dar aulas de educação física no Colégio Mineiro, dirigia o Tiro de Guerra, pois era tenente do 12º BC. Médico puericultor da Divisão de Proteção à Maternidade e à Infância de Minas Gerais, o Dr. Wilson foi, ainda, diretor do Sanatório São Sebastião, chefe do Laboratório do Hospital Santa Rosália e anestesista nos hospitais locais. Ainda achava tempo para desempenhar o cargo de vereador, não faltando nunca às sessões. Fez curso de alergologia com o professor Hélio Povia e curso internacional de Organização e Direção Hospitalar. Publicou notável estudo sobre “A combinação Protóxido de Azoto-Tionembutal-Curare em alta cirurgia”.

Lauro Ferreira Caminhas

Diplomado pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (Rio de Janeiro), em 1947. De formação multidisciplinar, enquanto estudante serviu na Maternidade Escola, serviço do professor Otávio Rodrigues, no Hospital de Pronto-Socorro e, como interno, na clínica cirúrgica do Professor Ugo de Castro Pinheiro Guimarães. Realizou cursos de aperfeiçoamento, inclusive um de iniciação obstétrica e outro de puericultura e 1ª Infância com o conhecido professor Rinaldo Delamare. Fez, ainda, um curso de cardiologia com o professor Magalhães Gomes. Chegou a Teófilo Otoni em 1948, onde fundou a famosa Casa de Saúde Senhora da Penha.

Luiz Boali Salman

Formou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais em 1950, hoje, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Participou do Internato do Hospital Neuropsiquiátrico Infantil (Hospital Elvira Gomes) e da Maternidade da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte. Chegando à cidade em 1951, logo se destacou como um competente pediatra, fazendo rapidamente uma grande clientela que dele se recorda ainda hoje com muita estima. Prestou enorme colaboração no lactário que, na verdade, funcionava como um ambulatório de puericultura, contribuindo sobremaneira no decréscimo da mortalidade infantil na região. A exemplo de vários outros médicos daquela época, também lecionava no Colégio Mineiro a disciplina de história natural e era funcionário da Rede Ferroviária. Gozava de grande prestígio em todos os setores da sociedade, sendo eleito prefeito duas vezes e deputado estadual por um mandato.

José Boali Filho

Zé Boali, como era conhecido por todos, irmão de Luiz Boali, é natural de Teófilo Otoni e morou no Líbano dos oito aos dez anos, retornando então à cidade natal. Diplomou-se em 1958 pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tinha especialização em patologia clínica e pediatria. A primeira feita em Belo Horizonte e a segunda em Coronel Fabriciano, de 1960 a 1962, quando prestou serviços às Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais (Usiminas) como pediatra. Em Teófilo Otoni, onde chegou ainda em 1962, trabalhou no Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência (Samdu), Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) e consultório particular.

Adib Houssain Lauar

Concluiu o curso de medicina da Faculdade de Medicina da UFMG em 1962, chegando a Teófilo Otoni no ano seguinte. Hoje, aos 84 anos reside em Niterói, Rio de Janeiro, para onde se mudou em 1972. Durante sua formação acadêmica relata ter morado durante um ano no Hospital de Doenças Tropicais, na UFMG, sob a direção do professor Oscar Versiani Caldeira, e também, por um ano e meio, no Hospital Felício Rocho, tendo participado de atividades nas clínicas pediátrica, médica e cirúrgica. Frequentou assiduamente o Pronto-Socorro, onde adquiriu experiência em ortopedia, o que lhe possibilitou exercer essa atividade em Teófilo Otoni, além da pediatria. Dr. Adib conta que um dos principais problemas na época era o grande número de tétano neonatal, uma vez que a maioria dos partos era realizada por parteiras que usavam toda sorte de esquisitices. Dr. Adib conta, ainda, que fez inúmeras traqueostomias visando dar sobrevida aos acometidos por difteria. Necessidade que se dava por ter que aguardar a aplicação e o efeito do soro antidiftérico. Diz que viu muitas vacinas serem armazenadas em prateleiras dos centros de saúde sem refrigeração, pois não havia geladeiras para tal. Trabalhou nos hospitais Sta. Rosália e São Sebastião e foi diretor do Centro de Saúde de Teófilo Otoni.

Alaor Lins

Graduado em 1954 pela Faculdade Fluminense de Medicina do Rio de Janeiro, Dr. Alaor fez especialização em pediatria na Santa Casa de Misericórdia e de Obstetrícia no Pró-Mater, onde ganhou o prêmio “fórceps de prata” por ter sido o melhor aluno em especialização daquele ano. Chegou a Teófilo Otoni em 1955 e trabalhou em todos os hospitais da cidade. Atuou ainda como concursado no Samdu e INSS. Prestou relevantes serviços no lactário, atendendo diariamente em torno de 20 crianças. Fez parte da diretoria do Hospital Santa Rosália e do corpo clínico como pediatra, especialidade exercida também no Sindicato dos Produtores Rurais.

Hospital Santa Rosália

A criação da Fundação Hospitalar Santa Rosália foi assim descrita pelo autor do livro Centenário de Teófilo Otoni, Dr. Darcy de Almeida: “Na residência do Sr. Antônio Esteves Soares, aos 12 de agosto de 1986, pelas treze horas da tarde, reuniram-se os homens de boa vontade da terra para fundar a Associação Hospital ‘Santa Rosália’.” A seguir, descreve a presença de todos

para a indicação da primeira diretoria (capitão Leonardo Esteves Ottoni, provedor; João Vieira Ottoni, secretário; Antônio Esteves Soares, tesoureiro e Francisco Soares Rodrigues, procurador). Houve juramento sobre o livro dos Santos Evangelhos, como descreve o Dr. Darcy. Desde então, o hospital assistiu toda a evolução da medicina na região, sendo sempre a referência regional para os casos de maior complexidade. Assim é até os dias atuais.

Hospital São Vicente de Paulo

Fundado em 19 de julho de 1902, surgiu inicialmente para atender à grande demanda e o desamparo no qual viviam os doentes acometidos por tuberculose na região. A exemplo do Hospital Santa Rosália, sua criação contou também com a abnegação de um grupo de pessoas lideradas pelo capitão Genuíno Campos, seu primeiro presidente. Como curiosidade, há relatos escritos dos procedimentos daquela época no tratamento da Tbc: colapsoterapia; reinsuflações; Jacobeus (abordagem das aderências pulmonares); pleuroscopias e pneumoperitoneos. Dados de 1952 revelam que houve, naquele ano, 19 doentes curados clinicamente e 38 óbitos.

Hospital Américo Machado

Instalado à Rua do Jardim, foi criado em 1911 exclusivamente para atender os ferroviários (e familiares) da Estrada de Ferro Bahia-Minas (EFBM). Era muito bem equipado e como descrito anteriormente, tinha praticamente todos os médicos da cidade ligados a ele.

Posto de Profilaxia de Teófilo Otoni

O Posto de Profilaxia de Teófilo Otoni foi criado em 2 de maio de 1921, quando a população local era alvo de epidemias de verminoses. Dados daquele ano descrevem que 91,6% da população examinada era portadora de verminoses e que foram gastos 394,7g de quenopódio, 9.300kg de sulfato de magnésio e 2.715kg de óleo de rícino para fazer o tratamento nas pessoas acometidas. Posteriormente, o serviço foi transformado em Posto de Saúde de Teófilo Otoni e três décadas depois, em 1952, passou a desempenhar um papel mais amplo no atendimento à saúde da população, realizando pré-natal, cuidados às crianças de todas as idades, imunizações diversas, odontologia, notificação de doenças transmissíveis e várias outras.

Sociedade de Amparo à Maternidade e Infância (Sami)

A Sami foi uma instituição de fundo filantrópico, criada por um grupo de senhoras da sociedade local, em 15 de outubro de 1944. Tinha como objetivo auxiliar a maternidade, incluindo os recém-nascidos enquanto estivessem internados no Hospital Santa Rosália, dando-lhes assistência médica, roupas, cuidados de enfermagem e outros, quando necessários. As atividades da Sami eram realizadas no Pavilhão Alzira Peixoto do Hospital Santa Rosália, sob a orientação das irmãs de caridade e dos médicos que ali trabalhavam.

Sociedade de Medicina e Cirurgia de Teófilo Otoni

No dia 16 de setembro de 1945, em uma das salas do Hospital Regional, com a presença de 24 Médicos da cidade, foi fundada a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Teófilo Otoni (SMCTO) e eleita sua primeira diretoria, assim constituída: presidente: Luiz de Almeida Cruz; secretário: Wilson Champoudry de Matos; tesoureiro: José Soriano Ottoni; bibliotecário: Gladstone da Silva Pereira; e orador Darcy de Almeida. A Associação, que já funcionou em uma dependência do Colégio Estadual e que hoje ocupa espaço próprio no centro da cidade, é assim descrita no livro *Cem Anos de Medicina - 1953*: “A SMCTO está viva, cada dia mais robustecida, apoiada por todos os clínicos da localidade e outros das redondezas, estabelecendo programas, tomando medidas que visam o amparo da classe, criando tabelas de honorários, patrocinando jornadas médicas, fazendo greve total, possuindo sede e promovendo o Congresso Mineiro na cidade (1953).”

Departamento de Puericultura do Ipas

O Departamento de Puericultura teve início no dia 4 de agosto de 1949, em uma sala do Hospital Santa Rosália, com um ambulatório de pediatria. Funcionou até maio de 1951, período no qual atendeu 3.605 consultas. Dali foi transferido para a Rua Visconde do Rio Branco s/n, onde os responsáveis criaram um lactário. Em agosto de 1952 é novamente transferido, agora para a Rua Padre Virgulino, onde, em dezembro daquele mesmo ano, deu início ao Serviço de Assistência à Gestante. As anotações da época dão conta de que esse departamento foi responsável por uma redução da mortalidade infantil da ordem de 40% durante suas atividades. De agosto de 1949 a maio de 1953

foram realizadas 15.127 em crianças e fornecidos 16 milhões e 209 quilos de mingau (4 tipos), com 664 atendimentos a gestantes. Os atendimentos eram realizados por uma equipe multiprofissional formada por dois médicos pediatras e um ginecologista, oito assistentes sociais e uma diretora leiga, todos gratuitamente.

Centro de Endemias Rurais de Teófilo Otoni

Inaugurado em 30 de agosto de 1952, o centro tinha por finalidade o combate às endemias da região, como: boubá, leishmaniose, úlcera tropical, verminoses e outras dermatoses rurais, visando não somente o combate como o estudo das mesmas. Precedendo sua inauguração, foi feito um “inquérito helmintológico” para se estabelecer o “índice verminótico” da cidade de Teófilo Otoni. Esse estudo, conduzido pelo Dr. Edward Ferreira de Carvalho, entre outros dados concluiu que 80,76% da população era acometida por *Áscaris Lumbricoides* e 40,80% por *Schistosoma Mansoni*.

Regional de Pediatria do Nordeste Mineiro

Instalada em 13 de dezembro de 1985, na gestão do professor Francisco José Caldeira Reis como presidente da Sociedade Mineira de Pediatria, a Regional de Pediatria do Vale do Mucuri, inicialmente denominada dessa forma, foi a primeira regional da SMP criada no estado. A iniciativa se deu pela importância da cidade em sediar uma entidade que facilitasse trazer a pediatria para mais perto ainda dos pediatras da região. A ideia se mostrou tão eficaz que logo foi seguida por todos os grandes centros médicos do estado. A primeira diretoria ficou composta pelo presidente Sebastião E. V. Colen; vice-presidente: João Carlos da Cunha Mello; secretária: Viviane Afonso Weil; e os demais membros: Almir Alves Franco, Eliana Edna Lauer, Gilson Pereira dos Santos, Maria de Souza Macedo, Nelson Igushi, Távira Sucupira, Tereza Cristina Campos Lavall e Valdeir Almeida Cangussu.

FONTES

100 Anos de Medicina – 1853 a 1953, Dr. Darcy de Almeida. Escrito por ocasião do centenário de Teófilo Otoni.

Site da Sociedade Mineira de Pediatria.

Sociedade de Medicina e Cirurgia de Teófilo Otoni.

Informações prestadas por colegas diversos.

<http://www.mulher500.org.br/acervo/biografia-detalhes.asp?cod=909>.

63. Timóteo

Zélia Maria Alcântara Batista

2017

Timóteo é uma cidade da Mesorregião do Vale do Rio Doce, que fica a 196 quilômetros de Belo Horizonte. A cidade hoje conta com uma população de 88.255 habitantes.

Para se falar da pediatria no Vale do Aço é necessário remontar aos idos da década de 1930, quando Coronel Fabriciano, nossa vizinha cidade, construiu seu primeiro hospital – o Hospital Siderúrgica. Assim, na década de 1930 já existia atendimento médico hospitalar para a população, ainda que em caráter incipiente. Nessa mesma ocasião já existia o distrito de Timóteo, que foi anexado a Cel. Fabriciano em 1948. Portanto, toda essa população, em tese, era atendida no hospital daquela cidade

Em 31 de outubro de 1944 foi fundada a Companhia de Aços Especiais Itabira (Acesita) pelos engenheiros Amyntas Jacques de Moraes, Percival Farquhar e Athos de Lemos Rache. A fundação da siderúrgica no lugar proporcionou a vinda dos novos imigrantes, os operários e funcionários, sendo que a modernidade da industrialização foi motivo de um choque cultural na pacata vila. A Companhia trouxe prosperidade, possibilitou a urbanização e melhoria das condições de vida de seus moradores.

Para se fixar um contingente de operários e técnicos no local escolhido, a empresa reconheceu que era imperativo oferecer o máximo de conforto e segurança para seus funcionários, graduados ou não, para que se sentissem bem e seguros em habitar a região. Obviamente, a questão da saúde é fundamental na segurança das pessoas, muitas vezes condição imprescindível para que alguns residam em determinada localidade.

Em 1952, ainda que um pouco tarde, foi inaugurado o Hospital Acesita para atender principalmente aos funcionários, mas também à população local não vinculada à empresa. Antes do hospital, postos de saúde foram construídos em alguns bairros para atendimento à população. A história do atendimento médico na região tem poucos registros. Pela escassez de dados foi essencial entrevistar os chamados paramédicos mais antigos e ainda vivos

no município. Algumas referências foram pinçadas do livro da autora Zaíra de Carvalho (*Os Mistérios do Amor Humano*).

Em 1945 chegaram à região, junto com a primeira turma para implantação da Acesita, os doutores Pedro Sampaio Guerra e Gutemberg Salazar, este responsável pelo atendimento médico ambulatorial e de primeiros socorros dos operários e seus familiares, incluindo crianças. Embora sem formação específica, temos os dois médicos citados como os primeiros pediatras de Timóteo.

Apesar de ter sido fundada em 1944, a Acesita só iniciou suas atividades em 1947. Conclui-se então que os dois primeiros médicos vieram praticamente junto com os primeiros operários, objetivando cuidar da saúde deles e de suas famílias, mesmo na fase de implantação e construção. Entretanto, foi montado um hospital provisório (hoje chamaríamos de UPA) onde pessoas eram atendidas e eventualmente ficavam internadas nas enfermarias. Assim, o hospital possuía enfermaria, sala de cirurgia e ambulatório. Nessa ocasião, foi necessário ampliar a equipe médica, pois os cuidados hospitalares foram agregados à atenção à saúde da população.

É interessante informar que a Siderúrgica Acesita necessitava de carvão vegetal para funcionar. Por esta razão, havia diversos núcleos florestais com produção local de carvão para alimentar a usina. Nesses núcleos se formaram pequenas vilas onde residiam operários da empresa. Consequentemente, os primeiros médicos que aqui chegaram faziam o atendimento a essas populações, muitas vezes em lombo de cavalo, quando não era possível ir de carro.

Como informado, o Hospital Acesita foi inaugurado em 1952 e, curiosamente até o presente tem a mesma estrutura básica térrea em sua área mais antiga. Quem hoje o visita e lá trabalhou nos primórdios de seu funcionamento reconhece alguns setores cujas paredes originais ainda lá estão.

Pela época difícil em que vieram para a localidade, é imperativo falar dos nossos pioneiros e corajosos médicos que aqui trabalharam em condições muitas vezes precárias e improvisadas, mas definitivamente com orgulho pelo trabalho que fizeram. São eles o saudoso clínico e ginecologista/obstetra Newton de Almeida (falecido); o cirurgião e ginecologista/obstetra Altacir de Oliveira Barros; o ginecologista/obstetra Alfredo Sampaio Guerra (irmão do Dr. Pedro Sampaio Guerra); o radiologista Virgílio Mosci (já falecido há muito

tempo). Apesar de nenhum deles ter formação em pediatria, o trabalho aqui exercido não os dispensava da atenção às crianças. Eram médicos generalistas na verdadeira acepção da palavra.

Efetivamente, só em 1960 é que foram contratados os primeiros pediatras para trabalhar em Timóteo, tanto nos ambulatórios quanto no hospital local. Foram eles os doutores: Omar Narciso Goulart (*in memoriam*), José Silvério Santos Diniz (*in memoriam*) e Milton Raimundo dos Santos. Pela sua atuação acadêmica, é importante destacar:

José Silvério Santos Diniz

Um dos expoentes da nefrologia pediátrica brasileira, conhecido por todos como Silvério, nasceu em 3 de dezembro de 1935, em Miguel Burnier, município de Ouro Preto, onde viveu até três meses de idade, quando seus pais se mudaram para Conselheiro Lafayette. Passou a infância lá e, adolescente, voltou para Ouro Preto, onde estudou no Colégio Arquidiocesano. Após isso, mudou-se para Belo Horizonte, estudando no antigo Colégio Mineiro, hoje chamado Colégio Estadual. Graduou-se em medicina pela Faculdade de Ciências Médicas em 1960. Durante o curso de medicina, para sua própria manutenção, trabalhou inicialmente como escriturário na prefeitura de Belo Horizonte. Em 1957, também por concurso, passou para o cargo de laboratorista de análises clínicas da prefeitura de Belo Horizonte.

Casou-se com a professora Thais Flores Nogueira Diniz em 1961. Tiveram quatro filhos: Leonardo (engenheiro), Guilherme (médico pediatra), Susana (bióloga e professora universitária) e Virgílio (advogado).

De 1961 a 1964, trabalhou no interior de Minas Gerais, em Acesita, como médico generalista. Essa atividade teve um caráter formativo. As experiências vividas nesse período foram de suma importância para as reflexões de toda sua vida científica e humana.

Em 1964, foi selecionado pela então Cátedra de Pediatria da Faculdade de Medicina (FM) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) para exercer as funções de instrutor de ensino. Em 1969, tornou-se professor assistente. Concluiu a livre docência em 1977, na UFMG, com o trabalho “Síndrome Nefrótica na Criança. Estudo evolutivo da Nefrose Lipoídica e sua correlação anátomo-clínica”. Posteriormente, por concurso, foi a professor adjunto em 1978 e, em seguida, em 1982, também por concurso, a professor titular.

Na década de 1990, atuou como um dos organizadores do Programa Interdisciplinar de Prevenção e Assistência na Insuficiência Renal Crônica em Crianças e Adolescentes. Desenvolveu pesquisas principalmente na área de nefrologia pediátrica, medicina fetal e insuficiência renal crônica. Aposentou-se em 1994 e recebeu o título de professor emérito da FM da UFMG em 1997. Faleceu em 23 de maio de 2011.

Destaque-se que a região, mesmo nessa ocasião, era bastante insalubre, com pouco saneamento básico e com desmatamento intenso, trazendo para o ambiente urbano diversas doenças típicas do ambiente rural ou da floresta, aumentando o trabalho dos médicos. Pelo retorno de José Silvério a Belo Horizonte em 1968, o trabalho dos outros dois pediatras que continuaram em Timóteo aumentou bastante. Entretanto, só por volta de 1976 a Acesita contratou mais dois pediatras para atuar na cidade, Marília Marum Coutinho e Maurício Barros Ruback. No ano seguinte, passou a integrar a equipe a pediatra Zélia Maria Alcântara Batista, mas desta feita como autônoma. O atendimento pediátrico aqui era realizado em ambulatório do sindicato local, na Fundação de Ação Social de Timóteo (Fast), esta última pertencente ao poder público. A empresa manteve o atendimento ambulatorial para seus funcionários no próprio hospital, o que dava um movimento muito grande.

Os pediatras eram responsáveis pelo atendimento ambulatorial e hospitalar. Entretanto não havia ainda sistema de plantão presencial do pediatra. Quando necessário, um colega disponível era chamado.

Com relação a números, e para se ter uma ideia do movimento à época, tínhamos uma enfermaria pediátrica com 20 a 30 crianças, em média, internadas. O número de partos igualmente era expressivo e bem diferente dos dias atuais, quando vemos a cada dia diminuir o índice de fertilidade entre os casais.

Apenas em 1981, com a vinda de outros pediatras para a região e lotados nas cidades vizinhas, é que se possibilitou montar uma escala de plantão 24 horas em todos os dias da semana, no Hospital Acesita, com os seguintes pediatras: Zélia Maria Alcântara Batista, Milton Raimundo dos Santos, Carlos Jamil Fontes Cal, Maurício Barros Ruback, Eduardo Cezana (*in memoriam*), Francisco Rocha e Amélia Maria da Penha.

Paralelamente e nessa mesma época, surgiram na região várias clínicas, descentralizando o atendimento à população. Todas essas clínicas eram conveniadas com a Acesita, o que possibilitou o encerramento do atendimento

ambulatorial no hospital, desafogando o movimento de pacientes. A maioria dos pediatras mencionados no texto ainda atua nos dias de hoje na região, tanto em clínicas quanto vinculados ao serviço público, como funcionários, executando tarefas de puericultura e ambulatório de Pediatria.

FONTES

Sociedade Brasileira de Nefrologia – www.sbn.org.br

Scientific Eletronic Library Online – Scielo - <http://www.scielo.br/>

64. Ubá

“A pediatria pode não ser a especialidade mais difícil na medicina, mas é a de maior importância, pois sob sua guarda está o futuro da humanidade.”

Fernando Dias Paes

2007

Ubá está localizada na Mesorregião da Zona da Mata mineira, a 290 quilômetros de Belo Horizonte. Com uma população de 112.186 habitantes, a cidade possui um polo moveleiro importante, seguido da indústria de vestuário e de calçados, além de destacado setor de serviços.

A pediatria surgiu como uma especialidade necessária em decorrência dos altos índices de mortalidade infantil, após a metade final do século XIX. Além disso, ter uma especialidade funcionaria como um inibidor da concorrência profissional. A ampliação da especialização foi acontecendo e os pediatras foram se unindo e em Ubá não foi diferente.

Gladstone de Faria Alvím

Para conhecermos a história da pediatria em Ubá é necessário voltarmos aos anos 1930, quando então o pediatra pioneiro, Gladstone de Faria Alvím, deu início aos trabalhos dessa especialidade na cidade. Este abnegado médico, formado em farmácia pela Faculdade de Ouro Preto e em medicina pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, além de ter seu nome marcado na história da pediatria ubaense o tem também na Faculdade de Odontologia e Farmácia de Ubá, onde foi professor.

No Ginásio Mineiro, atual Escola Estadual Raul Soares, lecionou matemática, mas seu brilho mesmo se fez na medicina, na área de pediatria, especialidade a que se dedicou por 56 anos, marcados por dificuldades de toda natureza.

Seu trabalho tem um significado grandioso por ter sido realizado com amor e dedicação aos indigentes que iam a seu consultório. Sua abnegação foi reconhecida quando lhe foi outorgado o título de “Médico da Criança”.

Vianelo Martins

O segundo pediatra que deixou seu nome gravado na história da pediatria em Ubá foi Vianelo Martins que, possuidor de uma invulgar cultura médica, mostrou a todos a que veio. Sua influência na vida dos pediatras jovens que chegavam à cidade foi grandiosa, inclusive na minha vida. Dr. Vianelo e Dona Chiquinha Dias Paes, minha mãe, tiveram influência marcante e decisiva na escolha da minha carreira.

Dr. Vianelo teve sua carreira também pautada na dedicação aos pacientes e no profundo conhecimento da medicina. Nos idos de 1933, iniciou sua trajetória médica em Ubá e por aqui permaneceu, até que, em 1959 mudou-se para Juiz de Fora, deixando aos ubaenses o grande legado de sua vivência médica em prol dos necessitados.

Clínica Branca de Neve

A saída dos dois pediatras das páginas da medicina ubaense era um prenúncio de uma nova etapa, quando novos e promissores pediatras fariam histórias também. Esses profissionais são os Drs. Ivahir da Rocha Reis, Cleber Xavier Monteiro de Castro e Fernando Dias Paes, três jovens, três forças propulsoras em prol da pediatria ubaense. Suas histórias se entrelaçam e a Clínica Branca de Neve por eles fundada é a força vital em suas carreiras. Esta clínica serviu de amparo às consultas particulares, convênios e consultas gratuitas aos que não podiam dispor de pagamentos. Os recursos adquiridos pela Clínica Branca de Neve eram revertidos em sua melhoria.

Outro comportamento *sui generis* marcou a história da Clínica Branca de Neve: todo o lucro recebido de consultas era dividido irmãmente entre os três pediatras fundadores, independente de um haver ganho mais que o outro em consultas. Esse fato certamente é uma prova de que todos os três

não buscavam lucros e sim comungavam dos mesmos objetivos e ideais em relação ao crescimento da clínica, que até os dias de hoje é modelo para outras de Ubá. Situações originais como esta garantiram o seu crescimento e é prova da consolidada amizade entre os três fundadores. Além do atendimento na Branca de Neve, devotaram dedicação aos hospitais São Vicente de Paulo e Santa Isabel, dividindo plantões que se estendiam por dias e noites, oferecendo completa assistência aos necessitados.

É importante abrir um parêntese e citar alguns fatos originais que estão ligados à vivência médica desses três pediatras: Dr. Ivahir ajudou ativamente na construção do Hospital Santa Isabel, na Pediatria do Lactário Anália Franco e no Instituto dos Bancários, até conquistar sua merecida aposentadoria em 28 de novembro de 1998. O reconhecimento de seu trabalho se deu em uma placa que leva seu nome na Pediatria do Hospital Santa Isabel, assim como também na Sala de Reuniões Científicas da Unimed.

A história de Dr. Cleber também é tão fascinante quanto do amigo Dr. Ivahir. O reconhecimento de seu trabalho se deu também através de uma placa que leva o seu nome no Centro Cirúrgico do Hospital São Vicente de Paulo, onde exerceu por algum tempo o cargo de secretário. Foi também diretor do Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência (Samdu), atuou como pediatra no Departamento de Estradas de Rodagem de Minas Gerais (DER), na Empresa Armarinho Santo Antonio, na Previdência e atualmente no Plano Saúde da Família (PSF).

A outra força propulsora na pediatria de Ubá é o Dr. Fernando Dias Paes que teve suas atividades profissionais iniciadas como médico do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS). Foi chefe do Centro de Saúde de Ubá, médico da empresa Wembley Roupas S/A, da pediatria do Lactário e Creche Lupam, da pediatria da Pastoral da Criança, e do Lactário da Associação Católica durante 25 anos. Sua participação em congressos é prova de sua incessante busca do saber, assim como os trabalhos apresentados e publicados são resultados de uma dedicação contínua à pediatria. Sua inclinação para as Letras fez com que escrevesse sete livros e fundasse junto com tantos outros abnegados a Academia Ubaense de Letras, de onde é sócio-fundador. É também membro titular da Academia Mineira de Medicina, do Instituto Histórico da Medicina de Minas Gerais e foi presidente da Associação Médica de Minas Gerais.

No alvorecer de novos tempos, precisamente na década de 1970, Murilo Teixeira foi o anúncio de que novos pediatras estavam chegando. Seu nome figura entre os que atuaram na Clínica Branca de Neve e seu trabalho se estende também ao consultório particular e às emergências nos hospitais de Ubá.

Outro nome expressivo na pediatria é do Dr. Atílio Geraldo Neto, que em 1916 aqui veio desenvolver um expressivo trabalho também dedicado à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae). Em 1989 surgiram os médicos pediatras mais jovens e é importante citá-los: Teófilo José Costa Ruela, Ronaldo Afonso Torres, Zilah Ellen Fátima Luz Felipe, Maria José R. Oliveira, Osmar de Pádua Martins da Silva, Júlio César de Araújo, Carlos Alberto Coelli, Márcia Aparecida de Oliveira, Gilberto de Lucca Marclio, Alessandra Soares R. Castilho, Carla Oliveira Magalhães, Dayse Maria Amaral Espírito.

Constata-se hoje que Ubá conta aproximadamente com 20 especialistas em pediatria. As dificuldades para institucionalizar e reconhecer a especialidade foram enfrentadas, os desafios foram vencidos e tudo isso se deve àqueles que fizeram e fazem da pediatria um sacerdócio e também aos médicos que trabalham e estudam, discutindo e partilhando ideias em prol da saúde, longe da competitividade, mas lutando bravamente para que Ubá usufrua de uma medicina profícua e desenvolvida.

65. Varginha

*Carlos Alberto Braga
Marçal Paiva de Figueiredo
Paulo Sérgio Vieira Araújo
Ronald Amaury Braga
2013*

Localizada na Mesorregião Sul/Sudoeste do estado, Varginha dista 320 quilômetros aproximadamente de Belo Horizonte. Tem uma população de 133.384 habitantes. Grande polo industrial, com destaque na produção de café Arábica. Como outras cidades do interior de Minas, Varginha não

contava com pediatras antes dos anos 1940, e as crianças eram atendidas por médicos clínicos gerais.

Messias Ferreira de Barros

Varginha teve efetivamente como seu primeiro pediatra Messias Ferreira de Barros, formado em 1944 na Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, tendo iniciado suas atividades em 1946. No início dos anos 1950, a maternidade anexa ao Hospital Regional do Sul de Minas teve sua inauguração consolidada, o mesmo ocorrendo com o posto de puericultura, onde o Dr. Messias prestava assistência às crianças carentes.

Carlos da Costa Brito

Dezoito anos depois, em 1964, chegava à cidade o pediatra e cirurgião infantil Carlos da Costa Brito, discípulo do Dr. Virgílio Alves de Carvalho Pinto, pioneiro da cirurgia pediátrica no Brasil. Em janeiro de 1969, o Dr. Marçal Paiva de Figueiredo iniciava suas atividades na pediatria e, como os dois anteriores, também atendia no posto de puericultura. Neste posto, as crianças carentes recebiam leite em pó e vitaminas, doados pelos Estados Unidos. No entanto, para receber o leite e as vitaminas, exigia-se que as famílias cadastradas cumprissem a meta de vacinar seus filhos (DPT e BCG), o que, na época, era visto com reserva pelas famílias e por vezes até por alguns médicos.

Paulo Sérgio Vieira de Araújo

O Dr. Paulo Sérgio Vieira de Araújo foi mais um pediatra a se interessar por viver e trabalhar na cidade. Chegando em fevereiro de 1970, foi logo se integrando aos médicos locais e passou a fazer parte da Associação Médica de Varginha, cujo presidente era o Dr. Messias de Barros, um de seus sócios-fundadores. Em 1973, todos os quatro pediatras de Varginha, inclusive Paulo Sérgio, participaram da fundação da Mediminas Sul, hoje Unimed Varginha.

Nesse período, na área hospitalar, a pediatria estava integrada com as demais clínicas, diferindo apenas por possuir uma sala coletiva específica para hidratação venosa, visto que na época a gastroenterite era a patologia preponderante e mais letal. É bom lembrar, também, que nesse período era usual o atendimento domiciliar.

Nas décadas de 1970 e 1980, alguns pediatras da cidade atendiam pelo então Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), instituição que

posteriormente veio a desmembrar-se, surgindo o então Inamps, que possuía um estabelecimento próprio para atendimento médico. Ressalta-se que o Inamps prestava assistência somente aos cidadãos que contribuía para a previdência social. Posteriormente, com o advento da atual Constituição Federal, tal instituição foi substituída pelo SUS.

Em dezembro de 1975, foi criado por Decreto Estadual o Centro Regional de Saúde de Varginha que atendia o município e cidades da região.

Um ano depois, foi inaugurado na cidade o Hospital Rio Verde, particular, que no início dos anos 1990 foi adquirido pelo município, sendo reformado e reinaugurado com nome de Hospital Bom Pastor.

Com o desenvolvimento da cidade, a necessidade de médicos e pediatras se tornava uma realidade; por isso, nos anos 1970, a procura de especialistas crescia. Mais cinco pediatras aportaram em Varginha, entre eles, duas médicas: Wanda Lucinda e Helena Kokaev de Castro; e, ainda, Cláudio Agápio de Aquino, Eurípedes Barbosa Moraes e Pablo Hernandez Bahr (cirurgião infantil).

No início dos anos 1980, por iniciativa dos pediatras que atuavam no berçário da maternidade, foi criado um programa de vacinação com BCG intradérmico para todos os recém-nascidos do referido berçário, programa esse que é mantido até hoje, juntamente com a primeira dose da vacina de Hepatite B.

Naquela mesma década, chegaram a Varginha dez novos pediatras: José de Alencar S. Faleiros, Osmarina Maria G. de Aguiar, Justino Damasceno Neto, Ademir Ossani, Ronald Amaury Braga, Rodrigo Bacelar de Oliveira, Sheila Rejane M.G.O. Machado, Elson Antônio Machado, Else Maria B. Oliveira e Maria Regina B. Reis Pompeu. Também nos anos 1980, foi inaugurado o Departamento de Pediatria do Hospital Regional, aprimorando consideravelmente o atendimento das crianças em nossa cidade.

No início de 1990, chegava a Varginha o cirurgião pediátrico Dr. Carlos Alberto Braga, e a especialidade teve novo impulso com a realização de cirurgias de alta complexidade, como as malformações congênicas e cirurgias em prematuros de baixo peso.

Aquela década foi muito importante para a melhoria do atendimento médico na cidade por diversas razões, entre elas a atuação do colega Marçal Paiva de Figueiredo, que, assumindo o cargo de secretário municipal de saúde,

transformou os postos de saúde em policlínicas regionalizadas, priorizando o atendimento básico de pediatria, ginecologia obstetrícia, clínica médica, vacinações (cadeia fria), atendimento odontológico e distribuição de medicamentos básicos.

A saúde bucal teve um avanço considerável com profissionais em toda a rede pública, municipal e estadual, com trailer itinerante nas escolas rurais e programa constante de uso de flúor tópico e estímulo à escovação e uso do fio dental.

Paralelo a tudo isso implantou-se gradualmente o Serviço Único de Saúde (SUS) em nossa cidade. Para tanto, foram realizados dois grandes congressos regionais, visando possibilitar no futuro a municipalização total da saúde, com a absorção dos diversos profissionais que atuavam nos setores estadual e federal.

O Hospital Bom Pastor passou a contar também, nos anos 1990, com serviços de radioterapia e quimioterapia e um pronto-socorro geral. Já no Hospital Regional foi instituída a Prontomed, com atendimento de urgência (adulto e infantil) aos usuários da Unimed.

Essa década marcou a chegada dos pediatras especialistas: Elierson Rocha e Mirela Faria Silva (pneumologia); Valéria Barreto G. Maiolini e Aclécia C. de Mendonça (cardiologia); Adriana Alkimin R. Baratti (nefrologia); Lucas Gabriel Ribeiro (neurologia); Maria Helena B. Brunelli (homeopatia); e as pediatras generalistas Eliane G.R. Magalhães, Lúcia Rachel Figueiredo Almeida, Andréa Araújo Duarte, Cláudia Etsuko Atarashi, e Edna Baroni de Alvarenga.

A partir do ano 2000 tivemos a modernização e a ampliação da pediatria, a criação da UTI Neonatal com oito vagas, o Banco de Leite Humano, com assistência de dois pediatras e, ainda, o Núcleo de Atenção Materno-Infantil, com apoio de quatro obstetras e um pediatra, funcionando anexo ao Hospital Regional.

Concomitante a esses eventos, chegaram mais pediatras especialistas, os doutores: Caroline V. R. Damasceno Braga (neonatologia) e o cirurgião infantil Bruno Viana Aquino.

A Unimed Varginha tornou-se sócia majoritária da empresa Novo Horizonte Hospitalar Ltda (Hospital Humanitas), incorporando grandes investimentos técnicos e estruturais que levaram esse hospital, atualmente

denominado Hospital Humanitas Unimed, a tornar-se referência regional. Nesse estabelecimento, funciona hoje a Prontomed (atendimento de urgência adulto e infantil) e muitos departamentos, entre os quais a cardiologia, onde se executam procedimentos de alta complexidade.

Também no Hospital Bom Pastor foi criado o atendimento infantil de urgência pelo SUS. Todos os fatos e progressos ocorridos geraram uma grande melhoria na assistência médica pediátrica em nossa cidade, conforme sucintamente podemos demonstrar pelos números da planilha oficial de mortalidade infantil: 1996: 19,17 (por mil nascidos vivos), 2009: 6,86 (por mil nascidos vivos)

FONTE

Secretaria Municipal de Saúde de Varginha. Dados atualizados em 20 de julho de 2010.

66. Viçosa

Denise Cristina Rodrigues
2017

Viçosa é uma cidade localizada a 230 quilômetros de Belo Horizonte, possui uma população de 77.863 habitantes. Está situada na Mesorregião da Zona da Mata e é uma cidade universitária, com destaque para a Universidade Federal de Viçosa (UFV).

A história oficial do atual município de Viçosa, segundo apontamentos eclesiásticos, começa em 1800. Na época, o padre Francisco José da Silva obteve do bispado de Mariana permissão para erigir uma ermida em homenagem a Santa Rita de Cássia. No local se formou o povoado, que teve a mesma denominação. Em 1832, foi criado o distrito, subordinado a Ubá, com o nome de Santa Rita do Turvo e, em 1871, foi elevado à categoria de vila. Em 1876, com a denominação de Viçosa de Santa Rita, consolidou-se a cidade, cujo nome foi reduzido para Viçosa em 1911. Atualmente, o município é composto por quatro distritos. Sua data de emancipação político-administrativa é comemorada em 30 de setembro.

Um de seus filhos mais ilustres, o ex-presidente Arthur da Silva Bernardes, ainda no exercício do cargo de presidente da Província de Minas Gerais, dá novo impulso à cidade com a criação da Escola Superior de Agricultura (ESA), hoje, Universidade Federal de Viçosa (UFV). Inaugurada em 1926, a instituição marca um novo ciclo de crescimento do município e, ainda hoje, a atividade econômica vigente é praticamente resultante do empreendimento educacional na cidade, que conta com uma extensa rede de ensino, do infantil ao médio, além de outras instituições de ensino superior.

A atenção oficial à saúde começa no início do século passado, quando passou a funcionar, em um antigo casarão na Praça Emílio Jardim, o primeiro hospital da cidade. No local, foi depois construído um edifício com a fachada preservada. Ali se prestava todo tipo de atendimento, até que, em 21 de junho de 1908, funda-se a Associação Casa de Caridade de Viçosa, que viria a ser o atual Hospital São Sebastião. Após a construção de nova sede para o hospital, por volta de 1940, o casarão passou a servir de alojamento aos estudantes do antigo Colégio de Viçosa.

Em 22 de outubro de 1984, devido ao aumento de demanda, foi inaugurado o Hospital São João Batista, que tem como entidade mantenedora, a Fundação Assistencial Viçosense. A exemplo do São Sebastião, o hospital também é referência, atendendo pacientes de vários municípios da Microrregião.

Quanto ao atendimento infantil, com profissional específico para esta faixa etária, o primeiro pediatra a prestar seus serviços ao município foi o Dr. José de Castro, a partir do final dos anos 1950. Depois dessa data, outro médico, Dr. José Mauro Torres, também atuou por vários anos, prestando atendimento mesmo depois de se especializar como anestesista. A eles, junta-se a Dra. Jucilene Vânia de Mattos Casali, que faleceu ainda jovem.

Atualmente, a cidade conta com 21 pediatras, atuando nas diversas subespecialidades como pneumologia, neonatologia, endocrinologia e neurologia. A luta da classe é por melhoria de condições de trabalho e remuneração, por entender que esses profissionais fazem parte de uma especialidade essencial na saúde dos cidadãos, uma vez que tem em suas mãos o futuro do país. Realidade que, por muito tempo, foi negligenciada por parte dos governantes.

Atuam no município os pediatras: Drs. Agostinho Morelo, Angélica Dumont Pires Gilberti, Brunnella Alcântara Chagas de Freitas, Carlos

Garçon de Faria, Carlos Henrique Ferreira da Silva, Carolina Eugênia Teixeira Fenyves, Denise Cristina Rodrigues, Edilene Lopes Drumond, Guilherme Lobo da Silveira, João Bosco Vidigal Santana, Henrique Maria de Moura, Isabela Ferreira de Castro, Juliana Suzano M. Protti, Ligia Costa da Silva, Marta Heloisa Gonçalves, Melissa Ernestina Martins de Oliveira Santana, Milede Abdo Lacerda Matedi, Milla Apolinário Casela, Mirene Peloso, Mirna Peçanha Brito, Moacir Soares Batista, Rogéria Kalil Brumano e Thaianne Soares.

Para completar a equipe de plantonistas, contamos com a preciosa colaboração dos colegas Drs. Agilberto de Luca Marcilio e Bruno Coelho Gonçalves de Oliveira, de Ubá, Lilyane Manella Fazza, de Juiz de Fora, e Etyenne Pereira Silvestre Mansur, de Ponte Nova.

Em 2004, foi inaugurada a UTI Neonatal. Lá já foram atendidas mais de 2.000 crianças. Na ocasião, era a única UTI Neonatal de cidades pequenas e médias da Zona da Mata, com similares só em Belo Horizonte e Juiz de Fora. A partir da UTI Neonatal, o Hospital São Sebastião tornou-se referência para gestação de alto risco, atendendo a Viçosa e cidades vizinhas.

Outra iniciativa importante foi a criação do Curso de Medicina da Universidade Federal de Viçosa e, concomitante, a criação do programa de residência médica, em 2009. Desde então, já se conta com aproximadamente 20 novos pediatras formados na instituição.

Viçosa, hoje, conta com uma equipe de pediatras com alto nível de qualificação e comprometida com uma assistência de qualidade.

José Mauro Torres

Um dos pediatras mais ilustres de Viçosa foi o Dr. José Mauro Torres. Nascido em Viçosa, em 7 de junho de 1936, filho de Raymundo Alves Torres e Nair Fonseca Torres, José Mauro foi alfabetizado pelas professoras Argina e Inês Ferreira e cursou o Científico no Colégio de Viçosa. Cursou medicina na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado da Guanabara (UEG), atual Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), formando-se em 1964. Especializou-se em pediatria no Instituto Fernandes Figueira, atual Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz), unidade de assistência, ensino, pesquisa e desenvolvimento tecnológico da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Retornou a Viçosa e iniciou suas atividades como pediatra no Hospital São Sebastião, seguindo os passos de seu pai, também médico, em seu consultório particular e em serviços públicos como servidor do estado, atendendo no Posto de Saúde de Viçosa e outros municípios próximos. Foi o segundo pediatra de Viçosa, após o Dr. José de Castro Gomes, pioneiro na especialidade na cidade.

Em 1967 especializou-se em anestesiologia, também no Rio de Janeiro, tornando-se o primeiro anestesista de Viçosa.

Foi provedor do Hospital São Sebastião entre 1973 e 1975 e 1983 a 1989.

Exerceu a medicina por quase 50 anos em Viçosa e região, tendo finalizado suas atividades cerca de três anos antes de seu falecimento, em 7 de setembro de 2015, aos 79 anos. Suas últimas atividades foram no Hospital Municipal de Ervália, onde atuou como médico plantonista e na Secretaria de Saúde da Prefeitura Municipal de Viçosa, clinicando no Posto de Saúde da Família (PSF) como pediatra. Foi casado por 49 anos com D. Lygia Maria de Paiva Torres, com quem teve os filhos Cynthia, Henrique, Romina, Marcos e Murilo.

SEÇÃO E

**Narrativas de algumas
ocorrências pediátricas
observadas de 1950 a 1980**

67. Osteopatias clínicas – escorbuto, sífilis congênita e raquitismo

José Guerra Lages

Ennio Leão

2017

O objetivo deste livro é descrever a história da pediatria em Minas Gerais, relatando os primeiros serviços, sua estrutura, seus líderes e a sua contribuição para a melhoria da qualidade da assistência à criança. Embora este seja o escopo principal, ocorreu-nos incluir também o relato sobre algumas doenças, vivenciadas por nós da velha guarda, muitos ainda em pleno exercício da medicina. Muitos jovens pediatras, ao ler este livro, terão acesso a uma realidade que não imaginavam ter existido.

Sífilis, raquitismo, escorbuto. Embora possa ser surpresa para os médicos jovens, estas três doenças eram de ocorrência habitual e faziam parte das famosas aulas magistrais do professor Berardo Nunam, que também incentivaram o Dr. Davi Rezende a se interessar pela radiologia pediátrica. Com grande frequência encontrávamos o Dr. Davi Rezende, profissional competente, ameno e amigo pessoal dos pediatras, desafiando os colegas a fazerem o diagnóstico com base na sintomatologia e nos achados radiológicos: sífilis, raquitismo ou escorbuto?

Escorbuto

Até 1964, um grande número de crianças nunca tinha sido levado a um serviço médico. Elas adoeciam, eram tratadas por farmacêuticos, curandeiros ou curiosos e faleciam em suas casas. Com a expansão dos serviços assistenciais a partir daquele ano, as mães passaram a procurar os ambulatórios pela primeira vez, e a maioria não sabia manipular as maçanetas das portas e tinha dificuldade para entrar ou sair dos consultórios. As crianças, em sua maioria, eram portadoras de infecções respiratórias e gastrointestinais, com manifestação de carências múltiplas, umas com desnutrição marasmática e outras com *kwashiorkor*. Estas apresentavam edema generalizado, especialmente nos membros inferiores, onde a pele encontrava-se rompida pela fragilidade cutânea, minando serosidade, continuamente.

Além da hipoproteïnemia, comum à maioria, muitas apresentavam maior evidência de uma determinada carência, anemia ferropriva, carências de vitaminas e muitas outras. Das diversas manifestações clínicas, ressaltamos pela sua peculiaridade o escorbuto, doença produzida pela carência de vitamina C.

Dr. Davi Rezende, o primeiro radiologista de Belo Horizonte a se especializar em radiologia na infância, não se cansava de ensinar a todos, na Faculdade de Medicina, no Hospital da Baleia e em todos os locais onde havia um pediatra, a interpretação das manifestações radiológicas. Dentre as patologias frequentes à época, três eram objeto de permanentes discussões: a diferenciação das alterações que ocorriam nos ossos longos entre raquitismo, sífilis e escorbuto. Era uma discussão constante.

Em aula magistral sobre escorbuto, o eminente professor Berardo Nunan, com excelente didática, fez ampla exposição sobre as diversas manifestações clínicas do escorbuto na criança, entre as quais sobressaem as alterações ósseas nas epífises, hemorragia subperióstica, entre outros sintomas. Após o término da aula, um de nossos colegas perguntou-lhe qual a dose de vitamina C que ele recomendava como profilática e terapêutica, ao que ele respondeu de forma meiga: “Dê à criança um limão para cheirar e isto satisfará suas necessidades de vitamina C.” Com esta brincadeira ele queria demonstrar a abundância da presença de vitamina C em nosso meio e o absurdo que era a existência de carência desta vitamina.

O escorbuto, com suas resultantes dificuldades motoras era, muitas vezes, confundido com poliomielite, a temida paralisia infantil, cuja gravidade poderia levar à morte ou, quando curada, deixar sequelas importantes nas crianças. Como o Hospital da Baleia recebia as crianças suspeitas de acometimento pela paralisia infantil, muitas delas eram, na realidade, por grande sorte, portadoras não de pólio, mas sim de escorbuto, cujas alterações motoras simulavam a paralisia infantil. O escorbuto, se tratado, permitia a recuperação plena da criança.

Por sua importância clínica na época, o escorbuto mereceu tese de doutoramento, em 1979, na Faculdade de Medicina da UFMG (tese de doutoramento do professor Ennio Leão: “Contribuição ao estudo do escorbuto na infância”).

Sífilis congênita

Nas décadas de 1950 a 1970, era muito grande a ocorrência de sífilis congênita. Em dois anos atendemos, pessoalmente, no Hospital Maria Amélia Lins e no Hospital São Vicente, 50 casos de sífilis congênita. Relacionamos todos os casos e analisamos o início dos sintomas, idade em que foi feito o diagnóstico e as manifestações clínicas mais exuberantes.

Com o recrudescimento desta patologia, resolvi divulgar nossa experiência naquele período (1963-1965). Os sintomas mais frequentes eram obstrução nasal severa, hepatoesplenomegalia, anemia, pseudoparalisia de Parrot e dor óssea. As manifestações em sua grande maioria eram múltiplas, mas alguns casos ficaram indelévels em nossa memória. Certa vez uma criança atendida no Hospital Sálvio Nunes foi encaminhada ao Pronto-Socorro com suspeita de tumor abdominal. Na realidade, tratava-se de uma esplenomegalia gigante, ocupando todo o abdome, provocada por sífilis congênita. Outro caso foi de uma criança que estava aguardando atendimento na ortopedia. Passando pelo local tive minha atenção despertada pela idade da criança e, ao examiná-la, constatamos tratar-se de pseudoparalisia de Parrot, provocada por sífilis congênita. Outro caso interessante foi de uma criança que a mãe relatava ser portadora de dor em todo o corpo. Ela só se acalmava quando era colocada no berço e não apresentava nenhum outro sintoma. Ao examiná-la e fazer a investigação fizemos o diagnóstico de sífilis congênita, sendo a dor causada por inúmeras lesões ósseas.

Na grande maioria dos casos, o auge da manifestação ocorreu em torno de 45 dias. Os pacientes foram tratados com sucesso, ocorrendo em alguns a reação de Herxheimer, caracterizada por manifestações sistêmicas, com febre alta, mal-estar, tremor, podendo ocorrer hipotermia, em consequência à destruição maciça de treponemas.

Raquitismo

Tema constituinte de aula do professor Nunan sobre as osteopatias clínicas da primeira infância, o raquitismo foi uma das grandes causas das doenças carenciais da criança e pode ocorrer por deficiência de vitamina D ou de cálcio. Era patologia frequente em internações hospitalares no Hospital das Clínicas e, principalmente, no Hospital da Baleia, que mantinha um grande serviço de

ortopedia infantil chefiado pelo professor José Henrique da Mata Machado.

Embora ainda exista a forma carencial da doença, muitos casos na atualidade são de origem genética. Estudos sobre a vitamina D, considerada como tendo ação apenas no metabolismo ósseo, vieram mostrar que a vitamina sofria, ao ser absorvida, ações enzimáticas transformando-a em um hormônio (o 1,25 (OH)2D). Demonstrou-se também que o organismo humano apresentava, em numerosas células, um receptor para esse hormônio, evidenciando que a ação dessa vitamina/hormônio (“vitormônio”) não se restringiria apenas ao metabolismo ósseo. A partir daí, surgiu e vem surgindo grande número de trabalhos, nem sempre confirmados, atribuindo causas ou responsabilidades à deficiência de vitamina D em várias situações.

Como se sabe, a vitamina D origina-se, em sua maior parte, na exposição da pele aos raios solares. Existe em alguns alimentos, mas comumente em pequenas quantidades, ou ainda em medicamentos que são, por vezes, erroneamente utilizados. Além de suas necessidades diárias, ela é importante nos períodos de maior crescimento ósseo, para que se forme um pico de massa óssea satisfatório, procurando, inclusive, evitar uma futura osteoporose.

Como a exposição solar pode originar problemas dermatológicos, principalmente câncer cutâneo, é justo o receio de exposição prolongada ao sol, cuja falta, porém, trará uma hipovitaminose D. Acresça-se que os raios solares também trarão benefícios ao organismo, indicando-se uma exposição solar judiciosa. A insuficiência da vitamina na gestação e na lactação pode originar deficiência no recém-nascido, trazendo problemas já no período neonatal.

Como todas as vitaminas lipossolúveis, a D pode levar à intoxicação quando se usam doses elevadas da vitamina medicamentosa, o que não acontece quando há apenas exposição solar, já que, nesta situação há desvio metabólico, com eliminação dos subprodutos quando se atinge nível satisfatório da vitamina.

Tendo em vista que não há consenso em relação às determinações laboratoriais, assim como das doses preventivas e terapêuticas da vitamina, que são frequentemente atualizadas, é conveniente a utilização das recomendações de órgãos oficiais para tal fim.

68. Nos tempos da gastroenterite

Ennio Leão

2017

O que será lido à frente foi uma introdução que fiz, em outubro de 1982, ao coordenar, em Diamantina, um painel sobre Reidratação na Infância, no II Congresso Médico do Interior, promovido pela Associação Médica de Minas Gerais.

Na época, não havia internação conjunta na enfermaria de pediatria. A Terapia de Reidratação Oral (TRO), nos moldes atuais, ainda não havia sido implantada e o procedimento era realizado por injeções de soro subcutâneo. A hidratação por via intravenosa era uma técnica ainda recente e os serviços não dispunham de materiais adequados. A administração de soro venoso era feita com agulhas enormes, de difícil fixação nos lactentes por causa do volumoso canhão apresentado. Feita com esparadrapo, a fixação facilmente se deslocava da veia, muitas vezes com a simples movimentação da criança. Mesmo assim, o médico, ao ver a criança desidratada, buscava a hidratação venosa muitas vezes sem verificar a possibilidade de hidratação oral (com os mesmos soros usados intravenosamente, pois não havia ainda a TRO atual). Ironicamente, no “*Pediatrics*” de 1982, foi descrito um tipo de “reflexo tônico terapêutico do pescoço”, chamado reflexo IV (intravenoso), em que o médico, ao ver uma criança com os primeiros sinais de desidratação, se volta, estende o braço para alcançar a agulha “butterfly” mais próxima e pegar a veia. Ficou famosa a citação de ilustre pediatra americano, Dr. N. K. Ordway, professor de pediatria do Departamento de Pediatria da Universidade de Yale, nos Estados Unidos, que dizia ser preciso “lembrar-se de que a criança tem boca”.

68.a “As conversas dos lactentes...”

Se os lactentes pudessem comunicar-se entre si, como fazem as crianças maiores ou os adultos, os que já foram internados fariam para os demais a seguinte recomendação:

– “Não deixe sua família te levar para um hospital. Sempre que você adoecer, fale com eles para ficar com você em casa. No hospital, mal você

chega, eles te arrancam da sua mãe, dizendo que a família perturba o tratamento. Mesmo quando a família fica no hospital, sempre que aquela dona de branco vem mexer com a gente, manda sua mãe sair. Aí, quando a gente já está na cama, o “titio” (que mais parece avô, mas a gente não pode falar), ou a “titia” (aí então é que você não pode nem pensar em falar que ela parece avó, senão a situação fica preta), vem e diz que não vão te machucar. Aí eles te enrolam todo num pano ou te amarram na cama com um pano que cola na gente (que eles chamam de esparadrapo) e você não pode mexer. Repetem que não vão te machucar, mas começam a fincar uma agulha na perna, no braço ou na cabeça – não dói porque não é neles – e dizem que é para pegar uma veia para correr o soro. Será que os adultos não sabem que também temos boca? Só porque de vez em quando a gente vomita ou não quer tomar um remédio ruim, tem que ser tudo pela veia? Por que quando a gente fica em casa pode beber remédio e no hospital tem que ser na veia?

Depois que eles pegam a tal veia e a gente pensa que acabou tudo, mas que nada: a gente continua amarrado, preso, e não pode nem mexer, porque senão perde-se a tal veia e começa tudo de novo. E tem mais: aí eles dependuram um vidrão de todo tamanho em cima da gente, que fica balançando e dá um medo danado de cair em cima da gente. Será que os adultos já pensaram como se sentiriam se estivessem na cama do hospital com um tambor de uns 10 kg em cima da cabeça deles? Será que deixariam? Eles nem se lembram de que, mantidas as proporções, aquele vidro de meio litro em cima da cabeça da gente, é a mesma coisa que dependurar um de cinco a dez litros em cima da cabeça deles.

Ainda tem mais: todo remédio vem no tal soro. Dizem que é para não ter que mexer com a gente, pois se já está com soro ligado, é mais fácil ser tudo pela veia. Será que eles não sabem que, quanto mais eles mexem no soro e na agulha, estão facilitando a entrada de infecção na gente? E olhe que não é infecção vagabunda, de casa, que a gente tira de letra, mas infecção brava, de bichos que já se acostumaram com todos os remédios do hospital e que se a gente pega, pronto, a vaca vai pro brejo...

Um dia escutei um dos tais “tios” falando com os outros que se a mãe desse o leite dela, a gente não adoeceria. São mesmo gozados. Quando a mãe tá esperando criança, ninguém fala nada com ela. Quando a gente nasce, eles

nos tiram de perto dela e nos dão água doce ou um trem branco na mamadeira. Quando a gente chora, está com fome e quer ir para perto da mãe, não pode porque não está no “horário” deles levarem a gente e tocam outra coisa em nossa boca. Depois que eles conseguem atrapalhar o que a natureza fez, aí então mandam a mãe da gente dar outro leite, mas dizem que o de peito é melhor. Nem se lembram que foram eles que atrapalharam tudo.

E mais: se a gente suja a fralda, fica assim por muito tempo. Dizem que no hospital não tem um tal de “pessoal” suficiente para limpar a gente toda hora. Por que então eles não deixam nossa mãe ficar com a gente?” (E assim continuariam as dúvidas do pequeno paciente.)

68.b Reidratação

Nas décadas de 1950 e outras poucas à frente, predominavam na clínica pediátrica os atendimentos por doenças infecciosas, sobressaindo-se, então, as chamadas gastroenterites e, principalmente em função das classes sociais menos favorecidas, a conhecida desnutrição. Mas até mesmo as crianças de famílias mais abastadas também eram sujeitas ao problema, tendo surgido, a partir daquela época muitos hospitais particulares para seu atendimento.

Em 1954, a mortalidade infantil em Belo Horizonte era de 187/1.000, significando que, de cada mil crianças nascidas vivas, 187 morriam no primeiro ano de vida.

Vão surgindo publicações médicas nacionais sobre os distúrbios hidro-eletrolíticos na infância e, ao mesmo tempo, surgem publicações sobre os quadros de desnutrição.

Para o enfrentamento desses quadros que apresentavam desidratação acentuada, vários métodos e várias técnicas de hidratação vão surgindo. Logicamente, os primeiros seriam de hidratação por via oral decorrente da sede apresentada pelos doentes, muitas vezes tornada impossível pela presença de vômitos. Outras foram aparecendo como a via subcutânea, muitas vezes acrescida de hialozima, enzima que se propunha facilitar a absorção dos líquidos. Acrescente-se também a via nasogástrica através de sondas e a via intravenosa, de mais rápida recuperação da criança, mas que se tornava difícil pelo reduzido calibre venoso infantil e também pelos poucos recursos técnicos surgidos, em função do tamanho das agulhas e de sua difícil fixação.

Vão surgindo, então, outros recursos como a dissecação venosa com introdução de tubos de polietileno, assim como a procura de veias mais calibrosas, como a subclávia; a via intraóssea também chegou a ser utilizada.

Naquele tempo, em 1954/1955 no antigo Hospital São Vicente da Faculdade de Medicina da UFMG, foi instalada em uma sala a reidratação intravenosa, com o professor Celso Lobo de Rezende fazendo recomendações para os volumes e tipos de soluções que deveriam ser usadas. Para tanto, contava com a participação também dos outros professores e dos assistentes voluntários que então trabalhavam nas enfermarias.

Nos idos de 1950 a 1960, é conveniente lembrar um quadro, ainda que pouco comum, que surgia em algumas crianças gravemente desidratadas chamado de toxicose ou neurotoxicose, com alteração do sistema nervoso central. Essas crianças apresentavam uma posição característica de esgrimista, cujo prognóstico era sempre grave, de difícil recuperação. Surge a seguir a Terapia de Reidratação Oral (TRO) com concentração eletrolítica modificada e que já havia se mostrado eficaz em epidemias de cólera, uma das mais graves formas de diarreia. Como já se comentou, os quadros de desidratação se complicavam bastante quando se associavam à desnutrição. Lembramos que no tratamento da desnutrição, além da correção alimentar, em seus quadros mais graves era, às vezes, empregada a transfusão sanguínea intraperitoneal, pela dificuldade de acesso venoso.

Hoje, com o avanço da tecnologia e dos novos processos terapêuticos, com a utilização do acesso venoso central, cateter epicutâneo e sofisticados equipamentos e materiais, que permitem a administração de soluções e alimentação venosa por longos períodos, acreditamos ser difícil para os médicos jovens imaginar a realidade descrita acima, vivenciada por todos nós, pediatras da velha guarda.

69. Tétano neonatal

José Guerra Lages
2017

Uma das maiores expressões da precariedade da assistência médico-hospitalar à criança, em Belo Horizonte, se constata pelo fato de os pacientes acometidos de tétano neonatal serem internados no Hospital de Pronto-Socorro Maria Amélia Lins. Tratava-se de um serviço de urgência, com grande número de profissionais competentes e abnegados, mas trabalhando em um serviço com condições inadequadas. A enfermaria em que as crianças portadoras de tétano neonatal eram internadas ficava próxima a uma janela que dava para a rua dos Otoni, iluminada com luz natural e com barulho permanente. Não havia CTI Pediátrico em Belo Horizonte. As crianças provinham da região metropolitana e do interior do estado, filhas, em sua absoluta maioria, de famílias de muito baixo nível social, e o tratamento do coto umbilical tinha sido feito com teia de aranha, azeite, fumo e picumam. Não havia equipo com microgotas, tornando-se praticamente impossível manter hidratação venosa por 24 horas, sem que isto gerasse super-hidratação que contribuía para acelerar a morte da criança.

A frequência do tétano neonatal no país motivou muitos profissionais a se especializarem em seu tratamento como foi o caso do professor Dácio Pinheiro, em São Paulo. Dentre as diversas propostas de tratamento havia a exérese cirúrgica do coto umbilical.

Como acadêmico e, logo a seguir, pediatra do Hospital Maria Amélia Lins, preocupado com o elevado número de crianças encaminhadas ao hospital, fiz levantamento dos prontuários de todos os pacientes internados em 1963 e 1964, chegando a um total de 59 em um ano e 60 em outro ano. Preocupado com esta situação alarmante procurei o professor José Pinto Machado na Faculdade de Medicina em busca de orientação sobre o que poderia ser feito para a prevenção. Ele nos informou que há poucos anos havia sido confirmado que a vacinação da gestante protegia a criança logo após o nascimento. Entusiasmado com essa possibilidade procurei a chefia do serviço de pré-natal do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI), a maior instituição previdenciária do país que funcionava no 5º pavimento do

edifício do IAPI, na Av. Amazonas, esquina com Rua Tupinambás, em Belo Horizonte. Discutimos sobre o elevado número de casos de tétano neonatal e propusemos a introdução da vacina antitetânica, o que foi feito, contribuindo para a redução do número de crianças com tétano neonatal.

Nota: Embora o quadro clínico de tétano tenha sido descrito por Hipócrates, a toxina tetânica só foi descoberta em 1892. Em 1950, a Organização Mundial de Saúde (OMS) sugeriu que fosse procurada uma forma de prevenção do tétano neonatal, descoberta no Brasil pelo pediatra Augusto Gomes de Mattos, da Clínica Infantil do Ipiranga, em São Paulo. Em 1960, Augusto Gomes de Matos publicou um artigo recomendando aos obstetras a vacinação das gestantes como forma de prevenção do tétano para a mãe e para a criança.

Curiosidade: Em 1965, eu exercia o cargo de superintendente médico do IAPI e recebi um telefonema em caráter de urgência de Dona Mimi, diretora do Hospital Sarah Kubistchek, irmã do Dr. Bolivar Drumond, urologista de grande prestígio por sua formação e relacionamento político. Ela se encontrava ansiosa e com grande preocupação pelo fato de ter sido internado naquele hospital um paciente portador de tétano e que os cirurgiões exigiam imediata remoção temerosos de que seus pacientes pudessem contrair o tétano. Após os esclarecimentos, a situação foi contornada.

70. Narrativas sobre epidemias – meningite meningocócica, poliomielite, varíola e sarampo

Edward Tonelli
2017

Meningite meningocócica – maior epidemia no Brasil – 1971-1975

O primeiro surto de meningite meningocócica aconteceu na Suíça, em 1805. A partir de então, surgiram muitos casos nos vários continentes, de forma esporádica, endêmica ou epidêmica.

O surto de meningite meningocócica ocorrido no Brasil, durante o período de 1971 a 1975 foi o maior do gênero. O Congresso Brasileiro de Pediatria, realizado em São Paulo, em outubro de 1975, não pôde contar com a presença de vários convidados estrangeiros ilustres, em decorrência da gravidade da situação. Em Minas Gerais, o surto epidêmico explodiu com grande intensidade em Belo Horizonte e em cidades do Vale do Aço. Na ocasião, o Brasil tinha uma população de cerca 92 milhões de habitantes e havia a necessidade de imunizar cerca de 70 milhões de brasileiros. Não existiam vacinas disponíveis para cobrir as necessidades da população brasileira, nem no Brasil e muito menos no exterior. A partir de então, o país deu prova de sua competência na área da saúde pública, quando o ministro da saúde, Paulo de Almeida Machado, mediante entendimentos com um laboratório francês, conseguiu a produção rápida da vacina no Brasil. Dentro de algumas semanas, milhões de brasileiros foram imunizados, ocorrendo, dessa forma, o controle daquele terrível surto epidêmico que se arrastava por quatro anos.

É interessante ressaltar que, por ocasião dos surtos epidêmicos, é alta a porcentagem de portadores do meningococo na garganta, chegando a cerca de 80 a 90%. Assim sendo, em Belo Horizonte, nos anos 1970, em plena epidemia, durante um jogo de futebol no Mineirão entre Atlético e Cruzeiro, com cerca de 100 mil torcedores (naquela ocasião, antes da reforma para a Copa do Mundo, 2014), possivelmente cerca de 80%, ou seja, 80 mil torcedores albergavam o meningococo na garganta e veiculavam a bactéria, sem terem a noção de que estavam propagando a doença. Interessante lembrar que muitas dessas pessoas, dentre outras, temiam contrair a doença e tinham o pavor de passar pela Alameda Ezequiel Dias, pois sabiam que nessa rua, estava o Hospital Cícero Ferreira, com cerca de 120 pacientes internados com meningite meningocócica, em tratamento. Mal sabiam que esses pacientes, já em tratamento com ampicilina, não transmitiam mais a doença, enquanto que 80% da população que circulava pelas ruas estava propagando a meningite.

Grande parte dos pacientes com meningite meningocócica estava internada nos hospitais Cícero Ferreira, Baleia, Carlos Chagas e no Centro de Doenças Transmissíveis do Hospital Infantil São Paulo, este, com 40 leitos, em grande parte ocupado por pacientes com meningite. A média de permanência era em torno de sete a dez dias, e a letalidade em torno de 8 a 10%.

Muito graves eram os casos de meningococemia, com coagulação intravascular disseminada, com acometimento da suprarrenal, com conseqüente quadro de choque e êxito letal, em cerca de 50% dos casos. Muitos desses pacientes apresentavam pele com manchas hemorrágicas (púrpura) que, a seguir, tornava-se marron escura. Vários pacientes perdiam parte dos dedos, que caíam, em decorrência desse processo. Por volta de 1975 e 1976, a epidemia havia cessado, terminando, então, o pavor da doença entre os brasileiros.

Lembro-me de um garoto de dez anos, no Hospital Infantil São Paulo que, após diagnóstico clínico e início do tratamento no ambulatório, foi caminhando para a enfermaria conversando, com o soro ligado. Ao chegar ao leito, faleceu, em decorrência do quadro de choque, pelo acometimento da suprarrenal. Pelo noticiário de rádio e TV, tínhamos informação sobre várias pessoas que saíam para o trabalho e não regressavam ao lar, em decorrência do mesmo quadro. Em certo dia, eu visitava os pacientes na enfermaria do Hospital Cícero Ferreira, com alunos do internato e com residentes, quando, ao adentrarmos uma enfermaria, conversamos com uma linda garota de nove anos. Era portadora de quadro grave de meningite meningocócica. A pele dos seus membros superiores e inferiores eram de coloração marrom escura e já havia perdido parte dos dedos dos pés. Ficamos todos extremamente comovidos, quando perguntei a ela, já de alta, o que tinha numa caixinha de papelão que balançava com aquele barulho como se fosse bola de gude. Aí, ela me respondeu: “Tio, tenho nessa caixinha que estou sacudindo partes dos meus dedinhos do pé que caíram. Mas eu guardei na gaveta da mesinha, porque eu e mamãe temos uma cola em casa e vamos colar esses dedos de novo.” A seguir, eu a abracei, conversei com a mãe e desejei-lhes muitas felicidades. Ao sairmos da enfermaria, vários membros do nosso grupo estavam com os olhos cheios de lágrimas. Poderia fazer narrativas de outros casos, mas seria uma repetição pela semelhança com os já citados.

A epidemia que grassou no Brasil no período de 1971 a 1975, uma das maiores na história da humanidade, foi causada, sobretudo, pelo meningococo C, no início e, no final da epidemia, pelo meningococo A. Anos depois houve surtos menores causados pelo meningococo B, para o qual não havia vacina. Há vários anos, a vacina contra o meningococo C é recomendada nos calendários de imunizações.

Poliomielite – último caso, no Brasil, em 1989

A poliomielite surgiu, inicialmente, na península escandinava, na segunda metade do século XIX, de onde se irradiou para a América do Norte, Austrália e América do Sul. No Brasil, os primeiros surtos surgiram no Rio de Janeiro, em 1939 e 1953, e em São Paulo, nas décadas de 1940 a 1960.

A primeira grande epidemia de poliomielite em Minas Gerais ocorreu em Belo Horizonte, no período de novembro de 1967 a maio de 1968. Dentre os 200 casos registrados, 150 foram internados no Hospital Carlos Chagas, Clínica de Doenças Infecciosas e Tropicais da FMUFMG, onde eu era pediatra e professor assistente. Publicamos os dados dessa epidemia na Revista Médica de Minas Gerais, em 1968. Características marcantes dos casos: em geral, após manifestações prodrômicas como infecção de vias aéreas superiores ou diarreia leve, ocorria paralisia súbita, flácida e assimétrica, com persistência da sensibilidade. A forma clínica mais frequente era a espinhal lombar, com acometimento assimétrico dos membros inferiores. Ficávamos sensibilizados, professores e quartanistas de medicina, diante de crianças de baixa idade, com um dos membros inferiores inerte, sem entender a razão de tudo aquilo. A segunda forma clínica mais frequente era a associação das formas espinhal cervical e lombar.

Outras formas clínicas eram menos frequentes e geralmente sem sequelas: forma cervical, com acometimento assimétrico dos membros superiores e da região cervical e a encefalite localizada, com acometimento dos músculos da face. A forma clínica mais temida era a paralisia ascendente, tipo *Landry*, com acometimento do diafragma e da respiração, muitas vezes fatal. Na forma lombar, eram frequentes sequelas como pé equino, hipotrofia muscular e dificuldade da marcha, mesmo após fisioterapia e cirurgia. O exame de líquido evidenciava leves alterações, como aumento de células e proteínas.

Em 80 casos, dentre os 150, o virologista Romain R. Golgher, também autor do trabalho já mencionado, professor de virologia do Instituto de Ciências Biológicas (ICB/UFMG) procedeu à identificação do vírus da pólio nas fezes: 85% tipo 1, o mais temido, 10% tipo 2, e 5% tipo 3. Na ocasião não existia CTI no Brasil. Em dez pacientes com insuficiência respiratória foi realizada traqueostomia, dos quais cinco foram encaminhados ao pulmão de aço, tendo sobrevivido três. Na ocasião, recorríamos ao pulmão de aço, no serviço de ortopedia do professor José Henrique Godoy da Mata Machado

(FMUFMG), no Hospital da Cruz Vermelha. Quando o pulmão de aço estava indisponível, ligávamos o Takaoka, pelo período de 48 horas. Nos 150 casos, a letalidade foi alta, 17,33%, em decorrência do diagnóstico tardio. Daí a razão de termos publicado o artigo em nosso estado, na Revista Médica de Minas Gerais, com vistas à divulgação dos achados junto à classe médica mineira, em vez de divulgação no exterior.

Durante a epidemia, recebemos alguns casos que nos foram encaminhados com as seguintes suspeitas: dois casos de sífilis congênita (pseudoparalísia de Parrot), um caso de febre reumática e um caso de escorbuto que foram confirmados como de poliomielite. Em outros dois casos com suspeita de poliomielite foi confirmado o diagnóstico de sarcoma de medula. Após a epidemia, acompanhamos a fisioterapia desses casos, no Hospital Arapiara, com Gilberto Fonseca, e apresentamos os resultados em Congresso da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, em Recife, no ano de 1969.

Outras epidemias ocorreram em Belo Horizonte, na década de 1970 e 1980, com internações nos Hospitais Cícero Ferreira, Baleia e no Centro de Doenças Transmissíveis do Hospital Infantil São Paulo. Nosso grande amigo e companheiro na Infectologia, Lincoln Marcelo S. Freire, do Hospital Cícero Ferreira, fez estudo criterioso sobre acometimento de grupos musculares com seu colega fisiatra, Marcelo Cláudio Moreira. Esses achados interessantes foram motivo da dissertação de mestrado do Lincoln, no Curso de Pós-Graduação em Medicina Tropical. Uma farta documentação sobre esses achados, Lincoln divulgou também em congressos e no capítulo sobre poliomielite no nosso livro Doenças Infecciosas na Infância e Adolescência, Tonelli e Freire, Medsi, ano 2000.

Após os bons resultados do Programa Nacional de Imunizações (PNI) em todo o país, a doença foi controlada, e o último caso de forma parálitica pelo vírus selvagem foi diagnosticado, na Paraíba, no ano de 1989. O último caso registrado nas Américas ocorreu no Peru, em 1991.

Variola, nunca mais

A variola foi um dos grandes flagelos da humanidade durante cerca de 3 mil anos. Foi a primeira doença infectocontagiosa erradicada através da vacinação. A Organização Mundial de Saúde (OMS) anunciou a erradicação da variola no mundo, em 1980. O último caso ocorreu na Inglaterra, em 11

de setembro de 1978, quando a médica Janet Parker foi vítima de infecção acidental em laboratório, vindo a falecer. O último caso de infecção natural ocorreu na Somália, em 1977, em um jovem de 23 anos, que sobreviveu. Nas Américas, em 1970 havia ainda focos de varíola na Argentina e no Brasil, onde o último caso foi identificado em 19 de abril de 1971. A varíola, em sua forma mais grave, a forma major, sempre foi muito temida pela alta letalidade e pela seqüela, caracterizada por cicatrizes na pele, inclusive na face. Essa virose dizimou populações indígenas em nosso país, sobretudo no início da colonização portuguesa. O mesmo ocorreu com populações indígenas, em vários países da América, no início da colonização espanhola.

A vacina contra varíola foi descoberta por Edward Jenner, no ano de 1796, quando observou durante alguns anos que camponeses que ordenhavam o leite de vaca e que contraíam a varíola bovina (cowpox), ficavam protegidos contra varíola humana (smallpox). Em maio de 1796, Jenner extraiu material da lesão da mão da camponesa Sarah Nelmes, acometida pela varíola bovina. A seguir, inoculou esse material no garoto James Phillipis, de oito anos, quando verificou evolução da lesão até à fase de crosta (mácula, pápula, vesícula, pústula e crosta). Dois meses após, em julho/1796, inoculou no braço do garoto material da lesão da varíola humana, e ele não contraiu a infecção, ficando assim evidenciado o efeito protetor da infecção prévia pela varíola bovina. Jenner, a seguir, realizou outros experimentos semelhantes com bons resultados. Comunicou os seus achados à *Royal Society* de Londres, que rejeitou seu estudo. Foi informado que, se fosse divulgado, ele perderia o prestígio de grande ornitólogo, como era conhecido. Contudo, Jenner ficou muito satisfeito, quando Napoleão ordenou a vacinação de soldados de seu exército, com bons resultados. A vacina começou a ser difundida em outros países. A seguir, antes que a Inglaterra perdesse a prioridade dessa notável descoberta, Edward Jenner foi premiado, em 1802, pelo parlamento britânico, com 10 mil libras e, em 1808, foi nomeado, pelo governo, diretor do recém-inaugurado Instituto de Vacinação. Interessante ressaltar que a experimentação *in anima nobili* praticada por Jenner, do tipo observacional e, a princípio antiética, livrou a humanidade de uma temida doença infectocontagiosa, que já a acometia por cerca de 3.000 anos.

Em Minas Gerais, os pacientes com varíola eram internados, sobretudo, no Hospital Cícero Ferreira. Durante muitos anos, de 1965 a 1970, sempre

visitávamos o referido hospital, acompanhados de alunos quartanistas da FMUFG, com a finalidade de observarem o quadro clínico e o tratamento dos pacientes variolosos. No final da década de 1960, houve intensa campanha de vacinação no país, com observação da OMS, quando a doença foi controlada e, a seguir, erradicada.

Em 1968, resolvemos, com um grupo de acadêmicos, fazer o levantamento de casos de varíola, no Hospital Cícero Ferreira, nos últimos 20 anos, pois a doença já estava praticamente erradicada. Foram estudados 2.594 casos e observamos que a letalidade foi baixa: 1,1%. Os casos de varíola major, de letalidade em torno de 25 a 40%, e de 80% na forma hemorrágica foram muito raros. Portanto, a maioria dos 2.594 casos estudados era de varíola minor ou alastrim. Apresentamos esse trabalho, com análise de cinco surtos epidêmicos da virose, no 5º Congresso da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, em Porto Alegre, em janeiro de 1970. Foram esses os últimos casos de varíola em Minas Gerais.

Após a erradicação da varíola no mundo, em 1980, o vírus é conservado rigorosamente em laboratório, nos Estados Unidos e na Rússia.

Sarampo – ainda não erradicado

Incluimos o Sarampo neste capítulo de doenças comuns nas décadas de 1950 a 1980, quando essa virose era sério problema de saúde pública no Brasil. Atualmente, os casos são raros, pois a doença está controlada, mas não erradicada.

É uma virose de distribuição universal e uma das principais causas de morbimortalidade entre crianças menores de cinco anos de idade, sobretudo as desnutridas e as que vivem em países em desenvolvimento. Embora reconhecida há cerca de 1.900 anos, foi durante séculos confundida com outras doenças exantemáticas, sobretudo a varíola. No século X, o médico persa Abu Bakr Muhammad ibn Zakariya al-Razi, conhecido pelo nome ocidental de Rhases, publicou a primeira descrição clínica da virose e, no século XVII, já estava bem definida a separação entre sarampo e varíola. O sarampo, à semelhança do que ocorreu com a varíola, incidiu com intensidade e gravidade em populações indígenas em nosso país, no início da colonização portuguesa. Interessante ressaltar que a virose foi relatada, no primeiro livro de medicina

no Brasil – Tratado único sobre bexiga (varíola) e sarampo – publicado em 1683, por Simão Pinheiro Mourão, médico português, que trabalhava em Pernambuco.

No Brasil, o sarampo é de notificação compulsória desde 1968. Até 1991, o país enfrentou nove epidemias, sendo a maior em 1986 com 129.942 casos. Em 1992, o Brasil adotou a meta de eliminação da virose para o ano 2000, com o Plano Nacional de Erradicação do Sarampo, cujo marco inicial foi a primeira campanha nacional contra a doença, em 1992, com vacinação de 48 milhões de crianças de nove meses a 14 anos de idade. A partir de então, caiu consideravelmente a notificação de casos, sendo poucos os registros a partir de 2000 e os poucos casos registrados se mostraram em geral como casos importados. Contudo, houve ainda surtos epidêmicos em Pernambuco, com 200 casos em 2013 e 26 casos em 2014, e, no Ceará, com 840 casos em 2014 e 211 casos em 2015. Portanto, a doença está sob controle, mas ainda não erradicada. Daí a razão de, atualmente em nosso país, estudantes de medicina não terem a oportunidade de examinar pacientes com sarampo, o que era muito comum até o ano de 1992. A principal complicação do sarampo é pneumonia.

No ano de 1972, publicamos com o Dr. Davi Rezende interessante estudo radiológico do pulmão no sarampo, em duas incidências, p.a. e perfil. As pneumonias e atelectasias retrocardáicas, e enfisema, inclusive mediastinal, chamaram atenção pela frequência em relação a trabalhos anteriores realizados somente na incidência em p.a. Uma revista de pediatria em nosso país, considerada entre as melhores, recusou o trabalho, porque os editores consideraram elevado o número de complicações pulmonares, o que não era observado na clínica. Percebemos que o corpo editorial não teve a curiosidade de ver as referências bibliográficas do artigo. Encaminhamos, então, o trabalho para a Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, onde foi publicado. Essa revista, com corpo editorial mais consciente, teve o cuidado de ler os vários trabalhos registrados nas referências bibliográficas, chamando atenção para a gravidade da virose, em vários países, nos últimos anos.

71. Esquistossomose mansoni – fase aguda toxêmica e enterobacteriose septicêmica prolongada

Edward Tonelli
2017

Fase aguda da esquistossomose mansoni, forma toxêmica. Fase crônica, formas graves-hepatoesplênica, pulmonar. Enterobacteriose Septicêmica Prolongada – Coinfecção (S. mansoni/gram negativos)

A esquistossomose mansoni foi descoberta por Pirajá da Silva, na Bahia, em 1908. A parasitose é encontrada em três continentes: Ásia, África e América, e, no Brasil, nos estados do Nordeste e Sudeste, sobretudo em Minas Gerais. Vários focos foram descritos nos estados de São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Goiás, Paraná, Rio Grande do Sul, Pará, dentre outros. Foi grande a contribuição da escola mineira, ao melhor conhecimento da doença, graças aos trabalhos dos professores Luigi Bogliolo, Pedro Raso, Jayme Neves, Naftale Katz, Celso Afonso, dentre outros. Na infância, as pesquisas foram feitas, sobretudo, por Tonelli e colaboradores, nas fases aguda e crônica da parasitose.

Fase aguda – forma toxêmica

Até o início da década de 1960, eram poucos os relatos sobre a fase aguda da esquistossomose mansoni. A história natural da doença era quase que restrita à fase crônica. Nas décadas de 1960 e 1970 ocorreram os primeiros surtos da fase aguda da doença, sobretudo em pacientes residentes em novos bairros periféricos de Belo Horizonte, com córregos contaminados por cercárias. Uma série de pesquisas pioneiras realizadas na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (FMUFMG) por Jayme Neves, Celso Afonso, José M. Santiago dentre outros, em adultos, e Tonelli, em crianças, ao lado dos estudos histopatológicos de Bogliolo e Raso, contribuíram sobremaneira para o conhecimento sobre a fase aguda da doença, sobretudo da chamada forma toxêmica.

Foi quando ficaram bem definidas as manifestações clínicas da fase aguda: período pré-postural ou prodrômico (cerca de 28 dias, desde o banho infectante) – prurido, urticária – e, a seguir, quadro de infecção das vias aéreas superiores e edema anginoneutótico ou de Quinke, em 40% dos casos. No período de estado ou postural, geralmente a partir da 4ª semana da infecção

– febre, diarreia, com ou sem estrias de sangue nas fezes, dor abdominal, hepatomegalia dolorosa (100%), esplenomegalia (60%), tosse e, em cerca de 25% dos casos, exantema máculo-papuloso. Outras manifestações do período de estado: quadro de abdome agudo, em torno de 10% dos casos e, em pequena proporção, o acometimento pulmonar com disseminação miliar de granulomas, lembrando a tuberculose miliar, e as manifestações de mielite, polineurite e da forma pseudo-tumoral da esquistossomose. Convém lembrar que cerca de 20% dos casos agudos, eram da forma toxêmica grave, potencialmente fatais, havendo urgência para internação, em decorrência da desidratação e da toxemia.

Após várias pesquisas, o diagnóstico laboratorial foi bem definido: leucocitose com eosinofilia acentuada e exame parasitológico das fezes seriado (sete em sete dias), que se mostrou, em nossos estudos, superior à endoscopia, raspagem e biópsia retal. A justificativa para tal afirmação é que observamos a ocorrência da postura dos ovos, acima do reto, no início do período postural. Neves, Tonelli, Carvalho e Martins publicaram vários trabalhos pioneiros na Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo. Tonelli comunicou a maior casuística mundial (200 casos) sobre a fase aguda no Congresso Brasileiro de Pediatria, São Paulo, em outubro de 1975. No ano de 1972 publicou, na Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical (SBMT), o primeiro artigo completo sobre a fase aguda, sob a forma de capítulo de livro. Por volta de 1972, o autor deste texto já contava com vários artigos sobre a fase aguda, resumidos e comentados no livro do ano das doenças infecciosas e tropicais, ou seja, na conceituada revista *Tropical Diseases Bulletin*, Londres. No ano de 1975, publicamos (Tonelli *et al.*), no *Jornal de Pediatria (RJ)*, o primeiro artigo da literatura pediátrica sobre a fase aguda da esquistossomose mansoni, e com considerações sobre o abdome agudo e polineurite.

A partir de 1970, foram definidas as diretrizes para o tratamento da fase aguda, até então indefinidas, em decorrência dos casos de óbito com a terapêutica antimonial. Havia dúvida, também, a respeito da corticoterapia (risco de perfuração intestinal). Terapêutica definida a partir de 1973: a princípio, niridazol, e a seguir, hycanhone ou oxamniquine, dose única ou parcelada em duas doses, em associação com corticóide, por sete dias. Nessa ocasião, obtivemos o primeiro bom resultado com cura clínica e parasitológica de uma criança de dois anos e quatro meses, com forma toxêmica grave, que

respondeu muito bem ao tratamento pioneiro com oxamniquine e corticóide – melhora acentuada em 24 a 48 horas. A partir de então, resultados animadores, com considerável melhora clínica a partir de 48 horas de tratamento e cura em 50% dos casos. Após recidiva (apenas parasitológica), segundo tratamento, cura de 80 a 90%, somente com esquistossomicida. Atualmente, todas as principais dúvidas estão sanadas e são raros os casos de fase aguda, sobretudo da forma toxêmica, mas continuam a ocorrer nos meses de verão. Como se pode observar, a escola mineira trouxe expressiva contribuição ao conhecimento da doença, com a publicação de grande número de artigos e capítulos em vários livros, preenchendo a lacuna existente na história natural da doença. Ressaltamos que as pesquisas sistematizadas, durante anos, na área da pediatria, foram de nossa autoria.

Fase crônica da esquistossomose mansoni

Atualmente, alívio geral, sem as formas crônicas graves

No ano de 2000, existiam ainda no Brasil cerca de 11 a 12 milhões de esquistossomóticos, dos quais, cerca de quatro milhões de crianças com as formas intestinal e hepatointestinal, sendo em torno de 90.000 com a hepatoesplênica. A pulmonar, sobretudo o *Cor pulmonale*, era menos frequente e estava sempre associada à forma hepatoesplênica. Esta, em cerca de 25% dos casos, era tratada cirurgicamente, em decorrência da hipertensão porta. Na infância, as pesquisas foram feitas, sobretudo, por E. Tonelli, J. C. B. Lanna, Z. M. Alves, dentre outros.

Nos primeiros anos da década de 1970, sempre existiam crianças, com as formas hepatoesplênica e pulmonar, internadas na enfermaria da Clínica Pediátrica, no Hospital das Clínicas da UFMG. Em 1978, apresentamos com Cid Sérgio e José Carlos Brandão Duarte Lanna, no Congresso de Infectologia Pediátrica no Rio de Janeiro, trabalho evidenciando a importância da esplenoportografia em crianças com forma hepatoesplênica. Apresentamos, também, no Congresso de Infectologia Pediátrica em 1987, em São Paulo, com Zilda M. Alves, cardiologista pediátrica, estudo sobre a nossa maior casuística brasileira de *Cor pulmonale* em crianças, inclusive alguns casos em pacientes da mesma família. Muitos pacientes com *Cor pulmonale* sofriam com a dificuldade respiratória, e muitos com hipertensão porta evoluíam para óbito em decorrência do rompimento de varizes esofagianas.

Evolução da terapêutica, redução das formas graves

Até os anos de 1967 e 1968 os esquistossomóticos eram tratados com antimoniais por via venosa, em regime de internação. Eram medicamentos tóxicos, havendo necessidade de eletrocardiogramas seriados, para maior segurança, durante o tratamento. A seguir, surgiu o niridazol (ambilhar), por via oral durante sete a 14 dias, e o hycanthone (etrenol) por via venosa, em dose única, produtos eficazes e bem tolerados. No ano de 1973, grande progresso na terapêutica, com a introdução da oxaminiquine (mansil) por via oral, em dose única ou parcelada em duas doses, e, logo a seguir, o praziquantel, também por via oral. Realizamos, nessa ocasião, ensaios terapêuticos em crianças internadas na enfermaria da pediatria do Hospital das Clínicas, com os medicamentos hycanthone e oxamniquine, com bons resultados. Apresentamos nossos trabalhos nos Congressos Brasileiros de Pediatria, em Salvador, em 1973, e em São Paulo, em 1975. Com o lançamento da oxaminiquine – eficácia em torno de 80% e boa tolerância – foi possível o tratamento dos pacientes em larga escala pelo Ministério da Saúde, nas regiões endêmicas, o que contribuiu sobremaneira para o controle da endemia, que estava em franca expansão no território nacional.

Assim sendo, houve um resultado espetacular, com a diminuição progressiva e rápida dos casos de formas hepatoesplênicas e pulmonares, as formas crônicas mais graves da endemia. Atualmente, os estudantes de medicina felizmente não têm mais a oportunidade, a não ser raramente, de examinarem pacientes com as formas hepatoesplênica e pulmonares.

Participamos da evolução passo a passo desses acontecimentos, com vários estudos divulgados em congressos, artigos de periódicos e através de capítulos em vários livros *Doenças Infecciosas na Infância e Adolescência* (Tonelli e Freire), *Pediatria Ambulatorial* (Ennio Leão e cols.), *Infectologia Pediátrica* (Calif Farhat e cols.), e registros anteriores no *Tropical Diseases Bulletin*, Londres, dentre outros.

Enterobacteriose Septicêmica Prolongada (ESP)

Singular exemplo de uma coinfeção, entre *S. mansoni* e enterobactérias

Trata-se de um singular exemplo de uma coinfeção, com suficiente base experimental, resultante da interação entre *S. mansoni* e enterobactérias, no organismo humano. Esta entidade foi relatada, inicialmente, na Bahia,

por Rodolfo Teixeira, em 1958 e 1959, sob a denominação de febre tifóide prolongada, com quadro clínico caracterizado por febre, diarreia e hepatoesplenomegalia, em 12 pacientes esquistossomóticos, sendo seis crianças, com boa resposta ao tratamento com cloranfenicol. Dentre os 12 pacientes, a soroagluinação de Widal foi positiva para o antígeno H em todos os pacientes, e positivas a coprocultura e a hemocultura para *S.typhi*, respectivamente, em dois e três casos. Dentre as alterações do hemograma, destacam-se leucocitose, neutrofilia e eosinofilia. A seguir, Neves e Martins, em 1965, no Hospital Carlos Chagas, na Clínica de Doenças Infecciosas e Tropicais da FMUFMG, relatam os primeiros casos de febre tifóide prolongada em Minas Gerais. No mesmo ano, Neves, em oportuna publicação, menciona pacientes com quadro clínico semelhante ao da febre tifóide prolongada, porém, com hemoculturas evidenciando várias salmonelas, além da *S.typhi*, denominando esse quadro de salmonelose septicêmica prolongada (SSP). Na ocasião, Neves foi premiado por essa bela contribuição. Posteriormente, Teixeira encontra outro germe gram-negativo, a *E.coli*, quando passa a denominar esse mesmo quadro, de enterobacteriose septicêmica prolongada (ESP).

Na realidade, no contexto da enterobacteriose septicêmica prolongada, segundo Tonelli, cerca de 90% dos casos são de salmonelose septicêmica prolongada, pois há grande predomínio de salmonelas dentre as bactérias encontradas. Neves et al. inicialmente trataram os pacientes com cloranfenicol, e, posteriormente, a esquistossomose com esquistossomicidas, com bons resultados. A seguir, Neves et al. trataram a salmonelose septicêmica prolongada somente com esquistossomicida, com resultados animadores. Convém ressaltar que uma série de pesquisas experimentais em camundongos, envolvendo gram-negativos e *S. mansoni*, mostraram, ainda, que as bactérias se localizam na superfície e no intestino do *S. mansoni*. No ser humano acometido pela ESP, esses germes que estão no intestino e no tegumento do *S.mansoni* caem na circulação, causando quadro septicêmico de longa duração, por vários meses. Em 1972 e 1973, publicamos os primeiros trabalhos da literatura pediátrica sobre salmonelose septicêmica prolongada, no *Jornal de Pediatria da Sociedade Brasileira de Pediatria*, no Rio de Janeiro. Em 1978, fui aprovado no concurso de livre-docência do Departamento de Pediatria da UFMG, com a tese “Contribuição ao estudo da Salmonelose

Septicêmica Prolongada na infância”. Em nove dos 20 pacientes estudados, tratamos a SSP somente com o esquistossomicida – oxamniquine (mansil), e obtivemos a cura de todos. Assim sendo, com a morte dos esquistossomas, ocorreu, também, a morte das salmonelas. Encontramos, posteriormente, outros gram-negativos (*E. coli*, *proteus*, *klebsiela* e *citrobacter*) em vários pacientes com enterobacteriose septicêmica prolongada, o que verificamos em 10% dos casos.

Atualmente, são raros os casos de SSP ou de ESP, em decorrência do uso frequente, pelo Ministério da Saúde, de drogas esquistossomicidas, em regiões endêmicas, o que dificulta o aparecimento dos quadros clínicos mencionados, que são exemplos típicos de interação infecciosa ou de coinfeção. Contudo, é bom lembrar que a doença ainda existe e com quadro clínico muito semelhante ao da fase aguda da esquistossomose mansoni. Como podemos observar, a infectologia brasileira trouxe, através de pesquisas e publicações diversas, mais essa expressiva contribuição ao melhor conhecimento de uma nova, rara e singular coinfeção.

SEÇÃO F

Outros temas

72. Imunizações em Minas Gerais

José Geraldo Leite Ribeiro

2017

O Programa Nacional de Imunizações (PNI), nos moldes que conhecemos hoje, foi instituído pelo Ministério da Saúde em 1973. A partir de então, estabeleceu-se um calendário vacinal para todo o país, com periodicidade de fornecimento de vacinas e princípios de universalidade que antecederam aqueles do Sistema Único de Saúde. Obviamente, o atingimento de seus objetivos se deu durante a referida década. Até então, as ações de vacinação eram irregulares e aconteciam de forma diferente entre as diversas unidades federadas e municípios. Consequência disso e talvez influenciada também pela urbanização e pela implantação do Sistema Nacional de Vigilância Epidemiológica, implantado a partir de 1975, houve grande aumento na detecção de casos de doenças imunopreveníveis.

As notificações de casos de poliomielite, sarampo, difteria, coqueluche, meningites e outras aconteciam aos milhares. Os hospitais especializados no tratamento dessas doenças passaram a estar superlotados. Em Belo Horizonte destacavam-se os hospitais da Baleia, Infantil São Paulo e Cícero Ferreira. Em momentos de epidemias, a situação chegava a ficar caótica, sem espaço físico adequado para internação, especialmente de crianças. Ainda eram praticamente inexistentes as terapias intensivas pediátricas, sendo que todo atendimento era realizado em enfermarias gerais de crianças muito graves, como, por exemplo, aquelas traqueostomizadas em decorrência da difteria. A par do enorme impacto na mortalidade, era também muito importante no nível de saúde das comunidades, já que doenças como o sarampo e a coqueluche, além de mais graves em desnutridos, contribuíam para esta condição.

Paralelamente a esse cenário, desenvolvia-se o Programa de Erradicação da Varíola, utilizando estratégias de vacinação e vigilância epidemiológica que vieram contribuir, em muito, com as ações futuras. Esse programa talvez tenha conseguido o feito mais impressionante das imunizações que foi a erradicação da doença no mundo. Vários profissionais que vieram implantar e sustentar

o PNI e a Vigilância Epidemiológica em Minas Gerais foram originários das equipes responsáveis pela erradicação da varíola em nosso estado.

A grande epidemia de doença meningocócica ocorrida na década de 1970, em todo o país. Em Minas Gerais, especialmente na região metropolitana de Belo Horizonte e região de Ipatinga, reforçou em todos os envolvidos a convicção da necessidade de desenvolvimento adequado dos programas de controle das doenças imunopreveníveis.

Embora o sistema tenha se organizado na década de 1970, as coberturas vacinais obtidas não foram suficientes para o adequado controle das doenças. O número de postos de vacinação não era bastante para o adequado acesso da população, além da necessidade de grande investimento na cadeia de frio para a adequada conservação das vacinas. A implantação, em 1980, das campanhas de vacinação contra a poliomielite resultou em excelente resultado, fazendo com que em 1981 houvesse grande diminuição de casos. Isso trouxe a visibilidade e o apoio social e político que o PNI necessitava. A partir daí, passou a acontecer o desencadeamento de vários objetivos, como o controle do sarampo, por exemplo. Essa estratégia utilizou o enorme desenvolvimento da comunicação no país e, através da montagem de postos extras com a participação de voluntários, conseguiu vencer as limitações de então. Já no início da década de 1990, com a experiência adquirida, foram implantados os Dias Nacionais de Multivacinação que muito contribuíram para o controle das demais doenças, sempre com o apoio do Sistema de Vigilância Epidemiológica.

Em 2017 o Programa Nacional de Imunizações conta com um orçamento de 3,9 bilhões de reais; distribuirá cerca de 300 milhões de doses de vacinas e soros e, apenas nos calendários básicos, utiliza vacinas que protegem contra 19 doenças.

73. História da neuropediatria em Belo Horizonte

Christovão de Castro Xavier

Luiz Fernando Fonseca

2017

A história da neurologia infantil em Belo Horizonte tem seu início no século passado, na década de 1960 e, como pioneiros, os doutores Márcio Marcelo de Oliveira Lara Resende e Rosa Maria Leone, nossos grandes mestres e incentivadores.

Ambos, após um período de árduo trabalho como neurologistas infantis na capital e por serem dotados de um grande espírito em dividir seus conhecimentos científicos, criaram, em 1970, a 1ª Residência de Neurologia Infantil na Fundação Benjamim Guimarães, no Complexo Hospitalar da Baleia, que era composto de três unidades hospitalares e uma ambulatorial, todas destinadas ao atendimento de crianças.

Esta residência teve como seu primeiro médico residente Luiz Roberto de Oliveira e, como seguidores, Christovão de Castro Xavier, Lucas Monteiro de Castro e Maria da Conceição Gomes da Silva. Todos eles, após a conclusão da residência, passaram a exercer suas atividades profissionais em Belo Horizonte. Infelizmente a Residência de Neurologia Infantil do Hospital da Baleia foi encerrada após a conclusão da residência de Maria da Conceição Gomes da Silva.

No início da década de 1970, novos especialistas em neurologia infantil chegaram a Belo Horizonte, entre eles, os colegas Luiz Fernando Fonseca, Haroldo Silva Alves de Souza, Cesar Marcondes e, um pouco mais tarde, Regina Helena Caldas Amorim e Carlos Dalton Machado. Assim, a especialidade em Belo Horizonte teve um crescimento bastante expressivo, ampliando a atuação nos hospitais públicos, privados, ambulatorios, clínicas particulares e na UFMG.

Em meados dos anos 1980, o neuropediatra Luiz Fernando cria a Residência em Neurologia Infantil do Hospital São Francisco de Assis, por onde passaram Rogério de Castro, que foi exercer a especialidade em Juiz de Fora e Mauricio Barbosa Horta, em Belo Horizonte. Nesse hospital já existia



Dra. Rosa Maria Leone, Dr. Christovão de Castro Xavier, Dr. Márcio Marcelo Lara Rezende em encontro recente ocorrido no Hospital Infantil São Camilo, onde foram homenageados



Dr. Rodrigo Carneiro Campos distingue o Dr. Luiz Fernando Fonseca no mesmo encontro promovido pelo Hospital Infantil São Camilo
(Fotos: Acervo Comunicação do Hospital São Camilo)

uma residência de pediatria e de neurocirurgia, com uma importante participação na neurocirurgia infantil do especialista Geraldo Pianetti, quando foi iniciada a neurologia infantil. O coordenador geral da neurocirurgia era Guilherme Cabral Filho, professor da UFMG que, por mais de 40 anos, também participou nas intervenções neurocirúrgicas de nossas crianças, deixando-nos um valioso legado.

Em 1988, com a ida de Christovão de Castro Xavier para o Centro Geral de Pediatria (CGP, da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig), a convite de Luiz Fernando, foi oficializada a Residência de Neurologia Infantil da Fhemig no referido hospital, da qual ambos foram coordenadores, tendo como seu primeiro médico residente José Mariano da Cunha Filho, consolidando, assim, uma importante residência em neurologia infantil credenciada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), já há bastante tempo com duas vagas para os residentes do 1º ano e duas vagas para os residentes do 2º ano. Nessa residência, concluíram sua especialização em neurologia infantil mais de 45 médicos residentes, que estão exercendo suas atividades profissionais em diversas regiões do nosso estado e do país.

Vários trabalhos científicos em congressos médicos, publicações em revistas científicas, nacional e internacional, e participação em livros relacionados à especialidade foram realizados pelos preceptores e pelos que passaram por essa residência. O maior destaque foi o *Compêndio em Neurologia Infantil*, inclusive com a 2ª edição já esgotada e que tiveram como editores os doutores Luiz Fernando Fonseca, Christovão de Castro Xavier e Geraldo Pianetti, com a participação de diversos colaboradores, colegas da neurologia infantil e de outras especialidades correlatas.

O Centro Geral de Pediatria (CGP), de grande importância na história da neurologia infantil em Belo Horizonte, onde foi criada a referida residência, teve seu nome modificado para Hospital Infantil João Paulo II e ainda mantém um grande serviço de neurologia infantil, com um setor de eletroencefalografia, ambulatórios especializados em epilepsia, dieta cetogênica, doenças raras, paralisia cerebral e TDAH.

A atual residência é coordenada por Mauricio Barbosa Horta e tem como preceptores ex-residentes e também a participação voluntária de seus ex-coordenadores e da psiquiatria infantil.

Em 2007, Juliana Gurgel, uma das profissionais formadas na residência da Fhemig, cria no Hospital das Clínicas da UFMG uma nova residência em neurologia infantil, com uma vaga para residente do 1º ano e uma vaga para residente do 2º ano; agora em 2017, houve um aumento para duas vagas. Nesta nova residência já se formaram oito novos especialistas que muito têm contribuído para suprir a carência da especialidade em nosso meio.

Hoje, felizmente, já somos inúmeros colegas prestando assistência de muito boa qualidade aos pacientes portadores de distúrbios neurológicos na infância e adolescência, os que aqui fizeram sua formação e os que tiveram a oportunidade de se formarem em outros serviços no Brasil, inclusive muitos atuando como preceptores nas residências citadas; embora conscientes da importância dos trabalhos por eles realizados, não temos condições de nominar cada um deles nesta breve história.

Agora, vários grandes serviços de assistência à saúde das crianças em Belo Horizonte já possuem, em suas diversas unidades, a presença de especialistas em neurologia infantil. Estamos convictos de que, todos esses novos especialistas formados e os que ainda se formarão nas duas residências, serão capazes de, com muito brilho, dar sequência a essa história iniciada no século passado pelos nossos ilustres e inesquecíveis mestres Marcio Lara Resende, Rosa Maria Leone, Guilherme Cabral e Geraldo Pianetti.

POSFÁCIO

POSFÁCIO

Edward Tonelli

José Guerra Lages

Embora o desejo de escrever um livro sobre a história da pediatria em Minas Gerais seja de há muitos anos, e muitas providências tenham sido tomadas, efetivamente foi em 2017 que dedicamos grande parte de nosso tempo a reler a história, a escrever textos e a entrar em contato com grande número de pediatras.

Foi uma tarefa muito gratificante, que teve o apoio e o incentivo da Academia Mineira de Pediatria, da Sociedade Mineira de Pediatria e de grande número de colegas.

Ao finalizarmos as providências para a edição do livro *História da Pediatria em Minas Gerais*, estamos seguros de que realizamos um trabalho importante, mas, mesmo assim, as pesquisas precisam ser continuadas. Haverá sempre mais um detalhe importante que não foi relatado.

Uma constatação, que não é novidade para todos os colegas pediatras, é de que exercemos uma especialidade relativamente nova em seu conceito amplo. Os conhecimentos científicos essenciais ao exercício da pediatria são muito recentes, de apenas algumas décadas.

Outra conclusão incontestável é a enorme abrangência dos conhecimentos a serem adquiridos pelos profissionais, para que possam se consolidar, cada vez mais, como líderes de uma equipe multidisciplinar, capazes de atender às necessidades e aos anseios da sociedade. O conhecimento não se restringe apenas à feitura de um diagnóstico e ao estabelecimento de terapêutica adequada para a patologia que motivou a consulta. As atribuições dos pediatras vão muito além, uma vez que esses profissionais se preocupam com a saúde, com as ações preventivas, com o ambiente familiar, com o desenvolvimento escolar e psicomotor, com as condições de habitação, sanitárias, enfim, com tudo mais que se relacione com a formação de um ser feliz e útil à sociedade.

Ao lado dos avanços científicos, formou-se uma nova geração de professores competentes, ávidos pela busca do conhecimento e com grande interesse em transmiti-lo aos jovens médicos.

Há algum tempo, pediatras competentes, abnegados, idealistas e audaciosos se dispuseram a exercer essa nova especialidade em cidades que não dispunham de condições materiais e humanas mínimas. Os meios de comunicação mudaram a realidade, já que as famílias, em sua grande maioria, têm conhecimento da existência de novos recursos terapêuticos e não perdoariam aquele profissional que utilizou os poucos recursos de que dispunha, mas cujo resultado não foi satisfatório, levando a criança ao óbito ou com permanência de sequelas definitivas.

Ficamos, pois, diante de um sério dilema. Os novos centros de ensino poderão ter a possibilidade de formar bons pediatras em número satisfatório para suprir as necessidades da sociedade onde quer que estejam os núcleos familiares. No entanto é essencial que possam contar com infraestrutura material e humana suficiente para o desempenho de sua atividade com eficiência e segurança, em relação a seus clientes e a si mesmos.

Mas não basta só isso. É também indispensável que ele esteja conectado a centros de referência que possam orientá-lo em casos complexos e que existam serviços especializados para os quais possam ser encaminhados os pacientes que necessitem de cuidados especiais.

Nossa responsabilidade é muito grande. Cabe a todos nós, e em particular às entidades que nos representam, lutar com todos os esforços para que não sejam abertas novas faculdades de medicina desprovidas de infraestrutura material e humana indispensável para a formação de um bom médico e que o pediatra tenha remuneração condizente com sua responsabilidade.

Todos nós precisamos ter a consciência da importância do trabalho que executamos e nosso poder de contribuir com as famílias e a comunidade na formação de um ser em desenvolvimento que será essencial para a construção de um país onde todos tenham oportunidade de desenvolver sua potencialidade.

ACADEMIA MINEIRA DE PEDIATRIA

Gestão 2016/2018

Presidente: Acadêmico Paulo César Pinho Ribeiro

Vice-Presidente: Acadêmico José Maria Penido Silva

Secretário: Acadêmico Navantino Alves Filho

Gestão 2013/2015

Presidente: Acadêmico *José Sabino de Oliveira*

Vice-Presidente: Acadêmico *Navantino Alves Filho*

Secretário: Acadêmico *Francisco José Caldeira Reis*

Gestão 2011/2013

Presidente: Acadêmico *José Sabino de Oliveira*

Vice-Presidente: Acadêmico *Navantino Alves Filho*

Secretário: Acadêmico *Francisco José Caldeira Reis*

Gestão 2009/2011

Presidente: Acadêmico *Fausto Pacheco*

Vice-Presidente: Acadêmico *Sérgio Danilo Junho Pena*

Secretário: Acadêmico *Navantino Alves Filho*

Gestão 2007/2009

Presidente: Acadêmico *Fausto Pacheco*

Vice-Presidente: Acadêmico *Sérgio Danilo Junho Pena*

Secretário: Acadêmico *Navantino Alves Filho*

Gestão 2005/2007

Presidente: Acadêmico *Lincoln Marcelo Silveira Freire*

Secretário: Acadêmico *Cícero Plínio Bittencourt*

Membros Fundadores

Acadêmico *Edward Tonelli*

Acadêmico *Emílio Leão*

Acadêmico *Helvécio Henrique Ferreira Borges*

Acadêmico *José Guerra Lages*

Acadêmico *Mário Afonso Moreira*

Acadêmico *Múcio de Paula*

Acadêmico *Navantino Alves Filho*

Acadêmico *Nívio Braz de Lima*

Acadêmico *Waldir de Almeida Ribas*

Acadêmico *Wilson Rocha*

EX-PRESIDENTES DA SOCIEDADE MINEIRA DE PEDIATRIA

1948 - Fernando Magalhães Gomes
1949 - Paulo Roxo da Motta
1950 - Berardo Nunan Filho
1951 - Navantino Alves
1952 - Armando Ribeiro dos Santos
1953 - Agostinho de Carvalho Fernandes
1954 - Augusto Severo da Costa
1955 - Célio Marques Scotti
1956 - João Costa Chiabi
1957 - José Maria dos Mares Guia
1958 - Mário Afonso Moreira
1959 - Hugo Marques Gontijo
1960 - Armando Achilles Tenuta
1961 - Celso Lobo de Rezende
1962 - Aduino Viana Nunes
1963 - Olavo Gabriel Diniz
1964 - Fausto Gomes Baptista
1965 - Wilson Rocha
1966 - Helvécio Henrique F. Borges
1967 - Nilo Marciano de Oliveira
1968 - Elmo Perez dos Santos
1969 - Nívio Braz de Lima
1970 - Clarindo Elesbão de Cerqueira
1971 - Waldir de Almeida Ribas
1972 - Afonso Celso Coimbra Tavares Paes
1973 - Fausto Pacheco
1974 - José Silvério Santos Diniz
1975 - José Guerra Lages
1976 - Márcio Marcelo Lara Rezende
1977 - Cícero Plínio Bittencourt
1978 - Múcio de Paula
1979 - Milton de Souza Barros
1980 - Edward Tonelli
1981 - Navantino Alves Filho
1982 - José Américo de Campos
1983 - Clóvis Boechat de Menezes
1984 - João Carlos Brant
1985 - Lauro Machado Alvim
1986/1987 - Francisco José Caldeira Reis
1988/1989 - José Maria da Silveira Netto
1990/1991 - Marília de Freitas Maakaroun
1992/1993 - Lincoln Marcelo Silveira Freire
1994/1995 - Fernando Antônio Santos Werneck Côrtes
1996/1997 - José Sabino de Oliveira
1998/1999 - Eduardo Carlos Tavares
2000/2001 - José Maria Penido Silva
2002/2003 - Eliane de Souza
2004/2006 - José Orleans da Costa
2007/2009 - Fábio Augusto de Castro Guerra
2009/2012 - Paulo Tadeu de Mattos Pereira Poggiali
2012/2015 - Raquel Pitchon dos Reis

SOCIEDADE MINEIRA DE PEDIATRIA

Composição da Diretoria – Triênio 2015/2018

Presidente – *Maria do Carmo Barros de Melo*

Presidente de Honra – *Marcos Carvalho de Vasconcellos*

Vice-presidente – *Marisa Lages Ribeiro*

Secretária Geral – *Andréa Chaimowicz*

1ª Secretária – *Vânia Nunes Viotti Parreira*

2ª Secretário – *Oswaldo Trindade Filho*

1º Tesoureiro – *Salvador Henrique Ceolin*

2ª Tesoureira – *Giane Marques Barbosa Chaves*

Diretor Geral de Administração, Planejamento e Finanças – *Navantino Alves Filho*

Assessor da Presidência – *Ennio Leão*

Assessor da Presidência – *Fábio Augusto de Castro Guerra*

Assessor da Presidência – *Francisco José Penna*

Assessor da Presidência – *José Sabino de Oliveira*

Assessor da Presidência – *Paulo Pimenta Figueiredo Filho*

Assessor da Presidência – *Paulo Tadeu de Mattos Pereira Poggiali*

Assessora da Presidência – *Benigna Maria de Oliveira*

Assessora da Presidência – *Ivani Novato Silva*

Assessora da Presidência – *Raquel Pitchon dos Reis*

Assessora da Presidência – *Rocksane de Carvalho Norton*

Diretor de Assuntos Profissionais – *Ricardo Sobreira Silva Araújo*

Diretor de Assuntos Profissionais Adjunto – *Cláudio Drummond Pacheco*

Diretora de Assuntos Profissionais Adjunto – *Margarida Constança Sofal Delgado*

Diretora dos Comitês Científicos – *Cristina Gonçalves Alvim*

Diretora de Cursos de Reanimação – *Marcela Damásio Ribeiro de Castro*

Diretor de Redação, Publicação e Divulgação – *Cássio da Cunha Ibiapina*

Diretora de Redação, Publicação e Divulgação Adjunta – *Gabriela Araújo Costa*

Diretor de Eventos Científicos – *Luciano Amedée Peret Filho*

Diretora de Informática – *Priscila Menezes Ferri Liu*

Diretor de Informática Adjunto – *Júlio Rocha Pimenta*

Diretor de Integração das Regionais – *José Carvalhido Gaspar*

Diretora de Patrimônio – *Regina Fátima Barbosa Eto*

Diretora Social – *Ângela Soares Campos*

Diretora de Sócios Acadêmicos e Residentes – *Flávia Cardoso Rodrigues*
Membro do Conselho Fiscal – *Fábio Augusto de Castro Guerra*
Membro do Conselho Fiscal – *José Sabino de Oliveira*
Membro do Conselho Fiscal – *José Guerra Lages*
Membro do Conselho Fiscal – *Luiz Megale*
Membro do Conselho Fiscal – *Paulo Tadeu de Mattos Pereira Poggiali*
Membro do Conselho Fiscal – *Raquel Pitchon dos Reis*
Coordenadores do Curso PALS – *Frederico Mitre Pessoa e Alexandre Rodrigues
Ferreira*
Coordenadoras do Grupo de Reanimação Neonatal (grupo executivo) – *Márcia
Gomes Penido Machado, Marcela Damásio Ribeiro de Castro, Márcio Pablo Pires
Martins Miranda e Vanessa Zákia Devitto Miranda*
Coordenadores do Curso de Urgência – *Leonardo Falci Mourão (in memorian) e
Luciano Amedée Peret Filho*
Presidente da Academia Mineira de Pediatria – *Paulo César Pinho Ribeiro*
Vice-presidente da Academia Mineira de Pediatria – *José Maria Penido Silva*
Secretário da Academia Mineira de Pediatria – *Navantino Alves Filho*

Fundadores

Abrahão Salomão
Agostinho de Carvalho Fernandes
Alcindo Armando Henriques
Antônio Malheiros Fiúza
Armando Achilles Tenuta
Augusto Severo da Costa
Benjamim Nicolau
Berardo Nunan
Célio Marques Scotti
Delorme de Carvalho
Elpídio Marinho de Almeida
Fausto Gomes Baptista
Fernando Magalhães Gomes
João Afonso Moreira
João de Freitas Filho
Maria Helena Jardim
Paulo Roxo da Motta



Edward Tonelli

Edward Tonelli é natural de Nepomuceno, Sul de Minas. Nasceu em 12 de janeiro de 1940 e formou-se em medicina na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 1964. É professor emérito, titular, livre-docente de pediatria da mesma faculdade. Foi do grupo fundador e coordenador do curso de mestrado e doutorado e membro das Pró-Reitorias de Pesquisa, Pós-Graduação e do Conselho Universitário da UFMG. Foi fundador e coordenador do Setor de Infectologia Pediátrica da FMUFMG e o 1º presidente do Conselho Técnico-Científico do Hospital das Clínicas da UFMG. É editor do livro *Doenças Infecciosas na Infância e Adolescência* (Tonelli e Freire), dentre outros. Publicou artigos sobre o ensino médico e sobre infecções na infância, alguns desses resumidos e comentados no *Trop. Dis. Bulletin* – Londres. É ex-consultor do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Foi presidente da Fundação Ezequiel Dias (Funed) e do Conselho Curador dessa instituição. É membro emérito da Academia Mineira de Medicina (AMM), ex-presidente e membro emérito da Academia Brasileira de Pediatria (ABP), ex-presidente da Sociedade Mineira de Pediatria (SMP) e do grupo fundador da Academia Mineira de Pediatria (AMP). Recebeu várias homenagens e prêmios.



José Guerra Lages

José Guerra Lages nasceu em Conceição do Mato Dentro, vindo morar em Belo Horizonte aos 16 anos. Para sua manutenção, foi *office-boy*, comerciante e bancário. Trabalhou, ainda, como escriturário do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI). Graduou-se em medicina na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1963, iniciando sua formação pediátrica no Hospital das Clínicas. Foi superintendente médico do IAPI, ocasião em que transferiu o recém-criado serviço de pediatria desta instituição para o Hospital da Baleia, onde foi preceptor por dez anos. Como coordenador da clínica pediátrica da Fundação Estadual de Assistência Médica de Urgência (Feamur), atual Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig), implantou a residência em pediatria, com aprovação da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). Liderou a criação do Hospital Infantil São Domingos Sávio e do Hospital Infantil São Camilo, tendo sido diretor deste último por mais de 15 anos. Foi presidente da Sociedade Mineira de Pediatria (SMP), da Associação Médica de Minas Gerais (AMMG), vice-presidente da Associação Médica Brasileira (AMB) e presidente provisório do Conselho Regional de Medicina de Minas Gerais (CRMMG) por decisão do Conselho Federal de Medicina (CFM). É membro honorário da Academia Mineira de Medicina (AMM) e membro fundador da Academia Mineira de Pediatria (AMP).